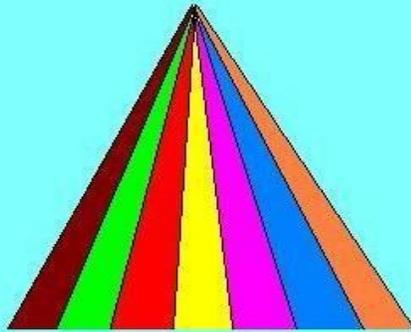


TERCEIRA

JORNADA

FILOSÓFICA

Deus



Luiz Caramaschi

**Sociedade Filosófica
Luiz Caramaschi**

“No alto e embaixo, o mesmo princípio,
a mesma lei, a mesma verdade:

SABEDORIA e AMOR formam a Unidade de Deus;

ESSÊNCIA e SUBSTÂNCIA entram na constituição de todas as coisas;

RAZÃO e SENTIMENTO integram a individualidade do homem” O Autor.

Editado pela

SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54

Fone: (14) 3351 1900

18 800-000 - Piraju - SP

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

O AUTOR

Luiz Caramaschi nasceu a 18/04/1919 e faleceu a 11/10/1992 em Piraju – SP, localidade onde viveu quase toda a sua vida. Filho de pais de pouca cultura e de escassos recursos financeiros, teve infância e adolescência difíceis, trabalhando arduamente na agricultura. Mesmo assim, por esforço e vontade próprios, conseguiu bacharelar-se com distinção na segunda turma do antigo Colégio Estadual de Piraju. Só bem mais tarde, em 1953, casado e já autor de algumas obras, voltou aos bancos escolares, formando-se professor pela Escola Normal “Cel. Nhonhô Braga”, de Piraju, profissão que nunca exerceu.

Desapegado dos bens materiais, buscou apenas sua formação intelectual. Facilmente teria conseguido projetar-se em altos postos burocráticos ou em profissões liberais, mas acomodou-se logo no segundo emprego, como agente postal do antigo Departamento de Correios e Telégrafos, cargo em que se aposentou em 1976, não sem deixar sua passagem marcada pela instituição. Ganhou o prêmio do melhor trabalho sobre o Código de Endereçamento Postal (CEP), ensaio posteriormente publicado sob o título de Código Postal e a Raposa Sabida.

Autodidata, Luiz Caramaschi estabeleceu rígido esquema de estudos, que seguiu até a sua morte. Na busca da solução de seus problemas pessoais, principalmente o do conflito entre a Teoria da Evolução e o Criacionismo Bíblico, conseguiu ampla cultura geral e, dotado de “memória mecânica”, via-se obrigado a registrar suas conclusões, ordenando-as de forma lógica.

“O grande acontecimento de sua vida” foi o seu casamento com Odila Prestes Caramaschi, esposa dedicada, boa mãe e, principalmente, sua maior colaboradora. Pacientemente, anos seguidos, mesmo trabalhando fora, ela conseguiu tempo para datilografar e colecionar todos os seus trabalhos que, de outra forma, seriam montanhas de manuscritos ilegíveis, certamente perdidos.

Assim, foi fundada a Sociedade Filosófica “Luiz Caramaschi”, entidade cultural sem fins lucrativos, voltada primordialmente para a preservação de todos os trabalhos literários desse filósofo.

A TERCEIRA JORNADA FILOSÓFICA

Coube-me a honrosa tarefa de prefaciar esta obra de meu irmão Luiz Caramaschi; duas vezes irmão, sendo uma por laços sangüíneos e, outra por irmandade maçônica.

Há mais de trinta anos compreendi a profundidade da mensagem do autor, uma vez que convivi com ele desde a mais tenra idade. Era mais velho que eu doze anos.

Sempre foi estudioso, e, em suas horas de folga, lia, discutia, analisava, e, principalmente, sintetizava os pensamentos mais variados dos mais diversos autores.

Profundo conhecedor do pensamento de muitos grandes homens, sempre buscou, em cada um, a mensagem chave, a idéia básica, que a incorporava ao seu conjunto verdade, em concordando com ela. Mas, caso contrário, tratava-a como falsa verdade que lhe cumpria combater.

Leitor metódico, de cada livro que lia, anotava em seu caderno toda idéia que lhe parecia correta para aproveitá-la, e, também, a que lhe parecia errada para rejeitá-la. Essas anotações lhe valeram a facilidade para a elaboração das suas citações. Discutia-as com todos os que tiveram o privilégio de conviver com ele. Eu fui um desses privilegiados que tiveram a vantagem de ter tido dois pais.

Esta obra está sendo editada somente agora, embora, paradoxalmente, tenha sido a primeira a ser escrita pelo autor. A inversão da ordem de edição deu-se apenas em virtude de preferência didática, e não de importância, pois considero esta obra no mesmo nível de todos os seus trabalhos, e dentro da coerência do autor. O autor inicia esta obra com um diálogo entre personagens imaginários, em uma biblioteca de uma casa à beira mar, no município de Cananéia, Estado de São Paulo, com a qual sonhara em sua juventude. Seu sonho não se realizou, porque quando teve tal oportunidade, já era velho, e não mais possuía as energias físicas para realizar as rotinas diárias, as quais ludicamente descrevera como parte de suas pescarias na foz do Rio Mandira. Nunca esteve em Cananéia. Porém foi lá, oniricamente, em ambiente por si mesmo lúdico, que concebeu a sua Terceira Jornada Filosófica.

Impossível condensar, sem danos, a concepção do autor, que se apoia em três bases, quais sejam: O Homem – A Natureza – Deus. O seu sistema filosófico está fortemente alicerçado nas verdades alcançadas por todos os pensadores do passado, e é de fato uma síntese do maior tesouro da humanidade, que ele dividiu em três jornadas, como seguem:

A Primeira Jornada, também chamada de Realismo, que se condensa na polêmica entre Parmênides, que defendia o Ser Único, Fixo, Imutável, Constante; esta idéia opunha-se ao conceito de Heráclito, que dizia que tudo é Individual, Mutável, Transformável, em um constante e permanente vir a ser.

A Segunda Jornada, também chamada de Idealismo – ou Filosofia Moderna – tem início no “COGITO” de Descartes e termina em Darwin, que

sepultou todas as filosofias e religiões com sua Teoria da Evolução (editada em 1858), por ter lançado o mais contundente repto a todas elas.

Por isso, a Terceira Jornada aqui exposta, oferece novamente orientação filosófica a esta civilização, chamada de Ocidental, e que se encontra sem bússola desde aquela época.

Impõe-se agora uma nova idéia, ainda que velha, que sintetize as filosofias todas, cuja síntese se harmonize com o pensamento religioso, na qual se cifra esta Terceira Jornada Filosófica.

A Coruja de Minerva, a ave de olhar deslumbrado, tantas vezes referida pelo autor, elevou-se no espaço, em seu primeiro vôo, no século VI a.C., na Grécia, aurora da nossa Civilização, e, em seu segundo vôo, no século XV, com o Sol a pino da Renascença, na Itália. Ela prepara-se agora, para alçar o seu terceiro vôo, no Brasil, para levar ao mundo uma nova, porém velha mensagem, que sintetize todas as opiniões divergentes, no momento em que assistimos ao declínio de nossa Civilização Ocidental. Tem de ser agora, porque assim o exige a presente situação, visto que, os bens do progresso científico anularam-se com a corrupção dos costumes, e romperam os vínculos da família, que caminha agora para o seu embrutecimento.

Não se trata, já se vê, nem de pessimismo niilista, nem ainda de otimismo vazio, e sim de Alertismo Orteguiano, porque, como disse o autor, o nosso futuro depende de nossas mãos, e estas, de nosso pensar.

A tarefa de condensar tudo isso em uma só obra, constitui-se no objeto deste livro.

Que estas poucas palavras lancem o leitor na dúvida, e que esta dúvida o incomode, é o meu desejo.

Bragança Paulista, 27 de dezembro de 1999

Seth Caramaschi

Terceira Jornada Filosófica

ÍNDICE

DIÁLOGO

- I - Fundamentos de Terceira Jornada
- II - Objetivos do Conhecimento
- III - Onde a Verdade
- IV - A Perfeição é Imutável
- V - A Queda das Almas do Topos Uranos

NÃO DIÁLOGO

- VII - Problemas do Nosso Tempo
- VIII- Os Caminhos da Vida
- IX - Respostas às “Breves Notas”
- X - Religião
- XI - Essência e Substância
- XII - Ontologia e Metafísica
- XIII - Minha Filosofia é a Linha do Grau 18
- XIV - Símios e Antropóides
- XV - O Aparecimento do Homem
As Duas Alternativas

SOCIEDADE FILOSÓFICA LUIZ CARAMASCHI

Praça Arruda, 54

Fone: (14) 3351 1900

18 800-000 - Piraju - SP

Capítulo I

Fundamentos da Terceira Jornada

A noite caíra já, de todo, sobre Cananéia. O mar rumorejava ao longe, batido pelo vento fresco vindo em direção à terra. A casa de Árago estava toda iluminada, e na sala da biblioteca os estudiosos esperavam pela entrada do pensador. E tanto que ele entrou, e tomou o seu lugar, principiou a falar:

– Como vimos, Kant demonstrou a impossibilidade da metafísica. Contudo, deixou a porta aberta, com dizer que é próprio da nossa inteligência exigir o incondicionado, o absoluto. Por isso três filósofos surgiram para desenvolver teses absolutistas, que foram Fichte, Schelling e Hegel. Com eles o mundo se enfatiou de absolutismos. Com Augusto Comte veio a reação, e a filosofia caiu no ridículo. A suceder, veio Herbert Spencer, filho espiritual de Darwin, levando para o campo filosófico a doutrina da evolução. Então, o bom Deus não criou o homem de um golpe, como produto acabado, como pensaram todos até ele. Desde então o mundo ficou sem filosofia sistemática até nossos dias. Este é também o pensar de José Ortega Y Gasset.

– Agora, continuou o filósofo cananeano, vamos tentar a construção de um sistema. Todavia, vamos principiar com os métodos novos fornecidos pela chamada filosofia nova.

E após ponderar um pouco, acrescentou o filósofo:

– Cristo disse: se vos não tornardes como meninos, de modo nenhum não entrareis no reino dos céus. Por isto, se não fizermos tábua-rasa de nossos sistemas anteriores, e não iniciarmos com métodos novos, não alcançaremos a verdade. E esta é a atitude psicológica em que nos devemos colocar. Uma vez que nos dispusemos tornar como crianças, que qualidades caracterizam os meninos, Chilon ?

Após haver ponderado o que havia de responder, exclamou Chilon:

- A primeira qualidade ou caráter das crianças é serem curiosas.

– Bom. Então sejamos todos curiosos, tornou o mestre. Tenhamos os olhos deslumbrados como as crianças, como a coruja de Minerva. E que outro caráter descobre você nas criança ?

– Acho que são ingênuas.

- Seja essa, então, a nossa outra qualidade que nos faz abertos, e não fechados em nós mesmos, como se fôramos sábios, e não, meros aprendizes. Quando Sócrates declarava não saber nada, punha-se nesta atitude ingênua de querer saber. Contudo, existe um caráter próprio dos filósofos de que não abriremos mão.

– Qual é ? – interrogou Chilon.

– É o rigorismo. Embora ingênuos e curiosos, manter-nos-emos com espírito de rigor, próprio de homens amadurecidos nas lidas do pensar. Sejam os meninos, porém não de todo meninos. E há outra qualidade própria de homens velhos, que é a paciência. Não faremos como as crianças que põe ou propõem problemas para os quais ainda não estão amadurecidas. Quer dizer que teremos paciência para não colocar problemas que não se tenham colocado, espontaneamente, pelo desenvolvimento dialético. No transcorrer dos nossos estudos, os problemas ir-se-ão, espontaneamente, sendo propostos. Concordam todos em nos mantermos nesta atitude ?

Ao dizer isto, encarou o pensador a todos os presentes, a fim de verificar se todos estavam de acordo. Uma vez notificado que sim, por acenos de cabeça, continuou:

– Curiosos e ingênuos, olhemos para o mundo que nos cerca, e no qual estamos imersos. Mas quando olhamos para o mundo, verificamos que já sabemos, de antemão, tudo sobre ele. Antes que compulsemos os compêndios da história da filosofia, verificamos que há a nossa própria história, a história da nossa vida, como começamos a aprender, e de que modo aprendemos.

– Neste caso, tornou Bruco, caímos de novo na epistemologia, que é de onde partiram os filósofos idealistas até Kant.

– Pode ser, respondeu Árago, mas será uma epistemologia vital, e não, aquela dos idealistas. Partiremos da raiz mesma do conhecimento, e não, do galho que bem mais acima nasce. Não vamos começar por ver como pensa o homem racionalmente, e sim, como pensa ele vitalmente. Antes do pensamento abstrato está a nossa vida concreta, efetiva, espontânea; antes de nossas teorias sobre as coisas e sobre o mundo, esteve a nossa vivência, a nossa atuação sobre as coisas, sem que as conhecêssemos. “No princípio era a Ação”, diz-nos Goethe no seu “Fausto”. Como doutamente o diz Ortega, “o destino do homem é, portanto, primariamente *ação*. Não vivemos para pensar, mas ao contrário: pensamos para conseguir sobreviver”¹. O próprio pensamento, na sua gênese (ensaio-e-erro) é pura ação sem pensamento. Assim, o ensaio-e-erro é uma experimentação caótica; é uma provocação ao meio, ao ambiente, ao contorno, a fim de ver se nele se abre uma brecha de modo a que o problema se resolva. Não é só o animal que usa este método; o homem também o emprega, quando se vê frente a um problema inteiramente novo. Quando não há elementos na mente para agir contemplativamente, reflexivamente, o jeito é experimentar às cegas, às tontas, ao acaso, até obter os primeiros resultados com os quais, agora sim, se pode contar para as operações mentais abstratas. Assim se começa a pensar de modo ativo, visto como o sujeito atua sobre o ambiente, a fim de ver como este reage. Não obstante, há também um modo mais primário de pensar, que é o passivo, pelo qual o sujeito interpreta e reage às ações que sobre si exerce o meio. É o que se chama “inferência fisiológica”, para empregarmos a expressão de Bertrand Russell. Se após ouvir um determinado ruído, recebermos um forte jacto de luz nos olhos, as pupilas se fecham por efeito da luz. Depois de muitas repetições, só o ruído, sem a luz, fará as pupilas se contraírem. É que o som e a luz foram associados, como sendo o ruído a “causa” da luz. Ora, o raciocínio é inferência ou associação; logo, esse fenômeno do reflexo condicionado é já raciocínio na sua forma primigênia, anterior, portanto, ao ensaio-e-erro. Ele não é exato, e, apesar de não o ser, domina toda a escala animal chegando até ao homem, pelo que se criam os inúmeros e contínuos quiproquós.

¹ José Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 62

E após um fôlego, prosseguiu o pensador:

– Qüiproquó significa tomar uma coisa por outra; tomar o ruído pela luz; tomar a nuvem por Juno ou Hera, como aconteceu a Ixião, herói e rei tessálio. Do rapto de Ixião com a nuvem com forma de Hera, nasceram os centauros que são, por isso, filhos dum equívoco. Deste modo, os qüiproquós são equívocos dos quais nascem monstros meio homens e meio cavalos, ou seja, meio racionais e meio brutos. A inferência fisiológica ou reflexo condicionado é isto. Consulte-se a história, e ver-se-á o que têm produzido os qüiproquós; batalhas se perderam, ou foram ganhas, graças aos agouros, maus no primeiro caso, e bons no segundo. Um cometa nos céus antecedeu a morte de Cesar; logo, Vespasiano devia morrer, porque, em seu governo, apareceu, também, um cometa nos céus. E conhecendo Vespasiano o efeito deste equívoco, pois algum fanático poderia até matá-lo para que se cumprisse a previsão, por isto, apressou-se a desfazer o qüiproquó com dizer que, sendo ele careca, e o cometa, cabeludo, não podia de nenhum modo referir-se a ele. É assim que contra um qüiproquó, outro qüiproquó. Um homem foi hipnotizado, e logo após, morreu; foi a hipnose que provocou a morte. Isto jamais aconteceu, mas pode suceder, e tal será o “raciocínio” da gente simples ou ignorante.

E fazendo um ar de riso irônico, relatou Árago:

– Certa vez, um vereador, ministro protestante, estava falando no plenário, contra a entronização da imagem de Cristo na sala das sessões. Isto é fato acontecido, se não me engano, em Ourinhos. O orador teve o seu discurso interrompido por um colapso cardíaco, caindo, morto já, sobre a mesa que lhe estava à frente. Foi, disseram os da oposição, um castigo do céu fulminado sobre o herege.

Fez uma pausa, o mestre, para gozar, com os presentes o efeito deste relato sucedido; depois, compondo de outro modo o semblante, continuou:

– Os bons e os maus agouros são todos qüiproquós, contra ou a favor dos quais todos os antigos homens de liderança haviam que estar prevenidos. Assim, é que Cipião, entrando na África, à frente de seus homens de guerra, tropeçou e caiu. Era um mau agouro. Porém, porque estava prevenido, presto, abraçou-se com a terra e bradou: “Agarrei-te, ó África ! não me sairás mais das mãos !” Ciro, o persa, acampando-se, com suas tropas, nas vizinhanças da cidade que ia submeter pelas armas, antes de mais nada, erigia um altar e oferecia sacrifícios aos deuses dessa cidade. Isto não só dava confiança aos seus, como abalava a dos da cidade, que sempre haviam de ter motivos para pensar que tinham ofendido a seus deuses. Deste modo os bons agouros sempre foram preparados antes das batalhas, para animar os de cá, ao tempo em que se procurava minar a confiança dos da oposição, com os maus.

E voltando-se para Chilon, perguntou o mestre:

– E ainda há, Chilon, quem queira defender a tese de que a história se escreve pelo dedo de Deus ? Que podemos nos descansar, que tudo irá sair da melhor forma possível ? Que o destino histórico está predeterminado por uma vontade superior, como pensam os místicos ? Que a história é ciência, e por isso se acha regida por leis, como pensam os idealistas da direita e da esquerda hegeliana ? Se fosse assim, não teria havido os contínuos retrocessos das civilizações, e até o

retorna à barbárie poderá ainda ocorrer, se não se mantiver o homem vigilante, alertado sobre o que possa sobrevir ! A verdade é que alguns sacos de gatos, abertos numa frente de combate, como já ocorreu, pode decidir da sorte duma batalha, do resultado duma guerra, e modificar o curso da história ! É ridículo supor que Deus se valha de quiproquós para riscar, com seu dedo divino, o rumo da história ! Mas isto é uma digressão. Vamos ao que eu ia dizendo?

– Do quanto expus, a respeito da associação que aparece na gênese do pensamento, seja como inferência fisiológica, seja como ensaio-e-erro, salta já esta consequência: que a associação é o que, primariamente, aparece na história ainda biológica do pensamento. Portanto, esta é a forma mais simples de raciocinar. Pela recíproca, a forma mais difícil é a dissociação ou análise. O método sintético ou dialético é o simples e primitivo; o método analítico ou dissociativo é o complexo. Pegar uma idéia como premissa, e arrancar dela tudo o que nela se contém, até suas últimas consequências, é muito mais difícil do que associar idéias umas com as outras, assim de modo que uma idéia puxa pela outra, e se vai fácil e espontaneamente, pouco a pouco, dialeticamente, armando todo um sistema. Isto mesmo é o que diz o perspicaz Ortega na nota 37, ao pé da página 96 de sua obra “A Rebelião das Massas”. Aqui está, nas minhas notas que fiz durante a leitura dessa obra: “A liberdade de espírito, quer dizer, a potência do intelecto, mede-se por sua capacidade de dissociar idéias tradicionalmente inseparáveis. Dissociar idéias custa muito mais que associá-las, como demonstrou Kohler em suas investigações sobre a inteligência dos chimpanzés” .

Neste ponto, interveio Bruco perguntando:

– Quer dizer que essa sua epistemologia vital, como o senhor a nomeou, consiste em que nossas primeiras idéias nos vêm por associação ?

– É isso. Mas não é meu intento recuar na escala zoológica. Por agora, não nos interessa como “raciocinam” os animais, e, conseqüentemente, o pré-homem macacóide. Temos de recuar a fundamentos menos remotos, e ver como aprende o homem atual. Tenho de ater-me a isto: aquilo que sei, como, primariamente, me veio ? Mas quando dava voltas à razão para achar o caminho, encontro-o já achado por Ortega, pelo que sou forçado, com muito gosto, a filiar-me a ele. Forçado porque ele veio antes, e honestamente devo referi-lo; com muito gosto, porque, o que ele fez está muito bem feito, não precisando eu de tornar a o fazer. Dizendo isto, dou por recomendado a vocês o estudo das obras de Ortega que tratam desta parte; são elas: “O Homem e a Gente” e “A Rebelião das Massas” . Diz, então, Ortega, a este propósito: “O mundo humano precede, em nossa vida, ao mundo animal, vegetal e mineral. Vivemos todo o resto do mundo como através das grades de uma prisão, através do mundo de homens em que nascemos e em que vivemos. E, como uma das coisas que mais intensa e freqüentemente fazem esses homens, em nosso imediato contorno, em sua atividade reciprocamente, é falarem uns com os outros e comigo, com o seu falar injetam em mim as suas idéias sobre todas as coisas e eu vejo, em princípio, o mundo todo através dessas idéias recebidas” ² . Mais: “Somos aquilo que nosso mundo no convida a ser, e as feições fundamentais de nossa alma são impressas nela pelo perfil do contorno como por um molde. Naturalmente: viver não é mais que tratar com o mundo. O semblante geral que ele nos apresenta será o semblante geral de nossa vida” ³ . Deste modo, a primeira experiência que temos é a social, e ao nascimento nos achamos abertos ao contorno social que nos penetra e nos plasma, e toda a realidade do mundo nos vem, primariamente, por esta via. Ou então, na bela formulação de Ortega: “Isso nos leva a

² Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 142

³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 117

formular este primeiro teorema social: o homem está *a nativitate* aberto ao outro que não é ele, ao ser estranho; ou, com outras palavras: *antes de que cada um de nós percebesse a si mesmo*, já havia tido a experiência básica de que existem aqueles que não sou “eu”, os Outros; isto é, o Homem ao estar *a nativitate* aberto ao outro, ao *alter* que não é ele, é, *a nativitate*, queira ou não, goste ou não goste, *altruísta*”⁴. Deste modo, pouco a pouco, vai a doutrina de Ortega condensando-se no enunciado seu de que “eu sou eu e a minha circunstância”⁵.

Fez uma pausa o pensador, e aproveitou-a Benedito Bruco para fazer uma observação; disse ele:

– Essa epistemologia que o senhor chama vital, pelo que se vê, é oposta à dos filósofos idealistas. Porque Platão dizia que a opinião comum era a *doxa*, contra a qual ele opunha a *episteme* ou ciência. Daí, que a doutrina dos filósofos havia que ser, necessariamente, *para-doxa*, paradoxal, isto é, contra a doxa. Ora, o senhor afirma que nosso primeiro conhecimento é a *doxa*, a opinião comum que o meio social nos inocula desde o nascimento.

– Acontece, meu caro Bruco, que antes da episteme ou ciência, está, de fato, a doxa ou opinião comum. A própria episteme nasceu da doxa, por oposição dialética, isto é, como antítese à doxa. E é por aqui, pela doxa, que começamos a aprender. Além disso, se epistemologia quer dizer *teoria do conhecimento*, temos de ver como e por que meio começamos conhecer. E esta, que não terminou ainda, é apenas a primeira visão de como aprendemos, depois do que virá a segunda.

E vendo que Bruco se aquietara com esta resposta, continuou o filósofo com o que vinha expondo:

– Todos nascemos num lar, e, por isto, a primeira realidade que encontramos é a social. Ora bem, Chilon: por que meio a cultura do nosso grupo, do nosso contorno social nos penetra, nos enche, nos satura, de modo a nos tornar um novo elemento do meio ?

– Ah ! Isso nós já estudamos nos “Serões Bíblicos”, pelo que sabemos bem. O método empregado pelo social que nos rodeia é a *sugestão*.

– Bom. Fale, então, você, um pouco sobre isso, a fim de que possamos prosseguir.

Instado, assim, pelo pensador, Chilon se pôs a meditar um pouco, lembrando as lições dadas nos “Serões Bíblicos”. E tendo dado com o ponto, começou:

– Estudamos já que a sugestão é fundada no princípio da autoridade, no princípio do *magister dixit*. Para a criança que aprende, todo mundo é mestre. E aprendemos, por esse modo, a língua, a religião, a moral, os costumes, e ainda, pela imitação, adquirimos os hábitos.

– Quer dizer, meu Chilon, que a episteme ou ciência não está na raiz dos nossos conhecimentos, e sim, a sugestão ? Que nós aprendemos de memória, e não, de razão ?

⁴ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 142

⁵ Ortega Y Gasset, Meditações do Quixote, 52

– Exato ! Nossos conhecimentos, primariamente nos vêm por sugestão, e esta se define como sendo a aceitação duma idéia sem exame algum; por isso ela se opõe à persuasão que é a aceitação duma idéia mediante demonstração lógica, mediante exame racional, mediante estudo, mediante o ato de re-pensar, por nós mesmos, com nossa própria cabeça aquilo que outros, antes de nó, pensaram, disseram e escreveram.

– Está certo. Quer dizer que depois que o homem cresce, hein Chilon, ele se torna racional ?

– De modo nenhum ! A sugestão continua sendo uma constante componente da vida de quase todo mundo. Só há uma pequena elite dos que pensam. O resto vai de roldão, arrastado por essa elite. Quando o escolástico, na Idade Média, dizia: *magister dixit* (o mestre disse), esse mestre era Aristóteles ao qual não se admitia contestação. Essa aceitação de fé da palavra do grande mestre grego é pura sugestão. Portanto, está com a verdade Medeiros e Albuquerque ao afirmar que, “mesmo no domínio da inteligência, é uma tola presunção a dos que dizem que já passou a época do *magister dixit*”⁶. Por esta causa, quando, no século XVII, o jesuíta astrônomo Scheiner descobriu as manchas do Sol, “foi repreendido por seus superiores espirituais – porque nos escritos de Aristóteles não havia nada escrito sobre manchas solares”⁷. Lineu, o sábio sistematizador da botânica, tinha lido Aristóteles em sua mocidade; pois “quarenta anos depois, já homem famoso, continuava a afirmar, com a idéia fixa de uma criança, que a andorinha e a cegonha hibernavam no fundo do mar. Continuou pensando assim e nunca, durante toda a sua vida, se deixou convencer do contrário. Para ele a palavra de Aristóteles valia mais do que a própria experiência”⁸. A grande autoridade de Aristóteles entrou o progresso das ciências, tendo-se esfacelado nesta muralha de misoneísmo todos os que se puseram a pesquisar sobre os fatos da evolução. Medeiros e Albuquerque tem razão: “A sugestão é onímoda”⁹.

Fez silêncio Chilon. E Árago, tomando a palavra, prosseguiu:

– Esta parte, se bem que não com o nome de sugestão, está amplamente desenvolvida na obra de Ortega “A Rebelião das Massas”. Na obra “O Homem e a Gente”, Ortega deixa assentado um ponto de suma importância para os nossos estudos. Completando a doutrina sociológica de Durkheim, demonstra, Ortega, que o fato social não só possui exterioridade e coercividade, como, mal e mal, o viu Durkheim, senão que também ele é irracional, ou possui o característico de irracionalidade. Contrariamente, Durkheim acreditava “que o fato social era verdadeiramente racional, porque emanava de uma suposta e mística “consciência social” ou “alma coletiva”. Além disso, não advertiu que consiste em usos, nem o que é o uso. Ora, a irracionalidade é nota decisiva”¹⁰. Caberia fazer, agora, um paralelo entre usos e hábitos individuais, no sentido de que não os pensamos para os executar. Deste modo, os usos são hábitos sociais, e só se diferem dos instintos, por serem natos. Os hábitos são reflexos condicionados, donde vem que os usos também o são, porém, no social. Mas a racionalidade, a reflexão, está na gênese de tudo isto, a saber: os hábitos, propriamente ditos, são pensados nos seus nascimentos, e pela repetição dos atos pensados, e também, pela imitação, se fixam em automatismos irracionais.

⁶ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 79

⁷ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 14

⁸ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 32

⁹ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 250

¹⁰ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 48

Igualmente, os usos não surgiram do nada; alguém os executou pela primeira vez, após tê-los pensado. Depois é que estes usos se transmitem, por imitação, por sugestão, ao resto da massa coletiva, e é, então, que se desumanizam, ou seja, perdem o seu sentido de coisas individuais. Subposto que os hábitos são irracionais, por serem automatismos executados sem pensar, mesmo para aquele que os criou, quanto mais para aqueles que os assimilou do meio por imitação; suposto que a crença em que sempre um homem está (“estamos sempre numa crença” – Ortega), com ser fé, também e irracional; que os usos são repetições automatizadas que somos forçados a executar (o cumprimento, por exemplo), e por isto não os pensamos para os fazer; considerando que a maior parte dos conhecimentos, até científicos, possuímo-los na base do *magister dixit*; que é que sobra para ser classificado como verdadeiramente racional? E se o homem-massa, que constitui a grossa maioria, nunca pensa, nunca é *si mesmo*, mas, pelo contrário, é o social nele, o social que o invadiu, que o dominou, que o expulsou de si, que o fez inautêntico, se este homem-massa é semi-racional, como afirmar que a epistemologia, que a teoria do conhecimento como tal, se aplica a este grosso pragmatismo feito de irracionalidade, que enche a vida humana?

E sentindo-se perfeitamente entendido, continuou o mestre:

– “O animal (diz Ortega) não rege a sua existência, não vive a partir de si mesmo, mas está sempre atento ao que se passa fora dele, a esse *outro* diferente dele. Nosso vocábulo *outro* não é senão o latino *alter*. Dizer, portanto, que o animal não vive a partir *de si mesmo*, mas do *outro*, trazido e levado e tiranizado por seu outro, equivale a dizer que o animal vive sempre alterado, alienado, que sua vida é constitutiva *alteração*”¹¹. E tal como ocorre com o animal, “quase todo o mundo está alterado, e na alteração o homem perde o seu atributo mais essencial: a possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo, para se pôr de acordo consigo mesmo e precisar, para si mesmo, aquilo que crê; aquilo que estima de verdade e o que deveras detesta. A alteração o obnubila, o cega, o obriga a atuar mecanicamente em um frenético sonambulismo”¹². Deste modo, “o homem costuma viver intelectualmente a crédito da sociedade em que vive, crédito do qual nunca se fez questão. Vive, portanto, como um autômato da sua sociedade. Só em tal ou qual ponto se dá o trabalho de revisar as contas, de submeter à crítica a idéia recebida e rejeitá-la ou readmiti-la; mas, desta vez, porque a repensou ele mesmo e examinou os seus fundamentos”¹³. Todavia, o que faz isto, ou seja, repensar as idéias, já não é homem-massa, e antes, se encaminha para o homem excelente, porque, “o homem-massa é o homem cuja vida carece de projeto e caminha ao acaso. Por isso não constrói nada, ainda que suas possibilidades, seus poderes, sejam enormes”¹⁴. “Diante de uma só pessoa podemos saber se é massa ou não. Massa é todo aquele que não se valoriza a si mesmo – no bem ou no mal – por razões especiais mas que se sente “como todo o mundo”, e, entretanto, não se angustia, sente-se à vontade ao sentir-se idêntico aos demais”¹⁵.

E após o descanso numa pausa, prosseguiu Árago:

– Consequentemente, o homem-massa se opõe a outro tipo de homem, do homem excelente, do homem minoria. E o próprio Ortega nos fala longamente dele. Trata-se do homem-elite, do

¹¹ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 56

¹² Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 55

¹³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 292

¹⁴ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 104

¹⁵ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 63

homem-nobre que faz para si um projeto do que quer ser. A esse homem Ortega chama herói, porque, querendo *ser si mesmo*, se opõe à massa inautêntica, visto como autenticidade é ser *si mesmo*. O homem autêntico, o que se opõe à massa homogênea de iguais, sofre a reação nivelante deste, causando a ele sofrimentos. Mas fale Ortega:

E dizendo isto, pôs-se o mestre a folhear suas notas. E tendo achado o ponto, leu, para os presentes:

– “(...) É um fato existirem homens decididos a não se contentarem com a realidade. Aspiram a curso diverso para as coisas; negam-se a repetir os gestos que o costume, a tradição, e, em resumo, os instintos biológicos querem impor-lhes. A homens assim chamamos heróis. Porque ser herói consiste em alguém ser si mesmo. Se resistimos a que a herança, a que o circunstante nos imponham ações determinadas, é porque almejamos assentar em nós mesmos, e só em nós, a origem dos nossos atos. Quando o herói quer algo não são os antepassados nele ou os usos presentes que querem, mas ele mesmo. Este querer ser si mesmo é o heroísmo” . E continua Ortega:

– “Não creio em originalidade mais profunda que esta originalidade “prática”, ativa do herói. Sua vida é uma perpétua resistência ao habitual e consuetudinário. Cada movimento que ele faz necessitou, primeiro, vencer o costume e inventar nova maneira de ser. Vida assim é dor perene, o constante desgarrar-se daquela parte de si mesmo entregue ao hábito, prisioneiro da matéria”¹⁶. Este é o homem autêntico, no passo que o homem-massa é o inautêntico. Entretanto, a vida não nos apresenta estes extremos, estas quase exceções. Verificamos que cada homem traz em si ambas coisas, porções descompensadas de autenticidade e inautenticidade. Deste modo, “todos levamos dentro de nós os despojos de um herói”¹⁷. “Mas aos pés do herói interior que todos nós trazemos, agita-se uma caterva de instintos plebeus. Em virtude de razões sem dúvida suficientes, costumamos abrigar uma grande desconfiança em relação ao portador de usos novos. A quem não se esforça por ultrapassar o nível ordinário não pedimos justificação, mas exigimo-la peremptoriamente ao valente que tenta transcendê-la. Poucas coisas odeia tanto nosso plebeu interior como o ambicioso. E o herói, claro está, começa por ser um ambicioso. A vulgaridade não nos irrita tão a fundo como as pretensões. Daí que o herói ande sempre a dois passos de cair, não na desgraça – que isto seria subir, para ele –, mas no ridículo”¹⁸. Por conseguinte, há “duas castas de homens: os meditativos e os sensuais. Para estes é o mundo uma superfície nivelante... Os outros, pelo contrário, vivem na dimensão da profundidade”¹⁹. Pelo que estamos vendo, “há quem não viva quase nada, senão a pseudo-vida da convencionalidade, e há, em compensação, casos extremos em que entrevejo o outro energicamente fiel à sua autenticidade. Entre ambos os pólos aparecem todas as equações intermediárias, pois que se trata de uma equação entre o convencional e o autêntico que em cada um de nós tem cifra diferente”. Mais isto: “Em nosso primeiro momento de trato com o outro, sem atentarmos especialmente nisso, calculamos a sua equação vital, isto é, quanto há nele de convencional e quanto de autêntico”²⁰.

¹⁶ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 156

¹⁷ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 163

¹⁸ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 163

¹⁹ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 95

²⁰ Ortega Y Gasset, *O Homem e a Gente*, 180

Fechando o pensador seu caderno de anotações, levantou-se e foi à lousa; e voltando-se para os presentes, rematou:

– Tudo o quanto disse Ortega, podemos resumir neste princípio psicológico-social: todo o homem é uma soma da sua autenticidade com a sua convencionalidade; sendo uma soma, quanto mais se ganha em autenticidade, mais se perde em convencionalidade, e vice-versa. Isto mesmo expresso em fórmula, usando por letras as iniciais das palavras homem (H), autenticidade (A) e convencionalidade (C), daria:

$$H = A + C$$

Ora, o convencional nos vem por sugestão (S), do meio que nos circunda, no passo que a autenticidade se origina da persuasão (P) daquele que repensou as idéias alheias, a par das suas próprias que engendrou. Daí poder a fórmula posta aqui na lousa, assumir este outro cariz:

$$H = S + P$$

E esperando que dos presentes viesse alguma réplica, e vendo que não vinha, voltou a ocupar o seu lugar à mesa, prosseguindo:

– O outro passo que se segue a este na seqüência das idéias, é saber como pode o homem cem por cento convencional, o homem massa por excelência, ir-se passando para o outro termo, a autenticidade. O animal, já o vimos, vive alterado, porque tem toda a sua atenção voltada para o contorno que o ameaça; descuidar-se é morrer. Também o homem inautêntico, que vive fora de si, que não sabe ainda ensimesmar-se, vive na alteração. O contorno o move, o obriga a parar ou correr. E quando o homem resolve opor resistência ao meio, a não obedecê-lo, a não segui-lo, precisa buscar os recursos dentro de si. “Na solidão o homem é a sua verdade, – na sociedade tende a ser sua mera convencionalidade ou falsificação. Na realidade autêntica do viver humano, está incluído o dever da freqüente retirada para o fundo solitário de si mesmo (...) Essa retirada (...) é o que se chama, com um nome amaneirado, ridículo e confusionista, *filosofia*”²¹. “A filosofia é, pois, a crítica da vida convencional, inclusive, e muito especialmente, da nossa vida, - críticas que o homem se vê obrigado a fazer, de quando em quando, levando-a diante do tribunal da sua vida autêntica, da sua inexorável solidão; ou – também se pode dizer – é a partida dobrada de que o homem precisa, para que os negócios, assuntos, coisas em que pôs a sua vida, não sejam, em excesso, ilusão; mas averiguados com a pedra de toque que é a realidade radical, permaneça cada um deles no grau de realidade que lhe corresponda”²². Eis como surge para o homem a fase da racionalidade, do pensamento abstrato.

E após uma interrupção, continuou o mestre:

– Reparem que, até aqui, a nossa epistemologia vital tratou duma teoria do conhecimento tomado das realidades da vida. Vimos que os conhecimentos que o homem-massa possui, foi-lhe transmitido pelo meio social desde o seu nascimento, por via sugestiva. Este é o conhecimento primário, e não aquele que surgiu pela necessidade do rigor. Kant, à frente dos idealistas, cuidou que o conhecimento científico e rigorosamente racional é o básico na vida humana, no que esteve

²¹ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 135 - 136

²² Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 137

completamente enganado. A atitude reflexiva, racional, é secundária, e só nasce muito mais tarde; e às vezes não aparece nunca; e há povos, haja vista o israelita, que nunca pautaram suas vidas pela razão, e só, isso sim, pela fé nos seus deuses. A exemplo dos israelitas, todos os povos primitivos eram místicos, e não racionais. E isto não os impediu em nada de viverem suas vidas, e de escreverem suas histórias. Não tem, pois, sentido a admiração dos filósofos gregos ao considerar como foi possível que todos os povos, sem exceção, até eles, tivessem vivido sem filosofia, sem ciência, sem os conhecimentos racionais exatos ! Pois viveram, e vivem ainda, porque a razão não é um mar de pensamento como cuidaram todos, e sim, breve ilha a flutuar no oceano da vida, como o afirma Ortega. E iremos ver ainda isto mesmo por uma ótica diferente. Cumpre-nos, por ora, prosseguir nesta parte. Continuemos:

– O homem primitivo vivia, como qualquer animal, na mais completa alteração. Mas fez isto um dia de diferente, que o transformou a tal ponto, que o posto que tem de rei dos animais, passou a ser-lhe dura humilhação. Por isto quis considerar-se, nem mais nem menos, uma espécie à parte, criada diretamente por Deus, sem parentesco nenhum com os seres inferiores. Eis a portentosa façanha que transformou um animal em homem: “Mal os seres em torno lhe deixaram um alento, o homem, fazendo um esforço gigantesco, consegue um instante de concentração, mete-se dentro de si, isto é, mantém, a duras penas, sua atenção fixa nas idéias que brotam dentro dele, idéias que as coisas suscitam, e que se referem ao comportamento destas, ao que logo o filósofo chamará “o ser das coisas” ”²³. “Por isso, o Homem, goste ou não goste, queira ou não queira, é, constitutivamente e sem remédio, um decifrador de enigmas e, ao longo da história universal, se ouve, por trás de todos os ruídos, um estridor de facas que alguém afia no amolador: é a mente humana que passa e repassa o seu fio sobre o tenaz enigma (...) que é o Ser”²⁴. Deste modo, à força de ensimesmar-se, o homem se transforma num contemplativo habitual; neste caso quase perde o homem sua capacidade de dormir, em oposição com o que ocorre com os animais domésticos (o cão, o gato), ou com os postos em cativeiro. “Daí, a enorme capacidade de sonolência que manifesta o animal, a modorra infra-humana, continua em parte no primitivo e, opostamente, a insônia crescente do homem civilizada, a quase permanente vigília – às vezes, terrível, indomável – que aflige os homens de intensa vida interior. Não faz muitos anos, meu grande amigo Scheler, – uma das mentes mais fecundas do nosso tempo, que vivia em incessante irradiação de idéias, – morreu de não poder dormir”²⁵.

Fez uma pausa o pensador, depois do que continuou:

– Um dever de honestidade nos impõe que façamos esta deliciosa rapsódia de trechos orteguianos, e ainda nos cumpre prosseguir com ela, se bem que já num novo movimento. Não podemos dar por nosso o que é alheio, e ainda mais que este alheio se nos mostra meridianamente claro, além de expresso em forma incomparável. Conquanto o que se diga ainda é de Ortega, isto nos veio da brilhante pena de José Ferreira Mora, no seu “Ensaio Introdutório” à obra de Ortega, “Origem e Epílogo da Filosofia”. A esta altura do desenvolvimento que vamos fazendo, cumpre-nos aprofundar um ponto referido por Ortega, e que é o de que vivemos sempre numa crença. Ora, “as crenças não são idéias que sustentamos ou mantemos, antes idéias que *somos*”²⁶. E explica Mora: “a diferença entre idéias e crenças é equivalente à diferença entre pensamentos que

²³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 60 - 61

²⁴ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 178 - 179

²⁵ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 58 - 59

²⁶ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 77

produzimos, examinamos, discutimos, formulamos ou negamos, e pensamentos que não formulamos, discutimos, negamos ou aceitamos porque ao invés de *fazer* alguma coisa com eles *estamos* simplesmente neles”²⁷. Dê um exemplo disto, Chilon, para que esta doutrina não fique no ar, como pura teoria.

Depois de meditar um tanto, propôs Chilon:

– Quando Kant afirmou que as coisas não nos dão os seus conceitos, mas nós é que pomos às coisas as essências que formamos delas, estava baseado numa crença, e por isso não referida, e é a de que Deus fez o homem completo desde as origens, tendo posto nele, ao fazer-lhe o cérebro, todo o mecanismo da razão. O pensamento, deste modo, foi doado ao homem, juntamente com as funções de todos os demais órgãos. A razão, para Kant, não tem história, não é histórica. Mas a ciência da Evolução mostra, inexoravelmente, que o homem, assim como todos os seus poderes, é histórico, tendo partido de começos muito simples. E andava no ar, ao tempo de Kant, como outrora, no tempo de Aristóteles, a idéia da evolução; mas percebendo Kant, como já o percebera Aristóteles, em que poderia dar essa doutrina, declarou, assustado, que essa era “uma arrojada aventura da razão”²⁸. E quando Goethe se dispôs a escrever a sua “Metamorfose das Plantas”, declarou, referindo-se a Kant: “Nada mais me pode impedir de empreender corajosamente a aventura da razão”²⁹. Essa aventura não só era arrojada, senão, também, perigosa não só para o realista Aristóteles, o primeiro sistematizador da natureza, mas também para Kant, o idealista, e o primeiro perigo consistia em dar xeque-mate não só ao realismo aristotélico, senão, também, à filosofia idealista da qual Kant era o expoente máximo. Todavia, Kant nunca se referiu à sua crença de que *Deus fizera o homem completo, perfeito, de um golpe*, simplesmente, porque ele *estava nela*, e ela se *sub-punha a ele*, como a terra, debaixo de seus pés.

– Está bem, Chilon: quer dizer que “os pensamentos chamados *idéias* são objetos de nosso discurso; os pensamentos chamados *crenças* são o objeto de nossa suposição: não os pensamos, mas os damos por supostos. Quando tal acontece dizemos que “estamos numa crença” ”³⁰. Supor significa sub-por, por debaixo, como alicerce ou fundamento. O exemplo que nos deu Chilon, de Kant, prova que “existem pensamentos não formulados e às vezes inclusive não formuláveis que damos continuamente por supostos e que sustentam, empurram e dirigem nosso comportamento. Não devemos estranhar, pois, de que as crenças constituam, conforme apontamos, o fundamento de nossa vida e de que *ocupem o lugar da realidade*”³¹. “O homem *necessita* saber de si mesmo e de suas próprias circunstâncias. Necessita, conseqüentemente, uma “idéia” ou “interpretação” do mundo. Eis aqui por que, consoante Ortega, o homem deve possuir suas próprias “convicções”; de fato, o que chamamos “um homem sem convicções” é um ente fictício. Não é necessário, claro está, que tais convicções sejam “positivas”; podem perfeitamente ser – e são com freqüência – negativas. Pode ser-se, por exemplo, um completo cético. Mesmo neste caso, porém, possuem-se algumas determinadas convicções: as de que não se pode crer verdadeiramente em nada”³².

²⁷ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 77

²⁸ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 111

²⁹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 111

³⁰ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 78

³¹ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 79

³² Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 75 - 76

E tendo o mestre feito uma pausa, prosseguiu:

– Deste modo, como vêem, “as dúvidas pertencem, em suma, ao mesmo estrato da vida que as crenças: como estas, aquelas *são* também nossa realidade. O que significa que podemos *estar em dúvida* no mesmo sentido em que podemos *estar em crença*. Uma só diferença fundamental existe entre estes dois modos de estar; funda-se no fato de que as crenças são “coisas estáveis” enquanto as dúvidas são “coisas inestáveis”. Propriamente falando, as dúvidas são “o inestável” na existência humana. Mas em todo caso vivemos simultaneamente em ambas, de tal modo que nossa vida seria tão incompreensível sem as dúvidas como o é sem as crenças”. E prossegue Mora:

– “O fato de que estejamos *também* em dúvidas ou, como Ortega prefere dizer, “num mar de dúvidas”, não significa, porém, que aceitamos esta situação como um estado normal das coisas. De fato, estamos sem cessar lutando com o fim de sobrenadar este mar de dúvidas que ameaça com submergir-nos. Mas com o fim de libertar-nos de dúvidas somente temos um remédio: pensar a propósito delas ou, o que equivale ao mesmo, produzir idéias. Com o que começamos a entender a função própria dessas idéias até agora tão insuficientemente definidas: as idéias servem para cobrir as fissuras que se abrem continuamente nas crenças que constituem a vida humana”³³. “Nada de estranho que a maioria dos exemplos proporcionados a respeito por Ortega sejam exemplos propiciados pela história, sobretudo por esses momentos da história que chamamos “críticos” e nos quais se nos mostra o apaixonante espetáculo da simultânea desintegração e formação de crenças”³⁴.

E levantando os olhos de suas notas, comentou Árago para os presentes:

– A filosofia teve sua origem num destes períodos críticos, quando os gregos, pondo em dúvida suas crenças tradicionais, tiveram que arranjar outras com que sobreviver. “O fenômeno que chamamos “conhecimento”, isto é, o particular modo de pensamento que usa conceitos, razões e argumentos surgem num certo momento no desenvolvimento histórico do homem. Quando? Somente quando foram estabelecidas certas condições. Ortega menciona duas delas: 1) a crença de que por trás do caos das impressões existe uma realidade estável que chamamos “o ser das coisas”, e 2) a crença de que unicamente o entendimento humano pode apreender a natureza dessa realidade estável. Ora, admite-se comumente que somente os filósofos gregos se aferraram de maneira suficientemente radical a ambas as crenças”³⁵. “Basta assinalar que, como sempre acontece com a vida humana, os gregos abraçaram essas crenças porque certas outras crenças se haviam volatilizado”³⁶. E depois que a filosofia nasceu pela necessidade de substituir as velhas crenças por outras novas, que são aquelas duas enumeradas por Ortega, ficaram tão satisfeitos com sua nova descoberta, que “se mostraram com freqüência surpreendidos de que alguns homens pudessem prescindir da filosofia. Não é a existência filosófica mais completa e mais suportável que qualquer outra? Mas admitir isto equivale a dar por assentada a existência, e excelência, da filosofia, sem prestar atenção aos motivos que tornaram possível a filosofia, e talvez, em alguns instantes,

³³ Ferreira Mora, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 80 - 81

³⁴ Ferreira Mora, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 82

³⁵ Ferreira Mora, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 116 - 117

³⁶ Ferreira Mora, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 117

necessária”³⁷. Deste modo, “os filósofos podem aprender de Ortega que “o primeiro princípio de uma filosofia é a justificação de si mesma” ”³⁸.

– Nesse caso, tornou Bruco, o senhor tem que justificar também essa sua filosofia, isto é, essa que o senhor dá como sendo a “Terceira Jornada” ?

– Tenho.

– E como é que o senhor a justifica ?

– A justificação dela está na crise por que passei em minhas crenças, e pela qual está passando o resto do mundo. O caos reinante em nosso contorno, o protesto vazio dos moços, a desintegração dos costumes e usos, a impotência das religiões face aos novos problemas mostra, mui claramente, que quase todos são do parecer de Anibal Machado que disse, referindo-se ao modernismo da literatura: “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos”³⁹. Ora bem. Aqueles que não sabem definir o que querem, mas movem guerra ao estabelecido, só podem chegar a um resultado: o caos. “As coisas da política chegaram no Ocidente ao extremo de que, à força de ter todo mundo perdido a razão, acabam tendo-a todos. Apenas, a razão que cada um tem não é a sua, mas a que o outro perdeu”⁴⁰. E adverte Ortega: “que desde 1880 acontece que o homem ocidental não tem uma filosofia vigente. A última foi o positivismo. Desde então só este ou aquele homem, este ou aquele mínimo grupo social tem filosofia. O certo é que desde 1880 a filosofia vai deixando progressivamente de ser um componente da cultura geral e portanto, de ser um fator histórico *presente*. Ora, isto jamais aconteceu desde que a Europa existe”⁴¹.

E levantando o mestre os olhos do caderno, e pondo-os nas luzes distantes que davam para a janela, concluiu a menear a cabeça com desdém:

– Quem se arrisca hoje a dedicar-se a estudos filosóficos, para ser, não filósofo, porém mero professor de filosofia, depois não tem cadeira para lecioná-la, porque as autoridades do ensino julgam-na desnecessária. Assim, a cadeira de filosofia é acumulada com outras, só para as quais há registro especial. Um dia, no futuro, estas autoridades serão lembradas com mágoa por aqueles que dirão, referindo-se aos nossos tempos: “naqueles tempos em que as máquinas dominavam, o próprio homem se tornou máquina, e ser autômato do social era o objetivo de todos” ... Porque, sendo a filosofia o ensimesmamento, o entrar cada um em si para ajustar as contas, o submeter tudo à pedra-de-toque da nossa vida inquestionável, segue-se que, o não ter filosofia, é não fazer nada disto, dando, como conseqüência, o não ser autêntico, o não ser si mesmo, e antes, pelo contrário, é viver ao sabor dos acontecimentos, viver sem amanhã, sem projetos futuros de nós mesmos, viver como autômatos, escravos do meio que nos invade, nos domina. Não é o homem que vive, mas o contorno que vive nele. Esta é a crise moderna.

³⁷ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 117

³⁸ Ferreira Mora, Origem e Epílogo da Filosofia, 119

³⁹ Afrânio Coutinho, Literatura no Brasil, Vol. III, T. 1, pág. 80

⁴⁰ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 72

⁴¹ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 165 -166

– Reagindo contra tudo isto, continuou o mestre, fui procurar a minha luz, surgindo esta filosofia que me serenou o ânimo, da qual me dispus falar-lhes. E estou tão seguro de mim mesmo, do que eu sei, que a custo refreio o ímpeto que tenho de sair gritando heureka ! como Arquimedes fez; ou, então, de insultar a todos. E nisto não ando errado, visto como, “de certo modo, o insulto ao vulgo é a tonalidade própria ao “pensador” pois a missão deste, seu destino profissional, é possuir idéias “próprias” opostas à *doxa* ou opinião pública”⁴². Por isto é que a filosofia começa insultando. “Daí a consciência claríssima que Heráclito e Parmênides tinham de que ao pensarem diante e contra a *doxa*, sua opinião era constitutivamente *para-doxa*. Este caráter paradoxal perdurou ao longo de toda a evolução filosófica. Parecidamente Amós, o primeiro “pensador” hebreu, que é contemporâneo de Tales, nos fará constar que ao ser constituído por Deus em sua profissão, Deus lhe impõe este encargo: Profetiza *contra* meu povo. “Todo profeta é profeta *contra* e o mesmo todo “pensador” ”⁴³. Assim, fica justificada, de antemão, minha agressividade contra a doxa, isto é, contra a opinião geral.

Fez uma pausa o mestre, passando a manga da camisa pela testa suarenta, prosseguindo, depois, noutra tom de voz:

– Penso que me plantei bem fundo nos alicerces de Ortega. E, como fez Descartes com o seu “cogito”, também parto da premissa orteguiana inalienável de que “penso porque vivo” ; minha vida é o fundamento irretorquível, indubitável, sobre que me levanto primeiro, para pensar depois. Primeiro, a minha vida; depois, meus pensamentos. Minha iniciação na esfera dos conhecimentos se fez por via social, vindo-me eles da minha circunvizinhança, do meu contorno social, e este me insuflou, com a língua que aos poucos aprendi, todas as noções e verdades sobre o mundo. Assim aceitei tudo de fé, por sugestão, sem perguntar, e quando ousava interrogar: por que ?, como esta interrogação era dirigida aos meus próximos, ou me respondiam: *porque sim !*, ou me davam corrimaçadas de razões que não passavam de desprezíveis doxas que eu, de fé, dava por certas, e as decorava, e as repetia como fazem os papagaios, sem repensá-las profundamente, sem as submeter à pedra-de-toque da minha vida íntima inquestionável. Nesta fase, minha fórmula individual $H = S + P$ (em que H = homem, S = sugestão e P = persuasão) representava um excesso de S , sugestão, com a conseqüente míngua de P , ou seja persuasão. A fórmula orteguiana, nascida do enunciado: eu sou eu e o meu contorno, aplicada, então, a mim, tinha muito de contorno e pouco de mim mesmo. Minha circunstância me invadira, me dominara, me expulsara de mim mesmo, com que o *mim mesmo* meu não passava de puro *meu contorno*. Isto me fazia a mim inautêntico, como quase todo mundo o é, pelo que esse *quase todo mundo* é puro homem-massa. Minha perspectiva sobre o mundo e sobre as coisas era a dos outros, e não, minha própria; por isso, quando apresentava as minhas verdades e razões, eram os outros que falavam em mim e por mim, e por esta causa me fazia sempre muito bem entendido, pois claro: minhas falas eram o lugar comum: e falava a outros que, como eu, não eram *si mesmos*, e sim, seus contornos em que, agora, em relação a eles, eu também me achava. Meu corpo de idéias, era, pois, a doxa, ou seja, a opinião pública do meu grupo, isto é, em cujo seio fui criado. Minha visão, a esse tempo, era ubíqua, quase onimodal, tornando-me eu numa abstração visto que pretendia realizar este impossível: estar no lugar de todos os outros, tendo meu mirante perspectivo no lugar de cada um. Neste tempo da minha vida, eu estava no lugar de todos, menos no meu; pensava com a cabeça de todos, menos com a minha; eu e o meu contorno era-mos um e o mesmo.

⁴² Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 264

⁴³ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 265

E descansando o mestre num pausa, prosseguiu depois:

– Um dia, porém, lendo Ortega, tive uma revelação; tive, enfim, a minha *alétheia*, o meu *apocalipse*. Vi, então, que onde eu me achava, outro não podia estar, visto como dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço-tempo. Portanto, minhas experiências vitais eram só minhas. Assim como minha visão física, a intelectual, a social, a moral, a de valor, a estética, etc., haviam que ser umas perspectivas; observei que estas visões têm variados planos desde mim, até o horizonte, e que, por isto, devia eu estar alerta para não cuidar que o grande e importante era só o que me estava próximo, tapando-me a visão. Aprendi a arte do pintor que consiste em afastar-se do quadro, para ver que efeito tem ao perto e ao longe. Aprendi, então, que, para agir em meu contorno, em meu ambiente, em minha circunvizinhança, de modo que, daí por diante, minhas ações não fossem meras reações, mas, ações de verdade, ações mesmo, eu precisava meter-me em mim mesmo, repensar o que os outros me disseram pela palavra falada e escrita, e, a partir de mim, construir o meu mundo. Fiz isto, sozinho, isto é, na minha solidão mais radical de longos anos, e isto que fiz, e os resultados a que cheguei, quero transmitir a vocês que aqui me ouvem, a fim de que, depois, cada um faça o mesmo, obtendo, assim, cada um, a sua visão própria, com o que se tornará autêntico, e não mais, mero autômato do social.

E ponderando um tanto, continuou o pensador:

– De uma coisa, todavia, tenho certeza: se vocês fossem totalmente inautênticos, não estariam aqui a me ouvir. Cada um, logo, traz consigo sua boa dose de autenticidade, juntamente com sua perspectiva própria sobre o mundo e sobre as coisas. Resultado: nossos estudos, presumo, serão, por causa disto, uma deliciosa e acalorada discussão. Deste modo, todos iremos ver como é a perspectiva de cada um, própria ou adotada, e no final ficaremos com uma visão outra vez ubíqua, quase onímoda, só que desta vez não feita de *doxas*, mas de *epistêmes*. Se “cada vida é um ponto de vista sobre o universo”⁴⁴; se “a realidade cósmica é tal que só pode ser vista sob determinada perspectiva”⁴⁵; donde vem que “a verdade, o real, o universo, a vida – como se queira chamá-lo – quebra-se em facetas inumeráveis, em vértices sem conta, cada um dos quais dá para um indivíduo”⁴⁶; se, por causa disto, “cada homem tem uma missão de verdade”⁴⁷; dando a consequência de que “somos todos insubstituíveis, todos necessários”⁴⁸. Se tudo isto é verdade axiomática, peremptória, inquestionável, porque representa a experiência basilar de cada um, no final de nossa discussão, teremos nossas visões individuais permutadas, e cada um terá, como saldo, uma visão multiperspética, polifacetada, muito de longe semelhante à visão absoluta que é a somatória de todas as perspectivas individuais, a qual só Deus pode ter. Nossa visão será, outra vez, ubíqua, quase oniperspética, só que, desta vez, não mais feita da confusa opinião do povo (doxa) que nos circunda, e que a todo momento nos fala. Este é o sublime ofício da filosofia que, por isto mesmo, não é ciência, mas sabedoria. Partindo da experiência básica e inalienável que cada um tem, de que é um *mirante* do infinito, e ao mesmo tempo ilimitadamente *mirado* pelo cosmo, o primeiro anseio do filósofo é ser onipresente nesse cosmo, vendo, assim, o que só Deus pode ver na sua onisciência.

⁴⁴ Ortega Y Gasset, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 58

⁴⁵ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 218

⁴⁶ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 218

⁴⁷ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 218

⁴⁸ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 218

– Protesto ! atalhou Hierão Orsoni. Foi por querer isso mesmo que, segundo a lenda Satã caiu !...

Lançando para Hierão percuciente olhar, redarguiu o pensador:

– Satanás, como nós aqui, era um ponto individual que mirava o infinito, e cuidou que sua visão era a única verdadeira. Tratou logo, pois, de infinitizar esta visão, de considerá-la a visão absoluta, a visão de Deus. Ora, quem pode ter a visão de Deus é Deus; logo, eu sou um deus, concluiu Satã. Assim, toda vez que um homem cuida que seu sistema de idéias é absoluto, comete o erro de Luzbel, de absolutizar-se, ele, relativo que é. Deste modo, “o pecado de Satã foi um erro de perspectiva”⁴⁹. Comentando este ponto de Ortega escreve Julián Marías: “Sempre que se erige como absoluto um ponto de vista particular, em vez de colocá-lo em sua posição justa dentro da perspectiva total, comete-se um erro que consiste em usurpar o ponto de vista de Deus – permita-se a expressão – que é, precisamente, a infinitude de todos os pontos de vista possíveis, a integração de todas as perspectivas. Por isso costumo dizer que todas as pretensões de “absolutismos do intelecto”, de afirmação de um sistema particular com exclusão dos demais, são formas – ainda que tanto inócuas quanto se queira na intenção – de “satanismo””⁵⁰.

– Deste modo, meu prezado Hierão, Lúcifer cuidou que as coisas eram tanto maiores quanto mais lhe estavam próximas; e o que estava mais perto de si era si mesmo, por isso não podia haver o que fosse maior que si; e conquanto tudo o quanto a vista alcança lhe fosse maior, e tanto que o abarcava, ele sentia-se superior a esse tudo, pela inteligência. Acaso não é esta a visão que tem o homem quando olha a natureza em torno ? Que coisa pode ser então mais alta e superior que ele ? Aí está, meu Orsoni: o fenômeno da perspectiva faz que as coisas miúdas ao nosso redor pareçam grandes, e as grandes, no horizonte, pareçam pequeninas. Porque as miudezas coladas à pupila encham a vista, muitos há que as tomam por absolutas, e saem, pelo mundo, a pregar os seus *ismos*. E era tão fácil deslocar-se o observador em várias posições, enxergar as coisas do ponto de vista dos outros, vê-las ao perto e vê-las ao longe, para depois colocá-las em sua hierarquia real. Dí-lo Ortega, por suas próprias palavras, quando afirma que “a perspectiva se aperfeiçoa pela multiplicação de seus termos e a precisão com que reagimos a cada um de seus planos”⁵¹. Para não falar nos sistemas absolutistas de Fichte, de Schelling e de Hegel, podemos colhe um exemplo entre os próprios filósofos gregos. “Em lugar de considerar a razão como “*uma breve ilha flutuando sobre o mar da vitalidade primária*, os filósofos a confundiram com o próprio mar”⁵². “E como tendemos a projetar em Deus tudo quanto nos parece ótimo, chegaram os gregos com Aristóteles a sustentar que Deus não tinha outra ocupação, senão pensar. E nem sequer pensar nas coisas: isto lhes parecia uma espécie de aviltamento da operação intelectual. Não; segundo Aristóteles, Deus não faz outra coisa senão pensar no pensar – o que é converter Deus em um intelectual, mais precisamente, em um modesto professor de filosofia”⁵³.

– Ora, Hierão ! se absolutizar o relativo é ofício de Satanás, daí que, ao fazer-se absoluto “o diabo acaba assim sendo o antípoda de Deus”⁵⁴, não vejo por que você pode acoimar de

⁴⁹ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 51

⁵⁰ Julián Marías, *Meditações do Quixote*, 217

⁵¹ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 217

⁵² Ortega Y Gasset, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 66

⁵³ Ortega Y Gasset, *O Homem e a Gente*, 68

⁵⁴ Ortega Y Gasset, *O Homem e a Gente*, 113

satanismo o que afirmo, se prego, com Ortega, exatamente o contrário, ou seja, que nossa visão é relativa, e só poderia tornar-se absoluta se fosse possível ter estado observando o universo total de todos os pontos de vista possíveis desde a geração dele, e continuar a olhá-lo deste modo por todo o tempo futuro. E como isto é humanamente impossível, segue-se que a máxima visão humana terá de fazer-se com o maior número possível de pupilas que enxerguem o presente, mal e mal vejam o passado histórico, arqueológico e telúrico, e pior ainda antevejam o futuro. Veja, Hierão, se o reconhecimento disto que nos obriga a ser bem modestos, pode ser atribuído a Luzbel ? Dado a circunstância de o homem ser um ponto apenas no seio do cosmo, não lhe resta outro recurso senão o de permutar visões, senhoreá-las, dar-lhes unidade ou sentido, em suma, tornar-se mui modesta e humanamente sábio. A sabedoria, logo, não pode ser senão a integração de visões, oposta, polarmente, à ciência que é pura visão do particular e restrito. Infnitizar a ciência, tomando-a pela sabedoria, isso sim, foi o erro em que caiu Satã. Por isto é que a ciência, no seu afã de olhar para dentro das partes, a fim de ver se aí enxerga tudo, sempre foi considerada demoníaca.

E continuando a encarar a Hierão, prosseguiu:

– O Demônio, cuidando que sua visão era absoluta, a si se fez absoluto, não precisando, portanto, de ninguém, pois se ele se fizera o centro de tudo, conseqüentemente, tudo havia de estar ao seu redor. E tudo o que ele prezasse, isso seria o importante e grande a seus olhos. Como o que estava mais próximo de si era si mesmo, por isso ele era o tudo. Eu, pelo contrário, apregoando, com Ortega, que não há visão absoluta para quem, como nós, é particular e relativo, acentuo, como fez Ortega, a necessidade de permutar visões, de aproveitar a visão de cada um, em particular, único modo de se obter uma visão geral, ainda assim, léguas mil distante da visão absoluta. Esta necessidade de buscar do alheio a sua perspectiva, para enxergar por ele, e do seu ponto de vista, me faz a mim solidário, fraternal, respeitoso para com, todos: para com o autêntico, porque o é; e para o homogeneamente inautêntico, porque o será ainda, isto é, porque também ele alcançará ainda, a heterogeneidade autêntica, com que será único. Conseqüentemente, e a partir de mim, eu não sou o tudo; minha família não é o tudo; minha pátria não é o tudo; a humanidade de que faço parte, não é o tudo; nem o orbe planetário em que vivo, nem o sistema planetário solar a que ele pertence, nem a galáxia à qual pertence a família solar, nem mesmo o universo a que pertence as galáxias todas ! ... Se prego que todos são indispensáveis, visto como cada homem tem a missão especial de expressar a faceta do divino que está voltada para ele, como pode, Hierão, a minha doutrina orteguiana ser tachada de satanismo ? Se prego que todos são indispensáveis visto que, cada um, tem a missão peculiar de ser um mirante do universo, e de, por isto, expressar uma faceta do divino; se acho que “o fim do homem é revelar em sua existência individual – aqui ou alhures – aquele aspecto peculiar e único da divindade que só ele pode revelar plenamente. Pois como todos os seres da natureza, e sobretudo todos os seres humanos, são originais, únicos e inéditos na sua existência, seres que nunca existiram nem jamais existirão iguais; indivíduos que não são cópias de outros anteriores, e dos quais não serão feitas cópias posteriores – segue-se que cada indivíduo e cada personalidade tem a missão peculiar de concretizar um determinado aspecto da divindade”⁵⁵. E isto é assim, porque o objetivo de Deus é criar o heterogêneo em grau máximo, diferenciado até o anjo que é específico (cada anjo é uma espécie – São Tomás), para, num movimento dialético, ser operada a integração dos opostos e complementares, de modo que surja, da união, uma unidade de espécie superior. Se o fim da diferenciação é a integração, e integração

⁵⁵ Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 2, 75

quer dizer *eros*, *amor*, segue-se que o fim da diferenciação, da diversificação, é o amor. Se a tal resultado chegar, e isto é o que prego, como pode se isto coisa de Satã ?

Fez silêncio o pensador, esperando pela réplica de Hierão, que não veio. Então prosseguiu:

– Deste modo, como vimos, somos prisioneiros das circunstâncias das quais decorrem as perspectivas; daí o enunciado de Ortega: “Eu sou eu e a minha circunstância”⁵⁶. Comentando este passo, Julián Marías escreve isto: “Toda circunstância está encaixada em outra mais ampla; por que pensar que me rodeiam só dez metros de espaço ? E tudo quanto circunda estes dez metros ? Grande olvido, pesada inércia é não responder senão a tão poucas circunstâncias, quando, ***em verdade, nos rodeia tudo !***”⁵⁷. E nesse tudo que nos rodeia, temos perspectivas variadas, multiformes e específicas, isto é, cada uma as suas. E diz-nos Julián Marías: “A verdade, o real, o universo, a vida – como se queira chamá-lo – , quebra-se em facetas inumeráveis, em vértices sem conta, cada um dos quais dá para um indivíduo. Se este souber ser fiel a seu ponto de vista, se resistir à eterna sedução de trocar sua retina por outra imaginária, o que ele vê será um aspecto real do mundo. “E vice-versa: cada homem tem uma missão de verdade. Onde está minha pupila outra não está: o que ela vê da realidade, outra não vê. Somos todos insubstituíveis, todos necessários. “A realidade, pois, oferece-se em perspectivas individuais. O que para alguém está no último plano, encontra-se para outro em primeiro termo. A paisagem ordena seus tamanhos, suas distâncias, de acordo com nossa retina, e nosso coração reparte os relevos. A perspectiva visual e intelectual se complicam com a perspectiva da valoração”⁵⁸. E avançando mais este mesmo pensamento, já se tinha expressado Ortega: “A realidade cósmica é tal que só pode ser vista sob determinada perspectiva. ***A perspectiva é um dos componentes da realidade.*** Longe de ser sua deformação, é sua organização. Uma realidade que, vista de qualquer ponto, continuasse sempre idêntica, é um absurdo”⁵⁹.

Neste ponto, aparteou Hierão Orsoni:

– Se é absurdo que uma realidade seja sempre idêntica, qualquer que seja o ponto de vista que se a olhe, este absurdo terá que ser a visão de Deus.

Ouvindo esta réplica, Árago, presto, folheou seu caderno, e disse para Hierão:

– Então escute isto de Julián Marías, comentando Ortega: “E referindo-se à visão “absoluta” adverte que a soma das perspectivas individuais, a onisciência, a verdadeira “razão absoluta”, “é o sublime ofício que atribuímos a Deus. Deus é também um ponto de vista; mas não porque possua um mirante fora da área humana que o faça ver diretamente a realidade universal, como se fosse um velho racionalista. Deus não é racionalista. Seu ponto de vista é o de cada um de nós; ***nossa verdade parcial também é verdade para Deus.*** De tal modo é verídica nossa perspectiva e autêntica nossa realidade ! Somente que Deus, como diz o catecismo, está em todas as partes e por isso goza de todos os pontos de vista, e em sua ilimitada vitalidade recolhe e

⁵⁶ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 52

⁵⁷ Julián Marías, *Meditações do Quixote*, 206

⁵⁸ Julián Marías, *Meditações do Quixote*, 218

⁵⁹ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 218

harmoniza todos os nossos horizontes”⁶⁰. Assim, a realidade para Deus, não é igual, mas variada infinitamente, como olhada de infinitos mirantes, um dos quais é o nosso.

E voltando-se para Bruco, perguntou-lhe:

– Acaso falta alguma coisa a acrescentar a esta parte ?

– Penso que não. Está suficientemente desenvolvida e documentada a primeira parte desta que o senhor chama epistemologia vital, ou seja, uma teoria do conhecimento aderente às raízes da nossa vida.

– Então podemos entrar na segunda parte que se relaciona mais de perto com a terceira jornada filosófica ?

– Podemos.

– Vamos então a isso.

E quando se dispunha a falar, entrou na sala dona Cornélia com a bandeja de xícaras e o bule de café. E dona Cornélia foi servindo o café, ao tempo em que perguntava, sorridente, pelos familiares dos presentes. Depois do café, e do cigarro que se lhe seguiu, Árago se pôs, de novo, a falar:

– Vimos já que nossos primeiros conhecimentos nos vêm do meio social em que nascemos, por via sugestiva, mantendo-se neles, por toda a vida, a maioria dos homens que, por isto mesmo, são inautênticos. Vimos que antes do advento da razão, que teve início com os pensadores gregos, todos os povos eram místicos, e, por isto, todo o acontecimento corria por conta de Deus. Vimos que cada homem possui a sua história biológica-social, e, em razão disto, *ele é ele e as suas circunstâncias*, não somente físicas, senão, também, psicológicas, culturais, econômicas, morais e axiológicas; que, conseqüentemente, estas circunstâncias todas se nos mostram como perspectivas, donde a necessidade de os homens permutarem, entre si, suas visões perspécticas, único modo de organizar na síntese a realidade do mundo; que todos vivemos numa crença a qual sustenta as nossas aspirações futuras, guia a nossa conduta, e se esta crença entrar em crise, temos de nos dar ao esforço de criá-las, novas, pela produção de pensamentos; que o ensimesmamento que leva cada um se pôr na solidão só consigo, somente aparece muito mais tarde na vida (ou não aparece nunca), forçando-o a que se torne um decifrador de enigmas, isto é, um filósofo; que a filosofia surgiu na Grécia, pela necessidade de substituir as crenças nos deuses, que se tinham volatilizado, sendo aquela uma época de crise igual à que marcou o fim da Idade Média ou Renascença, e que, por crise igual àquelas duas, estamos nós passado hoje, forçando-nos a procurar caminhos novos para o pensamento. Tudo isto vimos na primeira parte desta nossa teoria do conhecimento, faltando, agora, ver a segunda.

E após breve meditação, prosseguiu:

⁶⁰ Julián Marías, *Meditações do Quixote*, 219

– Saíamos, mentalmente destas quatro paredes. Estando nós fora, olhemos de novo o mundo. Já, agora, não nos ocupemos com os longes, mas com os pertos; não com a perspectiva nossa no panorama, porém, com as coisas miúdas que podemos tocar com as mãos. Andando pelo mundo, e olhando ao perto, deparamos com muitas coisas. Pisamos a areia da praia, e sentimos que ela se move e foge debaixo de nossos pés; sentimos que é quente, escaldante, ao sol forte, e fria, à noite. Vemos-lhe a cor esbranquiçada, que aquela ali é fina, e esta, grossa. Maquinalmente peguemos um punhado desta areia grossa, e munidos duma lupa, passemos a observá-la. Verificamos que a areia se constitui de grãos irregulares, uns esferóides, outros ovóides, outros semi-cristalinos. Muitas coisas podemos fazer com a areia, a começar pelas esculturas toscas, desde que ela esteja molhada, até as edificações de nossas casas, desde que juntada à cal e ao cimento. Misturada à argila dá para fazer tijolos que cozemos ao forno de alta temperatura. Tudo isto, e muitas coisas mais, vamos fazendo com a areia, sem nos perguntarmos o que ela seja.

– Esta é a nossa *vida espontânea*, primária, sem problemas, a vida que vivemos a maior parte do tempo. Um homem se levanta cedo, lava o rosto, faz sua refeição matinal, e sai para o seu trabalho da pesca. Estende e puxa a rede, grita para os companheiros que coordenem os movimentos, trás a rede à praia, pega os peixes, põe a rede a enxugar, leva os peixes ao mercado, vende-os todos, compra alguma coisa com o dinheiro, etc. Esta é a vida espontânea, sem problemas que resolver. Até os animais *sem cérebro* a vivem; lá, é uma lula que pega duma pedra chata, e sorratamente vai chegando-se à uma concha; de repente, zaz... , mete a pedra entre as valvas, impedindo o molusco de fechá-las. Depois, comodamente, vai chupando o seu almoço. Noutro lugar, um caranguejo às voltas com um inimigo, pega duas tochas de actinias nas pinças, e com elas ameaça queimar o inimigo que, por isto, se afasta assustado. Mais além, na floresta, um macaco arbóreo, ainda caudado, tenta quebrar um coco, batendo-o contra uma pedra. Uma águia que pegou uma tartaruga, voa com ela nas garras, e, lá de cima, a deixa cair contra um rochedo, a fim de que se quebre o casco, e as carnes se exponham.

– Eis, aí está, exclamou o mestre, o que se chama vida espontânea carente de razão e de razões ! Por causa disto já dizia Goethe, no seu “Fausto” , que “no princípio era a Ação”. Para onde vai a doutrina dos filósofos que sempre acharam ser preciso conhecer primeiro, para agir depois ? Mas tornemos à praia, às nossas andanças sem compromisso, com estes pensamentos a borboletearem, espontaneamente, em nossa imaginação. Em dado momento, acode-nos esta pergunta: o que é a areia ? Feita esta interrogação, nossa atitude se modifica. Cessa a areia de ser-nos um motivo imediato da nossa ação, da nossa atividade, visto que, agora, desejamos conhecer o ser da areia. Estamos, então, a meditar a cerca da areia, e esta atitude é secundária. Quer dizer: o conhecimento não é primário em nossa vida, e agimos antes de conhecer. Por isso que agora não queremos fazer nada com a areia, e sim, saber o que ela seja. Vejam, vocês, que esta atitude é secundária, existe para o homem, e não, para os animais, alguns dos quais também trabalham com a areia e com o barro.

– Que é a areia, Licas ? – perguntou o pensador.

– A areia é... é um ajuntamento desordenado de grãos de quartzo e outros minerais.

– E que é o quartzo ?

– É óxido de silício.

– E que é óxido, e que é silício ?

– Que diabo !... vamos nós agora estudar química ?

– Basta, então, Licas. Perguntei somente para que ficasse evidenciado que o ser da areia nada tem a ver com o que, imediatamente, podemos fazer com ela. Então, o conhecimento é secundário, e o nosso fazer e agir sobre as coisas, primário. E nossa vida, como já vimos, se constitui mais do agir, do fazer, do que do conhecer.

– Os arenitos são rochas, continuou o filósofo, são pedras construídas de grãos de areia, que se cimentam uns aos outros. As massas de arenito formam as montanhas, as pedreiras, de onde destacamos os blocos de pedra de amolar, e as lajes para o calçamento dos passeios. E lá, na montanha de arenito, encontramos árvores, de que comemos os frutos, animais silvestres que caçamos, pássaros e insetos que cantam, enchendo a paisagem de sons e de aromas. Porém, quando nos perguntamos: que é a areia ? que são as pedras ? que são as montanhas ? que são as árvores, os pássaros, os insetos, as flores, o aroma ? estaremos lidando com uma ordem mediata de idéias, sem finalidade prática de fazer alguma coisa. Ora, tudo isto que enumerei pode ser classificado como sendo a esfera dos objetos reais, ou das coisas.

– De maneira, prosseguiu o pensador, que não são os nossos conhecimentos o fundamento da nossa vida, senão que, pelo contrário, a nossa vida, sim, é que serve de alicerce aos nossos conhecimentos. Procuramos conhecer, para *viver melhor* uma vida que já vivíamos, e que existe, para o homem, faz um milhão de anos, e, para os animais e para as plantas, muitos milhões. A razão humana foi criada pela vida, como todos órgãos, para servir à vida, e não, vice-versa, que a razão seja o sustentáculo primeiro de tudo, como queriam os filósofos gregos. O oceano em que tudo se banha e se move, não é a razão, mas a vida. E a vida que chegou a ser razão, no homem, primeiro é espontaneamente vivida, e só depois, num segundo estágio, conhecimento racional. Neste estágio secundário, o homem se pergunta: o que é isto ? e a resposta representa a entrada da vida na fase racional. Agora, que existe uma Razão primeira da qual se derivou a razão humana, que pensou as coisas para que estas tivessem ser e existência, isto é pura suposição, isto é, sub-suposição; até que venha a ser provado, não passa de um suposto e dado como certo e assentado, sem provas. Não é que eu negue isto: apenas não antecipo, e considero suposição, até que consigamos provar. Se todo o racional é real, e todo o real, racional, como queria Hegel, isso ainda iremos ver; por enquanto, o que sabemos, é que nossa realidade radical e inquestionável é a nossa vida, e, a partir dela, as outras vidas, ou coisas com que nos defrontamos ao viver a nossa vida. Em lugar do “cogito” de Descartes, teremos de enunciar, com Ortega: penso porque vivo. Essas coisas com as quais nos deparamos em nossa vida, vamos chamar objetos reais.

– E vamos já, continuou Árago, estabelecer uma noção importante para nossos estudos. Real vem de *res* que quer dizer coisa. E coisa é tudo aquilo que podemos ver, apalpar, sentir se é duro, se mole, se frio, se quente, se tem cheiro, se tem sabor. Coisa é tudo aquilo que tem história, que foi construído no tempo e ocupa lugar no espaço, que tem causa e produz efeito. A areia é causada pela combinação química entre oxigênio e silício, e a cimentação de seus grãos causam as pedras de arenito que dão existência às montanhas areníticas. Coisa é *res*, de onde se deriva o termo real. Fica assentado que não iremos dizer, como o fizeram Parmênides e Platão, que as coisas são sombras da realidade, sombras que formam o mundo ilusório de Heráclito do vir-a-ser, do tornar-se,

do quase não-ser, e, por isso, pouco real. Vamos deixar estabelecido, por enquanto, que o mundo heraclíteano é o dos *objeto reais*, porque se causam, porque estão no espaço e porque têm história com princípio e fim no tempo. Se há algum outro mundo que não seja este, de Heráclito, isso ainda iremos ver. O que agora sabemos, é que esse mundo existe, de fato, porque ele está em nossa vida, e nós, nele. Logo, ele que já foi o objeto das nossas ações, e que também nos fez mover em nossa vida primária e espontânea, terá que ser o ponto de partida para a nossa atitude secundária de conhecimento.

E olhou o pensador para os seus ouvintes, com ar de quem espera alguma réplica. Mas vendo que ninguém se animava a fazê-la, prosseguiu:

– Tornemos todos mentalmente à praia, e peguemos outro punhado de areia grossa para examiná-la, de perto, com a lupa. A areia se constitui de grãos de minerais, sobretudo, de quartzo. Reparando bem, notamos que aqui está um grão de areia igual àquele outro. Aqui está um terceiro grão que é semelhante aos dois anteriores, porque, conquanto pareça igual, é maior. Temos agora sob o foco da lupa um grão esferóide, ali está um lentiforme, mais além se acha uma lasca de quartzo prismática. Então nos perguntamos: que é igualdade ? que é semelhança ? que é esferóide, e que é esfera ? que é lentiforme, e, elipsóide, e, elipse ? Falando de esfera vem-nos à mente a idéia de círculo e de circunferência: que é o círculo ? que é a circunferência ? O Sol é um círculo ? é uma esfera ? A Terra é um esferóide achatado nos pólos ? Acaso o universo é um punhado de areia ampliado rodopiando no espaço ? E o prisma, que é ? que é o triângulo ou quadrado de sua base ? que são os números que registram a quantidade de grãos de areia ? que é a quantidade ?

– Ora meus amigos, concluiu o mestre, já se vê que tudo isso não são coisas. Igualdade, semelhança, círculo, triângulo, número, quantidade não são coisas. Mas estão nas coisas, e sem essas não-coisas, as coisas ser-nos-iam incompreensíveis. É impossível conceber uma coisa sem nenhuma forma; tentem fazê-lo ! As formas fazem parte *integrante* da realidade, e sem elas, a realidade seria ininteligível. Mas só a essência isolada, separada do seu conteúdo, da substância que lhe enche o vazio formal, também não é realidade; pode existir na nossa cabeça sob o aspecto de abstração, de pura idealidade, mas sem objetividade no mundo exterior e real das coisas. Assentemos bem isto: não há realidade constituída só de forma, tampouco, só de matéria, visto que ambas formam um par inseparável na realidade de qualquer ente ou coisa.

– Se as formas, as essências, separadas daquilo que representam, não são objetos reais, o que são então ? – interrogou Hierão Orsoni.

– Pois não podem ter outro nome que não *objetos formais*, visto que dizem respeito às formas das coisas. E como estas formas tanto estão nas coisas como em nossa inteligência, podemos chamá-los, também, *objetos ideais*. Em relação a nós, estes objetos formais primeiro estavam nas coisas de onde nossa inteligência abstraiu, e se não estivessem lá, não poderiam ser abstraídos. E isto é axiomático, até para o Kant velho, isto é, para aquele Kant que, depois de escrever a sua “Crítica da Razão Pura”, publicada aos cinquenta e sete anos (este é o Kant, para a filosofia, moço), declarou, em outra obra denominada “Antropologia”, que o homem descende do macaco, este, dos seres que lhe ficam abaixo, indo esta ancestralidade até à matéria inorgânica no caos primevo de que surgiu o universo. Diz ele: “*É possível que um chimpanzé ou orangotango, por meio do aperfeiçoamento de seus órgãos, se torne em um ser humano numa*

época futura. Revoluções ocorridas na natureza poderiam forçar o macaco a andar ereto, **a usar as mãos como instrumento e a aprender a falar (...)**” Mais:

– “O autor da frase tão difamada e tão apaixonadamente discutida de que **o homem descende do macaco** não foi, portanto, Darwin (Darwin expressava-se com muito mais prudência) e sim o filósofo idealista Emmanuel Kant”⁶¹. Face a isto, quando é que o homem pode proferir as belas palavras de Kant, repetidas por Beethoven: “Por cima, o céu estrelado, e dentro, a lei moral” ? Que lei moral podia achar-se dentro do pré-homem macacóide, que só se distinguia dos macacos por ser antropófago ? Pois se dentro do homem-símio não podia ainda haver a tal “lei moral”, segue-se que a “Crítica da Razão Prática” de Kant não passa de puro preconceito, como o declara dela Bertrand Russell. Antes de Laplace, Kant já tinha exposto a sua teoria da origem do mundo. Se para Kant, o velho, a razão e a moral desenvolveram-se com o cérebro, são históricas, tendo tido ambas princípio no tempo, segue-se, muito naturalmente, que não é o homem que põe às coisas as suas essências, senão que as essências são tomadas das coisas pelo homem. Derrocou-se, assim, o grande edifício metafísico idealista; a inversão copernicana de Kant, desinverteu-se de novo; as coisas nos dão as suas essências, como pensaram e disseram os filósofos realistas; Kant se refutou a si mesmo, pelo único modo possível: com a doutrina da evolução. Ora, se isto é peremptório até para o velho Kant, não mais pode haver quem nos possa contestar.

E feita uma pausa, prosseguiu, noutro tom de voz:

– Em nossas andanças pela praia, já conseguimos dois **objetos para conhecimento**, isto é, que não têm nada a ver com a nossa vida primária, espontânea. Nesta atitude secundária de conhecer, tivemos de considerar que as coisas são um par dialético inextricável, constituído de forma e de conteúdo. Cumpre-nos, agora, aprofundar este assunto, e ver se esse par é redutível um ao outro, e, depois, se a vida se reduz a um de ambos, ou se é um objeto à parte, pertencente a outra esfera independente. Mas este assunto é demasiado largo para tratarmos esta noite. Proponho deixarmos isto para amanhã.

A estas palavras de Árago, todos deram o tema do dia por encerrado, e cada um foi tratando de preparar-se para ir-se embora.

Capítulo II

⁶¹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 114

Objetos do Conhecimento

No outro dia, tanto que caiu de todo a noite, um após outro, todos se foram chegando à casa do pensador de Cananéia, e, familiarmente, entrando para a sala da biblioteca. Árago não se fez demorar, e estando todos reunidos, principiou a falar:

– Vimos ontem, que temos duas espécies de objetos para conhecimento, que são os reais e os formais. Que a forma está inextricavelmente jungida a seu conteúdo, sendo impossível que uma coisa seja só forma vazia, oca, ou, então, feita só de conteúdo, só de matéria, sem forma alguma. Os dois objetos *são*; porém, não pertencem à mesma esfera. São de esferas diferente, e, por isto, irreduzíveis entre si. Nossa inteligência apreende, abstrai o formal das coisas, com o que a forma passa a estar nas coisas e em nosso espírito. Então os filósofos, operando com essa formalidade existente em suas inteligências, acabaram concluindo que essa é o ser. Operando a dicotomia entre forma e matéria, cuidaram que o ser é só a forma, criando incoerências infundáveis. Lá nos vem um matemático e astrônomo, mostra-nos uma fórmula, e nos diz: eis, aqui está o universo ! Vem Aristóteles e nos diz “que a forma sem matéria “não é””, como vocês podem ver no M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 105. Depois o mesmo Aristóteles declara, e está na página 98 da mesma obra, que em Deus não há matéria, conquanto haja forma. A forma pura, sem matéria *mão é!* ora, Deus é forma pura sem matéria alguma; logo, Deus *Não é!* Pode ser de outro modo, Chilon ?

– Não... não pode...

– Então é corrigir o que disseram os filósofos, procurando nós, a nossa verdade. Eu pego um objeto na mão, e verifico que ele se constitui de forma e conteúdo. Imagino o objeto, e verifico que ele aparece como imagem, no meu mundo subjetivo. Aquela forma que está na minha imaginativa é a forma reflexa, vazado em matéria mental espectral, cópia fiel daquela outra, objetiva, que co-está com o conteúdo no objeto fora de mim. Essa forma real é que não pode ser separada na realidade do ser. Se Deus é dessa *forma-real*, ou terá conteúdo que co-está com essa forma real, ou não é ser. Forma vazia de conteúdo, só pode existir subjetivamente em nossa imaginação, consistindo destas imagens-formas o mundo dos artistas, o mundo quimérico, mas lindo, de Walt Disney. As imagens, como correspondem às formas, aos objetos, são, como eles, individuais, coloridas, vivas, moventes. Sobre estas imagens, nossa inteligência começa a operar uma generalização, dando como resultado um outro tipo de imagem, uma imagem geral, em que só os caracteres gerais são considerados. Das imagens de todos cavalos que já conheci abstraio um esquema geral, riscado no éter apenas os contornos, a que chamamos *conceito*. Quer dizer que a realidade se nos apresenta em três planos de profundidade: em cima temos a primeira que é o nosso mundo à mão, primário em nossa vida, e nele não só agimos nós, como também os animais. Esse é o mundo sensorial em que vivemos a maior parte da nossa vida, a nossa vida espontânea. O segundo plano do real, é esse mundo refletido em nosso mundo subjetivo, em que se espelha a realidade exterior. É o submundo das imagens onde trabalham os artistas, não só refletindo simplesmente o que se acha fora, como criando imagens fictícias sem correspondente no mundo primário. Esse mundo interior da imagética, também é dinâmico, colorido, vivo, tanto como o mundo real. Mas a vida, em nós, aprendeu a reunir esse calidoscópico de imagens em generalizações, em conceitos. Quer dizer que os conceitos são a organização do calidoscópico imagético, reflexo secundário do mundo exterior. Os conceitos, já se vê, é o terceiro mundo, o mais

profundo em nós, onde só opera o homem, que chamamos abstrações. Os conceitos são como que *orgãos da razão*, como diz Ortega, e é por meio desses órgãos que a razão vê, com sua visão intelectual. Todos nós operamos nestes três mundos, porém, uns homens operam mais em um do que nos outros. As matemáticas são um operar neste terceiro mundo das idéias puras. E assim como os artistas criam ficções no mundo das imagens, os matemáticos criam-nas também no terceiro mundo das idéias puras. Assim, pela extensão da geometria analítica, chegamos a outras dimensões além das três reais do espaço, dando-nos supostos corpos tetra ou penta dimensionais que são os poliedros do hiper-espaço, sem realidade nenhuma no mundo primário dos sentidos, e sem representações no segundo mundo das imagens. Quando o matemático se desprende da realidade, para criar ficções, passa a ter validade o que disse o matemático, antes que filósofo, Bertrand Russell; diz ele que, em matemática, não se sabe do que se está falando, nem se o que se diz é verdadeiro. Uma tal matemática que perde o contato com a realidade, matemática feita toda de idealidades formais puras, guarda relação com a imaginação fantasiosa do artista, que nos enleva e nos encanta, mas que não nos dá o real. Mas o filósofo pode também perder-se neste terceiro mundo dos conceitos puros, e ficar falando, aereamente, do que não é real. Não podemos, diz Bertrand Russell, “não podemos abordar todos os nossos problemas filosóficos mediante o método objetivo, mas vale a pena segui-lo até o ponto em que ele nos leve”⁶². E isso faremos.

Disse. E pôs-se o mestre a procurar um objeto que deixara à mão, para exemplificar o que tinha em mente dizer. E tendo-o achado debaixo de uns papéis, exclamou:

– Está aqui !... Vocês estão vendo aqui um estojo de cerzir meias que peguei da Cornélia. É um elipsóide de madeira, separável em duas metades pelo meio; uma parte se rosqueia à outra, de sorte que o oco do estojo serve para guardar agulhas, dedal e linha, enquanto que a caixinha, no seu todo, serve para ser metida dentro da meia que se vai cerzir. Pois bem. Este estojo é um elipsóide regular, feito no torno. Como vocês vêem, possui forma e conteúdo. A forma é o elipsóide, e o conteúdo, a consistência, a substância de que o elipsóide é feito, é madeira, ou matéria, pois a palavra matéria teve sua origem em madeira, como refere Ortega. E continuou:

– O corte deste estojo em vários planos do espaço, pode dar-nos várias formas geométrica, principalmente círculos e elipses. Então nos perguntamos: que são círculos ? que são elipses ? Coisas não são, porque não os podemos pegar na mão, e examinar. Da mesma natureza que estas elipses e círculos, são os quadrados, os retângulos, os triângulos, as esferas, os poliedros todos, os números, as funções matemáticas, os teoremas geométricos, as leis e princípios científicos, enfim, todos os objetos matemáticos que são os que já denominamos formais ou ideais.

E voltando-se o pensador para Bruco interrogou-lhe:

– Quando é Bruco, que estes objetos ideais tiveram princípio ? Acaso houve um tempo em que, por exemplo, a idéia de triângulo não existia ? Como se deu a evolução do triângulo, do círculo e do prisma ?

– Não, esses objetos não tiveram começo no tempo. Foram descobertos pelo homem, e se digo *descobertos*, e não, *inventados*, segue-se que admito que eles existiam antes de descobertos. Se não tiveram princípio no tempo, também não terão fim. Estão fora do tempo; são intemporais.

⁶² Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 88

– Logo, prezado Bruco, se não tiveram princípio no tempo, nem história, também não tiveram causa ?

– Claro que não. O que não tem começo nem fim, ipso facto, também não tem causa. Os objetos ideais são incausais. As figuras geométricas podem ser construídas, mas não causadas; nada causa o círculo, o quadrado, o triângulo. Eles o são de todo o tempo passado e o serão por todo o futuro. Eles são intemporais, já o disse, e, conseqüentemente, incausais.

– Se não tiveram causa, nem são temporais, não existem; porque existir vem de *ex-sistere*, e significa ser posto no tempo. Como os objetos ideais são incausais e intemporais, não existem. Está certo, Bruco ?

– Está. Os objetos ideais não existem, mas são. O ser deles é fixo, imutável. Imutabilidade é propriedade correlata com a incausalidade e a intemporalidade.

– E sendo, prezado Bruco, os objetos ideais fixos ou imutáveis, sem transcorrência no tempo, pelo que *são*, mas *não existem*, ipso facto não têm polaridade, por que tudo o que existe tem o seu contrário. “O mesmo mundo (diz Vieira) está fundado numa concórdia discorde, e não há coisa nele que não tenha o seu contrário”⁶³.

– Exato. Os objetos ideais não têm contrário; não há círculo e anti-círculo, triângulo e anti-triângulo, lei e anti-lei; princípio e anti-princípio. Tudo o que *existe* não só tem o seu contrário contra o qual se opõe, como possui contrariedades internas, íntimas. Ora, os objetos ideais não têm contrário, nem contrariedades internas; logo não existem. Não existem mas *são*, e *o que é* não tem contrário, visto como o contrário *do que é* seria *o que não-é*, seria o *não-ser*.

– Por conseguinte, Bruco, o conteúdo é o *não-ser*, visto que se opõe à forma que *é* ?

– Assim pensava Parmênides à frente de todos os eleatas, daí o dizer ele que o ser é ideal, e não, substancial. E nós temos que concordar em que a pura substância, o conteúdo sem forma, *não é*. Conseqüentemente é a forma que da ser ao conteúdo.

– Bom. E a forma, sem conteúdo, *é* ?

– Idealmente *é*, mas realmente, não *é*. A forma sem conteúdo é como os cem táleres ideais que não se achavam no bolso de Kant. Por isso, a forma, para que não seja idealidade vazia e irreal, precisa estar junjada ao seu conteúdo. E isto vale também para Deus que não pode ser forma pura, sem matéria alguma, como queria Aristóteles. Ou Deus também possui conteúdo, com que também é material, ou é formalidade pura, vazia, oca, sem realidade. E um Deus pura idealidade, é como, outra vez, os cem táleres ideais de Kant.

– Está certo Bruco. O que nos interessa, por agora, é que os objetos ideais não têm polaridade. E acaso, esses objetos ideais ocupam lugar no espaço ?

⁶³ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 19, 312

– Que espaço ? O senhor se refere ao espaço subjetivo ou formal, ou ao espaço real, objetivo cheio de matéria ?

– Falo do espaço objetivo e material.

– Ora, prezado Árago ! estará o senhor zombando de mim, com fazer perguntas pueris ? É claro que os objetos ideais não sendo materiais, não ocupam lugar no espaço objetivo. Os objetos ideais são inespaciais. Agora, no espaço subjetivo eles...

– Basta, meu caro Bruco ! Não antecipe essa questão ligada a outras que ainda não estudamos. Por agora observemos isto: os objetos ideais são inespaciais. Mas serão eles de validade universal, Bruco ?

– São. É impossível que haja algum lugar do universo que o triângulo não tenha três ângulos; que, pela geometria euclidiana, o quadrado da hipotenusa não seja a soma dos quadrados dos catetos; que a lei das alavancas e o princípio de Arquimedes não sejam válidos. Sim senhor, os objetos ideais têm validade universais, são universais.

– Está certo. Podemos então dizer que os objetos ideais são incausais, intemporais, inespaciais, imutáveis, universais e não polarizados. Seis categorias achamos para os objetos ideais. Para corresponderem ao Ser de Parmênides, falta só serem únicos e infinitos. Que me diz a isso Bruco ?

– São únicos ou unos. Sendo os objetos ideais conceitos, e sendo conceitos generalizações ou universalizações, são únicos. Não é possível que haja dois conceitos diferentes para uma mesma coisa. Não há duas idéias diferentes de triângulo, de círculo, de esfera, de elipsóide, de cavalo, de ave, de peixe. Sim senhor: os conceitos, ou objetos ideais, são unos para cada espécie, eles representam a unidade abstraída da diversidade dos indivíduos. Mas a idéia de infinito, como traz implícita, em si, a co-idéia de espaço, não pode ser aplicada aos objetos ideais porque estes são inespaciais. E se Deus é infinito, esta categoria só pode dizer respeito ao conteúdo que enche o espaço objetivo. Não senhor ! os objetos ideais não são infinitos porque são inespaciais, e ainda porque lhes intuímos os limites riscados em nossa ideação de espaço em nosso espaço subjetivo.

– Bem deduzido, meu caro Bruco. Então, àquelas seis categorias dos objetos ideais, acrescentaremos mais esta: eles são únicos ou unos em suas espécies. Agora, o mesmo que fizemos com os objetos ideais, vamos proceder com os *objetos reais*. Acaso estes também são unitários, meu Bruco ?

– Ao contrário de unos, são múltiplices, e em vez de gerais são particulares, em oposição à universalidade, apresentam-se como entes individuais. E ocupam lugar no espaço objetivo, material, pelo que são, por toda parte, limitados pelas três dimensões. Estão no tempo, e possuem história iniciada com seus nascimentos, e se encaminham para um epílogo ou fim, que é quando deixarão de ser o que são, para transformar-se em outra coisa. Assim, cada coisa “vive” e se transforma; e se estão sempre a transformar-se, segue-se que procederam de um antecedente e se encaminham para um conseqüente. Sendo o antecedente a causa e o conseqüente, efeito, os objetos reais são causados, possuem causa. Como estão no tempo, *existem*; como se transformam, diferenciam-se de um estado homogêneo para um heterogêneo. Nesta diversificação, tornam-se

antitéticos, polarizados; e a oposição entre a tese do estado anterior e a antítese, do posterior, resume-se na síntese de uma outra unidade de espécie mais alta. O homem, quando nasce, por exemplo é um andrógono, reconhecível só pelo sexo, e não pelos caracteres sexuais correlatos. Daí o perguntar-se sempre a respeito duma criança, se é menino ou menina. Com o correr do tempo, tais andrógenos de sexos opostos, se diferenciam em homem e mulher. Casando-se, ambos vêm a formar uma nova unidade vital, a família, com propriedades peculiares que não podem ser achadas nos indivíduos isolados. A polaridade, a contradição ocasionada pela diferenciação, levou à união de opostos, a harmonização deles em nova unidade. De igual modo, o elétron negativo se associa ao próton positivo, e disso resulta o átomo. Os átomos são antitéticos entre si, de polaridades contrárias, sendo positivos os metais e negativos os metalóides; resultado: do casamento entre dois átomos surge nova unidade, a molécula. E assim por diante. Quer dizer que os objetos reais são polarizados, ao mesmo tempo em que possuem contradições e polaridades internas. Isto, que digo, vale desde o elétron até o universo que, na etimologia do mesmo nome, traz a contradição de uni + verso, isto é, a unidade mais a sua contrapartida diversidade.

– Muito bem, Bruco ! Os objetos ideais *são*, e os objetos reais também *são*, porém, em esferas diferentes, e irreduzíveis entre si. O primeiro é essencial, no passo que o segundo é substancial. Essência e substância, eis a dualidade polar do ser tanto para o elétron, como para o universo, como para Deus. Os objetos ideais não se causam, não se sujeitam às contingências nem do espaço, nem do tempo, nem da polaridade. São unitários em suas espécies, agasalhando um universo de formas individuais que nossa imaginação concebe e nossos olhos vêem. Cada conceito é um leque que se abre para os individuais, no mesmo tempo que se liga ao corpo dum leque maior cujo cabo é Deus, o Ser por excelência. Podem ver que é assim: o elétron possui forma e conteúdo, e o próton, também. Pois ambos se casam para a formação do átomo que também se constitui de essência e substância, assim para os metalóides, assim para os metais. Metais e metalóides, respectivamente positivos e negativos, entrosam, por sintonia, suas órbitas eletrônicas, surgindo desta conjugação, os compostos químicos, outra vez, constituídos de forma e conteúdo. E assim passamos para as moléculas complexas, moléculas gigantes, para o vírus na raiz da vida, para os seres unicelulares, para as colônias, para os seres vivos inferiores, subimos por toda a escala da vida até os macacos superiores de que surgiu o homem-símio, ancestral do homem comum e do gênio. Se pegarmos por outro ramo, a partir dos elétrons, prótons e átomos, acharemos outra construção em que se contém a rocha, a montanha, a Terra, o sistema planetário solar, a Via-Láctea, as demais galáxias, o Universo. Qual é, pois a essência do universo, Bruco ?

– A essência do universo é um universo de essências que, da unidade, abre as asas ambas, essência uma, e substância a outra, sobre a imensidade de formas menores até o número sem conta das individuações subatômicas. Uma asa é a essência, e a outra, a substância; e casada uma asa à outra, forma o leque universal uno e vário, que isto quer dizer uni-verso.

– Bonito, Bruco !... Gostei da figura com que você representou o universo das essências-substâncias ! Há dois leques (asas, como quer o Bruco) coincidentes, jungidos, colados, sendo um o das substâncias, e outro, o das essências e um não é *ser real* sem o outro; e ambos são irreduzíveis entre si, pelo que a forma ideal, nunca pode tornar-se no substancial. E sendo ambos de esferas diferentes e irreduzíveis entre si, como se foram duas mônadas de Leibniz, como é que se comunicam entre si, Bruco ?

– Como se comunicam ? Ora, como se comunicam !... Pois se comunicam do modo como não podemos separar a forma desse elipsóide, aí, sobre sua mesa, da sua matéria ou madeira. Quem quiser saber como se comunica a forma com o seu conteúdo, que tente separá-los, e veja se os pode ter isolados, a forma de um lado, e o conteúdo do outro. Essa dicotomia, essa bissecção destruiria o ser do sólido geométrico. É assim que se comunica a forma com o seu conteúdo. A forma só se separa do seu conteúdo *idealmente*, não, porém, *materialmente, faticamente*. Isso que seria muito difícil de entender, constitui nossa experiência sensível, como se fôra um dado imediato da natureza. Trata-se de um axioma natural, e, por isso, sem necessidade de demonstração. Mas quem exigir a demonstração deste axioma, que faça o que eu digo: que separe a forma do elipsóide do seu conteúdo, e nos entregue, separados, a forma numa mão e o conteúdo, na outra...

Seguiu-se uma longa pausa após as palavras de Bruco, e ninguém se atreveu a tentar a prova do que Bruco chamava: *axioma natural*. Rompendo o silêncio, exclamou o mestre:

– Resumindo, temos, então, que os *objetos reais* se causam uns aos outros, são causais; sujeitam-se às contingências do tempo, como que vêm a ter princípio e fim, sendo históricos; estão no espaço porque possuem as três dimensões; são múltiplos, variados, individuados: possuem polaridade, não só em si, com que se opõem a outros com os quais se harmonizam em unidades maiores, senão que também possuem contradições internas, porque tudo o que existe se forma de unidades menores também polarizadas, também integradas. Já os objetos ideais não se causam, não se sujeitam às circunstâncias nem de espaço, nem de tempo, e ainda não são polarizados, visto que não possuem contradições internas. O triângulo, o círculo são construídos, porém, não, causados; não se pode conceber seja possível que, nalgum lugar ou tempo do Universo, ele não possua três lados; que todos os pontos duma circunferência não distam igualmente do centro; que o princípio ou lei das alavancas não seja válido. Todos os objetos matemáticos, todas as relações entre as coisas, todos os conceitos ou essências são *objetos ideais*. Todos os peixes do oceano são objetos reais de *res = cosa*, porém, o conceito abstrato, a forma genérica ou essência dos peixes é *objeto ideal*. Também não se concebe que as relações matemáticas, as figuras geométricas, as leis e princípios científicos não existiam antes, e depois surgiram para ter existência no tempo. Os objetos ideais são intemporais, estão fora do tempo, do existere, da existência. Podem ser descobertos, mas não, criados. São uns com os outros numa conexão, não causal, mas ideal, do mesmo modo que uma premissa não causa as conseqüências, e sim, que as conseqüências já se acham implícitas na premissa dum silogismo. Por isso, a causalidade está para os *objetos reais*, assim como, a implicação, para os *objetos ideais*.

E após o descanso numa pausa, continuou o pensador:

– Neste mundo que tenho à mão, no dizer de Heidegger, e que me rodeia, constato tudo isso. Eu que vivo a minha vida, que tenho inúmeras perspectivas do mundo, e as que não tenho, busco ver com os olhos dos outros; eu que posso manipular e ter esse mundo à mão, que sou, Chilon ? Acaso sou um *objeto ideal*, acaso, *real* ?

– Pelo menos o seu corpo de matéria, sujeito, como está, à espacialidade, à temporalidade, às modificações e à causalidade, não pode fugir a essa classificação: seu corpo é um *objeto real*, ou coisa entre as coisas.

– Contudo, eu não sou só o meu corpo, senão que também possuo uma razão que arrazoa e entende o mundo. Acaso é a mente uma coisa ?

– Sua razão, tornou Chilon, tem de ser situada entre os objetos ideais, visto como trata, em seu âmbito, de objetos ideais, assim, como de igual para igual.

– Mas minha razão nasceu, brotou da minha vida, e, como esta, é histórica, está no tempo; e, como já vimos, os **objetos ideais** são intemporais e incausais. Minha vida de que brotou a razão, como se vê, encerra em si essa dupla possibilidade, de ser **objeto real**, por uma parte, e **objeto ideal**, por outra. Minha vida não pode ser uma coisa, visto que não pode ser manipulada como fazemos com os objetos reais. Um biologista, se disseca um animal, desde logo trata só com a matéria de um cadáver. A vida não se aprisiona em tubos-de-ensaio e nas retortas, simplesmente, porque não é coisa. Objeto ideal, também, não pode ser, porque ela é causada, está no tempo, muda-se ou se transforma, e os objetos ideais não se causam, sendo o que são eternamente sem mudança. Conquanto a minha vida não seja espacial, por isso que não é coisa, é temporal e muda sempre, sendo ela, propriamente o que vai ser, e ainda não é. Como não posso situar minha vida nem como objetos reais, nem como objetos ideais, tenho de abrir nova classe, e dizer que ela se situa entre os **objetos vitais**.

E depois de mergulhar em profunda meditação, tornando ao tema, prosseguiu:

– Dentre todos os objetos encontráveis em minha vida, eu me deparo com minha própria vida, e me pergunto: **o que é a vida ?** Tanto que me formulo esta questão, ocorre-me que saber o que uma coisa é, é muito mais difícil do que saber **como ela é**. Todos podemos saber como é o Sol, e discorrer largamente a respeito dele. Mas quando se nos pergunta: o que é o Sol ? Agora, não sei de ninguém, no mundo, que me possa responder. Primeiro, portanto, convém saber **como é a vida**, antes de, **o que é a vida**. Porque depois desta nossa perquirição, teremos de saber se a vida é ou não é redutível aos dois termos anteriores **forma** e **conteúdo**. Se a vida não for redutível a qualquer dos objetos anteriores, terá de ser tratada à parte, com o que apareceria uma terceira mônada, um terceiro termo irreduzível. Por enquanto, para nós, o universo é uma unidade dialética, uma unidade que agasalha em si uma dualidade de termos contrários irreduzíveis entre si. Será a vida um terceiro termo, Chilon ?

Interpelado, assim, começou Chilon a pensar em voz alta, como que em monólogo:

– Bom. A vida, como já ficou dito, não é um objeto real, porque não é uma coisa que ocupa lugar no espaço. Os seres vivos, pelos seus corpos, ocupam lugar no espaço; porém, a vida mesma, a vida que está nos seres vivos, e os tornam tais, essa não ocupa lugar no espaço, não sendo, por conseguinte, coisa. Além disso, as coisas estão na minha vida, sendo ela o continente, e as coisas, o conteúdo. E não é possível que o continente possa ser contado como conteúdo de si mesmo; pode ser conteúdo, somente, em relação a um continente maior que o abarque. Todavia, como é a minha vida que contém todas as coisas, porque todas as coisas estão na minha vida, por isso ela não pode ser uma coisa.

– Alto lá, Chilon ! bradou Bruco. Cuidado com esse seu devaneio. Sua vida, então, contém todas as coisas ? Como é então que todas as coisas estão na sua vida, se todas as coisas também se acham fora dela ? Todas as coisas estão na sua vida ? Pois como é, então, que você, e todas as

demais coisas, também estão na minha vida ? Todas as coisas estão na sua vida, do mesmo modo como um grande espelho reflete em si, pelo menos, a metade do mundo. Dir-se-á, então que o espelho está na outra metade do mundo, na linha divisória entre as duas metades ? Bom argumento seria esse, se eu não colocasse dois espelhos grandes, costa com costa. Acaso esse duplo espelho não é coisa, só porque contém em si, inteiro, o mundo ? Pois sua vida, meu caro, é como esse espelho duplo; o que ela contém não é o mundo real, senão, o reflexo dele. E como o espelho duplo é coisa, por isso sua vida também pode sê-lo. Veja que a natureza do refletido não é a mesma da do reflexo. Trata-se da realidade em dois planos diferente, e se os planos são diferentes, não se pode, assim, falar em conteúdo e continente.

– Está certo, Bruco. Passo, então, esse argumento. Mas a vida não é objeto real porque não está no espaço.

– Pode ser que esteja, meu nego, se a vida se reduzir à energia, e esta, à matéria, estará aí, como a vida passa a ocupar lugar no espaço. Energia e matéria são termos redutíveis entre si; e se a matéria é espacial, se-lo-á, também a energia; ora, se a vida não proveio da energia, de que surgiu ? do nada ?

– Então, não sei mais nada ! O que sei é que a vida não é *objeto ideal*, porque este é fora do tempo, do espaço, não possui causa nem polaridade. E a minha vida é causada, tem história no tempo, e possui polaridade pelo que sou, como todo mundo, um esquizóide contraditório. Vivo mudando, e agora mesmo tive de mudar de parecer, face à lógica irretorquível de Bruco. Mas se a vida é coisa, isto é, *objeto real*, quero que Bruco me explique isto: é precisamente em relação ao tempo, que minha vida se mostra diferente dos objetos reais ou físicos. Os objetos reais, físicos, inanimados, quando em movimento, possuem leis próprias pelas quais se pode predeterminar suas trajetórias. Quer dizer que, em relação aos objetos reais, podemos conhecer o futuro, seja quanto ao movimento, seja quanto à transformação. Em relação à vida de um animal inferior, ainda é possível algumas previsões, por causa do determinismo instintivo. Porém, meu futuro é imprevisível, porque minha vida possui um elemento novo: o livre-arbítrio. Pelo livre-arbítrio, eu me torno autônomo, e esta palavra vem de *autos* = próprio e *nomos* = lei. Isto quer dizer que eu sou a lei do meu próprio desenvolvimento. Se eu sou a lei que rege as minhas ações, elas serão imprevisíveis para os outros, não podendo ninguém me pretraçar o programa que devo executar, ou a trajetória da qual não poderia fugir, como dela não se afasta um planeta, uma estrela, um sistema galáctico, um elétron orbitário atômico, ou um simples móvel ao qual se imprimiu um impulso, numa dada direção. Meu futuro não é previsível, porém, idealizado por mim, e é essa idealidade do futuro que movimenta e dá ser à minha vida. Vivo do futuro e em função dele. Esse futuro se vai tornando presente, e o presente, passado. O presente é um futuro acontecendo; é um futuro sendo passado. O que será, já é; e o que é, já foi. Assim o expressa Vieira ao dizer: “Tudo o que há neste mundo, não tem mais ser que um instante. O que foi, já não é; o que há de ser, ainda não é; o que é, não é mais que no instante em que passa”⁶⁴. Não existe o presente, senão como linha divisória entre o futuro e o passado. No entanto, o passado se constrói do presente, e este, do futuro, donde se pode enunciar: *o passado se constrói do futuro*. Eu planejo o meu futuro, e me ponho a o executar, tornando-o efetivo. Por isso, o futuro é o motor das minhas ações presentes. E como eu sou livre de planejar o meu futuro, não posso deixar de lado esse fator da vida, *a liberdade*.

⁶⁴ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 2, 376

A este argumento de Chilon, retrucou Bruco:

– E o passado ? Acaso é morto ? acaso não existe ? O passado é como a cauda que dá segurança, apoio e equilíbrio a muitos animais inferiores. Dava apoio ao tiranossauro, e o dá, ainda, ao canguru; dá equilíbrio ao cão que atravessa uma pinguela, e ao esquilo para os seus saltos; e ao macaco arbóreo, ainda lhe serve o rabo de instrumento de prender e segurar. Também nossa vida, Chilon: querendo o futuro, apoiamo-nos no passado, nos hábitos, nos instintos que, conforme pensa aí, Hierão, são *hábitos inatos*, isto é, hábitos que não nasceram nesta existência corporal, mas sim, em outras que tiveram os nossos espíritos. Esse passado resiste como misoneísmo, que é a inércia mental e social. O passado é como a língua de Esopo: a melhor e a pior coisa que existe. É a melhor, porque nos assegura nas conquistas; se ele não existisse, estaríamos sempre a refazer o feito que continuaria sempre novo a ser preciso refazer. É a pior coisa, porque nos prende e nos impede os arrojios. Não ter passado é não ter resistências em que nos sustentar para nos propelir para a frente. Rebelar-se contra o passado é cometer o erro da pomba kantiana que achava ruim a resistência que o ar lhe oferecia ao deslocamento, sem considerar que era no próprio ar que as asas encontravam apoio para voar.

E engolindo em seco para molhar a garganta ressequida de falar, prosseguiu Bruco:

– O passado está cristalizado nas instituições, as quais têm o caráter específico de conservadoras. As instituições querem conservar-se, e por isso resistem às mudanças. Participam elas das propriedades dos objetos materiais, dos corpo físicos em movimento que “querem” percorrer suas trajetórias já percorridas no passado. Se não houvesse a liberdade, o futuro seria determinado pelo passado, seria a continuação indefinida do passado, assim como um dia se segue ao outro, por causa da contínua rotação da Terra. Contudo, sendo livres, planejamos e queremos o que não se contém no passado, e nesse rumo lançamos os impulsos da ação. Por este motivo, o nosso passado pode ser-nos útil ou prejudicial; se nosso intento é continuar no futuro nossa vida passada, esta é-nos útil, pois basta abandonar-nos às impulsões gravadas nela. Todavia, se queremos mudar o passado, pelo criar em nossa mente um futuro que não seja a continuação do passado, agora, este resiste com sua inércia misoneística (de misoneísmo) e o nosso futuro se desenvolve numa resultante de duas forças: a do presente que quer o futuro, e a do passado que quer perpetuar-se no presente, sem alterações. E como todos nós queremos o futuro, mas temos que arrastar a mole inercial do passado, realizamo-nos somente em parte, isto é desenvolvemos nossa vida na resultante das forças que são: determinismo e liberdade. Neste sentido se pode entender, também, o dito do padre Antonio Vieira, de que “tudo passa para a vida, e nada passa para a conta”⁶⁵. A conta para a qual nada passa, é o passado que se impõe como hábito, como instinto, como misoneísmo. Se temos de contar o passado, podemos, em parte, conhecer o futuro pelo passado. Eu tenho, então, de corrigir seu enunciado, meu Chilon, em que você declarou que o “passado se constrói do futuro”, visto como, em parte, também o futuro se constrói do passado. O presente é como o deus Jano que, sendo bifronte, tinha um rosto voltado para o passado, e outro, para o futuro. Por isso já dizia Vieira: “Olhai para o passado e para o futuro, e vereis o presente. A razão ou consequência é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro”⁶⁶.

⁶⁵ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 11, 285

⁶⁶ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 1, 111

E porque Chilon se mantivesse muito quieto a escutar, Bruco prosseguiu:

– O desejo de ser o que pretendemos, nos impulsiona aos atos do presente, ou seja, faz que se desenvolva nossa vida. Nós nos realizamos passo a passo, dia a dia, naquilo que planejamos ser, e este passo a passo, e dia a dia, constitui a nossa vida. Logo, nós nos realizamos ou somos, através da instrumentalidade do passo a passo e dia a dia que nos fazem a vida. Vivemos do porvir, almejamos sempre que se realize o futuro, como disse, aí, o Chilon. O passado, conquanto não seja morto, como já o demonstrei, não nos interessa, a não ser como coisas boas que temos, ou como resistência a ser vencida. Só interessa o futuro em que se perpetua o passado bom, e ambos se atualizam no presente. Por isso eu disse, com Vieira, que o presente é um futuro passado. O passado é um doente, meio vivo e meio morto, que carregamos às costas, e o peso dele nos impede de correr, nos faz cansar e até nos mata. Só o futuro nos interessa, porém, o passado se mostra no presente e nos estorva, no que ele tem de ruim, e ambos, passado bom e mau, nos condicionam, nos prendem pela cristalização nos hábitos, nos instintos, nas instituições, na inércia destas, que se chama misoneísmo. Cristo e Sócrates queriam ser o que ainda não havia no mundo, e o misoneísmo das instituições os destruíram. Sucumbiram eles, esmagados, ao peso morto do passado.

– Como você vê, Chilon, a vida não é um *objeto ideal*, positivamente não o é, por ser causal, temporal, polarizada, múltipla, mutável; mas quanto a que não pertença ao quadro dos *objetos reais*, tenho, cá, minhas fundadas dúvidas, porque ela deve proceder de algo, e não do nada. E da natureza que for esse algo, sê-lo-á, também, a da vida, porque tudo o que existe é o seu aspecto anterior modificado. Ora, se esse algo não é de natureza *ideal*, só pode ser de natureza *substancial*. Do nada é que não creio tenha surgido a vida ! E o que mais me aumenta a dúvida, a esse respeito, é o fato de a vida reger-se por leis, donde vem que ela possui a sua ratio, a sua razão, a sua essência. Se ela possui uma essência, só pode ela fazer o papel de conteúdo em relação a esta essência que ela possui. A vida é *fenômeno*, e não, *númeno*, sendo de natureza *fenomênica*, e não de natureza *numenal*. Ora, o númeno se opõe a fenômeno, porque o primeiro é lei, e o fenômeno, coisa. Para a vida há a lei do crescimento, a lei metabólica da assimilação e desassimilação, a lei do esgotamento ou exaustão do impulso *energético* vital, pelo que o plasma se assemelha a um relógio ao qual se dá corda no começo da vida, e, esgotada a corda, na velhice, ela entra em caducidade e morte; há a lei de que, na vida, estão os sentimentos com polaridades contrárias, o que significa que cada sentimento possui sua recíproca, sua adversativa, sua contradição num sentimento oposto. E é sabido que antes da razão esteve o sentimento, e que aquela é impulsionada por este, donde vem que procuramos “razões” para os nossos atos, isto é, “racionalizamos”, procuramos justificar a nossa conduta com razões. Tudo isto me faz cheirar que a vida pertence ao quadro da substancialidade, sendo de natureza consistencial, e não, formal, donde vem que ela tende a aproximar-se dos *objetos reais*. Se a vida possui leis, estas leis hão de ser, por força, a formalidade da substancialidade vital. E se a vida não possui forma, essência, idealidade sua, própria, como poderia ser inteligida ou compreendida ? Não sendo a vida lei, ou princípio, ou formalidade, só pode desenvolver-se segundo leis. E ela está no tempo que é o mesmo tempo sideral dos outros fenômenos, pelo menos no que se refere aos animais inferiores, porque estando estes trilhados em seus férreos determinismos instintivos, suas futuras ações são previsíveis, tal como se prevê a trajetória de um planeta. Já no homem, porém, por causa da ingerência da razão e, sobretudo, dos sentimentos, o tempo da vida é, em parte, inverso do tempo astronômico, visto que, neste, o passado determina o futuro, no passo que, na vida humana, pelo contrário, o futuro determina o passado, senão totalmente, pelo menos em parte. A vida humana se desloca numa

resultante do passado que resiste e do futuro que aspira e quer. Com a razão, vem a liberdade de escolher dentre muitas possibilidades um caminho a seguir; mas lançadas as impulsões, estas se gravam como antecedentes causais que dão conseqüências, as quais, por sua vez, geram outras conseqüências, e isto, até que se tenha esgotado o impulso inicial imprimido ao desenvolvimento, no momento da decisão que se seguiu à escolha. Isto não se parece ao impulso que damos num móvel, e o movimento deste dura enquanto dura o impulso ? O fenômeno é o mesmo, só que acontece em plano diferente ! Todo homem se acha, assim, preso a uma conjuntura vital, não sendo ele só produto do *futuro* e da *liberdade*, como também escravo do *passado* que aparece como *determinismo*. Todavia, ao falar tudo isto, apenas discorri sobre *como é a vida*, e não, *o que ela é*. Minha esperança é a de que, aí, o nosso mestre Árago, deslinde esta questão.

Colhido de surpresa, Árago baixou a mão em que apoiava o queixo enquanto ouvia. E em atitude circunspecta, começou a falar:

– Está certo. Que é a areia, Bruco ?

– Já o disse antes: é a reunião de grãos de cristais de quartzo e outros minerais.

– E que é quartzo ?

– Pois é óxido de silício, resultante da combinação do oxigênio com o silício.

– E que é oxigênio, e que é silício ?

– Ambos são corpos químicos ou moléculas constituídas de átomos específicos. O silício, conquanto normalmente seja um metalóide, assume, na combinação com o oxigênio, o caráter de metal. Então, o oxigênio e o silício, de polaridades elétricas contrárias, unem-se no composto óxido de silício.

– E que é molécula ?

– Molécula é uma unidade de matéria formada de um ou mais átomos. E átomo, antes que o senhor o pergunte, é uma unidade material também divisível em prótons e elétrons, sendo que estes giram velocíssimos ao redor do núcleo atômico que reúne prótons e neutrons. E o elétron é, como o desenhou Descartes, um turbilhão eletro-magnético. O elétron, portanto, é um redemoinho de energia que pode abrir-se em ondas dinâmicas, do mesmo modo que estas, quando curtas, se forem frenadas, passam a girar sobre si mesmas como elétrons. Deste modo, como o elétron pode apresentar-se, ora como matéria que é o vórtice eletrônico, e ora como energia sob a forma de ondas dinâmicas, a ciência conclui que matéria é energia, e vice-versa. E Einstein estabeleceu a fórmula dessa conversibilidade que $E = M \cdot C^2$. Quer dizer que se multiplicarmos a massa (M.) da matéria pelo quadrado da velocidade da luz (C^2), obteremos a quantidade de energia que aquela porção de matéria produziria, seja numa fornalha atômica, seja na bomba atômica, ambas já muito conhecidas. Como a energia e a matéria são reversíveis entre si, Einstein estabeleceu um denominador comum para todos os tipos de matéria e todas as formas de energia; esse denominador comum do campo unificado é *energia-substância*. Se é para este caminho que o senhor iria conduzir o seu interrogatório, fica tudo respondido de uma vez.

– É isso mesmo Bruco. E como se mostra a energia ?

– Mostra-se ela, ou como impulso unidirecional a que damos o nome de *força*, ou como impulsos bidirecionais que chamamos *ondas*. Como força e ondas são reversíveis entre si, uma e outra é energia.

– E as ondas, Bruco, como são elas ?

– São esferas que se dilatam ou se contraem no espaço. Um sino, quando vibra, põe em movimento suas moléculas; estas se chocam contra as moléculas do ar, de sorte que os choques se propagam entre as moléculas do meio, de próxima em próxima, e é assim que as ondas, como esferas dilatantes, se estendem pelo espaço. A cada expansão das moléculas se sucede uma retração, e esse vai e vem é o comprimento da onda, pequeno para as ondas curtas, agudas, e grande, largo, para as ondas longas, graves.

– E você nos disse que as ondas são esféricas; logo, estão sujeitas às leis matemáticas da esfera. E são esferas em movimento, possuem tempo. Consequentemente, a esfera ondulatória é o *espaço-tempo* na sua expressão mais simples e por isso fácil de entender-se. É isso Bruco ?

– Sim, é. Como a superfície esférica é proporcional ao quadrado de seu raio, segue-se que o impulso enérgico que vai na onda, vai-se diluindo, vai-se enfraquecendo, na proporção que cresce a esfera ondulatória. Como o crescimento da esfera é proporcional ao quadrado do raio, segue-se que o decrescimento do impulso dinâmico também é proporcional ao quadrado do raio. Quer dizer: o impulso decresce na proporção que cresce a esfera; então, o impulso é inversamente proporcional ao quadrado do raio ou distância da fonte dos impulsos. E isso é para todas as ondas. Além disto, há o tempo de propagação, o tempo do vai-vem ondulatório, pelo que as ondas se sujeitam também às leis do tempo. Sendo a esfera-onda espaço em movimento, nela há o espaço e juntamente o tempo; por isso a onda é o *espaço-tempo*.

– Ora, meu prezado Bruco, se a onda é espaço, a energia possui espacialidade, causalidade, temporalidade, individualidade (comprimento, frequência), polaridade (vai-vem), mutabilidade e diversidade das várias formas de ondas e de energias. Está certo ?

– Certo.

– Pois aí estão as sete propriedades dos *objetos reais*. E nas ondas dinâmicas, mais que em todas as outras coisas, notamos os dois tempos: um que marca o começo e o fim do processo, e outro que determina o ritmo da transformação. Logo, as ondas são *objetos reais*. O espaço-tempo não é medida só das ondas, senão, também, de todas as coisas. E se vocês não podem fugir à conclusão de que as energias são *objetos reais*, ipso facto, terão de concordar que a energia é coisa. Deste modo, o conceito de coisa que se podia pegar na mão, se estendeu para aquilo que não é tátil, como a luz, o som, e nem sempre visual e audível, como são todas as ondas abaixo dos raios infra-vermelhos, e acima dos raios ultra-violetas. Isto que é evidente no caso das ondas, se confirma pelo raciocínio menos intuitivo, porém, igualmente lógico deste silogismo: a matéria é espacial; ora a matéria é energia; logo, a energia é espacial. Porque não é admissível que sendo a matéria espacial, ao transformar-se em energia saia do espaço como se fôra um fantasma. O princípio da conservação da matéria de Lavoisier, completa-se, assim, com princípio mais amplo

da conservação da energia-substância. Disto decorre que a energia-substância do universo é constante. Está claro isto, Bruco ?

– Oh ! se está !... Já vi tudo !... Para mim já está resolvido o problema de *o que é a vida*. Mas não falo; quero deleitar-me em ouvi-lo !

– Se a energia-substância do universo é constante, e a vida não é idealidade, de que saiu a vida ? acaso do nada ?

– Isso ! – exclamou Bruco, esfregando u'a mão na outra de contente.

– Se não saiu do nada, só pode ter aparecido por transformação das energias que ficam abaixo da vida, evolutivamente falando, e aquelas energias se gastaram ao darem-se na vida. Logo, a vida é uma forma de energia dinamicamente pobre, e evolutivamente rica. E como a energia é coisa, a vida também o é, e não pode estar fora do quadro dos *objetos reais*.

E após ponderações silenciosas, prosseguiu o pensador:

– Acompanhem-me agora, todos, neste outro raciocínio. O ponto geométrico é carente de dimensões, mas o movimento dele faz nascer a linha que é a primeira dimensão do espaço. Por isso a linha se define como sendo um ponto que se desloca, ou como uma sucessão de pontos. Se fizermos essa linha mover-se no sentido duma perpendicular que caia sobre ela, cada ponto da linha traçará uma outra linha; e como todos eles estão ligados, por sucessão, todos traçarão uma faixa, a que nomeamos plano ou segunda dimensão do espaço. Baixando-se outra perpendicular à superfície do plano, e fazendo-o mover-se no sentido dessa perpendicular, nasce o volume. A criação das dimensões superiores se dá pelo movimento das dimensões inferiores. Quer dizer que a dimensão superior contém, em si, a dimensão inferior; o plano, a linha e o ponto, por conseguinte, podem ser achados no volume. Tudo isto pode ser demonstrado sensorialmente. O deslocamento rápido de um ponto luminoso nos dá um risco, um traço; quem deslocar em vai-vém um tição no escuro, vê uma faixa de fogo. Uma argola com um cabo pode ser presa a u'a máquina de furar; e estando a argola envolvida por um tecido ensopado de querosene, ateando-se fogo à argola, e fazendo-se girar a máquina, o que vemos, no escuro, é uma bola de fogo. Tudo sensorial, tudo intuição sensível. O ponto é achado na linha, esta, no plano, e este, no volume; nas dimensões superiores tem de ser achada qualquer das inferiores. Aplicando isto temos:

– Na esfera ondulatória, além das três dimensões do espaço, há mais uma, a do tempo. Logo, o tempo contém em si o espaço; sem espaço não há tempo, porque o tempo é o movimento do espaço. O tempo é a medida do movimento; mas quem diz movimento diz móvel, e o móvel é um corpo, um espaço menor a mover-se num espaço maior. A esfera-onda, conseqüentemente, é a quarta dimensão, e por isso contém, em si, o espaço. Quando a matéria se transforma em energia, ela evolui e ganha outra dimensão; evolução é, pois, ganho de dimensões. A dimensão superior se forma da inferior por superação, e não, por anulação desta inferior. Se a matéria está no tempo que marca o princípio e fim da sua existência, as esferas-ondas possuem dois tempos, sendo o primeiro, como o da matéria, marcado pelo princípio e fim da oscilação, e mais um segundo tempo que mede a frequência das ondas. Se a matéria, portanto, é monotemporal, a energia é bitemporal. Os *objetos reais* que se podiam pegar com a mão, por serem coisas, como a areia, com o ganho de mais uma dimensão na energia, continuaram sendo objetos reais, porém, perderam o caráter de

coisa tátil, por que nossa mão, sendo material, permaneceu na dimensão inferior do espaço; e com o objeto inferior (a mão), não se pode tocar no superior (a onda). Mas podemos percebê-la com o ouvido, se é som, pela vista, se é luz, e pela sensação calorífica, se é calor. E para grande parte das demais ondas, construímos instrumentos pelos quais as percebemos. Deste modo, o conceito de coisa tátil, estendeu-se para as coisas não táteis, porém audíveis e visuais; e não há nenhuma razão para que este conceito de coisa não se estenda mais ainda, pegando toda a gama das energias, dos raios cósmicos ao som. Então, fica entendido, que a energia é coisa, e classifica entre os *objetos reais*. Mas se vocês acharem que está ficando muito complicado este modo de conceber, e que esta extensão do conceito de coisa vai ficando muito confuso e difícil, proponho mudarmos o conceito de coisa para o de substância, ou melhor, *energia-substância*. Os objetos reais, portanto, são *energia-substância*. Assim, se eu dissesse que a vida é uma coisa, isto traria estranheza, e precisaria toda esta explicação que dei, para desfaze-lo; no entanto, se digo que a vida é *energia-substância*, cessa a estranheza, e tudo fica claro.

E ponderando um tanto, em silêncio, continuou o filósofo:

– Outra simplificação que podemos fazer, é considerar o tempo, não como quarta dimensão, mas como a primeira do tridimensional acima do espaço. Porque o espaço, como vimos, possui três dimensões. O espaço, em si, parado, fica ocupando o lugar do ponto no tridimensional superior. E este espaço-ponto move-se, e deste movimento do espaço surge outra vez a linha, como o propõe Kant para representar o tempo. Agora esta linha-tempo, pode mover-se também no sentido da perpendicular baixada sobre ela, dando-nos a segunda dimensão que é a vida. Assim a vida é liniforme próxima às energias inferiores evolutivamente falando. É a linha do determinismo instintivo nos animais. Todavia, quanto mais os seres vivos sobem na escala, esta linha tende a alargar-se numa faixa, que é a segunda dimensão ou consciência. O ensaio-e-erro do animal é uma forma de “raciocinar”, com que um animal tenta resolver os seus problemas. Este método de tentativas e falências, de ensaio feito às loucas, às tontas, confere um número de experiência que o animal usa em problemas semelhantes. E o homem, quando reflete sobre um dado problema, emprega este método de ensaio-e-erro, porém, abstratamente. E ele se supõe fazendo assim e assim, e só vai à prática, quando cuida que deu com o resultado. Se a experiência lhe falha, volta ele a refletir, porém, levando em conta a experiência fracassada. É assim que a linha férrea do determinismo instintivo, se vai abrindo no planimétrico da consciência do homem. E quando as experiências se avolumam numa dada matéria, é como se o plano consciencial se tivesse engrossado, espessado nesse ponto, o que vale dizer, ter atingido a terceira dimensão ou volume. Nesta zona engrossada da consciência, nesta terceira dimensão, o sujeito vê, claro, de um golpe, por intuição. O processo intuitivo é como o racional, só que com velocidade infinita. De relâmpago se domina toda uma cadeia de raciocínio, desde a premissa até as últimas conseqüências. A intuição, por isto, só se dá onde as experiências se avolumaram. Quando vocês dizem que certa evidência “está na cara”, ou declaram “já vi tudo”, querem declarar que é intuitivo, claro, axiomático. Quanto mais se sabe, mais o planimétrico da razão se espessa, e mais veloz se torna o raciocínio, de tal sorte que não mais nos apercebemos do processo racional. Aquele raciocínio físico, muscular, feito de movimentos do animal inferior, se aperfeiçoa, tornando-se no ensaio-e-erro subjetivo da reflexão no homem comum. A linha do instinto alargou-se no planimétrico da razão, e esta se engrossa na terceira dimensão da hiperconsciência que emprega a *intuição*, em vez de *raciocínio*.

– A energia, prosseguiu Árago, se move segundo uma linha que é o tempo; nos baixos estágios da vida, o animal se move, consciencialmente, num mundo liniforme, sem possibilidade de

evadir-se dela; já nos vertebrados, sobretudo os superiores, começa a evasão da linha pela criação do hábito e pelo aprendizado feito pela domesticação. Aqui começa a bruxulear a razão nos ensaios-e-erros. O tentar a solução de um problema, mostra que o animal já conta com este recurso, não estando mais tão sujeito aos instintos. Com o homem se dá o alargamento da linha no planimétrico da razão, mas ele ainda, como ocorreu com o animal inferior em relação ao instinto linear, também se acha fechado nos limites desse plano, sem se poder sair dele, ***a não ser pela conquista da terceira dimensão consciencial, a super-razão***. Nas zonas em que se tem espessado o saber, aí já o homem opera com a intuição, em vez de com a razão. Não precisa raciocinar quem já sabe, de antemão; o raciocínio é o método para chegar-se a saber; ora quem sabe, vê claro, por intuição, sem precisar de raciocínios. Por isto é que a intuição co-é com a sabedoria. Fora destas zonas espessadas da razão, as intuições não passam de meros palpites. E diz bem, o ignorante, quando assevera que tem um palpite de que tal ou qual problema deve ter esta solução. Esse palpite, na raiz da intenção, está para o ensaio-e-erro, nos alicerces da razão. Os palpites são o ensaio-e-erro, no nível da hiper-consciência. Por isto, os tais palpites precisam ser provados, e servem apenas como hipótese de trabalho. A hipótese é um palpite que o racional tem de que o assunto a que se dedica, deve seguir tal ou qual caminho. A hipótese não é puro ensaio-e-erro animal, porque parte de sapiências anteriores, ao contrário do ensaio-e-erro puro, que parte da ignorância absoluta. E do mesmo modo como, do ensaio-e-erro, nasce o saber racional, de ter palpites vem o ter intuições; e do mesmo modo como a razão se sente segura de si quando não sai das suas limitações, também a intuição (certeza prévia da verdade), se tem por segura, quando o ser tem dominado o inteiro volume consciencial, e este é o modo como pensa um querubim, no topos uranos. Aristóteles estava errado: a excelência não está no pensamento racional, mas, no pensamento intuitivo; não está na inteligência, mas, na sabedoria !

Todos seguiam atentos a dissertação de Árago. Mas neste ponto interveio Bruco:

– E será que a largura da bacia da mulher não vai limitar a cabeça, o cérebro, o desenvolvimento humano ?

– A abertura pélvica da mulher não limitará o desenvolvimento humano no rumo da terceira dimensão consciencial, porque o homem tende para o tipo de “crânio em torre”, como era o de Walter Scott. Tendendo o homem a usar mais o lobo frontal, os outros setores ir-se-ão atrofiando por falta de uso, como aconteceu com o bulbo olfativo dos primatas trepadores que não têm necessidade dele. O que verificamos ao comparar os cérebros dos prossímios, símios e homens, é que a região frontal avolumou-se na proporção em que se deu o atrofiamento da região occipital. O cérebro tem-se desenvolvido para a frente, e é aí, no lobo frontal, que a intuição fará as suas sínteses vastas e rápidas. O cérebro crescerá para o alto, e com isto, ele também ganhará mais na terceira dimensão do espaço.

E vendo, o pensador, que Bruco se satisfizera com esta explicação, prosseguiu:

– Quanto mais se sobe na escala evolutiva, novas dimensões vão surgindo, até que o gênio vê em volume, e, do alto da terceira dimensão, salta para a imediata solução do seu problema. Quem está na dimensão superior pode abarcar e dominar todas as que lhe ficam abaixo. Só de um plano superior se pode sem esforço agir sobre o inferior. O ponto, no primeiro tridimensional, só pode mover-se num mundo liniforme; num mundo punctiforme o ponto estaria imobilizado; mas havendo um mundo liniforme, o ponto já pode mover-se e criar consigo a linha. Igualmente, num

mundo liniforme a linha estará quieta, parada; todavia, tanto que aparece a possibilidade do plano, a linha já pode mover-se e cobri-lo. Só no plano é que pode mover-se e encurvar-se a linha. O plano, por sua vez, só pode ser movido ou encurvado no espaço. Uma folha de papel é um plano, e para encurvá-la, preciso é que haja espaço. Pela mesma razão, o espaço só pode mover-se no tempo e num mundo intemporal o espaço estaria imóvel. O mundo dos *objetos ideais* é intemporal e por isso esses *objetos ideais* são fixos, imutáveis. O próprio movimento-tempo, aí é parado nas leis que não se mudam.

– O espaço, prosseguiu Árago, só se pode mover no tempo, e aqui, acabou-se o primeiro tridimensional. Agora, o tempo, num mundo apenas temporal, estaria fechado em si, sem possibilidade de mover-se no plano da consciência, porém, ele se move, e por isso o homem domina o passado e o futuro, este, por meio de leis que permitem previsões... dos eclipses, por exemplo; quer dizer: o homem prevê o movimento, antes que ele se efetive; conhece um movimento que ainda não existe. Avançando no outro rumo, no do passado (pela história, arqueologia, antropologia, paleontologia, geologia e história cósmica), domina-o também. Memória e esperança é o mesmo que passado e futuro, e ambos são os dois tempos em que se move a consciência, donde vem que os sofrimentos ou os gozos são tríplexes no homem, porque ele goza e sofre do futuro por antecipação; goza e sofre no presente por atualidade; e goza e sofre do passado pelas lembranças doces ou amargas. Dominar o tempo desta maneira é ter algo de divino, é estar em dimensão superior ao do próprio tempo. Esta dimensão superior é a razão. Mas o homem, para operar com a própria razão, terá de superá-la pela conquista de uma dimensão superior. Ficar na razão e falar dela, é cair inevitavelmente nas antinomias de Kant. Por isso o homem não pode prever os acontecimentos da vida racional, como a história, a biologia, a economia política, etc., simplesmente porque estando ele na *razão vital*, e sendo esta razão livre, não permite previsões. As razões da vida são como as do coração que a razão não alcança, como dizia Pascal. No entanto, para quem está na hiperconsciência, na consciência volumétrica, as previsões da vida são quase possíveis, porque o hiperconsciente domina, como um todo, o passado que alguém viveu, as aspirações que ele tem e a força, a energia, com que ele se lança no processo do próprio desenvolvimento. Esta é a base para um “cálculo” de probabilidade, com muito pequena margem de erros.

– Com a hiperconsciência desaparece a liberdade, e o ser se mover num determinismo superior; pois claro: tendo ele chegado à sabedoria, não mais precisa *escolher*, como faz o ignorante, e por isto mesmo, livre. Quem sabe o certo está a ele condicionado. Se ele quiser, apesar de tudo, fazer o errado, é livre para isto. A liberdade existe em potência, não porém em ato; ela existe, mas não é usada. Só o aprendiz precisa da liberdade para errar, e, errando, aprender, e, aprendendo, faz logo e sempre o certo sem escolhas. Por isto é que o aprendiz é livre, e o mestre, não. Por isto é que as ações do mestre são previsíveis, e as do aprendiz não. As ações do mestre são previsíveis para todos os que, como ele, sabem.

– A razão, pois, é planimétrica, e neste planimétrico os raciocínios riscam os seus caminhos. Depois esta consciência se espessa, ganhando a terceira dimensão. Agora o gênio vê do alto de uma perpendicular, como se fôra uma torre numa planície, e lá de cima vê tudo claro por intuição. Por este caminho, podemos vislumbrar como seriam os “pensamentos” de um anjo que domina todo o volume da consciência sendo ele, logo, um super-gênio.

– Eis, prosseguiu o mestre, a dificuldade que oferece a vida. Ela se encaminha para a segunda dimensão que absorve o tempo, dominando-o para o passado, como lembranças, hábitos, instintos, e domina-o como futuro, com instrumento da *liberdade* com que planeja, antevê e quer. Como nós estamos nesse plano, não podemos vê-lo inteiro a não ser subindo-nos na terceira dimensão como uma águia ou gênio. Quem pode fazer isto, entende; quem o não pode, se vê envolvido por mistério. Mas a vida tem de ser de natureza substancial e não formal, porque tem suas raízes na energia, porque possui todas as propriedades dos objetos reais, além de outras, por superação.

E após ponderar um tanto, continuou:

– Em nossa vida estão os sentimentos, ao lado dos pensamentos, e ambos são polarizados, dialeticamente. Os pensamentos são uma forma de energia que se propaga no espaço, podendo ser captados por receptores telepáticos e telestésicos. O Dr. Osmard Andrade Faria, em sua obra “Hipnose Médica e Odontológica”, conta-nos das suas experiências de diagnósticos à distância. Serge Voronof, na sua obra “Do Cretino ao Gênio” aventa a teoria de que o pensamento seja energia e ondas, do que conclui que o pensamento é material. Aceitamos a teoria de Voronof, no sentido de que os pensamentos são *energia-substância* que serve de sustentáculo à sua contraparte idealidade. Mas os pensamentos não carregam só idealidade, senão, também, sentimentos e emoções, haja vista a telestesia. Mas toda a dificuldade em entendermos estas coisas, reside em que estamos operando no plano da razão, sem nos sairmos dele. Temos a mesma dificuldade que teria um ser que habitasse um mundo liniforme, em entender o que fosse a linha. Aquela imagem do mundo que se forma em nossa imaginação, aquelas formas de coisas, são vazadas numa matéria mental espectral. A estas imagens de coisas, se deu o nome de *objetos psíquicos*; todavia, em nossa dedução, podemos compreender que esses objetos são também reais, porém, no plano psíquico; são objetos reais, embora, no plano do psiquismo, porque o psiquismo é vital, e a vida é *energia substância*. Desta substância psíquica, se plasmou os objetos que nosso psiquismo refletiu do mundo. E os conceitos são imagens generalizadas destas imagens refletidas em nós, mas a matéria dos conceitos, é a mesma que das imagens mentais. Sempre, por toda parte, como se vê, estão forma e conteúdo, seja no mundo da matéria grosseira, seja neste mundo rarefeito de matéria mental. A energia-substância vai mudando sempre, ganhando novas dimensões, mas sempre servindo de sustentáculo às essências que são puramente ideais, possuidoras daquelas sete propriedades vistas no início de nosso estudo de hoje. Em oposição a estas propriedades do formal, estão as correspondentes sete propriedades dos objetos reais, generalizados no conceito de *energia-substância* em cujo âmbito também se move a vida, uma vez que a vida é uma forma de energia.

E depois de silenciosa lucubração, continuou o mestre:

– Uma vez que não há forma vazia, essência pura, idealidade oca na realidade, para que Deus seja real, preciso é que, para ele também, haja substância. Alcançou isto a aguda intuição de Aristóteles, quando este afirmou que a matéria era infinita e incriada. Deus não criou, mas move o mundo, diz Aristóteles. Ora, se a matéria é incriada e infinita, visto ser irreal o espaço vazio, o espaço puramente formal ou ideal, segue-se que Deus é material, e este tropeço que derrubou Aristóteles, também fez Kant cambalear. Os filósofos pós aristotélicos Santo Agostinho e São Tomas de Aquino, desviando-se deste tropeço de Aristóteles, resolveram que Deus criou o mundo do nada, dando a desastrosa conseqüência de que tudo é nada, substancialmente nada, visto como tudo o que existe é o seu aspecto anterior modificado. Se era nada na origem mude como mudar,

tudo é ilusão fôsmea de nada, com que Deus vem a ser um grande mago que tira pombos e coelhos da cartola. Mas não. Aristóteles estava certo, e ele refugou ante a conclusão de que Deus era material, porque, então, a ciência não tinha ainda acabado com o abismo entre matéria e energia. Porém, veio a ciência e provou, de maneira irrecusável, que matéria e energia são termos redutíveis entre si. E se agora podemos concluir que a vida e os sentimentos são de cunho energético, já não causa estranheza se alguém disser que Deus e vida, que ele é Deus vivo (Jos - 3,10 – I Sam. 17,26 – II Reis 19,4 – Os 1, 10 – Mat. 16,16 – I Tess 1,9), um Deus vivente que fala do meio do fogo (Deut 5,26), um Deus energia, de fogo e de luz. Deus é luz, como disse São João (I Jo 1,5), ou Deus é amor (I Jo 4,8). Agora já não repugna a ninguém quando ouve que Deus é luz, que Deus é amor, ambos, amor e luz infinitos eternos ou incriados. Não causa espécie a ninguém ouvir que esta **energia-substância-amor, energia-substância-luz** encham o infinito espaço formal, dando-lhe objetividade. Para Parmênides o Ser era pura idéia, igual ao Deus de Aristóteles, forma pura sem matéria alguma. Segundo um e outro, Deus era **objeto ideal**, oco, vazio do conteúdo que dá realidade ao ser, e nisto andaram perdidos todos os filósofos. Consequentemente, o céu dos eleitos segundo Aristóteles, e, depois, São Tomás de Aquino, se resumia em contemplar eternamente a Deus, e sendo Deus a verdade, viviam a contemplar a verdade, num estado de eterno pensar. O gozo dos eleitos era puramente intelectual e, puro gozo metafísico, absolutamente sem amor. Deus estaria ocupado só de pensar pensamentos, e como ele, também seus eleitos, donde se concluiria, que fora da inteligência, fora da metafísica, não há salvação. Este Deus formal, essência pura dos filósofos aristotélicos está polarmente em oposição ao Deus de todas as religiões que o intuía sob a forma de energia, de forças naturais, de luz e de amor. Como reforço ao que hei dito, podemos armar os seguintes silogismos:

– Deus é luz; ora, a luz é energia; logo Deus é energia. Deus é amor; mas Deus é energia; por conseguinte, o amor é energia. Eis que, por outro caminho, cheguei ao mesmo resultado de que os sentimentos, como nascidos da vida, são energias vitais. Tenho provado a minha tese: o ser é uma dualidade de **forma e conteúdo**, de **essência e energia-substância**. O primeiro é ideal, e o segundo, substancial; mas um não pode estar sem o outro na realidade do ser, isso para o elétron; isso para dele acima, todas as coisas até o Universo; isso para Deus.

– A objetividade do mundo que nos circunda, prosseguiu o mestre, no qual e do qual vivemos, não permite dissecar o ideal do real, para depois dizer: o ser é isto, ou o ser é aquilo. E se nosso mundo circunjacente, que se acha entranhado em nós, e sem o qual não somos, não permite bissecções, como poderão ser válidas as dicotomias que fazemos, por abstração, entre real e ideal? Que nos autoriza bisseccionar o ser em duas ou mais partes, para depois sentenciar que o ser se constitui de uma parte, e não do todo? Idealmente, podemos fazer a distinção entre nós que vivemos no mundo, e o mundo que há em nós; idealmente, podemos distinguir nosso mundo subjetivo do mundo real objetivo que nos cerca, ou seja, entre o sujeito que somos, do objeto que é o nosso mundo à mão. Esta distinção que fazemos do ponto de vista intelectual, **ontologicamente**, não é válida, e é isto que nenhum filósofo de Parmênides a Kant, percebeu. Os realistas declaram que as coisas são, independentes do eu; assim, ao eliminar-me, as coisas ficam quais são. Já os idealistas acham que, como as coisas são postas pelo sujeito, eliminando-se o sujeito, eliminam-se também as coisas. Nesta bissecção arbitrária consiste toda a falsidade existente entre realismo e idealismo, porque, se me anulo, as coisas não se me podem dar; para que as coisas se me dêem, preciso é que eu exista. Está certo, nisto, o idealismo. Todavia, se todas as coisas fossem eliminadas, também eu o seria entre elas, como, certamente, o entende, o realismo. Ontologicamente, por conseguinte, não pode haver esta distinção entre o eu e as coisas, visto como

ambas, eu e elas, constituem o que chamo de minha vida. Não há independência possível entre mim e as coisas, nem as coisas se me podem dar, como independentes de mim, isto é, se não me acho entre elas, se não vivo, se não estou no mundo. Por isso, as coisas com as quais convivo e das quais dependo, são tão necessárias à minha existência, como igualmente é necessário que eu me ache vivendo entre as coisas. Portanto é pura arbitrariedade cortar a vida em dois, pondo-se de uma parte o eu que vive, e da outra, as coisas com as quais se convive, e sem as quais não se é. E foi porque sempre se apresentou, alternadamente, o problema ontológico, ora fazendo-o recair sobre o eu, e ora, sobre as coisas, que nasceu a disputa entre realismo e idealismo.

Ia a tanto a dissertação do mestre, quando o dicaz Hierão Orsoni, tomando a palavra disse:

– E por que todos os filósofos, de Parmênides a Kant, apresentaram sempre o problema ontológico fazendo-o recair ora sobre o sujeito, e ora sobre o objeto ? ora sobre o eu, e ora sobre as coisas ? Não me vá o senhor dizer que todos os filósofos eram uns palúrdios ?

– Não, não eram, concordou Árago. Apenas estavam, historicamente, colocados em pontos diversos do desenvolvimento dialético iniciado com a polêmica entre Heráclito e Parmênides. Como já hemos visto, Heráclito situava o *ser* no mundo fenomênico do vir-a-ser, do devir ininterrupto. Ora, argumentou Parmênides, o que está para ser, não é. Se as coisas estão em contínua transformação e constante mudança, nada é. E não é possível que o *ser* seja o que *não é*. Então, estabeleceu ele esta base: *o ser é*, e *o não ser não é*. Não consistindo o *ser* no *vir-a-ser* heracliteano, só podia ser buscado, então, no polo oposto que é a da imobilidade, imutabilidade, na quietude eterna e infinita.

– Vejam, então, prosseguiu o mestre, o que é a dialética. Estabelecida uma proposição, surge logo a sua recíproca, a sua contraditória, a sua adversativa. Porque Heráclito afirmara que o *ser* é isto, Parmênides se viu na contingência de fazer uma afirmação oposta e dizer: o *ser* é aquilo. Toda a tese corresponde e se contrapõe a uma antítese, e ambas formam a síntese. A tese heracliteana e a antítese parmenídica cindiram-se em inúmeras teses, antíteses e sínteses menores. Não se podia, então, fazer a síntese maior, porque o desenvolvimento dialético do pensamento filosófico estava ocupado em trabalhar até a exaustão, primeiro da tese do realismo, e depois a antítese do idealismo. E como ambas posições esgotaram suas possibilidades, é chegada a hora da síntese.

E voltando-se o pensador para Hierão, disse-lhe:

– Como vê, meu caro, os filósofos da chamada filosofia nova não são nem mais nem menos inteligentes que os da filosofia antiga, e os da filosofia moderna. Estão apenas situados no ponto exato do desenvolvimento dialético, e aí trabalham.

– Mas trabalham em quê ? interrogou Hierão.

– Pois já o disse, tornou o mestre, em fazer a síntese entre o real e o ideal, entre o eu e as coisas, entre o sujeito e o objeto, que tudo vem a constituir a vida indissecável. Contudo, não sei se vocês já notaram, esta é ainda uma síntese parcial. A grande síntese, que encerrará todo o ciclo da filosofia, será aquela que une o mundo heracliteano ao *Ser* puro de Parmênides, e ainda, a doutrina de Platão ao evolucionismo de Darwin e de Spencer, o que vale a dizer: que une o mundo a Deus.

– Protesto ! vociferou Orsoni. O mundo já está, sempre esteve unido a Deus !

– Encarando o mestre a Hierão, falou-lhe com voz firme e pausada:

– Esteve e está para os místicos que não para os filósofos. Cumpre ainda saber por que sendo Deus bom, o mundo é mau. O mundo heraclíteano não é só o de contínuas mutações e ininterruptas mudanças; é também o do mal, da desarmonia, da fealdade, da vitória da força, da malícia, da astúcia e da crueldade. Por este motivo as doutrinas de Trasímaco, de Machiavel e de Nietzsche, e ainda as de Darwin, de Spencer e de Schopenhauer, completam aquele de Heráclito. À-toa não é que Platão considerava este nosso mundo como de sombras ilusórias, e Parmênides, mais radical ainda que Platão, tachava de o mundo do *não-ser*.

Meio encabulado por ver-se sem saída, resmungou Hierão, à moda das mulheres que, quando brigam entre si, levantam mil e uma questões, sem seguir qualquer delas:

– Não concordo com essa tal de filosofia nova que o senhor vem expondo, porque, pretendendo fazer uma síntese, opera uma análise ao afirmar a existência de *objetos reais* e de *objetos ideais*.

– Ara ! Hierão ! Que maçada ! Sua objeção inconsiderada e inoportuna, me leva a supor que você não entendeu minha exposição. Os objetos reais *são* e *existem*. São, porque estão aí no mundo, na minha vida; e existem, porque implicam espaço, tempo, causalidade, etc. Já os objetos ideais, considerados assim, de modo isolado, para fim didático, *são*, mas não *existem*, porque existir, de *ex sistere*, significa ser posto fora, estar no tempo, implicando, por isso, tempo e causalidade, e tais objetos ideais são intemporais e incausais, visto que não começaram a existir, nem hão de ter fim, como ocorre com as coisas, *res*, reais. Os objetos ideais são, uns com os outros, numa implicação, não temporal nem causal, mas, ideal, do mesmo modo como a conclusão tem de estar, necessariamente, implícita na premissa de um silogismo. Esta implicação não causal nem temporal chama-se idealidade. E quando digo que os objetos reais *são*, e que os objetos ideais também *são*, além de estarem sob a condição de *ser*, ainda os considero que *são* uns com os outros, e não, separados, pois assim é que nos mostra meu mundo à mão. Por isso, esta distinção que faço entre objetos reais e objetos ideais, é apenas teórica, para o fim de compreensão ou didatismo. Na prática da vida, em nossa vivência com o mundo, os objetos reais acham-se jungidos com os objetos ideais. Lembre-se Hierão, do exemplo dos dois leques, o da realidade e o da idealidade, um interpenetrando o outro, formando, assim, como que um só leque. O círculo é um objeto ideal; porém onde encontramos o círculo em nosso mundo ? Pois acho-lo no Sol, na Lua, na redondeza da Terra fotografada da Lua por um satélite artificial; observamo-lo na secção transversal do corte dum tronco de árvore, na corola duma flor, na esfericidade da bola com que as crianças brincam na praia. O círculo está nas coisas, e de lá foi que tiramos nossa idéia primeira de círculo. As formas geométricas da geometria do espaço, supõem uma substância, um material que enche e dá consistência a essas formas. Por isso que substância vem de *sub-estare*, que quer dizer: estar por debaixo como sustentáculo da forma. Ninguém jamais viu, ou será capaz de apresentarnos um cubo, uma esfera, um prisma, uma pirâmide, um cone ou cilindro de nada. Podemos representá-los numa folha de papel, e ainda aqui, foi necessário o papel e o grafite que são os suportes ou substâncias dessas figuras. Até as figuras planas hão de representar-se sobre alguma superfície material. Pois esta matéria sobre que se põem as figuras, e aquela outra que enche e dá

corpo aos sólidos geométricos tridimensionais, são fenomênicos, isto é, estão sujeitos às contingências do espaço, do tempo e da causalidade. As formas podem ser várias, e as matérias delas podem ser mudadas; nunca, porém, se poderá chegar ao *amorfismo* radical, nem à *imaterialidade*, pois umas não podem estar sem as outras, a não ser, por abstração, como hei dito, e para o fim de analisá-la com o pensamento. Abstratamente há objetos ideais que *são*, e objetos reais que também são. Contudo, nas nossas vivências, uns são com os outros, e nos chegam às mentes como feixes de impressões que nossas inteligências, abstratamente, registram, separam e classificam.

E voltando-se para Hierão Orsoni, após uma pausa, concluiu:

– Como vê, meu nego, sua observação carece totalmente de base, visto como não encontramos, em nosso contato vivo com o mundo, objetos ideais separados e estanques dos objetos reais. Os seres estão aí, constituindo o nosso mundo, e se nos sairmos a os procurar, encontramos-os, e ao olhá-los, observamos que nos são dados como um complexo de vivências que nos cumpre analisar e classificar pelo pensamento, para que nossa memória possa guardar a forma, e só a forma, abstraída do seu conteúdo. Não podemos pensar, a respeito das coisas o que bem entendemos, mas só aquilo que, de fato, esses objetos são. Temos de concordar com Pitágoras e dizer que, num triângulo retângulo construído pela geometria euclidiana, o quadrado da hipotenusa é igual à soma dos quadrados dos catetos. Também não podemos fugir à realidade constatada pela química, de que o verde das folhas vegetais se deve à presença do magnésio, do mesmo modo que o vermelho do sangue provém da existência do ferro. Temos de admitir que a fórmula química da clorofila guarda paralelismo perfeito de estrutura com a da hemoglobina, com uma só diferença: no lugar em que numa está anotado ferro (Fe), na outra se escreve magnésio (Mg.). Não é permitido fazermos ficção a respeito da realidade, a respeito do mundo, e apresentar nossas imaginações como sendo a verdade. Ora, se nada podemos saber, se não nos pusermos a observar, segue-se, muito naturalmente, que tanto os objetos reais, como os ideais, independem de nós para serem. Não é bem que os tache de fenômenos psíquicos, ou de vivências puras, só porque é pelas vivências ou imagens que os apreendemos. Com as mãos pegamos as coisas, e sem as mãos não as pegamos; seria próprio dizer que as coisas são “manuências”? Os objetos reais não são vivências, como até bem pouco se supôs, do mesmo modo que a visão não é os olhos, nem a locomoção, as pernas. E assim como as mãos, como os olhos, como as pernas, as vivências, as imagens, são órgãos sem os quais não podemos chegar aos objetos, ou eles, a nós, e para representá-los, necessitamos ainda da instrumentalidade das vivências-símbolos que os representem numa folha de papel ou numa lousa. Não prescindimos da imagem para pensar um objeto, assim como num todo, assim como em partes; todavia, essas imagens não são os objetos mesmos que eles refletem, como em espelho, pela mesma razão por que uma fotografia, ou o reflexo num espelho, não é o fotografado ou o espelhado.

Neste ponto da dissertação, entrou na sala dona Cornélia com o café. Depois de o tomarem, todos, calmamente, prosseguiu o pensador:

– Como vocês sabem, René Descartes criou a geometria analítica, pela qual se tornou possível a conversão de figuras geométricas em equações algébricas, e destas naquelas. E tudo cai à maravilha, e a correspondência é perfeita, até à terceira dimensão do espaço. Todavia, a análise algébrica não se contenta só com isto, e vai além pela criação de espaços artificiais de quatro, de cinco e de mais dimensões, só parando no espaço de Hilbert de número infinito de dimensões. Ora, os hiperespaços de quatro, e cinco, e mais dimensões não passam de ficção matemática. Eis que os

objetos ideais, quando divorciados da realidade objetiva em que se devem plantar, trilham por um caminho de pura idealidade, criando uma terminologia e uma formulação matemática sem correspondência em nenhum mundo real possível. Ou então me digam, vocês, se já viram, por exemplo, um poliedro do hiperespaço ?

E como ninguém se animasse a responder, prosseguiu o pensador.

– Por causa disto, se, para Kant, o idealista puro, “em qualquer ciência, o rigorosamente científico, se mede por seu conteúdo matemático” , para o realista Bertrand Russell, “a matemática é uma ciência na qual não se sabe de que se fala, nem se o que se diz é verdadeiro”. É assim que das relações entre as coisas, se tiram outras relações, e destas, outras, de sorte que, ao cabo, nos encontramos a lidar com relações de relações de relações, num plano de pura abstração até para a linguagem especializada. E é então que, como diz Russell, “O homem culto, que se vê desamparado em questões práticas, se parece ao avaro, na parte em que se deixou absorver pelos meios” ⁶⁷ . José Ortega Y Gasset nos diz que os fisico-matemáticos têm o costume de nos apontar uma fórmula e dizer: eis, aqui está o universo. E acrescenta a isto Bertrand Russell: “Agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schroedinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido se derreteram, e a matéria se tornou tão fantástica como qualquer coisa que se manifeste numa sessão espírita” ⁶⁸ . O idealismo encontra sua expressão máxima em Kant; porém diz dele Bertrand Russell: “Kant goza de reputação de haver sido o maior filósofo moderno, mas na minha opinião, não foi senão uma desgraça” ⁶⁹ . Foi reagindo contra esta tendência de falar sempre em termo do geral, do ideal, desprezando o individual e real, que Ortega retrucou à moça que lhe pediu a tratasse como um ser humano, dizendo: a senhorita, de certo, vem de alguma escola idealista para me pedir isso. Eu nunca encontro seres humanos, e sim, homens e mulheres. Quer dizer, Ortega, que sempre se deparava com homens e mulheres individuados, e não, nunca, com *seres-humanos-conceitos*, ou *gerais*.

– Deste modo, continuou o pensador, temos, de uma parte, os objetos reais ou seres individuais, e, da outra os objetos ideais ou seres em geral. Os primeiros, os individuais, são estudados pela ontologia, e os segundos, os universais ou ideais, são vistos pela metafísica. Daí vem que ontologia e metafísica constituem as duas grandes divisões da filosofia. Divisões, já se vê, para fins de estudo, e não que na realidade em que vivemos, haja tais divisões. Ontologia significa a doutrina do *ente*, enquanto que a metafísica representa a doutrina do *ser*. Ouçam isto de Morente: “Ontologia, em rigor, não significa “teoria do ser”, porque está formada não pelo verbo “ser” grego, no infinito, mas pelo particípio presente desse verbo. Está formada pelo genitivo *ontos*, que é o genitivo de *to on*; o genitivo *tou ontos* não significa ser, mas significa o ente, no particípio presente. Por conseguinte, a rigor, ontologia significa teoria do ente e não teoria do ser; etc” ⁷⁰ .

E ao tempo em que fechava o livro de Morente, de que fizera a citação, Hierão perguntou:

– E o que são entes ?

⁶⁷ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 118

⁶⁸ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 124

⁶⁹ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 102

⁷⁰ M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 275

– Pois entes são o que vimos; são as coisas particulares e individuais encontradas no mundo, em nossa vida; são os objetos reais. As pedras, as árvores, os animais, os homens são entes. São individuações, são particularizações do ser que é comum a todos os de uma mesma classe; todos os cavalos são entes; mas a idéia geral de cavalo, o conceito de cavalo, aquele esquema geral e unitário que se aplica a todos os cavalos, que é comum a todos eles, esse é o ser do cavalo, e, por conseguinte, de natureza ideal. Por isto, um é o ser e, muitos, os entes. O ente é a diversificação do ser. O ser se manifesta sob a forma de entes; quer dizer que se não houvesse o ser, como fundamento, os entes não se poderiam edificar sobre ele. Por isso, o ser é aquilo que fundamenta o ente, possibilitando-o a que seja ente.

– E o ser, o que é ?

– Pois o ser, já o disse, é aquilo que há de comum em todos os entes; é o conceito, a idealidade.

– Mas o que é esse *aquilo que há de comum nos entes ? Que é o ser ?*

– Ah ! ... Essa é a velha interrogação metafísica, à qual cada pensador deu a sua resposta, e, ao dá-la, edificou o seu sistema. Todos nós, aqui, iremos ver isso, porém, não, agora.

– Não agora, por que ? Diga-nos, o senhor, o que vem a ser o *ser* !

– Sua insistência, Hierão, me faz lembrar a petulância daquela mulher ignorante, mas, rica e presunçosa que, num sarau chique, se aproximou de Einstein e lhe perguntou: Doutor Einstein, o que vem a ser sua teoria da relatividade ?

E dando o mestre cananeano algum tempo para que todos pensassem no significado idiota da pergunta da mulher, prosseguiu:

– Minha resposta dada, agora, Hierão, ficaria suspensa, no ar, ininteligível, e ainda sem uma doutrina para sustentá-la. E no começo destes estudos, falei da necessidade de termos paciência, e não antecipar problemas que não se tivessem eles próprios surgidos, espontaneamente, da constelação dos resultados obtidos através da cadeia de argumentos. Paciência e rigor são qualidades próprias de homens amadurecidos nas lidas do pensar. Sejam como meninos, Hierão, mas somente quanto a curiosidade, quanto a avidez de saber, quanto ao deslumbramento diante do mundo e das coisas; todavia, não sejam ingênuos, como elas, que fazem perguntas aos adultos, para cujas respostas ainda não se acham preparados.

– Contudo, o senhor disse, de começo, que precisávamos ser ingênuos como as crianças.

– Disse-o, e acrescentei que essa ingenuidade infantil que nos cumpria manter, se referia a fazer tábua rasa dos nossos preconceitos. Ingenuidade é vacuidade; e é como vazios de preconceitos que devemos nos acercar do conhecimento. Pois claro ! Se nos acharmos cheios até às tampas, de coisas que consideramos como sendo a verdade, que mais poderemos aprender ? Quem será capaz de pôr, na cabeça de um fanático, qualquer coisa, além daquilo que ele já sabe ? Pois não sejamos fanáticos, e, como as crianças, mantenhamo-nos com ânimo ingênuo, isto é, aberto. Nicodemos foi procurar Cristo de noite, e às escondidas, por causa do preconceito e do

renome de que se achava revestido. Diante disto, pouco adiantou ter asseverado ele que Cristo vinha da parte de Deus. Pois, vem cá, Nicodemos: Cristo veio da parte de Deus ? Sim, veio. Então, por que não o procuras à luz do dia, e no meio da praça ? Ah ! diria ele, é porque tenho vergonha ! porque estou preso à minha vida ilustre de Doutor da Lei. Pois então, diz Cristo, quem estiver cheio de preconceitos, de pré-juízos, não pode encontrar a verdade. É-lhe mister tornar-se como menino. Entendeu agora, Hierão ?

– Entendi.

– Então, paciência, meu nego ! Mas satisfazendo, em parte, sua curiosidade, digo-lhe que ninguém, até hoje, pôde saber o *que é o ser*, pela simples razão de que, sendo o ser infinito, não pode ser definido, uma vez que definir é limitar uma coisa dentro de um todo maior; e o infinito não pode ser delimitado dentro dum como hiper-infinito. Por esta razão, o ser é indefinível. E como o ser é o objeto da metafísica, como ela não pode definir o seu objeto, segue-se que a metafísica não é ciência. Todavia, sem definir o *ser*, podemos falar a *respeito dele*, perquirindo sobre *como ele é* ou *quem ele é*. E os filósofos têm feito isto: respondido a pergunta metafísica de *quem é o ser*. Ora, observando a natureza que nos cerca, no que ela tem de mais alto que é a vida, poderemos intuir a resposta metafísica de *como* ou *quem é o ser*. Isto faremos numa próxima reunião. Ficam parados, então, aqui, os nossos estudos de hoje.

Capítulo III

Onde a Verdade ?

Poucos dos que compunham o grupo de estudos da casa de Árago, tiveram sossego após ter o filósofo tirado as conseqüências da teoria da evolução. Por isso, no outro dia, à noitinha, todos estiveram presentes às tertúlias costumeiras. Árago, sentado à sua cadeira, com a cabeça apoiada sobre a mão direita, deleitava-se em ouvir a “Nona Sinfonia” de Beethoven. Terminado os últimas acordes, ele disse, voltando-se para os presentes:

– Sinto que esta sinfonia me descreve a fundação do universo. Aqueles sons vagos, fracos, imprecisos do começo, dão-me a idéia do caos primeiro, em que, confusamente, se movia a substância informe. Depois começa a delinear-se o tema, e o espírito, a lei, vão-se manifestando

através dos embates de forças antagônicas. Tudo cresce, avoluma-se, domina, expande-se. Surge depois o símio, e logo mais o hominídeo que se levanta e se firma nas patas traseiras, libertando as mãos e os dentes. Atrofiam-se os maxilares pela falta de uso, visto as mãos substituí-los, como instrumento de prender e segurar. O cérebro humano pôde, então, crescer, expandir-se, e depois, deslocar-se para a zona frontal que é onde se concentram os valores mais altos da espécie humana. Nasceram, assim, o filósofo, o poeta, o artista, o gênio da ciência, o santo, o herói, e o coro final canta a “Ode à Alegria” de Schiller. O universo que começou no caos e na dor, retorna a Deus que todo é alegria e amor.

Contudo, Hierão não atentou para estas palavras de Árago, porque tinha toda a mente sua fixada no que veio disposto a dizer. Tanto que fez pausa o mestre, falou Hierão:

– Enquanto o senhor se deleitava em ouvir sua música, mostrando, no semblante, perfeita harmonia interior, eu andei infernado num caos mental produzido pela dúvida que seu diabólico arrazoado suscitou no meu espírito. Passei quase a noite em claro, depois de nossa palestra de ontem. Jamais ouvi conseqüências tão danosas e blasfemas ! Inferir que Deus é força, astúcia, imperfeição, mutabilidade, egoísmo, indiferença e até sadismo, e tudo isso conseguido por meio duma indução lógica, inexorável, peremptória, abalou-me por tal forma, que me choca agora a sua serenidade imperturbável.

– Tal, tornou o pensador, é o objetivo da filosofia, meu Hierão; é conseguir e conservar esta serenidade contemplativa, de harmonia e paz interiores, ainda mesmo que no meio duma perdição universal. O objetivo é o desprendimento de tudo o que seja exterior, para viver abundantemente nas profundezas. Os místicos alcançam isto pela fé, e nós, os filósofos, pela razão. A maioria é como as vagas desse mar que temos próximo, no qual se vêem as agitações periférica. Filósofo é o que vive nas profundezas do espírito, onde as vagas superficiais da vida não atingem.

– Mas, o senhor concluiu que Deus é sádico, que sente gozo com ver sofrerem as criaturas suas, pois, para isto mesmo as criou.

– Não se atormente, Hierão ! Aquelas foram as conseqüências inevitáveis da doutrina da evolução, do que antigamente se chamava “filosofia natural” , da idéia de que Deus criou o universo do caos. Foi por causa disto que Aristóteles não aceitou a idéia da evolução, e por esta causa Kant declarou que essa idéia é “uma arrojada aventura da razão” . Do caos físico inferimos o caos moral que resultaria se fosse posta em prática a “moral natural” da força e da astúcia. E por este caminho chegamos ao inevitável caos teológico, resultante da concepção de um Deus cruel, como o Moloch Amonita. Todavia, para acharmos a verdade, cumpre-nos atravessar o caos, como quem transpõe um nevoeiro denso, a fim de encontrar a luz do outro lado. Precisamos saber o que aconteceu antes do caos; de que foi que ele se originou. E isto faremos todos.

E após ponderar um tanto em silêncio, continuou o mestre:

– Tudo o que existe tem o seu contrário com o qual se integra para a construção duma unidade de espécie superior. Mas se atentarmos para cada coisa, verificamos que ela resulta da integração de partes oponentes e complementares. A bipolaridade existe desde o elétron até o universo. Ora bem. Como nosso pensamento reflete o mundo, também é polarizado, e anda e caminha pelo princípio de contradição. Assim, toda a tese se contrapõe a uma antítese, para depois

ambas, tese e antítese, construírem a síntese. Se considerarmos como a tese o nosso estudo de ontem, hoje iremos ver a antítese daquela tese. Tudo, pois, será visto pelo avesso. Logo, se nosso estudo de ontem foi a construção da idéia de Deus pela visão da vida, a recíproca, a contraditória, será a visão da vida a partir da idéia de Deus. Mas atentem vocês para isto:

– Há duas idéias de Deus no mundo, sendo uma, a das filosofias, e a outra, a das religiões. O Ser de Parmênides é o mesmo Deus de Aristóteles, e para ambos, Ser e Deus são princípios puros, forma pura sem substância. Por esta razão, os eleitos, no céu, segundo Aristóteles, e, depois, São Tomas, se resume em contemplar a Deus; mas como Deus é essência pura sem matéria alguma (Aristóteles), então os eleitos vivem de contemplar a essência, num gozo puramente metafísico, numa atividade de puro e eterno pensar... pensar como Deus cuja única ocupação consiste no pensar. Este Deus, forma pura, pura essência, uma vez que é sem matéria alguma, não possui substancialidade, pelo que não passa de princípio vazio, pura idealidade que está na cabeça dos eleitos, mas não fora deles, como objetividade. Para conquistar este estado de puríssima contemplação metafísica, o eleito não precisa de outra coisa além da inteligência; desenvolver a capacidade intelectual é ascese mística e o caminho para Deus. E como estar salvo é estar junto de Deus, contemplando-o, segue-se que só os inteligentes estão salvos, pois só estes podem contemplá-lo, donde vem a máxima inferida de Aristóteles e São Tomas: ***fora da inteligência não há salvação.***

– Mas Platão, prosseguiu o mestre, se põe como uma ponte pela qual se pode passar desta concepção de Deus forma pura, para o Deus substancialidade das religiões. Porque a própria palavra inteligência vem de ***interlegere***, e significa ler entre... as coisas, ou dentro delas, o ***nexo*** que as liga. A inteligência busca o ***nexo*** que integra e dá sentido às coisas. A este nexo, Platão deu o nome de ***Eros*** que é o princípio de conexão dos seres e das coisas, donde que, como diz Platão, a natureza está cheia de ***Eros***. E a inteligência, como busca o Eros, é erosóide; a inteligência é a visão de Eros. Considerando, porém, que Eros é princípio de conexão, quem diz princípio, diz lei, diz forma. Por conseguinte, Eros é a forma do amor, e este princípio é o objeto da inteligência e da filosofia, donde ter Ortega definido a filosofia como “a ciência geral do amor”. A inteligência busca o Eros que está nas coisas e que as interliga amorosa ou copulativamente. A inteligência e a filosofia buscam o erótico das coisas, o modo como, e por que, copulam. O elétron está copulativamente, eroticamente, ligado ao núcleo atômico; como ? por que ? Buscar saber isso é o que faz a filosofia; ela procura o erótico das coisas, sendo Eros o seu objetos, isto é, o princípio de conexão das coisas, ou o das partes que, copulando entre si, formam as unidades coisas. Como o objeto da inteligência (interlegere) é o nexo, o Eros, e o da filosofia, também é o nexo, o Eros, segue-se que a inteligência é, por sua natureza, filosófica, erosóide, visão do erotismo e da cópula das coisas que, por este ato, formam uma unidade maior, do mesmo modo que são formadas pela cópula das unidades menores de que se compõem.

– Com isto, continuou o mestre, Platão destoa de todos os filósofos, visto como, para ele, Deus não é essência pura, mas também substância. E sendo Eros o princípio, a essência, a forma, o amor é a substância. Logo, Deus é ***Essência*** e ***Substância*** ou ***Eros*** e ***Amor***. Eros é o princípio, e o amor é a substância daquele princípio. Ora bem. Eros é o princípio de conexão das coisas, e as coisas conectadas são o ***amor degradado*** na matéria e na energia do nosso universo, sob a rubrica de ***energia-substância*** de Einstein. Este é o fundamento da religião de Platão.

Dito isto, ficou, o pensador, por certo tempo, de olhar perdido no vazio. Depois continuou:

– Esta é a razão por que Platão não recomenda o isolamento do filósofo na torre cristalina do indiferentismo, e antes, pelo contrário, recomenda ao filósofo preocupar-se com o mundo dos homens, lutar por eles, pôr-se como rei deles para os amar e os guiar. Para Platão, a filosofia não se divorcia da política, da preocupação de guiar os homens. Por isto, Platão se assemelha a Cristo que se fez a si mesmo rei, por amor dos homens, e como um rei *sui-generis*, morreu numa Cruz. Por pregar isto, por tentar realizá-lo, por conformar sua vida com esta doutrina, Platão também é um filósofo *sui-generis*, único, em toda a história da filosofia. Com Platão se liga a Cristo ao considerar o amor como fundamento de tudo, para ambos, Deus não é princípio vazio, oco, mas terá uma substância que é o amor, e um princípio ou lei desta substância, que é Eros ou conexão. Deus, logo, é essência e substância, forma e conteúdo, idealidade e consistencialidade, *Eros* e *Amor*. Em Platão, o Deus forma-pura aristotélico-tomista, com raiz em Parmênides, brota como frondosa substancialidade, como objetividade, como realidade, como a excelsitude do amor de que tudo o mais decorre.

– E este Deus realidade objetiva é o das religiões. Deus sempre, por toda parte, e em todos os tempos foi intuído como força, como energia, como luz, como amor. Einstein, no seu “campo unificado”, propôs o termo *energia-substância* para a energia e a massa, o que vale dizer que toda a matéria e energia do universo aparece sobre este denominador comum de *energia-substância*. Ora, como a energia-substância do universo é constante, tudo muda e se transforma, porém nada se perde. Logo, a energia vital e os sentimentos todos, não podem ter surgido do nada, e sim das energias que ficam mais abaixo do ponto de vista evolutivo. Com isto, ficou tendo razão Aristóteles quando afirmou que a matéria é incriada e infinita. Consequentemente, a energia-substância que enche o oco da forma, e dá consistência e objetividade a Deus, é o amor. Agora, não causa estranheza que se diga que “Deus é luz” (I Jo 1,5) que “Deus é amor” (I Jo 4,8); luz e amor incriados e infinitos como queria Aristóteles com a sua expressão *matéria*, e Einstein, com a sua *energia-substância*. Deus, então, não é mais intuído como forma pura, senão que se mostra como essência e substância, apresentando-se esta na forma mais excelsa – o amor. Agora se pode entender que Deus seja infinito, porque a idéia de infinito implica a de espaço, e este, cheio da energia-substância-amor. Se fôra Deus forma pura, não poderia ser infinito, porque o formal, e só formal, não poderia ser infinito, visto como a forma pura, com ser pura idealidade, pura subjetividade, não é espacial. E como o nosso universo físico é *finito* e *curvo* (Einstein), deve haver outros universos para além do nosso, no infinito espaço, no eterno tempo, e não os vemos, nem somos vistos, porque a luz não pode sair de cada sistema, obrigada, que se acha, a fazer as curvaturas deles. Um ser hipotético que habitasse o interior de um átomo, como um vírus ou um bacilo dentro de um glóbulo sangüíneo, havia de concluir que seu átomo é tudo, por estar confinado pela curvatura deste. Assim, fechados, que estamos, em nosso universo, acabamos por supor que só ele existe.

E prosseguiu o pensador após uma pausa:

– Estabelecida esta síntese entre o ideal e o substancial, fica entendido que Platão a representa, como medianeiro entre Parmênides e Cristo. Porque, se Parmênides intui o Ser como essência pura, e por isto fixo, imutável, uno, eterno, etc., no puro aspecto de princípio ou lei, Cristo nos mostra Deus como Pai solícito e amoroso, que se apieda, sofre e se condói da situação dos filhos transviados. Por isto o Deus-Pai de Cristo se acha polarmente oposto ao Deus parmenídico-aristotélico-tomista indiferente e distante, ocupado em pensar sobre o pensamento, pois que pensar

nas coisas seria já aviltar as sublimes lucubrações do Criador. Platão é o equador entre esses dois pólos, a síntese que liga o Ser parmenídico ao Deus-Pai cristão, a síntese que irmana a filosofia feita de etérea idealidade à substancialidade cálida, terna, amorosa daquele que criou os seus filhos do seu amor, para os amar, logo, feitos para a felicidade, e jamais, nunca, para a danação eterna, para a infinita dor.

E voltando-se o mestre para Hierão, perguntou-lhe:

– Está contente agora, Hierão ?

– Oh !... nem me pergunte ! Isso, sim, é que é falar bonito da Verdade !

– Então, continuou o pensador, se o nosso estudo de ontem foi a tese, o de hoje será a antítese daquela tese. Agora, depois deste preâmbulo, podemos encetá-la; iremos ver, que mundo poderia sair de um Deus que é todo sabedoria e amor. Pelos atributos de Deus, havemos de deduzir que filhos, que criaturas, haveriam de sair de tal Criador. Assim, como em nosso estudo de ontem, pudemos formar a idéia de Deus pela visão do nosso mundo, sobretudo, pelo que ele tem de mais alto e mais sublime que é a vida, igualmente, agora, pela recíproca, iremos construir a imagem do *topos uranos* platônico, partindo dos atributos de Deus, ou seja, das qualidades do Ser.

– A primeira propriedade do Ser, ou atributo primeiro de Deus, prosseguiu o pensador, nos diz que ele é *Uno*. E não podia ser dois, porque, se o fosse, havia de ser duas unidades, ou iguais, ou diferentes. Se ele fosse constituído de duas unidades iguais, ambas se coincidiriam, confundir-se-iam, tornando-se numa, ocupando ambas o mesmo infinito, uma vez que o Ser é infinito. Todavia, se o Ser fosse dois, constituído de unidades diferentes, haviam de ser, por oposição e contraste, como a tese e a antítese de quaisquer unidades, do que resultaria a síntese unitária e unidade outra vez. Então, o Ser é necessariamente uno. E um Deus que é uno, ao criar, produz, também, unidades únicas, visto como não há duas unidades iguais. Porém, para bem entendermos isto, atentemos para como uma unidade se constrói.

Dito isto, pôs-se o mestre a meditar um instante, a fim de ver por onde começar; e tendo denunciado no semblante ter achado o caminho, continuou:

– Todos vocês sabem o que é um redemoinho. Diferentes pressões põem o ar em movimento, e onde se dão o encontro de ventos opostos, aí se formam turbilhões. Até há pouco, o espaço aéreo se mostrava como um contínuo; já agora ficou descontínuo, tendo-se formado dentro dele, e da sua substância, uma unidade vorticiosa com duas extremidades, uma de aspirar e outra de expelir. E tudo o que entra no corpo do vórtice, é assimilado nas suas voltas dinâmicas, e depois desassimilado, expelido, para cima. A força centrífuga forma, no remoinho, uma zona rígida, periférica, e um núcleo, onde o ar é rarefeito. Há, no vórtice, dois movimentos perpendiculares entre si: um é vertical, constituído pelo eixo de sucção, e o outro, o da rotação horizontal das partículas de poeira e do ar que giram em circunferência ao redor do eixo vertical. Quem não entende isto ?

– Isso está por demais claro, obtemperou Alcino Licas.

– Nos Estados Unidos, prosseguiu o filósofo, são comuns os ciclones que produzem estragos enormes; por onde passam, varrem tudo, casas, aldeias, florestas. Um vortilhão desses, formado no Golfo do México, pode subir rumo ao norte, fazendo o diabo. Mas, notem bem, não é o ar do Golfo que se desloca para o norte, e sim o “*efeito*”. Tudo o que entra no corpo do ciclone, é, logo após, abandonado; e assim ele vai devorando tudo, moendo tudo nas suas voltas dinâmicas, e, depois, desassimilando, como se fôra um ser vivo. Porém, o que caminha do Golfo para o norte é o “efeito”, que é o mesmo que fenômeno. Portanto, um turbilhão é um efeito, um fenômeno. Está claro ainda, Licas ?

– Ainda esta !

– E um elétron é um vórtice de éter, conforme o vira Descartes. Portanto o elétron também não passa dum efeito. E quando ele se desloca, transladando ao redor do núcleo atômico, é o efeito que se desloca na órbita. A velocidade dessa translação eletrônica é tanta (10^3 Km/s), que o elétron fica como que onipresente em todos os pontos da sua trajetória, fazendo que a órbita eletrônica se assemelhe a um anel. Mas o elétron é um efeito; por conseguinte, esse anel orbitário é *um anel de efeito*. E é esse anel fenomênico que nos dá a sensação de rigidez e impenetrabilidade da matéria. Suponhamos agora que temos à mão um pouco de hidrogênio que fazemos queimar-se numa atmosfera de oxigênio. O resultado da combustão é a água. O hidrogênio possui um anel de efeito por átomo, e são precisos dois átomos de hidrogênio para cada átomo de oxigênio. Porém, o oxigênio possui oito anéis de efeito por átomo. Por conseguinte, uma molécula d’água possui dez anéis de efeito dispostos em todos os sentidos do espaço. Os dois anéis de efeito dos átomos de hidrogênio enlaçam, também, o núcleo do átomo de oxigênio, e esse enlaçamento produz a molécula d’água. Está claro ainda, Licas ?

– Agora já está ficando mais escuro.

– Como vocês estão vendo, duas coisas simples juntam-se, combinam-se, para formar um todo complicado. E se entendemos o simples, por que é, então, que não podemos entender o complexo que se constrói do simples ? É porque, atenção para isto, quando duas unidades se combinam para formar uma terceira, não aparece uma *soma*, porém, um *produto*. E decompondo-se o complexo, pela análise, *perdemos aquilo que só existe na associação*. O hidrogênio e o oxigênio associados dão um produto que é a água; produto, digo, e não soma, porque as propriedades, por exemplo, de um cristal de neve, não lembram, nem em sonho, as propriedades do oxigênio e as do hidrogênio isoladas. Ao ver as maravilhosas formações cristalinas da neve, nunca iríamos supor que aquelas belezas são anéis de efeito entrelaçados, anéis oriundos da velocidade incrível de dez mil quilômetros por segundo dos elétrons em suas órbitas, elétrons que também são só efeitos vorticosas como os remoinhos aéreos. Vejam, vocês, que os elementos das coisas são quase nada, e que da associação eles surge tudo. E o princípio que leva os elementos já diferenciados a se unirem na unidade, é *Eros*, onde vem que tudo está palpitando da força unitiva, e a conexão erótica, de Eros, vai criando tudo.

E tendo o mestre ponderado um tanto, prosseguiu:

– A substância pura, toda potência, ainda em nada ato, não podemos saber o que seja, porque a nossa inteligência é afeita a trabalhar com essências, e na substância pura não há essências. No entanto, é-nos compreensível que a substância pura, no bojo do mais arrematado caos, organizou-se

nalguma coisa, num primeiro ser ou essência que supomos seja o elétron; desta primeira essência se constituíram outras por potenciação das essências. A ordem começou, então, a disciplinar o caos, e assim é que começou a nascer o universo. O primeiro princípio que começou a agir no caos da pura substância, foi o de integração ou Eros. Este Eros não só formou da pura substância as primeiras essências, senão que, depois, forçou a estas a se diferenciarem para depois as integrar em outras unidades mais altas, e estas, em outras, e assim, até que surgiu o universo uno e vário como a própria etimologia do nome o diz. Este princípio de integração (Eros), o alfa e o ômega na escala dos seres, recebe em cada nível um nome diferente: no nível subatômico se chama eletromagnetismo; no nível das moléculas, coesão; entre os corpos químicos, afinidade; entre os planetas e sóis, gravitação; no nível da vida, simpatia; no nível da consciência, amor. Eletromagnetismo, coesão, afinidade, gravitação, simpatia, amor, tudo é variação nominal do princípio único, Eros, que tudo cria e ordena. Portanto a essência primordial e final de tudo, que tudo disciplina, e sem o qual nada existe, é **Eros**, ou **princípio de integração**. Múltiplas moléculas d'água reunidas, formam uma gota; infinitas gotas formam a chuva que nutre os rios que correm para o mar, alimentando a vida das plantas, dos animais e do homem criador de prodígios. Os compostos orgânicos são tão complexos, que não podemos mais falar em cadeias eletrônicas entrelaçadas, ou seja, em anéis-de-efeito turbilhonário. “Por isso não se deve falar em cadeias e sim em padrões de tapeçaria; trabalha-se então com a idéia de um modelo que se aproxima da verdade”⁷¹. E saber que tudo se organiza, se potencializa, para formar um ser vivo, um cosmo orgânico? “Elétron, átomo, molécula, molécula gigante, micela – esta é a ordem das categorias na formação da matéria”⁷². Cada unidade, que já é uma síntese microscópica de essências, **diferencia-se** até alcançar a polarização contrária, para integrar-se com outra unidade complementar, formando, deste modo, outra unidade sintética. Também aqui, a tese e a antítese se casam, por sintonia, na síntese que é, por sua vez, a tese em relação a outra antítese, para formar um outro todo, e assim ao infinito. Deste modo, **Eros** está presente sempre, assim, para as partes mínimas, como para o todo universal; unidade, sempre unidade, e nunca, fração de um todo homogêneo. E sendo tudo heterogêneo, tudo tético e antitético, tudo se harmoniza na organização e na síntese sempre crescentes, até o universo, como unidade total. “O universo é a matemática tornada substância”⁷³, e esta matemática não cria pela soma de iguais, senão pela multiplicação, pela potenciação, de diferentes, fazendo de tudo unidades, e das unidades fazendo tudo!

– É de **Eros**, prosseguiu o pensador, que tudo se unifique, que nenhuma unidade seja só em si mesma, e que nada a si se baste. Sendo, como é certo que é, este princípio uno **Eros** de validade universal, de validade cósmica, podemos estudá-lo em qualquer dos seus aspectos; e é por demais evidente que os aspectos que nos são mais próximos, mais das nossas vivências, nos são mais inteligíveis. Tomamos, então, o aspecto das nossas experiências, que é o amor, e não de modo abstrato, senão “in concreto”. O amor é a força, é a energia de atração que integra os entes humanos, acentuando-se cada vez mais, quanto mais se sobe de nível da consciência, alcançando ele a sua plenitude de realização no nível supra humano ou divino. O amor é o que dá ao ente humano a consciência do “nós” social, que reúne as unidades humanas, pela integração, nas unidades coletivas, a começar pela família e acabando pela humanidade inteira.

E continuou o pensador, depois de uma pausa:

⁷¹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 310

⁷² Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 313

⁷³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 106

– Dois entes, de sexos diferentes, quando se contrastam em toda linha, atraem-se. Não havendo contraste e oposição, pode não haver repulsão, mas haverá indiferença. Por isso o amor sexual tem base na oposição e no contraste entre dois sexos complementares. O amor não une iguais, senão, diferentes, por causa de este sentimento ter por meta formar uma unidade de espécie superior, que é a família, com duas outras unidades complementares. Então, para que haja amor, para que este sentimento se manifeste, preciso é, primeiro, haver oposição e contraste entre as duas unidades que se vão integrar na constituição da unidade maior, na família. E a mesma força que atrai e une, é a que, também, depois, mantém a união. Diante desta evidência de caráter axiomático, o homem e a mulher que se ligaram, não se devem copiar mutuamente, para se parecerem um ao outro, e antes, pelo contrário, ambos devem manter e esmaltar os caracteres que os tornam diversos, e que só por isto os liga. Se o homem se efemina ou a mulher fica virago, o amor se esfria e se desfaz a união. Por aqui já se vê quanto a mulher anda errada em querer ombrear-se com o homem, fazendo tudo o que ele faz. Deve ela opor-se a ele, ser contrária dele, a fim de que, com ele, possa formar a nova unidade. Não é se tornando igual ao homem que a mulher se valoriza; é sendo desigual, executando a função que ele nunca poderia fazer. Nesta diferença específica reside a grandeza da mulher, e na sua igualdade com o homem, a sua inferioridade. A mulher não pode ser igualada no que ela é, em si mesma, do mesmo modo que o homem é único para a sua função, não só sexual, senão também em todas as demais correlatas ao sexo. “O simples aspecto da mulher revela que não é destinada nem aos grandes trabalhos intelectuais, nem aos grandes trabalhos materiais”⁷⁴. Todavia, por causa disto, não se pode dizer como Napoleão I, que “as mulheres não têm categoria”, e antes, cumpre lembrar ao grande corso, que também categoria não terá o homem, não fosse o estímulo que a mulher lhe dá. Por isso, se não fosse a bela Laura de Noves, Petrarca não nos teria legado o seu canto, nem Dante, não fosse a paixão quase mística que nutria por Beatriz, filha de Folco Portinari, e até D. Quixote precisou ter uma Dulcinéia del Taboso que jamais conhecera, para justificar as suas quixotadas! Por conseguinte, a mulher não é inferior ao homem, quando ela possui as categorias próprias da mulher; porém, fica inferior, quando quer emparelhar-se com ele, como se homem fôra. Ambos são feitos para se completarem na nova unidade, como tudo o que é dialeticamente contraditório, como positivo e negativo, macho e fêmea, fechadura e chave, parafuso e porca, dente e entalhe, etc. Falta ao homem o que à mulher sobeja, como a ela falta o que é próprio dele. A mulher, se não cria com o corpo, e isto que é absolutamente impossível ao homem, fá-lo a mulher. Porém, como já o notara Schopenhauer, “no mundo inteiro, esse sexo não pôde produzir um único espírito verdadeiramente grande, nem uma obra completa e original nas belas artes, nem, fosse no que fosse, uma única obra de valor durável!”⁷⁵. Eis que no mundo não há uma só obra de gênio feita por mulher, e até as viragos que a si se nomeiam “*escritoras*”, nunca produziram obras que perdurassem. Mesmo com todas as facilidades modernas e o apoio dos feministas, não surgirão, jamais, mulheres filósofas, compositoras, poetizas que possam competir com Platão, com Beethoven, com Milton ou Goethe. A causa disto reside em que as mulheres não se interessam por coisa nenhuma “superior *in abstracto*”, visto compreenderem-na “*in concreto*”⁷⁶.

E fez uma pausa o mestre, para um fôlego, depois do que continuou:

– Inútil, pois, será buscar entre as atividades estritamente masculinas, os valores feminis; as zonas de criação das mulheres são outras que às dos homens, e, nessas, as mulheres são

⁷⁴ Schopenhauer, As Dores do Mundo, 78

⁷⁵ Schopenhauer, Dores do Mundo, 85

⁷⁶ Schopenhauer, Dores do Mundo, 83

insubstituíveis. O encéfalo feminino pesa 210 gr. menos que o do homem, porém, esta diferença é apenas um caráter sexual secundário correlato com os demais caracteres; e quando a mulher possui encéfalo de homem, fica inferior, porque, falhando na função própria da mulher, não chega ela a ser homem. A mãe de Schopenhauer era escritora; e ouvindo de Goethe que seu filho seria ainda célebre pelo seu talento, tocou-o de casa dizendo que dois gênios não podiam residir na mesma casa. Schopenhauer então lhe replica que ela só poderia ser famosa pelo filho que teve, e jamais, nunca, pelos livros que escreveu. É no que dá a mulher com encéfalo de homem, a mulher-macho, que tem mais amor pelas suas produções intelectuais, do que pelo filho, chegando ao cúmulo de expulsá-lo de casa, se este, pelo seu gênio, ameaça roubar-lhe os louros. O parto da inteligência é próprio do homem, e o parto do corpo, da mulher. Palas (Minerva), deidade armada, saiu da cabeça de Zeus, e por isso, é deusa simbólica da sabedoria, das artes e da guerra.

– A varoa é um andrógono, prosseguiu o mestre, em que a natureza, indecisa, não sabe por qual caminho tomar. Contudo, o certo é que a natureza faça “a mulher diferente do homem: enquanto este é um ser cerebral, aquela é mais um ser do tronco cerebral”⁷⁷. Mais: “O homem é um gênio cerebral, a mulher um gênio do tronco cerebral e cada qual não pode ser igualado pelo outro em seus dons específicos. O homem é grande pelo que intelectualmente produz para fora; a mulher tem idêntica grandeza interna, moral e com isso ela é indispensável complemento do homem e do mundo. Ela é infinitamente grande não como médica e pintora mas como Raquel, tronco de uma raça, e como Penélope, esposa fiel, como Antígona, que passava entre os homens amando e não odiando, como Aspásia, que não se envergonhou de chorar ante os juizes por causa de Péricles, o chefe de Atenas, como Cornélia, a mãe dos Gracos, ou Letícia, a mãe de Napoleão, que como mulher igualava a grandeza de seu filho como conquistador. Quem possui mãe conhece a tranqüila e irracional grandeza feminina, que nenhum dom masculino ultrapassa e não deseja que a mãe da sua juventude e a companheira de sua vida sejam mulheres masculinizadas e intelectuais mas sim aquilo que vale tanto ou mais que o melhor e mais produtivo dos homens: uma verdadeira mulher”⁷⁸. Como vocês estão vendo, “a excelência varonil baseia-se, pois, num *fazer*; a da mulher num *ser* e num *estar*; ou, com outras palavras: o homem vale pelo que *faz*; a mulher pelo que *é*.”⁷⁹. “O forte da mulher não é saber, mas sentir”⁸⁰.

E fechando o caderno de suas notas, prosseguiu o filósofo:

– Eis que naquilo em que as mulheres se podiam distinguir, já o fizeram, e a história está cheia de seus nomes; todavia, naquilo que lhes estava vedado, permanecem nulas, e assim o será para sempre. Elas poderão ser tudo o que quiserem, porém, mediocrementemente, por macaqueação e servilismo, nunca por originalidade, por genialidade. Diferenciar-se do homem, pois, é a regra, que não igualá-lo, valendo esta regra também para o homem em relação à mulher.

E concluiu o pensador:

– Deste modo, como nós aqui, “vê Ortega o universo como um cosmo amoroso enlaçado por uma cadeia de compreensão e nobreza” (Luiz Washington Vita), e “neste sentido (diz

⁷⁷ Fritz Kahn, O Corpo Humano, II, 279

⁷⁸ Fritz Kahn, O Corpo Humano, II, 279

⁷⁹ Ortega Y Gasset, Estudos Sobre o Amor, 38

⁸⁰ Ortega Y Gasset, Estudos Sobre o Amor, 40

Ortega) considero que a filosofia é a ciência geral do amor; dentro do globo intelectual representa o maior ímpeto para uma omnímota conexão”⁸¹. E nesta conexão omnímota, *Eros* não une igualedades, mas diferentes; para o amor, há, também a regra das polaridades elétricas e magnéticas, pelo que os diferentes se atraem, e os iguais se repelem.

– Conheço uma exceção para essa regra, retrucou Bento Caturí.

– Qual ?

– Ora, os filósofos, os artistas, os místicos se respeitam e se prezam, não por diferença, mas por igualdade. Se os iguais se repelem, que fazemos nós, aqui, se todos somos homens ? se todos somos, senão pensadores, ao menos amantes do saber ? Nós, aqui, por conseguinte, constituímos um exemplo contra a sua regra: não é a diversidade que nos congrega, mas a identidade de pensamento, de atividade; é a identidade, em nosso caso, que une, que não a oposição e o contraste.

– Atenção para o que vimos há pouco, tornou o mestre. A mulher e o homem se procuram, mutuamente, para ambos criarem um produto: o filho; neste se não de confundir os caracteres que individualizam os genitores. Esta atração, todavia, só se dá *entre os extremos opostos de uma mesma espécie*, e não, fora dela. Diz Schopenhauer que “os homens baixos tem uma tendência decidida pelas mulheres altas e reciprocamente...”⁸². “Até mesmo nas diferentes partes do corpo, cada um procura um correspondente aos próprios defeitos, e tanto maior é o cuidado quanto a parte mais importante. Assim aqueles que têm o nariz chato contemplam com inexplicável prazer um nariz aquilino, ou um perfil de papagaio; e assim com tudo o mais. Os homens magros e altos, admiram uma criaturinha demasiado cheia e pequena. Assim sucede com o temperamento; cada um prefere o que é oposto ao seu e essa preferência é sempre proporcionada à energia do seu temperamento”⁸³. “Há casos excepcionais em que um homem se pode apaixonar por uma mulher decididamente feia: e isto se dá de acordo com a lei da concordância dos sexos, quando o conjunto dos defeitos e das irregularidades físicas da mulher são a perfeita antítese e por conseguinte o corretivo dos do homem. Neste caso a paixão atinge geralmente um grau extraordinário”⁸⁴. Podemos dizer, para usar uma expressão de Schopenhauer, que o “gênio da espécie” quer conseguir uma harmonia entre os opostos. Daí vem que os opostos se juntam para formar harmonias nos filhos. Como vê, meu caro Licas, a tendência do amor é a de formar uma harmonia de contrários, mas, veja lá, que isto só se verifica dentro duma mesma espécie ! atento agora:

– Quando dois artistas, ou filósofos, ou místicos se defrontam, é como se fora encontro de dois seres opostos duma mesma espécie. O homem e a mulher são duas oposições da espécie humana, do mesmo modo que dois filósofos, dois artistas, dois místicos, ainda que homens, representam duas oposições da “espécie artística”, da “espécie filosófica”, da “espécie mística”; e a atração existe porque as duas unidades se contrastam, e por isso se unem para, mutuamente, se fecundarem, ampliando, por este modo, os seus cabedais artísticos, filosóficos e místicos. Se houvesse absoluta igualdade entre as duas unidades que se buscam para a formação da síntese, se elas se identificassem tanto entre si que uma era a outra, se cada uma se visse a si mesma espelhada na outra, em vez de se atraírem repelir-se-iam entediadas. O homem que sai da sua

⁸¹ Ortega Y Gasset, Estudos Sobre o Amor, 11

⁸² Schopenhauer, Dores do Mundo, 57

⁸³ Schopenhauer, Dores do Mundo, 57-58

⁸⁴ Schopenhauer, Dores do Mundo, 58

solidão, enjoado de estar só consigo, busca a variedade no convívio dos amigos; e se acontecesse de topar consigo mesmo espelhado nos outros, continuaria em plena solidão. É por isto que as discussões e as polêmicas se travam nos pontos controversos, e nunca, nos pontos pacíficos. Nisto reside a causa de o homem ser um animal social, político, como o chama Aristóteles. Buscar o diferente é a única maneira de fugir ao tédio que cada um a si mesmo se causa. Se o homem se bastasse a si mesmo, se cada um apreciasse a continuada solidão, e se sentisse prazer em estar indefinidamente só consigo, então, o homem não seria um ser gregário ou social. Logo, manter a própria diferenciação, especificá-la, esmaltá-la cada vez mais na sua linha de unicidade, é o mesmo que adquirir personalidade, o magnetismo com que prendemos os outros a nós. Preciso é tornarmos interessantes para sermos buscados pelos da nossa “espécie”, a fim de formar, conosco, outras unidades sociais mais altas e complexas.

– Portanto, prezado Caturí, todos nos reunimos aqui, para estes serões, porque todos pertencemos à u’a mesma espécie, à “espécie filosófica”. Tenho, pois, provado que não é a identidade, mas, a diferença que leva os da mesma espécie a se reunirem e a se amarem.

– Se está no ser diferente, a regra, tornou Bento Caturí, têm razão os excêntricos, os esnobistas, como eram os Incríveis da França ?

– Exato. O excêntrico por fingimento, o esnobe, o que pretende é ser diferente e ter personalidade, para destacar-se da massa homogênea dos iguais. Como, no entanto, não pode alcançar isto pelo valor substancial, pelo talento, pelo mérito prestante da inteligência, do coração, da sensibilidade ao belo, porque é substancialmente chocho, nulo, então, veste-se à inglesa, mete um cachimbo caro no canto da boca, põe na cabeça um barrete de pintor, pega duma bengala, e sai-se, por aí, arrancando os aplausos da gente tola e nula. Os Beatles deixaram crescer os cabelos, assumiram um ar amaricado, assalariaram um claque feminina para berrar, chorar e morder os lenços, histericamente, nos teatros; e deste modo, hipnotizaram e arrastaram após si o rebanho do mé, ao qual se juntou a rainha da Inglaterra que outorgou-lhes o título altamente honroso de Membro da Ordem do Império Britânico (M.B.E.).

– Como vocês vêem, prosseguiu o mestre, qualquer sujeito que faça umas coisas esquisitas, ainda que não valham nada, acha ressonância nos tolos e nos estúpidos que se contam por milhões, dos quais recebe os aplausos imediatos e longos. À-toa não é que, entre os achados da Babilônia, em número de vinte e três mil documentos (tabuinhas de argila), para cujo transporte foram necessários frotas ou colunas de caminhões, à-toa não é que, entre esses achados, encontrou-se uma tabuinha em que se lê: “Olha em volta e vê que todos os homens são estúpidos !”⁸⁵. Nisto de esnobismos, as mulheres levam a palma; por serem mais vazias do que os homens, cuidam só das aparências físicas, das vestes complicadas e dos penteados caros. Ainda não existe um artifício que denote vacuidade, inventado pelos cabeleireiros e costureiros famosos, que não tivesse sido posto em prática pelas bonecas sofisticadas e ocas dos nossos dias. Porém, o que provoca tudo isso, o que impele as unidades humanas para a diferenciação, é a necessidade imperiosa de fazer-se estimar. É o impulso do amor que as força à diferenciação, à se tornarem unidades opostas, contrastadas, complementares, para o fim necessário de constituírem novas unidades, pela união com o seu oposto. No fundo, toda unidade está dominada por **Eros**, o princípio ou lei de integração, cuja substância é o amor. Eros e amor, princípio e substância, essência e força, operam juntos, e são, entre si, indissociáveis. É o amor o que promove a diferenciação para compor, com a tese e a

⁸⁵ C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 233

antítese, a síntese de novas unidades. A essência do Ser Único, por conseguinte, é **Eros**, com sua correlata substância o **Amor**, visto ser este o que forja, sustenta e integra as unidades diferenciadas na síntese das unidades maiores. Ele é o que força as unidades a se tornarem únicas pela especialização cada vez mais crescente, de modo que, em todo o universo, não se possa encontrar dois indivíduos iguais. Eis como o amor explora e realiza nas unidades individuais, uma parcela das infinitas possibilidades do Ser infinito. E porque o Ser Único é Unidade em si mesmo, cria, por toda parte, unidades únicas que acham o seu par oposto noutra unidade diferentemente diferenciada.

E depois de uma pausa meditativa, continuou o pensador:

– O que Freud viu como pan-sexualismo, não é mais do que o pan-amor, visto como é o amor, e não o sexo, o motor de tudo, até mesmo da inteligência e da glória do sábio e do gênio. Provo. Porque o amor antecede ao sexo, e nos níveis inferiores da escala da vida, quando ainda não há sexo, há o amor, e aí já os seres se dão a si mesmos nos descendentes. Por isso, “o amor não é privilégio dos “superiores”. É tão antigo como a vida. Quando emergiram das trevas do Algonquiano os primeiros seres – vírus e fagócitos – o amor também já estava presente”⁸⁶. Se o sexo surgiu muito mais tarde, como um artifício da vida que precisava reforçar o plasma por meio de trocas, como é que Freud nos vem falar de pan-sexualismo? “Os flagelados mais simples unem-se e os ciliados complexos trocam-se respectivamente os núcleos”⁸⁷. “O sexo é uma coisa imposta à reprodução sendo coisa muito diferente dela”⁸⁸. O que há, logo, é o pan-amor, que não o pan-sexualismo de Freud.

– O amor, continuou o filósofo, é a raiz de que nasce tudo, até o desejo de glória do sábio e do gênio, fazendo-os mover e criar maravilhas. Já dizia Vieira que “a inclinação mais natural, mais viva, e que mais fortes e profundas raízes tem lançado na natureza humana, é o desejo de glória. Aristóteles lhe chama ao homem, *Animal gloriosum*. E Tácito, mais versado nas políticas do mundo, que nas do espírito, disse que esse é o último vício de que se despem os sábios: (...). E já Platão tinha dito pelas mesmas palavras, que era a última túnica de que se despem as almas”⁸⁹. E os mesmos filósofos, diz Vieira, que escreveram sobre o desprezo da glória, se fizeram célebres com botar seus nomes nos frontispícios dos livros. Por isso assoalhamos as coisas belas e boas que fazemos, ocultando as feias. E “só confessamos os pequenos defeitos para persuadirmos os que nos ouvem que os não temos grandes”⁹⁰. Por meio destes artifícios todos buscamos valorizar-nos, e isto, para podermos ser estimados. E quem busca ser estimado, amado, é porque também ama àqueles cuja atenção procura atrair para a sua pessoa. Se desejamos ter boa fama, para sermos amados de todos, então é certo que amamos a todos, aos quais pedimos se interessem por nós, nos prezem, nos amem. Ora, quem pede amor e reconhecimento, ama.

E depois de concatenar novos pensamentos numa pausa, prosseguiu o dialeto:

– O melhor modo de se recuperar um caído, é dar-lhe uma reputação a zelar. Bem dizia Vieira que “a honra é o segundo anjo da guarda da virtude, é mais poderoso para conosco que todos os anjos, porque é anjo que se vê”⁹¹. “A virtude é que dá o ser à honra e à fama, mas a honra e a

⁸⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 15-16

⁸⁷ Wells Huxley, O Sexo e a Vida, 37

⁸⁸ Wells Huxley, O Sexo e a Vida, 38

⁸⁹ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 18, 164

⁹⁰ La Rochefoucauld, Clássicos Jackson, XII, 150

⁹¹ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 14, 297

fama são os que defendem a virtude”⁹². Muitas vezes não é “o amor ao bem, ao justo, ao equitável, ao honesto que governa o homem; é a vergonha, o receio da censura, a perda da consideração”⁹³.

– Neste caso, argumentou Licas, tudo deste modo se reduz à pura coerção social extrínseca ! Que garante, então, a virtude, quando os olhos da fama não lhe está em cima, seja porque é noite, ou porque se está entre desconhecidos ?

– Ser virtuoso é comigo; ser famoso é com os outros. A maioria se governa por coerção social extrínseca; não, todavia, o sábio, o gênio, o santo, que possuem a coerção intrínseca, que é um condicionamento psicológico nascido da auto-educação, da autodeterminação. Este foi o pensamento de Santo Agostinho ao dizer “que a todo o homem é necessário a consciência e mais a fama: a consciência para si, a fama para os outros”⁹⁴. Esta é a causa, meu Licas, de os gênios serem diferentes da mediocridade; eles são como são, indiferentes à opinião das massas; guiam-se pela consciência que não pela fama. O aplauso das multidões os aborrece, porque isto os faz confundir-se com os ídolos vulgares, destituídos de valor. A razão é clara: as multidões só podem aplaudir o que entendem, e só podem entender o que é medíocre; segue-se, logo, que o gênio aplaudido em sua época, pelas multidões, não é gênio...; o aplauso das massas não é elogio, é ofensa...; quem busca o aplauso das massas, não é gênio, é massa !... Isto posto, isto assentado, temos que o sábio e o gênio não se governam pela coerção social extrínseca da fama, porém, pela consciência, que é a coerção intrínseca. Tendo eles dominado o desejo da glória popular, hão despido a “última túnica”, no dizer de Platão, ou venceram o “ultimo vício”, como diz Tácito. Todavia, meu nego, para a maioria dos homens, a boa fama ainda é a única fiadora e salvaguarda da virtude. Disto é que vem a preocupação constante de salvar as aparências. É que todos precisamos do bom nome, da honra, da fama para sermos prezados. E quem busca ser estimado é porque também estima, pois é claro que se o meio social em que vivemos nos fosse absolutamente indiferente, não lhe pediríamos afeição e amor. Logo, quem busca o bom nome, a glória e a honra, deseja ser amado; e quem busca ser amado, ama.

– O sábio e o gênio, continuou Árago, procedem guiados pela consciência do próprio valor, do mesmo modo que um civilizado, no meio de selvícolas, não vai fazer o que eles fazem, só para os agradar. O objetivo do civilizado é civilizar os aborígenes, sendo ele um fermento no meio da massa subumana dos bárbaros. Tal como o civilizado no meio dos bugres, sentem-se o sábio e o gênio no meio da multidão do homem-massa; por isso, em vez de descer a eles para os imitar, para os agradar, força-os a que subam, ainda que contrafeitos. “Que médico há que repare no gosto do enfermo quando trata de lhe dar saúde ? Sarem, e não gostem; salvem-se, e amargue-lhes, que para isso somos médicos de almas”⁹⁵. Por isso, acrescenta Vieira, “A pregação que frutifica, a pregação que aproveita, não é aquela que dá gosto ao ouvinte, é aquela que lhe dá pena”⁹⁶. E acrescenta: “Contanto que se descontentem de si, descontentem-se embora de nós”⁹⁷. Logo, a aparente indiferença do sábio e do gênio, é, também, deste modo, um ato de amor.

⁹² Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 14, 298

⁹³ Diderot, Clássicos Jackson, XII, 232

⁹⁴ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 14, 296

⁹⁵ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 1, 85

⁹⁶ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 1, 86

⁹⁷ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 1, 87

– Aqui está, meus caros, continuou o mestre, como tudo se resolve com o amor ! Este é o valor da incógnita “x” metafísica, que tem azucrinado a mente de todos os filósofos antigos e modernos. Quase todos os pensadores puseram a razão no alto, fazendo tudo o mais decorrer dela. Mas não. No pináculo está o amor, visto que a própria inteligência e a razão humanas decorrem dele, conforme o vou demonstrar. Pela recíproca, nenhum artifício ou sofisma permitirá fazer o amor decorrer da razão, porque é o amor, e não a razão, que governa o mundo. Eros, com ser princípio ou lei de integração, é, já, em si mesmo, essência ou forma, não tendo tido começo nem fim no tempo, e desde todo o sempre esteve conexo com a sua substância amor. Todavia, a razão humana teve princípio no tempo e no espaço, e descendo nós, pela escala biológica, vêmo-la nascer. A razão não existe nos seres inferiores; bruxuleia nos superiores; acende-se, como luz, no homem; e esplende, fulgurante, no gênio. No entanto, o amor, com ser a substância de Eros, co-está com ele presente antes e depois do caos. E no mesmo caos mais inteiro dos primórdios do universo, aí cessou de atuar a lei, mas não cessou de existir a substância, pois o caos é a substância sem lei, é a substância pura, em nada ato. Assim, admite-se possa haver um interregno para a lei; não, porém, para a substância que existia antes, durante, e depois do caos. Já a essência, a forma, a lei, havia antes e depois; não, porém, durante o caos. E tanto que cessou o impulso desintegrativo, oriundo da queda das almas, a substância delas já se achou amparada, de novo, da sua **natureza aglutinativa**, e Eros principiou a disciplinar a formação de novas unidades que se integraram, refazendo o caminho de volta para Deus, pela evolução. A substância pôde, no caos, estar desamparada da lei; mas a lei nunca pode estar sem a sua substância que é o amor-vida, o amor-força, o amor-energia atuante e criadora.

– Todavia, prezado Árago, objetou Virgílio Hurão, antes dessa razão humana, histórica, já havia a Razão Universal !

– Havia. Essa Razão Universal é a Hiper-Razão Absoluta, intuitiva. Deus não é um velho racionalista, como o homem. Ele é hiper-racionalista, muito acima da razão seráfica, que já domina tudo em volume. Deus não raciocina... para saber, como o homem; ele é a Sabedoria excelsa. Deus, como forma, como essência é **Eros** ou princípio ou lei de conexão ou integração, e, como tal, atua desde a sociedade dos serafins, a mais alta ordem angelical, até as unidades subatômicas. Este princípio é o que assegura, em organismo coletivo, o **topos uranos**. Esta hiper-razão, entendida como princípio das coisas é **Eros** que co-é ou co-está com o **amor**, de natureza energética substancial. Eros não é princípio vazio, mas desde toda a eternidade está conexo com a substância amor, que, por isto mesmo, é infinito e incriado.

– Agora, entendamos isto: a razão, como sinônimo de inteligência, essa teve começo no tempo, podendo ser rastreada escala abaixo, até que a vemos nascer nos seres macacóides. E quando Aristóteles e São Tomás falam da contemplação de Deus pelos eleitos, no empíreo, referem-se à contemplação metafísica, a visão racional da inteligência, e não, da fusão mística da alma no Todo, pelo amor. Ambos cuidaram que os anjos são racionais, quando, em verdade, são intuitivos, isto é, dominam a terceira dimensão da consciência como super gênios. Já o disse Huberto Rohden: “O amor é a mais alta racionalidade”. “Deus, que é a eterna **Razão** (o Lógos), é também o **Amor** infinito – e o homem que atingiu o ápice da racionalidade culminou no vértice do amor”⁹⁸. Este ápice da racionalidade é a terceira dimensão da consciência, em que a visão planimétrica do raciocínio, se torna na visão volumétrica da intuição. E todos os gênios nos dizem que este relâmpago intuitivo vem, invariavelmente, acompanhado de uma como expansão extática e

⁹⁸ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 177

amorosa. Tão grande foi o êxtase de Newton, quando viu cair a maçã, que, lívido, tremendo, não podia efetuar os cálculos, sendo preciso pedir a ajuda de um discípulo. Ora, o que Newton descobriu não foi uma lei ? não estava operando só racionalmente ? Não estava; porque no nível da hiperconsciência, coração e cabeça se fundem na unidade e são um, pelo que a verdade é sentida como se fôra com todo o ser. Pois bem. Se Newton sentiu-se desfalecer de gozo, de êxtase, só porque se levantou, numa perpendicular, sobre o planimétrico da razão, como hão de sentir-se os serafins, que dominam toda, inteira, a consciência volumétrica ? Que pensaria de nós um querubim, ouvindo-nos dizer que Deus é a Razão, do modo como a entendem os humanos ? Quando sentimento e razão se fundem na terceira dimensão consciencial, soa como clamoroso absurdo a dicotomia que bissecciona a essência da substância, a forma do conteúdo, *Eros* do *amor* na unidade do ser. Não há separação possível entre Eros, princípio de integração, e o amor como substância integrada nas unidades que se polarizam para integrar-se, por sua vez, em novas unidades, e isto, do elétron ao Cosmo total. No princípio era o amor; este forjou tudo, inclusive a *inteligência* que possibilita ao homem ingerir nas demais obras da criação, forçando-as a caminharem nos trilhos dele, e a satisfazer-lhe os fins. Por isso, tudo o que existe, foi feito pelo amor; e nada do que existe, sem ele se fez !

E após ponderosa pausa prosseguiu:

– A inteligência diferencia os homens, e o amor os integra; mas na raiz da mesma inteligência está o amor que a motiva, e, como motor dela, a força à diferenciação. Posso agora responder à pergunta de Hierão Orsoni, e dizer: o Ser metafísico é de natureza afetiva, emotiva, ao mesmo tempo que volitiva e hiper-racioanal. E nós mesmos, reparem vocês, se nos guiamos pela razão, como se fôra, esta, bússola, nos movemos pelos sentimentos, e não raro a bússola indica um ponto, e nós vamos dar a outro, donde vem que o homem é um ser contraditório, um esquizoide que pensa, diz e escreve uma coisa e faz outra, à vezes até o oposto. Frequentemente pomos a razão a serviço de nossos sentimentos para o que fingimos razões, isto é, racionalizamos e justificamos os nossos passos. Este fingir razões para a nossa conduta oriunda dos sentimentos, prova que a *intuição*, com ser racio-emocional, toma as rédeas da vida, tornando-se ao mesmo tempo, motor que impulsiona e bússola que orienta. Quando isto acontece, dizemos, então, com Pascal, que “o coração tem razões que a razão não alcança !” . Pois claro: estas razões do coração pertencem à consciência tridimensória, face à qual a razão planimétrica é impotente. É assim que sempre pareceu incompreensível que a causa do desenvolvimento da inteligência estivesse no amor. No entanto, quando nos pomos a desenvolver a inteligência e o saber, com o fito de tornar-nos sábios, ainda é porque estamos motivados pelo sentimento de servir ao nosso meio coletivo, com nossa especialidade, recebendo nós, dele, reconhecimento e amor. Vejam que a própria filosofia se define como sendo o *amor da sabedoria*; por isso, preciso é que primeiro haja o amor, para nascer dele, depois, a sabedoria; quem não tiver, primeiro, amor pela sabedoria, não pode dedicar-se a ela, e tornar-se sábio. O amor é a motivação causal dos nossos atos, e as conseqüências podem ser o saber, o poder, o heroísmo, a bondade, a sensibilidade ao belo. Que é o Ser ? Pois o Ser é a unidade dual Eros-Amor, visto que este é o que tudo cria, e ordena, e integra em unidades cada vez maiores até o Todo orgânico ou Cosmo total. Com ter sido achado o valor “x” da incógnita metafísica, todos os demais problemas, agora, se resolvem.

E após uma pausa, para um fôlego, continuou o filósofo:

– A ciência é diferenciação, é especialização para o exercício de funções específicas; e quem se diversifica da massa homogênea, monótona e cinzenta dos iguais, fá-lo, primeiro, para ser prezado, estimado, e depois, para unir-se à sua contramete, à sua contraparte, constituindo, assim, uma outra unidade de espécie superior, de um outro todo mais alto e mais fecundo, seja no sexo, seja na política, seja na filosofia, seja nas artes, seja nas ciências, seja nas letras. Quem procura a própria diferenciação, objetiva integrar-se em nova unidade; ora, quem busca a integração, ama; logo, o motor das diferenciações é o amor. Quem, ambicioso, procura a glória do poder, o faz por amor do bem público; e porque serve, se faz estimado de todos. E quem deseja ser amado, é porque também ama, ainda que não tenha consciência disso. Por conseguinte, a ambição do poder, se busca realizar-se através do serviço e do bem público, pelo mérito pessoal, e não, pela força ou pela astúcia; é impelido pelo amor, e só pede amor quem ama. Consequentemente, a ambição do poder tem sua raiz no amor. Igualmente, quem procura enriquecer-se, o faz, porque o rico é estimado, admirado, respeitado, e até tido por inteligente; pois claro: se com o dinheiro se compra tudo, até o amor de que se precisa para viver, só o não possui quem o não pode adquirir, por incapacidade ou inépcia. Por isso, “quem tem muito dinheiro, por mais inepto que seja, tem talentos e préstimos para tudo: quem o não tem, por mais talentos que tenha, não presta para nada”⁹⁹. E Cervantes também descobriu que “as tolices dos ricos passam por sentenças no mundo”¹⁰⁰. Por causa desta grande estima que o dinheiro confere, só o não possui bastante, quem não pode; logo, quem o pode ter bastante, é estimado, acatado, respeitado, admirado e até tido por talentoso. Desejando usufruir deste benefício líquido e certo, o indivíduo se põe a amontoar, transformando-se em avaro. O avarento é um errado, visto proceder como a criança que guarda para depois os doces de que gosta mais. Contenta-se ele com a veneração da gente inferior, e com o gozo antecipado daquilo que ainda vai usufruir. Deixando sempre para depois, ao dinheiro, a oportunidade de realizar sua promessa, vive miseravelmente. Entretanto se empregasse logo o seu dinheiro, comprando aquilo que este promete, estaria já no gozo dos bens. O erro do sovina, portanto, consiste em contentar-se só com a eterna promessa de que ainda vai gozar, em vez de lançar-se logo ao usufruto e ao gozo. Consequentemente, a paixão do sovina pelo seu dinheiro, tem suas raízes na promessa de felicidade, de bem e de amor. Se o dinheiro não promettesse nada, seria totalmente desprezado. Logo, o dinheiro vale pelo que promete, e sua maior promessa é o amor; é amado porque promete amor.

– Como vêem, concluiu o filósofo, a mesma avareza, no fundo é amor, visto como ela é o amor do dinheiro, porque este promete comprar tudo, inclusive o amor. Se tudo, pois, é redutível aos termos do amor, haverá alguma exceção para esta regra ?

– Uma das exceções que acho à regra, ponderou Licas, é o ódio, pois o ódio não é amor.

– O ódio, meu nego, é o amor invertido e visto pelo seu reverso, pelo seu negativo. Não é ausência ou indiferença, mas força real e ativa de negação. O egoísmo é que é a grande premissa negativista, da qual decorrem todas as conseqüências dentre as quais, o ódio. O egoísmo, por isso, também é amor invertido, mas em estado potencial, estático, como os estados de consciência. Já o ódio é amor ao negativo, porém, em estado cinético, de movimento, de luta, de guerra. O ódio é egoísmo que fere e causa dano, nem que seja para destruir também o ser ao qual se arrima. É a fúria do ígneo serafim Moloch contra Deus que, raivoso, pede a guerra aberta, mesmo que seja para ter nela a morte eterna, conforme se pode ler no “Paraíso Perdido” de Milton, canto II. Também, lá, se pode ver o que é o egoísmo, o só egoísmo, na bela fala de Belial, “o anjo mais belo

⁹⁹ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 9, 186

¹⁰⁰ D. Quixote, Vol. IX, T. 2, Clássicos Jackson, 270

que perdeu o Empíreo” . O egoísmo é frio, calculado, calmo, refletido, reservado; o ódio é egoísmo em chamas, vulcânico, ativo, irrefletido, arrebatado, temerário, louco ! O egoísmo possui uma lógica; é a lógica do Diabo, mas é lógica, visto que age segundo o plano de reconstrução do centro a que pertence, a custa da periferia, dos próximos. Já o ódio não tem lógica; é o egoísmo levado à fase última e caótica da auto-destruição. O ódio não é amor invertido que, como um pêndulo, parou no seu ponto de repouso, que desceu ao ponto zero da escala, e, aí, parou, no estado de infinito tédio e eterna indiferença, como equilíbrio estático de forças. Não. Ele é o amor que ultrapassa esse ponto, indo-se para o lado oposto, para o lado negativo da escala caritométrica, avançando sempre nessa direção, até o menos infinito que é onde o ser se reduziu a zero no caos. É o êxtase supremo de destruir o adversário, ainda mesmo que seja para morrer abraçado com ele. O ódio é a paixão amorosa do Dragão, da Serpente antiga. Se não fosse o amor, não haveria o seu negativo, não haveria o ódio, porque não teria este a sua recíproca com que lutar. O egoísmo nega; o ódio destrói aquilo que o egoísmo nega. Aqui está por que o ódio existe em função do amor, por causa do amor, como sombra dele, como a fôrma por causa do formado, como o negativo fotográfico por causa do retrato. “Deus é amor” (I Jo 4, 8); o motor do Universo total, princípio e fim de tudo. É a força que, no Caos mais extremo, põe em turbilhão a divina Substância que residiu de Satã, criando uma partícula infra-espacial – o ponto. É também a energia que torna essa partícula diferenciada, para ligá-la com outra oposta e complementar, forjando, deste modo, uma unidade mais alta, mais complexa. Assim surgiu o meio etéreo que é um oceano de elétrons, e por isso, com propriedades eletro-magnéticas; as ondas vindas da periferia do espaço, encurvaram-se sobre si mesmas produzindo os turbilhões eletrônicos os quais, associados por seus campos, organizaram o oceano etéreo que enche o espaço. Outras ondas cavalcando agora o próprio éter, condensaram os vórtices eletrônicos nos núcleos atômicos, e por este modo surgiram os átomos, as moléculas, as moléculas gigantes, as micelas, os cristais de compostos proteicos (vírus), as células vagabundas e já as coloniais, as células organizadas, os órgãos, os seres, as famílias humanas, as sociedades, as humanidades planetárias, galácticas, celestiais, apoteóticas, deíficas, Deus imanente, ou criacional, ou manifesto no *topos uranos* de Platão.

– Eis, pois, prosseguiu o mestre, que até agora só tenho falado da unidade, como primeira propriedade do Ser; e tendo só falado dela, só falei do amor, visto que este, com ser a substância da lei de integração, tudo une, e de tudo forma unidade. Alcançamos, pela indução lógica, a Grande Premissa da qual tudo o mais decorre, necessariamente. Agora, Hierão, podemos continuar com o que há bem tempo começamos.

– A que se refere o senhor ?

– Ora ! aos atributos de Deus, o Ser por excelência. Por certo é destes atributos que a Criação saiu. Sendo o mesmo Deus amor, necessariamente tinha que criar o objeto deste amor, pois a existência do amor implica num Sujeito que ama, e num objeto amado. Que se pode, Hierão, originar do amor ?

– Do amor só se pode originar amor !

– Bom. Então Deus, por necessidade de criar o objeto do seu amor, tirou de si, da sua Substância, os filhos diletos. Ora, o amor é altruísmo, que se opõe ao egoísmo. Quer dizer, então, que cada filho, criado na máxima perfeição que em criaturas é possível, se expandia em amor, abarcando os irmãos num amplexo gozoso de máxima intensidade. Cada um, incendiado do seu

amor, queria como anular-se num êxtase, em favor de seu irmão. Havia, logo, um impulso de auto-aniquilamento e não-ser, para que só o irmão fosse o ser. Este sentimento sublime fazia que aquela esfera que rodeia todo o nosso universo físico, na qual Deus se dera nos filhos, pulsasse como se fôra um grande coração. E toda a coorte destes eleitos alçava-se para Deus, amando-o, tanto como os irmãos entre si se amavam. Então, na eternidade, que é um tempo parado, Deus quis criar uns filhos; tirou-os, então, de si, visto que de nenhuma outra substância os podia criar. Encurvou-se, pois, Deus, sobre si mesmo, e estas limitações e encurvamentos de si, da substância-amor, foi a criação das almas perfeitas e puras que, quais focos de luz enceguecentes, se esbraseavam de amor no *topos uranos*. Essas almas eram clarões policrômicos, tais como estrelas ou sóis esplendentes. O que sentiam essas criaturas lucigênicas e lucífagas, em que as ondas-amor se encurvava, era um incêndio interior de êxtase e júbilo tão intensos, perto dos quais a auto-ignição em que se queimam os gênios e os santos, são gelos e sombras. Inflamavam-se de amor as criaturas num delíquio supremo, de modo que, quanto mais Deus as fazia apartadas de si, para as amar mais, mais queriam elas precipitar-se no centro da luz, numa retribuição de amor, num apoteótico gesto, quem sabe ?, de chegar à anulação de si, para que só Deus fosse o Ser. Queriam perder a vida em Deus, como numa nirvânica fusão, e quanto mais a buscavam perder pelo altruísmo, mais abundantemente a tinham de volta, de maneira que havia uma continuada troca energética que nutria a vida-amor, seja dos anjos entre si, seja deles com o Criador. E dispondo também os anjos de luz do poder criador, mentalizavam as coisas, e estas idéias arquetípos se modelavam na substância, numa infinita variedade de outros seres e coisas, frente às quais as formas grosseiras de nosso mundo são destorcidas ilusões ou sombras !... Tal há de ser Hierão, a criação que um Deus de amor poderia executar ! Que outro atributo me propõe agora ?

– Deus é sabedoria !

– Você já reparou, Hierão, que todos os pais humanos querem filhos inteligentes ?

– Isso não padece dúvida.

– Os pais querem filhos semelhantes ao ideal que criaram para si, e por isso vivem a incutir neles a sua filosofia de vida; não é assim ?

– Exatamente, concordou Hierão.

– O avarento quer filhos avarentos, e sofre ao verificar que os filhos saíram desprendidos, e até perdulários.

– Isso mesmo.

– Alexandre da Macedônia era tanto ou mais ambicioso do que o pai, e disto se ufanava Felipe. Esta é a expressão da *lei Eros* que diz: ***O produto da conexão de duas unidades é mais alto e complexo do que qualquer das partes integradas, ou da simples soma destas.*** O filho, a bem dizer, não é um produto no sentido da lei, porque leva só a metade genética do pai e a metade da mãe. Mas esta lei é a que faz os pais aspirarem, para filhos, seres que os superem. E se não foi possível a superação, que ao menos não se decaia da igualdade. Deste impulso amoroso está cheia toda a natureza, e é o que força a gramínea tiririca, que é uma praga, a pretender tomar conta do mundo... como se ela fosse tão importante quanto se cuida ser. Como vêem, a daninha tiririca quer filhos, no mínimo iguais a si, da mesma forma que Felipe quer ter por filho Alexandre. A

manifestação da lei Eros faz que os pais tenham um secreto anseio de que o filho os supere naquilo que eles desejariam ser, e o não conseguiram; não é assim ?

– Perfeitamente.

– Quem não se honraria de ter um filho gênio ?

– Ah ! isso qualquer pai desejaria, e tem por dura provação gerar um filho idiota.

– E você, Hierão, disse que Deus é a Sabedoria mesma. Logo, desejaria que todos os filhos fossem tão sábios, quanto o permite o nível de criaturas. Está certo ?

– Essa conclusão se impõe, necessariamente, respondeu Hierão.

– Todavia, um pai humano não dispõe da ciência e dos recursos suficientes para gerar um filho gênio. Ainda somos atrasados em genética; fossem nós mais adiantados, disporíamos de meios para escolher, dentre os duzentos e vinte e cinco milhões de espermatozóides, aqueles portadores de gens superiores quanto à formação de um cérebro bem dotado. Para conseguirmos o melhor, poderíamos empregar os espermatozóides dos bancos, onde eles são conservados no gelo, e poderíamos até criar bancos de ovos humanos, como os há de córnea e de sangue. Conquanto a inteligência seja um atributo da alma, o cérebro é a máquina da inteligência, pelo que não há gênio, se o cérebro for mal dotado, ou pela calcificação precoce das suturas cranianas, ou pela constituição geneticamente defeituosa. Como vêem, há muita ciência ainda por desenvolver-se, antes que o homem possa interferir na gênese dos próprios filhos. Todavia, Deus lutaria também com estas limitações, impossibilidades e ignorâncias ?

– Ora essa ! Para Deus não pode haver ignorâncias, nem impossibilidades, nem limitações.

– Portanto, concluiu Árago, um Deus que é sabedoria; que desejaria filhos semelhantes a si; que não tem impossibilidades, nem limitações, é certo que há de criar filhos inteligentes e sábios, tanto quanto possível. Imaginemos, então, uma sociedade de seres sábios, ao mesmo tempo que amorosos, que isto só pode ser em seres que dominam toda, inteira, a consciência volumétrica. Essa é uma sociedade orgânica, em que cada um executa a sua função, como se foram as células diferenciadas do nosso organismo. Não há células privilegiadas, visto que todas são indispensáveis. Então as almas, no *topos uranos*, eram diferenciadas para as funções específicas, estando nisto a ciência. Se todas, indistintamente, soubessem tudo, como Deus, então não eram diferenciadas, e cada uma se bastaria a si mesma, não precisando da colaboração das demais. Mas não. Diferenciação e especialidade funcional que possibilita a integração em unidade maior. Acha, você, Bruco, que um neurônio cerebral é mais importante do que uma célula hepática ?

– Não vejo por que, tornou Bruco, se ambas são igualmente indispensáveis ao organismo.

– E acha você, Bruco, que uma célula é mais sábia que outra ?

– Acho que cada uma sabe o que faz; são sábias para executar suas funções específicas. Não vá o neurônio querer produzir bile, ou a célula hepática pretender comandar, que se isto acontecer, tudo leva a breca !

– Assim também com as alma no *topos uranos*, concluiu o mestre. Todas diferenciadas no mais alto grau de sabedoria e especialização, mas todas integradas pelo amor. Tais os filhos que um Deus de sabedoria e amor poderia criar. Vamos a outro atributo, Hierão ?

– Vamos. Deus é perfeito.

– E que, Hierão, se há de entender por perfeito ? que é a perfeição ?

– Para mim, perfeito é aquilo em que não falta nada; pela recíproca, imperfeito e tudo aquilo em que falta alguma coisa.

– Mas, como podemos saber quando falta alguma coisa ?

– Ora, pois é pela comparação com o modelo perfeito.

– E como saberemos se o modelo a que chamamos perfeito, realmente o é ?

– Agora empaco..., que essa estrada não vai ter fim.

– Veja, então, se se desempaca, visto que vou tentar outro caminho. Diga-me, Hierão: uma flor é perfeita ?

– É.

– Por que ?

– Porque... porque nela não falta nem sobra nada do exigido pela sua função; ela preenche todas as finalidades para as quais existe.

– Logo, o modelo de perfeição é concebido em função do preenchimento de finalidade ?

– Sim. Agora me ocorre, tornou Hierão, que podia ter definido perfeição como funcionalidade, como executividade.

– Por conseguinte, replicou Árago, um sapo é perfeito, porquanto preenche, também, todas as finalidades para as quais existe... visto que ao sapo não falta nada que o impeça de viver plenamente a sua vida.

– Sim, concordou Orsoni, tenho de admitir que o sapo é perfeito.

– E qual é o mais perfeito: o sapo ou o homem ? Tenha presente que ao sapo não falta nada que o impeça de viver plenamente a sua vida.

A estas palavras de Árago, Hierão se pôs a coçar a cabeça, hesitante, depois do que respondeu, mais para ver no que ia dar:

– O homem não é feliz; falta-lhe alguma coisa que o impede de viver plenamente a sua vida; o sapo, sim, está satisfeito consigo mesmo, não querendo outra vida que não seja a sua; logo, o sapo é perfeito, e o homem, não.

A estas conclusões de Hierão Orsoni, tumultuou-se a pequena assembléia, e todos, a um tempo, vozeavam: “Isso é um absurdo ! Onde já se viu concluir que o sapo é mais perfeito que o homem ? !” . Neste ponto fez-se ouvir a voz de Árago, pedindo calma. E prosseguiu:

– Pelo visto, meus caros, consideradas do ponto de vista do contingente, do relativo, as palavras perfeito e imperfeito só podem ter este sentido humano, não podendo elas ter, visto por este prisma, um sentido cósmico, absoluto. Dentro do contingente, só podemos falar de imperfeito em relação às fases *superiores*, e de perfeito em relação às fases *superadas*. Assim o homem, em relação ao bruto, donde veio, por evolução, é perfeito; porém, comparando ao gênio e ao sábio, para onde se encaminha, não o é. O homem, pois, fechado nos limites da razão planimétrica, só pode avaliar as coisas em relação a si, e aos conceitos ou representações que formou para si. Ele se tem colocado como ponto de referência das coisas; contudo ele também é um relativo, a mover-se num relativo universal. De que modo poderá ele falar em perfeição ou imperfeição das almas no *topos uranos*, a não ser saindo dos limites do racional ? Perfeito é tudo o que está prestes a mudar de fase, e tudo o que pode mudar de fase é relativo. Para resolvermos a questão, precisamos sair-nos dos limites da razão planimétrica, indo-nos para a terceira dimensão consciencial. Primeiro, provemos que nós possuímos uma razão volumétrica; segundo, que ela é válida para as ciências; terceiro, apliquemos os resultados à solução do problema. Vejamos como se faz isto:

– Se alguém nos apresenta uma maçã, diz Ortega, nós enxergamos somente a parte dela voltada para nós. Ainda que nosso apresentador rode a maçã na mão, continuamos a enxergar somente a meia maçã que, sucessivamente se desloca na proporção que a maçã é girada para um dos lados. Mas nós não temos a idéia de vermos meia maçã, senão que a enxergamos inteira. Como é isto ? Se nossa vista abrange somente a metade, como a supomos inteira ? Vemo-la inteira, porque vemos a metade apresentada, e *imaginamos* a não apresentada. À parte vista chamamos *presente* e a não vista, porém imaginada, *compresente*. A compresença das coisas, logo, é dada pela imaginação. Deste modo, a imaginação trabalha juntamente com a vista para nos dar a unidade da maçã. Mas esta imaginação é espontânea, imediata, sem esforço algum. Se fecharmos os olhos, podemos continuar enxergando a maçã, em nossa retina imaginativa; neste caso, toda a maçã, na sua parte presente e na compresente, se nos mostra como compresente. Não só enxergamos *compresentemente*, imaginativamente, a parte externa oculta aos olhos, como ainda intuimos a parte interna. Se, ao cortarmos a maçã, déssemos com *um dentro* que não é de maçã, ficaríamos muito admirados, e, conforme a circunstância, teríamos a impressão de ter sido logrados. Podemos ver isto mesmo de outro modo, como refere Ortega:

– Estamos nesta sala que se liga ao resto da casa. A casa está sobre o chão que tem arredores que se vão estendendo por toda a região. Nós não nos apercebemos destas coisas, e estamos, aqui, muito sossegados, muito seguros. Suponhamos, todavia, que ao abrir a porta, damos para o vazio, em virtude de a casa ter sido içada no espaço por uma poderosa máquina voadora. Quem é que, daí por diante, estaria tranqüilo ? O que nos dá calma e segurança é a certeza de que estamos aqui, e não no espaço. Quer dizer que há a presença desta sala, e a compresença de tudo o mais, numa forma de imaginação estática, passiva, não apercebida. Assim, esta sala presente, forma unidade com todo o resto compresente. Pois esta visão unitária do todo que liga em unidade o presente ao seu compresente, se chama *intuição*. A intuição é o ato de ver o todo a partir da parte, ou ver a parte no todo. Não se trata a intuição, como se vê, de coisa extraordinária, não havendo motivo de se fazer dela tanto espalhafato, como tem acontecido.

– Pois esta visão, continuou o pensador, que nos faz ver tudo num todo, ou o todo em função da parte, não é mais do que a terceira dimensão consciencial, existente para todos nós. Assim como a linha instintiva de um animal já apresenta certos alargamentos planimétricos, daí ser possível a domesticação e o aprendizado ou amestramento dele, também, em nosso planimétrico racional, começam a surgir zonas engrossadas da experiência. Nessas zonas do batido, do surrado, do repetido, nós não precisamos raciocinar porque sabemos de chofre, de imediato, como o coriscar de um raio – é a intuição. Um hábil mecânico de automóvel enxerga, em cada peça, o carro inteiro; e observando como está o funcionamento do motor, pelo som firme, seguro, ou pelo som frouxo, mancado, ele diz que peça é que está falhando. Um médico, com seu estetoscópio, vê, pelos ouvidos, como anda o coração dum paciente. Vê pelos ouvidos ? Pois não pode ser de outro modo, por que estetoscópio provem de *estetos* que quer dizer batida, *e cópia* que quer dizer visão. Logo, ele vê, por meio do ouvido, o funcionamento do coração. Isto significa que, pelos ouvidos, o médico vê o coração compresente em funcionamento. Se houver alguma veia dilatada, aí o sangue produzirá turbilhões cujo som serve para o médico “enxergar” o dilatamento. Se a veia estiver semi obstruída, o atrito do sangue, será ouvido, igualmente. O *senso clínico* do médico é a intuição médica; o *senso comum* é o modo como todos vêem as coisas num todo; o *bom-senso* é a intuição correta, etc., e assim é que todos operamos já na terceira dimensão da consciência, sem que isto deva causar alvoroço. Mal do homem, se dispusesse ele só da razão !

– Do mesmo modo que nos casos da maçã e da sala, continuou Árago, nós dispomos do presente e do compresente para a formação da unidade, também no nível das idéias se dá o mesmo. Por causa de o pensamento ser dialético, e por isso desenvolver-se pelo princípio de contradição, nunca aprendemos uma coisa só. Como tudo o que existe tem o seu contrário, ao conhecermos uma coisa conhecemos também a sua adversativa. Para sabermos o que é a justiça, o belo, o bem, precisamos conhecer também o que é a injustiça, o feio e o mal. Assim todo o *saber* vem acompanhado do seu *consaber*, e todo o sabido subentende um consabido. Assim nossos conhecimentos se formam por feixes unitários que se conectam com outros, conferindo-nos aquilo a que damos o nome de *mentalidade*. Se tivermos o cuidado de pensar com correção, não permitindo que o princípio de autoridade, base da fé, do misticismo, nos obnubile a mente, o corpo volumétrico da nossa mentalidade nos permitirá operar na zona do desconhecido com uma percentagem muito grande de segurança. E é no avançar no domínio do desconhecido que nossa inteligência demonstra a sua força. Assim o refere Fritz Kahn: “A inteligência se manifesta pelo fato de alguém saber coisas, que supostamente não deveria saber. Goethe está num cemitério quando ainda estudante de direito, e faz uma descoberta anatômica de aspecto evolutivo numa época em que ainda não havia história da evolução. Mais tarde, já diretor de teatro, faz no seu jardimzinho uma descoberta semelhante no campo da botânica: a metamorfose das plantas. Shakespeare fala de átomos como se vivesse 300 anos mais tarde, e Newton concebe que forças elétricas mantêm unidos os átomos. Wells descreve a explosão de uma bomba atômica sobre Paris 30 anos antes de existir mesmo essa palavra. Assim Belot esboçou em 1.900 uma história da origem do sistema planetário, em que maneja conceitos que somente algumas décadas depois conquistaram o direito de domínio da ciência”¹⁰¹. E mais isto. Henry Schliemann, “o antigo vendedor de arenques, apesar da caçoada dos profissionais, partiu com a Ilíada no bolso para procurar Tróia e encontrou – encontrou-a nos entulhos, exatamente como Homero a tinha descrito no mínimo detalhe, incluindo a banheira de Helena”¹⁰². “Este Schliemann era um menino pobre que se resolveu ficar rico para ter com que custear suas expedições arqueológicas ! “Isso não

¹⁰¹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 145

¹⁰² Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 233

parece um conto de fadas ? Um homem que obtivera o maior dos êxitos comerciais queimar atrás de si todos os navios do seu negócio para seguir o sonho da sua juventude ? Um homem (...) ousar desafiar o mundo científico, tendo na cabeça pouco mais do que Homero, opor sua fé à dúvida em Homero, desprezar a pena dos filósofos, para tirar a limpo com a pá o que até ali uma centena de livros havia perturbado ? ” ¹⁰³ . Contra Schliemann levantou-se o vozerio dos especialistas na matéria, fazendo coro com eles até o grande Arthur Schopenhauer que disse: “Diletantes, diletantes ! – tais são os que praticam uma ciência ou arte por amor dela ou por prazer nela? ¹⁰⁴ .

E maneando o mestre a cabeça, com decepção, concluiu:

– Sim, diletantes !... e daí ? Quanto deve a ciência aos diletantes ? Vejam vocês, por si mesmos, a lista dos diletantes referidos por C W. Ceram, em sua obra “Deuses Túmulos e Sábios” , pág. 58. “Por mais longe que remontemos à pesquisa científica, não é difícil verificar que um número extraordinário de descobertas foi feito pelos “diletantes” , os “outsiders” , ou até “autodidatas” que, levados pela obsessão de uma idéia, não sentiram o freio da formação especializada, as vendas do especialismo, e saltaram por cima das barreiras erguidas pela tradição acadêmica” ¹⁰⁵ . Em concordância com o que diz este autor, escreve Fritz Kahn: “Fato digno de nota é que muitas das descobertas fundamentais na botânica se devem a leigos: a fecundação, mediante os insetos, as plantas carnívoras, as leis da hereditariedade. Assim Goethe descobriu que a flor é um grupo de folhas modificadas. As flores são folhas que, em lugar de fabricarem amido, se incumbem da distribuição, do cruzamento e da propagação dos gens” ¹⁰⁶ .

– Como vêem, prosseguiu o pensador, tenho asselado com provas, as mais ilustres, a existência duma hiperconsciência que pensa por intuições, permitindo a leigos e a diletantes, descobertas fundamentais. E os especialistas e os técnicos também jogam com intuições. Assim é que Darwin insistia em que “o berço da espécie humana tem de ser procurado na África” . E conclui Fritz Kahn: “É da natureza das mentes excelsas farejar a verdade, ainda que não possam vê-la. Shakespeare, Leonardo da Vinci, Goethe pressentiram verdades – como os filósofos pré-socráticos da Grécia. Entre os naturalistas do século XIX, tiveram este dom Faraday, Darwin, Haeckel ” ¹⁰⁷ . Há tempos, “quando constou que Einstein ia escrever um livro sobre a chamada “Teoria do Campo Unificado” , provando a identidade da gravitação e do eletromagnetismo, dezenas de repórteres dos jornais de Nova York acorreram à Universidade de Princeton, New Jersey, para entrevistar o exímio matemático sobre este assunto. Einstein respondeu a todos: “Sobre este ponto, venham ver-me daqui a mais vinte anos”. Um dos repórteres estranhou a resposta e perguntou ao pai intelectual da bomba atômica se ele não tinha certeza sobre essa identidade das energias cósmicas, ao que Einstein replicou: “Certeza tenho, sim, mas não posso provar” ¹⁰⁸ . Esta certeza, anterior à prova, é o que Bergson chama “dado imediato da consciência”.

– Os arqueólogos, continuou o mestre, reconstroem um vaso, tendo às mãos uns poucos fragmentos; também reconstroem eles uma civilização, dispondo, apenas, de uns poucos indícios. Igualmente os paleontologistas reconstituem um animal pré-histórico, dispondo de uns poucos restos fósseis. É incrível que um paleontologista possa reconstruir um animal pré-histórico,

¹⁰³ C. W. Ceram, Deuses Túmulos e Sábios, 41

¹⁰⁴ C. W. Ceram, Deuses Túmulos e Sábios, 57

¹⁰⁵ C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 58

¹⁰⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 90

¹⁰⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 462

¹⁰⁸ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 114-115

partindo de uma simples coroa de dente. Pois, pela coroa ele reconstrói o dente, por este, a arcada dentária a que ele pertence, por esta, reconstrói a arcada oposta, o tipo de alimentação que tais dentes mastigavam, a forma da cabeça, e daqui, o resto do corpo, e ainda o ambiente em que tal animal viveu, com seus pelos, e até a cor deles. Por que é isto possível? Pois é possível, por causa da lei de correlação descoberta por Cuvier, que pode ser aplicada à arte, porque a arte é harmonia; pode ser aplicada às civilizações passadas, porque elas são coerência; pode ser aplicada a um animal pré-histórico, porque ele é organização e lógica.

E rematou o mestre:

– Com isto, dou por provado que nós, mesmo ainda no planimétrico da razão, possuímos uma razão volumétrica na qual trabalhamos com intuições, ao invés de com raciocínios. Provemos agora, se já não ficou provado, que as intuições são válidas para a ciência. Vamos a isto:

– Kant, considerado por muitos como o maior filósofo moderno, fundamenta toda a sua doutrina em três intuições que são a de espaço, a de tempo e de causalidade. Ora, as intuições são indemonstráveis, assim como também os postulados em que as ciências se apoiam. As idéias primeiras e últimas de quaisquer ciências estão, no dizer de Spencer, “para além da concepção racional”. Se estivessem as idéias primeiras e últimas para *aquém*, da razão, seriam irracionais; mas se estão *além*, só podem ser supra-rationais; logo, estão na esfera da consciência tridimensional. Se são supra-rationais os fundamentos, segue-se que eles podem ter validade para a razão, visto como o maior pode servir de base ao menor. Os conceitos são unidades mentais conseguidas pela generalização das coisas particulares; são definições em que se delimita, dentro de um todo maior, um todo menor. Já a intuição trabalha com grandezas inconceituáveis, ilimitáveis, indefiníveis, mas que *são*. Quem poderá traçar os limites, isto é, definir, ao espaço, ao tempo, ao Ser, a Deus? Como não há muitos espaços dos quais se possa generalizar um espaço, nem muitos tempos, nem muitos Seres absolutos, nem muitos Deuses, por isso, estas idéias são numerais, isto é, coisas em si, ou ainda, são já, de si, individuais e unitárias. E conquanto sejam *coisas em si*, e não, *em nós*; conquanto não representem “ser para conhecimento” no dizer de Kant, nem as possamos definir, nem por isso as podemos olvidar, considerando-as como se nada fossem. Elas são, estão lá, podendo ser alcançadas pela nossa intuição, e por isso, longe de serem irracionais, são, pelo contrário, supra-rationais. Por causa de serem hiper-rationais, conquanto não as possa alcançar a razão, põe-nos, esta, por base de suas construções. Da intuição euclidiana de espaço infinito e plano, saiu o postulado das paralelas sobre o qual se edificou toda a geometria. Mas este espaço euclidiano é o espaço metafísico, infinito, coincidente com a *energia-substância* de Deus, e por isto está cheio da matéria incriada e infinita de Aristóteles. Se há um espaço infinito objetivo cheio da energia-substância divina, nesse espaço se pode traçar uma paralela, do modo como a intuiu Euclides. Por esta parte está com a verdade Euclides. No entanto, dentro desse espaço infinito de Deus, cheio da incriada substância-amor, operou-se os encurvamentos da mesma substância, surgindo a esfera do *topos uranos* que rodeia o nosso universo físico, e outros possíveis universos, por exemplo, o da anti-matéria. As luzes dos universos estão presas às curvaturas dos sistemas a que pertencem, sem poderem evadir-se. Então, como não vemos tais luzes, concluímos que nosso universo é único. E pode ser que haja uma como que *Matéria Universal*, na qual os universos fizessem as vezes de átomos e moléculas. Considerando que dentro do espaço infinito houve encurvamentos e limitações, que são os universos possíveis, cada um terá a sua curvatura. Como, agora, traçar paralelas num sistema, por sua natureza curvo? Pois foi concebendo estes espaços finitos e curvos que surgiram, como decorrência, todas as outras

geometrias não euclidianas. E então aparece este estapafúrdio: as geometrias não euclidianas dependem da forma do universo: e como esta é variável, contrátil e expansível, as geometrias terão de mudar-se com as mudanças do universo. Ora, uma geometria móvel é dinâmica e **substancial**, e não **ideal**. Neste caso haverá um número quase infinito de geometrias, visto que o espaço objetivo é expansivo, contrátil, turbilhonar; ora lentiforme, ora esférico, conforme se modifique sua feição por causa do movimento de que está animado. Todas as geometrias são verdadeiras se aplicadas aos respectivos universos que elas representam; mas fora destes sistemas restritos, fora destes encurvamentos multiformes, fora destas limitações espaciais - materiais, a geometria de Euclides será válida, isto é, tem validade para um espaço realmente infinito. Eis aí a intuição servindo de sustentáculo às ciências geométricas.

– E Kant, continuou o pensador, partiu, como eu já disse, de três intuições. No entanto ele se sobrepôs, se fundamentou noutra intuição, como base destas três, que é: **Deus fez o homem perfeito, com todo o mecanismo da razão pronto para funcionar**. Então, Deus pôs no homem as tais três intuições basilares de que tudo poderia sair, como saem as conseqüências duma premissa. E esta intuição mais vasta ainda de Kant, sobre que se baseava as três posteriores, está certa? Outra vez, a resposta depende da perspectiva em que nos colocamos. Se Kant escrevesse a sua “Crítica da Razão Pura” para os celículas do **topos uranos**, estaria cem por cento certa, porque Deus, ao criar os filhos, gerou-os sábios, isto é, com toda a sabedoria infusa. Não precisavam os anjos saírem de si para descobrir a verdade, visto que a têm gravada em si, como fazemos com os nossos cérebros eletrônicos. Mas visto da perspectiva evolutiva, a razão humana, neste caso, e não angelical, é histórica, tem história, e Kant está errado, e Aristóteles, certo. Kant está certo no Céu e errado na Terra; Aristóteles está certo na Terra, e errado, no Céu. Ambos certos e ambos errados, dependendo só da referência, da perspectiva.

– Vejam vocês, que se as ciências têm de se fundamentar nos **primeiros princípios**, nos **postulados indemonstráveis, situados para além da razão** (Spencer), segue-se que as intuições são válidas para a ciência, e esta validade tem **caráter de fundamento**. Com isto, acabei de provar o seguinte ponto, ou seja: a intuição tem validade para as ciências. O terceiro é a aplicação destes resultados:

– Se pelas partes podemos construir um todo, vice-versa, do todo podemos chegar às partes. Se as partes se ajustarem depois, correlatamente, e no lugar exato, o todo, considerado **a priori**, intuitivamente, é válido. Por isso, conquanto os postulados não possam ser discutidos, visto que se situam para além da jurisdição do racional, podem, no entanto, ser testados pelos resultados, operando nós só no plano racional. O controle da intuição, deste modo, poderá ser feito pela razão, pela comprovação dos resultados. Então eu vou emitir um juízo intuitivo, que será como uma hipótese a ser testada ou demonstrada nos resultados: **Perfeito é o integradamente funcional e ímpar**. Se não for integrado, não será perfeito; se não for funcional, igualmente não será perfeito; se não for ímpar, idem. Está claro isto?

– Está. Respondeu Hierão por todos.

– E podemos acrescentar ainda ao enunciado uma quarta qualidade, que é o não estar o perfeito sujeito à evolução; por isso, se evolui, não é perfeito. **Perfeito, então, é o integradamente funcional, ímpar e não evolutivo**. Munidos destes pressupostos, podemos ver que, mesmo aqui no relativo terrenal, a perfeição rompe caminho através da funcionalidade, da integração, da

imparidade e da não evolução. O martelo, por exemplo, é funcional, não é evolutivo, está integrado com a bigorna e o prego, mas não é ímpar, visto haver muitos deles iguais. Mas o espermatozóide, assim como o óvulo, ambos são perfeitos, porque funcionais, prontos para a integração, ímpares e ainda porque não evoluem. Faz milhões de anos que eles são o que são. Os gametos, além de funcionais e de não evolutivos, são integrados pelos seus elementos, e ainda ímpares. São ímpares, porque cada um leva carga hereditária de possibilidades diferente. Há neles os fatores polímeros cujas possibilidades de combinações genéticas, dão isso que vemos, de não se encontrar duas pessoas exatamente iguais na face da Terra. Aparentemente iguais, quando combinados, os gametos mostram o que são, podendo gerar um idiota ou um gênio. De igual modo as flores não podem evoluir, por ser perfeitas, havendo nelas diferenciação e funcionalidade; e dentro da igualdade aparente das flores duma mesma espécie, vai a possibilidade de vários tipos de combinações genéticas. A natureza, pois, cria como Mozart, no dizer de Fritz Kahn, e não como um técnico. Em vez de bonecos prensados numa máquina, e que, por isto, podem ser produzidos em série, absolutamente iguais, a natureza cria seres ímpares, visto como sempre aparece alguma coisa como caráter individualizador. Não há igualdade quanto aos caracteres particulares que individualizam, nem quanto à função que cada unidade deve executar. E a natureza, filha do caos, que segue, em parte, já, o estilo divino, objetiva sempre o individual e não o coletivo, rindo-se ela das nossas classificações, das nossas sistematizações, feitas do modo como o desejara Aristóteles, Lineu e Cuvier. Por isso “os homens do século passado consideravam a natureza uma técnica, o que ela não é absolutamente. Se havemos de fazer comparações, digamos: a natureza é uma artista. Não é um técnico que visa uma finalidade, à construção de mecanismos, tanto quanto possível eficientes; é um artista que cria pelo mero prazer de criar: a arte pela arte. A natureza compõe como Mozart, porque nela há música. Cria como Miguel Ângelo, pois tem como ele o impulso criador; o homem é a sua criatura e, entre os homens, o artista é o que mais se lhe assemelha. A natureza é problemática tal como ele, porque resolver problemas é o seu prazer. À maneira de todos os artistas, começa muitas coisas e deixa a metade por terminar. Enamora-se de algumas obras, coloca a sua criatura no meio do “atelier” e adora-a como Pigmalião adorava a sua Galatéia... por algum tempo. Assim, em tempos remotos ela não se cansava de criar graptólitos, animais cretáceos, amonites, sáurios. Logo, como todos os artistas, farta dessa “escola”, atirou-os a um canto e eles tornaram-se “fósseis”. Nunca se pergunte: por que ?”¹⁰⁹.

– Mas nós, aqui, sabemos o porque, sentenciou o mestre. Conquanto nosso mundo se misture ainda com o caos, a natureza, aprendiz de Criador, segue o estilo divino de criar o individual, o diferenciado, o específico, fugindo, horrorizada, das criações em séries. Primeiro ela cria o homogêneo, depois varia-o, especializa-o, e abandona o homogêneo que se torna fóssil. Dos trilobites homogêneos, principiou a variação do tema inseto, e saiu uma variedade de formas em profusão tamanha, que Aristóteles ficaria tonto diante de absoluta impossibilidade de reduzir o mundo dos insetos a esquemas bem ordenados, como ele ingenuamente cuidara que o bom Deus fizera esse mundo caótico. Nem o conceito de “necessidade”, nem o de “luta pela vida”, nem o de “seleção” explicam porque a natureza age assim. No entanto, nós aqui sabemos: é porque a natureza ensaia por reconstituir aquela primeira criação perfeita vigente no *topos uranos*, em que tudo é unidade especificamente única, para a integração com outras unidades antitéticas, e por este caminho construir unidades cada vez maiores. A ordem, por toda parte, implica a conexão de contrários. A diferenciação no mundo dos insetos oferece a mesma *lei Eros* que integrou elétrons e prótons na unidade atômica, e, depois, variou os átomos para que tivessem polaridade contrária,

¹⁰⁹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 55 - 56

para associá-los nas moléculas. Obedece a mesma lei que levou as células a se unirem em colônias homogêneas, até que a divisão do trabalho especializou estas células para a integração delas em organismos superiores, os seres. Obedece a mesma lei que leva um ovo, pela multiplicação, a diferenciar-se num neurônio cerebral, e nas células córneas do cabelos e das unhas. A evolução não é infinita: ela pára na especialização e na integração. A evolução é a eliminação progressiva do caos pela diferenciação e pela integração. No começo eram os elétrons vagabundo enchendo o espaço, sendo eles, já, produtos das ondas que se condensaram, que se encurvaram, vindas da periferia. Outras ondas mais longas, ao fechar-se para um centro, conectaram os elétrons na formação de núcleos atômicos. Depois elétrons e núcleos se integraram nos átomos, nas moléculas, nos compostos químicos mais complexos até as moléculas gigantes, as micelas, o vírus, as células vivas, etc. O elétron era uma ordem que se achava rodeada pelo caos; os átomos, depois, são microcosmos, rodeados pelo caos. Depois vem a ordem e harmonia das moléculas, rodeadas ainda pelo caos, e assim, sucessivamente, a ordem se vai formando de baixo para cima, sempre organizando, sempre compondo unidades maiores com as menores diferenciadas como tese e antítese. O princípio *Eros* da integração de unidades, manifesta-se nesse anseio incontido de criar sempre unidades que sejam tais, por serem únicas. Eis como da unidade homogênea sai a multiplicidade heterogênea para fundir-se noutra unidade, e, deste modo, do uno sai o diverso, a pluralidade heterogênea que se funde noutra unidade. Cada unidade é um uni + verso que agasalha em si a variedade de contradições internas, todas integradas, após o que, se diferencia, por sua vez, de outras unidades da mesma espécie para integrações maiores. A unidade na variedade, o uno no múltiplo, faz o universo que tanto pode ser um átomo, como um ser vivo, como o cosmo total.

E feita uma pausa, prosseguiu o filósofo:

– O que falta ao mundo dos insetos é a integração, e por isto ele se nos mostra caótico. É da lei *Eros* que a diferenciação, sem integração gere o caos; e o caos será tanto mais danoso, quanto mais inteligentes forem as criaturas diferenciadas que se movem nele. Então, porque faltou a integração entre as almas do *topos uranos*, por isso é que parte dele teve danação total no caos, de que, agora, ressurgem o universo que retorna para Deus, por evolução. Caíram as almas por faltar a integração, e com isto, se tornaram marginalizadas primeiro, e agressivas depois, tendo como consequência última, a queda extrema no caos, onde cada alma se desintegrou e agora sua substância reinicia a construção penosa de outras unidades que se polarizam, que se integram, e este processo de diferenciação e integração vem repetido de forma em forma, de plano em plano, até que as almas surjam em cima para, *diferenciadas e integradas*, por sua vez, ocupem o empíreo assento que ficou vago com a queda das que dantes lá estavam. Pelas reencarnações sucessivas, as almas, ao mesmo tempo que recordam o que sabiam antes, vão desenvolvendo em si o amor que forma e sustenta a unidade, e sem o qual qualquer unidade entra em caos. Variedade, diferenciação e integração na unidade outra vez, eis, aí está, a trilogia que rege o *topos uranos* em cima, e o universo, embaixo.

– Um ser superior, prosseguiu Árago, um metazoário, resulta ou resultou duma colônia celular em que células, outrora homogêneas, se especializaram para a execução de tarefas diferentes. Uma esponja-do-mar, conquanto presente já quatro tipos de células, ainda pode ser moída numa máquina, e sua papa coada através duma gaze, e ela se reconstitui no que antes era, se posta no seu meio natural. Uma estrela-do-mar à qual se tenha decepado uma ponta, não só se reconstrói, como ainda a ponta cortada forma outra estrela. Um verme-da-terra, cortado em três

pedaços, reconstrói-se em três seres distintos. Por que ocorre isto ? Ocorre por causa de estes seres se constituírem de células pouco diferenciadas, e por isso mesmo, quase independentes. A especialização, a interdependência entre as células, a divisão do trabalho, levam a colônia à condição de ser unitário, de cosmo orgânico, de microcosmo, de universo. Logo, a diferenciação mais a integração é igual a universo, seja no Cosmo total, seja num ser vivo qualquer. Porém, depois que deste modo surgem os seres superiores, também eles se diferenciam, por sua vez; e se não se puderem integrar, formarão um mundo caótico, como o é o dos insetos. Todavia, se bem repararmos a natureza apresenta-nos integrações de seres diferentes em associações bilaterais, estudados pela ciência nova nominada *simbiótica*. Não é que haja moralidade entre simbiote e hospedeiro e vice-versa. Se a sociedade for bilateral, visto que ambas partes usufruem benefícios, trata-se de simbiose; se, na sociedade, leva vantagem o mais forte, é exploração; se é o mais fraco que tira o que pode, sem dar nada em troca, é parasitismo. Tudo isto temos na natureza, cuja moralidade é a de Nietzsche. E esse regime moral adotado pelo simbiote e hospedeiro, é o que também vigora entre as células dos seres superiores. As células hepáticas, por exemplo, tiram o seu sustento da torrente sangüínea, e soltam nela suas fezes. É isto moral ? defecar no rio nutriente de onde corre o alimento ? Pudesse uma glândula endócrina pensar, diria: – dão-me a comer a ambrósia dos deuses, e eu pago com dejeções !... E quando uma célula descobre (ai de nós) ser-lhe útil as próprias excreções, começa a armazená-la; e depois de empanturrar-se, parte-se em duas, em quatro, em dezesseis, etc., e eis instalado o câncer no organismo. Como essas células avarentas querem crescer e multiplicar-se, mas são homogêneas, sem comando, nem lei, chegados a certo ponto, esboroam-se no caos. De maneira que é como eu digo: a diferenciação, sem a integração de funções, pela qual se dão as trocas, é caos na certa. Assentado isto, temos:

– Assim como não se pode falar em moralidade entre as células dum organismo, não se poderá, com menos razão ainda, dizer que a sociedade entre simbiontes e hospedeiros é moral. O que há é egoísmo de cada parte, aproveitando-se um do outro, em circuito fechado, de sorte que as dejeções de um são úteis ao outro. Mas, em vez disto, poderá também a aliança ser proveitosa só para uma das partes, ou então, até ser ruínosa para uma delas. Uma simbiose muito falada é a dos líquens, onde cogumelos e algas se associam. Sendo o cogumelo originário do Algonquiano, precisa de ambiente escuro e úmido; porém, necessitando de hidrato de carbono que os vegetais produzem, atacam-nos nas raízes, tomando o de que precisam; e os vegetais defendem-se, roubando-lhes a albumina. Eis que as bactérias do azoto, debaixo da terra, atacam as raízes das plantas em busca do hidrato de carbono, e são, ao mesmo tempo, despojadas pelos vegetais do elemento azotado que produzem. E a esta situação apenas tolerável, dá-se o nome de simbiose. Não há, como se depreende, “auxílio mútuo”, como o entendera Krapotkin, mas, pelo contrário, **roubos mútuos**, em que, se um fraqueja, o outro mata sem piedade. Trata-se de uma sociedade de ladrões, com um código entre eles que em nada lembra o Evangelho. E do vírus ao homem, tudo se organiza em base de simbiose, sendo esta tanto mais generalizada, quanto mais descemos na escala da vida. E há mais isto:

– Provavelmente as secreções do simbiote ou coabitador produzam mutações nas células do hospedeiro. É assim que os vegetais, sob a influência de vírus, chegam a mudar a forma das folhas. Assim é que se explica a criação de órgãos especiais nos hospedeiros, que não servem a estes, e sim aos hóspedes ou simbiontes. Reside nisto a causa de alguns cânceres. Os insetos, que nisto levam a palma, criam, para os simbiontes que lhes são úteis, acomodações e confortos especiais, como se foram quartos de hóspedes. Na verdade, porém, é a própria secreção do hóspede que cria, no hospedeiro, estas condições que são transmitidas de pais a filhos como mutações. Contudo, se o

hóspede se torna indesejável ou simplesmente dispensável, o anfitrião põe-no fora, mantendo o quarto vazio no seu corpo, e este caráter, como já eu disse, se transmite aos descendentes. Este é o caso da filoxera, do pulgão, do percevejo, do piolho e de outros mais, que conservam, em seus corpos, aposentos vazios... outrora ocupados por simbioses. A simbiótica sabe, por isto, que quando há desses compartimentos desocupados, outrora havia neles hóspedes, de que não mais se precisando, foram postos fora.

– As larvas dos escaravelhos, continuou o filósofo, precisam da vitamina que os cogumelos do levedo produzem. Então, hospedam, dentro de si, esses cogumelos, os quais a fêmea injeta no canal genital a fim de fornecerem vitamina aos ovos. As larvas, então, se infeccionam com esses cogumelos. Porém, quando as larvas se tornam insetos, expulsam esses hóspedes com os excrementos. Só as fêmeas destes insetos guardam, nos órgãos genitais, um pouco desse fermento (cogumelo), para serem usados a seu tempo. E por aí afora, vai a simbiótica, evidenciando fatos, e dela vocês poderão ter uma idéia, pela leitura do capítulo II, do volume II, de “O Livro da Natureza” de Fritz Kahn. Mas, ainda quero falar mais um pouco do que li nesse livro maravilhoso:

– A mais famosa tese levantada nos primórdios deste século, sustentava serem os glóbulos brancos, os leucócitos, simbioses amebóides que se introduziram no corpo dos vertebrados. Suscitou isto discussão ruidosa, protestos e doestos da ciência oficial. Agora que cinquenta anos foram decorridos, já não se tem muita certeza de que essa tese seja falsa. Se, com o tempo, se provar ser ela válida, os leucócitos serão simbioses, e os gânglios linfáticos, cômodos de hóspedes. Que ? como negar ou afirmar essa tese, se a “hidra viridis” tem cor verde, por causa da quantidade de algas verdes, esféricas, que lhe enche o plasma ? Acaso são estas algas grãos de clorofila ? Pois é certo que os grãos de clorofila no vegetal, agem como se foram simbioses, e tanto que se reproduzem e se locomovem arbitrariamente no interior das folhas. Também, os cromossomos agem no interior das células como se foram hóspedes dela, movendo-se, dividindo-se como as bactérias; são inimigos da luz como soem todos os habitantes do Algonquiano; e, o que mais reforça a suspeita de serem simbioses, é o fato inconteste de, como as bactérias e o vírus, possuírem, abundantemente, o ácido nucleico. Também, no entanto, pode tudo ser um paralelismo dos muitos que nos apresenta a natureza. Contudo, se essa hipótese se confirmar, a célula superior se derivou duma simbiose de um bacilo que se plantou no plasma duma ameba. É ao cientista, que não ao filósofo, que cumpre deslindar esta questão, para, depois, a filosofia trabalhar com e sobre os resultados. A mim cumpre apenas recomendar a vocês que me ouvem, a leitura de “O Livro da Natureza” de Fritz Kahn, a fim de verem, por si mesmos, como as bactérias são absolutas senhoras do mundo, vivendo na “escuridão e em plena luz; com ou sem oxigênio; nas fontes termais e na neve das regiões árticas; no fundo do oceano e nas geleiras das montanhas; existem no mel doce e na acidez gástrica; no chão, no fervilhar das estrumeiras e no alto, na ferrugem do cata-vento”¹¹⁰. Até “o petróleo, oculto desde milênios nas entranhas da Terra, contém as chamadas bactérias do petróleo”¹¹¹. Falando do Algonquiano, podemos presumir que “a atmosfera daquele tempo poderia conter ácido sulfídrico; e as (...) nitratobactérias e nitritobactérias talvez suportem um “ar” impregnado de amoníaco. Logo, é lícito presumir-se que pelo menos as bactérias reductoras de sulfatos, com seu metabolismo singular, pertençam às espécies de seres vivos mais antigos da Terra”¹¹². É incrível, mas “existe até uma bactéria que vive de ácido cianídrico, um dos mais perigosos venenos químicos para o homem. Sucumbe ao entrar em contato com o oxigênio, para

¹¹⁰ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 24

¹¹¹ F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 191

¹¹² F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 197

nós indispensável à vida”¹¹³. Vejam como é impossível fugir às bactérias, e o que melhor temos a fazer é defendermo-nos delas com elas mesmo, e, “assim, contra as bactérias só há uma defesa: bactérias”¹¹⁴. Por isso os nossos bacilos, esses nossos simbioses amigos, que vivem em todos os lugares possíveis do nosso corpo, “são nossos cães de guarda (...), que impedem a invasão dos lobos”¹¹⁵. Daí o preceito áureo de higiene: “Alimente bem as suas bactérias e elas o vigiarão bem”¹¹⁶.

Depois de uma pausa prolongada, em que o mestre se espreguiçou na cadeira, estirando as pernas e os braços, fazendo isto, naturalmente, como se estivesse sozinho na sala, prosseguiu:

– Eis que tenho demonstrado com provas, ser válida minha tese na qual sustento haver em toda a natureza esse esforço de integração entre as unidades que se tornaram especificamente diferenciadas. É o sumo princípio da Unidade, de Eros, a gerar unidades que objetivam ser únicas pela diferenciação, e que, após isto, buscam realizar-se plenamente pela integração em organizações superiores as quais, por sua vez, são unidades que também se diversificam para integrações ainda mais vastas. Onde não impera Eros, como princípio ou lei de integração, aí domina o caos. Demonstrei a tese de Platão de que o universo está saturado de Eros, único criador e mantenedor da ordem, da harmonia, do cosmo. Tenho provado que o motor que tudo transforma é Eros, e que, a não existência de sistematização na natureza, é fator positivo, e não, negativo. Demonstrei que tudo o que se diferenciou até alcançar a polaridade para a integração, fica perfeito, e, como tal, cessa de evoluir. Que perfeito, enfim, é tudo o que é especificamente unidade diferenciada, e daí, integrada, e por isto, funcional, e ainda, não evolutiva.

– Falta só a terceira parte a que me propus desenvolver, que é a aplicação destes resultados à solução do problema de o que é a perfeição das alma do *topos uranos*. Deus criou as almas perfeitas, isto é, únicas, especificamente únicas, de modo que, como diz São Tomas, cada anjo é uma espécie. Esses anjos, como eram únicos em suas espécies, apresentavam-se já polarizados, e, por isto mesmo, já integrados com sua polaridade oposta. Neste organismo social, cada anjo desenvolve uma função especializada, donde vem que cada um é funcional no seio do todo coletivo. Não estão sujeitos à evolução, porque tudo o que chegou à perfeição se acha integrado, e o que está integrado pára de evoluir como acontece com as células de nosso corpo que não evoluem; como acontece com o elétron ou com o núcleo que também não evoluem. Onde se deu a integração, aí nasce um cosmo, ainda que rodeado pelo caos. Por isso a evolução é a eliminação progressiva do caos pelo cosmo, pela ordem. Ora, os anjos são cosmos integrados a outros cosmos, e o que é assim, perfeito, não tem para onde evoluir; a potência toda se há transformado em ato, em atualidade eterna. O princípio de integração, Eros, é abstraído da sua substância amor de que as almas são feitas, e já, de pronto, integradas e sábias, visto que a sabedoria, a ciência leva à especialização.

– Aí está, prezado Hierão, resolvido o problema de como seria a perfeição das almas do *topos Uranos*. Ouça, agora, isto, de Huberto Rohden como reforço: “A falta de individuação resulta em *monotonia*, como a individuação sem integração acabaria em *caos*, ao passo que a individuação aliada à integração produz harmonia”¹¹⁷. E o repete noutro lugar: “Uma sociedade

¹¹³ H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 152

¹¹⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 27

¹¹⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 27

¹¹⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 27

¹¹⁷ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2, 76

constante apenas de indivíduos amorfos, não suficientemente individuados e caracteristicamente diferenciados, seria uma sociedade monótona, incolor, moluscóide. Por outro lado, uma sociedade constante de indivíduos altamente diferenciados, mas não devidamente integrados seria uma sociedade caótica, desarmonizada, sempre em vésperas de esfacelamento. Diferenciação mais integração, ou, na linguagem hermética, polaridade mais correspondência, gera exuberância de harmonia, vida, beleza, felicidade”¹¹⁸. Aqui está descrita como é a perfeita sociedade de anjos no *topos uranos* de Platão, e só uma tal Criação poderia executar um Deus que é Unidade, Sabedoria e Amor.

E prosseguiu, após ter posto de lado o livro de que fizera as citações:

– Ontem, pela visão da vida, inferimos um Deus negativo e uma moral nietzscheana e maquiavélica, portanto, polarmente oposta à de Cristo. Hoje, por um caminho oposto ao da indução, deduzimos, dos atributos da divindade, uma criação completamente contrária da que observamos na Terra. Partindo da visão da vida induzimos a moral de Trasímaco, Machiavel e Nietzsche, e desta induzimos a idéia de um Deus semelhante ou pior ainda do que o terrível Moloch amonita. Partindo dos atributos da divindade, deduzimos uma criação que não pode ser senão a existente no *topos uranos* de Platão. E agora ? Pois agora só nos resta aplicar a terceira inversão copernicana, do modo como Kant fez com a segunda, e repetir o que já hemos dito: uma vez que a filosofia darwin-spenceriana faz tudo proceder do caos, dando, como conseqüência a moral Trasímaco, Machiavel e Nietzsche, da qual decorre a teologia amonita do deus Moloch, então, só nos resta o único recurso de considerar tudo pelo avesso, e dizer que Deus criou almas perfeitas e felizes, e que elas caíram; e da falência e *desintegração delas e de seu mundo* resultou o caos. Se a filosofia evolucionista de Spencer faz tudo promanar do caos, então quem está certo é Platão com a sua doutrina involutiva da queda das almas do *topos uranos*, do que resultou o caos pela *desintegração delas e de seu mundo*. O reverso da visão que nosso mundo e a vida nos ofertam, é o *topos uranos* de Platão. Por isso a grande tese parmenídica-aristotélica encontrou a sua mais completa antítese em Darwin, Spencer e Nietzsche: mas, em Platão já se continha a síntese. Deste modo, o caos existe como o fim de um processo de falência e desintegração, e, por isso mesmo, como início do processo inverso, integrativo, da evolução. A evolução está acontecendo, porque ocorreu a involução. E suposto que há duas criações, a primeira feita por Deus, e a segunda pela natureza, é de necessidade que a segunda decorra da primeira, isto é, que o nosso mundo tenha origem no *topos uranos*. O realismo foi a tese, e o idealismo, a antítese, e ambos formam a síntese idealismo-realismo exposto pela filosofia nova. Todavia, este idealismo-realismo já existe em Platão que deu às coisas, *res*, do *topos uranos*, o nome de idéias arquétipos, e diz Ortega que idéia significava originariamente, *imagens*. Por isto, Platão é o filósofo do futuro, como o refere Huberto Rohden, e esta “Terceira Jornada Filosófica” lhe pertence, sendo ele dela o precursor. Resumamos em itens, a doutrina de Platão, para depois, de aí, tirarmos as últimas conclusões:

– 1) Fala-nos, Platão, da existência de dois mundos, sendo um deles real, e outro, ilusório; mas não totalmente ilusório, porque este participa do mundo real, de modo que todas as coisas certas, verdadeiras, belas e boas deste nosso mundo são participações da realidade eterna do que há no *topos uranos*. Além deste nosso mundo de sombras e irrealidades, cópia infiel feita pela natureza, mas participe da realidade eterna, há este outro mundo que é o das perfeições, não sujeito às mutações, às transformações.

¹¹⁸ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1, 154

– 2) Este mundo perfeito é em que moram as almas eleitas e as idéias arquétipos; as criaturas vivem, aí, na contemplação da verdade e da beleza imperecíveis, e todas integradas pelo amor.

– 3) Parte destas almas caiu para este nosso reino de ilusão e materialidade, onde a razão se obscurece, e a paixão domina. Mas caiu quando ? Pois este quando não pode ser senão o da origem do universo; está claro que, sendo este mundo *cópia* do outro, desde a origem do universo esta *cópia* começou a ser feita, e vai aperfeiçoando-se, ou sejam vai participando cada vez mais daquela realidade primigênia. A descida das almas a este nosso mundo, para o seu aprimoramento pelas reencarnações, não pode ter acontecido só nos tempos da Grécia de Platão. Aconteceu nas origens do universo a grande queda, à qual, depois, se sucederam outras quedas menores, de um orbe superior para um inferior, ou dos planos mais felizes para outros de dor, e a própria reencarnação da alma neste nosso mundo, não deixa de ser uma forma de descida ou de queda. Descidas ou caídas do plano mais alto para um mais baixo, as almas esquecem o que lá sabiam; é a amnésia das reencarnações; aprender, portanto, é recordar. E os anjos menores que não chegaram a desintegrar-se de todo, no caos, terão de desandar o caminho da descida, retornando ao lugar celeste, pela recordação do que antes sabiam, e, ao mesmo tempo, pelo desenvolvimento do amor que se esfriou e se inverteu, tendo sido esta a causa da descida ou queda.

– 4) As almas encarnadas neste nosso mundo, aqui ficam, a refazer experiências, em existências sucessivas, até que se desvencilhem da animalidade, das paixões inferiores, das peias materiais, pela cultura da bondade, do amor e do saber.

– Se consta da doutrina de Platão, prosseguiu o mestre, a queda e a salvação das almas, a descida e a subida delas do e para o *topos uranos*, segue-se que, em Platão, já está implícita a *grande síntese* filosófica que nossos estudos desenvolvem. Daqui não há fugir, donde vem esta conclusão irrecusável: ***nenhum filósofo futuro logrará edificar nada, se olvidar ou rejeitar esta base.*** Fora daqui, pois, não há saída para o pensamento. E é por não haver, que o mundo está sem norte filosófico desde Kant, considerando que as filosofias de Augusto Comte e de Herbert Spencer não norteiam nada. É fora de qualquer dúvida que a criação do *topos uranos* é a única que um Deus positivo, às direitas, podia executar. Deus não é a Razão pura, abstrata, distante, vazia de conteúdo, ou pura idealidade. Ele é a mais subida dimensão, muito acima da hiper-consciência volumétrica dos Serafins, na qual já se fundem sabedoria e amor. A Ultra-Razão Prática e o Amor formam a síntese do Ser, do qual não se pode predicar que é só Razão, ainda que absoluta, nem que é só Amor. O binômio Ser é Eros e Amor. Eros, o princípio de integração, o primeiro na ordem das leis, traz, na sua própria definição, a idéia de Lei (Razão – Idealidade), e a de integração (Amor – Substância) . Por isto, a filosofia não é desprendimento da vida, isolacionismo egoístico, pura contemplação metafísica, e sim, atividade vital, atuante, não podendo o filósofo isolar-se na sua torre de marfim, como sempre se pensou, mas antes, pelo contrário, ele deve ocupar-se com o mundo e com os homens, como fizeram Platão e Cristo; daí o dizer Platão que o filósofo devia ocupar-se de política, fazendo-se rei, ou que os reis haviam de tornar-se filósofos. É chegada a hora da síntese que nos cumpre fazer juntos... qualquer outro dia, que não hoje.

Capítulo IV

A perfeição é imutável

No outro dia, pela manhã, Árago esteve lendo em sua sala, como era do seu costume fazer; e como o livro o pegasse, tornou a ele, mesmo após o almoço. O tempo ficara quente, à tarde, forçando o pensador a ligar seu refrigerador de ambiente, e assim, numa temperatura amena, pôde estar com o seu livro até que o cansaço mental o impedisse de prosseguir. Só bem tarde é que foi até o mar, respirar a maresia que o vento brando lhe ofertava. E assim ficou descansando largo tempo, pisando, descalço, a areia morna, e gozando as vistas que a natureza lhe mostrava a cada lance de olhos. Depois, o Sol começou declinar-se por trás da Serra do Cadeado, e o filósofo retornou à casa para o jantar.

Dona Cornélia preparou, à paulista, uns camarões que Árago e Chilon saborearam, pois Chilon chegara mais cedo que os demais para os estudos. E quando, à noite, todos estiveram reunidos na sala da biblioteca, o mestre principiou a falar:

– Conforme hemos combinado, Hierão, você me vai lembrando os atributos da divindade, que são as qualidades do Ser, para completarmos a visão de como seria o *topos uranos* de Platão. Pode, pois, prosseguir com o que vinha fazendo ontem:

A estas palavras do mestre, Hierão consultou um papel, dizendo, a seguir:

– O Ser é imutável !

– Bom. A imutabilidade decorre da perfeição, porque, como já o vimos, o que é perfeito não muda. Aquilo que muda é imperfeito, porque, se muda, é para melhor; ora, o perfeito que admite melhoria, não é perfeito. E Deus, sendo a Perfeição mesma, além de a Sabedoria e o Amor, não podia criar filhos imperfeitos, suscetíveis de serem melhorados. Logo, as criaturas que saíram perfeitas, não podiam mudar para melhor, sendo, por isto, imutáveis. Está certo isto, Hierão ?

– Sim, esses raciocínios estão corretos. Se houvesse evolução, é que os filhos era imperfeitos; se são imperfeitos, foram criados assim; e se a obra de Deus é imperfeita, e tanto que pode ser melhorada pela evolução, em que, logo, reside a perfeição de Deus ? Assim, se Deus é perfeito, não pode haver evolução; e se pode haver evolução, então Deus não é perfeito. Quem, por

consequente, afirma aquela premissa, ipso facto, nega a evolução; e se afirma a evolução, tem de negar a premissa que diz ser Deus perfeito. As duas coisas é que a lógica não admite juntas.

Neste ponto, interveio Alcino Licas argumentando:

– Se perfeição e evolução se excluem, mutuamente, pelo que a lógica não as pode admitir juntas, como é que ambas existem ? A perfeição existe como uma necessidade metafísica, porque se Deus não é perfeito, nada mais terá sentido. Por outro lado, a evolução é um fato incontestável.

– Estas duas coisas, tornou o mestre, que a lógica não permite juntas, contemporâneas, admite-as sucessivas no tempo. O Universo primeiro saído da Substância de Deus, é perfeito, e por isso, não admite evolução. As almas viventes do *topos uranos* são perfeitas, e por este motivo, imutáveis. E todas as coisas que estas almas perfeitas criarem, sê-lo-ão também, consistindo estas perfeições nas idéias-imagens arquétipos referidas por Platão. Depois, parte dessas perfeições caíram até o caos de onde, agora, o universo segundo ressurgiu por evolução. Deste modo as duas coisas que a lógica não admite juntas, admite-as sucessivas no tempo, ou contemporâneas, porém, em lugares diferentes como é o *topos uranos* e o nosso mundo evolutivo.

– Mas se as almas criadas por Deus eram perfeitas, argumentou Basílio Desiró, não podiam cair na imperfeição.

– Depois que Deus fez as almas perfeitas, tornou Árago, deixou-as entregues a si mesmas, cada uma a seus próprios cuidados. E elas eram livres, podendo ter-se na virtude, ou mudar-se para pior. Melhorar do que eram não podiam; mas, degradar-se, sim podiam, porque se o não pudessem, não seriam livres, e se não fossem livres, não seriam perfeitas. A perfeição exigia a liberdade, e esta, deixa implícita a possibilidade, não necessidade, da queda. Elas poderiam ter sido fixadas na perfeição, sendo esta um determinismo. Assim, o amor que dedicassem a Deus, assim como o entre elas, seria forçado, obrigatório, contrário, portanto, à natureza do amor que é substancialmente livre, podendo, por isso, polarizar-se no seu contrário. Às próprias almas cumpria cultivar o amor no sentido em que ele é altruísmo, e não, no sentido em que ele se torna egoísmo. Mas isso ainda iremos ver, por miúdo, a seu tempo.

– E serão as almas, por acaso, imóveis ? interrogou Benedito Bruco. Um dos atributos do Ser é a imobilidade !

– A imobilidade é um atributo do Ser parmenídico, mas não do Ser platônico. Como para Parmênides o Ser era pura idealidade, essência pura sem matéria alguma, como também o entendia Aristóteles, tal Ser, por força, havia que ser imóvel, porque esta é uma das propriedades dos *objetos ideais* já estudados por nós. Mas Platão admite que o Ser é móvel quanto à Substância, porque, do contrário, seria impossível a criação das almas perfeitas do *topos uranos*. Deus se deu nas almas, se deu no *topos uranos*, e este encurvamento e limitação da Substância eterna, implica movimento. Logo o movimento está implícito em Platão. Consequentemente, uma vez que para Platão, Deus não é princípio vazio de substância, pura idealidade, como pensaram Parmênides e Aristóteles, segue-se que, na Substância há movimento, por que a Substância é *energia-amor* ou *energia-substância*, e esta é movimento. Já se vê que as almas criadas desta Substância, desta energia-amor, desta energia-luz, não poderão ser imóveis. Elas são livres de deslocar-se no seu meio, embora estejam todas ligadas por comunicações telepáticas de raios de ação imensos.

– Além disso, continuou o mestre, a imobilidade do Ser, segundo Parmênides, é um contra-senso; porque o Ser, sendo idealidade pura, pura forma vazia, é inespacial e intemporal; e o que não é espacial nem temporal, não pode mover-se no espaço nem existir no tempo, isso para o Ser parmenídico- aristotélico, e isso para todos os *objetos ideais*, sem exceção. Outra sem-razão é afirmar, como fez Parmênides, que o Ser é infinito, porque infinito, outra vez, implica a idéia de espaço objetivo; e sendo Deus *idealidade pura*, pura essência, por isso mesmo está fora do espaço objetivo. E contra a objeção de que Parmênides se referia ao espaço subjetivo, ao espaço ideal, outra vez respondo que, nesse espaço subjetivo, pura idealidade outra vez, não há extensões maiores do que as da nossa caixa craniana, se me permitem esta figura. Jamais ninguém correu o metro pelo espaço subjetivo para determinar nele as dimensões. A idéia de espaço e a de infinito estão jungidas à de dimensões ou extensões, e estas dizem respeito ao objetivo, à substância, à realidade, e não, à idealidade inextensível ou inespacial. De maneira que o próprio Parmênides, com afirmar que o Ser é infinito, deixou implícita a idéia de substancialidade extensível ao infinito. Ou isto, ou, como afirmei, o que ele disse é um contra-senso.

– Admitido que as almas se locomovem, fica implícito o tempo. Suposto que as almas são fenômenos, são criações, então existem no tempo, são reais. Mas como seria esse tempo ? Como seria a sensação de transcender o tempo para quem se sente eterno, e não tem pressa, visto que a pressa faz parte da imperfeição ? Quem corre não tem tempo, precisamente porque o tempo se encurta com o crescer da velocidade, chegando esta a ser máxima na luz, e um pouco menos no elétron, pelo que o tempo de ambos se reduz a quase nada. Se neste extremo, o tempo tende para zero com o crescer da velocidade, no extremo oposto, na posição antípoda, no polo contrário, o tempo se torna infinito, eterno, com ter cessado totalmente o movimento. No não-ser, situado abaixo do elétron, a velocidade, digamos, infinita, torna o tempo zero; no Ser de Deus, a velocidade é nula, e o tempo, eterno. Entre este não-ser e o Ser escalonam-se todos os demais seres, que tanto mais são, quanto menos correm, e tanto menos são, quanto mais sua velocidade cresce. Eis as duas posições filosóficas perfeitamente válidas: a de Heráclito, do vir-a-ser puro, perfeitamente móvel, e a de Parmênides, do Ser, eternamente fixo. Eu, por exemplo, vivo nesta ilha, sem pressa alguma. Só cuido de haurir conhecimentos, que não preciso exhibi-los a ninguém. Minhas obras, escrevi-as por prazer. Todavia, se elas não vierem à luz..., seria uma pena, porque, depois de Darwin, Spencer e Nietzsche que deram xeque mate a todas as filosofias, minha obra filosófica se tornou uma necessidade para todos os que não se guiam pela fé. Eu gostaria que minhas idéias corressem mundo, que beneficiassem a todos os homens, meus irmãos; mas se isto não acontecer..., paciência ! Após a morte, o que é meu levo comigo. Ora bem. Estando eu na carne, sujeito às contingências da vida e da morte, não corro por nada; por que correriam, logo, as almas felizes do *topos uranos* ? Correrem por que, e para onde ? Mas atentemos:

– “O tempo é como a música. A fim de que exista é preciso tocar” ¹¹⁹ . Há os instrumentos musicais graves, como os agudos; os primeiros são de baixa frequência, isto é, dão poucos ciclos por segundo; já os agudos dão milhares de ciclos na unidade de tempo. Se a vida dos instrumentos decorresse do número de ciclos que dão, o contrabaixo teria vida longa, e o flautim, curta. “Como os instrumentos de música de tamanhos diferentes, assim se comportam também aqueles sistemas, cujo conjunto vemos ao redor de nós como a “Natureza” ” ¹²⁰ . Assim, “um sistema minúsculo como o átomo gira depressa. O “ano” do elétron, ou melhor, a órbita do mesmo ao redor do seu sol

¹¹⁹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 46

¹²⁰ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 47

demora 0,000.000.000.000.001 segundos; o ano da Terra é 365 dias; o do sol que circula na Via-Láctea de 250 milhões de anos. A mosca tem vida rápida, o homem, lenta. Os segundos-mosca são mais curtos que os segundos-homem. Para cada sistema e cada criatura, o metrônomo do tempo bate um outro compasso”¹²¹. Por aqui se vê que há tantos tempos diferentes quantos são os sistemas de referência a que se aplicam. Ouçam mais isto: “A Terra vive – mas o relógio da história da Terra caminha devagar. Se armássemos na paisagem câmaras cinematográficas que em cada 100 anos tirasse automaticamente uma chapa, e se depois de 20.000 fotografias pudéssemos projetar o filme, poderíamos “ver” a vida da Terra: as montanhas ondeiam como vagas. As paisagens movem-se como chapas de gelo flutuantes. Rochas despedaçam-se como madeira podre. Os mares açoitam as costas dos continentes e engolem as duna. Ilhas erguem-se dos oceanos como dorsos de delfins e desaparecem novamente. As camadas de gelo dos pólos abrem-se como guarda-chuvas e tornam a fechar-se – a Terra vive”¹²². E se vive a Terra, vive também o universo, e se o pudéssemos fixar na gelatina fotográfica, em momentos sucessivos contados por milhões de anos, então veríamos as galáxias contraírem-se e se expandirem: irem-se para um ponto, e se afastarem dele. E tanto quanto as galáxias se contraem e se amontoam no centro, como quando se dilatam e se afastam dele, num e noutro caso o movimento delas é uniformemente variado, crescendo com o aumentar da velocidade. Quando se dirigem para o centro, o movimento se acelera com o encurtar do raio, do mesmo modo que, quando se afastam, a velocidade cresce com o crescer dele. Não há explosões como ocorreu com o Colosso Primitivo, nem implosões para um centro, como ocorreu na prístina formação do universo; o que há é respiro. “O universo é como pressentiram os velhos místicos, um ser vivo. Ele respira”¹²³. Por esta cadeia de raciocínios, podemos concluir que a eternidade é o tempo contado pelo relógio de Deus. Se a roda de escape de um relógio é onde se verifica a máxima velocidade e mínima força; vice-versa, a caixa da corda, de máxima força, move-se imperceptivelmente. Por isso Homero dizia que “os moinhos dos deuses moem devagar”. E o relógio de Deus como que não anda; está como que parado! Deus só está parado, no seu aspecto de Lei, de Essência ou Forma, de pura idealidade, porque, como já o vimos, os *objetos ideais* são intemporais. Mas o Deus Substância que enche e dá corpo à Forma, esse, como a caixa da corda de um relógio, move-se no tempo eternidade. Só o tempo de Deus é a eternidade, estando todas as demais criaturas suas em perpétua agitação, que tanto é maior, quanto menor for o sistema. Então, há isto: “O ser vivo vive no ritmo de tempo que corresponde ao seu sistema de referência. Ele vive rápido em mundos leves, e devagar em mundos pesados (...)”. No satélite de Sírius, um homem viveria mais vagorosamente, mas proporcionalmente mais tempo”¹²⁴. Ou, de outro modo: quanto menos curvo e mais complexo for o mundo, mais lentos serão os movimentos; pela recíproca, quanto mais encurvado e simples ele for, tanto mais rápidos serão os movimentos todos, e mais curto o tempo. As reações ocorridas na química orgânica são tanto mais vagarasas, quanto mais complexas; na química mineral chegam elas a ser explosivas, pela facilidade com que as trajetórias eletrônicas se entrelaça na formação das moléculas simples. Este é o princípio que torna compreensível por que o elefante é mais lento que a pulga, e de vida mais longa que a dela. Mas cada um vive plenamente a sua vida sem a sensação de que o tempo seja longo ou curto. Assim, no elétron, o movimento é máximo; no *topos uranos*, mínimo; logo, as almas, aí, movem-se sem pressa alguma. E são felizes, e isto faz que o tempo se distorça, parecendo mais curto do que realmente é. Em oposição, nos mundos inferiores em que as almas são condenadas a correr, e onde tudo é célere, o tempo, conquanto seja mais curto, parece infindo. Então o Ser é

¹²¹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 47

¹²² Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 199

¹²³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 114

¹²⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 49

como que imóvel; as almas, quanto mais próximas dele, habitando sistemas menos curvos, mais amplos e mais complexos, mais devagar se movem. E quanto mais os sistemas se afastam do Ser, mais se encurvam, mais se fecham, mais depressa se movimentam, até que a velocidade se torna como que infinita no nível do não-ser puro, da pura substância, que é quando o ser se reduz a nada, e, já desintegrado, confusamente, se agita no seio do caos. Todas as coisas, pois, têm por substância ou consistência, o movimento, e, por essência, a organização, a conexão, a integração que se vai potencializando até o Ser imanente que tudo abarca na sua unidade, consistindo este no que Platão chamava a Realidade, que é a grande Esfera do *topos uranos* que cerca o nosso e todos os possíveis universos materiais por todos os lados.

Fez ponderosa pausa, o mestre, depois do que continuou:

– A ciência, com o seu método de análise, tem procedido como a criança que despedaça o brinquedo para ver o que tem dentro; e fica decepcionada quando encontra apenas umas poucas rodinhas dentadas, molas e corda. Que ? ! Então, toda aquela maravilha de ver, que é o mico a tocar, em ritmo certo, o bumbo, os pratos e a caixa; o palhacinho, ali perto, a tocar à marimba a musiquinha que a bailarina dança nas pontas dos pezinhos, tudo isto se reduz a umas poucas rodas dentadas, molas, lâminas sonoras e corda ? Assim é. Deste modo, a ciência, depois de extasiar-se observando ao microscópio os cristais de neve, quer saber a substância sobre que se apoiam todas aquelas essências cristalinas, as quais permitem se escreva um tratado delas, sem as esgotar. E, vai o cientista, derrete os cristais ao fogo, para ver no que dá, e é água. Decompõe, então, a água pelo voltâmetro, e eis que acha hidrogênio mais oxigênio. Mete-se a saber o que vem a ser o hidrogênio e o oxigênio, e esbarra com elétrons, prótons, neutrons, mésons, pósitrons, anti-prótons, e, “no Sistema Periódico das partículas elementares, há ainda espaços vagos, tal como faltava uma série de elementos químicos na composição do primeiro sistema periódico”¹²⁵. E vai a ciência saber o que são estas partículas, e descobre que a substância delas é movimento e energia. Então, aquelas maravilhas dos cristais de neve, das flores com seu néctar, com sua cor e com seu perfume para atrair os insetos, tudo é movimento e essências que entre si se multiplicam, que se potencializam ? Sim, é ! “Quem entenderá ? Uma dada flor, um determinado inseto; o impulso do inseto para saborear o néctar; a atividade da planta em lhe preparar e apresentar a beberagem capitosa; a adaptação recíproca de duas criaturas tão completamente diversas, como a moeda e o autômato. E depois, o milagre da fecundação, o cruzamento de duas espécies de plasma, o complemento dos gens partidos ao meio e tudo isso nascido de átomos de carbono, de hidrogênio, de oxigênio, de azoto, de enxofre, de fósforo, de magnésio – gerado na superfície duma esfera que paira no espaço, um globo chamado Terra, em mares de asfalto e nuvens de ácido carbônico... Quem dirá que entende ? Ainda que Platão, Goethe e Shakespeare aparecessem, de braços dados, bradando: “Nós entendemos !”, eu não acreditaria. Eles, porém, não o diriam”¹²⁶. E tudo isto que nos causa gosto e espanto, resulta da potenciação das essências. ***As propriedades do todo não são encontráveis nas partes componentes isoladas,*** e este enunciado é lei que não padece exceção. Agora podemos entender que Deus criou as almas, tirando-as da sua Substância eterna, e, por isso, elas são substancialmente eternas; deu-lhes essência própria, que significa dar-lhes ser. Deus é imutável e perfeito, e por isto as almas fieis o são também. Ele é Uno, e por isto as fez únicas, cada uma espécie, diferenciadas, específicas e integradas pelo amor. Ele é imóvel, quanto à Essência ou Forma, e, por esta parte, intemporal, como soem todos os ***objetos ideais***; mas pelo Conteúdo, pela Substância, ***é móvel***, porém num tempo que chama eternidade. Por esta qualidade sua, deu às

¹²⁵ F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 102

¹²⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 117

almas felizes, movimento mínimo, pondo-as próximas da quase imobilidade sua, dele, o Ser que se deu nelas. O *topos uranos*, por este motivo, possui curvatura de raio máximo, em oposição ao elétron cujo raio de curvatura é mínimo, considerado, este raio, como distância mínima pela ciência oficial. Todavia, há distâncias subeletrônicas até a última substância situada no nível do éter de estrutura punctiforme. A própria ciência já suspeita que abaixo do raio eletrônico “o espaço não é mais de composição “homogênea-microscópica”, mas tem, para empregarmos a expressão do Prof. March, “estrutura granulosa” ”¹²⁷.

Fez uma pausa o mestre, depois do que continuou:

– Dar Deus movimento e ser às almas, significa individualizá-las como criações, como fenômenos. Assim como no contínuo aéreo se formam vórtices, no contínuo da Substância divina se formaram almas. Com representarem elas o sistema menos curvo, mais amplo e mais complexo que há, movem-se num tempo longo, sem contudo estarem sujeitas à evolução, visto que são perfeitas, e por isso, imutáveis. O *topos uranos* possui mínima curvatura, e por este motivo, contém em si e abarca todos os demais sistemas e encurvamentos possíveis. Agora se compreende ser perfeitamente válida para o *topos uranos* toda a filosofia de Kant, pois, aí, Deus, de fato, ao formar as almas, fê-las perfeitas, com o mecanismo da razão pronto para funcionar, tendo gravado nelas todas as idéias, intuições e conceitos a priori, dos quais os demais conhecimentos se deduzem. Do mesmo modo como fazemos os nossos cérebros eletrônicos, nos quais gravamos toda a matemática e a lógica, em razão do que eles saem para a vida prontos para funcionar sem erro, tal e qual, quanto à hiperconsciência, saíram do seu Criador as almas do *topos uranos*. Contudo, além da super-razão, as almas possuíam sentimentos, e estes, por sua própria natureza, são livres. No entanto, em relação a nosso mundo egresso do caos, e chegado até nós pela evolução, valem as filosofias de Aristóteles e Spencer, ou seja, a filosofia de Aristóteles com a evolução posta no lugar dos seus planos criacionais paralelos e estanques. Um aristotelismo evolucionista é o que serve para explicar nosso mundo, em que o mecanismo da razão surge após os embates da experiência tragicamente dolorosa. Aristóteles está certo, quanto a que a razão com suas leis e princípios são a posteriori. Para o *topos uranos*, porém, ter-se-á de aplicar a doutrina de Kant, porque lá, de fato, o sujeito põe os objetos, e deste modo, pela simples posição, os cria, semelhante ao modo como Deus pôs as almas, e tanto que as pôs, elas surgiram.

– Vejam vocês, concluiu o mestre: como se foram dois rios, um nascido na eminência parmenídica, e outro, na cartesiana, as duas torrentes filosóficas se foram engrossando no decurso da história, unindo-se ambas nesta terceira jornada da filosofia. Eis como realismo e idealismo são apenas duas meias verdades, duas perspectivas opostas, como a tese e a antítese, necessárias à construção da síntese.

E tendo ponderado um pouco em silêncio, prosseguiu:

– E não é só isto. Quando Heráclito disse que tudo muda e nada está quedo, deixou implícita a idéia de dois movimentos: o que representa as deslocções no espaço, as mudanças de lugar, e o movimento da transformação por que passam as coisas. O movimento das transformações, como não é deslocção no espaço, não pode ser expresso por aquelas fórmulas que Galileu induziu. Ora,

¹²⁷ H. Faust, De Onde Viemos Para Onde Vamos, 61

o tempo do movimento de móveis no espaço, existe no *topos uranos*, não, todavia, o das transformações evolutivas, visto que lá não pode haver evolução, pelas razões que passo a expor:

– Evolução é a eliminação progressiva do caos pela integração. Deste modo a integração só se verifica entre as unidades que se tornaram antitéticas entre si, e, como a tese e a antítese, dão a síntese; entretanto, estas últimas unidades formadas, as sínteses, continuam, entre si, em caos, porque ainda não se diferenciaram para novas integrações. Ora, se só a diferenciação leva à integração, segue-se que a diferenciação, a individuação, é idêntica à perfeição. Perfeito, já o vimos, é o diferenciado, especializado, individuado, que esgotou todo o campo da variação, e agora não tem mais para onde se expandir. Que maior perfeição pode ocorrer aos espermatozoides, esses maravilhosos torpedos carregados de gens, iguais na aparência, fixados na forma ideal que lhes convém, e ao mesmo tempo diferenciados e individuados pelas possibilidades genéticas diferentes que carregam? Logo, evolução é a eliminação progressiva do caos da imperfeição pela integração de perfeições. Tanto que duas unidades se diferenciam, chegando à máxima perfeição, integram-se, entre si. Por isto, evolução é integração de perfeições. Quer dizer que as partes que chegaram a integrar-se em novas unidades, são perfeitas. Os elétrons são perfeitos, assim como as partículas *integradas* dos núcleos, por isso que, integrando-se, dão o cosmo atômico. Os átomos são perfeitos, e, por isso, em se unindo uns aos outros, produzem as moléculas.

Percebendo, no entanto, a hesitação de alguns, esclareceu o mestre:

– Vamos a isto mesmo, por outras palavras. Um átomo de hidrogênio é perfeito, Hierão?

– É... tem que ser, porque não evolui, estando parado sempre no que é.

– E dois átomos de hidrogênio pesado, isto é, diferenciados, sob a ação de altíssima temperatura, não formam um átomo de hélio?

– Isso mesmo.

– E todos os demais átomos, até os transurânicos, não se formaram por este mesmo processo de síntese, no seio do Colosso Primitivo de Alpher, Bethe e Gamow?

– Exato.

– Não é certo que esse grande Ovo Primitivo “chocou-se”, saindo dele toda a matéria do universo físico?

– Não há dúvida.

– Bom. E o átomo de oxigênio também é perfeito?

– Também... tal como o átomo de hidrogênio.

– E ambos, combinados, quer dizer, integrados, não formam a molécula d'água?

– Formam.

– E a água é perfeita ? pode ela evoluir, sendo mais do que já é ?

– Não... não pode evoluir, pelo que ela é perfeita.

– E a água se torna gelo, na neve que cai dos céus. Examinando-se, ao microscópio, os cristais de neve, encontramos uma variedade de formações geométricas. Acaso essas formas são perfeitas, cada uma, em si ?

– Também são, respondeu Orsoni.

– Não fosse a água, os compostos complexos, e, depois, os seres vivos todos, da bactéria ao homem, não poderiam formar-se. Dois átomos diferentes, portanto, que representam perfeições, unem-se para construir uma unidade mais alta, que entra na composição de outras unidades. Por isso foi que eu disse serem equivalentes diferenciação e perfeição. Sem diferenciação as partes não se combinariam em novas unidades; se estas não se especializassem, por sua vez, ou seja, não se tornassem perfeitas, não estariam aptas a formar novas integrações. Logo, como eu dizia, evolução é integração de perfeições, isto é, integração daquilo que se tornou especificamente diferenciado. Diferenciação, especialização, perfeição se equivalem, donde vem que o universo está cheio de perfeições, está cheio de Eros, e de caos, ao mesmo tempo, e este vai sendo eliminado, progressivamente, no ponto em que as unidades diferenciadas, e por isto perfeitas, se integram noutras unidades mais altas e mais complexas. Estas perfeições de que está cheio o universo, rodeadas pelo caos do que ainda não se integrou, é a “participação” de que Platão nos fala, pelo que o universo possui realidades e irrealidades juntamente. Onde houver caos, aí falta *Eros*, ou seja, a integração das partes; pela recíproca, onde as partes se integraram, nesse ponto cessa o caos e reina a perfeição, a ordem, *Eros*, o cosmo. Por isso, perfeição tem que ser entendida no sentido de funcionalidade, de especificismo funcional, que só isto torna possível a integração em unidades maiores.

– Aristóteles, prosseguiu o mestre, queria enxergar na natureza uma ordem parada redutível a esquemas bonitos, a sistemas fixos, constantes, que é a visão do *topos uranos* onde não há evolução, porque tudo está no estado cósmico de perfeição. Mas sendo o universo egresso do caos, a ordem só se vai estabelecendo do menor para o maior, do simples para o complexo, e é por isso que há ordem na matéria, no concerto dos mundos siderais, e na vida, ainda não. Menos ordem reina ainda entre os humanos, na sociedade, e o Estado é ainda uma unidade em formação, chegando a ser “um mal necessário”, como refere Ortega. Por isto, os reis, no cabeçalho dos documentos, ao invés de escreverem: “Nós, pela graça de Deus...”, deveriam declarar: “Nós, dos males o menor, ...”. Sendo a evolução, como venho demonstrando, a eliminação progressiva do caos, pela integração de unidades diferenciadamente perfeitas, então, temos isto: se a evolução fosse infinita, sê-lo-ia também o caos, visto como ele acompanha sempre a evolução, do mesmo modo como os espaços vazios de uma escada se intervalam com os degraus. Se os elétrons e os prótons de um átomo estivessem sujeitos à evolução, à ininterrupta transformação, como é que poderiam manter-se integrados ? Fazendo-se, por conseguinte, a evolução infinita, ipso facto, também sê-lo-ia o caos, uma vez que este acompanha sempre àquele. Consequentemente, toda vez que qualquer unidade chega à máxima especialização, não pode mais evoluir em si mesma, e só lhe resta o único recurso de integrar-se com sua unidade oponente e complementar, igualmente perfeita. Por tudo quanto venho demonstrando de maneira exaustiva, a perfeição é imutável; e de coisas

imutáveis, porque perfeitas, está cheio o universo, consistindo nisto a parcela de realidade ou *Eros* que via Platão. Se todos os átomos de hidrogênio e de oxigênio estivessem em perpétua mudança, quanto à estrutura, a água não existiria; e sem ela, nada do que dela depende, inclusive a vida. Se todos os átomos, conhecidos em número de cem, andassem mudando, perpetuamente, como pensava Heráclito, as moléculas dos compostos não subsistiriam. Se as moléculas não fossem perfeitas, e por isso, estáveis, nada se poderia construir com e sobre elas. O movimento em si, logo, não é imperfeição, visto como tudo, embaixo, que subestá, que é subsistente, que é substância, se constrói de e sobre ele, e sem esta construção feita toda de velocidades, nada poderia edificar-se mais acima. O movimento é característica substancial dos seres, sendo máximo no não-ser mais extremo que se agita confusamente no caos, e mínimo no Ser Total, ou Realidade, ou Deus no seu aspecto imanente ou criacional. Todavia, o que pode transformar-se, é imperfeito, e a perfeição é atingida, quando a transformabilidade cessa.

– Isto posto, isto assentado, rematou o pensador, concluímos que no *topos uranos* há movimento, não, porém, transformação, pelo que os seres e coisas quedam-se na perfeição, consistindo elas no que Platão chamava idéias-arquétipos eternas, das quais, as coisas mutáveis de nosso mundo, são cópias grosseiras. Estas idéias-arquétipos são a realidade, visto que são idéias-coisas; são móveis no espaço, porém, não se transformam em si. Estas idéias-coisas são transformáveis por ingerência externa, por atuação sobre elas por parte das almas, dos espíritos, dos anjos, dêem o nome que quiser. Contudo, abandonadas a si mesmas, permanecem no que são. Tal como fazem os espíritos do *topos Uranos*, o homem terreno também força o átomo a transformar-se; entretanto, sem esta interferência do homem, o átomo permanece estável, imutável, uma vez que perfeito.

E depois de uma pausa longa, profundamente reflexiva, concluiu:

– Quer dizer que o idealismo de Platão, idealismo objetivo, ao contrário do de Kant, idealismo subjetivo, era constituído de idéias-coisas objetivas, reais, exteriores ao sujeito cognoscente; não eram postos pelo sujeito, senão que se davam a este, eram apreendidos pelo sujeito, como queria Aristóteles. Ao mesmo tempo, como o sujeito cognoscente era um anjo, criado por Deus na suma perfeição, tal como os nossos cérebros eletrônicos, possuía toda a ciência infusa que podia pôr aos objetos, como pretendia Kant. Para conhecer, não precisava que os objetos se dessem ao sujeito, senão que este os conhecia, a priori, isto é, antes que os objetos se dessem ao sujeito, como o entendia Kant. Não obstante, como os anjos são livres, podem apreender as essências dos objetos (Aristóteles), coincidindo esta apreensão das essências com o que já sabem, a priori, deles (Kant). Darem-se os objetos ao sujeito cognoscente, e pôr aos objetos o conhecimento que o sujeito tem, a priori, deles, é ato instantâneo, intuitivo, axiomático, da hiperconsciência angelical. Ou de outro modo: quando o anjo olha para um objeto, contempla-o em profundidade até a sua primária essência, pondo nele tudo o que já sabe, a priori; esta visão intuitiva e global do todo, coincide com a resposta vinda do objeto que se dá ao sujeito, já como todo, já como partes, desde a essência primária que subjaz no fundo, até a última essência que representa o objeto como um todo. Trata-se duma visão, de uma intuição, que enxerga por dentro, em profundidade, toda a cadeia das essências integradas, desde a primeira, lá nas profundezas, até a última, cá na superfície que engloba tudo na unidade todo, na forma exterior. Esta visão objetiva que o anjo tem do objeto, coincide com a intuição subjetiva que, de antemão, já possui dele, em virtude da ciência infusa, semelhante à dos cérebros eletrônicos.

– Nós, continuou o filósofo, vivemos no mundo, estamos no mundo, e o mundo está em nós refletido, como imagens. Tal como ocorre com os animais, vivemos a maior parte do tempo sem perguntar. Este é o nível da vida espontânea, do trato diária com as coisas que não nos são problemas. De repente, uma coisa que pretendemos fazer, nos opõe resistência, tornando-se-nos problema, e é, então, que perguntamos: *que é isto ?*. Aquela atitude primária de trato constante com o mundo, com as coisas, comum a todos os animais e ao homem, se muda para esta atitude secundária e derivada, que é a reflexiva do pensamento. O primeiro contato que temos com as coisas é a da espontânea convivência com elas, sem problemas, ou seja: este primeiro contato não é de conhecimento, como pretendia Kant. É apenas o de convivência com o mundo e com as coisas, comum ao homem e aos animais. No entanto, se fôramos anjos e estivéssemos no *topos uranos*, esta nossa atitude primária para com as coisas seria também a de conhecimento intuitivo, global, axiomático, exato, que nunca precisa perguntar: *o que é isto ?* A intuição não é cansativa como o raciocínio, do mesmo modo como não nos causa cansaço o estar contemplando as coisas, a praia, o céu, o mar. As coisas, lá, diferente do que ocorre conosco, aqui, não oferecem resistências aos quefazeres dos anjos, porque eles atuam nelas de modo pronto e seguro, sem ignorâncias e enganos, diferente, logo, do que ocorre conosco. A atitude reflexiva do pensamento, própria do homem que precisa saber o que são as coisas, não existe para o anjo, porque ele já o sabe, intuitivamente, e quando, fundado neste saber antecipado, atua sobre as coisas, elas respondem de modo a comprovar esse conhecimento apriorístico. Quero dizer, com isto, que o saber do anjo não é discursivo como o nosso, mas, intuitivo, volumétrico, global, instantâneo, de profundidade. Tudo, à sua volta, se lhe mostra axiomático, evidente por si mesmo, sem premissas nem conseqüências. Para a intuição angelical, tudo fôra como se de vidro transparente, ou como se cada essência entranhada na coisa vista, irradiasse sua imagem desde as profundezas mais recônditas, até à periferia que é a essência última que dá ser à coisa. Nossas imagens e conceitos são opacos; vêmo-los por fora somente. E quando fragmentamos os objetos para a análise, a cada desintegração uma essência se evola, se some. Para os anjos, as imagens e os conceitos são uma trama, um cosmo transparente de inúmeras imagens e de inúmeros conceitos organizados na unidade. E quando olham a coisa, a que o organismo de imagens se refere, vêm-na por dentro até às profundezas, coincidindo a coisa sob as vistas, com a imagem dela preexistente na hiperconsciência. Por isto, vejam bem, um anjo não é um *filósofo*, para ser um *sábio*, não no desvirtuado sentido humano, mas no sentido verdadeiro da palavra. Por esta mesma causa, o anjo não é racional, mas, superracional; não é inteligente no sentido humano de *interlegere*, porque não precisa, como o homem, *ler entre as coisas* o nexos ou essência que as torna compreensíveis; em vez disto, sabe, a priori, tudo, de um só lampejo de intuição. Em lugar de consciência, possui a hiperconsciência; em vez de raciocínio que por sua própria natureza é discursivo, linear, dialético, possui a intuição volumétrica, cadeias de intuições, que explodem em globo, de modo a apreender tudo no todo, de um só golpe, e com a velocidade do raio. E posso falar disto, e deste modo, porque, com o gênio, de quando em quando, ocorrem estes fatos. A obra de um gênio, que lhe consome, inteira, uma existência, não raro é concebida num piscar de olhos. Projetar o volume hiperracional na consciência planimétrica, trocar as intuições por raciocínios, por juízos e razões, reduzir o universo à carta de navegação espacial, ou o globo terrestre ao mapa do mareante, este é o trabalho exaustivo em que se consome o gênio em toda uma existência sobre a Terra.

E encarando, o pensador, a todos os presentes, observou:

– Se todos estiverem satisfeitos com o que hei exposto, podemos passar para outra qualidade do Ser, a fim de deduzir dela outro aspecto do *topos uranos*. Eia ! Orsoni ! Que outra propriedade traz anotada, aí, o seu papel ?

– Aqui está que Deus é todo-poderoso, ou onipotente.

– Bom. E que é onipotente, Hierão ?

– Onipotente é o que pode tudo. A própria etimologia da palavra o diz. Onipotente é aquele cujo poder não tem limites, e se o tivesse, já não seria onipotente.

– Essa idéia é a mais comum ou natural que todos têm da onipotência, e por isso mesmo, por representar a *doxa*, não serve para os filósofos. Assentado isto, torno a perguntar: acha você, mesmo, que Deus pode tudo ?

– Sim, pois claro !

– Está bem. No entanto já dizia Vieira: “Não é paradoxo meu, senão verdade de fé e divinamente explicada por Santo Agostinho: Quantas coisas Deus não pode, e contudo é onipotente ? E senão, dizei-me: Deus pode deixar de ser ? Não. Deus pode mentir ? Não. Deus pode enganar ou ser enganado ? Não. Deus pode fazer alguma coisa mal feita ? Não. Pois se Deus não pode tantas coisas, como é todo-poderoso” ?¹²⁸. E pouco mais adiante declara o padre, arrimado em Santo Agostinho, que ser todo-poderoso consiste em só poder tudo aquilo que afirma o que Deus é. Se o todo-poder de Deus desse azo às negações, em se negando, ficaria ele apoucado, empobrecido, sem o todo-poder. Por isso, ter todo poder para negar-se, para diminuir-se, para anular-se ou deixar de ser, não é ter poder, mas fraqueza. O poder que se volta contra si mesmo não subsistirá, pelo que se torna no nada ou no caos. O homem, com sua ignorância e loucura, pode fazer estas coisas; Deus não pode. “E daqui vem que o atributo da onipotência não pode todas aquelas coisas que seriam contrárias aos outros atributos. Deus é sumamente bom, e, se pudesse o mau, não seria a suma bondade; Deus é sumamente justo, e, se pudesse o injusto, não seria a suma justiça; Deus é sumamente sábio, e, se pudesse o errado, não seria a suma sabedoria; Deus é sumamente verdadeiro, e, se pudesse o falso, não seria a suma verdade. Logo, para Deus ser digno de ser onipotente, e a mesma onipotência digna de ser sua, não só era decente, mas necessário que, podendo tudo o mais, não pudesse coisa alguma que fosse indigna de Deus”¹²⁹. De maneira que Deus não pode contra seu próprio poder, que se isto fosse possível, anular-se-ia ele no não-ser. Por tudo isto, tudo o que for belo, grande, perfeito, bom, Deus pode; o contrário, não pode. Se Deus só pode o bom, o perfeito, o grande, o belo, o verdadeiro, segue-se que, ao criar os filhos, os fez como seres, e não, como caos; estes filhos, então, eram grandes, perfeitos, belos, verdadeiros, bons, além de detentores duma parcela do infinito poder, parcela correspondente à sabedoria que tinham, porque saber é poder. Concorde você, Licas, em que saber é poder ?

– Sim, pois claro, e é por isso que a função exercida por qualquer indivíduo, guarda estreita relação com a sapiência que tem. Cada um só faz o que pode, e só pode o que sabe. Pelo que faz mostra o quanto pode, e, pelo que pode, o quanto sabe. Verdadeiramente, não há poder ser saber !

¹²⁸ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 14, 214

¹²⁹ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 14, 214-215

– Aí está, meus caros, tornou o mestre, como o todo-poder se reduz à suma sabedoria, e Deus é todo-poderoso por ser onisciente; tudo pode porque tudo sabe. Esta é a causa por que o primeiro dos três dos trinta fortes de Israel chamava-se *sapientíssimo* (*)¹³⁰, em vez de fortíssimo, como devera ser. E que sapientíssimo é igual a fortíssimo, ou poderosíssimo, porque saber é poder. O homem é o mais poderoso de todos os animais, porque traz sua força no cérebro, em vez de nos músculos: Logo, os filhos que Deus criou da sua Substância, dando-lhes essência própria, são poderosos porque sábios, e tanto mais poderosos, quanto mais sábios. Já agora podemos acrescentar mais este pormenor ao quadro que pintamos do *topos uranos*. Tal terão de ser as almas eleitas do empíreo criadas por Deus, visto que elas hão de ser as conseqüências naturais e irrefragáveis das qualidades do Ser.

E voltando-se para Hierão, interrogou-lhe:

– Que outro atributo vem agora ?

– Pois seja esse que o senhor mesmo deduziu do todo-poder, que é a onisciência. Deus é onisciente; e defino onisciência como sendo o que tudo sabe.

– Você está desembaraçado, e isso é bom, porque nos poupa tempo e palavras. Diga-me, porém: Deus sabe tudo o que já passou ou igualmente tem ciência do que está ainda por acontecer ?

– Ora essa, prezado Árago, isso são palavras ociosas ! Se há profetas e profecias, segue-se, logo, que o futuro se pode conhecer. Se um simples mortal que é profeta, sabe o porvir, como não o saberia Deus que tece o futuro formando a trama que se vê, depois, no passado ?

– Deixemos isso de lado, então, uma vez que o irrita. Diga-me outra coisa: você crê no determinismo, ou no livre-arbítrio ?

– Claro que no livre-arbítrio. A predestinação, o fatalismo, não existe. Para mim, nós é que construímos o nosso destino, pelo emprego do nosso livre-arbítrio. Cada um é livre de agir como bem entender; depois sim, é que as impulsões, boas ou más, que a gente imprimir, agem, automaticamente, por lei de causa-e-efeito, criando um destino de alegrias se as impulsões forem boas, e de sofrimentos, se forem más.

– Entendi. Quer dizer que Deus é onisciente só no geral; no particular das nossas vidas, ele não sabe, de antemão, o que vai suceder, porque nos tendo dado o livre-arbítrio, na zona desse livre-arbítrio, cessa a onisciência, não é assim ?

– Não posso entender que Deus seja ignorante de nenhum modo; para mim ele sabe sempre, e se vamos praticar o bem ou o mal ele já o sabe, sem que esta sapiência antecipada de Deus, seja o motor das nossas ações. Não é ele o que nos impele às ações, senão que nós somos motores de nós mesmos para o bem ou para o mal. Deus sabe; mas agimos de modo como se ele não o soubesse, sem sombra de destino.

¹³⁰ (*) II Reis - 23 - 8 Coleção da Bíblia Sagrada - Vol. 1 - pág. 350 - Ed. Livros do Brasil S. A . - 1962

– Para você, Hierão, existe o livre-arbítrio; e afirmou, também, que Deus é onisciente, consistindo esta onisciência de Deus, não só no conhecimento do passado, mas também no do futuro, não só no geral, senão também no particular. Está certo ?

– Sim, foi o que eu disse.

– Ora, argumentou Árago, se Deus é onisciente, já não somos livres, visto como só podemos fazer aquilo que, de antemão, Deus conhece. Suponhamos que amanhã, você, prezado Hierão, irá praticar um erro, u'a ação feíssima, da qual se vai envergonhar muito, e, pela qual terá de responder diante das leis de Deus, recebendo punição conquanto justa, terrível. Se você, amanhã, usando o seu livre-arbítrio, não cometer o pecado, Deus ficaria muito “surpreso”, muito “admirado”, de ter falhado sua previsão. Se até um profeta, como você o diz, sabe o futuro, Deus nem se fala; logo, Deus sabe que você vai praticar o ato feio, e se o não praticar, falha a onisciência, Deus falha !

– Mas Deus não pode falhar, obtemperou Alcino Licas.

– Se o não pode, aí, o nosso Hierão não terá outra saída, senão praticar a ação pecaminosa e feia. Então, quando ele, amanhã, pensar que está usando o seu *livre-arbítrio*, mais não estará fazendo do que obedecer o férreo determinismo divino !... Quando um hipnotizador planta no seu paciente uma ordem sugestiva de efeito pós-hipnótico, na hora aprazada o paciente vai executá-la, ainda que absurda, só porque sente uma impulsão irresistível que o obriga a querer aquilo que lhe foi imposto. Perguntado por que vai fazer aquilo, responde que é porque o quer, de sua livre e espontânea vontade. Desafiado a que o não faça, responde que vai fazer porque o deseja ardentemente; e como é “*livre*”, vai usar a sua “*liberdade*”, o seu “*livre-arbítrio*”, para fazer o que quer. E no entanto, diz Medeiros e Albuquerque, “toda a sua liberdade não é mais do que a passiva obediência a uma ordem do hipnotizador”¹³¹. E acrescenta: “Isso prova admiravelmente como o famoso argumento espiritualista não vale nada”¹³². Ora, a presciência divina funciona como lei, condicionando-nos os atos; de maneira que somos tão livres como os hipnotizados. Ainda continua crendo serem livres as criaturas humanas, Hierão ?

– Diante dessas evidências, e para não tirar a Deus a onisciência, experimento negar o livre-arbítrio. Digo que não somos livres, então, para ver no que dá.

– Pois dá nisto, meu nego: se a criatura não é livre, como é culpada ? Já se vê que tudo o que quisermos livremente, não o estamos querendo livremente, e sim, estamos sendo compelidos a o querer, e a o executar, por força estranha à nossa, e maior, que nos traçou, de antemão, o caminho inexorável a seguir. Essa força é o todo-poder de Deus que se confunde com sua sabedoria infinita ou onisciência, porque, como já o vimos, *poder é saber*, e quando o poder se torna infinito (todo-poder), segue-se que ele decorre da suprema sabedoria ou onisciência. Pois essa força é a onisciência de Deus que, como disse aí o Licas, absolutamente não pode falhar. Logo, meus caros, porque Deus é onisciente, não há livre-arbítrio, e sem este, não somos culpados. No entanto o Espiritismo aí, de Hierão, afirma que a dor nos aflige para nos corrigir os erros e punir as culpas que não são nossas, mas, de Deus, uma vez que estão previstos pela onisciência que não pode falhar, sendo esta previsão a lei, a trajetória dos acontecimentos, os férreos trilhos do fatalismo indesejável. Este foi o raciocínio de João Calvino para concluir que os homens se classificam em

¹³¹ Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 6

¹³² Medeiros e Albuquerque, Hipnotismo, 6

salvos e *perdidos*, não valendo de nada ter boa vida, nem boas obras que não salvariam os perdidos, assim como nem a má vida nem as más obras poderiam pôr a perder os salvos. E como Deus nutre simpatia, afeição, amor para com os seus eleitos, já nesta vida os abençoa e lhes confere um sinal de salvação que são as riquezas ou o renome. Amontoar riquezas é do agrado de Deus, e ser rico é a prova certa de ter alcançado a salvação, donde vem a conclusão anti-evangélica de que é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um *pobre* entrar nos céus. Portanto, dizimar os índios peles-vermelhas, essa gente do diabo, às duas margens do Mississipi, como fizeram os norte-americanos, não tinha importância nenhuma, nem devia causar preocupação manter os negros no cativeiro, pois antes de esta gente do demônio ir para os infernos, cumpria-lhes servir neste mundo os salvos de Deus. Acorrentar crianças indefesas às máquinas de produção industrial dezesseis horas por dia, como se fez na Inglaterra, não tinha importância alguma, visto como toda essa gente era pobre, o que equivale dizer de Satanás. Da premissa da onisciência de Deus saiu o capitalismo danoso da época da Revolução Industrial, e, como réplica a este capitalismo, nasceu o comunismo. Logo, capitalismo (tese) e comunismo (antítese) surgiram da premissa que define a onisciência como sendo a inteira e completa sabedoria do que ainda vai acontecer no futuro.

Vendo-se apertado por todos os lados, enfureceu-se Hierão, vociferando contra o pensador:

– Em que crê o senhor, então ? Acaso a dialética e a lógica são o aríete com que o senhor demole tudo ?

– Que quer você, Hierão ? Eu sou filósofo, e por isso não me conduzo pela fé. Mas você me pede crença, quando me deveria pedir ciência e razão.

– E será que o senhor pode, com a razão, salvar o *livre-arbítrio*, sem atentar contra a onisciência de Deus ?

– A mim, meu nego, não me interessa salvar isto ou aquilo, mas pensar corretamente. E o rigor do raciocínio me manda declarar que, onde Deus concede o *livre-arbítrio*, aí cessa a onisciência. Porque onisciência é toda a ciência, e ciência só existe onde há leis. Ora bem. Conferindo Deus *livre-arbítrio* à criatura, esta se torna autônoma que significa *auto* (próprio) e *nomos* (lei). Se, pois, a criatura se faz a si mesma lei, seus atos se tornam imprevisíveis até mesmo para Deus. Ninguém, nem mesmo Deus, será capaz de predizer a trajetória duma partícula em movimento Browniano; neste nível, tem-se de fazer a estatística de todos os movimentos e choques, para encontrar a resultante, a somatória, a lei geral. A pressão dos gases é perfeitamente demonstrável pela experiência e redutível às leis da pneumática; contudo, a causa da pressão está no choque das moléculas do gás em movimento Browniano. No caos particular das moléculas e dos átomos que se entrecrocavam desordenadamente, nada se pode prever; a resultante desse movimento caótico já se prevê. Num nível mais alto acontece o mesmo. Onde há vida, há arbítrio livre, e onde há autonomia da parte, não há previsão. A economia, a política, a história e a sociologia, são disciplinas da vida, e, por isso, *ciências sui generis*. São ciências, porque têm objeto próprio; e não são ciências, porque não têm leis. As leis, aqui, são substituídas pelos antecedentes e conseqüentes, por causas e efeitos, que se encadeiam dentro duma *conjuntura*, cessando de ter validade fora destas. Assim, só podemos falar de um arremedo de lei, dentro duma certa *conjuntura política, conjuntura econômica, conjuntura histórica, conjuntura social*. Não se pode prever nada fora duma certa conjuntura em que os antecedentes causais determinam os

conseqüentes que são causas de outros conseqüentes, até que se tenha esgotado o impulso inicial do fenômeno vital, seja ele econômico, seja político, seja histórico, seja social. Por isso, nessas ciências, não há leis rígidas como na física, na química, na matemática. Uma das leis de história serve para demonstrar que na história não há leis, e é a descoberta por Hegel. A história, segundo observou este pensador, desenvolve-se pelo princípio dialético da *tese*, *antítese* e *síntese*. Quer isto dizer que primeiro se faz um coisa; é a tese. Depois, como se constatou não ter dado certo, vai-se fazer exatamente o oposto, a antítese, que também falha. Então é que, num terceiro momento, se resolve juntar o certo da tese, como o certo da antítese, para, com estas duas meias verdades, construir a síntese que, por sua vez, funciona como a tese da trilogia seguinte. Isto é nada mais nada menos do que apresentar o método dos ensaios-e-erros de forma eufemizada. Em verdade, a história se desenvolve pelo método do puro ensaio-e-erros-e-seleção. Isto é ciência ?

E vendo o pensador que ninguém se animava a contraditá-lo, prosseguiu:

– Três astronautas americanos saíram da Terra e pousaram na Lua, e de lá retornaram à Terra, são e salvos. Todo o previsto e planejado sucedeu sem falhas, e pela primeira vez. Acontece isto na história ? acontece na economia ? na política ? na sociologia ? E por que não ? Pois porque onde há vida, há autonomia; e onde há arbítrio, não há o determinismo das leis, pelo que estas ciências são só meias ciências... pelo menos para o nosso mundo em que a vida faz ensaios. As partículas que se agitam em movimento Browniano não têm trajetórias definidas; no entanto sejam quais forem os entrecosques das partículas, das moléculas, tudo resulta na pressão que o gás exerce sobre as paredes do recipiente, e esta pressão, agora sim, pode ser determinada por lei da pneumática. Assim com as leis econômicas que podem não funcionar em relação numas poucas células econômicas isoladas, funcionam em relação ao todo, dentro duma conjuntura. Mas, às vezes não funcionam, e basta uma previsão dos economistas para que o todo reaja de modo a confirmá-la ou a negá-la. Os previsionistas econômicos, às vezes, fazem previsões na esperança de que elas se malogrem. As autoridades governamentais costumam declarar que certos setores vão indo muito bem, precisamente porque eles vão mal. Ninguém se lembra de um membro ou órgão quando ele não dói. Assim, dos setores que vão realmente bem, deles não se fala. É necessário alimentar a crença das massas em determinado sentido, e por isto é preciso falsear a verdade. Deste modo a gente vai adquirindo certa técnica de ler nos jornais precisamente o contrário do que eles afirmam. É possível que se chame ciência isto que ora é, e ora não é ?

– Esta mesma verdade, como venho expondo, se demonstra, também, na microfísica onde reina “a lei da estatística, da probabilidade. Cessa ali o determinismo. Alguns cientistas já definiram esse resultado como uma “porta para a liberdade” ” ¹³³ . Que ? ! Alguns cientistas acham que a balbúrdia reinante na microfísica é “porta para a liberdade” ? Vejam, vocês, que conceito fazem esses cientistas da liberdade ? Para eles, liberdade é a anarquia que permite a cada um fazer o que quiser. É sempre esse o resultado, quando cientistas se põem a tirar conclusões filosóficas. Por isso, em lugar de “porta para a liberdade” , ponha-se, que é exato: porta para a anarquia, ou porta para o caos, porque, de fato, a microfísica é o limiar do caos, visto como dela para baixo, cada vez mais o caos se acentua, indo no rumo do não-ser. E falando de cientistas transvestidos em filósofos, repiso os rastros de Manuel Garcia Morente que se expressa assim: “Não existe nada mais desanimador que o espetáculo oferecido pelos cientistas mais ilustres na disputas positivas, sobretudo no transcurso destes últimos trinta ou quarenta anos, quando se puseram a filosofar sem saber filosofia. O fato de ter descoberto uma nova estrela no firmamento

¹³³ H. Fausto, De Onde Viemos, Para Onde Vamos, 29

ou ter exposta uma nova lei da gravitação universal, não autoriza e muito menos justifica, ou legítima, que um físico de toda a vida, um matemático de sempre, ponha-se, sem exercitação prévia, a fazer filosofia. Lamentavelmente, costuma acontecer que grandes figuras da ciência, merecedoras de toda nossa veneração, toda nossa admiração, expõe-se às vezes ao ridículo, porque se meteram a filosofar de maneira absolutamente pueril e quase selvagem”¹³⁴. Ainda é preciso fazer lembrar a esses cientistas a já surrada frase do pintor grego Apeles que mandou o sapateiro não subir acima das sandálias.

Parando, para meditar um pouco, concluiu o pensador:

– Liberdade não é livre-arbítrio, e tanto que este não existe no *topos uranos*, e aquela, sim existe. Com o conhecimento aparece um determinismo superior, que dá a liberdade, mas tira o arbítrio. Um aprendiz de qualquer coisa é livre de errar até aprender; ele possui o livre-arbítrio e é autônomo. Mas quando se torna mestre, não lhe é dado mais seguir por qualquer caminho, senão que se acha rigidamente condicionado pelo certo que há de executar. O mestre *é livre de criar o que quiser*, como Deus, em escala infinita, também o é; mas escolhida a obra que vai executar, a execução mesma não é livre, e tem de seguir pelo caminho do certo. O aprendiz pode errar na execução, pois tem o tal livre-arbítrio que lhe dá autonomia, pelo que ele se faz a si lei; já o mestre, conquanto seja livre no criar o novo, está sujeito a um determinismo superior, e, como Deus, pode ser libérrimo no criar, não porém na parte executiva. Ser mestre é isto: é saber o certo; e quem sabe o certo, não vai fazer o errado, ainda que o possa, como pode o aprendiz. Consequentemente, se onde há sabedoria não há livre-arbítrio, coexistindo este com a ignorância, no lugar onde o arbítrio substitui a liberdade, a ordem cai no caos. E quando a ordem cai no caos, a Lei se fragmenta cessando a onisciência. Se no caos imperasse a onisciência, seguir-se-ia que, aí, há trajetórias predeterminadas; e onde há trajetórias pretraçadas, há lei; e onde há lei, não há caos. Logo, o caos com lei é cosmo, e, pela recíproca, o cosmo sem lei é caos. Portanto, se admitirmos a existência do caos, ipso facto, temos de admitir a ausência da lei no particularíssimo, onde o transformismo pode seguir, *por acaso*, qualquer caminho. Deste modo, nem mesmo Deus pode saber como agiria uma partícula, seja um átomo, seja um querubim, à qual ele deu pleno e livre uso do arbítrio.

E prosseguiu, o mestre, após breve descanso:

– A onisciência não é uma exaustiva multiplicação da ciência, uma cansativa visão do particular; ela não é racional, mas supra-racional, isto é, intuitiva, espontânea, sem cansaço, instantânea, axiomática, exata. Não é discursiva; é nôminal. Assim como Deus, quando encurvado, limitado, manifestado no espaço, não é infinito, nem quando limitado pela duração, não é eterno, também, quando se dá a si mesmo na criatura, cessa, aí, de ser absoluto para ser relativo, contingente. Sua onisciência, quando se limita no criado, se constringe na ciência que é tanto mais relativa, contingente e insipiente, quanto mais for curva, ou seja, pertencente a sistema de seres ínfimos. Que ciência pode ter um átomo? que ciência, um elétron? um verme-da-terra? um molusco? Aqui a ordem soberana da Lei se há fracionado, pulverizado nos pormenores de *resultados imprevisíveis*. Por conseguinte, o livre-arbítrio coexiste com a ignorância, e não, com a onisciência; e onde há ignorância não há previsão, nem ciência, quanto mais onisciência. Onde há sabedoria, que é a ciência volumétrica, o arbítrio está cerceado pelo conhecimento da Lei. O ser é

¹³⁴ M. Garcia Morente, Fundamentos de Filosofia, 36

livre no sentido da Lei, para segui-la, e não, para contrariá-la. Se a liberdade pudesse fazer violência à Lei, seria suicida, acabando no caos. A liberdade que faz isto é arbítrio, e não liberdade, e com negar a Lei, nega-se a si mesma, praticando sua autodestruição, e tal autonomia e arbítrio só pode existir no particular, e jamais, nunca, no geral. Por conseguinte, o arbítrio coexiste com a ignorância ativa geradora do caos, e não, com a ordem e harmonia reinantes no *topos uranos*.

Hierão seguia, atento, a dissertação do mestre; e tanto que este fez uma pausa, aquele falou:

– A evolução começa no caos, sendo tão maior a ignorância, quanto mais baixos forem os planos da vida, onde, o que chamo “*centelha divina*” tateia, por ensaios-e-erros, às tontas, às loucas, e acha, deste modo, “por acaso”, o fio da lei (ciência), e o segue, já não sendo, daí em diante, muito livre o arbítrio, pois quem sabe o certo não faz escolhas: segue-o, logo. Portanto, o que sabe, fica condicionado pelo saber; mas quem não sabe, é livre para quebrar a cabeça até aprender, e, aprendendo, cessa a liberdade de errar, isto é, cessa o livre-arbítrio, não por imposição exterior, extrínseca. O mestre pode errar, se o desejar; mas, por que o há de querer? Sua liberdade, logo, se cifra ao que deseja criar; porém, escolhido o que vai fazer, estará executivamente cerceado pelo certo. A liberdade existe para a criação do novo, mas não existe para a executividade. Penso que me senhoreei da sua doutrina.

– Está certo Hierão. No caos o arbítrio seria totalmente livre, conquanto não se possa, com propriedade, dizer que o ser aí escolhe. Quando se escolhe, ou se decide por um caminho, é que já se tem um plano em mente, e quem já pode pretraçar planos, usa conhecimentos anteriormente adquiridos. Todavia, num problema inteiramente novo, o ser usa o método do ensaio-e-erro, que é o das tentativas loucas, desassisadas, caóticas. O instinto do animal é um determinismo, uma como lei, uma sabedoria de fins que von Hartmann definiu como “a ação oportuna, sem consciência da finalidade”¹³⁵. Mas a gênese dos instintos esteve nos ensaios-e-erros, pelos quais o animal selecionou, por tentativas, o caminho a seguir, e de o seguir, repetidamente, o ato se tornou hábito, e o hábito, instinto. O instinto não se transmite hereditariamente, porque, como a inteligência do homem, é uma conquista individual. O instinto nada mais é do que hábito inato.

E depois de breve pausa, prosseguiu:

– É bizantinismo, meus caros, gastar-se tempo e esforço para escrever um tratado que discute sobre se a onisciência divina sabe, ou predeterminou a trajetória que um moscardo percorrerá numa sala, usando a sua pequenina liberdade espacial. E se a gente chegasse à demonstração de que a onisciência conhece, de antemão, quais os vôos, direções, velocidades, tempo de repouso, alterações do meio ambiente, tropismos, etc. etc., então negar-se-ia ao moscardo o uso da sua liberdade espacial. Dentro mesmo do espaço aberto, ele estaria condicionado às linhas de vôo. Ora bem, Se Deus quiser prever isto, certamente não usaria sua onisciência, mas, sua vontade, não só predeterminando todas as condições, senão também agindo no moscardo, por vias interiores, fazendo que ele “quisesse” executar sua vontade. E onde Deus estiver presente com sua onipotente vontade, aí haveria lei e ordem, e não, arbítrio livre, isto é, louco caos. Eis que onde a liberdade se tornou no arbítrio, aí cessa a onisciência. Deus, como transcendência e onisciência, olvida tais insignificâncias, deixando-as entregues à sua sabedoria mesma, porém, a que se acha imanente na criatura, e que, por isso mesmo, é limitada, e não infinita. Por esta razão, o caráter distintivo das profecias é a sua nebulosidade, ou simbolismo; sua linguagem é figurada ou

¹³⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 275

apocalíptica, e por que ? Pois porque só pode tocar no geral, e se entra em pormenores, erra. Posso até estabelecer um enunciado: quanto maior for a extensão do futuro vaticinado pela profecia, tanto mais figurativa, enigmática e escura ela será. A clareza duma profecia é inversamente proporcional ao tempo futuro, donde vem que, como ocorre com a luz, os objetos próximos dela são claros, e os distantes, escuros. Quanto mais circunstanciada, clara, particular for uma profecia, tanto menos será verdadeira, porque, existindo o livre-arbítrio, não existe predestinação na zona a ele afeta, e não havendo predeterminação (lei – trajetória) não pode haver previsão ou vaticínio. Por isto, para mim, a profissão de profeta, se não for charlatanismo, é um equívoco. Em que deu a profecia daquela famosa mulher americana que declarou, enfaticamente, que “a Lua é dos russos” ? , sendo estes os primeiros a porem os pés nela ? Os Evangelhos, na parte referente ao sacrifício de Jesus, estão cheios de pequenas notas que dizem: “isto foi para que se cumprissem as Escrituras” ; por que estes pequenos comentários elucidativos ? Relatem-se os fatos, e que se deixassem aos pósteros o encargo de conferi-los com os profetas ! Isto me faz farejar que os Evangelistas fizeram o relato por ouvir dizer, pois que nenhum, exceto João, esteve ao pé da Cruz, e foram contando as coisas de modo a concordar com os autorizados e famosos profetas do passado. Estaria Cristo também preocupado em dar cumprimento às profecias, ponto por ponto, para, com isto, deixar claro quem era ? Então as coisas não aconteceram, espontaneamente, senão que os profetas estabeleceram um programa a ser cumprido ? É assim que os vaticínios a respeito do homem se transformam em programas a serem cumpridos por aquele que se cuida ser de quem os profetas falam..., e as profecias de acontecimentos fora da esfera humana, cumprem-se, depois, pelos bicos das penas dos escribas. Porque se as profecias disseram que Cristo ficaria mudo que nem um cordeiro, na hora da condenação, então, vai Cristo e fica mudo; se disseram os profetas que, na hora da morte daquele que há de vir, o céu se escurecerá tempestuoso, havendo raios e trovões, ainda que o céu, nessa hora, estivesse muito calmo, muito limpo, vai a pena do escriba e copia o que disseram os profetas. E com isto, passamos a acreditar que as profecias são possíveis, e tocamos a consultar os oráculos da ignorância com seus pitões e pitonizas, os horóscopos, as Kabalas, os astrólogos e outras mais tolices, em vez de nos guiar pelas luzes da ciência e da razão.

E após tomar um fôlego, continuou o filósofo:

– Sabemos o futuro pelo passado, e, por este, se prevê aquele. A previsão exata de quando se vai dar um eclipse, é ciência. Após qualquer guerra, ocorre uma grande crise: a causa está em que a guerra obriga as células econômicas a produzirem mais. Depois da guerra, o ritmo da produção continua acelerado, por causa da restauração e ressarcimento dos prejuízos. Mas a ganância dos donos das fontes de produção, e o hábito do trabalho acelerado por parte dos operários, mantém o esforço de guerra, gerando a superprodução, e, conseqüentemente, a crise; porque sendo a produção maior que o consumo, satura-se o mercado, forçando as fontes produtoras a parar, ocasionando o colapso industrial primeiro, e o comercial depois, com as conseqüentes falências, desempregos em massa, etc. Logo, após a guerra vem uma euforia econômica, e, depois, a crise. Isto ainda é ciência, se bem que já não muito exata, pois conhecendo-se esta previsão dos economistas, todos tocam a tomar medidas corretivas, e o esperado não vem, e se vem, não causa danos vultosos. E há mais isto: nenhum economista poderá precisar datas, como ocorre com os eclipses. Já as profecias só falam de acontecimentos distantes, numa linguagem nebulosa que não refere o tempo, expressando-se por símbolos ininteligíveis. Falam de uma renovação planetária, de um julgamento coletivo ou juízo final, e quando se pergunta: mas quando será isso ? vem a resposta: “daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos do céu, nem o Filho, mas unicamente meu Pai” (Mateus 24, 36). Pois Cristo diria melhor se afirmasse que isso nem o Pai sabe, visto

como a história segue seu caminho por ensaios-e-erros, ou, se quiserem, por tese, antítese e síntese, em razão do que o tempo do amadurecimento das massas humanas é mais imprevisível ainda do que o gasto por dois campeões numa partida de xadrez. A menos que Deus aja arbitrariamente, como faz o homem, e aí, de fato, só ele sabe o que lhe vai na cabeça. Se Deus povoar a Terra de sábios, de gênios, de artistas e de santos, a renovação será imediata; se povoá-la de espíritos primários em evolução, o tempo será enorme; se povoá-la, como ocorre, de espíritos medianos aos quais confere a autonomia do *livre-arbítrio*, o tempo gasto será imprevisível, mesmo para o Pai.

A estas palavras de Árago, Hierão Orsoni gritou furibundo:

– Protesto !... Querer saber mais do que Cristo é petulância asnática, própria de um louco ou dum idiota ! Se não fosse ao Pai possível saber quando será esse dia e hora, Cristo, em grau menor, não teria dado os sinais que antecederão o juízo final. Todavia, dá Cristo os sinais que ele chama de “o princípio das dores” : quando ouvir falar de guerras, de rumores de guerras, de fomes, pestes, terremotos, inundações em vários lugares; quando surgirem falsos profetas e se multiplicarem as iniquidades fazendo se esfrie a fé de muitos; quando a abominação atingir o lugar santo; então é o fim.

Árago, calmo, sereno, altivo, indiferente às injúrias de Hierão, presto, retorqui:

– Não sou eu quem disse saber mais do que Cristo, meu transtornado e fanático Hierão, mas, a cadeia de argumentos apertados, peremptórios, lógicos, desenvolvido há pouco. Seu desabafo agressivo, seu inflamado desacato pessoal não disse nada que interessasse aos nossos estudos. E tudo o quanto referiu você como sendo o “princípio das dores”, é o que nunca faltou no mundo, e por este motivo todos os beatos sempre pensaram que o mundo estava prestes a acabar-se. Houve até delírios coletivos, doações de bens à Igreja, e o mundo ficou como dantes. Vieira sofreu também esta ilusão, ao interpretar as trovas do Bandarra. E quando, recluso numa das prisões do Santo Ofício, respondia a inquérito canônico pelo que dissera nos “Sermões”, esperava, ansioso, pela vinda de certo dia em que havia de ser o fim de tudo; eis, por fim, chegou tal e tão esperado dia..., e passou como os demais, sem dar trela à trovas do poeta remendão. Por que assim? Pois porque, havendo o *livre-arbítrio*, as profecias são equívocos, só podendo mostrar rumos, não podendo entrar em pormenores, e se entram, falham. No particularíssimo, até *o acaso existe*, em razão do que, como hei demonstrado, não pode ser prevista a trajetória duma partícula em movimento Brawniano. A pressão dos gases é a integral dos choques das partículas que se movem, desse modo tão sem ordem, como seriam os movimentos dumas bolas de bilhar, jogadas numa partida em que os figurantes humanos fossem arrematados loucos. É erro, pois, supor que os atributos infinitos da divindade, no absoluto, valham também no relativo. Deus é infinito; mas no relativo é finito, porque aí se limitou no espaço. Deus é eterno, estando fora do tempo que se mede pela duração dos acontecimentos. Ele é imutável; todavia, no relativo, limitou-se na duração, nos fenômenos, nas criaturas, no devir, no tempo. Deus é absoluto; porém, no relativo é contingente, sendo essa contingência ou relatividade tanto maior, quanto mais for restrita, fragmentária, caótica a parte a que se refere. Deus é todo-poderoso; no entanto, no relativo, seu todo-poder se acha fracionado em poderes menores, onde se vêem criaturas até inverterem esse poder em fraqueza, pelo que se anulam no caos. Assim também é com a onisciência que não pode ser onisciência no relativo, onde a sabedoria só é proporcionada na medida em que o ser a necessita para executar sua função no concerto das coisas. Aí a sabedoria se fracionou na ciência do pormenor cada vez mais

particular, chegando até a ausentar-se na criatura involuída que se inverte e se torna ignorante, motivando a que a liberdade se torne arbítrio absurdo.

Fez uma pausa o mestre, mas dava visos de ir continuar, como, efetivamente o fez:

– O livre-arbítrio, repiso, só existe no contingente, e se opõe à liberdade que existe no absoluto, por isso que Deus é infinitamente libérrimo no criar o uno, o individual, o diferente, muito distante da concepção de Aristóteles para quem Deus possuía uma coleção de prensas pelas quais plasmava suas criaturas em série, de modo que estas eram maravilhosamente classificáveis em classes, ordens, gêneros e espécies. Enganaram-se Aristóteles, Lineu e Cuvier ao considerar Deus como um Técnico que fabrica suas criaturas em série, em vez de intuírem-no um Artista que cria sempre o inédito, o desigual, o **uno**, consoante com o que é. Deste modo, a liberdade que coexiste com Deus no absoluto, encontra sua réplica no relativo em que aquela se inverte no louco **livre-arbítrio**, na **autonomia** da parte que se faz a si mesma lei ! Contudo, aqui, estamos a falar de extremos, quando, na verdade, só temos gradações. Deste modo, o **livre-arbítrio**, ou se fecha no determinismo inferior dos instintos, ou se abre num outro determinismo superior, que é a liberdade reinante no **topos-uranos**. Se o homem quer avançar para Deus, então se soltam pouca a pouco as amarras, e é livre; se quer desandar para o diabo, fecham-se as curvas, arrocham-se as laçadas, cerram-se os nós, tolda-se a consciência, agrilhoa a dor, que tudo isto é limitar a liberdade, para que ele, usando o seu **livre-arbítrio**, só possa pernear e escabujar que nem um bicho. Assim, o evoluído é livre, porque nenhuma força extrínseca o constringe; mas dentro em si, está cerceado pelo conhecimento e pelo sentimento da Lei, de Eros ou princípio de integração que o faz ter horror à desarmonia, à desordem, à fealdade, ao caos. Há liberdade, porém, não há arbítrio aqui, com que um anjo no **topos uranos** está sempre condicionado, intrinsecamente, sendo isto um determinismo superior. **Arbítrio quer dizer resolução dependente só da vontade individual**; ora, num organismo coletivo, qualquer que ele seja, **as resoluções não podem depender das vontades individuais isoladas**. E isto é pacífico, meus caros ! Os presídios estão cheios dos ignorantes que cuidaram que liberdade é arbítrio. Nenhum organismo, sem nenhuma exceção, tolera esta autonomia das partes, discordantes da direção impressa ao todo. Certo ou errado, o todo é o que manda. Por isso, seja porque o sujeito está muito adiante, seja porque está muito atrás, num e noutra caso, o todo se levanta contra ele e o esmaga, conforme no-lo mostra a História, com os exemplos de Cristo, de Sócrates e Galileu, respectivamente, na esfera da religião, da filosofia e da ciência. Galileu pôde sobreviver, porém ao preço da desonrosa negação do que tinha por evidência irrecusável. “Conta-se que, logo depois, ele se levantou, açodado, e exclamou, batendo o pé: “Eppur si Muove !” “Entretanto ela se move !” É pura lenda. Mas era essa, sem dúvida, a convicção íntima de Galileu”¹³⁶. É que “contra as verdades fundamentais não valem as resistências mais obstinadas – “Eppur si Muove !” E movia-se de fato; não era o centro do universo”¹³⁷.

E pondo-se o mestre a meditar, por algum tempo, prosseguiu:

– Em 21 de julho de 1925, em Dayton localidade de Tennessee, um mestre escola, de nome John Scopes, foi acusado pelo inspetor de ensino, de estar dando informações às crianças, sobre a teoria evolucionista e paleontologia. O inspetor escolar, para a denúncia, baseou-se numa lei que proibía qualquer menção à teoria de Darwin. O processo durou doze dias, e foi um dos mais

¹³⁶ F. L. Boschke, A Criação Ainda Não Terminou, 58

¹³⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 446

ruidosos da história, tendo em vista que a doutrina da evolução estava no ar, e em todos os lugares, Ásia e África, se procurava, com afã, o “elo que faltava” . Por causa disto, a pequena cidade, da noite para o dia, apareceu nas manchetes de todos os jornais do mundo. Todos queriam assistir ao processo, e juntamente com os interessados nisto, vieram os oportunistas, os aventureiros e toda sorte de gentinha. Mas cientistas famosos afluíram também, exigindo, em nome da ciência, deixassem em paz, John Scopes. Contra este absurdo e reacionário processo, levantou-se até o governador de Tennessee, “declarando aos cidadãos de Dayton que a teoria evolucionista era inofensiva” ¹³⁸ . O promotor público fez carga, e o povoleu delirou de entusiasmo, dançando em praça pública, depredando tudo, quebrando até as cadeiras e mesas do tribunal que precisou prosseguir com os trabalhos ao relento. Contra a pessoa de Mr. Scopes atiravam-se garrafas, ovos, barro e até excremento seco. De nada valeram todos os esforços: Mr. John Scopes foi condenado “ A ciência perdeu a causa...” ¹³⁹ . Triunfou a canalha que não permitira aos sábios exporem a doutrina da evolução. Ninguém queria saber nada de ciência; contra esta foi imposta a estulta vontade de lavradores, de comerciantes, de operários, do promotor, do juiz, todos, sem exceção, broncos.

– A liberdade, como o venho demonstrando com fatos é o arbítrio do coletivo, e o arbítrio é a liberdade que o indivíduo a si se arroga, julgando-se, por isto, no direito de contrariar a vontade do conjunto a que pertence, feito o que, o todo se levanta contra o indivíduo, não só anulando-lhe a liberdade, como ainda o arbítrio. Liberdade é agir de acordo com a lei do coletivo; e arbítrio é substituir essa lei pela autodeterminação individual, o que vale a dizer, ir loucamente contra a lei, como inadvertidamente o fez John Scopes e Galileu, e advertidamente, Cristo e Sócrates, em tempos e lugares diferentes.

Benedito Bruco, a estas palavras do mestre, principiou por interrogar-lhe:

– O senhor acha que Cristo, usando seu livre-arbítrio, violou as leis, usos e costumes judeus ?

– Violou.

– E com esta violação não trouxe um bem maior para o mundo ?

– Trouxe.

– Logo, vale a pena ser violador da lei, se isto implica em bem maior ?

– Perfeitamente. Neste caso, vale a pena violar a lei.

– Como é então isso ? Uma hora o livre-arbítrio é um bem, outra, um mal ?

– Essa relatividade, meu caro Bruco, provém de que todo o indivíduo é um coletivo, e todo coletivo, um indivíduo. Cada um de nós aqui é um indivíduo, e, ao mesmo tempo, formado por uma coletividade de órgãos, de células, de moléculas, etc. Quer dizer que somos indivíduos, e somos coletividades ao mesmo tempo. E todos nos achamos integrados em famílias que são

¹³⁸ H. Wendt, À Procura de Adão, 335

¹³⁹ H. Wendt, À Procura de Adão, 336

indivíduos dum coletivo maior. Ora bem. Cristo veio de um plano celestial para este nosso mundo, trazendo em si a Lei desse Todo mais geral. Como o meio coletivo dos judeus estava em desacordo com a Lei cósmica vigente no Todo, Cristo, que era personificação dessa Lei, usou sua liberdade que esse Todo lhe conferia, para entrar em choque contra o coletivo mais restrito, em cujo meio se reencarnara. Então aconteceu que Cristo permaneceu livre no sentido da Lei cósmica, mas **arbitrário** em relação ao meio social hebreu. O povo de Israel, por sua vez, tomado como um indivíduo coletivo, usou seu **livre-arbítrio** para **linchar** a Cristo contra a Vontade da Lei maior que ele personificava. Vejam, vocês, que uma mesma atitude pode ser considerada arbitrariedade ou legalidade, dependendo do ponto de vista em que se coloca o observador. Cristo, livre no céu, foi arbitrário na Terra, e esta sua arbitrariedade custou-lhe a vida. O povo judeu, livre na Terra para linchar, para assassinar a Cristo, tornou-se arbitrário em relação à Lei maior, face à qual teve suas contas que ajustar. Como livre-arbítrio e liberdade, em nosso mundo, são relativos, podemos defini-los assim: a liberdade consiste em agir no sentido da Lei geral, Lei, com letra maiúscula, que corresponde ao Bem excelso; livre-arbítrio é agir contra essa Lei, ainda que tenha o beneplácito do coletivo ao qual se acha associado. Um bandido que, como Dimas, se propõe a estar contrário à lei do seu bando, age no sentido da liberdade e do bem, e por isto, ainda que morra aí, será livre alhures. Já outro facinora, como Gestas, embora goze de liberdade dentro do seu grupo de criminosos, permanece arbitrário em face da Lei maior, e, por isso, estará infernado com o seu bando nos submundos de ignorância, angústia e dor. Assim há Lei e há lei. Esta é a diferença entre o **livre-arbítrio** de Cristo, e o **livre-arbítrio** de Gestas. O **livre-arbítrio** de Cristo é liberdade, enquanto que, o de Gestas, é **livre-arbítrio** puro e simples mesmo. Sócrates bem entendeu isto ao afirmar que não tinha nada a ver com o Estado, e sim, com a sua consciência. Porque, segundo Antístenes que também escreveu uma “Apologia de Sócrates”, este argumentava assim: a pátria me manda à guerra, para matar àqueles que são contra seus aliados. Depois, os aliados se tornam inimigos, e, os inimigos, aliados. Agora ela me manda matar os amigos de ontem, em favor dos inimigos que se tornaram, hoje, amigos. O jeito é seguir a consciência do bem, mandando a pátria às urtigas !

– Assim, concluiu o mestre, Sócrates usava seu **livre-arbítrio** para estar em conformidade com a Lei Total do bem, impressa em sua consciência, e este **livre-arbítrio** socrático, como o de Cristo, é a **liberdade**. Em contraposição, a pátria, usando sua liberdade que ora manda isto, e ora manda aquilo, é puro arbítrio contrário à consciência do bem. Em que pois ficamos ? Pois se a pátria segue o caminho do bem e da ordem cósmica, sejamos obedientes às suas leis, e, com isto seremos livres como ela o é. Se, todavia, algum tirano ou bandido, como foram Calígula, Stalin, Hitler, ocupar o poder, e ditar leis contrárias à Lei, sejamos contra, ainda que para ser sacrificados, porque, deste modo, seremos livres no Todo que porá em ferros, em cativo, em desolação, a pátria nossa que ousamos contrariar, e que, por isto, nos massacrou. A liberdade de Gestas dentro do seu bando, decorre do arbítrio do bando que será assolado e destruído pela Lei maior. O **livre-arbítrio** de Cristo contra a lei do seu povo, é liberdade em relação à Lei maior que reduziu a pó e nada a pátria israelense, juntamente com sua arbitrária lei anti-cósmica.

E concluiu o mestre:

– Onde, pois, há arbítrio livre, não pode haver presciência, não só porque nesse ponto a onisciência se fracionou na ciência cada vez menor e limitativa, até sua completa inversão na ignorância, nas trevas, no caos, como ainda, porque a presciência implica a existência de trajetórias pretraçada (a Lei) , e onde as trajetórias são prefixadas, pode haver liberdade que é um

determinismo superior, porém, não, arbítrio. Com este, a ordem majestosa da Lei foi substituída pela desordem particular, em que impera uma vontade individual, autônomo, de indivíduo ou de grupo que se põe no lugar do Absoluto, por orgulho ou por egoísmo, ambos nascidos da ignorância. Nos níveis inferiores, onde o arbítrio individual impera, em vez da ordem geral, em vez da sabedoria dos planos altos, o que vemos é a sabedoria fragmentada a debater-se no ensaio-e-erro que é o método “sem método” de descobrir a solução de um problema inteiramente novo. O ensaio-e-erro é o método da *ação direta*, da *ação sem pensamento*, para encontrar o caminho, *por acaso*, podendo ser isto logo, ou demorar muito. O homem de hoje vive correndo, e quanto mais corre mais clama que não tem tempo; contudo, não sabe por que, nem para que corre. Eis a *ação sem pensamento* ! Todavia, no fundo, o que ele busca, com a ansiedade de um naufrago, é a própria felicidade, e o método que emprega para alcançá-la, é o ensaio-e-erro. De tanto experimentar ao acaso, de se debater, como um bicho, numa jaula cuja saída não encontra, um dia ele dará com a *única porta* que é a da liberdade, dentro da Lei, em vez do *livre-arbítrio* louco nascido da ignorância e do egoísmo, o que vale dizer que essa *porta única* é a da sua desinversão de dragão infernal em alma habitante do *topos-uranos*. Alguém poderá ser mais minudente e explícito que eu ?

– De nenhum modo, tornou Bruco que solicitara toda esta elucidação.

– Então, tornou Árago, encerremos, por hoje, esta parte, que preciso conversar aqui, com Chilon, a respeito duma caçada a que me convidaram.

Capítulo V

A Queda das Alma do Topos Uranos

Três dias passaram os estudiosos sem os serões, porque Árago fôra convidado a uma caçada, lá para os lados da Serra Negra. Chilon foi também, e todos ficaram na mata por quase três dias, dormindo em barracas de lona e camas portáteis. Retornados a Cananéia, reuniram-se, de novo, para o prosseguimento dos serões. Na hora aprazada, todos estavam presentes, e Árago principiou a falar:

– Vimos todos, em noite já passada, que das qualidades do Deus-Pai devem sair os atributos do Universo-filho, e que, por isso, esta primeira criação, necessariamente, terá que ser perfeita ou imutável. De luz havia de ser esse Universo primeiro, e também de amor, de sabedoria, de beleza e de bondade. Os seres todos haviam de estar escalonados de acordo com suas hierárquicas funções; por isso eles não eram entre si iguais, mas diferentes, especializados até o mais apurado grau, para a execução de altíssimas funções. Todavia, como filhos que eram do amor, pelo amor se achavam todos integrados numa fraternidade de luz. É assim, então, que tudo se tornava na unidade, no Universo que no próprio nome leva o que é, como já tenho dito, mais de uma vez. Eros, com ser o princípio de integração, e o amor, com ser a força, a substância desse princípio, ambos fazem que os opostos se congreguem na unidade. Então, os contrários se congregam na unidade, quando o amor existe, quando existe Eros, e quando não existe, brigam entre si as partes constituintes, desentendem-se, e a unidade se desfaz. Toda unidade, que é um congresso de contrários, sem amor, sem Eros como princípio de integração, se desfaz no caos. Aqui está como pluralidade e variedade se associam na unidade, a tese e a antítese, na síntese.

E após meditar um pouco, prosseguiu:

– Vimos também que, neste Universo, a perfeição correspondia à funcionalidade. Perfeito é o funcional, e até para nosso mundo este conceito basilar é válido. Um neurônio não é mais perfeito, conquanto mais complexo e sábio do que uma célula do tecido epitelial. A mão do homem, embora primitiva e indiferenciada, é mais perfeita e plástica que a especializada pata monodátila do cavalo, ou da nadadeira da foca e da baleia, porque emprega o seu primitivismo em adaptações artificiais que deixa longe todos os especialismos dos animais. Esta especialização anatômica que leva os seres inferiores a ter seus instrumentos nascidos no próprio corpo, é um mal, visto como os leva a um beco-sem-saída, uma vez que não pode servir a novas integrações. Tratando-se de seres independentes autônomos, que se têm de bastar a si mesmos, a especialização limita-lhes as possibilidades. Não, assim, quando as diferenciações se acham associadas para a formação dum organismo superior que toma a seu encargo zelar das partes. Tal é o que ocorre em mundos integrados, onde a especialidade de uns supre os outros, exatamente, naquela zona em que se verificam faltas. Em nosso mundo mesmo temos vários exemplos de que a pura e simples diferenciação leva à integração, seja pela simbiose, seja pela exploração do fraco pelo forte, seja pelo parasitismo que, ao contrário, é a exploração do forte pelo fraco. Tudo isto é conhecido pela ciência que esquadrinha nosso mundo. E do mesmo modo como todo ser vivo, em nosso mundo, busca ser feliz, busca o próprio prazer, igualmente os seres criados no *topos uranos*, são iguais quanto à plenitude de gozo e de alegria que, imediatamente, decorre do amor. Cada ser, pois, nesse plano de vida, sente-se pleno, saciado, dentro do seu grau de consciência, tal e qual como uma gota d'água prestes a cair da ponta duma folha, que é tão plena em si mesma, quanto um oceano.

– Cada reunião de seres diferenciados, continuou o mestre, forma uma sociedade orgânica *que é um ser de nova espécie*. Por isto, as associações de médicos, de engenheiros de escritores de economistas, não são, a bem dizer, sociedades, mas órgãos sociais. Já quando os órgãos se integram em organismo, então, sim, esse é sociedade, ou seja: *um ser de nova espécie*. Os seres coloniais inferiores estão para os órgãos sociais, assim como qualquer vertebrado está para a sociedade. Por isso é que nenhum homem, sozinho, poderá ser o Estado que o envolve, que o integra, que o supera, que o domina. De igual modo, uma célula do nosso corpo não poderá pretender arvorar-se no eu coletivo que somos, neste formidável e ainda desconhecido microcosmo, a que nomeamos *eu individual*. O eu humano é um ser coletivo de espécie mais alta (altura é

complexidade) do que seus eus celulares. Uma célula não será, nunca, um homem, como este não poderá vir a ser um Estado, ainda que seja o grandíssimo tolo Luiz XIV, que dizia ufano, e ainda o demonstrou por sua vida de despotismos. “*L’État c’est moi*”. Este mesmo absurdo cometeu Lúcifer, no pináculo da luz, quando dizia inchado: “o deus sou eu”. Igualmente há muito papagaio (Schopenhauer – afirmava que este mundo é uma ilha habitada por macacos e papagaios, fazendo o homem de gênio iludir-se quando toma, de longe, um macaca por um homem – *Dores do Mundo*, 169); pois há muitos papagaios que andam por aí a repetir, sem saber o que dizem, que um simples elétron se há de tornar num universo, visto como, para tanto, dispõe da evolução e mais da eternidade.

– De maneira, meus caros, prosseguiu o filósofo, se partirmos dos atributos da divindade, aceitos como intuições ou puras ou a posteriores, o quadro do mundo que se nos antolha, é o *topos uranos* descrito por Platão. Este é “o mundo dos Espíritos, ou das inteligências incorpóreas” (Livro dos Espíritos R. 84). E perguntando Kardec “qual dos dois, o mundo espírita ou o mundo corpóreo, é o principal, na ordem das coisas”, teve a resposta que vocês já conhecem: “O mundo espírita, que preexiste e sobrevive a tudo” (R. 85). Então repergunta Kardec: “O mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita?” “De certo. Eles são independentes; contudo, é incessante a correlação entre ambos, por quanto um sobre o outro incessantemente reagem” (P. e R. 86). Ora, isto vem de Platão Espírito. Todavia, antes, tinha Santo Agostinho Espírito dado a sua doutrina em oposição a esta, tornando “O Livro dos Espíritos” incoerente. Pois claro: se o mundo espírita *preexiste* e *sobrevive* a tudo, segue-se que é ele o que existiu no começo, e sobreviverá no fim. Se o mundo corporal poderia deixar de existir, ou nunca ter existido, sem que isso alterasse a essência do mundo espírita, segue-se, necessariamente, que o mundo espírita é o que existiu, existe e existirá sempre. Está certo isto, Hierão ?

– Claro que está !

– Então, como se explica o dito por Santo Agostinho Espírito de que “no começo tudo era caos” ? de que “os elementos estavam em confusão” ? de que “pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar” ? de que “apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo” ? (R. 43) de que “a espécie humana se encontrava entre os elementos orgânicos contidos no globo terrestre” ? (P. 47) que a criação destes espíritos é permanente, e tanto que “Deus há de ter sempre criado ininterruptamente” ? (R. 78 e 80) de que “Deus criou todos os Espíritos simples e ignorantes, isto é, sem saber” ? (R. 115 e 121) de que “se Deus houvesse criado os Espíritos perfeitos, nenhum mérito teriam para gozar os benefícios dessa perfeição” ? (R. 119). Afinal de contas, Hierão, que era no começo ? era o mundo espírita, ou era o caos ?

– Era o mundo espírita, pois claro !

– E se o era, que espíritos habitavam esse mundo espírita ?

– Pois se Deus, segundo minha doutrina Espírita, tornou Hierão, não cria espíritos perfeitos, e sim, todos simples e ignorantes, obrigando-os a fazer a escalada evolutiva, tendo todos, sem exceção, de passar pela fieira da ignorância (R. 120), e do mal, visto que todo o mal procede da ignorância, fica por demais evidente que todos os espíritos do *mundo espírita*, passaram por todo este processo evolutivo.

– Ora, meu Hierão, o mundo espírita depende da existência de espíritos, que sem estes, aquele não existe. Não é isto peremptório ?

– Isso mesmo !

– Logo, meu nego, se os espíritos habitantes do mundo espírita tiveram que fazer a evolução, e só depois de os primeiros se tornarem perfeitos, é que criaram seu ambiente próprio, segue-se que o mundo espírita veio depois, e o mundo corpóreo e o caos, antes. Não está claro ?

– Está.

– Então, o mundo espírita veio depois, e o nosso antes. Por conseguinte, é nosso mundo corporal que preexiste e sobrevive a tudo, visto que, sem ele, os espíritos não teriam oportunidade de ser criados, nem de evoluir. E como Deus há criado ininterruptamente (R. 78 e 80), nosso mundo é eterno, e não, o mundo espírita que só pode ter aparecido quando da perfeição dos primeiros espíritos. Nosso mundo corpóreo, portanto, é o normal e primitivo, visto que o próprio mundo espírita depende dele. A consequência natural desta doutrina agostiniana, é a de que o mundo espírita podia nunca ter existido, ou pode desaparecer, sem que isso altere a essência do mundo corporal. Segundo Santo Agostinho Espírito, o caos e o mundo corporal são necessários; o primeiro para dar oportunidade a Deus de criar sempre, de contínuo, novos espíritos simples e ignorantes; o segundo para permitir a estes espíritos evoluírem e chegarem a perfeição. Uma vez conseguido isto pela primeira leva de espíritos, eles próprios, de imediato, criam seu ambiente próprio, que é o mundo espírita. Deste modo, o caos e o nosso mundo corporal que se lhe segue, são obras diretas e imediatas de Deus, e por isso eternas, e o mundo espírita, obra dos espíritos, e por isso temporal. O que era, então, no começo, Hierão ? era o caos e o mundo corpóreo, ou era o mundo espírita ?

– Agora entendi bem a questão, e já nem sei o que responder, porque qualquer coisa que responda, estarei contra uma das partes contraditórias d “O Livro dos Espíritos” !

– Viram, vocês, no que dá uma obra feita por dois filósofos de escolas diferentes ? Que é da unidade ideológica d “O Livro dos Espíritos” ? Cem anos conta já o Espiritismo, sem que até agora alguém tivesse notado que Santo Agostinho e Platão, ambos Espíritos, brigam no contexto da filosofia Espírita. E uma vez assentado por Santo Agostinho Espírito, primeiro, que o caos é obra direta e imediata de Deus, bem como o nosso mundo corporal; segundo, que o mundo corpóreo e o caos são necessários e eternos; sabem vocês que conclusões morais e teológicas se podem tirar de tais premissas ? Pois nada menos do que aquelas consequências vistas num destes nossos serões, que deixaram todos atordoados, e a Orsoni, até sem poder dormir ! Mas deixemos Santo Agostinho Espírito em paz, por ora, e vamos ver Platão, que este é também um dos que aparecem no “Prolegômenos” d “O Livro dos Espíritos” .

– No começo era o mundo espírita que não só preexiste, senão que também sobrevive a tudo, podendo o mundo corpóreo nunca ter existido, ou desaparecer agora, sem que isto afetasse a essência do mundo espírita. Logo, o mundo espírita é o necessário, e o corporal, acessório, visto que este surgiu daquele por acidente, não sendo obra direta e imediata de Deus. Ou, de outro modo: o mundo espírita preexiste a tudo; ora, não pode haver mundo espírita sem espíritos; logo, esses

espíritos, habitantes do mundo espírita, preexistem a tudo. Se preexistem a tudo, são anteriores ao mundo corpóreo e ao caos, pelo que não procedem destes por evolução. Consequentemente, estes espíritos perfeitos, habitantes do mundo espírita (*topos uranos*), preexistem ao caos que veio depois. Deste modo, Deus, com ser a suma perfeição, cria espíritos perfeitos; e só são submetidos à evolução os espíritos que, posteriormente, depois de caídos e desintegrados no caos, são recriados a partir deste, e agora sim, na qualidade de simples e ignorantes; e foram recriados da substância daqueles que, em caindo, se dissociaram, formando o caos. Se o mundo espírita preexiste a tudo, o caos só pode ter aparecido depois, e por causa de terem caído os espíritos que, antes, habitavam o mundo espírita, ou seja, o *topos uranos*. Por isso é que Platão afirma ser sombra e ilusão a realidade do nosso mundo, se comparado à realidade do *topos uranos*.

E após meditar um pouco, continuou o pensador:

– Deste modo temos, um em cima e outro embaixo, dois universos: um e maior vindo direta e imediatamente de Deus, que é o mundo espírita, o mundo celeste ou *topos uranos*, e por isso positivo, todo luz, todo harmonia, todo beleza, todo sabedoria, todo amor, todo alegria, etc.; e outro vindo do caos, e por isso mesmo em parte negativo, em parte feio, em parte trevas, em parte ignorância, em parte desordem, em parte egoísmo e até ódio, em parte dor. E digo em parte, porque falo do presente, tendo em vista a Terra. Porém, se remonto ao mesmo caos, em lugar de *em parte*, terei de dizer *todo*. Eis dito isto por quem soube fazê-lo lindamente em versos:

– “Ali o Caos, árbitro dos Abismo,
Dita sentado leis, que mais baralham
As desordens que o trono lhe sustentam:
Dêle após, tudo rege o cego Acaso.
Nesta insondável confusão medonha
(Ventre que deu à luz a Natureza,
E que talvez se torne em seu jazigo)
Não há fogo, nem ar, nem mar, nem terras;
Mas os princípios genitais de tudo
Em tumulto e mistão ali existem,
E ficarão destarte em guerra sempre
A não querer o Criador sublime
Desses negros embriões fazer mais mundos.”

Milton, Paraíso Perdido, Canto II

E fechando o mestre o livro, continuou:

– Como o nosso mundo corpóreo veio do caos, e se encaminha para o mundo espírita, possui ele em si o dualismo bem-mal, verdade-erro, realidade-ilusão, espírito-matéria. Aqui está por que Platão declarou que as sombras do nosso mundo “participam” da realidade existente no *topos uranos*. E o único meio de conciliar estes opostos, o único meio de harmonizá-los, é admitir que os espíritos caíram do mundo espírita, e que desta falência resultou o caos. E não há outra possível solução para este magno problema metafísico, a não ser esta. Tentem, e verão, como o que digo é a

verdade. Eis a única saída, meus amigos, a *ÚNICA*, notem bem, que resolve esta questão; por isso a teoria da queda das almas não só se acha em Platão, como em todas as religiões e mitos da Terra. Certamente, esta solução implica na colocação de outro problema: se as alma criadas por Deus eram perfeitas, como caíram? E isto iremos ver a seu tempo.

– Então, prosseguiu o mestre, se nos afigura que houve três universos: um fixo, outro involutivo, e o evolutivo da atualidade. O primeiro universo, ou primeira criação, é fixo, somente em sentido evolutivo, porque não podia evoluir, que isto é ir para Deus, e não se pode ir para onde já se está. Não podia evoluir, porque isto é ir para melhor; e o que admite melhoria, é imperfeito. Se admito que este universo primeiro, obra direta de Deus, é perfeito, ipso facto, tenho de negar-lhe a possibilidade de evoluir; isto é peremptório! É da estrutura dos universos, seja o estático, seja o atual, evolutivo, a *ordem hierárquica*, isto é, a *organicidade*, e não, a homogeneidade que resulta de uma nivelante igualdade de sabedoria e de funções. O especialismo funcional é que faz o organismo, e não, nunca, homogeneidade colonialóide, cinzenta, monomorfa como a duma esponja-do-mar. Por isso o universo das almas, o *topos uranos*, é orgânico, diferenciado nas partes, rico, vários, colorido, e não monomorfo, igual, homogêneo, moluscóide. Portanto é ele hierarquizado, feito de níveis, havendo nele a heterogeneidade dos maiores e dos menores, do complexo e do simples de que aquele se constrói. Por conseguinte, aquele universo total, primigênio, estático, é semelhante ao nosso atual, evolutivo, pois neste há também hierarquia de níveis, ordem, harmonia, já no particular dos átomos e das moléculas, já no geral dos sistemas planetários, galácticos e siderais.

Neste ponto da exposição, interveio Hierão, interrogando:

– Se ambos universos são semelhantes, em que, pois, reside a diferença?

– As diferenças são duas, tornou o mestre, e reside a primeira, em que nosso universo é evolutivo, o que vale dizer, inquinado de caos; e a segunda diferença se acha nas curvaturas dos dois sistemas. O *topos uranos* é de mínima curvatura, no passo que nosso universo, se não é o de máxima, como o de quando se originou no caos, é, contudo, ainda, grandemente curvo. Por isso é que o *topos uranos* envolve o nosso universo por todos os lados; o menos curvo contém, em si, o mais curvo. Todavia, parte daquele universo estático, perfeito porque funcional, emborcou-se no caos, por *deixar de amar*, e, conseqüentemente, de funcionar. Já vimos que o amor é o cimento que une as unidades, para a formação, e para a conservação do edifício social. Então, com se esfriar o amor, ele se inverteu no seu oposto, no egoísmo, e cada unidade começou a procurar o seu exclusivo interesse próprio, particular, em lugar de ocupar-se do bem público, para, através deste, alcançar o seu quinhão de felicidade. E como as unidades não se mantêm coesas sem o amor, principiou a degradingolada, tendo início, deste modo, o universo involutivo, ou desintegrativo, que rumava para o ponto máximo de encurvamento ou desfazimento, que é o não-ser em pleno caos. Esta queda não foi rápida, e sim, dividida, no tempo, por inúmeras quedas menores, como a de alguma coisa que cai por uma escada abaixo, fazendo pequenas paradas nos degraus. Faz quatro ou cinco bilhões de anos que nosso universo principiou a afastar-se de um centro comum; outro tanto levou a formar-se o Colosso Primitivo, na proporção em que se ia dando a desintegração dos espíritos. No entanto, ainda hoje, há, nos centros dos orbes planetários, espíritos em processo de desfazimento por inanição, por esgotamento energético. A lei do egoísmo é a da exploração, e o que se mostrou mais forte, sobreviveu à custa do desfazimento dos demais. Satanás combate a Cristo, porque a vitória social do Evangelho representa seu fim, sua extinção total, por não mais

poder suprir-se de energia dos homens da crosta que, por sua vez, se abastecem da fonte solar. A vitória de Cristo é a morte de Satanás, e por isto, a luta deste é de vida ou morte sem remédio nem tréguas.

E após longa pausa contemplativa, em que o pensador ficou largo tempo absorto, a olhar para o vazio, como que tornando a si, continuou:

– Deste nível em que jaz Satã, no todo ou em parte desfeito, que é o caos mais inteiro, começou a organizar-se este nosso atual universo evolutivo, cuja perfeição será atingida quando chegar àquele primeiro estado orgânico ou cósmico da grande esfera do imanente. Este é o fim da evolução, donde vem que ela é finita; e até no particular que nos cerca lhe podemos enxergar o fim. O martelo, por exemplo, não passa do que é, tendo sido outrora, a simples pedra com que ainda agora qualquer macaco rebenta sua castanha. De igual modo, um espermatozóide não evolui, nem o óvulo, por serem perfeitos, embora muitos simples. Fixados na forma ideal, e por isto aparentemente iguais, cada um é específico geneticamente, como já o vimos. Assim, qualquer indivíduo ou ser relativo possui um limite de perfeição além do qual não passa. E no universo, inclusive ele, todos os indivíduos são relativos, até mesmo um serafim, conquanto esteja este inconcebivelmente mais próximo do Absoluto do que um sapo. O universo, no seu aspecto físico e dinâmico, é a máxima individuação concebível por nós; maior será ele, porém, no seu aspecto metafísico ou mental, para ser Absoluto e infinito no seu aspecto moral, visto como, aqui, o imanente se confunde com o transcendente, do mesmo modo que a onda encapelada do mar se confunde com o oceano de que ela nasce; e assim como, na base da capela ondulatória, não se distingue a onda do oceano, também no aspecto moral, ou do amor, não há distinção entre imanente e transcendente.

– Sendo o universo a mínima curvatura, prosseguiu Árago, e portanto de raio máximo, abarca todas as outras curvaturas maiores, conseguintemente, de raios menores. Um elétron é mais curvo do que o átomo ao qual pertence; o átomo é mais curvo do que a molécula, e esta o é mais do que a molécula gigante; depois vem a micela, o vírus, a bactéria, a colônia celular, o metazoário, e por aí se vai; e quanto mais se sobe na escala, tanto mais o ser (ser é coletivismo integrado) é menos curvo, e só por isso pode abarcar em si os sistemas mais curvos de que se constitui. Cada ser, assim, poderá realizar-se, ou seja, desenvolver em ato (atividade), somente o quanto possui em si de potência. E a potência (no sentido aristotélico, e não, no matemático) é limitada, finita, pelo que um vírus não poderá vir a ser, jamais, um homem, nem este, sozinho, poderá ser a família, o Estado. Um elétron não poderá tornar-se um universo, conforme o declarou o general Lúdio Falsonato. Tanto o vírus, como o elétron, como o homem, desenvolver-se-ão no seu nível, isto é, transformarão em ato o quanto possuem em si de potencial, e só. Isto assentado, não há outro jeito de qualquer ser realizar-se plenamente, senão pela integração. Ora, o homem que se fecha em si mesmo e fica ilhado no seu isolacionismo egoísta, acha-se encurvado, deprimido, e por isso mesmo, se desconecta do organismo social, não podendo conviver com ninguém. Pela recíproca, o homem altruísta acha-se desencurvado, integrado a seu meio, e neste convive, que é isto dar e receber. A convivência é este comércio em que cada um dá o seu e recebe em troca o alheio de que necessita para ser feliz e realizar-se. Por isso, todo indivíduo isolado é um infeliz, e se busca o isolamento por si mesmo, é um perdido, a menos que a retirada do meio social tenha em vista a autoconstrução para o regresso posterior. Fora do nós social não há salvação possível, e a forma perfeita de realização deste “nós” está no amor. Não pela razão; não pelo interesse; não pela divisão do trabalho somente, mas, pelos caminhos do amor é que o edifício social se levanta e se mantém.

Quando o vínculo do social for o amor, a sociedade permanecerá para sempre. De maneira que um dia, na eternidade (indeterminação temporal ocasionada pela imobilidade do transformismo, ou mutabilidade); um dia, na eternidade, nós, que apenas somos um “algo” no universo, teremos tornado em ato (atualidade) toda a potência que em nós se oculta, e então seremos perfeitos, conquanto finitos. O infinito fica reservado só a Deus que somente ele poderá ter este atributo. Toda a evolução, por conseguinte, é finita, embora indeterminada, até mesmo a do universo, visto como se a evolução, para o universo, teve princípio, logicamente, terá de ter fim.

Neste ponto interveio Hierão, perguntando:

– E não é Deus injusto em fazer a uns maiores, e outros menores ?

– Não, tornou Árago, prontamente. Porque a igualdade ou justiça está na plenitude de vida eterna e de alegria que cada um sente no seio de Deus. Se um sapo, parece-me que já falei isto, quisesse chegar a homem, é que ele não é sapo, é homem potencial; seria ele, então, um espírito humano degradado naquela forma, e não, de verdade, sapo. Mas se for sapo mesmo, de fato, não há de querer ser homem, porquanto ninguém e nada quer ser o que não sabe o que seja. O sapo verdadeiro somente poderá chegar até onde lhe permite o impulso interno, o potencial que traz em si latente. De outro modo, podemos todos entender que esta hierarquia de maiores e de menores, se refere a níveis diferentes de ser, e ser, repiso, é igual a coletivismo integrado. Assim, como já tenho dito, a família é um coletivo de nível menos curvo e mais alto que um indivíduo humano, conquanto este, também, não deixe de ser um outro coletivismo. A família é um *indivíduo social menos curvo* do que o homem, e é por esta razão que ela o abarca e o contém no seu âmbito. Só o maior e menos curvo pode abarcar e conter em si o menor e mais curvo, visto que o todo é sempre maior que a parte. Nenhum homem, sozinho, poderá ser a família, nem o Estado. Trata-se de unidades coletivas de espécies diferentes. É neste sentido, e também na divisão do trabalho, que há hierarquia no seio de Deus imanente. A complexidade crescente determina os níveis até mesmo em nosso organismo, onde um neurônio é mais alto e mais complexo do que uma simples célula córnea dos cabelos e das unhas. E como podemos verificar que a evolução é integração cada vez maior, mais alta e mais complexa, pela contraditória, *involução* nada mais é do que *desintegração*; esta involução é o reverso da outra que conhecemos bem, porque a estamos vivendo atualmente. Um exemplo do que significa *esgotamento de potência*, temos nas escolas em que as crianças geniais, com Q. I. muito altos, acabam, na adolescência, por se tornarem medíocres. A causa disto, que aturde os psicólogos, está em que, nas primeiras fases da vida, a criança recapitula os pontos já sovados em outras existências. E quando nos convencemos de que nos encontramos na presença de um gênio, eis que se exaure a pólvora do rojão, e o gênio queda-se na mediocridade. O adolescente se cuida gênio pela facilidade com que aprende, e todos o admiram, dando-lhe, com isto, uma reputação a zelar. Depois acaba-se a polvorazinha que o impulsionava para o alto, e ele, medíocre que é, torna-se *jovem problema*, e, às vezes, adquire vícios ou moléstias psicóticas, para justificar o não ter avançado para cima em ritmo acelerado. De maneira que conferir à criança a consciência de que ela é gênio, é um mal. Em contrapartida, Einstein foi tido por retardado mental, Darwin, por obtuso, e Beethoven só amadureceu tardiamente. E se quiserem saber a razão disto, digo-lhes que é porque estes grandes espíritos procedem de outros orbes planetários, nos quais as notações e nomenclaturas musicais e matemáticas são diferentes das nossas. Deste modo, tais gênios gastam tempo em dominá-las, donde vem que não podem ser precoces como Mozart, como Gaus, o primeiro na música, e o segundo na matemática.

E após longa pausa meditativa, concluiu o mestre:

– Sendo Deus perfeito, não podia fazer obra imperfeita, falha, feia. Por isso sua criação primeira foi a de almas que habitam o lugar celeste. Deus as criou por amor, tirando-as de si, da sua substância, para que fossem o objeto do seu amor. Conseqüentemente criou-as para a felicidade, para a alegria, e não, para o sofrimento, para a dor.

– No tempo dessa primeira criação, perguntou Orsoni, havia já matéria e energia, ou só havia espírito ?

– Deus criou o universo orgânico, replicou Árago; e quem diz orgânico, diz hierárquico; ora, a idéia de hierarquia implica na da existência de maiores e de menores quanto à função que cada um há de executar. E a matéria tem a função de suporte, a energia, de movimento, a alma de direção e lei. Logo, as almas, como puro pensamento, como pura idealidade, buscavam seu veículo de manifestação na energia que atuava na matéria. Desde que Deus criou o universo perfeito, ficaram criados consciência, tempo e espaço, ou seja, alma, campo energético e corpo, ou ainda, inteligência, energia e matéria, se bem que estes dois últimos termos, isto é, energia e matéria, são redutíveis entre si, donde ter proposto Einstein para ambos o denominador comum de **energia-substância**, como já vimos; o amor está entre as energias substâncias, donde vem que o **amor é a substância de Deus**. Cada coisa, logo, tinha de funcionar harmonicamente no seu posto hierárquico, como acontece com as células do nosso organismo. A matéria, que significa espaço ou três dimensões, tinha, nesse tempo, como ainda o é no lugar celeste ou **topos uranos, raio de curvatura máximo**, opõe-se à pasta nuclear que o tem mínimo. Naquele sistema perfeito, às direitas, a matéria é serva obediente e plástica, modelando-se conforme o exige o pensamento e a vontade. A mim se me afigura um espírito do **topos uranos** como um foco de luz irradiante e iridescente, de maravilhosas variações policrômicas que oscilam de acordo com o que ele pensa e sente. Essa estrela fulgurante toma o corpo que desejar ter, ou constrói somente parte dele, para a execução de determinadas tarefas. Se um supergênio musical quiser executar uma sinfonia nos vários teclados em escada sobrepostos e semi-circulares de um órgão, projetará, do centro da luz, como que vários braços e mãos, e todas, a um tempo, improvisarão a música celeste que aparece, também, sob a forma de luzes policrômicas. Telas fantasticamente belas se pintarão de luz em correspondência com a música que somente um músico seráfico poderá executar. Deste modo, o espírito está em cima, no comando, e a matéria, embaixo, na obediência, contrariamente do que vemos em nosso mundo, onde a matéria é deusa entronada, e o pobre espírito, simples laçao. Cá, na Terra, cremos na matéria, nas riquezas, na força, e não, nos valores do espírito. Mais vale, aqui na Terra, ser rico do que gênio, porque todos crêm na matéria que não no espírito. Enfim, estou a falar de um outro tempo e de um outro espaço que não dos nossos, fechados e curvos. Mas estes filhos da luz eram livres e sábios nas suas funções específicas, visto como a sabedoria é finita para qualquer criatura, só sendo infinita para Deus. Todavia, alguns se quiseram sair de suas funções, fugindo à ordem, quebrando a harmonia. Fizeram lá, por causa da inversão do amor em egoísmo, o mesmo que fazem as células cancerosas em nosso organismo. Quebrada a ordem, desfeita a harmonia, o sistema defendeu-se, alijando os rebeldes para o centro, e para aí eles começaram a cair, num processo inverso do que é hoje a evolução. Deste modo foi que o espírito e a ordem, de essência divina, caíram no caos. Aqui, tudo se refundiu, começando, paulatinamente, a volta para a ordem e para o espírito, por meio da evolução.

– O *topos uranos*, continuou o mestre, envolve o universo derrocado, e o nosso evolutivo, por todos os lados, porque sendo aquele menos curvo, há de estar na periferia abarcando tudo. O caos é como um tumor doloroso formado no seio do *topos uranos*. Envolvendo a este lugar celeste das almas puras, está Deus infinito ou transcendente. Por isso, ir para o centro de qualquer sistema cósmico, seja o planetário, seja o galáctico ou sideral, é avançar no rumo dos encurvamentos cada vez maiores até o medonho caos. Fugir do centro, evadir-se da prisão do encurvamento, avançar para a periferia, é caminhar para a ordem e para a harmonia reinantes no *topos uranos*. Aos espíritos caídos para o centro se deram os nomes de demônios e diabos, e sobre todos está o inclito chefe Satanás.

– Agora não concordo ! exclamou Hierão Orsoni. Já estive, há pouco, vai não vai para apartea-lo; agora, de novo, torna o senhor a falar de Satanás, como se ele tivesse, de fato, existência real, e não fosse apenas figura abstrata para simbolizar as forças das trevas. Sendo eu espírita, considero Diabo, Satanás, Lúcifer, Lusbel, Belzebú, etc., simples nomes do princípio do Mal, que se opõe ao do Bem, não existindo, por conseguinte, como entidade real em parte alguma do universo.

– Bom. Você acha, então, que Satanás apenas representa o princípio do Mal, personificando forças negativas, não é ?

– Isso mesmo !

– E se esse princípio do Mal é Satã, a do Bem, quem é ?

– É Deus, ora essa !

– Então, se como você diz, Satanás não tem existência real, por representar mero princípio abstrato do Mal, pela mesma lógica também Deus não existe, por representar o princípio abstrato do Bem. Um e outro, logo, não passam de meros princípios, puras idealidades, e nem um nem outro tem existência real, e apenas são, desse modo, isto é, sob a forma de simples princípios vazios. Está certo ?

– O raciocínio está correto, respondeu Hierão. Mas Deus existe como Ser real, e não só como pura abstração, como simples princípio vazio, como forma pura. Ele existe como substancialidade, como *energia substância* na sua forma mais excelsa – o amor.

– Por conseguinte, retrucou Árago, essa conclusão se aplica também a Satanás. Por acaso, você já viu algures, o simples princípio de alguma coisa, sem a própria coisa pela qual o princípio se evidencia ou se manifesta ?

– Não.

– Portanto, sem o veículo de manifestação, qualquer princípio *é*, mas *não existe*. Um monjolo, ou roda-d'água, ou máquina qualquer, funciona sob o princípio das alavancas; todavia, sem o monjolo, nem a roda-d'água, nem a máquina, nem as alavancas, o princípio destas coisas não se manifesta, não se evidencia, não tem existência real, não passando de pura idealidade abstrata. Segundo este raciocínio apertado, rigoroso, os dois princípios, o do Bem e o do Mal, hão de estar representados, manifestados, para que existam como realidade, isto é, hão de estar situados

no tempo, visto que existir, conforme a etimologia da palavra, é estar no tempo. Consequentemente, Deus, no seu aspecto transcendental, *é* e *existe*: *é* como Ser ideal, e *existe*, porque este Ser ideal se acha pleno do Amor substancial incriado e infinito. No aspecto imanente, de igual modo, Deus também *é* e *existe*, visto como se acha manifestado nas criaturas que estão no tempo e no espaço. Está bem claro ?

– Perfeitamente.

– Consequentemente, ou o Diabo existe como manifestação do princípio do Mal, ou não existe este princípio, ou seja, não tem realidade objetiva. Igualmente, ou o princípio do Bem se acha manifestado em algo, pelo que existe, ou não passa de pura idealidade abstrata, idealidade vazia, pura ficção. Agora pergunto: você admite que o princípio do Bem *existe* manifestado em algo ? ou acha que ele é o Ser ideal, não manifesto, que, idealmente, *é*, mas objetivamente, não *existe* ?

– Para mim o princípio do Bem *é* e *existe*; *é*, por ser o Ser; e *existe*, por estar manifestado, explicitado, em mais alto grau, nos espíritos puros habitantes do *mundo espírita*.

– Logo, replicou o mestre, se o princípio do Bem, para existir, tem de estar explicitado nas almas perfeitas do *topos uranos*, segue-se que o princípio do Mal, pela recíproca, para ter existência, igualmente precisa estar evidenciado nos espíritos impuros, imundos, habitantes das prisões infernais, ainda próximas do caos. Ou isto, ou o princípio do Mal não existe, porque dele você não poderá dizer que é ser, como afirmou do princípio do Bem. Ora bem. Se o princípio do Mal *não é*, e se ainda, por cima, *não existe*, não há razão nenhuma para preocupar-se com ele a moral. Todavia, o princípio do Mal *não é*, porque não é ser, porque é *não-ser*; contudo, *existe*, como negação do Bem, *existe* como o próprio Bem com sinal contrário. Concorda agora, com isto, Hierão ?

– Concordo.

– Consequentemente, Satanás tem de estar representado por algum ser negativo ou entidade degradada, para que seu princípio tenha existência. De igual modo, Deus não pode ser princípio vazio, e sim manifesto através de algum Ente; deve, portanto, haver algum Ente supremo que represente o princípio do Bem, e esse Ente é Deus imanente, criacional, fenomenal ou temporal. Deste modo, tanto Deus como Satanás são seres, só que Deus é positivo, e Satanás, negativo. Ambos são individuações ou entidades. Está contente agora ?

A estas palavras de Árago, Hierão sacudia a cabeça em sinal negativo, ao tempo em que replicava:

– Não !... Não estou; essa conclusão sabe à teologia católica e protestante. Concordo em que o Diabo possa ser individuação ou entidade, por ser relativo e finito; mas Deus não pode ser Ente, porque não concebo uma entidade infinita, eterna, absoluta e auto-suficiente. Concebo que Deus seja Ser; não, porém, que seja Ente.

– Partindo da sua afirmação, tornou o mestre, vamos seguir por outro caminho. Você disse, há pouco, concordar em que o Diabo seja ente, por ser relativo e finito. E também, que Deus é Ser, conquanto não possa ser entidade. É isto ?

– Foi o que eu disse.

Se o Demônio é relativo, e explicita as forças do Mal, podemos construir uma escala gradativa de diabos:

Em dizendo isto, foi o mestre à lousa, e riscou nela os dois eixos das coordenadas cartesianas, pôs o **zero relativo** no cruzamento das linhas vertical e horizontal, deu números positivos para cima e para a direita, e negativos para baixo e para a esquerda. Feito isto, principiou a explicar:

– Olhem aqui, e vejam estas duas escalas algébricas de valores relativos; tomemos, para nosso estudo, qualquer dos eixos... seja o das ordenadas ou vertical. Aqui no meio da escala está um zero; deste ponto zero para cima estão os valores positivos, de um a infinito. Do ponto zero para baixo estão os valores negativos de menos um a menos infinito. Mas para que isto não seja pura construção abstrata, pura idealidade matemática, objetivemos: suponhamos que esta nossa escala é a termométrica, e se refere ao calor; se aponto aqui, para **minus um**, isto não significa ausência de calor, nem calor “negativo”, calor às avessas, não-calor. **Menos um** significa menos calor do que o achado em zero grau. Mas se nós formos descendo pelo eixo de Y, assim: -1 , -2 , -3 , -4 , etc., cada vez mais o calor vai diminuindo, até que, em chegando a $-273,2$ graus, alcançamos o **zero absoluto**, porque este ponto representa a temperatura mais baixa possível, visto como neste lugar da escala termométrica, todos os movimentos moleculares cessam. Assim podemos entender que para este caso e semelhantes, os **valores negativos são fracionários**, visto tenderem para zero absoluto ou nada. A expressão matemática $-\infty$ (menos infinito) é apenas o termo duma tendência, um indeterminação. Quer dizer que o calor é uma forma de ser; os valores positivos são mais ser, os negativos, menos ser, até o zero absoluto que é o não-ser total. Assim, também, com a gradação negativa de diabos, que começa no zero relativo do meio da escala, e vai até o **zero absoluto** do ser. Tal como ocorre com o calor, muito antes de alcançar o menos infinito, o ser já se reduziu a **zero absoluto** ou nada total. Compreende-se, claramente, que o demonismo máximo coincide com este **zero absoluto** do ser ou nada. Do zero relativo, o **zero aqui do meio da escala**, até o infinito positivo, temos as gradações do ser, cujo máximo é Deus, ou Bem supremo. Ora, se o demonismo máximo coincide com o nada ser, com o não-ser, temos que esta suprema negação de Deus representa a ausência total deste, que, unicamente, **É**, do qual todos os demais seres decorrem. Do mesmo modo que só o calor existe, e, o anti-calor, não; também só o Ser-Deus existe, e, não, o anti-Deus ou anti-Ser. Os valores negativos do calor são **menos calor**, assim como os valores negativos da escala do Ser representam cada vez **menos ser**. Este termo final do ser está no elétron resultante do encurvamento de ondas dinâmicas. Ora, o calor é energia, e o amor também é energia; então, tudo o que eu disse da energia calorífica, se aplica, agora, à energia amorosa, donde vem que a degradação do ser, pelo egoísmo, se reduz a uma progressiva redução do amor. Quando o ser se negativiza ou se desintegra até o extremo de **zero absoluto**, cessa, para ele, totalmente, o amor. O caos é isto: o amor transformado, degradativamente, em outras energias, cada vez de ondas mais curtas, e mais dinamicamente potentes, que, finalmente, se encurvam nos elétrons para dar início ao processo da subida ou volta para Deus pela evolução que, conforme já vimos, é o mesmo que integração. Deste nível de

máximo desfazimento, começa a fase inversa, a fase evolutiva, e cresce o amor na escala erosométrica (medida do amor) ou caritométrica, e quanto mais amor, mais integração, mais ser, mais Eros, até chegar, de volta, ao Amor infinito que coincide com o Ser absoluto. Quer dizer, meus amigos, que qualquer demônio *ainda é ser*, mesmo Satanás, e representa explicitação de Deus; mas quando há ele chegado ao *zero absoluto* da escala ontológica, a caminho do menos infinito, já não há mais ser, desfeita se acha a essência. Um diabo assim extremado, não tem existência nem ser. De maneira que tem razão, aí, o Orsoni, quando afirma que o diabo é simples princípio vazio, pura abstração, que representa as força do Mal. Tem-na, porque um demônio com a fórmula $-\infty$ é pura abstração matemática, pura idealidade sem correspondência objetiva. Por outro lado, não a tem, porque o satanismo se acha individuado por toda parte naqueles que desandam o caminho da evolução, em lamentáveis retrocessos, ou naquelas almas caídas do *topos uranos*, mas ainda não desfeitas no caos, e que lutam, sem descanso, para sobreviver, na esperança duma impossível vitória do Mal. Não está tudo isto muito claro ?

– Agora entendo, respondeu Hierão.

– Fica por demais evidente, continuou o mestre, que quanto maior for o diabo, menor ser ele é, porque ser *maior no menos* é ser menor; por conseguinte, os demônios perigosos não são os distantes na escala do ser, distantes de nós, mas os próximos, ou seja, nós mesmos quando nos tornamos expressão do mal. Quanto mais inteligente e mau for um homem, tanto pior demônio ele será. Assim, o diabo, na forma extremada, é pura abstração, não podendo ser nem indivíduo nem pessoa. Já Deus, na sua plenitude de Ser, não é puro princípio vazio, visto possuir substancialidade que é o amor, ou seja, a infinita capacidade de manifestar-se em seres e mundos. Esta capacidade latente, este aspecto não manifesto da divindade, é o chamado Transcendente. Mas há o aspecto criacional, o aspecto Imanente, pelo qual Deus se manifesta, se encurva e se dá nas suas criaturas as quais tanto mais gozam de ser quanto mais se acercam do supremo Bem. Conquanto este aspecto de Deus, o imanente, o criacional, seja uma individuação que abarca o Cosmo total, não é Ente em sentido humano de pessoa, mas o Ente, assim como o Universo. O Deus imanente não é as coisas individuadas, isoladas, mas a *integral absoluta* delas, e por ele, unicamente, elas existem. Qualquer coisa mais não é do que a manifestação do princípio-substância existente nela. O princípio é a essência da coisa, é a idealidade dela que está a cavaleiro da substância que torna real o princípio. Este aspecto não é panteísta, senão, panenteísta, uma vez que não afirma que tudo é Deus, porém, que Deus está em tudo. Este estar em tudo como princípio e como substância é a imanência de *Eros* e do *amor*, sendo *Eros* o princípio de integração, e o *amor*, a energia-substância que em tudo se transforma e que a tudo vivifica. Está certo, Hierão ?

– Está.

– Então, continuou o mestre, Lúcifer, em sua fase extrema de não-ser, não é entidade, uma vez que chegou a nada; mas Deus, mesmo no seu aspecto Transcendental, já não se pode dizer que não é Entidade, porque possui Essência e Substância juntamente. A natureza polarizada da Substância possibilita a existência das inversões, das oposições, das contradições em toda a Criação, em todo o criado, portanto, como positivo e negativo, luz e treva, espírito e matéria. Consequentemente, as polaridades estão presentes em todas as coisas, pois não há nenhuma unidade que não se componha de duas partes opostas e complementares. Nada há que não tenha o seu contrário, donde vem que “o mesmo mundo está fundado numa concórdia discorde, e não há coisa

nele que não tenha o seu contrário”¹⁴⁰. Onde quer que o princípio positivo se manifeste, aí mesmo é contrastado pelo seu oponente princípio negativo. Assim, a existência de qualquer coisa se deve à coexistência pacífica desses dois princípios ou forças harmonizadas entre si para a formação da unidade. Prevalendo uma destas forças a unidade se desfaz do que é. A matéria, por exemplo, representa o equilíbrio das forças elétricas positiva e negativa no interior do átomo, e das forças gravíficas centrífuga e centrípeta. A prevalência de uma destas forças faz a matéria ora retrair-se no espaço, pelo colapso de seus átomos, como é a pasta nuclear, ou a expandir-se em radiações. Estes dois princípios opostos existem no homem, e foram os que fizeram a Fausto exclamar: “És tu, matéria, parte vil do meu ser, és tu quem sempre vem contrastar do espírito os arrojos !”¹⁴¹. Logo, é tão real o princípio que afirma, como o que nega. Um princípio é o outro mesmo com sinal trocado; é o outro termo da equação, visto não haver partida sem contrapartida, ou parte sem contraparte. Um princípio vive, se mantém e se reforça, graças à oposição que o outro lhe move. Ambos, positivo e negativo, se equilibram no seio de qualquer unidade, formando um cosmo, isto é, uma ordem. Assim como o frio absoluto não é calor, por ser a ausência total deste, também o não-ser absoluto não é ser, por representar ausência total do Ser. Por isso as negações do Ser resultam do próprio ser que se passa para a esquerda ou para baixo do zero relativo, e por isso, com sinal contrário. Esta é a causa por que o grande Parmênides já dizia que o *ser é*, e o *não-ser não-é*. Todavia, entre o Ser que é, e o não ser que não é, existem gradações de ser em que os seres menores participam do Ser. Eis aí está, outra vez, o que significa a teoria da participação de Platão, pela qual as coisas irreais (menos ser) do nosso mundo, participam da Realidade (Ser) existente no *topos uranos*. Concorda com isto, Hierão ?

– Concordo.

– Se concorda em que o Cosmo ou Ordem resulta desse equilíbrio de forças e princípios contrários, terá de concordar também, necessariamente, em que Deus não é somente a banda superior do processo, o lado positivo e espiritual. Se Deus é só um lado, o lado oposto, positivo, então, que será a sua contraditória, o lado negativo? Acaso pode haver dois deuses? um Deus e um anti-Deus? um positivo e direito, representado pelo quadrante direito e superior das coordenadas cartesianas, e outro emborcado, negativo e inverso, representado pelo quadrante, esquerdo e debaixo? ambos abraçados, contudo, para formar a unidade total ou Cosmo? Mas então, que seria essa unidade, senão o próprio Deus? Se Deus é o Bem, então, o Mal, o negativo, o que é ? de que se originou ele, o mal, a não ser do próprio Deus, como parte oposta à banda positiva? Pode existir alguma coisa que esteja fora de Deus, para além dos seus limites? que limites?

– Confesso que já perdi o pé nestas profundezas, exclamou Hierão !

– Ainda que tenha perdido o pé, você terá de agarrar-se a mim para irmos longe um pouco mais. Como tenho demonstrado, quando um princípio prevalece sobre o seu oposto dentro do binário, o ser todo pende, como prato de balança, para esse lado, a equação toma esse sinal, assumindo as características próprias do princípio prevalecente. É deste modo que um espírito ou ser que representa a negação e o mal é satânico, e, por extensão, Satanás. O que representa a afirmação e o bem, é cristico ou de Cristo. Em cada um de nós há esse dualismo, pelo que podemos ser santos ou demônios, conforme a prevalência de um ou de outro princípio. E nós somos, não raro, alternadamente, anjos e demônios. Deus, pois, no seu aspecto imanente ou criacional, é

¹⁴⁰ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 19, 312

¹⁴¹ Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 43

Ordem, Cosmo, resultante do equilíbrio entre as duas forças ou princípios seus, que são Cristo e Satanás, ou seja, Espírito e Matéria. Mas para que a Ordem prevaleça preciso é que o Espírito governe sobre a Matéria que é serva, e não, senhora. De maneira que o princípio negativo, por si só, não é um mal. Sua superação em relação ao positivo é que é mau. A matéria não é inimiga por ser negativa e baixa; ela é utilíssima e indispensável serva do espírito o qual, por meio dela, se manifesta e se evidencia, e sem ela, ficaria sem veículo de explicitação. Pretender que não houvesse essa oposição que nos aborrece, é sofrer a ilusão da pomba kantiana que achava um mal a resistência que o ar lhe oferecia ao deslocamento, cuidando que, no vácuo, seu vôo seria mais fácil... A resistência que nos dificulta avançar, é a mesma em que nos apoiamos para progredir. Por que o espírito não faz sua evolução só como desencarnado? por que se lhe impõe, como necessária, as reencarnações? A razão está em que a vida na carne é combate rijo do anjo contra o demônio, e da resistência que a matéria oferece ao espírito, depende o seu deslocamento para o alto; e se o espírito cai, aqui, prisioneiro do demônio, levanta-se, logo mais adiante, e o subjuga.

E feita uma pausa, para tomar um fôlego, prosseguiu o pensador:

– Toynbee desenvolve o estudo de vinte e quatro civilizações em sua obra “Um Estudo de História”, para o que emprega as palavras-chaves *repto* e *réplica*. E chegou à conclusão de que os reptos médios são os melhores para o desenvolvimento. Se os reptos forem muito fortes, como acontece com os enfrentados pelos esquimós, a civilização não se desenvolve; se os reptos forem muito frouxos, como ocorre com os enfrentados pelos habitantes da África, rica, dadivosa, também a civilização não se desenvolve. Os demais povos todos sofreram e sofrem reptos médios, e por isso se desenvolveram. Tal com a animalidade de que todos somos dotados, e com a negação dela por parte do espírito. No equilíbrio entre repto e réplica está o máximo bem, e não, como já se pensou, que a matéria deve ser aniquilada e morta, para o que sujeito foge do convívio humano, mete-se numa cova num deserto, e, lá, se torna um egoísta que busca só a sua suposta valorização, pouco se incomodando com os demais aos quais nega, terminantemente, qualquer ajuda. Tal “vitória” do espírito reputo-a satânica. Só acredito na santidade ativa que se dá em sacrifício em favor de outrem; a outra “santidade”, a passiva e nula, não passa de uma das variadas formas de satanismo. O mal está na superação da matéria em relação ao espírito, a qual, de serva, ignorante e pobre, se faz senhora do seu amo natural, sábio e rico. Assim, no homem bom, o demônio está por dentro, oculto, encarcerado no subterrâneo do inconsciente, e aí, submisso, trabalha, enquanto que o anjo está por fora, visível, manifesto, dominador. No homem perverso, pela recíproca, está vencido e oculto o anjo, e visível e senhor, o diabo. O problema do Bem e do Mal é simplesmente o de arranjo, de colocação das partes, da inversão de valores. Ir para dentro de qualquer sistema, é avançar para onde se oculta o diabo: e o homem é, também, em si mesmo, um sistema.

E depois de o mestre achar melhor cômodo na cadeira, prosseguiu:

– Pouco há, estivemos falando a respeito do princípio ou lei pelo qual o monjolo, a roda d’água e as máquinas funcionam. Contudo, ninguém seria tão desassissado a ponto de afirmar que o princípio ou lei é um produto da máquina, visto que, sem ela, ele não existe. As leis das alavancas existe, por causa do monjolo e da roda-d’água, ou é estes que existem, por causa do princípio das alavancas?

– É claro, tornou Hierão, que a máquina decorre da explicitação do princípio, e não, vice-versa.

– Logo, acudiu o filósofo, o espírito, que é lei e princípio, explicita-se na matéria, devendo prevalecer sobre ela que existe plasmada por ele em toda a linha, que só existe por necessidade de aquele se manifestar. Portanto, não é o espírito um produto do corpo, mas, este, o resultado do labor daquele que cria para si um veículo de manifestação, de explicitação. O espírito é a lei, é a sabedoria que plasma, no passo que a matéria, por toda parte, é substância plasmada na forma, pelo espírito que lhe confere essência, que a anima, que lhe dá ser.

Depois de o mestre meditar longamente, voltou ao tema do começo, dizendo:

– Agora, vocês podem saber o que significou a queda das almas. Significou, nada mais e nada menos do que a inversão delas dentro do sistema divino. Com o esfriamento do amor, e com a conseqüente inversão dele no seu oposto, no egoísmo, tudo o mais se subverteu também. A substância que tem a natureza de suporte, de sustentáculo das essências, arvorou-se em princípio diretor. A matéria passou a comandar o espírito, e os anjos, antes dos homens materialistas, começaram a afirmar que o espírito é um produto da substância, e que ele resulta dos arranjos desta. O espírito, diziam, é a posteriori, e a matéria, o dado imediato a priori. Em vez de afirmarem ser o amor o cimento de tudo, que tudo cria, que tudo unifica e que a tudo integra, passaram a seguir a ideologia oposta que diz: o egoísmo é que mantém coesas as unidades, porque cada uma, buscando o seu interesse próprio, promove o bem geral. Antes de aparecer na economia política o termo egoísta “laissez-faire” – deixa fazer –, já os anjos adotaram esta norma segundo a qual cada um devia ser deixado absolutamente livre para fazer o que bem entendesse, a partir do egoísmo individual. A liberdade, diziam, é licença, é autonomia, é o livre-arbítrio do indivíduo, e aquele que se mostrar mais forte, esse deve jungir os outros a si, formando uma unidade que tem por centro o chefe. O poder decorre da força por direito natural, e o chefe tem uma missão de comando, e as partes congregadas ao seu redor, a missão de obediência. Deste modo, e com esta filosofia, o livre-arbítrio individual passou a ser o arbítrio do chefe, e cumpria aos mais fracos obedecer àqueles que lhes prometia, mentindo, como fazem todos os tiranos, guia e defesa. Surgiram lá, antes que na Grécia, os primeiros sofistas a afirmarem que o “indivíduo é a medida de todas as coisas”, e cada um, usando o seu livre-arbítrio, se propôs a apresentar a sua verdade, isto é, a verdade que tornava a ele, o anti-anjo sofista, por premissa dos raciocínios, e por medida de tudo.

– Vejam, meus caros, continuou o mestre, que a queda principiou no plano moral, com esfriar-se e com inverter-se o amor em egoísmo, e disto resultou a segunda fase da queda que foi mental ou metafísica, pela qual tudo outrora claro, intuitivo, se tornou obscuro e problemático, e, portanto, objeto de discussões infundáveis, com tantos sistemas de idéias quantos eram os anjos rebeladas. A visão unitária do todo, antes volumétrica ou tridimensional, fracionou-se nas inumeráveis visões particulares, e todas em luta entre si. A hiperconsciência volumétrica sofreu a radiciação, caindo para a razão planimétrica; em vez da intuição espontânea, rápida, pleniluminosa, passou o anti-anjo a debater-se nos meandros tortuosos e curvos da razão, que ficavam a girar em círculos, sem saída, como acontece aos perdidos nos desertos, nas matas e nas paisagens geladas das regiões polares. A **Sabedoria**, deste modo, fendeu-se em filosofias, ou seja, em sofias, ou ainda, em sabedorias, porque, orgulhosamente, cada anjo rebelde se considerava um sábio, confundindo as subtilezas sofisticadas com sabedoria. Surgiram, assim, as escolas de sofistas, e cada um lutava por conseguir prosélitos ou discípulos que lhe estivessem em torno, como ocorre com os planetas ao redor do Sol. Cada um se cuidou um sol do saber, a irradiar suas sabenças para a roda de crendeiros, porque estes já não tinham força suficiente para compreender e para discutir agudezas, só lhes restando o único recurso de tudo aceitar de fê. A degradação iniciada no plano

moral, atingido o mental, rumava agora para o físico, pelo que os anjos, já em parte escurecidos, mostravam no semblante a angústia da incerteza. E foi assim que a danosa queda se urdiu.

E dizendo isto, deu mostras o mestre de ter concluído os estudos desta noite. Dona Cornélia que esperava à porta com o bule de café, xícaras e torradas, aproveitou o que ela supôs fosse uma pausa para entrar. Todos tomaram o café com torradas, conversando, animadamente, sobre tudo, até que, um a um, todos se foram retirando para suas casas.

Capítulo VI

Crítica ao Enunciado de Ortega

Diz Ortega: “Em lugar de considerar a razão como *“uma breve ilha flutuando sobre o mar da vitalidade primária”*, os filósofos a confundiram com o próprio mar”¹⁴². A idéia de ilha flutuante, implica na existência do mar por baixo da ilha. Tivesse Ortega falado só em ilha, ficava subentendido que ela estava ligada com o fundo do mar; e como a terra submersa se soma às emersas dos continentes, fica determinado que em nosso globo há mais terra que água. Deste modo a *ilha da razão* seria mais fundamental que o *mar da vida*, porque ela estaria também por debaixo deste mar vital. Mas a idéia de *ilha flutuante*, deixa claro que tem por baixo, além de por todos os lados, o mar da vitalidade primária. Logo, a razão se apoia sobre a vida e não vice-versa, como pensaram os filósofos. Escandalizado, então, com isto, escreve Ortega: “Para vergonha dos filósofos, é mister declarar que eles não tinham visto nunca o fenômeno radical que é nossa vida. Sempre o deixaram para trás, e foram os poetas e romancistas, foi sobretudo o homem qualquer que reparou nela, em seus modos e situações”¹⁴³. Mas os filósofos sobrepõem a razão à vida; mar é a razão, e a vida, ilha flutuante. Tornada a razão fundamental e excelente, “e como tendemos a

¹⁴² Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 66

¹⁴³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 92 - 93

projetar em Deus tudo quanto nos parece ótimo, chegaram os gregos com Aristóteles a sustentar que Deus não tinha outra ocupação, senão pensar”¹⁴⁴. Em que ficamos, Bruco? A primazia deve caber à vida, ou à razão? Que existiu primeiro; foi a razão, ou foi a vida?

– Pois foi a vida, ora essa! como podia ter aparecido a razão antes da vida, se ela é função da vida, instrumento criado pela vida?

– Então, Bruco, se costumamos projetar em Deus o que nos parece excelente, como a excelência cabe à vida, antes que à razão, segue-se que Deus deve ser ideado como um oceano infinito de vida?

– Sim, pois claro. A esse resultado nos leva o pensamento de Ortega.

– Mas a vida, meu caro Bruco, acaso não está apoiada nalguma coisa? Acaso pode ela estar suspensa no vácuo?

– Claro que não. A vida se sustenta na matéria, e define-se como uma forma de organização complexa da matéria.

– Neste caso, meu nego, a vida é uma breve ilha a flutuar no mar da matéria?

– Essa verdade é inquestionável.

– Então, se a matéria é mais importante que a vida, e tanto que esta depende daquela, o radicalismo orteguiano nos conduz a um radicalismo maior e mais acentuado que é o materialismo, não é?

– Isso mesmo. Sem matéria não há vida, e sem vida não há razão; logo, a matéria é o primeiro termo a ser considerado. Se a vida é produzida pelo arranjo ou organização da matéria, a razão seria um arranjo e organização da vida. A vida criou a razão para melhor organizar-se; a razão é, assim, um órgão criado pela vida para organizar-se de forma mais alta. É por isso que a *vida com razão* supera a *vida sem razão*. O homem é o *rei da criação*, e como rei que é, vence, escraviza e esmaga todas as outras formas de vida que lhe estão abaixo.

– Bom. Você, Bruco, intuiu Deus, como sendo um oceano infinito de vitalidade primária, não foi?

– Exato.

– E que a vida se funda na matéria, que sem esta, aquela não pode existir.

– Foi o que eu disse.

– Logo, aquele oceano da vitalidade que é Deus, existe graças a um outro oceano ainda maior da materialidade. Veja, que você afirmou ser impossível vida sem matéria.

¹⁴⁴ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 68

– Correto.

– Então, antes que Deus seja um oceano de vida, é um oceano de matéria.

– Não há como fugir a essa conclusão.

– E você disse, meu prezado Bruco, que a vida com inteligência supera a vida irracional, não foi ?

– Isso mesmo.

Supera em que ?

– Em valor, em qualidade, pois a quantidade está do lado da vida irracional que, por sua vez, vale mais que a matéria inorganizada. A ordem do valor: razão, vida e matéria está na razão inversa da quantidade, pois é incontestável que há mais matéria bruta que matéria viva, e mais desta que vida racional.

– Ora, Bruco, então o homem, com ser *vida racional*, supera Deus em valor, visto que Deus, antes de tudo, é matéria, e depois, vida irracional. Deus representa a quantidade, e o homem, a qualidade; está certo este raciocínio ?

– Está. Mas me repugna esse resultado. Porque, neste caso, Deus é um cego dinamismo material-vital, inferior ao homem em valor, conquanto supere a este em quantidade. Assim Deus teria criado a *vida inteligente*, tal como o é o homem, para poder pensar por meio dele. Os homens são órgãos de Deus com que este se contempla a si mesmo. Considerado tudo em termos de valor, os homens seriam deuses, e Deus, seu macrocósmico escravo. Não tenha dúvida, prezado Árago, que sendo o homem qual é, e imbuído desta idéia satânica, iria pôr freio ao universo, levando-o para os fins humanos, e não para os divinos, se é que os há, com um Deus irracional.

Depois de meditar um pouco, interrogou de novo Árago a Bruco.

– Então, está errado aquele enunciado orteguiano de que a razão é ilha, e a vida, mar ?

– Tem que estar.

– Você, meu estimado Bruco, disse que a vida com razão, que a vida racional, supera em valor à vida primária sem racionalidade. De acordo com esta sua última conclusão, Deus está mais perto de ser vida primária, ou de ser vida racional ?

– Está claro que ele tem de ser entendido na direção da vida racional.

– E sendo Deus infinito, essa vida racional tem que ser infinita, não tem ?

– O contrário é que não pode ser.

– Logo, o tal oceano infinito que Deus é, se nos apresenta, agora, como vida racional, e a tal vida primária ou irracional, fica sendo agora a ilha flutuante, está certo ?

– A isso nos conduz este novo caminho dialético.

– Bom. Quais os que, em nosso mundo, representam a excelência da vida racional ?

– Os gênios. Não há excelência maior que a inteligência dos gênios. Enquanto o homem comum possui tarda a inteligência, o gênio a possui veloz. Cadeias inteiras de análise ou síntese, relampagueiam em sua mente, levando-os ao arrebatamento e ao êxtase, muito semelhante ao que sentem os místicos. A razão dos gênios, no momento criador, inflama-se da emoção profunda, fazendo-os trêmulos ao ponto de, como ocorreu com Newton, não poder escrever as fórmulas. Newton teve de valer-se de um discípulo para este fim.

– Você disse, Bruco, que os gênios se inflamam, se exaltam, se extasiam no momento da descoberta, tornando-se, neste momento tremebundos. Mas não vivem continuamente neste estado, vivem ?

– Claro que não. O incêndio que os devora, aniquilá-los-ia. Se um só lampejo os incendia, e os fazem chorar de alegria e dor ao mesmo tempo; porque enquanto o espírito tenso se extasia, bate forte o coração, o sangue se reflui, a síncope faz ameaças; como pode este estado perdurar sem que se rebente o vaso de barro que é o corpo, dentro do qual tão formidável ciclone rodopia ? Não, não pode ser; um lampejo o gênio resiste; mas se o lampear for contínuo, de modo a formar-se uma continuidade de clarões, tão próximos entre si que ilumine como uma luz estroboscópica, nenhum vaso de barro agüentaria

– Bela figura nos deu, você, Bruco, do gênio. Esses relâmpagos de síntese que o gênio sofre e goza, chamam-se intuições; e sabemos que eles se podem amiar até que haja uma continuidade de clarões que se tornam no incêndio em que o gênio se consome. E como diz Ortega, costumamos projetar em Deus o que nos parece excelente; e não havendo excelência maior do que a intuição do gênio; temos de admitir que Deus é uma consciência intuitiva, não feita de lampejos intermitentes, mas velocíssimos, de modo a nos dar a ilusão de continuidade luminosa, como é a luz do estroboscópio: mais que isto, a mente divina tem clarão contínuo mesmo, sem nenhuma interrupção possível. Esta claridade engeguecente que só Deus tem se chama sabedoria divina. E como Deus é infinito, esta luz ultra-intuitiva também o é; logo, tudo o mais, que possa estar abaixo, com ser limitado, são ilhas suspensas no oceano da única e verdadeira Sabedoria Vital que é Deus. Não se trata, pois de sabedoria estática como é a da razão humana muito bem descrita por Unamuno que mostra a irreducibilidade da vida à razão e vice-versa, visto como a vida é essencialmente heracliteana e dinâmica, no passo que a razão se nos apresenta parmenidicamente estática. “Porque viver (diz Unamuno) é uma coisa, e conhecer, outra; e como veremos, há entre elas, talvez uma oposição de tal ordem, que possamos dizer que **todo o vital é anti-racional, não só irracional e todo o racional, anti-vital**”. (...) “A rigor é a **razão inimiga da vida**. – Coisa terrível é a inteligência. Tende à morte, como à instabilidade a memória. O vivo, o que é absolutamente inestável, o absolutamente individual, é, a rigor, ininteligível. A lógica tende a reduzir tudo a identidades e a gêneros, a que não tenha cada representação mais que um só e mesmo conteúdo em qualquer lugar, tempo ou relação que nos ocorra. E nada há que seja o mesmo em dois momentos sucessivos do seu ser. Minha idéia de Deus é distinta a cada vez que o concebo. **A identidade, que**

é a morte, é a aspiração do intelecto. A mente busca o morto, pois o vivo se lhe escapa; quer congelar a correnteza fugitiva, quer fixá-la. Para analisar um corpo é necessário debilitá-lo ou destruí-lo. *Para compreender algo há que matá-lo,* enrijá-lo na mente... *Como pois, vai abrir-se a razão à revelação da vida ?* É um trágico combate, o fundo da tragédia, *o combate da vida com a razão.* É a verdade ? É vivida ou compreendida ?”¹⁴⁵.

E fechando seu caderno de anotações continuou Árago:

– Não é deste tipo parmenídico de racionalidade que Deus é, e sim do tipo supra-intuitivo ou de claridade contínua e ininterrupta; não de claridade feita de relâmpagos de luz interligados como a luz do estroboscópio, mas luz incessante. Ora, a intuição do gênio é lampejo isolado, e assim mesmo suficiente para quase aniquilá-lo num incêndio de êxtase que lhe causa juntamente alegria e sofrimento. O sofrimento, que vem a cavaleiro do gozo, resulta de o barro humano não suportar aquela luz esplendente que lampeja na intuição. Eis aqui como a racionalidade vem aqui pejada de emoção, de alegria-dor; ora, o sentir emoções, o possuir sentimentos, o ter êxtases, é próprio do que vive. Logo, a super-razão que não raciocina por cadeia de conceitos, mas vê, de um golpe, o globo inteiro e “*sente*” a verdade, não pode ser considerada coisa morta ou estática. Assim a *razão vital* de Ortega é viva, e não morta, porque a *verdade é sentida, emocionalmente vivida, num como que êxtase místico.* Só com tal hiper-razão se pode entender as coisas no seu dinamismo incessante, sem a necessidade de mumificá-la, de espetá-la, já morta, na prancheta do observador. O homem parmenídico deixa então de ser a máquina fria de raciocinar, de algum modo parecido ao morto cérebro eletrônico. O homem intuitivo não pensa por conceitos e sim por imagens vivas, e na sua imagética as coisas se casam se interatuam, se explicam, se mostram nas tendências que vão seguir e no resultado final a que vão chegar. Tal homem se assemelha mais a um artista que a um matemático; suas generalizações são de outra ordem, não se podendo fixar em fórmulas rígidas; ele ausculta o fenômeno e “*sente*” como é, e quando é chamado a dar explicações, afana-se em reduzir a apoteótica visão à misérrima linguagem planimétrica dos apenas racionais, feita toda de conceitos e símbolos mumificados. O mundo heracliteano do vir-a-ser se mostra no que foi e no que é, de onde o gênio intui o que será em sua máxima perfeição. Deste modo o gênio vive as suas idéias, e para vivê-las, claro está que não podem elas apresentar-se como cadeias de conceitos, mas sim, de imagens vivas e atuantes.

Fez uma pausa o mestre para descansar. Mas fustigado pelas idéias em tropel, pôs-se, de novo, a falar:

– Os gênios sabem jogar com conceitos, pois nesta linguagem têm de explicar-se, visto que fala a racionais. Todavia, para eles, não ocorre o que diz Platão que sentia a necessidade de amarrar as impressões para que não se escapassem como se foram as estátuas de Demétrios, que fugiam, durante a noite, se não estivessem atadas. As impressões são fugazes, fugidias, voláteis, e por isso, diz Platão, precisamos interligá-las umas às outras, acabando por apresá-las e fixá-las na imobilidade dos conceitos. Pois os gênios não só conservam a memória das impressões nas imagens, como ainda as criam, quando estas não existem, porque a par do meditar, o ver é quase nada. E é ainda a imaginação que enriquece o ver; provo:

E fixando os olhos em Chilon, disse-lhe:

¹⁴⁵ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 288 - 289

– Você me vai respondendo, pois tratarei de assunto bem caseiro. Ortega diz que quando Eva apresentou a maçã a Adão, este só podia ver meia maçã, que é a parte voltada para ele. Mas via u'a maçã inteira, porque sua imaginação completava a parte vista. Diz Ortega que a parte vista é a presente, no passo que imaginada é a compresente. Eu, Chilon, não tenho aqui, à mão, u'a maçã; mas tenho este bule do qual, há pouco, tomamos café. Olhe este bule Chilon.

– Estou vendo. Veja a metade apresentada à vista, e “vejo” a outra parte compresentada à imaginação.

– Feche os olhos, agora, Chilon, e procure enxergar o bule com a imaginação. Está vendo ?

– Estou.

– Vendo só a metade ?

– Não; vejo o bule inteiro. Dou voltas ao bule imaginariamente, e o vejo inteiro.

– Bom. Agora todos vocês verifiquem, conforme o exemplifica Ortega, que estamos nesta sala. Que espanto nos causaria se, ao abrirmos a porta, damos para o vazio, visto como esta casa, por artes mágicas foi suspensa no espaço. Se sucedesse isto, ninguém mais aqui estaria sossegado para estes estudos. Ficaríamos inquietos, temerosos de que minha casa fosse espatifar-se contra o solo a qualquer momento. No entanto, Chilon, como é que você está aí tão sossegado, agora ?

– Ora, pois é pela certeza de que a casa está no chão, tendo em volta a vizinhança que conheço bem.

– Pois então, meu nego; esta sala é-nos presente; e as vizinhanças da casa, compresente. Esta compresença que nos dá a segurança de estarmos aqui, é imaginada. Mas reparem que não se trata duma imaginação ativa, dinâmica, e sim de uma imaginação dormente, potencial, passiva, estática, como se fôra um estado de consciência. Trata-se de um capital imaginativo do qual podemos lançar mão a qualquer momento; aquilo que é estático, então, tornar-se-á dinâmico, no momento que o desejarmos, bastando que ponhamos em funcionamento aí nossa atenção. Com isto, provo, como prometi, que a imaginação pode mais que a vista. Minha vista alcança até o horizonte, minha imaginação vê o trans-horizonte; minha vista vê a matéria das coisas; minha imaginação vê a trans-matéria, vê o seu dentro feito de moléculas, de átomos, vê o dinamismo destes, vê as velocidades eletrônicas que causam a rigidez e a impenetrabilidade para outro sólido. Minha vista vê o céu pejado de estrelas, e minha imaginação vê o espaço sidéreo, e nele suspensa a mesma Terra em que habito, como se eu estivesse lá fora, no cosmo, enxergando o espetáculo maravilhoso que é esta máquina perfeita do sistema solar. Assim é que Platão podia ver o seu “topos uranos”, habitação dos deuses, e eu imagino que esse “topos uranos” rodeia o universo físico por todos os lados. Isto me dá a idéia de que Deus não é foco irradiante a partir de um ponto, o que seria limitação, mas, atmosfera de luz, daquela luz que, de vez em quando, inflama e incendeia com um só raio a mente e o coração dum gênio. Se o efeito do raio é duplo, sobre a mente e mais o coração, segue-se, assim o sinto, assim o demonstrei, que Deus é uma atmosfera de luz, que sabe sem raciocinar, e que ao mesmo tempo sente o mais alto sentimento que nos humanos é possível. Qual é o mais nobre e alto sentimento humano ? Chilon !

– Que outro pode ser senão o amor ?

– Pois é. Aquela Luz incriada é Amor e Sabedoria. Por isto Deus é o Ser estático conforme o pensar de Parmênides, nem um vir-a-ser como o desejara Heráclito. Ele é vivo; o seu Ser é o seu dinamismo feito de sabedoria e de amor. Deus não pensa nem é racional como o afirmara Aristóteles, porque quem raciocina, fá-lo por cadeias de conceitos e juízos, e isto para chegar a uma verdade; por isso o raciocinar é próprio de quem não sabe; ora, Deus é a sabedoria por excelência, é a última essência da sabedoria; logo, não pensa, mas sabe, sendo-lhe compresente todas as presenças tanto as que foram no passado, como as que serão no futuro. Deriva-se por todo o criado inflamando-o de vida e, sobretudo, de amor. Assim cada ser busca o seu contrário com o qual se une, em conexão, sendo este o *Eros* de que está cheia toda a Natureza. Entender esta conexão é objeto da filosofia, pelo que Ortega define a filosofia como sendo “a ciência geral do amor”¹⁴⁶. Mais: “Platão vê no “Eros” um ímpeto que leva a entrelaçar as coisas entre si; é – diz – uma força unitiva, a paixão da síntese. Por isso, em sua opinião, a filosofia que busca o sentido das coisas, vai conduzida por “Eros”. A meditação é exercício erótico. O conceito, rito amoroso”¹⁴⁷. E comenta Julián Marias: “Deste modo vai ligando o amor coisa a coisa e tudo conosco, em firme estrutura essencial. O amor é um divino arquiteto que baixou ao mundo – segundo Platão, (...) “a fim de que tudo no universo viva em conexão””¹⁴⁸.

Fazendo uma pausa, prosseguiu o mestre:

– Mas tornemos ao que íamos dizendo da compresença. Não é ela um estado ativo da consciência, mas passivo, estático, latente, que pode disparar a qualquer momento na sua corrente, no seu dinamismo. No entanto, como Unamuno se encrespa contra a razão, porque representa a redução do dinamismo a conceitos, a princípio e a fórmulas estáticas, vale perguntar-lhe: acaso a compresença não é o estado estático da imaginação ? Nós, cá, dentro, não sabemos que há o lá fora ? E pois, como aquele fora desta sala, latente em nossa imaginação, não nos solicita ? não nos perturba ? e tanto que podemos estar atentos a nossos estudos ? Que são os conceitos e princípios, e fórmulas, e leis, senão estados de consciência que podem desencadear-se em realidade viva a qualquer momento ? Acaso as ondas sonora não dormitam no sino em repouso ? O instrumento musical para ser instrumento há, então, de estar continuamente tocando ? Que é um disco gramofônico senão a imobilização de toda uma simfonia nos seus sulcos ? Que maravilhas não estão paradas nos quadros da fita cinematográfica ? e na fita magnética dos video-tapes de televisão ? E a escrita, que congela a palavra viva, sonante, cheia de emoção, acaso é morta ? Latência não é morte; é vida potencial e não cinética. Tal é o tipo de vida que vejo dormir num princípio, numa lei. Não vejo, pois, razão nas razões de Unamuno. A imobilidade do Ser parmenídico, vejo apenas como latência do mais acentuado tornar-se heracliteano. Os princípios e leis são dinamismos congelados nas fórmulas matemáticas, que se podem descongelar de novo, e de novo ser dinamismo e movimento. A vida conhece a esporulação que é um fechamento em si, até que surjam dias mais propícios. A árvore está imobilizada na semente, sem que ninguém cuide que a semente é coisa morta. A velocidade e o frio excessivos também congelam o homem sem o matar; quanto mais cresce a velocidade, mais o metabolismo diminui até o estado latente. Tais os recursos da vida que criou a inteligência que congela o mundo para tê-lo à mão numas poucas

¹⁴⁶ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 22

¹⁴⁷ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 98

¹⁴⁸ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 38

fórmulas. A razão não é contrária à vida, mas um recurso desta; se fosse a razão inimiga da vida estaria ainda por nascer. Uma anti-vida seria como a anti-matéria que só pode vingar um anti-universo. O dia em que a ciência conseguir uma porção razoável da anti-matéria, ter-se-á visto nascer a mais poderosa e mais que dantesca bomba ... a bomba de anti-matéria. Ao por-se ela em contato com a matéria, ambas explodiriam, e a massa de ambas transformar-se-ia totalmente, sem resíduo algum, em pura energia. Este é o limite da potência das bombas atômicas, a bomba de anti-matéria. A razão não é uma anti-vida; é apenas vida como razão. Não é preciso criar-se um racio-vitalismo como quis Ortega; ele já existe e está aí, é a razão mesma que já conhecemos.

Sofrendo um tanto seu entusiasmo, continuou o mestre:

– É incrível que Unamuno tivesse escrito que “a razão é inimiga da vida”; que **“todo o vital é anti-racional”** e que **“todo o racional, anti-vital”**. Donde é, então que nasceu a razão, Bruco ?

– Pois nasceu da vida, sendo ela uma fabulosa complicação do processo vital.

– Então foi a vida que criou sua contrária, sua adversária, sua inimiga, sua anti-vida ?

– Segundo Unamuno, foi.

– Por conseguinte, a razão é a morte ?

– Unamuno disse que a razão mata a tudo que toca ou submete, com reduzir tudo à generalidade das leis e das fórmulas secas. Isso mesmo: a razão significa a morte da vida.

– E a vida está mais próxima de ser Deus, ou mais próxima de ser o diabo ?

– De ser Deus, pois claro !

– Logo, a razão está mais próxima de ser o diabo, visto que se opõe à vida que está da parte de Deus. E dizem que Deus criou os anjos, sendo que os mais excelentes destes filhos se voltaram contra o Pai em guerra aberta, tendo sido, do empíreo, despenhados. Eis que agora nos surge um paralelo. Deus criou os filhos angelicais, porte dos quais se revoltaram contra o Criador; a vida criou o homem que se rebelou contra a vida pela invenção e uso da razão. A racionalidade é a rebelião contra a vida. Mas Deus expulsou os filhos rebeldes do empíreo; logo, a vida vai destruir o racional que lhe move guerra de morte, pois quer que todo o vivo seja morto. Seria, Chilon, esta a causa de, por mais de uma vez, o mundo retroceder à barbárie ? Usando a razão, a ciência, a técnica, os homens hoje, estão a pique de se engalfinharem, não havendo, ao fim, vencedor humano. Só a vida prevalecerá, em fim, para o recomeço dum novo ciclo. Ser racional, portanto, é estar marcado pela vida que o caça como a inimigo jurado, e só descansa quando o tem morto a ele que pretendia matá-la. Será, Chilon, que é isto que Unamuno gostaria de dizer ?

– Ah ! isso não sei.

– O certo, meu nego, que não é a razão e a ciência que vão destruir o mundo mais uma vez, porém, é o animal que jaz no homem. Não é o racional que destruindo, mata; mas o irracional, a animalidade que domina ainda o homem; é o egoísmo, a ganância, a sede de poder. Tudo o que

disse tem de ser entendido pelo avesso. A razão é amiga e salvadora da vida. Foi o instrumento que a vida criou para salvar-se. Salvo esteve o primitivo que, contra os dentes e as garras das feras antepôs a razão que o aconselhava a usar um pau. O homem precisa ser mais inteligente hoje, que noutros tempos, porque é mais poderoso; precisa desanimalizar-se, para que a razão não seja arma mortífera voltada contra o próprio peito seu. Não é na irracionalidade que está a salvação, mas na supra-razionalidade que é o elemento em que se movem os gênios. A vida esporeia o homem de hoje para que acabe de ser homem, e não, animal; para que seja mais inteligente para não morrer; para que faça da técnica e das riquezas instrumentos de bem-estar e não de destruição. É preciso confinar a besta-humana em suas jaulas, e não deixá-la solta, por aí, como agora vemos. As jaulas não são prisões onde se põem os celerados; são o autodomínio, são a consciência do perigo iminente, são o alerta, a vigilância, a carga de todos. A vida que criou a razão, lança-se agora a criar a super-razão: ou isto, ou retornaremos à barbárie, com a destruição de todos os valores da civilização.

Capítulo VII

Problemas do Nosso Tempo

Ao darmos início a este capítulo, tenhamos em mente, logo de começo e sempre, a bem fundamentada advertência de Ortega: “Convém abandonar a idéia de que o meio, mecanicamente, modela a vida; portanto, que a vida seja um processo de fora para dentro. As modificações externas atuam só como excitantes de modificações intraorgânicas; são, a bem dizer, perguntas que o ser vivo responde com ampla margem de originalidade imprevisível”¹⁴⁹. Esta advertência não exclui a técnica humana, nem a biológica, embora ambas apresentem um cariz de exterioridade. A isto, fale Fritz Kahn: “O cajado é o primeiro da longa série de instrumentos que foram acrescentados ao corpo como novos “órgãos”. Os instrumentos são órgãos artificiais. A bengala é um braço alongado; o martelo, um punho endurecido; os óculos são lentes óticas anteriores; e o capacete faz as vezes doutra calota do crânio. A história do reino animal corre por dentro da epiderme; a história da humanidade, por fora. E, enquanto naquela se fala de peixes ósseos e cartilagosos, nesta as fases da evolução denominam-se idade da pedra, idade do bronze, era das habitações lacustres, século da máquina a vapor ou da eletricidade”¹⁵⁰. A mesma vida que, agindo de dentro para fora, criou o ferrão, a antena, a garra, o chifre, foi a que produziu o varapau, o arco, a espingarda e o canhão. É dentro que as coisas nascem como réplicas aos reptos do meio; este, por si só, nada produziria, se não houvesse um *dentro vital criador*. A vida quer subsistir, e este querer da vida espalhou, a mãos-cheias, as maravilhas da natureza que nos convidam a entrar nelas para lhes descobrirmos os segredos. Ela, a Natureza, é a eterna Esfinge a dizer a Edipo (do infusório ao homem): “Decifra-me, ou te devorarei!” Na decifração deste mistério consiste a ciência de que decorre a sabedoria.

¹⁴⁹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 319 - 230

¹⁵⁰ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 468 - 469

O grande enigma que azucrinou tanto, e por todo o tempo a mente de todos os filósofos, foi que sendo Deus sabedoria, amor e bondade, criou uma natureza polarmente oposta a si, de modo que sendo ele o Ser, os pensadores acharam que este nosso mundo natural é o do *não-ser*. Não atinaram, todavia, que sendo Deus Amor, o mundo se nos mostra no oposto do amor que é o egoísmo.

Amor e egoísmo são termos reversíveis numa equação, os quais, em se passando do primeiro membro para o segundo, e vice-versa, trocam-se os sinais. Diz-se que *Eros* (amor) é o princípio de integração; mas há também integrações que se fazem com base no egoísmo. Como, logo, distinguir o amor do egoísmo? Não é difícil: o amor tem em vista o *outro*, age a partir do outro, *alter*, daí altruísmo. Em oposição, o egoísmo atua em função do eu, e ainda que traga um benefício para o outro, age para satisfazer-se, para satisfazer a uma necessidade do eu, do ego, egoísta. Daí que há o egoísmo que, para satisfazer-se, busca o outro para fazer a ele um bem, e este é o *egoísmo sábio* ou dilatado; em sentido inverso, há o egoísmo que se fecha tentando arrastar o outro para si, com o fim de tirar dele uma vantagem, sem lhe dar nada em troca; este é o *egoísmo ignorante*, não no sentido de se abrir para o outro, dadivosamente, mas no sentido de fechar-se sobre si mesmo, arrastando para si o outro com o qual busca enriquecer-se. Ora, o *egoísmo sábio*, conquanto tenha sentido oposto do *Amor*, com este se confunde.

Dizemos, então, que a natureza é egoísta, porque invertida; porém, como parte dela já se desinverteu no *egoísmo sábio*, vemo-la ora agindo como *egoísmo ignorante*, violento, destrutivo, ora como *egoísmo sábio*, dadivoso, criador. Todavia, como, invariavelmente, sem exceção, o *objetivo é a satisfação própria, do próprio eu que age*, por isso dizemos, de um modo genérico: a natureza é egoísta.

Assim, a natureza é egoísta, a partir do átomo em que uma partícula busca sua contrária para com ela completar-se. O núcleo atômico anseia pelo elétron, e este por aquele; cada um quer o outro, não por amor do outro, mas por amor de si mesmo. Todo átomo em cuja calota externa falta um elétron, está sempre pronto a aprisionar um outro átomo que tenha um dente eletrônico sobrando na calota externa. O fim da natureza química é alcançar o cosmo perfeito de um gás nobre que, porque nobre, se basta a si mesmo sem de nada precisar. Os corpos compostos estáveis, procedem, por sua vez, como os gases nobres. Este buscar no outro o que a si lhe falta, não pelo amor do outro, mas pelo amor de si, chama-se egoísmo, anti-Eros. Por este modo a natureza se organiza escala acima, e no reino vegetal cada indivíduo desejaria encher só consigo, com sua exclusiva descendência, o mundo inteiro. Todavia, o vegetal, no seu anseio de dominação egoísta, encontra outro vegetal que reage e se defende com sombra, com o espinho, com o veneno. Deste modo agride a planta sua próxima, e esta opõe resistência que é também outra forma de agressão. Eis, pois, que, de opostos egoísmos em luta, se estabelece o equilíbrio, e a paz natural é a Pax Romana de estar sempre preparado para a guerra: si vis pacem, para bellum!

Esta guerra sem tréguas, chagada ao mundo animal, se nos mostra referta de todas as armas de ataque e de defesa: a couraça, o dente, o aguilhão, a farpa envenenada, a camuflagem astuta, o astuto mimetismo, o ludíbrio, o engodo, a mentira, tudo são meios para atacar ou para defender. Aqui se fecha sobre si o bicho-bola, parecendo uma semente inerte, tanto que alguma coisa o roça; ali, o besouro (calióptero) que pousa do vôo, às cambalhotas, e por certo tempo finge-se de morto, até que se desvie de si a atenção de algum possível animal terrestre ou aéreo que o tenha seguido

com a vista; acolá, o camaleão, e mais além, o polvo dum aquário, ambos a se ocuparem em mudar de cor, assemelhando-se, quanto possível, à do ambiente. Astúcia e força mantém a ouro-fio a sorte da infundável guerra, mas quando o adversário cai vencido, o vencedor tem pronto o seu banquete.

E que um Deus Bondoso, Deus de amor, pudesse ter criado tudo isto, jamais pôde ser compreendido, não atinando os filósofos que nosso mundo se nos mostra no avesso, estando invertido o amor no seu oposto, no egoísmo.

Os unicelulares aparecem na história da vida como indivíduos isolados, independentes, cercados de inimigos tão egoístas quanto eles próprios, contra os quais era preciso precatar-se. A premunção manifestou-se através das três alternativas das quais a terceira foi a arregimentação em colônia. Com a divisão do trabalho originada pela diferenciação das células, a colônia tornou-se num *estado celular*, criando, mais tarde, um comando central e único, um grupo de células especializadas que se aglomeraram no primeiro gânglio nervoso. O estado celular, como, depois, os demais Estados, já se vê, implica a idéia de *dinamismo*, e não, de coisa estática, parada, como pensaram os gregos. Por este caminho, o que era antes uma colônia celular, tornou-se num organismo superior – o indivíduo pluricelular. A cadeia, pois, iniciada com os indivíduos unicelulares, acaba nos seres pluricelulares, também indivíduos, assim expressa: indivíduos – fase → colônia simples → estado celular → indivíduo superior. Indivíduos no começo, e indivíduos no fim. Mas se descermos abaixo dos unicelulares mais simples, as bactérias, verificaremos que também se constituem de partes, levando-nos à idéia de que dada indivíduo unicelular, por sua vez, é um coletivismo constituído de cadeias gigantes formadas de muitas bio-moléculas associadas. E pode ser que, nos primórdios da vida, houvesse seres vivos pré-bacterianos. Este é também o pensamento de Wells e Huxley quando escrevem: “Se a matéria viva se originou da matéria inanimada, devemos admitir que existam condições intermediárias. Com esses bacteriófagos talvez tenhamos descoberto o “elo que faltava” entre os dois estados da matéria, assim como descobrimos, com o *Archaeopteryx*, o elo que faltava entre dois outros estados da matéria, os répteis e aves. Se se confirmarem certas pesquisas recentes, suporemos que esses bacteriófagos podem ser partes simi-vivas de células, que se soltaram no mundo, deixando de cooperar nos limites da vida; pois, segundo parece, essas partículas ultra-microscópicas, nas quais as bactérias são destruídas pelos bacteriófagos, podem ocasionalmente persistir e juntar-se de novo para formar mais tarde bactérias de grande tamanho”¹⁵¹.

Se for comprovado isto, as bactérias são colônias de algo semelhante aos vírus bacteriófagos. Uma coisa, porém, é pacífica: as bactérias são compostas de partes associadas que descem de seu nível até os átomos.

Os indivíduos pluricelulares ou os seres superiores, repetem o corrido mais abaixo, e eles, a seu turno, também se associam em organizações coletivas. Uma colmeia, um termiteiro, outra vez, são *estados*, unidades orgânicas e dinâmicas, com indivíduos especializados, e conseqüente divisão do trabalho.

Fixando nossa atenção num ser unicelular, verificamos que ele tem duas necessidades básicas: a da sobrevivência própria e a da sobrevivência da espécie. Para sobreviver, não ainda

¹⁵¹ Wells e Huxley, História e Aventuras da Vida, 37

conviver, mas apenas sobreviver, o unicelular, que é um *egoísta*, se fez, por isto mesmo, ladrão e devorador de outras espécies. Aqui está o *egoísmo* individual sobre que se alicerçam todos os demais egoísmos.

No entanto, existe uma impulsão egoística de querer sobreviver nos descendentes, o que, no unicelular, é feito pela segmentação dupla ou múltipla, pela cissiparidade. Tal processo persiste, indefinidamente, nos níveis muito inferiores; mas quando a vida se potencializa mais, faz-se necessário, de tempos a tempos, o conjugamento dos unicelulares para reforço das energias vitais do plasma. Primeiro, o *egoísmo individual* com que o infusório quer, e luta para sobreviver; depois quer perpetuar-se nos filhos que é isto o *egoísmo da espécie*. Mais tarde, porque diferenciados, especializados, e *por isto dependentes*, para proteger-se, tais egoístas se associam, unem-se em colônia, e vem o *egoísmo coletivo*. Com a alta especialização das células da colônia, ela evolui para um indivíduo superior, e, de novo, aparece o *egoísmo individual*. Daqui podemos enunciar: *o egoísmo coletivo da espécie inferior é o egoísmo individual da espécie superior*.

Afigura-se-nos, então, que o *egoísmo individual* anda e se sustenta sobre duas pernas que são dois instintos básicos: o da *preservação da espécie* e o *gregário*. Se não houvesse, já no unicelular, o gregarismo, ele não se irmanaria a outros, formando colônias. Mas agregou-se porque, em se tendo especializado pela *somação* ou *subtração* genética, se sentiu fraco para lutar sozinho contra o meio adverso. Como foi para *defender-se*, como indivíduo, que o unicelular se associou, segue-se que o instinto gregário é uma perna em que se apoia o *egoísmo individual*. O instinto associativo nasceu da necessidade de sobrevivência própria, donde vem que ele decorre do egoísmo individual.

Com a especialização, o unicelular teve de unir-se a outros em colônia, em seres superiores; com isto, ele, individualmente, ficou impedido, após esgotada a energia vital do seu próprio plasma, de encostar-se a outro para as trocas bioquímicas de reforço, só podendo reproduzir-se até certo ponto para a formação da infra-colônia órgão. As células incumbidas da formação do olho, do fígado, do pâncreas, uma vez formados tais órgãos, param de reproduzir-se no mesmo ritmo, e, quando o fazem, é só para ocupar os vazios deixados pelas células mortas e desassimiladas pelo organismo. Com isto, a função de perpetuação da espécie nas células integrantes dos seres superiores, ficou delegada a um grupo de células primitivas, indiferenciadas. Consequentemente, o unicelular, quando associado, abdica da *função de propagar-se* a si mesmo, em favor da *especialização* noutra área de atividade que não a da reprodução. Quer dizer: com a *especialização* cessa a reprodução, constante, repetitiva e indefinida. Quando a energia vital do plasma de todas as células, então especializadas, se exaure, sobrevem a morte; consequentemente a morte existe, também, por causa da especialização. Acrescentando este fator novo, a morte, podemos dizer: com a *especialização* cessa a reprodução e surge a *morte*, ao fim de certo tempo.

A diferenciação resulta da somação ou subtração genética, e impõe, ao indivíduo, ou associar-se, ou morrer. Se o dar-se a si mesmo nos filhos, ou perpetuar-se, é egoísmo, associar-se a irmão também o é, porque, neste caso, o que se busca é a defesa própria; e ser em si mesmo é mais do que ser nos outros; este segundo ato egoístico, a autodefesa pela associação, porque mais alto e mais complexo, substitui o primeiro, caindo, para o unicelular integrado em colônia, o impulso da perpetuação de si mesmo, de sua espécie peculiar, ou seja, de célula diferenciada, reservando sua energia para ser aplicada a outros fins. Deste modo, num ser colonial complexo, num ser pluricelular, as células especializadas que se integram nele, conservam seu *instinto básico de*

sobrevivência e o *instinto gregário*, sendo este último decorrente do primeiro, ou seja, a autodefesa pela associação, como ficou dito.

Como as observações da biologia o demonstram, com a *especialização*, cessa a *reprodução* das células integradas nos organismos superiores. E quanto mais especializadas, menos se reproduzem. Nos seres inferiores como os vermes, como os artrópodes (caranguejos, camarões, lagostas, etc.) , uma pata ou pinça podem ser regeneradas. Mais acima, o tritão pode criar nova perna no lugar da mutilada, e os lagartos, novas caudas, a partir de um botão regenerativo. Contudo, nem o verme platelminto consegue regenerar a cabeça. As células de nosso corpo regeneram-se, isto é, se reproduzem para preencher os vazios deixados pelas células mortas; todavia, as células nervosas não se reproduzem; por que ? Por causa da alta especialização.

O mesmo ocorre com as organizações coletivas, como as abelhas, como os térmitas, como as formigas. As abelhas e formigas operárias não se reproduzem, nem os operários e soldados térmitas; por que ? Por causa da especialização.

No nível humano, a alta especialização totalmente absorvente do gênio na filosofia, nas artes, no misticismo, sublima e faz abrandar a impulsão sexual. O homem médio possui forte impulso sexual porque se mostra indiferenciado, não especializado. Nas camadas inferiores da sociedade humana, o sexo impera com mais vigor que nas altas; daí que “o leito da miséria é fecundo” (Osmard Andrade Faria), e o da opulência, pouco prolífico; daí que os seres mais evoluídos se reproduzem pouco. O sexo tende a abrandar o seu ímpeto, quando é possível a sublimação em atividades altas, fecundas, absorventes. Já o vimos no unicelular especializado, e por isto, integrado nos organismos superiores. Agora se compreende por que nos anjos não há sexo, enquanto este persista e atormente os espíritos luxuriosos das zonas inferiores. O amor platônico, no seu verdadeiro sentido, (não no deturpado de homossexualismo), não é um mito; ele existe de fato no lugar resplendente, e liga, e integra os células na unidade do social .

Num nível muito mais alto que o dos unicelulares integrados, como é o do homem em sociedade, os três instintos também existem, e na mesma ordem: primeiro o instinto de conservação individual que é o básico, e os dois outros decorrentes, as já aludidas duas pernas: o instinto de perpetuação da espécie e o gregário. Outra vez o instinto gregário resulta da diferenciação que obriga indivíduos especializados a se integrarem, como, por exemplo: o *homem-sócio* e a *mulher-sócia* se unem para formar a família que é a célula-mater do social. Qualquer desintegração do social acaba por reduzir o homem e a mulher sócios em indivíduos isolados.

Podemos assentar a premissa de que o homem, ao nascer, traz, um atuante e dois em germe, três instintos quais sejam: o de autoconservação (egoísmo individual), o de conservação da espécie (egoísmo biológica) e o de conservação da sociedade (egoísmo coletivo). Trata-se de três instintos em que há apenas diferença de grau: quero viver eu mesmo; depois, quero-me nos filhos; finalmente, quero-me garantido, a mim e aos meus, no social. Se fosse possível a um indivíduo anular completamente seu egoísmo individual, nesse ponto ter-se-iam cessado os demais egoísmos que nascem dele. Não são, portanto, três instintos estanques, separados, mas decorrentes do primeiro, o de autoconservação. Quem quiser anular-se, como fazem os budistas autênticos e muitos místicos cristãos, sobretudo no passado; quem desejar *negar-se como vontade de viver* neste mundo com vistas ao outro (cristãos), ou com vistas ao Nirvana (budismo), primeiro isola-se, indo-se para um lugar ermo, mete-se numa cova, que é isto matar, em si, o instinto gregário; se, aí,

a comunidade dos anacoretas cresce, o indivíduo se isola, ainda, no topo duma torre (estilita), e com isto se reforça na negação do instinto de socialização. Concomitante ou antecipadamente, volta-se contra o sexo, negando-lhe qualquer satisfação. Finalmente, se põe a mortificar a carne pelo jejum, pelo silício, pela recusa de remédios; começa a dormir no chão limpo, debaixo das árvores (bonzos), e ainda, não muitas vezes sob a mesma árvore, para se não lhe apegar. Ora, se o último instinto a ser vencido é o da autoconservação, segue-se que é ele o básico, por excelência, sendo, os demais, decorrentes.

Os três instintos imperam no homem, e podem ser traduzidos por *indivíduo*, *sexo* e *sócio*.

Esses instintos, no entanto, não têm a mesma gradação para todos os homens; há os individualistas inferiores, egoístas fechados, que pensam mais em si que em tudo o mais. Não confundir este individualista inferior com os superiores (gênio, sábios, santos) que são forçados a se isolarem, ou são marginalizados pelo social, porque não acham seu ambiente próprio de integração. Os individualistas superiores representam o futuro da raça, a sociedade futura, no passo que os individualistas inferiores revivem o passado pré-humano transposto. Entendamos esta diferença para não sermos injustos.

O individualista inferior, o egoísta fechado, tende para a avareza e a glotonaria. O avarento em grau extremo tem nas riquezas seu ponto de fixação, não lhe lembrando filhos nem convívio social; se pode abrir mão de um pouco, dá para ser glutão, pois só os prazeres da mesa o distraem da adoração do dinheiro.

Igualmente há os que só pensam no sexo e coisas decorrentes dele, e esses constituem a maioria, sobretudo na mocidade; em tais homens e mulheres, o instinto da reprodução não dá trégua, e não raro descamba para a luxúria.

E há os em que predomina o instinto gregário, social, que, como se vê, são os superiores, e por isto mesmo, em número menor. Os individualistas superiores pertencem a este grupo, e seu *individualismo aparente* resulta de que estão *sozinhos* à frente do social, e representam o porvir da humanidade.

Pelo visto em todo este estudo, o sexo foi uma coisa imposta à reprodução, e esta e aquela deixam de existir quando os indivíduos se especializam altamente. Mas o instinto de auto-preservação de que decorre o instinto gregário, um e outro pervive para sempre. Se prendermos com os dedos uma abelha que nos visita uma flor do jardim, ela nos pica, certamente, para defender-se individualmente. Pica-nos também se formos mexer-lhe na colmeia, e agora, não para defender-se a si, mas para defender o que considera *seu*. Contudo, a abelha é estéril, não se reproduz, porque especializada.

Vejamos, todavia, como, na aurora humana, os homens individualistas superiores atuaram e organizaram o social constituído quase inteiro por individualistas do tipo inferior, com seus egoísmos ainda fechados: Para que possa formar a sociedade, é preciso que o indivíduo se disponha a cercear o seu egoísmo individual, e este cerceamento se dá, pelo menos no involuído, não por alta compreensão de fins por parte dele, sócio, que isto seria já sabedoria, mas por *causa da resistência* que o outro lhe oferece. Querendo expandir-se o egoísmo de um, no sentido avassalador de dominar o contrário, encontra neste decidida resistência. Então se estabelece uma

harmonia baseada no equilíbrio de forças egoísticas de direções opostas. Mal fraqueja uma, a outra invade, avassala, domina, escraviza.

Neste ponto, e para evitar isto, atua um princípio novo, superior, que é a vontade mais alta e soberana de um terceiro que se faz chefe (individualista superior). Se, para o convívio privado, dois é bom e três é demais, no social este terceiro termo é indispensável para estabelecer o equilíbrio, a ordem, a paz. O ponto de vista deste chefe, seu arbítrio, é a gênese da lei civil, da justiça e do direito. Já não se pode fazer o que quiser ao outro, ainda que mais fraco, porque ele apela para o chefe que impõe o seu arbítrio como lei apoiada na força de que dispõe já em si e já na somatória das forças dos que o seguem e obedecem.

Num bando de macacos verificamos já evidenciar-se este processo. Outra vez o tema se repete: *sem uma ordem que vem de cima, embaixo não se organiza o caos*. No degrau mais alto da escala espiritual, invertida agora por efeito da queda, jazia um ocupante que, em se encarnando, mostrou-se superior aos demais do bando, e, por isto, se fez cabo e chefe. Este, logo, impõe que cada um *respeite o limite do egoísmo alheio*. Eis a justiça no seu nascedouro. O respeito pelo limite do egoísmo alheio está garantido por uma instância superior à qual se pode apelar. Então, a presença do chefe dá unidade ao grupo, pela existência de um direito e de uma justiça embrionários – a vontade e as determinações do chefe e guia do bando.

Cada elemento do bando sentindo-se fraco para vencer sozinho o meio adverso, perigoso, tem que buscar a associação. Aqui, terá que submeter-se; terá de abdicar do seu arbítrio anárquico, em favor duma ordem comum. Seu egoísmo ainda fechado o levaria a ser injusto, e a não respeitar a vontade alheia, também egoísta, tanto quanto a dele. Mas, ao tentar isto, encontra uma resistência nos outros, tanto maior, quanto maior e melhor organizado forem esses outros que formam o coletivo. A ordem vem do mais alto, e o chefe centraliza em si a vontade do coletivo. Pouco a pouco este hábito, este consenso, este costume de obediência ao chefe que impõe o *respeito pelo limite do egoísmo alheio*, vai-se entranhando no psiquismo de todos, e o que era pressão de cima e extrínseca, vai-se tornando na intrínseca e desejada adesão à vontade da lei.

Ora bem: cada grupo possui suas leis próprias, mas não reconhece as dos outros grupos rivais. Assim, enquanto não surgir outra ordem legal mais alta, ainda mais geral, que integre os grupos em nova unidade, esses não sempre de estar em pé de guerra. Duas sociedades diferentes, regidas, cada uma por princípios legais próprios, se acontece enfrentar-se, a forte vence a fraca, a subjuga, a escraviza ou a destrói. Tal o foi no passado, tal o será no futuro, enquanto o homem for dragontino. E a religião? A religião toma a forma do involuído, e o bondoso Deus é invocado por ambos lados para sacramentar os barbarismos praticados em seu nome. Assim fez o católico Fernão Cortês no México, os protestantes nos Estado Unidos e os católicos dos pés do Papa e com sua omissão ou anuência, na Abissínia, um pouco antes da Segunda Grande Guerra. Os índios peles-vermelhas viviam suas vidas, até que apareceram os colonizadores ingleses no solo americano. Tais colonizadores (uma sociedade) acharam que a terra dos índios (outra sociedade) lhes pertencia... por que direito? Só pela da força, pois claro, e por isto, acabaram com os índios das duas margens do Mississipi. O forte comeu e engoliu o fraco, como faz qualquer besta feroz cuja felicidade consiste em sobreviver à custa de sua vítimas. A vida, em todas as suas manifestações, busca a felicidade que consiste na plena satisfação de todas as necessidades e anseios. Cada americano era um sócio perfeitamente de acordo em que os peles-vermelhas deviam ser exterminados, para que eles, os sócios, pudessem possuir a terra. Quem estivesse imbuído dessa

consciência era um indivíduo integrado à sociedade a que pertencia. Quem fosse contrário a essa dominação pela força e extermínio pela violência; quem julgasse isso tremenda injustiça, era “*imatur*” ficando, conseqüentemente, “*marginalizado*”. Cristo e Sócrates, por idênticas razões, foram figuras marginais contra os quais a sociedade (Estado) se levantou para aniquilá-los, exatamente como também fazia aos celerados, aos bandidos, também marginais. Cristo foi ladeado por dois bandidos, tão marginais quanto ele. O título sobre a Cruz de “Rei dos Judeus” não foi reconhecimento nenhum, mas o modo de Pilatos se vingar dos judeus, por terem estes enlameado sua toga de juiz.

Face ao exposto, há dois tipos opostos de marginais: os da banda de cima da sociedade, que são os individualistas superiores, gênio, sábios, santos, ou seja, os superqualificados, e os da banda inferior dela, os involuídos, subqualificados, isto é, os individualistas inferiores, cuja evolução está abaixo da média. Nenhum destes dois extremos pode realizar-se, não pode encontrar a felicidade que é a plena satisfação de todas as suas necessidades e anseios. A sociedade reage de igual modo a ambos extremos, seja à atuação do gênio que *supera* as regras mais ou menos fixas, que todos devem obedecer, sob pena de ser, o desobediente, colocado à margem, seja à atuação do indivíduo que as *desobedece* por incapacidade ou impossibilidade de cumpri-las. Pelo visto, há três tipos de indivíduos que se classificam em *injusto* (o margina de baixo), o *justo* (o meio da faixa da mediocridade) e o *sábio*, o *bom*, isto é, aquele que vive no futuro a que ainda o coletivo chegará.

Que é, pois, a justiça ? É o oposto, a negação, a contraditória da injustiça. E que é, então, a injustiça ?

Já o dissemos: todos somo egoístas; temos nossa *vontade* posta ao serviço do nosso egoísmo. Quando um indivíduo *afirma sua vontade egoísta*, mas nega a *mesma vontade no alheio*; quando, por isto, ele invade a área do *egoísmo do outro*, desrespeitando o limite, impondo-lhe *só o seu*; esse é o injusto. Assassinar um homem é negar a esse homem sua *vontade de viver*, seu *egoísmo individual* que lhe preserva o ser; fazer-lhe qualquer violência, mutilar-lhe um membro, intencionalmente, por exemplo, é já praticar um homicídio que varia apenas de grau (Schopenhauer). Furtar o alheio, seja por violência, seja por embuste, engano ou astúcia, é invadir a zona do seu egoísmo, é negá-lo, tomando o fruto do trabalho em que se condensou o esforço do seu labor, nascido do seu querer. O trabalho se condensa naquilo que o indivíduo chama “*seu*”; e como o *eu* e o *meu* se confundem, furtar o alheio é, em parte, destruí-lo a ele. O roubo, portanto, é uma forma leve de homicídio que apenas varia de grau. Matar um homem, mutilar-lhe um membro, roubar-lhe as posses são homicídios em que há apenas diminuição de grau, e a punição da lei para o infrator, sendo proporcional à ofensa, e mais leve para o furto do que para o assassinado. Fazer tudo isto é praticar injustiça, e daí que a lei civil pune o transgressor, não com vistas ao passado, ao já consumado (vingança) mas objetivando o futuro (escarmento a outros). O código penal, diz Schopenhauer, é o mais completo repositório dos contramotivos. Todos os motivos que induzem ao crime, estão previstos, contra os quais se apresentam os contramotivos que dissuadem os criminosos potenciais da prática de delitos futuros. Tal tem que ser o sentido da lei, para não ser *vingativa*, e sim, *preventiva*. Esta é a razão por que se encontra, na Inglaterra, a vetusta fórmula da acusação, segundo a qual, já no seu final, o advogado da coroa diz ao réu: “Se tal vier a ser provado, vós, o denominado N.N., sereis punido

com as penas estabelecidas em lei, a fim de dissuadir os outros da prática de semelhante delito, para o futuro”¹⁵² .

Então, que é a justiça ? É o respeito pelo limite do egoísmo alheio; é o reconhecimento, por bem ou por mal, de que, no outro, há uma *vontade que quer*, a qual não pode ser invadida ou anulada sob nenhum pretexto; por bem, se isto for aceito, desejado e procurado pelo justo; por mal, se for imposto pela força, como um forma de coerção extrínseca vinda do Estado.

Platão escreveu um livro, “A República” , para definir a justiça. “*Justiça é termos e fazermos o que nos compete*. Mas, o que nos compete ? Tal definição é vaga, porque não explica o que nos compete *fazer* ou *ter*, nós que, visceralmente, somos egoístas... Então, coerente com nossa tese, aventamos que a *justiça é o respeito pelo limite do egoísmo alheio*. A gênese da justiça só pode ser procurada na origem dos tempos em que um gênio desconhecido, primeiro legislador, e chefe, e sacerdote, bateu no chão seu varapau, símbolo da justiça... que ainda hoje se chama vara.

No começo só havia a injustiça (ou justiça da força, do mais forte) que é a invasão da zona do domínio alheio, até seu corpo que podia servir de comida ou de escravo. A reação igual do outro egoísta marcou o limite que não podia ser transposto. A sociedade, na pessoa do chefe, então, aceitou essa verdade inquestionável, e esse era o germe do Estado como uma construção superior que pressiona para baixo, impondo aquele limite, pela força, aos recalcitrantes. Saber e sentir que há no outro uma vontade, tal como a minha, e respeitá-la, nisto se cifra a justiça. O homem que vive esse princípio é o *justo*. O direito é a demarcação desse limite intransponível, e o ousado que o ultrapassa é punido pela lei, e, em caso de emergência, de urgência iminente, o agredido pode reagir pela violência indo até ao ponto de matar o agressor, em legítima defesa pessoal, ou do lar, ato perfeitamente reconhecido pela lei.

A justiça que conhecemos em nosso mundo, está em evolução, sendo, portanto, relativa, e tanto mais perfeita, quanto maiores forem os conhecimentos, ou, de outro modo: quanto maior for o número de *verdades verdadeiras* a compor o *conjunto-verdade* do coletivo, tanto mais perfeita será sua justiça. O primeiro que instituiu a escravidão, por exemplo, foi um benemérito da humanidade (Ortega), visto como, em vez de matar o vencido, como até então se fazia, pensou em aproveitar-lhe o trabalho. Trata-se, pois, de um homicídio, com apenas variação de grau. Ora, furtar o produto do trabalho é menos que roubar a vida. Quem, logo, pensou em diminuir o dano foi um benfeitor. A instituição da escravatura é mais suave do que a matança em massa dos inimigos como era feito antes.

E a bondade ? A bondade é um *além-direito*, já situado no círculo maior da ética, da moral; ninguém é obrigado pela lei a ser bom, mas é obrigado a ser justo, a não violar os preceitos legais. A bondade é uma transposição do limite do alheio, não para tomar, mas para dar, ou para ajudar a vontade desse alheio a realizar-se. A bondade, pois, é este ir ao encontro da vontade alheia, não de encontro, mas ao encontro, não ao arrepio, porém, no mesmo sentido dela; não para negá-la, e sim para ajudá-la a efetivar-se; em lugar de *negar a vontade* dos outros, para impor a própria, vai-se-lhe ao encontro, para auxiliá-la, *se justa*, a vencer as resistências ou os obstáculos existentes. Isto é fazer o bem, enquanto que, no caso contrário e no extremo oposto, é ser injusto e mau. Portanto, a

¹⁵² Schopenhauer, O Mundo Como Vontade e Representação, 137

justiça é um equilíbrio de forças egoísticas; a injustiça, uma negação da justiça, e por isto, um desequilíbrio em que vence o mais forte, sem um organismo estatal que se oponha a esse mais forte injusto. O amor, a bondade, é uma afirmação donde sua positividade para além da justiça, já no círculo maior da moral.

No entanto, como o egoísmo persiste, quem faz o bem, fá-lo, egoisticamente, por saber que para si o faz, a longo prazo, seja porque terá a recompensa do esforço, alhures, noutra mundo (egoísmo místico), seja porque, em fazendo o bem que pode aos outros, não só conquista amigos, e a amizade é um bem, como ainda enriquece o meio social de que é partícula, o que redundará em fazer o bem para aquilo ou aqueles que considera *seus* (sabedoria). Nisto, nesta expansão consciencial, nesta dilatação do egoísmo, consiste a *sabedoria* que se confunde com o *amor*, pelo que o homem se tornará *amoroso por que sábio*, diferente do celicula que é *sábio por que amoroso*.

Então a bondade se cifra neste *egoísmo sábio* ou *egoísmo dilatado*; a justiça é o egoísmo cerceado, temperante, relativo, evolutivo, em via de abrir-se para a bondade; a injustiça é o *egoísmo fechado* que leva o involuído a sentir-se o centro do mundo, para onde tudo haveria de arrastar, se pudesse tornar-se tão absoluto como Luiz XIV que dizia inchado: “o Estado sou eu”, ao invés de afirmar: eu sou do Estado de que faço parte integrante; não me pertença a mim, mas a ele, e só o considero *meu*, porque o amo.

Do exposto, concluímos que só o *egoísmo sábio* integra com plena satisfação das necessidades todas; que o *egoísmo cerceado* (justiça) cria um clima psicológico de relativa calma e conformação, em que se está em paz, Pax Romana, Pax Sínica, resignada, tediosa, nostálgica, indiferente para com o poder central todo-poderoso, mas ausente, distante, lembrando uma frase de Schopenhauer que diz: “Vive-se com a Itália como se vive com a amante; hoje brigando e amanhã adorando-a; vive-se com a Alemanha como se vive com uma dona de casa: sem cólera e sem amor”¹⁵³. Tal a vivência para com a lei civil por parte da maioria: “sem cólera e sem amor”.

Como se vê, fazemos tudo decorrer do egoísmo que, quando expandido, dadivosamente, se chama sabedoria, bondade. O direito *justo e perfeito* é aquele que ainda não existe, porque filho somente de conceitos verdadeiros, e ainda não somos detentores da Verdade. Indo no rumo dela, nosso direito é relativo, evolutivo, donde vem que aquilo que foi considerado verdadeiro num tempo, e lastreou o direito e a justiça que mataram Cristo e Sócrates, que sancionaram a escravidão, se passou para o oposto, para a falsidade, para a injustiça, no futuro que é hoje. Trasímaco, Machiavel e Nietzsche assentaram que a *justiça é a vontade do forte; ser justo é ser forte; o que vence é justo*. Para Cristo, *ser justo é ser bom*. Para Sócrates, *ser justo é ser sábio*, o que vem a dar na mesma definição de Cristo, visto como *sabedoria* e *bondade* se equívalem. Nós aventamos, como decorrência de nossa tese, que *a justiça é o respeito pelo limite do domínio alheio*. Para nós, a justiça diz respeito ao círculo do legal, pelo que a bondade, com pertencer ao círculo maior e concêntrico da moral, está para além da justiça, da justiça que conhecemos. A *justiça perfeita é aquela que*, porque lastreada só em conceitos verdadeiros, porque fundada no *conjunto-verdade* de que se expungiram todas as verdades falsas, tidas por verdadeiras, *se confunde com a bondade*. Mas então, o legal e o ético já se acham absorvidos pela moral na subida que vai do mental ao moral: mental → moral.

¹⁵³ Schopenhauer, O Mundo Como Vontade e Representação, VI - VII

No *egoísmo sábio* está a superação da justiça pela bondade, porque o *egoísmo dilatado, sábio* é equivalente ao amor. A sabedoria é a forma, a essência do amor, no passo que, pela recíproca, o amor é a substância da sabedoria. A sabedoria consiste no *conjunto-verdade* alimpado de todas as verdades falsas, e, por isto, como *princípio de razão*, pertence à esfera do mental. O amor é o mesmo *conjunto verdade* que faz a sabedoria, porém, no seu aspecto *substancial, vivencial*; é a sabedoria tornada concretização, objetivação na conduta e nos atos, na vida atuante, efetiva.

Com base no egoísmo, a ordem se foi estabelecendo de baixo para cima, e a partir do caos mais inteiro, mas sempre sob a pressão dum princípio superior, resultando que hoje o mundo humano é o trânsito para níveis superiores. Assim, o homem se acha ainda incompleto, sobretudo no que diz respeito às mais altas criações. Como os compostos estáveis da química mineral, ou como os gases nobres, que se mostram como cadeias fechadas, os animais quedam-se também fechados, estáveis, em seus instintos, perfeitamente seguros de si mesmos, sem nenhuma íntima angústia; e se vivem em sobressaltos, alterados, atentos ao contorno, é por causa dos inimigos possíveis que lhes possam sobrevir. Já o homem, como as cadeias abertas da química do carbono, mostra-se também aberto a infinitas possibilidades; possuidor de poucos instintos naturais, sem predeterminações, com inúmeras alternativas, está pronto sempre a equivocar-se, graças ao uso que faz constante da sua liberdade eletiva. É um ser maleável e plástico, cheio de futuro incerto e de passado de que se gloria e se lamenta, o que lhe propicia, ao lado da glória, infundável angústia. Esta angústia, primeira e última doença do gênero humano, o esporeia e o faz ir por diante, deixando atrás de si seu mundo, o mundo criado à sua imagem, que desfaz de contínuo, e continuamente reconstrói. O animal não se angustia, porque está feito como é, sem memória, sem passado, sem futuro; mas o homem está a fazer-se a si mesmo e ao seu mundo, só parando quando atingir aquele mundo perfeito de Deus, de onde um dia caiu.

Ignorância e dor por um lado, e angústia e liberdade por outro, vão forçando o homem a criar obras de arte que atulham os museus de todo mundo, a fomentar a ciência e a técnica que trabalham para si, a fim de que lhe sobre tempo para pensar, para desvendar outros e outros mistérios. Sua perene inquietação criou a música, a poesia, a religião, e o filósofo queda-se, pensativo, a interrogar-se sobre a origem e fim das coisas, sobre o enigma do Ser.

Veza por outra, porém, como acontece hoje, como em todos os outros períodos de decadência moral, que é quando a matéria suplanta o espírito, o homem se esquece do Ser, e ainda se esquece que esqueceu, e, atolado no pragmatismo, passa a ocupar-se somente do progresso material, daquilo que lhe possa trazer comodidades. Então aquela angústia que o levou a descobrir continentes novos, sulcando mares nunca dantes navegados, a arrojarse ao espaço, a chegar à Lua, introvertese, angustia-se frente à morte e o nada, tornando-se em neurose. Marginalizada a filosofia, como agora ocorre, o homem põe em dúvida o espírito, olvida o Ser, sua angústia criativa se introverte na angústia do nada, e ele, assim, fica pronto a buscar esse nada, seja pelo suicídio, seja pela guerra que destrói tudo quanto há feito, fabricado.

Para quem, porque dotado de razão, não pode achar o consolo ou conforto na fé que, por sua natureza, é irracional, a filosofia pode salvá-lo da neurose; pois bem: a filosofia foi posta de lado como inútil, não prática..., e a psiquiatria é impotente para solucionar, de vez, este generalizado problema do nosso tempo; o muito que ela pode fazer, é apresentar paliativos, visto não poder atuar na causa da neurose, e sim nela mesma como efeito.

Decorrente disto, do desnorteio filosófico, recrudescer no homem sua capacidade primitiva de agredir. Nas grandes cidades, no tumulto das ruas, os neuróticos do desespero tem pressa de ir... ir para lugar nenhum, porque correr lhes causa certo alívio. Não podem conceber como possam existir pessoas calmas, sem pressa, e as agridem com palavras, com gestos, com faróis e buzinas, se estão conduzindo algum veículo. Não se trata duma agressão sadia, necessária à autodefesa, comum a todo vivente; nem do ir de encontro do outro para abordá-lo, a fim de tirar dele algum proveito como ocorre no mundo animal; nem é ainda por maldade contumaz que agride, e sim, por estar acometido da *neurose do desespero*, da *angústia do nada* para onde corre sem cessar.

Assim, estamos condenados a correr, a ir para abordar as coisas, os seres e os homens; condenados a defender-nos da agressão alheia, ou a, por nossa vez agredir, se a tal nos compele o nosso interior desesperado. Somos propelidos a agredir ou a nos defender da agressão, numa vontade de afirmação de nossa vitalidade substancialmente egoísta. Sentimos necessidade de provar que somos atores que agem, e não meros reatores da ação alheia; que somos capazes de reagir, e por isso já estampamos no rosto a máscara da reação que, quando para nada, servirá como o guiso da cascavel que afugenta o intruso que nos pode fazer algum mal. Sócrates era um homem bom, mas tinha a cara feia, persuasiva, a indicar que ali estava pronta sempre à mais viva reação.

A criança humana, em recapitulando as fases por que passou a espécie, mostra-se confiante, afável, inocente, jovial, sendo mais humana do que o homem adulto em cuja face a agressão alheia aroa os sulcos da prudente desconfiança. Isso prova que derivamos de um ser pacato, onívoro, qual o gibão, antes de nos tornarmos, no passado, no feroz carnívoro e antropófago que depois se viu. O cumprimento, diz Ortega, é o meio de dois homens se abordarem reciprocamente, e é tanto mais complexo, quanto mais um homem representa perigo para outro homem. Daí que os cumprimentos entre dois tuaregues, no deserto do Saara, leva três quartos de hora. De longe, um, no seu dromedário, faz um gesto; e conforme a resposta, a prudência aconselha se deve aproximar-se mais, para outros gestos; até chegar aos recíprocos toques pessoais, ou se convém ter à mão o rifle, o revólver e o punhal.

A despeito desta pugnacidade anti-social, o homem, porque inteligente, reconheceu que sua força aumentava pela união. A sociedade civil nasceu da necessidade de ampliação da força, e, no grupo, o mais forte era o chefe, e o chefe, a lei. A vontade egoísta do chefe impôs restrições aos demais egoísmos discordantes, unificando-os sob uma só bandeira. Isto, porém, não impedia que, nos relacionamentos intergrupais, persistisse a mesma desenfreada agressividade. E o mesmo que sucedeu no relacionamento entre indivíduos, repetiu-se, depois, entre dois grupos que tinham de combater um inimigo comum. Feita a guerra, o vencido passava a condição de escravo, e, sob esta forma, ia integrar o grupo vencedor. Deste modo, como ocorrera entre os indivíduos sob o comando de um chefe, um grupo se impôs sobre os demais, estabelecendo normas e leis a serem cumpridas. Assim surgiram as cidades-estados dos tempos já históricos, as quais, ainda e sempre pela força, foram unificadas. Deste modo se unificaram as tribos germânicas, deste modo a Grécia, assim a Itália; mas a Grécia unida para a guerra do Peloponeso, cometeu a loucura de se desunir depois, e ficar, como antes, separada em cidades-estados rivais. Isto a enfraqueceu, a enfermou de morte, e primeiro Alexandre, e depois os romanos, deram-lhe cabo para sempre. Acaso não é o que hoje ocorre com as nações modernas, com suas mentiras diplomáticas, com suas guerras? Mas o mundo será unificado, e oxalá não o seja pela força conforme a regra histórica. Se as nações não se entenderem, se continuarem a atizar o fogo dos nacionalismos separatistas, uma delas, a mais forte,

vencerá as demais, impondo-lhes sua hegemonia, unificando o mundo. Aí, então, cessarão as guerras em nosso mundo. Todavia, este é o caminho mais longo e duro; o melhor é procederem os homens como seres racionais, e estabelecer a paz pela cooperação, pela federação das nações, pela sabedoria, pelo amor.

Face a estas evidências, não tem nenhum sentido o sonho vão de Jean Jacques Rousseau descrito no seu “Discurso sobre a Desigualdade”, em que ele pinta o primitivo como “o bom selvagem”, generoso, desvirtuado, depois, pela cultura. Pelo contrário, tem razão Thomas Hobbes que, no seu “Leviatã”, declara, sem reboços, que “o homem é o lobo do homem”.

No entanto esta agressividade natural do homem, tem seus limites os quais, uma vez transpostos, implica na destruição do mesmo agressor, seja ele um indivíduo, seja uma nação. Vale, aqui, a sentença de Toynbee: um tigre que devora um homem, está condenado à morte. Tal aconteceu com Esparta, tal, com a Assíria. A agressividade assassina da Assíria, inundou de sangue toda a Mesopotâmia, mas uma coligação de babilônios, medas e citas conquistou Nivive, e foi o fim da Assíria. Igualmente, Esparta caiu e morreu vítima de sua desmedida agressividade.

Em sentido inverso, quando a agressividade se minimiza, a civilização fica ameaçada de cair, e um exemplo histórico disto temos no reinado de Amenotep IV, o faraó poeta, inimigo da violência. Criou ele o culto de Aton, um deus que abominava a agressividade, a guerra, deus luz cuja manifestação mais alta para a Terra está no Sol. Era um **Deus de amor** de que se serviu Moisés, cem anos depois, para conceber o seu Jeová. Amenotep IV muda o próprio nome para Ikhnaton ou Akenaton que significa: “Aton está satisfeito”. Deste modo, Amenof, ou Amenotep, ou Akenaton substituiu o antigo culto de Amon pelo de Aton, destituindo de suas antigas funções os antigos sacerdotes de Amon.

Esta inagressividade de Akenaton fez eclodir a sedição de todos aqueles que estavam sendo mantidos embaixo pela força. Primeiro a Síria, e, depois dela, todas as outras colônias se rebelaram contra o bom faraó, recusando-se a pagar-lhe tributo. Ele não manda submetê-los, por entender que o Egito não tinha o direito de dominá-los, e que seria abominável a seu Deus enviar homens à matança. O erário, então, se esvazia, a decadência se instala, o império ameaça esfacelar-se.

Com trinta anos morre Akenaton, ralado de desgostos, e o povo sempre se referiu a ele como “o grande criminoso”. Sim, grande criminoso, como o foi Cristo, como o foi Sócrates, criminosos todos, porque é “crime” entre lobos ser cordeiro. Morto Akenaton, o general Harmakab ocupa o trono do Egito, restaura o culto de Amon, faz passar pelas armas os adeptos de Aton, submete as colônias rebeldes, lança-se às guerras de conquista, e o Egito retorna, como dantes, aos seus dias de fastígio, de glória. Agora sim, “deus está satisfeito”! Se houvesse uma sucessão de faraós como Akenaton, o Egito teria sucumbido por carência de agressividade, assim como a Assíria e Esparta pereceram por excesso dela: *in medio virtus*.

No meio está a virtude, porque o excesso como a carência de agressividade, uma e outra leva àquele que a tem ou a não tem à extinção. Um selvagem ameaçado, ou mesmo um civilizado face a um perigo iminente, pode, em legítima defesa pessoal ou da família, perpetrar o homicídio; a mesma lei o reconhece. Mas quando não há iminência, deve, o ameaçado de agressão, recorrer aos órgãos capacitados para protegê-lo. Quando o homem justo, por defeito da lei, se vê desatendido no que, com justiça, pretende, seu egoísmo deve sublimar-se, e não, partir para a agressão. Os jogos

esportivos, as lutas recreativas que nunca causam dano ao oponente, os filmes de cinema cujo desfecho é a punição do mau, do perverso, são meios de sublimação, porque, no caso do filme, o espectador se encarna, idealmente, no justiceiro que pune o inimigo seu encarnado no vilão. Trata-se de uma catarse, duma sublimação, em que, no espectador, mais se reforça o ideal de justiça, quando não seja o de bondade. Tal também nos desportos: uma partida de futebol é uma batalha em que tomamos parte, idealmente integrado em nosso time, e gozamos se ele vence, ou sofremos se ele perde, e assim também nos educamos na arte difícil de perder, porque a vida não consiste somente de vitórias. Nos desportos, no cinema, no teatro, na novela de televisão, a agressividade acumulada no homem se descarrega, inocuamente, impedindo que assuma aspectos destrutivos e anti-sociais, ou se introverta, como frustração, produzindo neuroses; daí as duas necessidades básicas das massas: *panem et circenses*.

Outra forma de sublimação do impulso agressivo e egoístico é a religião, para os mansos, e as artes e a filosofia para os mais cultos. Beethoven brigava com seus empregados, e ainda sob forte emoção, descarregava sua violência nos acordes vigorosos, vibrantes de suas sinfonias. Projetava, deste modo, suas querelas insignificantes numa tela das proporções da abóbada celeste, sentindo-se, assim, vencedor numa luta de fingidos titãs que, humanamente, não o eram, nem ele, nem os com quem querelava. Miguel Ângelo, incumbido de pintar, na Capella Sistina, a cena do Juízo Final, estava sempre sendo importunado pelo Mestre dos Cerimoniais do Vaticano, o padre Biagio de Cesena. Vingou-se, pondo o seu importunador entre as almas do inferno. O mestre dos cerimoniais apelou para o Papa Paulo III, a quem servia, mas este deixou como estava, e Miguel Ângelo teve o gosto de sentir, simbolicamente, que seu detrator estaria, pelo tempo que durasse a pintura, purgando sua importunação. Juan Lorenzo de Bernini foi contratado para fazer os braços do papa Urbano VIII, nas oito faces do púlpito mor do Vaticano. Estava pensando em como executar a obra, quando lhe veio um discípulo dizer que o sobrinho do Papa, o príncipe Tadeu Barberini, tinha desonrado sua irmã, irmã do discípulo. Vindo ver o Papa as obras, Juan Lorenzo falou-lhe do caso, pedindo-lhe que fosse desagravada a ofensa. A isto o Papa riu-se muito, e disse que o sobrinho não iria casar-se com a irmã de um simples pintorzinho. Bernini conteve seu furor, descarregando sua agressividade no brasão. Fez as oito faces representar todas as fases do parto duma mulher, mas tudo muito bem disfarçado a que não reparasse nas oito faces como um todo em que a cena se mostrava completa. Perguntando o Papa o que representava aquilo, teve esta resposta lacônica de Bernini: “É vossa família”.

O escritor, para matar um desafeto da maneira que melhor lhe aprouver, cria uma personagem, fá-la executar tudo aquilo que o seu desafeto lhe fez, e depois fá-la cair nas mãos de si mesmo simbolizado no algoz que faz a vítima sucumbir. Está realizada a sua agressão, seu inimigo castigado, e ele satisfeito. Ocorre, às vezes, que o escritor pega amor a uma de suas personagens. Porém, o encaminhamento do escrito, como nem sempre segue um roteiro preestabelecido, um esquema, dá num resultado imprevisto. Foi assim que Alexandre Dumas, um dia apareceu com os olhos vermelhos de chorar. Perguntando seu filho pela causa da mágoa, rompeu o pai nestas palavras compungidas: “– Aconteceu-me uma tragédia: Portos morreu ! Eu acabo de matá-lo. Não posso deixar de chorar. Pobre Portos !”¹⁵⁴ .

Poder-se-ia ir além, mas estes exemplos bastam a explicar como a arte pode ser uma forma de sublimação, de catarse, das impulsões agressivas em que o egoísmo vital, simbolicamente, se vê realizado. Na religião, o mesmo se efetiva, e o culpado, ainda que escapa da justiça dos homens,

¹⁵⁴ Josué Mantello, História da Vida Literária, 93

terá de expiar sua culpa face ao tribunal divino. Por isso é que o prejudicado, não raras vezes, diz: “– Ponho tudo nas mãos de Deus !” ; ou então: “– Deus está vendo !”. E o mesmo Deus em que se crê o adverte: “Minha é a vingança” (Deut 32,35 e Rom 12, 19). E Paulo: “Se perdoardes aos vossos inimigos, amontoareis brasas vivas sobre as cabeças deles” (Rom 12, 20). E Cristo: “Bem aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados” (Mat 5,6).

Outros há, mais broncos, que se contentam com rogar pragas, com fazer feitiços, com esculpir bonecos toscos representativos dos desafetos, para neles cravar alfinetes com o fim, segundo crêem, de fazer surgir no correspondente real, dores reais. E como “a ignorância e a dor são as companheiras do homem”, dores não faltam para o desafeto, e o vingador supõe que se originaram dos feitiços. E suas dores próprias, pela mesma razão, resultam de feitiços que os “invejosos” lhe fizeram. Ele é sempre o bom, vítima de “invejas” ; agora, o inimigo é o mau, e paga pelo mal feito a si.

Tudo, pois, são formas de sublimação com que o egoísmo agressivo é desviado de sua efetivação objetiva, para o plano do subjetivismo, onde é absolutamente livre das sanções penais. Sem esta válvula, a sublimação, ou o indivíduo seria arrastado a ação anti-social, ou, frustrado, cairia vítima de neuroses. Cada um, portanto, sublima suas impulsões agressivas como pode, porém, as sublimações efetivamente sublimes, aos homens raros se reservam, aos gênios que, em se sublimando eles mesmos acima da média, estabelecem caminhos novos que, daí por diante, passam a ser palmilhados pelos demais. Graças aos trabalhos deles se vislumbra na história humana uma finalidade que é a de criar uma organização política perfeita, isenta de injustiças, em cujo seio é possível a completa eclosão de todas as aptidões do homem. A não ser assim a existência seria sempre uma repetição infundável de loucuras.

Se ainda hoje, “a ignorância e a dor são as companheiras do homem” , dias virão (quando ? quem sabe ?), em que o homem terá trocado a ignorância pelo saber, e, conseqüentemente, a dor pela alegria. Não é isto um sonho de visionário; o homem foi pior ontem do que é hoje; ora, por dois pontos dados, não só se pode traçar uma linha reta, senão, determinar-lhe a direção. Tal filosofia, tal esperança, confere ao homem equilíbrio emocional, condição necessária a que possa manter-se em fecunda criatividade. Ainda não foi possível, na Terra, criar-se uma comunidade de sábios e de santos; todavia, os poucos surgidos no mundo são o fermento precioso que levedará a massa inteira.

Como se não bastassem as misérias que o mundo nos oferta com tanta prodigalidade, apareceram, na Terra, os chamados filósofos contemporâneos com suas doutrinas niilistas, da angústia e do desespero. Então, o pretense “Homo sapiens” de Lineu cedeu lugar ao “Homo iracundus” dos nossos dias, irritável por qualquer motivo, e desesperado da salvação. Sua angústia se exacerbou com tais doutrinas, e a fé antiga não lhe proporciona a consolação que animou os nossos ancestrais. As filosofias todas, todas as religiões, com serem criacionistas, receberam o impacto demolidor da doutrina científica da evolução. O homem moderno, aturdido por mil vozes discrepantes sente-se a vagar num deserto em noite escura. Falta-lhe um norte filosófico, uma luz que o guie, uma esperança que o aqueça. A depressão tornou-se generalizada, podendo-se perguntar com Erick Fromm se vivemos numa civilização doente, e responde ele que sim, com dados estatísticos da ONU (OMS – 1951). E depois de duto estudo do quadro estatístico, conclui que a sociedade moderna é mentalmente insana, e que o tipo de desequilíbrio mental que cada vez mais se agrava, levando os indivíduos ao alcoolismo, homicídios e suicídios, é o que ele chama

síndrome depressiva. Mas que insanidade é esta ? “ É um distúrbio psíquico que se caracteriza por uma visão pessimista do mundo e de si mesmo e por uma diminuição do interesse vital que, freqüentemente, leva o indivíduo à própria destruição”¹⁵⁵.

Visão pessimista do mundo ? Mas uma das muitas definições da filosofia é de que ela “é uma visão do mundo que determina uma forma de conduta”. Ora bem: acaso é a visão pessimista do mundo, a filosofia do pessimismo, que determina a *síndrome depressiva*, ou é esta que provoca a formação de tal filosofia do pessimismo ? A *síndrome depressiva* é a causa, ou é o efeito ? Digamos que seja a causa: neste caso, a incorporação dos medicamentos recomendados, alterando o estado de espírito, pode criar uma filosofia oposta, como a do otimista Leibniz ? Seria Schopenhauer um doente mental, e sua depressão é que motivou sua filosofia pessimista ? Logo, se tomasse umas injeções de drogas que o tornassem eufórico, sua filosofia seria outra, como a de Leibniz ? Que ? filosofia em ampolas ? Ou é a visão pessimista do mundo, o agnosticismo, o materialismo, o desnorteio filosófico, ou as filosofias conducentes ao nada, niilistas, que provocam a *síndrome depressiva* ?

Somos pela última conseqüência, ou seja, a de que os homens são *doentes de depressão*, por falta duma filosofia que os oriente e lhes guie os passos. As injeções podem criar um clima psicológico de euforia momentânea, agindo de baixo para cima, do físico para o psíquico. Como, todavia, no mental, persiste a causa do mal, a *falta duma filosofia*, o doente recai na prostração, ou fica viciado na droga que o faz sonhar por pouco tempo, porém, não a ter pensamentos grandes, profundos, verdadeiros. No entanto, se um norte filosófico lhe for dado, o processo da cura se processará do mental para o psíquico e deste para o físico. Teríamos conseguido um método para a cura: a *filosoterapia*. Por motivos como este, expendemos o grande esforço em escrever este livro. Eis a *Terceira Jornada da Filosofia*, visto que a *Primeira* é a do *Realismo*, e a *Segunda*, a do *Idealismo*. Esta é a *Terceira*, a da *Síntese* que tudo envolve na *Unidade* e todos os problemas resolve, sem apelar para a fé, e antes, sim, para a ciência, para a razão, através de raciocínios rigorosos, apertados, precisos. E se há, aqui, algum fundamento indemonstrável, também os há nas ciências, nas matemáticas, pois também não demonstram os seus *primeiros princípios*.

Conquanto a ciência seja impotente para demonstrar os seus *primeiros princípios*, contudo, e que remédio ? erige-se toda, inteira, sobre eles. No entanto, como as ciências (as matemáticas, por exemplo) se mostram válidas nos seus resultados, segue-se que os seus princípios ou postulado indemonstráveis também o são. Logo a ciência “*sabe*” os princípios sobre os quais se erige, e, com isto, ela mesma patentiza que uma coisa é *saber*, e outra, *demonstrar*.

Atrás já ficou estabelecido que, sem uma instância superior (o chefe), à qual se pode apelar, não poderá haver a justiça, ou seja, o *respeito pelo limite do egoísmo alheio*; e ainda, que a presença do chefe dá unidade ao grupo, pela existência de um direito e de uma justiça embrionários – a vontade e as determinações do chefe e guia do bando. Com o correr dos tempos, tal justiça que tinha por centro a vontade do chefe, foi codificada, discutida, melhorada, reformada de quando em quando, e esta *norma superior* passou a ser obedecida pelos próprios *chefes de Estado* das democracias modernas, e são as *Constituições*.

Os Estados totalitários, sejam da direita ou da esquerda, não passam de formas de anacronismo, de primitivismo, de retorno ao passado, porque *os chefes*, em se fazendo absolutos,

¹⁵⁵ ARS Curandi – Agosto de 1972 pág. 41

são a lei, como o foi na aurora humana, não tendo, portanto, de prestar contas a ninguém. É por isso que vemos tais chefes permanecerem, indefinidamente, no poder, e as eleições e reeleições suas, quando as há, não passam de farsas. Tais reeleições servem só para engrossar o corpo das mentiras com que os ditadores tentam dar um aspecto de democracia, e em vão procuram enganar o resto do mundo. Força é reconhecer, porém, que os ditadores têm sua *razão natural*, não *moral*, mas *natural*, em fazer isso: a natureza, como invertida, como egoísta que é, tem por norma, ao lado da força, a astúcia, o embuste, o engano, o ludíbrio, a mentira que aparecem como camuflagem, mimetismo, engodo, não havendo artimanha que ela não pratique, por ser imoral. Por isto os ditadores têm sua razão... Todavia, esta dominação pela força e pela astúcia, não dura muito tempo... porque, para o caso específico da ocupação do poder, para a eleição dos chefes, a mesma natureza possui outros processos, sobretudo nos momentos de perigo ou de crise.

“Onde há (diz Ortega) cinco homens em estado normal produz-se automaticamente uma estrutura jerarquizada”¹⁵⁶. Cinco homens são postos a derrubar uma mata; dentro de dez dias, aparece, aí, um chefe de fato, ainda que o não seja de jus, de direito. Depois desta espontânea e automática formação da hierarquia, é que se pode pôr tudo em contrato, em estatuto. Daí que não se pode fazer o inverso, formulando o contrato, o regulamento, antes de formada a sociedade. Ortega: “A idéia da sociedade como reunião contratual, portanto jurídica, é o mais insensato ensaio que se fez de pôr o carro adiante dos bois”¹⁵⁷. O contrato existe por causa da sociedade, e não, vice-versa, a sociedade por causa do contrato. Primeiro é necessário que exista a sociedade *de fato, fática*, para que, depois, ela possa existir *de jus* na forma contratual, ou estatutária, ou constitucional. Por isto é que é inútil fazer-se tratados entre as nações, quando pode aparecer um Hitler que diga e o prove com fatos, que os tratados se rompem com canhões. Todavia, se as nações estiverem unidas *de fato*, agora poder-se-á celebrar essa união com tratados que são o aspecto jurídico, o *de jus*, da união. Ou então, é preciso que haja (e o não há) uma instância superior, com base na força, a que se apelar, quando os tratados forem ameaçados. Quando as nações forem sábias, serão unidas; e todas, como se foram uma só nação, levantar-se-ão contra àquela que pretender perturbar a ordem. Não como agora, que cada nação quer saber onde está sua vantagem em entrar ou não entrar na guerra. Um comando internacional imporá a ordem no mundo, tal como o faz o Estado em relação aos cidadãos.

Num bando de macacos há um *chefe de força*; nos agrupamentos de pré-homens, idem. Assim também nos clãs e cidades-estados primitivos. Primeiro a força, depois a justiça com base na força, e, finalmente, a alta compreensão de fins, a sabedoria guardada nas constituições. A cada nova formação, a história se repete; logo, as nações unir-se-ão pela força primeiro, para depois o fazerem pela justiça ainda com base na força, para, finalmente, o conseguirem pela sabedoria. Daí que os tratados entre as nações, antes que se tenha tornado possível a integração de fato, funcionam como os pactos que fazem os tigres e os leões com todos os demais herbívoros da África.

Face a esta verdade incontestável, e suposto que o homem é inteligente, pode ele pensar na integração pela sabedoria, pela bondade, passando, de um salto, por sobre as fases de força e de violência. A não ser assim, estaria o homem sua racional essência desmentindo. Dado que a história se dá nessa ordem de força → justiça → sabedoria, porque a natureza se mostra invertida, no avesso, por que não tentarmos o salto? Para isto, cada governo teria de propiciar os meios que

¹⁵⁶ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 316 - 317

¹⁵⁷ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 24

levariam a seu povo sentir como irmão o povo vizinho. Nada de barreiras, nem mesmo a lingüística que pode ser vencida pela adoção da língua neutra, artificial – o *Esperanto*. Por que o ensino oficial do francês e do inglês nas escolas, se isto favorece o imperialismo lingüístico ? Por este caminho, a União Soviética imporá o russo como língua oficial nos seu domínios; a China, idem; e a Alemanha, se tivesse ganho a Guerra, exigiria que sua língua fosse oficializada internacionalmente, e obrigatória nas escolas. Como o alemão estaria sempre disposto, como está, a picar o cavalo e a brandir o chicote, quem teria simpatia por sua língua de técnico, de artesão, de ferreiro ? A mais doce das línguas é o *italiano*, e que, por isto, melhor se presta ao canto; pois o Esperanto se assemelha ao italiano pela sonoridade.

Aquilo mesmo que aconteceu quando os unicelulares, em se integrando, se tornaram organismos superiores, repetiu-se quando os macacos, os pré-homens e homens se organizaram em bandos, em tribos, em clãs, em cidades-estados, em Estados. Sempre a integração a propiciar a paz, ainda que Paz Romana. Ora, as nações da Terra hoje, são, outra vez, unidades egoístas, tendentes a se comerem umas às outras, se pudessem. Como não existe um *Órgão Superior* de apelação, Órgão de força para coibir os abusos, as normas ficam só no papel, servindo apenas de figuras de retórica. Apelar para os *direitos do homem, falar em nome da humanidade* e coisas que tais, é como ficar calado. Não adianta, como diz Ortega, “por exemplo, as apelações a um suposto “mundo civilizado”, ou a uma “consciência moral do mundo”, que tão frequentemente fazem sua cômica aparição nas cartas ao diretor de *The Times*”¹⁵⁸. Mais: “Isso é que o pacifista precisa compreender, de que se encontra em um mundo onde falta ou está muito debilitado o requisito principal para a organização da paz. No trato de uns povos com outros não cabe recorrer a instâncias superiores, porque não as há”¹⁵⁹. “E não havendo nada disso, nem havendo nem em teoria um direito dos povos, pretende-se que desapareçam as guerras entre eles ?”¹⁶⁰.

As nações, quando se viam ameaçadas, apelavam para a *Sociedade das Nações*, como a Abissínia o fez, mas a Itália, pretextando necessitar de espaço vital, invadiu a Abissínia. Que fez a Sociedade das Nações ? Apenas impôs à Itália umas sanções econômicas de fingida severidade. A Alemanha, vendo que só a força bruta resolve, fez a Segunda Guerra Mundial de que ainda sofremos os efeitos.

No entanto, o mundo precisa unificar-se, que este é o único jeito de acabar com as guerras. Alguém tem que mandar no mundo, e não há quem o faça, não há um tribunal superior de apelação para se recorrer, visto como a *Organização das Nações Unidas* está tendo o mesmo destino da antiga *Sociedade das Nações*. O resultado disto foi que cada nação teve de contar só consigo, cuidar só de si, da própria defesa, pregando os vários nacionalismos separatistas. Por este caminho, todavia, não se poderá evitar o “golpe decisivo”, a Terceira Guerra, depois do que, a nação vencedora, se houver, imporá sua lei e sua ordem no mundo. Pouco há, havia perto de oito potências no mundo, consideradas potências por causa de seu potencial de guerra. Em curto espaço de tempo, tais potências se reduziram a duas apenas, que são os Estados Unidos e a União Soviética. Estes dois pólos políticos opostos, situados em posições antípodas da Terra, exerceram seus efeitos polarizantes sobre o resto das nações e dos homens. Se a Terra fosse uma célula, as nações, cromossomos, e os homens, gens, estava na hora de a Terra cindir-se ao meio, numa

¹⁵⁸ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 294

¹⁵⁹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 294

¹⁶⁰ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 279

divisão-redução (meiose), levando, cada metade, sua quota de cromossomos e de gens que seu pólo influenciou. Contudo, a Terra é indivisível, e tal partilha é impossível.

Sendo impossível a bissecção, só resta apelar para o cooperativismo, e o órgão aparelhado para o conseguir, ainda é a Organização das Nações Unidas. Como a Terra se acha bipolarizada, politicamente, a maior cooperação tem que ser entre Rússia e Estados Unidos, e agora já se fala da união dessas duas potências para a exploração científica do espaço e para o domínio científico da Lua. Se o mundo tem de salvar-se da Terceira Guerra pela federação das nações, as primeiras a federar-se hão que ser os Estados Unidos e a União Soviética. A cooperação para explorações científicas é já um passo para a integração, mas só o objetivo científico não basta. Se a cooperação não for ampla, de modo a propiciar mais justiça para benefício dos homens; se não houver uma língua neutra, o Esperanto, para aproximar e homogenizar culturas tão díspares; se a televisão, o rádio, o cinema e a imprensa, empregando esta língua comum a todos, língua da fraternidade, não integrarem todos os homens da Terra; se não houver cooperação econômica para a exploração de recursos materiais, dando serviço aos jovens cujas mentes ociosas se põem ao serviço da guerra; se não se acabar com as propagandas de guerra pelo cinema, de um e de outro lado, com o fim de preparar, psicologicamente, os dois povos, para um possível confronto bélico que seria o fim da civilização; se não se acabar com o medo de que todos estamos possuídos, ele, sozinho, capaz de desencadear a catástrofe, porque é irracional, e contra o qual não valem razões; se cada uma das potências não procurar o que há de verdade na doutrina da outra, para compor a síntese, introduzindo, os americanos, em sua fórmula a **justiça social** que lhe falta, e os soviéticos, incorporar à sua a **liberdade individual**, será impossível evitar-se a Terceira Grande Guerra, a maior de todas, e decididamente apocalíptica.

Sobretudo, que um e outro reconheçam que, de fato, o trabalhador deve ser dono das fontes de produção e dos produtos manufaturados, mas que **foi erro grande de Marx** supor que **sendo tudo do Estado, tudo é de todos**. Por que? Porque, sendo o Estado uma unidade em formação, ainda imperfeita, não está apta a fazer a distribuição das riquezas com justiça, pois lhe falta a justiça perfeita que só é filha de um **conjunto-verdade** do qual se expungiram todas as verdades falsas tidas por verdadeiras. Os trabalhadores não acreditam que o Estado, tal como o que temos hoje, seja capaz dessa façanha, e os que foram obrigados a crer nisto, pela força, estão decepcionados. Os sucessivos fracassos agrícolas nos países comunistas, o comprovam.

Os trabalhadores devem ser donos das indústrias, das empresas, em que trabalham, mas elas, não sendo do governo, e sim autarquias econômicas, pertencentes de jus e de fato aos trabalhadores.

Se os norte-americanos não amainarem seu individualismo desumano que permite haja miséria até em sua nação, sobretudo para os estrangeiros lá radicados; se, depois, os que lêem pela cartilha dos americanos, não se ocuparem em pensar nas legiões de desfavorecidos que não podem competir com os **bem dotados**, e por isto, **vencedores na luta pela vida** no campo econômico, não poderá haver paz no mundo; onde houver injustiça, aí estará pronta a revolta, e aceso o estopim da guerra.

Nesta pobreza de justiça social está o jarrete que o russo manda cortar ao cavalo, como fazia Ciro nas batalhas, pondo o cavaleiro americano por terra. Por outro lado, os americanos enchem de inveja os homens da Rússia que puderam ver quão opulentos são, ao tempo em que usufruem de suas liberdades individuais. A falta desta liberdade é o jarrete do cavalo vermelho, que, cortado,

põe a pé o russo. A Rússia se defende com sua “cortina de ferro” ; porém, esta não pode vedar as ondas hertzianas que levam, aos russos, as mensagens do mundo capitalista, captadas por minúsculos e prolíficos rádios de bolso. O tendão de Aquiles de um é a verdade do outro e vice-versa. Que falta, pois, para a síntese ? por que não a fazem; de ambos lados ? E isto, ainda, não só de um modo teórico, senão prático, tendo em vista as condições peculiares de cada povo ? Se tudo isto for menosprezado, os povos não poderão *conviver*, e, com isto, o mundo se subverterá. A Organização das Nações Unidas, então, não terá logrado o seu objetivo de alcançar a paz pela cooperação, pela federação das nações.

E enquanto na superfície do terráqueo globo, os homens labutam por atingir este escopo de paz, pressionados pelo temor da Terceira Guerra que seria o fim de tudo, no plano espiritual, os mesmos homens, quando desencarnados, têm a mesma preocupação e expendem o mesmo esforço integrador. Nossos problemas não se findam com a morte física, pois nosso processo de desinversão do egoísmo em amor se opera tanto aqui como lá. Lá se fazem estudos, planejamentos e propósitos que são aplicados aqui por aqueles que, para esse fim tomam corpo na matéria densa. Contudo, o esquecimento embota, obumbra, tolda tudo, tal a escuridão da matéria em que temos de jazer. Raios de luz, porém, de quando em quando, riscam a escura noite dos sentidos, da animalidade crua, e uma idéia nova surge, desponta, aparece para guiar os homens. Os bons propósitos se relembram como anseios, e a luta do anjo contra a besta se trava no íntimo de cada um. “Ah ! Moram duas almas, no meu peito ! ” (Goethe).

A escada que se inverteu com a queda terá de endireitar-se. E agora nos aconteceu o desastre de os homens terem dominado a desintegração do átomo, antes de haver-se integrado, mundialmente, o que vale dizer, antes de terem abolido a anacrônica instituição da guerra.

Estudamos todos os passos que se hão de dar aqui na crosta. E no mundo espiritual, duas coisas há a fazer-se por quem manda, e que, supomos, já estejam sendo postas em execução: a primeira é impedir a reencarnação dos espíritos inteligentes, porém, maldosos, egoístas fechados, animalizados e materialistas que, por incrível, os há. Tais espíritos terão de ser enviados a orbes inferiores onde poderão, à vontade, desenfrear seus dragontinos instintos anti-sociais. Tal é o esperado Juízo Final, Juízo Coletivo para os habitantes da Terra. Em contrapartida (a segunda coisa a ser feita), propiciar a reencarnação, em massa, de espíritos superiores, que há muito aguardam sua hora de trabalhar proveitosamente na crosta, provocando uma nova Renascença, agora, espiritual. Os postos de comando, os postos-chaves, em todas as nações, hão que ser ocupados por tais espíritos, e, com isto, em vez de guerras, far-se-á a integração. Outras vezes foi possível a esta ou àquela civilização retornar à barbárie; agora, isto será impossível, porque, se acontecer, toda a Terra se subverterá. Poderia ocorrer outra alternativa que anotamos somente por anotar, mas sem nenhuma convicção de que possa acontecer: retirar todos os justos, levando-os para planos felizes, deixando o orbe terreno entregue aos maus para que estes se liquidem mutuamente. Vendo o mundo moralmente decadente, a caminho da barbarização, quase chegamos a supor esteja isso acontecendo. Mas não; como diz o arguto Ortega, “o dado é o seguinte: desde que no século VI começou a história européia até o ano 1.800 – portanto, em toda a longitude de doze séculos –, a Europa não consegue chegar a outra cifra de povoação senão a de 180 milhões de habitantes. Pois bem: de 1.800 a 1.914 – portanto, em pouco mais de um século, a população européia ascendeu de 180 a 460 milhões ! (pág. 104)

(...)

“Esta é que agora nos importa. Porque esta impetuosidade significa que tem sido projetados a magotes sobre a história montões e montões de homens em ritmo tão acelerado, que não será fácil saturá-los da cultura tradicional.

(...)

“Daí que às vezes produza a impressão de um homem primitivo surgido inesperadamente em meio a uma velhíssima civilização. Nas escolas que tanto orgulharam o passado século, não se pôde fazer outra coisa senão ensinar às massas as técnicas da vida moderna, mas não foi possível educá-las. Deram-se-lhe instrumentos para viver intensamente, mas não sensibilidade para os grandes deveres históricos; inculcou-se-lhes atropeladamente o orgulho e o poder dos meios modernos, mas não o espírito. Por isso não querem nada com o espírito, e as novas gerações dispõem-se a tomar o comando do mundo como se o mundo fosse um paraíso sem rastros antigos, sem problemas tradicionais e complexos”¹⁶¹. Agora, Toynbee: “O nosso alimento intelectual produzido em massa carece de vitaminas”¹⁶². A tecnologia proporcionou-nos meios de criarmos o que Ortega chama de “bárbaros modernos”, visto como, “não é difícil transformar num mecânico eficiente uma pessoa cuja alma permanece primitiva e bárbara em todos os outros campos”¹⁶³. Os alemães de Hitler provaram isto; daí que “os ouvidos néscios que permanecem surdos ao som da música extra-terrestre da lira de Orfeu, estão bem afinados para ouvir a voz de comando do sargento instrutor”¹⁶⁴. Verdadeiramente, “somos traídos pelo que há de falso em nós”¹⁶⁵.

Paralelamente a estas verdades anotadas por Ortega e por Toynbee, vem o mais importante: trata-se da doutrina científica da evolução apresentada como a meia verdade, por lhe faltar a complementação filosófica. Se o mundo veio do caos, pela organização da matéria de que surgiu a vida de que nasceu o espírito, este é o último produto do arranjo da matéria. No começo só havia o caos, sem ordem, sem arranjo, nem vida, nem espírito. Tudo isto foi aparecendo, na proporção em que o caos, por acaso, se foi ordenando, de baixo para cima. Logo, a vida e o espírito se originaram da matéria. Se há, logo, um Deus que fez o caos de que nasceu toda a ignorância, miséria e dores do mundo, pela obra se conhece o autor... e tal Deus há de ser como o ciumento e desumano Moloch Amonita. Tal foi o repto assentado pela doutrina da evolução a todas as filosofias e a todas as religiões. E todo repto sem resposta, como claramente o demonstrou Toynbee, propela a civilização para o seu ocaso, para o seu encerramento. Nossa civilização ocidental está doente de morte por não ter sabido responder a um repto filosófico. Se não houver uma filosofia (e é esta) que explique *como* e *por que* se originou o caos, o mundo estará perdido. Eis como a ciência desacompanhada da sabedoria, pode levar o mundo de retorno à barbárie...

“A técnica (diz Ortega) é consubstancialmente ciência, e a ciência não existe se não se interessa em sua pureza e por ela mesma, e não pode interessar se as pessoas não continuam entusiasmadas com os princípios gerais da cultura. Se se embota esse fervor – como parece ocorrer –, a técnica só pode sobreviver um pouco de tempo, aquele que lhe dure a inércia do

¹⁶¹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 105 - 106

¹⁶² Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 551

¹⁶³ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 572

¹⁶⁴ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 522

¹⁶⁵ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 784

impulso cultural que a criou. Vive-se com a técnica, mas não da técnica. Esta não se nutre nem se respira a si mesma, não é a *causa sui*, mas precipitado útil, prático, de preocupações supérfluas, não práticas”¹⁶⁶.

Mas como pode o mundo aspirar a cultura, a sabedoria, o espírito, se a matéria é tudo? Por este motivo a filosofia foi marginalizada, exatamente quando o mundo mais precisa dela sem o saber. Outra vez Ortega: “A civilização, quanto mais avança, torna-se tanto mais complexa e difícil. Os problemas que levanta são arqui-intrincados. Cada vez é menor o número de pessoas cuja mente está à altura desses problemas”¹⁶⁷. Então, “agora é o homem quem fracassa por não poder continuar emparelhado com o progresso de sua própria civilização. Causa inquietude ouvir falar sobre temas mais elementares do dia a dia por pessoas relativamente cultas. Parecem toscos labregos que com dedos grossos e desajeitados querem colher uma agulha que está sobre a mesa. Manejam-se, por exemplo, os temas políticos e sociais com o instrumental de conceitos rombudos que serviram há duzentos anos para enfrentar situações de fato duzentas vezes menos sutis”¹⁶⁸.

Então, profetiza Ortega, para a Europa, o que se cumpre hoje, no Brasil, se é que este livro venha a ser editado; e se, editado, venha a ser lido pela geração atual; diz ele: “No dia em que volte a imperar na Europa uma autêntica filosofia – *única coisa que pode salvá-la* –, compreender-se-á que o homem é, tenha ou não vontade disso, um ser constitutivamente forçado a procurar uma *instância superior*. Se consegue por si mesmo encontrá-la, é que é um homem excelente; senão, é que é um homem-massa e necessita recebê-la daquele”¹⁶⁹ (Os grifos são nossos).

Tal conjuntura em que se acha o mundo, bem justifica nossas dúvidas sobre se este livro poderá vir a ser editado, e, se o for, se ele terá leitores na atualidade. Milton dizia à sua musa Urânia, no canto VII de seu “Paraíso Perdido”: “Hábeis ouvintes dá-me, inda que poucos”. Nós, porém, como Milton a Urânia, não invocamos Minerva, porque... ainda Ortega: “A filosofia não necessita de proteção, nem de atenção, nem de simpatia da massa. Cuida de seu aspecto de perfeita inutilidade, e com isto se liberta de toda submissão do homem médio. Sabe que é por essência problemática, e abraça alegre seu livre destino de pássaro do bom Deus, sem pedir a ninguém que conte com ela, nem se recomenda, nem se defende”¹⁷⁰.

Os historiadores buscaram sempre somente causas materiais para explicar o declínio e morte das civilizações; contudo, é a causa espiritual que determina todas as demais. Quando cai uma civilização, reparamos que os homens-massas se acercam do poder; são os demagogos que nada podem fazer, porém, que se julgam capacitados para governar. À vista dos fracassos, então vem a desculpa: “Ele era bem intencionado...; quis acertar...” Nem empenhando a honra da “Revolução”, Fidel Castro conseguiu aumentar a quota de açúcar em Cuba, e foram fracassos como este que derrubaram do poder Nikita Krushev. E enquanto se fica só querendo acertar, a nau do Estado anda à deriva, o povo perde a esperança de salvação, e é o fim. Assim na Grécia, assim em Roma, e nesta, os últimos imperadores se mostraram arrematados loucos. Quando tal acontece a uma civilização, os espíritos de escol se recusam a reencarnar-se no seio dela, que isso seria perder

¹⁶⁶ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 140 - 141

¹⁶⁷ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 149

¹⁶⁸ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 150

¹⁶⁹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 178

¹⁷⁰ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 143 - 144

tempo e esforços sem proveito para ninguém, e, ainda, correr com o risco ou de cair no pragmatismo chulo, ou de ser martirizado inutilmente. Daí a carência de grandes homens, quando uma civilização está condenada a desaparecer sob o império dos demagogos. Tal causa espiritual, os historiadores terrenos desconhecem.

Os justos são o sal da terra (Mat 5, 13), e para que caia uma civilização, basta que se lhe retire o sal. Que chances teriam hoje Beethoven, Miguel Ângelo, Platão, Goethe, se reencarnados? Ou vêm em massa para desalojar a escória, ou serão miseravelmente sufocados. O gosto das massas para as coisas nobres, grandes, caiu a zero, e gente sem valor axiológico, ocupam os canais de televisão em todo o mundo para deseducar, para saciar vilões instintos. A massa aplaude, delira, gargalha, fazendo jus a que lhe venha um mui bem merecido batismo de fogo e dor, o que, com toda certeza, não faltará. Os líderes de maior audiência, dizíamos, são destituídos de valor axiológico; mas se omitirmos o adjetivo “axiológico”, increpam-se os economistas, e nos dizem que tais líderes são valere, *porque satisfazem necessidades*. Que necessidades? Pois hão de ser as do involuído que anseia por chafurdar-se na animalidade. Não citamos nomes, mas os leitores de qualquer nação, se houver algum para estes escritos, harto entenderão a quem nos referimos. Tais nomes não merecem registro para conhecimento da posteridade, e, por isto, basta que o leitor do presente saiba quais são. Fiquem eles sem nome, ao olvido condenados, tão logo passe este angustiado momento em que se fizeram reis.

Mas, nem tudo está perdido, e há motivo para continuarmos crendo na ressurreição do mundo. Uma coisa linda existe na Terra, que nos enche o coração de júbilo e bom ânimo. Mas fale ainda Ortega, que é nosso gosto brindar os leitores com esta rapsódia de trechos do grande espanhol: “A forma que na política representa a mais alta vontade de convivência é a democracia liberal. Ela leva ao extremo a resolução de contar com o próximo e é protótipo da “ação indireta”. O liberalismo é o princípio de direito político segundo o qual o Poder público, não obstante ser onipotente, limita-se a si mesmo e procura, ainda à sua custa, deixar espaço no Estado em que ele impera para que possam viver os que nem pensam nem sentem como ele, quer dizer, como os mais fortes, como a maioria. O liberalismo – convém hoje recordar isto – é a suprema generosidade: é o direito que a maioria outorga à minoria e é, portanto, o mais nobre grito que soou no planeta. Proclama a decisão de conviver com o inimigo; mais ainda, com o inimigo débil. Era inverossímil que a espécie humana houvesse chegado a uma coisa tão bonita, tão paradoxal, tão elegante, tão acrobática, tão antinatural”¹⁷¹.

E, em contrapartida, ainda Ortega: “Ser da esquerda é, como ser da direita, uma das infinitas maneiras que o homem escolheu para ser imbecil: ambas, com efeito, são formas de hemiplegia moral”¹⁷². Cumpre notar, todavia, que esta hemiplegia moral, paralítica no que diz respeito à liberdade, tem sua função vital no mundo, na história. “Mais uma vez ficará patente que toda forma de vida precisa de sua antagonista. O “totalitarismo” salvará o “liberalismo”, destilando sobre ele, depurando-o, e graças a isso veremos dentro em breve um novo liberalismo temperar os regimes totalitários”¹⁷³. Todavia, “um e outro – bolchevismo e fascismo – são duas falsas alvoradas; não trazem a manhã do amanhã, mas a de um arcaico dia, já usado uma ou muitas vezes; são primitivismos. E isto serão todos os movimentos que recaiam na simplicidade de travar uma

¹⁷¹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 133 - 134

¹⁷² Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 42

¹⁷³ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 309

luta com tal ou qual porção do passado, em vez de proceder a sua digestão”¹⁷⁴. Se tal digestão se tivesse operado, não se estaria querendo fazê-la de novo. O que não se digeriu do passado, e já causou, e está causando tanta indigestão, é que um homem, ou um grupo de homens, não pode mais impor-se como lei, como o fizeram os chefes de homens primitivos, pelo que sempre se fez preciso sufocar a liberdade. Até os homens de ciência, na União Soviética, se vêm forçados a pautar suas pesquisas científicas pelas normas do Partido. Daí que as leis de genética descobertas por Mendel-Morgan, foram consideradas próprias dos “imperialistas” ocidentais, em oposição ao desonesto mitcherismo soviético de base lamarckiana. Foi oficializada a tese, e obrigatória nas escolas, de “que não há ciência válida senão quando concorda com os princípios do materialismo dialético, essa “ciência de todas as ciências”” (Glutschenko). Também Hitler, como não poderia ser de outro modo, pressionou os antropologistas, na Alemanha, para que descobrissem um Adão ariano, tronco da “pura” raça ariana, pois não lhe cabia na cabeça que os alemães pudessem ter procedido de algo que não fosse apoteótico desde as origens. Até onde pode chegar a insensatez de chefes políticos totalitários: submeter a mesma ciência, inexorável nas suas conclusões, nos seus resultados, aos imperativos falazes de um Partido !

O homem tem que ser livre e responsável pelo destino que quiser criar para si, de alegria ou sofrimento. A liberdade é o maior imperativo da vida, sem o qual os unicelulares não poderiam ter escolhido as três alternativas: imobilizar-se na carapaça protetora; manter-se livres, lépidos, precisos; e associar-se em colônias de que se originaram os seres superiores. Sem a liberdade, tais pluricelulares não teriam feito quintilhões de tentativas, e, pelo ensaio-e-erro, a vida não sairia do mar a dominar a terra, primeiro as plantas e logo os animais, anfíbios, répteis, aves e mamíferos; sem a liberdade, o antropóide em pé não ficaria, curvado de começo, e ereto depois; o pré-homem não teria inventado o varapau, e usado o fogo; e o homem primitivo, o machado de sílex, a lança, o chuçó e a flecha; e o da atualidade, a espingarda, a metralhadora e o canhão. Sem ele o homem não se levantaria do nada, a conquistar o pensamento, a Terra inteira, o espaço aéreo, o cósmico, a Lua, sonhando ainda ir a outros orbes planetários, os da família solar primeiro, e, depois, aos das galáxias mais distantes. Sem a liberdade, enfim, o *Homo sapiens* não teria feito nada menos do que a si, levantando a lei civil no tope do Sinai, e a Lei maior do Amor no cimo do Calvário.

Sendo Deus, como Substância, o Amor, ao dar-se nos filhos, fê-los a todos livres. E essa liberdade não foi cerceada ainda quando o terço dos espíritos celestes se quiseram arrojar no medonho caos, pela inversão do amor no seu contrário, no egoísmo desintegrador. Pois bem: que poder estatal poderá tolher a liberdade, a não ser a curto prazo, quando essa é propriedade inerente a tudo o que, como o amor, como a vida, é substancial ? Como desrespeitar a liberdade, quando nem Deus ousou fazê-lo, para não violar o Art. I da Lei que é ? , e se o tivesse feito, ele próprio, Deus, se subverteria ? Mas o egoísmo tinha de manifestar-se como negação da liberdade..., porque o egoísmo é a negação do amor, e sendo o amor livre, o egoísmo terá que ser escravidão, e a esta imporá, sempre que possa, como lei. Daí que os Estados totalitários não tinham por onde não ser Estados de violência, de servidão e de ódios. O arguto Ortega tem razão: “o liberalismo é a suprema generosidade” ; é “a mais alta vontade de convivência” ; “o mais nobre grito que soou no planeta” ; o liberalismo é o anseio de convivência, de integração de amor.

A natureza, em todas as suas manifestações, é egoísta; o liberalismo, coexistindo com o amor, é a negação da natureza egoísta; daí, “antinatural” ; porque deu o salto da desinversão do

¹⁷⁴ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 153 - 154

egoísmo em amor, por isso, “acrobático” ; porque se opõe à regra comum (doxa) da natureza, por isso, “paradoxal”. Por tudo isto, “era inverossímil que a espécie humana houvesse chegado a uma coisa tão bonita, tão paradoxal, tão elegante, tão acrobática, tão antinatural” . Que grande filho a Espanha produziu !

Eis o liberalismo, a coisa mais linda que surgiu na Terra, e em vias de ainda aperfeiçoar-se mais. Isto nos enche o coração de júbilo e bom ânimo, ao tempo que nos faz dizer: creio na humanidade, na salvação do mundo, na inversão do egoísmo, na vitória do amor, na vida eterna, na felicidade sem fim, no Reino de Deus vindo a este mundo .

Capítulo VIII

Os Caminhos da Vida

O unicelular não é mais simples do que uma colônia, pela mesma razão por que uma tribo não é mais complexa do que qualquer dos membros que a compõem. A complexidade começa muito antes do unicelular: principia no vírus, no fagócito, na pré-bactéria que são, já, complicadíssimos. Nosso estudo, todavia, se interessa pela célula única de que se originou a tribo celular, o organismo colonial, base dos seres superiores.

Os seres vivos tiveram três alternativas a seguir, e foram todas, exaustivamente, exploradas pela Vida: criar a própria proteção e ficar resguardado dentro dela; ou, desprezando a carapaça, adquirir órgãos de locomoção, de sentidos e armas de ataque; ou associar-se a outros em colônia. Mesmo depois que, da colônia, surgiram os seres pluricelulares superiores, as três alternativas foram repetidas. Em todos os níveis se repete, assim, o mesmo acontecimento, e esta foi a causa por que Davi se desfez das vestes de ferro de Saul, e de corpo limpo, lépido, preciso, prostrou por terra a Golias com uma violenta pedrada, não valendo ao gigante estar armado de couraça, escudo, espada e lança.

Os unicelulares se reproduzem por segmentação simples, até que se esgote a energia do plasma; daí por diante, tem-se de dar nova corda ao relógio bioquímico (Fritz Kahn), e isto se faz pela conjugação de dois indivíduos diferentes. Graças a este encostamento, dá-se, entre as células, trocas químicas de parte de seus plasmas, de parte dos núcleos, de ácidos nucléicos e de gens. Agora podem separar-se os indivíduos, porque se acham recarregados para prosseguir de novo, cada um, em sua segmentação até novo esgotamento.

Visto que os unicelulares se obrigam, de quando em quando, a permutar seus quimismos e gens, segue-se que, depois da união, ***tais células se mostram alteradas***, em relação ao que eram antes. Conquanto aparentemente iguais, sofreram transformações intrínsecas em seus plasmas e gens. As células mães, portanto, não existem mais, não pela morte, mas, pela alteração de si mesmas nas filhas. Se, depois das trocas bioquímicas entre dois unicelulares, eles se nos mostram ***alterados, diferenciados***, aí já está aberta a porta à ***variação***. Se as células pudessem reproduzir-se por cissiparidade binária, por bipartição ao meio, indefinidamente, delas nunca poderia originar-se os seres superiores que depois, então, se viu. Neste ***congresso amoroso*** entre células simples, pelo que se mostram, depois, ***variadas, diferenciadas***, está a primeira coluna da nossa teoria da ***origem das espécies***. Sem esta porta aberta à ***variação*** e à ***mutação***, todas as células filhas sairiam exatamente iguais às mães, e o mundo da vida não teria subido do nível das células individuais.

No entanto, na troca bioquímica e genética que se dá entre as células simples, há já a possibilidade de uma parte sair ***enriquecida*** e outra ***empobrecida*** do material permutado, porque a Natureza não é matemática, nem técnica, e ao operar suas divisões, fã-lo sem balança nem contador de porções. Este é o segundo pilar da nossa teoria cujo desenvolvimento virá mais adiante.

A terceira pilastra é a ***luta pela vida*** darwiniana, porque, sem ela, não seriam selecionados os mais bem dotados para a reprodução, propiciando a contínua ***somação de gens***. Assim, a ***atuação do meio*** de Lamarck, e a ***luta pela vida*** darwiniana não produzem as variações, mas, apenas, a eliminação dos mal dotados, selecionando-se, por este modo, os mais aptos a se adaptarem às férreas condições do meio.

Sobre estes três pilares, ***variação, mutação e seleção***, se ergue o edifício da Vida. Mas, o terreno comum em que se fundamentam as três colunas, é o egoísmo originado da inversão do amor.

Só é possível a inter fusão e a permuta de material bioquímico entre os unicelulares. Daí que, quando se esgota a energia do plasma dos seres, sejam coloniais, sejam organismos superiores, o relógio vivo pára, e esta parada é a morte. Os seres se conjugam, dos unicelulares ao homem, por ***necessidade do rejuvenescimento do plasma***. Como não podemos ser eternos em nós mesmos, do ponto de vista biológico, o impulso vital nos arrasta a o sermos nos filhos. Inúmeros vegetais e animais se reproduzem, partenogeneticamente, mediante brotos, rebentos, botões que se desprendem dos pais. Quase todos os animais inferiores, pólipos, hidras, estrelas-do-mar, vermes, podem reproduzir-se sem fecundação, enquanto duram as energias vitais do plasma. Chega a hora, porém, em que o plasma se acha esgotado: então, para sobreviver a espécie, as criaturas se acasalam.

Deste modo, o amor a dois surgiu para que o plasma se rejuvenescesse ou se recarregasse de energia; onde falta o amor, mesmo na sua forma invertida de egoísmo, a vida pára, cessa, se reduz a nada. A reprodução já existia antes do acasalamento, porque o impulso primeiro de dar-se nos filhos, é já amor. Ao dar-se nos filhos, os unicelulares fazem lembrar o ato com que Deus se deu a si mesmo nos anjos da primeira criação; guardadas as devidas proporções, o fenômeno é semelhante. Depois, como é impossível a seres volumosos se dissolverem um no outro, como o desejariam todos os amantes, ambos o fazem com produzir uma célula única, o ovo, de que se

originará um novo ser. O Sexo, por conseguinte, apareceu para resolver o problema da reprodução que já existia antes.

Se dois amantes pudessem dissolver-se, mutuamente, um no plasma do outro, ao separar-se, cada um explodiria de amor, visto não poder bipartir-se como o fazem os unicelulares. A idéia de aquecer o velho rei Davi enregelado por obra da morte, foi fazê-lo deitar-se com a formosa jovem Absag. Contudo, esta experiência não surtiu efeito, por causa da impossibilidade da troca do plasma entre o velho e a moça. Os anjos, no empíreo, como se constituem de pura energia de alto nível, podem entrelaçar, mutuamente, seus lucigênicos e lucífagos vórtices de puro dinamismo, e tal congresso leva ao êxtase supremo, perto do qual são nada os anseios, os sonhos e os gozos dos mais ardentes amantes da Terra. Já se disse que o amor é uma alma em dois corpos, ou então, como dissera Moisés pela boca de Arão: ambos corpos são “uma só carne”. Uma *alma em uma só carne* seria a perfeição do amor num par terrestre. Pois tal é o amor no empíreo, assemelhando-se ao dos unicelulares: ele é interpenetração dos luminosos vórtices, e troca mútua de energia *dinâmica-vital-mental-moral*. Nisto se cifra a *fluição divina* de São Tomás de Aquino.

Ora, se o sexo se impôs à reprodução, como meio de permutação do plasma, e com o fim de propiciar a *qualidade*, em lugar da mera *quantidade* obtida pelo prático e simples método partenogenético, segue-se, muito naturalmente, que onde não houver reprodução, não há sexo; daí que os espíritos celestes não tem sexo. Conservam-no, os espíritos das baixas esferas, como função ainda necessária a ser posta em prática em cada nova reencarnação, uma vez que ainda não subiram o suficiente para escapar ao *ciclo*, à *roda das reencarnações* que tem sua metade neste nosso mundo, e a outra metade, no mundo espiritual. Vencer o sexo é fugir à *roda das reencarnações*, mas *este vencer significa superar o sexo por uma forma mais alta de amor*, e não pela renúncia vazia como pretenderam os místicos todos, e Buda, e Schopenhauer de contrapeso. Vitória, aqui, é superação, e não, renúncia vazia que deixa a alma desolada, tendente ao aniquilamento; só quem pode o mais está livre para renunciar o menos.

A possibilidade de os óvulos se fecundarem por meio de agentes irritantes, sem precisão de homem, foi explorada pelas mulheres em sua luta libertária. Argumentam que, se a mulher pode, em teoria, ser fecundada sem o concurso do homem, este se torna, então, desnecessário. Fosse isto verdade, e dado que a fórmula cromossômica da mulher é $x x$, e a do homem, $x y$, o mundo se povoaria somente de mulheres, como as Amazonas. Ainda que fosse possível a perpétua reprodução por este processo de cindimento em dois dos cromossomos do óvulo, de modo a fazê-lo tornar-se no ovo inicial, dado que isto fosse possível, ainda assim, o mundo feminino seria homogêneo, achatante, desmotivado, sem objetivo, sem porta para a variação, para a diferenciação, para a mutação, inferior, portanto, a qualquer ser colonial. Ora, tal mundo subsistiria? Sem permuta de valores não há vida, e esta até se define como sendo produzida por trocas bioquímicas, muito acima do prosaico fenômeno de assimilação e desassimilação.

Daí que *Eros* e *vida* são termos derivados, sendo Eros, o amor, anterior à vida e base dela; ele existe já no vírus, já nas moléculas, já nos átomos, como *princípio* que é de *integração*. O mundo vai movido por Eros (Ortega), ou o universo está pleno de Eros (Platão). Não obstante, o amor aparece, aqui, sob a forma invertida de egoísmo. Não é por altruísmo que um ser se dá no outro, senão para *satisfazer a uma necessidade sua, egoísta*, de querer perpetuar-se. O nosso é um sistema que tem de funcionar, até o fim, com base no egoísmo, e quando o egoísmo se torna

sábio ou dilatado, chamâmo-lo, também, amor. É amor, mas que tem sentido invertido do primeiro amor, do altruísmo puro; no entanto, ambos produzem idênticos resultados.

* * *

A Ameba Proteus, o ser de mil formas, é o nome de uma classe de animais unicelulares que, em repouso, são esferas ou espórios, e aí podem ficar estacionárias por tempo indefinido, a espera de que lhes venha a água. Mal se molham, eis que se incham, se dilatam, e põem-se a andar com seus falsos pés. Aproximam-se, logo, de um fragmento nutritivo e o incorporam pelo envolvimento. Do mesmo modo como os alimentos são apreendidos, as escórias são eliminadas; desenvolvem-se dos resíduos, e passam adiante.

As amebas se reproduzem por segmentação simples, como já ocorreu mais atrás na vida, nos outros unicelulares; e, como nestes, esgotada a energia do plasma, reúnem-se a outras com as quais, por certo tempo, se confundem. Depois das trocas bioquímicas e genéticas, desprendem-se, e tocam a reproduzir-se por cissiparidade, como era antes, até novo esgotamento de energia.

Ora bem: a ameba é uma ladra, e vive entre ladrões; roubar e não ser roubada, eis o seu problema. Para isso ela constrói com silício e cálcio suas fortificações, que nisto se resume a primeira alternativa: a defesa por imóvel e rígida carapaça. As que usam o silício abundante (ácido silícico) nas águas do mar, tornam-se *radiolários*; as que do cálcio se revestem, torna-se amebas calcárias, e nós as batizamos com o nome de *globigerinas*, dado que têm a forma de globo. Não faltam aí, para umas e outras, espinhos aguçados, de cálcio numas, e noutras de silício. *Foraminíferos* são outras amebas cujos nomes se devem à maneira como se protegem; constróem habitações com aberturas laterais, espiralóides, cheias de compartimentos curvos. Se a ameba cresce mais, arma logo outro andar sobre o anterior, depois outro, e as há até de quatro andares. O núcleo fica resguardado nos pavimentos inferiores, semelhante ao modo como os príncipes do passado guardavam seus tesouros nos porões. Os demais compartimentos da casa foraminífera ficam habitados pelo resto do plasma celular. Hoje tais amebas são microscópicas, mas houve tempo em que os foraminíferos atingiram o tamanho e a aparência de moedas, e daí seus nomes: animais-moedas ou *numolites*. Os foraminíferos encheram o mundo juntamente com as demais formas de amebas microscópicas, e seus restos foram suficientes a fazer montanhas calcáreas e a cobrir continentes inteiros no tempo em que estiveram rasos d'água.

Os *radiolários* silicosos são outra classe. Radiolários secos na terra, radiolários no mar, uns escuros, outros luminosos, estes, a fazerem fosforescentes os rastros dos navios; a ardências das areias praianas, são radiolários que marcam de luz o risco que fazemos com os nossos pés. Microscópicos animais e plantas vagam sem rumo, sobre as ondas dos mares. Flutuar sem rumo, no grego, se diz “planchte”, e daí plancto, a fauna e flora marinha microscópica e flutuante. No entanto, seu efeito se mostra macroscopicamente, e é assim que invisíveis algas verdes dão tom esmeraldino às águas do Golfo Pérsico; igualmente, o Mar Vermelho africano, e o Mar Amarelo chinês são o resultado de número sem conta de animais e vegetais suspensos a lhes formarem os planctos.

Para flutuarem, as criaturas do plancto usam bolhas de gás carbônico e óleo... que óleo?... pois o que tomam às algas prisioneiras dos palácios de vidro radiolários. Já aqui, outra vez, a simbiose. As bolhas de gordura, porque apetitosas, são protegidas por espinhos silicosos. Mas

contra o agressor maior, não valem as proteções dos pequenos. Surge, assim a *apendiculária*, do tamanho de um grão de arroz, o menor de entre os entes vivos a nutrir-se do plancto do mar. Depois são as *astérias*, os *ouriços-do-mar*, as *medusas*, os *crustáceos* e os *mariscos* ainda larvários os que se sustentam do plancto. E tal como na esterqueira enxameiam moscas, e, nos prados, outros insetos vários, também os mares se colorem pela presença dos comedores de plancto. Na Califórnia as costas marinhas se tingem de vermelho purpurino, e vai-se ver o que é, e são milhões de pequenos crustáceos; nos lagos do Canadá, as pulgas-d'água se fazem, às vezes, tão abundantes, que as canoas se imobilizam no caldo grosso; nos mares tropicais, o plancto se torna, vez por outra, espesso de tal modo, pela presença de larvas e animálculos, que se torna difícil o trabalho das hélices dos navios, não feitas para deslocarem esse creme (Fritz Kahn).

O menor vai em busca do menor ainda, e é procurado pelo maior; o grande vai a comer o pequeno, e é devorado por outro ainda maior, até que vem o tubarão gigante, e, depois dele, a baleia da Groenlândia de bocarra imensa, com barbatanas ao redor da boca. Nadando no plancto, a baleia abre a boca, e, como uma concha, enche-se do caldo que coa, depois, ao expelir a água. Tudo o que for maior do que um grão de arroz, fica retido e segue logo seu destino, passando por mui estreita goela.

A ameba, deste modo, esgotou a possibilidade que lhe propiciou a primeira alternativa, a defesa inerte, a carapaça. Contemporaneamente, outras amebas estavam desenvolvendo a segunda e terceira alternativas; mas, por ordem de complexidade, diremos que vem, depois, o *infusório* (animal de infusão), vivente dos líquidos, que optou por não se cobrir de casca imóvel; sua família é tão rica e variada, parecendo miniaturas de vermes, salamandras e pólipos, que Roesel von Rosenhof supôs estar vendo insetos aquáticos ao microscópio. Em qualquer resto d'água do vaso de flores, ou depositado em latas no quintal, ou no oco de paus, pululam infusórios vários que podem ser observados com um microscópio de cinquenta a cento e cinquenta vezes de aumento. Porém, ainda hoje se discute sobre se os infusórios são unicelulares ou não, motivo por que são postos em classe especial.

Ao contrário das amebas nuas, ainda primitivas, de movimentos tardonhos, lentos, os infusórios são lépidos, ligeiros, e vão já aqui, já ali, rápidos, curiosos. Quem os vê, ao microscópio, conclui logo que, para ter tanta agilidade, se faz mister possuir metabolismo pronto para as ações e reações momentâneas. Ao inverso da Ameba que se encarapaçou no radiolário silicífero, ou na ameba calcária, os infusórios seguiram o caminho de tornar-se eles próprios fortes, tornando-se ativos, criando órgãos de locomoção e de ataque. Para manejar suas armas, teve de desenvolver órgãos dos sentidos e inteligência mais viva. Em lugar de um plano de sustentação passivo, como a da ameba inertemente protegida, foi obrigado a construir fibras musculares e nervos sensíveis. Adquirindo cílios móveis, vibráteis, recebeu o nome de *ciliados*. Uns correm como lacraias, com defesas nos flancos, e suas vítimas são apresadas por barbas que se ondeiam para conduzir a presa à boca. Outros prendem-se por pedúnculos, e são como cálices que volteiam ao redor, e se chamam *vorticela*, por causa do turbilhão absorvente que formam com os cílios dos bordos. Tudo o que lhes passa ao alcance dos raio de ação, cai no vórtice, como o de Caribdes, e remoinha para a morte. Se algum perigo lhes passa por perto, então os cálices vorticosos se encolhem, se fecham e fogem pelas linhas dos pedúnculos.

A reprodução da vorticela faz-se por brotos, por botões que se formam e se abrem em novas campainhas, e depois soltam-se da mãe. Esgotada, como sempre, a energia vital do plasma, param

de reproduzir-se por botões, até o dia em que uma vorticela jovem, doutra procedência, se instala no tronco da mais velha. Aí a vorticela nova se arraiga, encurta seu pedúnculo, entra, some-se, desaparece no seio do plasma da mais velha. Tal a primeira forma de devoramento por amor com que o devorador carrega para si as virtudes do devorado. Para possuírem qualidades desejáveis, os homens primitivos devoravam o cérebro do seu próximo, ou então, para obter o inverso, como para imunizar-se contra o crime, devoravam os condenados em públicos festins. Mas este devoramento por amor, das vorticelas, não é feito pela boca, e sim, pelo pedúnculo; não se trata duma ingestão de alimento, porém da infusão de um plasma no outro.

Outro tipo, também microscópico, semelhante a uma taça cheia de creme ou de sorvete, igualmente de haste longa, é a *sineta*. Um creme borbulhante enche a taça, de onde saem canudinhos que convidam o incauto passante a chupar... dado o aroma que exalam. E lá vem a vítima: tanto que ela toca num canudo, prende-se a ele que é pegajoso e narcotizante; encurvam-se, logo, os outros tubos para segurar. Vencida a resistência, cessada a luta, outros tubos metem-se no corpo da vítima ainda palpitante, injetando-lhe, dentro, suco digestivo, e depois a sineta chupa o infeliz, ainda vivo, que se contorce nas dores da agonia: ele veio a chupar, e saiu sugado; veio a buscar lã, e saiu tosquiado... Egoísta um, egoísta o outro; a Vida é uma batalha de egoísmos, em que vencem os que melhor se aparelham para a luta.

A reprodução da sineta se faz pela segmentação de parte do núcleo em quatro partes, cada uma portando o seu quinhão de plasma. No meio da célula mãe abre-se um canal por onde as filhas saem à luz, e nadam como ciliados que, mais tarde, se fixam, e se tornam como a mãe. Como, pela biogênese, os indivíduos recapitulam as fases por que passou a espécie, já se vê: as sinetas foram, outrora, ciliados regredidos à forma sedentária.

O *paramécio* é outro infusório que se assemelha a microscópico couraçado, a navio de guerra (Fritz Kahn) armado de canhões de que se disparam dardo mortíferos porque viscosos e ervados. Tais farpões urticantes se encravam no corpo do inimigo e o paralisam. Não venham, pois, os índios dizer-se inventores das envenenadas setas.

O *didinium nasutum* é o inimigo natural do paramécio. Aquele, como seu nome o indica, é um animal narigudo, e isso que cuidamos seja nariz, é a goela que o bicho pode meter fora da boca, revirada no avesso, como tromba. Esta tromba é sua arma, visto como também expele venenosas flechas. O didinium assesta sua tromba, como um canhão, de que saem saraivadas de setas paralisantes. Como os didiniuns são pequenos, e o paramécio, grande, quem observa a luta entre ambos, ao microscópio, é como se assistisse a uma batalha naval em que o navio de guerra *paramécio* é atacado por barcaças torpedeiras (Fritz Kahn). Chega a hora, porém, em que os didiniuns têm suas trombas esvaziadas dos pequenos dardos, e é, então, que as usam como braços, no combate corpo-a-corpo. Agarram o paramécio por sucção, arrastam-no para traz, forçando, deste modo, a que as dobras da pele se arrepiem, pondo à mostra pequeninos furos; inúmeras pequeninas trombas metem-se por esses orifícios do paramécio, e por aí sugam-lhe o plasma; é o fim do navio de guerra! E que tudo isto se possa observar no microscópio, entre duas lamínolas de vidro contendo, entre ambas, diminuta fração duma gota d'água? ou empregando a lente de imersão?

Os infusórios atacam, também, organismos superiores; onde houver líquido, aí estão eles... e oitenta por cento dos corpos animais é água... Se o organismo superior acha jeito de, por sua vez,

explorar os infusórios, então estes se tornam simbioses. Se, todavia, os infusórios só tiram do organismo, e em nada podem ser roubados, então se chamam parasitos, e causam doenças. Os organismos superiores agasalham muitas espécies de simbioses para, com eles, fazer guerra aos parasitos. Deste modo, nosso organismo conhece meios de lutar em todos os níveis da vida, e, em cada um deles sabe organizar exércitos apropriados. Se é o vírus que o ataca, contra-ataca ele com os anticorpos; se são bactérias que ferem o combate, o rebate é feito com as bactérias-simbioses, e ainda com os glóbulos brancos do sangue, havidos como possíveis simbioses integrados ao sistema orgânico em priscas eras, que, por isto, se chamam fagócitos; tal batalha se chama fagocitose, e produz febre. A saúde, portanto, representa boa defesa, bons simbioses defensores; se estes fraquejam, surge a doença de improviso, como que saída do nada. Bechamp achava que o organismo é tudo, e o micróbio, nada; para Pausteur era o inverso, e, como sempre, no meio está a verdade... Na velhice, com a alteração humoral e queda das forças do organismo, os simbioses não recebem mais a farta nutrição, ficam fracos, ralos, e os inimigos naturais que espreitam ao longe, caem, em massa, reproduzem-se, e é a enfermidade. Não adianta temer os inimigos invisíveis unicelulares que nos cercam por todos os lados e em cada escaninho do corpo; eles não podem dar-nos assalto, enquanto somos vitalmente fortes, por causa do nosso bem treinado, bem cuidado, bem alimentado exército de simbioses. No entanto, mal cai a defesa nalgum ponto, sobretudo na velhice, por aí começa a invasão e queda do... Império Romano sob o ataque dos bárbaros.

No grande ou no pequeno o fenômeno é o mesmo, e o drama do egoísmo se repete sempre, motivando os indivíduos, governando a história. “Si vis pacem, para bellum”, assim para os romanos, assim para o organismo. Num mundo como o nosso, fundado sobre o egoísmo, não adianta reivindicar quaisquer direitos sem o apoio da força. Não faltará o leão da fábula, a perguntar às lebres que pleiteavam a igualdade de direito para todos: – onde estão as vossas garras? Mais vale a mão plena de poder, do que a cheia de direito. Por que? Porque o nosso é um mundo ainda, em parte, emborcado, egoísta e mau, e o direito, conquanto seja um esforço de desinversão, sempre que preciso, fará apelo à força de que se originou. Mas a justiça e o direito triunfarão, afinal, como, na aurora, as trevas são vencidas pela luz. Ou isto, ou tudo se reverterá à Noite Antiga, ao danoso Caos, à barbárie de onde, afanosamente, o mundo vem saindo.

Agora, a terceira opção: A primeira, já o vimos, foi a defesa por resistência passiva. A segunda constituiu no não se revestir de armaduras, como o fez o pastor Davi que recusara as pesadas vestes de ferro de Saul, ao enfrentar Golias de Gath em combate singular. Fale Bergson: “Assim, o pesado hoplita foi suplantado pelo legionário; o cavaleiro vestido de ferro, pelo infante ligeiro; e de um modo geral, na evolução da vida como na evolução dos grupos sociais e do indivíduo, as maiores vitórias vão ter aos que aceitaram os maiores riscos”. A terceira opção levou os seres a se associarem para tornar-se fortes. Um por todos, e todos por um, não por altruísmo vazio, inconcebível, mas por egoísmo claro, patente, inquestionável. A união dos unicelulares resultou da especialização que, tornando os indivíduos celulares interdependentes, mutuamente necessários, obrigou-os a integração, surgindo, daqui, os organismos superiores. A esta maior aventura da vida coube a maior vitória de todas – os seres pluricelulares, os organismos superiores.

Numa colônia de *flagelados* já aparece a divisão do trabalho, porque, enquanto as células periféricas da esfera oca se ocupam de sentir a luz, os aromas sexuais e os da alimentação, as células interiores são já especializadas para a reprodução. Aí já se vêem células grandes, esféricas, que são óvulos, e células pequenas, semelhantes a flechas, já no aspecto, já no movimento, que são as células seminais. As células grandes, esféricas, são estacionárias, no passo que as células

seminais emigram, guiadas por quimiotropismos, e vão dar noutras colônias, e lhes fecundam os óvulos. Por que as células seminais se emigram, para ir fecundar os óvulos de outras colônias ? Acaso não têm no seio da própria mãe as células irmãs, ou óvulos ? Sim, têm. Mas arriscam-se a perecer pelo caminho, a enfrentar os perigos que os dizimam quase todos, a fecundarem as próprias irmãs, porque... o plasma necessita reforçar-se pela integração com plasmas diferentes. O cheiro das irmãs não os agrada como o que vem de longe. A natureza busca a **diferenciação**, a **variação**, e ficar em casa levaria a resultado oposto, à homogeneidade, à fraqueza da raça, à extinção da colônia e da espécie. Estas férreas condições da vida impõem as aventuras e riscos das viagens a esses pequeninos Ulisses que, de caminho, topam com os futuros cunhados que, irredutíveis, trazem o firme propósito de fecundar suas irmãs.

Tais células fecundadas são, agora, ovos, e desenvolvem-se no interior da esfera colonial que se desagrega e morre, quando as esferas filhas, em crescendo, principiam a pressionar de dentro para fora. Eis que, pela vez primeira, surge a morte natural na história da vida; a morte apareceu como consequência da associação, e esta surgiu por causa da diferenciação que impôs a divisão do trabalho. A especialização das células impossibilitou-as de viver sozinhas, isoladas, como auto-suficientes; tornadas interdependentes, não tiveram por onde senão permanecer unidas na colônia; porque interdependentes, porque unidas, não puderam mais, como era antes, permutar seus plasmas para reforço bioquímico, sobrevivendo-lhes, então, o estado senil e a morte. Logo, **a morte resultou da especialização**. A Vida permitiu a morte, para poder alçar-se para o alto, para potencializar-se. Se não houvesse a morte, os seres não teriam subido de unicelulares até hoje, porque só entre eles é possível a mútua permuta de plasmas, de ácidos nucléicos e de gens. Ora, criar células especializadas nos organismos superiores, era torná-las dependentes e unidas; ficando unidas, tornava-se impossível os encostamentos, como era antes, com células de outras procedências. Impossibilitadas as trocas bioquímicas, e esgotada a corda do relógio vivo, era a morte, era o fim. Mas a Vida precisava potencializar-se; cumpria-lhe avançar em demanda da luz da razão; os **princípios pré-estantes** nos degraus da **invertida escada**, pressionavam embaixo, forçando a que as mais altas formas se organizassem. Então, para que a vida fosse mais vida, foi preciso juntar-lhe a morte.

Por outro lado, o medo da morte accidental, por perecimento na luta pela vida, foi o que obrigou o conagraçamento, a união das células interdependentes, porque especializadas, nas colônias e nos organismos superiores. Então, porque as células egoístas quiseram impedir a própria morte por devoramento, acharam outra forma de morte, depois, na exaustão das energias vitais do próprio plasma. O medo da morte violenta, por um lado, levou a outra forma de morte, a suave, por outro, porque a morte faz parte do fenômeno da vida. Que gênero de morte, logo, interessa mais à economia da Vida ? É a morte natural, sem dúvida, a que se dá pelo progressivo exaurimento das energias vitais do plasma, porque permite viver mais intensa e altamente, e por mais tempo. Então, para se viver mais alta e intensivamente, se busca uma vida que tenha chance de acabar na morte suave e natural. Morrer para renovar, pois a morte não é perda, nem o fim, qualquer que seja o nível.

Após a morte, o **princípio espiritual** do ser retorna ao seu lugar na **escala invertida** donde proveio, porém, um pouco mais acima. Em cada nova **reencarnação**, as vivências das vidas pregressas reaparecem sob a forma de fobias, tendências e instintos; eis a gênese dos **instintos** que não provém da matéria, mas, do espírito. Certo, como é, que as vivências dos pais, as experiências, os caracteres adquiridos não se transmitem aos filhos, como transigir com a doutrina do instinto como herança que passa de pais a filhos pelo plasma ? O instinto não é herança

gratuita, que passa de pais a filhos, mas dura conquista do espírito individual imortal. Não há um mecanismo de matéria pronto para disparar como instinto. Os instintos são vivências anteriores que se guardam na memória do *princípio espiritual*.

O homem é pobre de instintos naturais, porque procede de um ponto mais alto da escada, e vem, pela primeira vez, vazio de experiências, isto é, vem como “*simples e ignorante*”. Se os instintos fossem próprios da matéria; se os instintos se radicassem num substrato apenas biológico inferior, o homem deveria ser o mais rico deles, entre todos os animais, pois condensaria em si as exaustivas experiências pelas quais passou a vida desde os seus primórdios. Contrariamente, porém, o homem se mostra falto, carente, de instintos naturais, porque suas experiências são de outro tipo, completamente inéditas para a história biológica. Qualquer animal sabe quais providências a tomar para parir, e, depois do parto, sabem o que fazer com a placenta, amnio e parte do cordão umbilical. Comendo-os, evita a presença de carnívoros, aves ou quadrúpedes. Lamber o filho é uma operação de limpeza, além duma massagem estimuladora da circulação sanguínea. E a ingestão dos restos do parto provoca a estimulação das glândulas, sobretudo, as mamárias, além de carregar o primeiro leite, o colostro, de anticorpos defensivos que o filho ainda não tem. Tudo faz a sábia natureza por meio duma cadeia de instintos e reflexos. Pois bem: a mulher primípara sabe, por instinto, como proceder em tal emergência? Não. Guia-se ela apenas por conhecimentos promanentes do social. Eis um instinto, fundamental por excelência, que, no entanto, a mulher não possui. Deste modo, cada nova existência é nova reencarnação, não só para o homem, senão também para todos os entes vivos, sem nenhuma exceção.

O irônico François Marie Aruet (Voltaire) dizia que “ninguém pensa em admitir uma alma imortal na pulga; por que então admiti-la em um elefante, ou num macaco ou em meu criado?”. Artificioso e inusitado modo de negar a alma imortal no homem! No entanto, o elefante, que é um pluricelular, teve sua origem, como o homem, nos unicelulares. Se o unicelular não tivesse alma imortal, ipso-facto, não a teria também o homem, porque este é um *estado celular* de trinta bilhões de indivíduos; só no cérebro, seu número se conta por catorze bilhões. Sua alma individual é a somatória da desse imenso coletivo regido por um princípio único – o eu humano. A inferência de Voltaire tem que ser tirada de sua construção pelo avesso: se admito alma imortal em meu criado, por que não admiti-la num macaco, em um elefante e na pulga? Se não é imortal a alma do pequeno, da qual se constrói a alma do grande, não o será também a alma do grande. Já dizia Ortega: “para quem o pequeno nada é, não é grande o grande”; porque o grande se constitui do pequeno que também é feito de unidades ainda menores.

A ciência fracionou-se em centenas de ciências particulares para conhecer “mais e mais a respeito do menos e menos” (Will Durant): porque, do conhecimento desse progressivo menos e menos, decorrerá a ciência do mais e mais. Ou isto, ou o homem perder-se-á em especulações sem base, tirando tudo de si mesmo, como faz a aranha no dizer de Francis Bacon. O que se faz preciso é construir a síntese, qual a nossa, para remontá-la, até à Divindade que, uma de duas: ou não é boa, por ter criado este nosso mundo egoísta e mau, referto de tragédias, dores, aflições e mortes, ou é boa, e criou um mundo bom, perfeito e justo, do qual uma parte ruiu no Caos de onde o nosso mundo afanosamente vem saindo.

Se a filosofia fora só a síntese das ciências, como queria Augusto Comte, este salto para cima seria impossível, e Deus só poderia assemelhar-se ao cruento deus Moloch. A sabedoria é o salto de altura que antecipa o vôo condoreiro num mundo tridimensional; é a elevação da vertical

sobre o planimétrico da razão, que permite a visão global do todo. A ciência é caminho para a sabedoria, porém não é a sabedoria mesma, a que só nasce quando fazemos uma como inversão copernicana, assim: uma vez que este mundo é egoísta e mau, pleno de ferezas, aflições, dores e mortes, só resta o recurso de negar que Deus o tenha criado diretamente. Logo, este nosso mundo existe por efeito da queda de um outro luminoso e feliz, feito de amor e alegria, único possível a um Deus bondadoso criar. Por que caiu ? Pois caiu, por inverter-se o amor no seu contrário, no egoísmo. E por que Deus não impediu esta possibilidade de inversão ? Porque, sendo o amor de **natureza substancial**, possui todas as propriedades dos **objetos reais**, dentre os quais a de ser **polarizável**, isto é, **livre** de inverter-se no seu contrário. Para fazer o amor escravo, forçoso, obrigatório, **determinístico**, ter-se-ia de mudar, não só este **Artigo I da Lei**, mas toda ela. E então ? Daí, o próprio Deus, que é Amor, **não teria porta para a liberdade**; fazendo o amor **fixo, não livre** para mudar-se, Deus estaria impedido de criar a partir da sua **Substância Amor**, porque criar é transformar algo em algo. Se Deus fosse **fixo** e **não livre** pela sua **Substância**, como já o é pela sua **Essência**, nada teria sido criado, nada teria ele feito, nem o universo existiria...; nem existiria ele próprio, uma vez que existir é estar no tempo... o qual não haveria, por faltar o movimento... a transformação...

Já estamos ouvindo, por antecipação, a pergunta mental dos que nos lêem: então não é Deus todopoderoso ? Não. Não o é... ao ponto de desfazer-se em nada, nem de se derrogar, nem de alterar uma só alínea da Lei que é, sem comprometer todo o sistema, comprometimento que o atingiria finalmente. Uma vez escolhido como quis ser, é obrigado a sê-lo, e a criação sua tem uma norma inviolável..., inviolável também para si, pelo que ser todopoderoso já o disse Santo Agostinho, “é só poder o bem” ; e Rousseau: “Aquele que tudo pode só pode querer o bem”¹⁷⁵. Deus não evitou a queda porque não a pode evitar, dado que é como é, e se o tivesse feito, alteraria todo o seu sistema que, desde sempre, determinou isto: o amor, como toda substância, é polarizável, e, conseqüentemente, livre de inverter-se no contrário.

Este argumento decisivo, peremptório, terminante, põe remate à questão que interroga: por que Deus não evitou a queda, impedindo a inversão do amor no egoísmo ?

Ora bem: que tem a ver este vôo nas alturas com o achatante positivismo que diz ser a filosofia simples “**síntese das ciências**” ?

Nosso ponto de partida foi a verdade de que os seres vivos primários eram unicelulares, e se reproduziam só por cissiparidade, como ainda ocorre com as células do nosso corpo somático. As células do nosso corpo, como não podem conjugar-se, esgotada a energia vital do plasma, morrem, no passo que as bactérias vivem, indefinidamente, bipartindo-se sempre nas células filhas, sem jamais denotar esgotamento. Continuando: as **diatonáceas** são bactérias ou vegetais unicelulares que formam a base ecológica do plancto dos mares, sobre que se apoia a inteira pirâmide da vida marinha. Flutuando sobre as águas, as diatonáceas não se afundam por causa de sua pequenez, dado que a resistência ao afundamento é proporcional à superfície de atrito com o meio; e tem mais superfície o menor que o maior. Uma pedra cai nágua e logo vai ao fundo; se, contudo, ela for moída, seu pó já não se afunda tão depressa. Além disso, as diatonáceas impregnam-se de água doce cuja densidade é menor que a da água salgada. Esse tamanho ínfimo ainda permite a coleta dos raios solares por todos os lados, e igualmente, por todos os lados, absorve o gás carbônico e os

¹⁷⁵ Rousseau, Clássicos Jackson, XII, 279

sais dissolvidos na água. Outros unicelulares, já animais, pastam as diatomeas, e são devorados por outros seres maiores, ainda larvários. Deste modo, forma-se uma pirâmide ecológica que tem por base as diatomeas, e por vértice, os mais corpulentos seres do oceano, exceto a baleia da Groenlândia e o tubarão gigante que se nutrem, diretamente, do plancto.

Pois bem: se é preciso, de quando em quando, a conjugação dos protozoários para reforço da energia vital do plasma, como podem as bactérias fitoatórias reproduzir-se, indefinidamente, por cissiparidade, por partenogênese, sem nunca apresentarem sinais de senilidade? É porque a vida, em tais bactérias, é muito primitiva, muito próxima das ondas dinâmicas de que diretamente se nutrem. Assim como há a escala dinâmica em que as ondas de energia se degradam, progressivamente, na proporção em que se encurtam, e suas frequências baixam, no limite extremo em que tais ondas se retificam, principia a outra escala, a da energia vital. Os seres próximos a esse ponto de incidência das duas escalas, a dinâmica e a vital, não sofrem esgotamento, e antes, se reforçam com se fazendo **transformadores** da energia dinâmica em energia vital. Todavia, porque tais entes não se conjugam, não podem apresentar variações, permanecendo quais são faz mais de um bilhão de anos que é o tempo presumível do aparecimento da vida em nosso planeta. A conjugação tem, pois, em vista produzir a **qualidade**, e não, a mera **quantidade**. Os seres todos que se reproduzem partenogeneticamente, sejam unicelulares, sejam organismos superiores, ficam impedidos de variar; e se são superiores, muito distantes da base da vida, a reprodução assexuada leva ao estado senil. É por isso que, já nos infusórios, existe a conjugação feita de tempos a tempos. Se o meio em que vive o infusório, muda-se, altera suas características, o estado senil desaparece, e a reprodução assexuada pode prosseguir até novo esgotamento. Ou varia o plasma, pela conjugação, ou varia o meio. No entanto, se o meio se tornar monótono, constante, sempre si mesmo, ou a espécie se reforça pela conjugação, ou entra em decrepitude, exaustão e morte.

Portanto, já nos seres inferiores, a alternância entre a fase assexuada e sexuada, tem em vista, no caso assexuado ou partenogenético, **produzir a quantidade**, e, na fase sexuada ou da conjugação, **produzir a qualidade**.

Um outro exemplo do fenômeno partenogenético que dá como resultado a potencialização da quantidade em qualidade, temos nos **coloniários**, e este é o nome dado às colônias de segmentos dos vermes. Façamos uma recapitulação muito sucinta dos processos da vida nos animais inferiores:

Primeiro, os unicelulares, porque se diferenciam, tornam-se mutuamente dependentes, e, por isso, permanecem aglomerados em colônia. A colônia envagina-se, formando um saco (todo animal é um ladrão, e o ladrão precisa de um saco – Fritz Kahn), cuja boca é também o ânus, visto como é por aí que recolhe os alimentos e expela as dejeções. Depois, num estágio mais avançado, o saco se abre na extremidade oposta que é o ânus. Então o saco toma forma tubular, com uma extremidade para recolher o alimento, e outra para expelir os detritos inaproveitáveis. Deste modo, a colônia primitiva com feitiço de saco, passa à forma de tubo, e eis nascido o ancestral dos vermes.

Primeiro, os vermes simples, lisos; depois passam a segmentar-se, para os segmentos caudais se desprenderem, construindo novos vermes, numa reprodução partenogenética. Todavia, a variação principiou por especializar tais segmentos, de modo que, não podendo eles alcançar a independência, permaneceram unidos, integrando o corpo do verme. Alguns anéis ou segmentos se

unificaram para formar a cabeça, outros transformaram-se em mandíbulas, outros, em órgãos corporais, e ainda outros, em membros. Assim, tais segmentos, ao invés de se desprender, permaneceram integrados, formando uma colônia de segmentos, repetindo no nível dos *artrópodes* o que ocorreu outrora com as colônias celulares mais simples. Aí está: o objetivo primitivo era produzir segmentos que se desprendessem num processo de reprodução assexuada, produzindo a simples *quantidade*; depois os segmentos, em se diferenciando, mantiveram-se unidos pelo que produziram a *qualidade nos vermes segmentados*; mais tarde, os segmentos, em se especializando mais, transformaram-se em cabeça, mandíbulas, órgãos corporais e membros. Está nascido o *artrópode* primitivo de que os crustáceos, aracnídeos, miriápodes e insetos surgiram.

Retornando em nossa síntese, ao ponto em que o saco se fura no fundo, tornando-se tubo verminoso, em vez de seguir o ramo que deu nos artrópodes, podemos seguir o outro ramo de vermes também segmentados, que foi dar nos vertebrados. Deste modo, dos *equinodermos* (astérias, holutuárias, ouriços-do-mar) saíram dois ramos, *dois vermes entre si diferenciados*: um que seguiu o caminho dos invertebrados a partir dos artrópodes, e outro que tomou a linha que veio dar nos peixes primitivos, cartilaginosos (cordados), que se mudaram em peixes ósseos, anfíbios, répteis, aves, marsupiais e mamíferos.

A Vida é uma contínua potenciação de valores, em que a *quantidade* se muda em *qualidade* a qual se amplia, *quantitativamente*, para, de novo, produzir *nova qualidade* mais alta e mais complexa. A integração promove a potenciação dos seres que se espalham em *quantidade*, até que se potenciem de novo em cada vez mais alta qualidade.

No pé da *escala vital* próxima ao reino dinâmico, impera a *quantidade*, e as bactérias, aí, podem reproduzir-se só assexuadamente sem apresentar o estado senil; tanto que principia a subida escala acima, os seres alternam a fase partenogenética com a sexuada; avançando mais, a fase sexuada, outrora esporádica, vai-se tornando mais freqüente, até que desaparece inteiramente a fase partenogenética nos seres superiores que são *qualitativos*, em oposição aos inferiores que são apenas *quantitativos*.

Na colônia, as células, *porque diferenciadas, porque qualificadas*, já principiam a divisão do trabalho, ficando algumas em estado de primitivismo para servir à reprodução de nova colônia, de outro ser colonial. Como estas células indiferenciadas, reprodutoras, se acham disseminadas pelo corpo da colônia-mãe, quaisquer pedaços desta leva parte daquelas consigo, razão por que os pedaços brotam, crescem e constituem novas colônias. Aqui, já, qualquer alteração que não atinja as células conservadas em estado de primitivismo, isto é, especializadas para a reprodução, não se transmite à colônia descendente. Quando os seres coloniais se tornaram seres pluricelulares superiores, tais células reprodutoras prosseguiram no serviço de propagar a espécie.

Aqui ocorre, agora, um problema novo para a Vida: os unicelulares se reproduzem por cissiparidade, até que se esgote o impulso existente no plasma, semelhante à “corda dum relógio” (Fritz Kahn). Acontecido este esgotamento, os unicelulares se conjugam para trocar, entre si, parte dos plasmas, dos ácidos nucléicos e dos gens. Isto é dar nova corda ao relógio da vida, para prosseguir na perpetuação da espécie. Quando, todavia, as colônias se formaram, como fazer para que as células germinativas prosseguissem a reproduzir a espécie? Tais células entranhadas na massa das irmãs especializadas, ficavam impedidas de encostar-se a outras células de outras

colônias, também mantidas em estado de primitivismo, para as trocas bioquímicas, e, com isto, a corda do relógio biológico se esgotaria, e seria o fim. Este é o problema que a Vida teve de enfrentar. Como o resolveu ?

Primeira solução: a colônia cresce mais, e solta brotos, levando em si, cada broto, as células especializadas para a reprodução; até que tal reprodução por brotamento esgota a energia-corda do plasma. Acontecido isto, vem a segunda solução: a célula germinativa teve de cindir-se ao meio, não *transversalmente*, como as outras do organismo, e sim, em *sentido vertical*, de modo que os cromossomos ficassem reduzidos à metade. Agora, uma metade destas vai procurar a outra célula-metade expelida por outro ser colonial, juntando-se ambas para constituírem a célula-ovo que dará início a novo ser. O plasma recarrega-se, então, de energia vital, para prosseguir reproduzindo outras células, até que se forme nova colônia. A dupla forma de reprodução dos seres coloniais, portanto, não é um *capricho da natureza*, e sim uma necessidade, a de recarregar o plasma, e ainda, o que é mais importante, abrir a porta para a variação. O mesmo fenômeno que acontece no infusório, reaparece, depois, nos seres pluricelulares superiores, variando apenas o mesmo tema vital. Este mesmo tema se repete em nível mais alto ainda e mais complexo, como iremos ver.

* * *

Origem das Espécies

Quando, na formação dos gametas, os cromossomos, no interior da célula reprodutora, se colocam em duas séries, em duas colunas, em dois segmentos paralelos, para, depois, a célula estrangular-se pelo meio das duas fileiras, ficando cada banda com a metade da carga genética, antes um pouco desse fracionamento celular, as duas *fileiras de cromossomos se encostam entre si*, como a despedir-se para sempre. Ora, os cromossomos, grosso modo, são pilhas de gens discóides, assemelhando-se a um colar de moedas japonesas enfileiradas todas num cordel; e os gens são pegajosos, de modo que, quando as pilhas opostas se encostam, ao separar-se de novo, *arrancam-se mutuamente os gens*; umas cartas-gens de um meio baralho genético, vão-se para o meio baralho fronteiro, e vice-versa. Como que trançado, assim, o baralho, como o fazem os jogadores de cartas, e depois de “cortado”, isto é, de as duas pilhas opostas se afastarem, cada meio baralho fica diferentemente construído de como era antes. Assim o explica Fritz Kahn, idéia hoje superada por outra que afirma que as fileiras fronteiriças se enrolam, se cocham, e um corte longitudinal faz com que pedaços de um cordão cromossômico passe a pertencer ao cordão oposto e vice-versa.

Seja que uma pilha de gens se coloca frente à pilha oposta para se encostarem entre si, apartando-se de novo, para depois dar-se o seccionamento por entre as duas fileiras; seja que os cromossomos se enrolam, como as serpentes de Hércules, ou como cordas, e depois a divisão se faz cortando a corda longitudinalmente, como modernamente se diz, o fato é que *há cruzamento genético* com o material dentro da própria célula germinativa diplóide que, após a separação, cada parte passa a ser haplóide. Essa célula de meia carga genética, e por isso haplóide, que pode ser um espermatozóide ou um óvulo, une-se à sua companheira, provinda de outro organismo, reconstituindo a célula completa, o ovo ou zigoto, de que vai originar-se o novo ente.

Eis a nova variação do tema, como faz o compositor em sua peça musical: os unicelulares encostam-se, para, mutuamente, trocar-se parte dos plasmas, dos núcleos, dos ácidos nucléicos e dos gens; igualmente, as pilhas cromossômicas fronteiriças ou se encostam ou se enrolam, reciprocamente, para se trocarem os gens.

Façamos aqui um parêntese, para repetir uma explicação que já foi dada antes, de cuja compreensão dependerá o que vem depois; trata-se de que a Natureza não é uma técnica, como se pensou no século XIX. “Se havemos de fazer comparação (escreve Fritz Kahn), digamos: a Natureza é uma artista. Não é um técnico que visa a uma finalidade, à construção de mecanismos tanto quanto possível eficientes; é um artista que cria pelo mero prazer de criar: a arte pela arte. A natureza compõe como Mozart, porque nela há música. Cria como Miguel Ângelo, pois tem como ele o impulso criador; o homem é a sua criatura e, entre os homens, o artista é o que mais se lhe assemelha”¹⁷⁶.

Ora, não sendo a Natureza uma técnica, uma matemática, ao dividir qualquer coisa viva ao meio, nunca as partes saem iguais. A linha de simetria bilateral que divide uma folha, ou um homem, mostra diferenças na suas metades. Por causa disto, no baralhamento genético das duas pilhas opostas, ocorre sempre que, ao elas se afastarem, uma pilha fica *enriquecida de gens*, e a outra, *em falta*. Assim, saem dois gametas a conquistar a posse do contrário, o óvulo, um bem e outro mal dotado geneticamente. Bem dotado, já se vê, é o que saiu enriquecido de gens, e mal dotado é o que ficou empobrecido deles. Se o gameta bem dotado atinge o seu objetivo, igualmente bem dotado, ou seja, enriquecido de gens, o resultado final será um ovo originário de um indivíduo com boas características, armado para sobreviver em seu meio, e, por sua vez, a transmitir *sua* especificidade, isto é, sua variação. O contrário disto, ou seja, a união de dois gametas mal dotados, produz um indivíduo inferior, fadado a desaparecer na luta pela vida, pela seleção biológica. Toda vez que aparece um indivíduo bem dotado para os fins da espécie, dizemos que ela sofreu um *variação*. Diz Fritz Kahn: “As famílias dizem às vezes: “Falta algo a esta criança” e têm razão. Faltam-lhe placas de genes e onde faltam genes não adiantam admoestações, castigos, aulas de repetição. Não se pode fazer ver o vermelho ao daltônico”¹⁷⁷.

Portanto, a variação não acontece como o supôs Lamarck, pela transmissão dos caracteres adquiridos por um indivíduo em seu somático, mas, provém do “crossing-over” que quer dizer: cruzamento de ponta a ponta, ou cruzamento de um extremo ao outro, ou cruzamento de cima abaixo. Deste modo, a *variação é uma mutação pequena*, imperceptível, e a *mutação é uma variação grande!* Se cada indivíduo novo, porque *enriquecido* geneticamente, vence, e os *empobrecidos* perecem na luta pela vida, ao cabo de certo tempo, a célula *terá de armar novo esquema cromossômico*, novo segmento de gens. E se o gameta portador de um segmento a mais, unir-se a outro apenas com boas características, o indivíduo resultante será *um mutado*, origem de uma espécie nova. Se o mutado puder adaptar-se ao meio, vencer a concorrência dos demais, triunfar na luta pela vida, transmitirá seu salto mutacional, mendelizar-se-á, multiplicando-se nos descendentes, e uma espécie nova surge; se a mutação for desastrosa, seu portador simplesmente desaparece sem deixar vestígio.

Acontece aqui o que Hegel chama de mudança do *quantitativo* para o *qualitativo*. Segundo Hegel, a subida, por exemplo, de temperatura da água, que é *quantitativa*, quando a água

¹⁷⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 56

¹⁷⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 353

chegar a cem graus centígrados, dá-se a mudança **qualitativa**, e a água líquida transforma-se em vapor. Assim com a mutação: a somação de gens, que é a imperceptível **variação**, em dado ponto, implica na produção de um novo cromossomo, e o resultado disto será um **salto mutacional**, uma **variação brusca**, criando um indivíduo não pouco, mas muito diferente, não por falta, mas por excesso de gens, e não quaisquer gens, porém aqueles que propiciam nova adaptação, aqueles que interessam aos fins da espécie que ora surge, passando por isto mesmo, no crivo ou filtro da seleção.

De modo que não interessa a simples somação ou subtração, quando uma e outra não produz resultado apreciável. O patrimônio genético pode até dobrar ou triplicar, sem contudo apresentar nada além de simples variação. Não vale dizer que certa rã possui duzentos cromossomos contra, os apenas quarenta e oito do homem. Falem Wells e Huxley: “Quando contamos os cromossomos de certo número de plantas estreitamente aparentadas entre si, verificamos, com freqüência, que eles são múltiplos uns dos outros. Assim, diferentes qualidades de trigo podem ter quatorze, vinte e oito ou quarenta e dois cromossomos em suas células corporais – todos múltiplos de sete. As roseiras e espinheiros podem ter quatorze, vinte e um, vinte e oito, trinta e cinco, quarenta e dois ou cinqüenta e seis cromossomos. As bananeiras podem ter dezesseis, vinte e quatro, trinta e dois ou quarenta e oito cromossomos – e assim por diante, com inúmeras plantas silvestres e cultivadas. Esse fenômeno chama-se “poliploidia” (presença de cromossomos múltiplos uns dos outros) e parece ter importância universal no reino dos vegetais”¹⁷⁸. Agora Fritz Kahn: “Os 24 cromossomos da nossa ameixa são oriundos de duas árvores silvestres que possuem 8 e 16; os 24 do tabaco provêm de dois antecessores com 12; os 19 da colza, de predecessores com 10 e 9”¹⁷⁹.

A **subtração** é tão importante quanto à **somação** de genes, porque a espécie não pode ficar sobrecarregada de genes inúteis ou prejudiciais ao fim a que se propõe. Todos os embriões de animais recapitulam as fases por que passou a espécie, mas essa recapitulação é grotesca, grosseira, e não fina de pormenores. É que se guardam só os genes do plano geral que, durante o desenvolvimento do feto, cedem seu lugar de comando aos outros genes subseqüentes que aguardam o momento de manifestar-se. Se todos os genes se conservassem e atuassem nos resultados, no somático, o homem seria um monstro impossível até de imaginar-se: peixe, anfíbio, réptil, mamífero e homem. Por conseguinte, é preciso que a espécie se descarte dos genes utilíssimos e indispensáveis numa fase da evolução, porém desnecessários e até prejudiciais nas fases subseqüentes. Ora, somar e subtrair genes, só pode ocorrer pelo “crossing-over”.

Embora o “**crossing-over**” seja uma constante genética, seus resultados nem sempre se aproveitam. Dentre os duzentos e vinte e cinco milhões de espermatozoides de cada função normal do órgão humano masculino, muitos há em que se deram somações e subtrações. Todavia, como fazer para que tais espermatozoides vençam a concorrência de todos os rivais em demanda do óvulo? É por isso que a evolução é muito lenta, levando milhões de anos para que surjam espécies completamente novas, capazes de passar no exame da **seleção natural**. Por isso é que podemos considerar a mutação aproveitável, base de uma espécie nova, como uma loteria: para que dê o número esperado, leva milhões de anos como o atestam as provas paleontológicas da evolução. No entanto, as variações mínimas não cessam nunca, ou para melhor, ou para pior, as quais o filtro seletivo vai conservando ou eliminando.

¹⁷⁸ Wells e Huxley, Evolução dos Seres Vivos Vol. 3, pág. 284

¹⁷⁹ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 345

Os unicelulares se encostam entre si, para recarregar o plasma pelas trocas bioquímicas, possibilitando, com isto, a **variação**, a produção da **qualidade**. Igualmente, as hastes opostas cromossômicas encostam-se entre si ou se entrelaçam, para se trocarem mutuamente parte dos gens, com o fim, também, de possibilitar a **variação da espécie** e a **mutação**. Cada variação é um reforço da mesma espécie, e cada mutação, um reforço de potência superior – uma espécie nova. Sem estes encostamentos que dão azo às **permutações**, às **somações-subtrações**, não teriam surgido as espécies todas, dentre as quais a hominídea. E se a **conjugação** entre os unicelulares é **congresso amoroso**, sê-lo-á também a “**conjugação**”, o **entrelaçamento** entre os cromossomos dentro da célula diplóide, antes de ela dividir-se nas duas células haplóides; e a **impulsão** que leva, depois, as células haplóides de sexos diferentes a se “conjugarem”, para a formação do ovo ou zigoto, outra vez é amor. O cuidado em alimentar e proteger a prole, idem. Logo, o amor e a vida, como já o dissemos, são termos correlatos, sendo o amor anterior à vida e base dela. Afirmar, portanto, que da conjugação depende a vida e toda a evolução, equívale a dizer que a vida e a evolução decorrem do amor, que sem o amor não há vida. O amor, contudo, não é o ato conjuntivo, mas a **energia-substância**, a **impulsão** que leva a esse ato.

O “crossing-over” pode ser provocado artificialmente pela colquicina... extraída do narciso do outono (“*colchicum autumnale*”), um produto que tem a propriedade de ocasionar a paralisia cromossômica. Tratando as células germinativas pela colquicina, no ato de os pares cromossômicos opostos se encostarem ou se entrelaçarem, como estão paralisados, pregam-se, e não se desprendem mais, produzindo, como conseqüência, um gameta com patrimônio genético dobrado. Tais gametas, unindo-se aos provindos do indivíduo de sexo contrário, dão filhos que, no reino vegetal e animal, aparecem como gigantes. Por este meio se obtêm morangos gigantes como melancias, e coelhos tamanhudos como capivaras.

Produzir seres da **mesma espécie**, porém, gigantes, pelo dobramento cromossômico, não interessa nada à vida. Tal dobramento tem que ser conseguido, no tempo, pelo baralhamento de genes. Não dois baralhos superpostos, mas, ambos baralhados e descartados de tudo o que não interessa à espécie. Não valeria a pena criar homens gigantes; porém, se houvesse jeito de dobrar o número de células do cérebro, em sua zona frontal, então, quem sabe? poder-se-ia propiciar meios biológicos para a encarnação de espíritos geniais. Todos os gênios lutaram sempre com as limitações de seu próprios cérebros que não podem acompanhar os vôos do condor. Os cérebros medíocres são todos acrófobos; não suportam as lucubrações prolongadas e profundas. Sofrem de indolência, de preguiça mental, pelo que estimam seguir a uma idéia já pronta, e não, a criá-la. Tal experiência com a colquicina, no entanto, é útil para a ciência e para a economia humana. Para a ciência, por mostrar que se pode obter mutação artificial por esse caminho; para a economia, por propiciar maior quantidade de alimento vegetal (poliploidia), não animal, porque, nos animais, essa ampliação do patrimônio genético dá produtos estéreis.

Como o “*crossing-over*” é uma **constante genética**, fica fácil de entender-se que dada espécie, através de um tempo de milhões de anos, vai **somando** e **subtraindo** seus genes, aproveitando os que servem aos seus fins, e eliminando os outros. Deste modo, por exemplo, certa **somação de genes** deu para encurtar o pescoço de certos animais (o alticamelus já extinto e a girafa atual), forçando-os a nova adaptação qual seja a de nutrir-se das folhas das árvores. Toda **somação genética**, obtida pelo “*crossing-over*”, que desse como resultado o alongamento do pescoço, era aproveitada na nova especialização. Os indivíduos que, pela **subtração genética**, saíssem de pescoços curtos, ou foram eliminados na luta pela vida, ou abandonaram as árvores,

indo-se para os prados, a fim de se adaptarem a outras condições de vida, como tronco de outras espécies.

Um exemplo de **subtração de genes** temos no cavalo cuja história evolutiva se conhece bem. O cavalo, no **eoceno**, era tetradátilo, e do tamanho de um cão médio; quer dizer que ele aparece como tendo já perdido um dedo, pelo que ficou com apenas quatro. Mas sua espécie intentava vencer na vida como corredora das estepes. Quando, por causa de **genes defeituosos, quimicamente falhos** (subtração), nasceu um indivíduo tridátilo, isto foi no **oligoceno**, os genes defeituosos serviram apenas para produzir um quarto dedo atrofiado, inútil, simples órgão residual, até que, no **mioceno**, ele perde o quarto dedo por completo, e fica ainda com três, porém, os dois laterais, porque atrofiados, não tocam no chão. No **plioceno**, já o vemos monodátilo, sem os dois dedos atrofiados laterais, como ainda é hoje. Todavia, estes saltos genéticos, não por excesso, mas por carência (genes faltos ou defeituosos), propiciaram melhor adaptação ao fim colimado, e os indivíduos mutados puderam correr mais que os outros, fugir com mais destreza aos inimigos, sobreviver com mais felicidade, e transmitir suas diferenças aos descendentes. O mesmo ocorreu com os dentes especializados e com o tamanho que aumentou. Ora por semi-carência, ora por carência total, ora por excesso de gens, a espécie foi criando os seus melhores que a seleção aprimorou, até o limite intransponível de perfeição.

Como cada variação ou mutação ocorre por **somação**, ou **subtração**, ou **semi-carência** de gens (gens quimicamente falhos) nos cromossomos, as células que se mantêm primitivas para servir à reprodução, trazem, em si, essas variações ou mutações ocorridas que, a seu tempo, se manifestam no embrião. Pelo visto, a divisão do trabalho nas colônias celulares, já é devido à somação e especialização de gens, porque, do contrário, se tal não tivesse acontecido, cada novo ser colonial formado, teria de organizar por si a divisão do trabalho entre as células em cada nova formação. Ora, como é que cada ser colonial novo que surge, “sabe” como fazer essa divisão, e sempre de certo modo, não variando nunca a antecipada disposição das células? Segue-se, logo, que a célula germinativa originária de nova colônia, traz, na **memória genética** (genes) da espécie, aquilo que se explicitará, depois, no novo ser, inclusive a já antecipada divisão do trabalho.

Agora se compreende por que a ameba primitiva se encarapaçou no **radiolário** e na **ameba calcária**, ou adquiriu agilidade, destreza e capacidade de ataque nos **infusórios**. Não foi que a ameba quis, e por isto o fenômeno aconteceu; o fenômeno aconteceu, pelo modo como o estamos explicando, e a ameba teve de o aceitar como um fato consumado, como uma fatalidade. Não a vontade antes da vida, isto é, o querer da ameba como causa da variação, mas, a vida antes da vontade. Somações genéticas ocorridas no momento das trocas bioquímicas, ao se conjugarem os unicelulares, produziram as diferenças: em uns, as resistências passivas, inertes; em outros, o comportamento ativo do ataque com armas, maior sensibilidade e destreza. Como tudo vem dos genes, por isso, os filhos saem aos pais. Pela mesma razão (genética) os seres se reuniram em colônia: ao desenvolver-se o ovo da colônia, foram atuando, de espaço a espaço, genes diferentes, tornando as células especializadas, umas para uma, e outras para outra função. Se as células se tivessem especializado por causa de reunião delas em colônia, tal especialização seria um **caráter adquirido**; logo, sem possibilidade de se transmitir à célula ovo. Não foi a reunião em colônia que produziu as especializações, mas, pelo contrário, **por causa das especializações que se deu a união**. O que sempre se cuidou fosse a causa, é o efeito, e isto vale também para o homem: não é por **causa da associação** de dois indivíduos **andrógenos**, que um vira homem, e outro, mulher; é porque são já **especializados** em homem e mulher que se associam. E depois de unidos, de

integrados, se ocorre ao homem efeminar-se, ou à mulher masculinizar-se, a união se desfaz. No pequeno como no grande, a vida é um processo que se desenvolve de dentro para fora. No mais alto nível do social, são as especializações que promovem a integração dos homens em grupos; a **tendência íntima de cada um (vocaçãõ)**, o leva a diferenciar-se em certa linha; tornando-se especialista, não pode fugir à associação, visto como só o ambiente social pode proporcionar-lhe meios de realizar-se, de fazer o que gosta e o que quer. Na gênese da sociedade estão os indivíduos que se associaram nela, pelo que, neste sentido radical, não somos produtos do social, senão que o criamos a ele, para, nele, sermos felizes, construindo-nos do modo como o desejamos, e executando aquilo que nos dá prazer. Os homens não foram criados por causa do Estado, e sim, este, por causa daqueles. Não importa que o Estado (sociedade) não reconheça nem remunere o trabalho dos gênios que criam o porvir; estes agirão sempre contra o estabelecido, contra o Estado, como fez Sócrates, como fez Jesus, executando sua função modeladora, criando o amanhã. Embaixo, todavia, na camada indiferenciada do social, pode haver acomodações, e até, às vezes, lamentáveis...; porém, fundamentalmente, isso que vemos no mais complexo, aparece já na base da sociedade, na família: não é a união matrimonial que faz o homem e a mulher, mas, porque são já diferenciados como homem e como mulher, por esta razão se casam .

Todo embrião recapitula, grosseiramente, as fases por que passou a espécie desde as origens da vida, em virtude de, na memória genética, nos genes, estar escrita essa história... a começar pela célula única (ovo), passando pela fase colonial (mórula), indo para a especialização (blástula, gástrula), até o surgimento das brânquias dos peixes, da cauda e dos pelos dos mamíferos. E depois de nascida, a criança humana ainda possui pés e mãos preenseis residuais, juntamente com a docilidade e a candura daquele saudoso como que “gibão” primitivo de que saiu a espécie humana. Tudo está escrito e guardado na memória genética cujas letras e códigos são os genes. E onde a **mutação descriativa** (raios X, raios gama, agentes químicos e físicos) apagou esses códigos, a **memória genética falha**, e o indivíduo nasce defeituoso. E se tal indivíduo proliferar, os genes defeituosos achar-se-ão nos descendentes. Os genes, por exemplo, que comandam o desenvolvimento da cauda e dos pelos do embrião humano, são carentes de força, não recebem reforço, e cessam de agir antes do nascimento. Se, todavia, forem reforçados, ou se não forem impedidos pelos genes das fases subseqüentes, a criança nascerá peluda e caudada. E se isto interessasse à espécie humana, tais indivíduos, biologicamente animais, venceriam na luta pela vida, mendelizar-se-iam, criando, de novo, o homem-macaco. Face a isto, a sentença que afirma: **os órgãos atrofiados não reaparecem**, tem de levar este subentendido: **por não interessar à espécie**.

O homem possui duzentos órgãos residuais, o que equívale a ter número igual de gens defeituosos que são suplantados por outros, pelos subseqüentes, quando estes iniciam suas atividades. Se não existissem tais genes, ou grupo de genes associados, os órgãos residuais não apareceriam no somático. Nos começos, quando uma espécie nova surge e se impõe, é mais comum o reaparecimento do órgão suplantado que, sendo um empecilho para a espécie, seu portador é prontamente eliminado na luta pela vida.

Quando a guerra entre criacionistas e evolucionistas andava acesa na Europa, e Darwin era o assunto de todas as reuniões, foi levado a percorrer o mundo o russo Adrian Jeflichew que tinha a aparência de macaco, corpo totalmente peludo e cara de cachorro podengo. Para azar de Adrian, seu filho Fedor possuía as mesmas características do pai. Jeflichew ficou famoso por sua animalesca fealdade, e isso motivou a que o Capitão Hougston se pronunciasse como conhecedor de

uma família inteira, peluda como macacos, existente na Birmânia, e o fato já se remontava a três gerações. Três gerações ? Então poder-se-ia criar uma raça inteira de tais peludos, visto que seus caracteres se mendelizavam ? Como dizer, então, pura e simplesmente, que os órgãos atrofiados não reaparecem, sem acrescentar que é porque *não interessam aos objetivos da espécie* ? Logo mais, veio do México Júlia Pastrana para exhibir-se e dançar em público com sua cara peluda. Para completar o quadro, foram trazidos ao exame da ciência, homens com rabo da Índia e da Grécia, um filipino com maxilar e dentes de macaco, e, ainda, um recruta de Friberg, em Badem, que possuía seis mamilos, afora outras monstruosidades. Com isto, se demonstrou que, mesmo na atualidade, há homens que conservam características de animais. Os fetos de tais homens pararam na fase embrionária, porque os gens que deveriam comandar o desenvolvimento nas fases subseqüentes, estavam em falta. Por que ? Porque o “*crossing-over*”, se produz a *somação de gens* numa fileira cromossômica, na fileira oposta, como é matemático, produz a *subtração*. E o gameta que sofreu a subtração foi o felizardo azarado (!) a fecundar, ou a ser fecundado pelo gameta contrário. Filizardo, porque fecundou ou foi fecundado; e azarado, porque produziu um indivíduo macacóide. Fale Fritz Kahn: “Goethe disse o seguinte da História Universal: “Trata-se de uma fuga, em que os diversos povos como vozes entram sucessivamente” . Assim pode-se dizer da vida que é uma fuga em que as vozes dos genes tomam a direção uma após outra” ¹⁸⁰ . Se umas vozes falham, continuam soando, na memória dos ouvintes, as vozes anteriores...

Uma prova do que afirmamos é a regressão do homem em certa época. As contingências do meio impuseram uma seleção às avessas e apareceu o super-bruto homem de Neandertal. Fale Herbert Wendt: “A fase de humanização começou no mioceno com os nascentes “bípedes” e terminou no limiar do plioceno, depois de quatrocentas a seiscentas mil gerações, com o “Prometeu” utilizador do fogo” ¹⁸¹ . Por este motivo, “com efeito, hoje pensa-se que alguns caracteres do pitecântropo e do homem de Neandertal, aparentemente primitivos e antes designados com “simiescos”, como as grandes protuberâncias superciliares, foram na realidade readquiridos por *evolução paralela*, por processos complicados na estrutura hereditária, em suma, que ali, num grau de evolução superior se deu um reaparecimento de alguns caracteres recessivos do macaco” ¹⁸² . Os antropologistas observaram “que os tipos mais antigos da raça Neandertal tinham aspecto menos “brutal” e que as ditas características primitivas dessa raça eram, na realidade, novas aquisições” ¹⁸³ . Que aconteceu ? Pois não foi outra coisa senão que as fases superiores às do pitecântropo ancestral remoto, ficaram impedidas de manifestar-se por ter havido a subtração dos genes que as comandavam: o resultado foi o nascimento do *meio pitecântropo*. Tal homem excessivamente rude preencheu totalmente as condições hostis do meio, tornou-se um chefe supremo, um vencedor incontestado. Seus muitos filhos se incumbiram, pelo mesmo motivo do pai, de mendelizar-lhe os caracteres simiescos. Logo, não há sentenciar de modo absoluto que os *órgãos atrofiados*, que *os caracteres perdidos*, não reaparecem.

Do exposto, concluímos que a girafa atual e o alticamelus extinto não ficaram com os pescoços compridos, por causa de forçá-los para alcançar as folhas altas das árvores, como pensara Lamarck, e sim, por causa dos pescoços longos, vindos por variação genética e mutação, não tiveram outra alternativa senão a de passar a nutrir-se das folhas das árvores. Se não houvesse árvores, os espécimes mutados de pescoço longo, estariam fadados a perecer. Variação nova, nova

¹⁸⁰ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 341

¹⁸¹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 350

¹⁸² Herbert Wendt, À Procura de Adão, 358

¹⁸³ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 332

mutação, obrigam a seguir caminho diferente ou a desaparecer. Não é o meio que atuando no somático, força a variação genética ou a mutação, e sim, pelo contrário, é a mutação ou a variação genética que obrigam a adaptação ao meio próprio. Aquele que, mamífero, nasceu deformado, e em vez de patas teve nadadeiras primitivas, não teve outro recurso, para não morrer, senão procurar a água. Assim surgiram a foca, o golfinho e a baleia, cada um especializando-se na linha própria a que foi **condenado** a viver. A capivara, o castor e o jacaré vivem na água; e, pois, por que suas patas não se tornaram nadadeiras? O castor usa a cauda rija, dura, para bater o barro e fazer diques. Mas foi por nascerem indivíduos de caudas duras, que apareceu o costume de usá-las para bater o barro, fazer diques, represar a água em cujo meio vivem. Para cortar árvores com que fazer os diques, usaram os dentes longos e fortes dos roedores, aproveitando-se, para este fim, as variações genéticas. O castor que, em seu meio, sair de dentes ou curtos, ou fracos, e de cauda mole, ainda que não morra, não se reproduz, por lhe faltarem as armas com que vencer os rivais. O meio não atua nas espécies, a não ser para selecionar os indivíduos. Os que podem adaptar-se, sobrevivem, e se transmitem nos descendentes; os que não podem, são sumariamente eliminados. Os macacos caudados, como o gibão moderno, estão presos às árvores, à floresta, e se essas desaparecessem, eles morreriam todos. Cada tronco de árvore do limite da floresta é como uma barra de ferro de sua prisão...; o tamanho da floresta é o de sua jaula de que não lhes é permitido evadir-se, e aquele que o tentar, morre...

“O mergulhão (dizem Wells e Huxley) é uma ave aquática que não possui estrutura especialmente adaptada à vida aquática: foram seus instintos que o levaram a viver na água”¹⁸⁴. Ora bem: como apareceram tais instintos, se não é ave aquática por natureza, por estrutura, e sim só por gosto de viver na água? E como tendo preferido a vida aquática, sua estrutura não se adaptou a essa condição a que se impôs? Mais: “Membranas incipientes apareceram também repetidamente, como mutação, nos pombos domésticos e nas galinhas; como, porém, esses animais não costumam nadar, elas lhes são inúteis”¹⁸⁵. Nas galinhas e nos pombos que vivem no seco, aparecem, vez por outra membranas inúteis nos pés; o mergulhão que vive na água fica carente delas? Onde estão a prova de que o meio é responsável pelas variações ou mutações?

A vida, por sua impulsão, forçou os aleijados das espécies todas a adaptações quase impossíveis, de tal sorte perfeitas que tomando o efeito pela causa, Lamarck supôs que foi o próprio meio que as produziu. Não são os bilhetes de loteria que criaram os aleijados da praça, e sim, por causa dos aleijões, tais homens se fizeram vendedores de bilhetes. Não foi por pensar que o homem ficou com cérebro de pensador; foi a somação de genes que determinou o cérebro frontal volumoso que, pronto, foi utilizado para o pensamento abstrato. Nos primórdios, os que mais souberam usar esta especialidade nova, sobreviveram, sobressaíram, e a linha humana evolutiva se dirigiu a criar cada vez melhor pensador. Os idiotas vivem hoje, e transmitem aos descendentes seus genes faltos ou defeituosos; isso, porém, jamais aconteceu no passado, e é de ontem que Esparta eliminava, ao nascerem, todos os deformados; e outro não é o motivo por que Platão aconselhava o infanticídio. Nunca se pensou, todavia, no passado, em eliminar os aleijados de guerra; muito pelo contrário, podiam servir de ganhões, porque, como se pensava, e é verdade, os caracteres adquiridos não se transmitem, seja para o bem, seja para o mal da espécie. O sábio não predispõe o filho a nascer inteligente, nem o atleta musculoso pode, por isto, garantir filhos fortes. A incidência, nos filhos, daquilo que têm os pais, deve-se a combinações genéticas que se transmitem, e não, a quaisquer esforços dos pais por melhorar a raça, seja pelo cultivo do saber, seja

¹⁸⁴ Wells e Huxley, *Evolução dos Seres Vivos*, V. 3 - 300

¹⁸⁵ Wells e Huxley, *Evolução dos Seres Vivos*, V. 3 - 301

pelo desenvolvimento corporal. Um gênio deveria ter mais filhos que os medíocres, porque possui genes acumulados no que se refere ao cérebro; no entanto, é comum que morram sem deixar sementes; por que? Porque o objetivo da espécie humana não é, ainda, produzir homens superiores, e sim, homens-massas, gregários e medíocres. Repetindo o que atrás se viu na vida, agora, quanto ao homem, a espécie hominídea se ocupa ainda de produzir a *quantidade*.

Cumpra lembrar, todavia, nosso tema ou tese de que só o fator biológico não basta. Nossa filosofia é a de que *essência* e *substância* formam um par indissolúvel em todas as coisas. Consequentemente, o fator biológico é só a metade substancial do homem, jungida ao fator espiritual que lhe forma a essência. Por isso pode acontecer de um espírito medíocre plasmar seu veículo de manifestação com ótimo conteúdo bio-genético. Então, aparece um indivíduo bem dotado, capaz de fazer coisas incríveis, porém todas inúteis, como sejam: somar, de cabeça, duas ou três colunas longas de algarismos, achar raízes de quaisquer números, relatar séries inteiras de algarismos que fotografam na memória, de sorte que, como se as estivesse vendo ainda, após lhes voltar as costas, relata-as de diante para trás e vice-versa, e ainda, salteado. Tais cérebros privilegiados se nos afiguram como verdadeiros violinos Guarneri ou Stradivarius, tocados por músicos ruins. O oposto também se verifica, para punição do espírito culposo, ainda que genial. É o caso de um Paganini se ver forçado a improvisar um “violino” de um porongo, tocando numa corda só. Serge Voronof até escreveu um livro com o título “Do Cretino ao Gênio”, em que mostra muita genialidade a exsurgir do abismo da loucura. Não é porque um espírito medíocre se aparelha com um cérebro de gênio, que só por isso fica gênio; mas será prodigioso em tudo aquilo que não é ser gênio, em tudo aquilo que não seja a *fabulosa originalidade criativa*. Também um gênio desencarnado pode, por suas culpas, ser forçado a vir louco. No meio da sua escuridão mental, na treva imensa, vez por outra, um angustiado raio de luz aparece, como a atestar que ali se acha sepultado em carne viva uma portentosa mas transviada inteligência. Se tal excelsa inteligência pudesse manifestar-se por um cérebro normal, faria muito mais do que o espírito medíocre com o bem dotado cérebro que herdou.

Como se vê, não consideramos unicamente uma parte, ou só outra, e antes, estamos sempre adstrito ao binômio *espírito-matéria* que é outro modo de dizer *essência-substância*. Assim, segundo a tese que expomos, embora realizada pelo *método do acaso*, da *loteria*, do *ensaio-e-erro*, a Evolução tem um objetivo que é *atualizar um princípio que pré-está a tudo*. Os germes, os princípios vital e mental já existiam criados, e se continuam nos degraus da escada invertida por efeito da queda que aconteceu. Mas os seres aí, e a própria vida, porque invertidos de *sábios no amor no ignaro egoísmo*, não tinham outro método a seguir que não fosse o do *ensaio-e-erro*, o das *tentativas loucas, desassisadas*, sem *planejamento antecipado*, conquanto houvesse um fim a alcançar. Cada estágio, a seu tempo, atuou na matéria, seja produzindo o biológico, seja criando o veículo de manifestação da inteligência preexistente desde os evos em que se deu a criação dos anjos. Não a interferência direta de Deus na criação da vida, e na da humana inteligência, mas *criação indireta*, cumprindo a cada parte invertida reconstituir-se, por si mesma, sob o látigo da dor, pelos caminhos da *Causa Errante*, da *Necessidade Cega* (Platão), que isto quer dizer: egoísmo ignorante, ensaio-e-erro, acaso, dano, sofrimento. Não faltou, todavia, a orientação dos mais altos Nomes amorosos que se desterraram lá do empíreo, para ajudar os caídos na própria reconstituição e desinversão. É de supor que geneticistas espirituais estivessem sempre agindo nos cromossomos, preparando as mutações que dariam base às encarnações dos seres mais altamente colocados na invertida escada. Esta suposição adquire visos de certeza, ao considerarmos que, em dado momento, sem se saber como, surgiu o homem nas mais

variadas partes do globo, não ele acabado, como é hoje, mas cada raça apresentando um caráter já humano o qual, depois, pela miscigenação, se mendelizou num tipo convergente, detentor de todos os valores. Uma raça do Homo contribuiu com os dentes, outra, com o crânio, outra, com o queixo proeminente, outra, com a postura completamente ereta. Tais caracteres exurgem, vez por outra, por atavismo, na raça humana atual, reproduzindo traços do Homo neandertalense, do Homo aurignacense, da Raça rodesiana, etc. É deste jeito que o homem surgiu nas varias partes do globo mais ou menos ao mesmo tempo. “Aproveitamos (dizem Wells e Huxley) a oportunidade para citar aqui uma idéia estranha, que muito se difundiu, e segundo a qual o homem teria uma ascendência múltipla – as raças brancas, por exemplo, derivando-se de um tipo semelhante aos chimpanzês; as amarelas, de um semelhante aos orangotangos; as negras de um semelhante ao gorila. Tal idéia encontra tantas dificuldades e se opõe a tantos fatos e princípios da evolução, que não devemos toma-la a sério”¹⁸⁶. Todavia, que em um tronco único se tivessem operado todas as mutações, dando origem ao homem moderno, isso também apresenta inúmeras dificuldades, dado o tempo que leva não só para uma mutação efetivar-se, como, ainda, para ela mendelizar-se ao ponto de suplantar a raça - tronco original. Mais plausível é pensar que cada tronco racial pré-humano contribuiu com um caráter na convergência que produziu o Homo sapiens. É incrível que raças diferentes não se misturassem e, em se miscigenando, não produzissem um tipo nobre, portador de todos os caracteres de que o Homo sapiens é detentor. O homem teria tido origem múltipla, não do modo como se pensava no passado, mas por somação de caracteres humanos, cada raça contribuindo com sua conquista mutacional para produzir um tipo que venceu todas as demais pela seleção natural.

Assim, nossa teoria da origem das espécies, dentre as quais a hominídea, não é só biológica, senão também espiritual, porque, se considerarmos só a evolução biológica, procedente do Caos, tudo teria aparecido pelo método do acaso, do ensaio-e-erro, como foi, mas sem nenhum objetivo a colimar, sem um *telefinalismo* que, depois, se evidenciou. No entanto, se não houver uma *essência* que, por sua natureza, é intemporal, incausal, nada se forma. E ninguém será capaz de, *objetivamente*, separar a *forma* do seu *conteúdo* em qualquer objeto real, que todo ele é um binômio de *essência* e *substância* inextricavelmente ligados na unidade da coisa. Atrás ficou o nosso repto, e aqui ainda o relembramos, para o confirmar. Sem um *princípio*, pois, que *pré-está*, nada se forma. Daqui vem que nossa teoria da *gênese das espécies* é *criacionista* pelo princípio que *pré-está* à coisa, e *evolucionista* pela parte da *substância* que, sendo puro Caos no início da subida, se foi organizando escala acima, segundo aquele princípio. O ato especial de Deus foi criar o mundo celeste do qual uma parte ruiu e se fez inversão, desintegração e Caos. A escada girou sobre sua base, e inverteu-se; os seres invertidos que não se desintegraram, permaneceram nos degraus dele, nos níveis do universo, a espera de que a evolução, em subindo, se acercasse deles, permitindo-lhes atuar mais embaixo, com o fim de se constituírem da matéria densa. É assim que, se remotamente tudo foi criado por Deus da sua divina Substância-Luz-Amor, proximamente, a criação das coisas, em nosso mundo, se deu por uma descida dos seres invertidos, egófilos, egoístas, ignorantes, jacentes nos degraus da escada.

Esta é a *única maneira, única*, repetimos, de não afastar Deus da criação do nosso mundo trevoso, ignorante, egoísta e mau, referto de loucura, violência e dor, sem, no entanto, fazê-lo a ele responsável pelas dores e misérias do mundo. Quaisquer outros caminhos, se quisermos ser

¹⁸⁶ Wells e Huxley, História e Aventuras da Vida, V.5 – 355

coerentes, darão ou num Deus de maldade, ou num não-Deus, o Acaso soberano, subvertendo-se, por inteiro, o pensamento, por carência de premissa em que se apoiar.

Capítulo IX

Respostas às “Breves Notas”

As breves notas sobre o livro “Um Estudo do Nosso Tempo”, elaboradas pelo ilustrado Sr. José Herculano Pires, traça-lhe o cariz intelectual de *progressista* e de *adepto da teoria cíclica da história*, segundo pensava Spengler. Em filosofia, acha que a razão não está com Ortega, e sim “com Cassires (e antes dele com os Espíritos e Kardec) quando todos estes reclamam “uma filosofia livre dos prejuízos do espírito de sistema”. “Fora disto, cai-se na “auto-suficiência” que ele condena. Mas esta “auto-suficiência” define-se como o isolamento de uma razão pessoal, particular, uma espécie de mágica filosófica com que o pensador tira tudo do ar.

Ora bem: a massa de citações e autores que lideramos fazendo-os falar nas nossas páginas, prova que não andamos só, mas bem acompanhado – “autores e obras exponenciais de nossa cultura”, como o próprio Sr. Herculano reconhece. Se, como ele diz, “a razão depende dos dados que possui”; se “cada qual usa a sua razão segundo os seus condicionamentos pessoais”, isto é, o modo como a cultura se formou; onde fica, então, a auto-suficiência? Agora, a construção do sistema que dá unidade à congêrie de tantas vozes, isso terá de ser feito no isolamento, na solidão em que o pensador lucubra. Ou será que, para fazer filosofia, se convoca uma assembléia de cidadãos vivos? A assembléia que rodeia o filósofo no seu retiro solitário, é de mortos-vivos que falam no seu espírito como inspirações e lembranças de tudo o quanto leu, meditou e assimilou. Assim como em “As lágrimas de Heráclito e o sorriso de Demócrito”, a eloquência de Vieira poderia, também, ter-se alcandorado ao defender esta tese: ***O filósofo está só, quando acompanhado, e acompanhado, quando só.*** Como o homem é um animal social (Aristóteles), cada um busca a sua sociedade; o gregário procura outro a cujo lado segue, sem saber para onde, de cabeça baixa, lã contra lã (Nietzsche), no passo que o pensador, para estar acompanhado, se põe só, em solidão, e, aí, todos os filósofos vivos ou mortos, de todos os tempos e lugares, lhe fazem companhia. Tem lugar aqui também (quem o diria?) o aforismo popular que afirma: “dize-me com quem andas, e dir-te-ei quem es”. Pelo visto, o Sr. Herculano esqueceu-se de definir o que venha a ser auto-suficiência...

E quanto ao sistema, não há fugir dele: porque na Natureza, no Universo, tudo é sistema, seja no grande, seja no pequeno. Tudo o que existe assemelha-se a um leque cujo cabo é a unidade da coisa, e cujos campos, até os bordos, são as unidades menores que o constituem. Forma-se, deste modo, uma unidade ou sistema de unidades menores. No entanto, esta visão de leque é planimétrica, quando, em verdade, cada coisa se nos mostra em visão volumétrica, num feixe de leques cujo centro é formado pela junção de todos os cabos. **Organização é unidade, é sistema.**

O próprio Kardec que clamava por uma filosofia isenta do espírito de sistema, ao **codificar** a Doutrina Espírita, **organizou-a, unificou-a** como **sistema**. Reuniu ele as peças do quebra-cabeça (fenômenos espíritas) no leque da Doutrina. A não ser assim, então, não organizou nada, não sistematizou, e os fenômenos espíritas continuam ainda no mesmo caos ininteligível que era antes.

Entender uma coisa é ligá-la a um todo maior de que faz parte e em que funciona. A visão que enxerga a coisa como parte de um todo maior é a filosofia, por sua natureza **sistemática, unitiva, organizadora**. A visão que desce da coisa como unidade para os pormenores, é a **ciência** que fragmenta e analisa a estrutura até seus últimos limites. Esta é a diferença entre **sabedoria** e **ciência**.

Uma estrutura em leque podemos observar numa árvore, seja do tronco acima, seja dele abaixo. Do tronco acima, depois dos galhos que se bi, tri, tetrafurcam em galhos menores, por fim, vêm as folhas, outra vez com cabo, nervura maior de que sai o leque de nervuras menores até os bordos; vêm as flores que são unidades de unidades menores; vêm os frutos que são universos no sentido etimológico da palavra **uni + verso**, ou seja: a unidade mais a sua contraparte pluralidade.

Do tronco abaixo, as raízes se fracionam em raízes menores até as radículas e pêlos absorventes. Sem estes ínfimos pêlos das radículas, e sem a folhas, o vegetal não vive. O vegetal se abre para fora, em busca da luz, do ar, da terra. O animal se fecha para dentro, invagina-se, torna-se num saco porque é ladrão, e todo ladrão precisa de um saco (Fritz Kahn) Nesta máquina invertida, em relação ao vegetal, que é o animal, os pelos absorventes recobrem as paredes internas intestinais, e, nos pulmões, minúsculos alvéolos põem o sangue em contato com o ar.

O cabo do leque chamado **sistema circulatório sangüíneo** é o coração; o cabo do leque **sistema nervoso** é o cérebro; e há outros **sistemas** como o digestivo, o renal, o linfático, o neuromotor, etc., todos conectados à unidade maior que é o organismo animal.

Do elétron ao universo, tudo é sistema, e **sistema** quer dizer **organização, unidade, uni + verso**. E onde não houver **unidade, norma, conexão, organização**, aí estará o caos. As filosofias todas são leques ou sistemas, porém, separadas, independentes, estanques. Achar o nexo que as liga na unidade, foi o nosso trabalho. O caos dura até enquanto não vem a codificação, a integração dos leques separados, antagônicos, discordes, na unidade global.

Pensar é organizar idéias, dispô-las em hierarquia, arranjá-las em **unidade**, em **sistema**. Como cada coisa se nos mostra como unidade, como organização, em nosso espírito, o mundo se reflete como é, como **sistema**. Daí que a filosofia é a **visão geral do mundo, da qual se extrai uma norma de conduta**. Se tal visão não confere unidade (sistema); se cada faceta da realidade

não se encaixa em outra, em outra, em cadeia, em hierarquia, até uma generalização (sistema), como guiar-nos em meio à congêrie anárquica? O animal se guia pelo instinto que o mantém fechado na linha rígida do determinismo; mas o homem, como é forçosamente livre; livre, queira ou não queira; livre até para fazer-se escravo; não poderá guiar-se a não ser pela razão que lhe alicerça a *crença* (sistema). Que, logo, significa uma filosofia *não-sistemática*? Pois significa que não conclui nada, que não dá uma visão do mundo, que não norteia ninguém, nem mesmo o observador. Aquele que, postado em seu mirante sobre o mundo, apenas o vê, e o descreve, mas não conclui nada, é literato prosador ou poeta ou ensaísta, ou pintor, ou músico, ou escultor, não, porém, filósofo. Quem olha o mundo como pensador, procura enxergá-lo como unidade, daí, *sistema*.

E como cada filósofo olhou o mundo de um mirante, surgiram muitos sistemas. Até que, por fim, um indivíduo teve a idéia de olhar o mundo do ponto de vista de cada filósofo, postando-se em todos os mirantes, e teve uma *visão de visões*, uma que *engloba a todas*, uma *síntese de visões*, construindo, por sua vez, um sistema (unidade global) que é a síntese da filosofia. O mundo não pode mais, por muito tempo, ficar perdido na confusão de vozes, ou de sons instrumentais. Cumpria surgir um regente que desse início à sinfonia, ou fizesse cantar o coral. E nunca se viu que a regência fosse executada por dois ou mais maestros. Tinha que ser um; ruim ou bom, havia que ser um.

Todos os filósofos têm sua razão, e sistema nenhum constitui erro total. Juntar todas as razões numa só razão geral, nisto se tem cifrado o nosso esforço. “De Volta do Caos” já está escrito para explicitar tudo o que se acha implícito em “Um Estudo do Nosso Tempo”.

Todavia, este sistema que é a síntese, por sua própria natureza não é um *sistema fechado, exclusivista, intransigente*, que, se o fosse, não daria razão a ninguém. Não um *sistema fechado*, mas, *aberto*... às especulações futuras que devem enriquecê-lo; não, uma circunferência, porém, uma espiral.

E para que se não diga que nisto estamos só, leiamos em Toynbee aquilo que fez dele um dos maiores historiadores contemporâneos: “Devi meu sucesso à instrução altamente inteligente que recebi em Wooton Court de um dos assistentes, H. J. Haselfoot. Ensinou-me a pensar por mim mesmo” – *auto-suficiência*?¹⁸⁷. Mais: “Recusei-me a ser encurralado dentro de um campo de conhecimentos arbitrariamente delimitado. O Sr. Haselfoot salvou-me disso, ensinando-me, uma vez por todas, a considerar um problema em totalidade”¹⁸⁸. Mais ainda: “A “totalidade” era a chave de sua grandeza (de Smuts), assim como o era a da de Einstein. Einstein fez suas descobertas que marcaram época reunindo coisas que espíritos menores tinham deixado separadas. Sr. Winston Churchill é outro grande homem do mesmo filão não-moderno. A amplidão de vistas destes três grandes homens é um elo entre si que transcende as diferenças de suas personalidades e sua carreiras. Todos três ter-se-iam sentido à vontade se tivessem nascido no mundo de Políbio, Catão, o Censor e Arquimedes”¹⁸⁹. Ainda isto: “Tal como o filósofo da história islâmica do século XIV Ibn Khaldun, e o filósofo ocidental da história do século XVIII Vico, Freeman tinha o dom de “ver o mundo em um grão de areia” ”¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Arnold J. Toynbee, *Experiências*, 4

¹⁸⁸ Arnold J. Toynbee, *Experiências*, 109

¹⁸⁹ Arnold J. Toynbee, *Experiências*, 125

¹⁹⁰ Arnold J. Toynbee, *Experiências*, 125

Consequentemente, se Smuts, Freeman, Vico, Churchill, Einstein, Toynbee fossem filósofos, o trabalho da síntese das filosofias já tinha sido iniciado ou feito; mas não o eram, e tudo ficou à espera de que surgisse esse alguém.

* * *

Além de anti-sistemático, o Sr. Herculano Pires é *progressista*. Aliás, o ser *anti-sistemático* decorre de ser *progressista*, porque, se tudo necessariamente, vai como tem que ir, inútil será organizar sistemas com vistas a guiar e controlar a vida, segundo um fim proposto. Basta abandonarmos-nos à correnteza, e ela levar-nos-á onde, forçosamente, queiramos ou não teremos que chegar. Justifica-se, deste modo, a prece de Cleanto, o estóico fatalista, que “implorava de Zeus e do Destino a graça de seguir, por sua própria vontade e sem desfalecimento, os caminhos que lhe traçaram; “porque”, acrescentava ele, “se eu perder a coragem e me revoltar, terei que segui-los exatamente do mesmo modo” ”¹⁹¹. Mudaram-se os tempos, os lugares e os homens, mas a velha idéia fatalista ressurgiu, como a Fênix, renovada. Porque “a idéia progressista consiste em afirmar não somente que a humanidade, – um ente abstrato, irresponsável, inexistente que então se inventou, – progride, o que é certo, mas também progride necessariamente”¹⁹². Mais: “Caminhando assim, segura, para sua plenitude, a civilização em que embarcamos seria como a nau dos feácios de que fala Homero, a qual, sem piloto, navegava direto ao porto. Esta segurança é o que estamos pagando agora”¹⁹³.

Por causa da adoção como “verdade” incontestável, indiscutível, porque de fé, deste galho do idealismo, o *progressista* não se abala ante a convulsão do mundo. Daí que o Sr. Herculano procura serenar-nos o ânimo com sua profecia – esta sim, auto-suficiente –, e em lugar das provas, das citações, da documentação histórica necessária, apresenta apenas a palavra, ficando tudo sob palavra de profeta que crê... de fé. Diz ele: “Mas é evidente que nas correntes de jovens atuais (como nas juventudes de todos os tempos, o que vale é a inquietação, a busca de novos rumos). As influências são em geral passageiras e os jovens acabam optando por uma síntese de suas aspirações com os dados da cultura existente. Foi o que sempre aconteceu e não temos razão alguma para pensar que agora será diferente”.

Estejamos todos tranqüilos, não havendo nada que temer, pois uma como *Mão Divina* guia a história, não precisando o homem preocupar-se. Existe uma Razão atrás da história... A história é racional (Hegel); daí que a história é determinística – determinismo histórico (Marx- Engels). E é?

Quando Toynbee era moço (agora está com oitenta anos), Toynbee, considerado o maior historiador contemporâneo,... porém, fale ele próprio: “Mas quando procurei no seu livro (de Spengler) uma resposta para a minha pergunta sobre a gênese das civilizações, comprovei que ainda me restava trabalho por fazer porque, nesse particular, Spengler me parecia dogmático e determinista ao ponto de se tornar obscuro. Segundo ele, as civilizações surgem, se desenvolvem, declinam e, finalmente, soçobram em absoluta conformidade com um ciclo invariável sem que, para isso, houvesse explicação alguma. Era, precisamente, uma lei da natureza que Spengler havia

¹⁹¹ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 64

¹⁹² Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 65

¹⁹³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 66

descoberto e que devemos aceitar, confiando na palavra do mestre: ipse dixit.”¹⁹⁴ . E mais adiante: “Essa visão cíclica da marcha da história se arraigou de tal maneira nos espíritos e nas inteligências dos gregos e dos hindus – inclusive Aristóteles e Buda – que chegaram a admiti-la como verdadeira, sem pensar que era necessário prová-lo”¹⁹⁵ . E em outro lugar: “Spengler, cujo método consiste em estabelecer uma metáfora e em prosseguir argumentando como se a referida metáfora fosse uma lei baseada, por sua vez, em fenômenos observados, afirma que todas as civilizações passam pelas mesmas idades sucessivas pelas quais passa um ser humano; mas a eloquência com que disserta sobre o referido tema de modo algum contribui para prová-lo, e já frisamos que as sociedades se não podem comparar, sob qualquer aspecto que seja, a organismos vivos. Subjetivamente, as sociedades são campos inteligíveis de estudo histórico. Objetivamente, são o terreno comum entre os respectivos campos de atividade de um determinado número de seres humanos individuais, que são eles mesmos organismos vivos, mas que não podem fazer surgir magicamente, da interseção das suas próprias sombras, um gigante à sua imagem e semelhança, nem insuflar, a seguir, neste corpo sem substância, o sopro da sua própria vida”¹⁹⁶ .

Ora, se o ser social não é como um organismo biológico, sujeito às leis biológicas do nascer, crescer e morrer, a gênese, desenvolvimento e colapso das civilizações não podem ser buscados na biologia. Contudo, esse Briaréu do social, de muitas cabeças, não anda às tontas, porque segue uma só cabeça, em que se resume a *minoría criadora*. E esta minoria pensa com seus cérebros objetivos, concretos, cérebros que evoluíram debaixo, com a evolução do sistema nervoso. Quando, todavia, essa *minoría criadora* é, pela obra dos *demagogos*, substituídas por uma *minoría* apenas *dominante*, o Briaréu não sabe mais conduzir-se, as cabeças brigam entre si pela posse do comando (guerras civis, guerras intestinas), e o Colosso cai por terra ferido de morte. Aí, então, chegam os abutres que espreitavam à distância (bárbaros), para cevar-se no organismo moribundo, sobre o qual desferem o golpe de misericórdia. Como o sistema nervoso e o cérebro têm história, *a razão é histórica*. A isto, fale Ortega: “Eu penso que é urgente inverter a fórmula de Hegel e dizer que, bem longe de ser a história “racional”, acontece que a própria razão, a autêntica, é histórica”¹⁹⁷ .

Pois como a razão é histórica, tem história, evoluiu com o sistema nervoso e com o cérebro, segue-se que essa razão que é histórica, é a que faz a história. Por que método? Pelo ensaio-e-erro, por tentativas e falências. O que diz Toynbee à página 42 de “A Civilização Posta à Prova”, pode ser expresso desta forma: a história procede por ensaios-e-erros como o aprendizado animal. E assim como o animal tira experiências dos erros para não os repetir, um dia a história acertará a mão. Logo, não há fatalismos históricos ou ciclos determinísticos. Daí que é preciso ficar de sobreaviso; daí *o nosso alertismo* que é também de Ortega.

Quanto a isto, cita-nos o Sr. Herculano Pires, e comenta: “Tudo depende de nós, e só de nós” (nosso) . “Cai assim num excesso de otimismo que não se compadece com o seu próprio alertismo” (dele).

Tudo, sim, depende de nós, e só de nós, para o bem ou para o mal. E para que estejamos bem acompanhado, fale Toynbee: “Através de nossos próprios esforços, temos o caminho aberto

¹⁹⁴ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 13 - 14

¹⁹⁵ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 17

¹⁹⁶ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 471 - 472

¹⁹⁷ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 179

para proporcionar à história, em nosso caso, uma oportunidade nova e sem precedentes. Como seres humanos, somos dotados de liberdade de escolha e não podemos transferir nossa responsabilidade para os ombros de Deus ou da Natureza – nosso dever é carregá-la em nossos próprios ombros”¹⁹⁸. Mais: “Esses enigmas podem ser difíceis de decifrar mas eles nos ensinam claramente o que mais necessitamos saber. Eles nos dizem que nosso futuro depende, sobretudo, de nós próprios. Nós não estamos, simplesmente, à mercê de um destino inexorável”¹⁹⁹.

E acrescenta o Sr. Herculano: “Se tudo depende de nós iremos fatalmente à destruição. Pois não é o homem, segundo o próprio Sr. Caramaschi: “Este ser devorador de semelhantes” ? Essa antropofagia subsistente (herança animal do homem) se revela de tal maneira entranhada em nossa textura atual que confiar só no homem é absurdo”.

De quem, logo, devemos esperar ? De Deus ? Por que, neste caso, não resolve ele os problemas nossos ? Por que deixa ele os homens se entredevorarem, brindando-se com a morte, em ferinas guerras ? Por que permitiu até as “guerras santas” perpetradas, de ambas partes, em seu nome ? Acaso, então, é com a anuência dele que os fortes e os astutos (animal ou homem) prevalecem sobre os pacíficos, ou brandos, ou fracos, ou dóceis ? Por que a vida é egoísta desde os seus fundamentos mais remotos ? Se a mão de Deus guia a história, por que se acha esta cheia de erros e maldades ? De tudo isto, qual será a conclusão ? A conclusão é esta, e não há outra: se o homem não se puser em guarda, em vigilância, se não cuidar de vencer suas próprias impulsões animalescas, sua selvageria, “iremos fatalmente à destruição”. Eis o nosso alerta... que se mantém equidistante do otimismo progressista, e do pessimismo conducente ao nada de Buda, de Sartre e de Schopenhauer. *In medio stat virtus.*

Não, porque afirmamos que de nós tudo depende, e só de nós, que sejamos por isto naturalista. Ninguém se iluda: neste “nós” incluem-se, também, os espíritos desencarnados que, *sem ser Deus*, ajudam na obra arquigigantesca da reconstrução do mundo, no ingente esforço do desenvolvimento da civilização, ao tempo em que elaboram a desinversão de si próprios de egoístas que são, em sábios, e amorosos. Não, “depois de “nós”, o dilúvio”, porque este, sem remédio, de pronto, atingiria aos que amamos; e destruída a civilização, teríamos todos de recomeçar na barbárie. O mundo é a nossa escola de aperfeiçoamento, de desinversão, na carne ou fora dela. A destruição total do mundo nos privaria a nós do campo de experiências, no alto nível que atingimos, à custa de tantas fadigas, de dores e de lágrimas.

Ortega quando afirma que a filosofia está, toda, metida entre dois parênteses iniciais – Heráclito e Parmênides –, conclui, a seguir: “Quer isto dizer que a filosofia começa com um monumental acaso, pois começa ao mesmo tempo, inclusive talvez *exatamente* na mesma data, em dois homens que, sobre pertencer à mesma geração vivem nos dois extremos opostos do mundo grego – Eléa e Éfeso; e começa em cada um com sentido oposto, de modo que suas doutrinas representam, desde logo e para sempre, as duas formas mais antagônicas, de filosofia que é dado imaginar, como se *alguém – o Acaso* ? – houvesse concordado em deixar toda a futura filosofia inclusa desde a primeira hora neste parêntese inicial”²⁰⁰.

¹⁹⁸ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 42

¹⁹⁹ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 44

²⁰⁰ Ortega Y Gasset, Origem e Epílogo da Filosofia, 219

Não acreditamos que estes dois pensadores iniciais tenham-se reencarnado por acaso. Bergson também cai neste engano. Verificando que as civilizações se desenvolvem graças à atuação de minorias criadoras que encantam, fazendo dançar as multidões ao som mavioso de suas harpas celestiais, sai-se, também, com a descabelada hipótese do acaso; diz ele: “Para que se dê a gênese e o desenvolvimento de uma civilização, “um duplo esforço é exigido: um esforço por parte de certas pessoas no sentido de realizar uma nova criação, e um esforço por parte das restantes no sentido de adotarem e de se adaptarem a ela. Pode chamar-se civilização a uma sociedade, logo que estes dois atos de iniciativa e esta atitude de docilidade se verifiquem simultaneamente. Evidentemente, é mais difícil satisfazer o segundo do que o primeiro requisito. O fator indispensável que não exerceu o seu comando nas sociedades não-civilizadas, não foi, segundo todas as probabilidades, a personalidade superior (não há razão plausível para que a natureza não tenha tido um certo número destes *felizes caprichos* em todas as épocas e em todos os lugares) . O fato que se não verificou, foi mais provavelmente o de se não ter proporcionado uma oportunidade para que os indivíduos desta casta pudessem mostrar a sua superioridade e bem assim de, nos outros indivíduos, se não ter manifestado qualquer disposição para seguir a sua liderança”²⁰¹ . O destaque é nosso.

Conquanto isto que afirmamos não seja um dado da experiência para o historiador, o filósofo, como é mais livre, utilizando-se da intuição, pode adentrar-se por este caminho, e é o seguinte: a ser verdade isto de Bergson (citado por Toynbee), que os indivíduos superiores aparecem graças aos “felizes caprichos” da natureza, o que é idêntico a “felizes acasos” ; e certo, como é, que a gênese e o desenvolvimento de uma civilização se deve à existência, em seu meio, de indivíduos superiores, então, não só a gênese, mais ainda o desenvolvimento duma civilização se deve a estes “felizes acasos”, ou a estes “felizes caprichos”, ou a estas “causas fortuitas ou ocasionais” . A gênese e o desenvolvimento das civilizações são produtos do Acaso. E como a civilização entra em colapso por causa da sua incompetência em responder a determinado repto (Toynbee), temos que o que faltou (e se existiram, não foram seguidos) foram indivíduos superiores... para mostrar como replicar ao repto com acerto. A história, logo, é feita por esses indivíduos superiores que aparecem por acaso; e quando da ausência deles, ou por causa de não serem ouvidos, a civilização se desfaz.

A causa espiritual da gênese e progresso, como a da decadência e morte da civilização foi posta de lado por Toynbee e Bergson. No entanto, esta é a *causa primeira*. Quando os espíritos superiores não por bem reencarnar-se em qualquer meio, este, ainda que semi-morto, renasce, ressurgue, recresce, viceja, desenvolve-se. A Renascença simplesmente não teria acontecido, se aquela plêiade de luminares espirituais não se tivesse reencarnado. A estagnação medieval ter-se-ia prolongado até os nossos dias, na melhor das hipóteses, porque, na pior, teria já o mundo soçobrado na barbárie... de que não se acha ainda mui distante. Já dizia Cervantes: os grandes feitos para os grandes homens se reservam. Textualmente: “As grandes façanhas para os grandes homens estão guardadas”²⁰² .

Quando, depois, a massa invade os postos de comando como demagogos, os espíritos criativos se recusam a reencarnar-se em tal meio, que seria perder esforço e tempo, pois não seriam ouvidos. Surge, então, “*o deserto de homens e de idéias*” . Se é difícil ao espírito seletor guiar as massas, ainda que estas concordem em segui-lo, como poderá ele conduzi-las, quando elas se

²⁰¹ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, II, 410

²⁰² Cervantes, D. Quixote, II, 150 - Clássicos Jackson Vol. IX

acham desorientadas pela gritaria dos demagogos ? Então, os espíritos superiores se recusam reencarnar-se... e é o fim da civilização.

Os demagogos são homúnculos que, para as massas, substituem, com vantagem, os espíritos criadores. “Homúnculo é o autêntico filho bastardo de Wagner, do erudito livresco: criatura dotada de inteligência, mas sem vitalidade biológica”²⁰³. Estes homúnculos sabem que “quem deseja com gosto ser ouvido há-de aos gostos da turba acomodar-se”²⁰⁴. Sabem isto, e o aplicam, mas ignoram que “... – o caminho à beleza não vai através da erudição livresca – ...”²⁰⁵. Agora, Sêneca: “É preciso sermos sábios, não eruditos: sabedoria ensina o homem a gozar o seu tempo, a erudição ensina a perdê-lo; a primeira ensina a viver bem e frutuosamente, a outra a viver mal e vadiamente. A cultura pode e deve ser um aviamento para a sabedoria, não um fim. Finalidade da vida humana não é ter tantas noções que não servem para nada: é ter a força de resistir ao mal, de superar as asperezas da existência e de receber a dor como um tesouro do espírito”²⁰⁶.

Homúnculo é o homem-massa enfatuido por um saber superficial, sem autenticidade, porque não se deu ao (para ele) penoso trabalho de, em solidão, repensar, meditar profundamente, digerir e assimilar as coisas lidas, transformando-as em *substância espiritual própria*, do mesmo modo como os alimentos ingeridos se transformam em substância corporal. Como as massas não sabem distinguir os demagogos dos homens autênticos, seletos, que são si mesmos, estes perdem o seu tempo. Daí que os espíritos superiores procuram reencarnar-se noutra parte, acontecendo o que Goethe pôde observar da história: “Trata-se de uma fuga, em que os diversos povos como vozes entram sucessivamente”²⁰⁷. Onde se reencarnam os espíritos superiores, aí estarão as vozes dominantes do coral.

Embora superiores, não são infalíveis, como não o eram os deuses gregos, e “já citava Homero, como provérbio muito antigo, que “os moinhos dos deuses moem devagar”. Os moinhos dos deuses são o destino histórico”²⁰⁸. Cada surto de progresso se cristaliza nas instituições, usos e costumes os quais reagem (misoneísmo) contra quaisquer inovações. Os inovadores, por isto, são desprezados, proscritos e mortos. “Empédocles, o Fausto grego, que fundou a doutrina dos elementos constitutivos do mundo e esboçou uma teoria quase darwiniana das origens, morreu, exilado político no Peloponeso. Anaxágoras, o primeiro pensador que concebeu uma origem do mundo em nebulosas remoinhantes, foi levado ao tribunal como herético e só pôde escapar da condenação à morte graças à influência do estadista Péricles. Os sessenta escritos de Demócrito, em que estava consignada a concepção universal da ciência exata da natureza, incluindo tudo, desde a Fisiologia à doutrina atomística, e onde o pai dos materialistas atenienses se revelou o antepassado de todos os grandes físicos desde Galileu e Newton, Dalton e Faraday, até Bohr e Einstein, foram destruídos na fogueira da censura (dizem que Platão causou pessoalmente esse primeiro auto-de-fé da História da Cultura)”²⁰⁹. Teria sido por ordem divina ou com sua anuência que tudo isto aconteceu ? “Os moinhos dos deuses moem devagar” ... e acabam por moer os próprios deuses que, para não serem moídos, se recusam a reencarnar-se ... onde “*os mortos*

²⁰³ Goethe, Fausto, Prefácio, XVI e XVII - Clássicos Jackson, Vol. XV

²⁰⁴ Goethe, Fausto, 15 - Clássicos Jackson, XV

²⁰⁵ Goethe, Fausto, Prefácio, XVIII - Clássicos Jackson, XV

²⁰⁶ L. Aneu Sêneca, Obras, G.D. Leoni, Estudos Introdutivos, 38

²⁰⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 341

²⁰⁸ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 243

²⁰⁹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 108

matam os vivos” ... mortos, no sentido de Cristo que mandava deixar aos mortos o encargo de enterrar os seus mortos, e mortos no sentido de, quando vivos, na reencarnação anterior, terem sido os criadores das instituições que agora resistem (misonéismo), e, para salvaguardar-se, matam os inovadores. Os mortos neste duplo sentido crucificaram Cristo, e assassinaram Sócrates. E quando já não há mais deuses para cuidar do moinho, então ele pára ... e é o fim da civilização.

Os deuses e os homúnculos movem a história; os primeiros fazem-na andar, e os segundos, a desandar. Certamente que não exageramos ao classificar de homúnculos os cézares romanos quase todos, que se cuidavam “deuses”, e, no entanto, eram doidos, sanguinários, hipócritas, devassos (Calígula, Nero, Cómodo, Heliogábalo, etc.), homúnculos apenas e não deuses, Calígula, diz Sêneca, achou jeito de gastar o tributo de três províncias num almoço. A ocupação do poder por tais arrematados monstros, impedia a aproximação da elite criadora. Catão rejubilou-se quando lhe impuseram suicidar-se, tal qual Sócrates, ao ser condenado à morte, pois um e outro já não podia mais salvar a cidade da destruição, já pronta, destinada.

* * *

Por causa do seu progressismo, de idear a história como fenômeno cíclico, determinístico, por achar que a mão de Deus guia os acontecimentos humanos, o Sr. Herculano acha normal a desorientação dos moços, a insurgência deles contra o estabelecido, a revolta agressiva contra os velhos, “coroas”, “quadrados”, que acreditam no casamento e coisas que tais, a que eles chamam “caretes”, e tudo isto, **sem proporem nada em substituição**. Não se trata da normal hesitação do moço que não sabe ainda por onde tomar, e sim, de uma atitude ativa de destruição, e isto, sem apresentar nada que possa ficar nos lugares das demolições. Quando o que é velho cai, invariavelmente, foi desalojado pelo novo; não é preciso destruir o passado; basta criar o futuro. Pois agora se viu o inaudito de se repudiar o passado, sem ao menos, que fosse, ter planejado o futuro ! Destruir por puro vandalismo ? Bem se expressou W. R. Inge citado por Toynbee: “As antigas civilizações foram destruídas por bárbaros de importação; nós criamos os nossos próprios bárbaros”²¹⁰. Mais: “Sem instituições, as sociedades não poderiam existir. Na verdade, as próprias sociedades são instituições da mais elevada espécie. O estudo das sociedades e o estudo das relações entre instituições são uma e a mesma coisa”²¹¹. Agora, Ortega: “Sem mandamentos que nos obriguem a viver de certo modo, fica nossa vida em pura disponibilidade. Esta a horrível situação íntima em que se encontram já as juventudes melhores do mundo”²¹². Ainda: “Se você não quer submeter-se a nenhuma norma, tem, **velis nolis**, de sujeitar-se à norma de negar toda moral, e isto não é amoral, mas imoral. Uma moral negativa que conserva da outra a forma em oco”²¹³. Até os “gangsters” possuem uma regra, uma lei, uma ordem entre eles, que lhes proporciona a sobrevivência própria; e se alguém do bando criminoso quebra a norma, sem demora, seu cadáver é achado, misteriosamente, nalgum recanto da cidade grande. Até o inferno, em seus vários níveis, é organizado para o mal, e se acontecesse anarquizar-se totalmente, de novo tornaria no antigo Caos ... e seria o fim do próprio inferno; portanto, subsiste ele graças ao pouco que nele há de céu, de ordem e de lei, e se ocorresse cessar totalmente a ordem de imperar, o inferno desceria mais ainda em grau de danação, e indo-se por esta via, sua loucura se tornaria cada vez mais louca, até que, alfim, se acabaria no atro abismo do **não-ser** extremo, no mais arrematado Caos.

²¹⁰ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 785

²¹¹ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, I, 93

²¹² Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 203

²¹³ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 261

Ser é ordem, é essência, é lei, e se esta não houvesse nos níveis vários do inferno, seria este já o inorganizado caos. Deste modo, até o mais baixo inferno, o mais profundo, para o ser, necessita participar, ainda que em grau ínfimo, da ordem, da essência e da lei. Dragontino é o homem cuja percentagem de demônio supera, em muito, a de anjo. Abaixo de anjo, pode o homem, a caminho de santificar-se, possuir, em si, ainda boa quota de dragão. Assim, a vitória suprema do mal, a rebelião contra as regras todas, todas as normas, poria termo até ao próprio inferno, revertendo-o à Noite antiga, ao primeiro Caos.

Organizar-se no mal (e a Vida o fez no egoísmo) é até mais fácil, porque, como todos somos maus por natureza, ao fazê-lo, apenas damos largas aos nossos próprios atávicos pendores. Queremos uma coisa, e fazemos outra; estendemos nossa mão para obra benfazeja, e, com a ela, segue a sombra negra da garra do demônio entranhado em nós. O vangloriar-se da superioridade própria, do valor pessoal reconhecidamente meritório, a vaidosa ostentação do benefício praticado, da esmola dada, são exemplos corriqueiros entre os humanos.

Organizar-se no bem, eis a dificuldade suma, visto como temos de agir contra a nossa própria natureza dragontina, donde vem que a construção do bem implica em termos de negar-nos a nós mesmos de egoístas, de maus, em trabalharmos na desinversão do que ainda possa residuar em nós de avesso, de dragão, de animalidade fera. Milton:

“Oh ! que vergonha para a estirpe humana !
Firme concórdia reina entre os demônios:
E os homens, na esperança de alcançar
A ventura do Céu, vivem discordes,
A racional essência desmentindo !”²¹⁴ .

E nos vem o Sr. Herculano Pires dizer, dogmaticamente, sem apresentar razões, que a mocidade “sempre foi assim” ?

Falta de religião ? Sim, é a falta de religião a causa próxima, mas o desinteresse pela religião se radica numa causa mais remota, e é o de ela, a religião, não ter sabido *replicar* com acerto e sucesso ao *repto* da *Teoria científica da Evolução*. A tecnologia vem depois, em segundo plano, porque o *Homo sapiens* se mostrou o *Homo faber* desde o início da sua jornada evolutiva. As várias igrejas reagiram (cursilhos, TLC, avivamentos espirituais, etc.), porém, se mantiveram surdas ao *repto* que continua *reptando*. Os métodos fanatizantes da hipnose, da dopagem psíquica, todos de fundo emocional (cursilhos, TLC, etc.) de insuflar de novo a fé, não passa de arcaísmo. O homem amadureceu para a racionalidade, e sem um fundo de razão (filosofia), a fé não se enraíza.

A tudo isto que é inédito na história, o Sr. Herculano sentencia, fundado na sua fé da história cíclica: “Foi o que sempre aconteceu e não temos razão alguma de pensar que agora será diferente.” Tem razão: sempre aconteceu de as civilizações caírem por não ter sabido responder a

²¹⁴ Milton, Paraíso Perdido, Canto II

um dado repto, e “não temos razão alguma de pensar que agora será diferente.” Não o será, evidentemente, e o mundo não soube replicar ao repto da **Evolução**; conseqüentemente, ou aceita esta solução que o levará, de retorno, à religião, ou tudo estará perdido.

* * *

Quanto à Arte Moderna, também ele acha que a frase de Aníbal Machado está correta. “Não sabemos definir o que queremos, mas sabemos discernir o que não queremos.” A isto, dissemos: “como se pode fazer alguma coisa, se não se sabe o que se quer ? ” E vem o comentário do Sr. Herculano? “Da rejeição do erro nasce a busca do certo” .

Achamos que esta frase está invertida: da busca do certo vem a rejeição do erro. A posse do certo antecede o abandono do erro, do mesmo modo como, ao caminhar, só se deixa o apoio do pé de trás, quando já se tem firmado no da frente. O passado é sempre a segura retaguarda, no ponto em que o porvir é cheio de incertezas, dúvidas, enganos, onde se tateia e sonda com planejamentos. Saltar de cabeça no futuro, sem sondagens prévias, sem auscultações, é pular no escuro. Segue-se o agir ao pensar. Ação sem pensamento prévio, só os animais a têm. Até o chimpanzé reflete um pouco antes de tomar as decisões. Kohler o demonstrou. Antes da ponte sobre o rio ou abismo, a planta, o cálculo, a maquete, o orçamento, a previsão do material, o custo da mão-de-obra e da maquinaria, o padrão de produção, de qualidade, de desempenho e as dificuldades prováveis. O pensamento antecede à ação.

Porém, como estamos decaindo, degradando, imaginou-se a **ação direta**, que é a ação sem pensamento. Ortega: “A civilização não é outra coisa senão o ensaio de reduzir a força à **ultima ratio**. Agora começamos a ver isto com bastante clareza, porque a “ação direta” consiste em inverter a ordem e proclamar a violência como **prima ratio**; a rigor, como única razão, é ela a norma que propõe a anulação de toda norma, que suprime tudo que medeia entre nossos propósitos e sua imposição. É a **Charta Magna** da barbárie” ²¹⁵ .

Porque, como se há de saber que uma coisa está errada, senão à luz nova do certo ? O padre Vieira já dizia: “Quem estima vidros, cuidando que são diamantes, diamantes estima, e não vidros: quem ama defeitos, cuidando que são perfeições, perfeições ama, e não defeitos” ²¹⁶ . Como fazer para um homem convencer-se de que seus “diamantes” são vidros ? Pois há de ser mostrando-lhe os diamantes verdadeiros. Apresente-se, igualmente, a um homem a verdadeira perfeição, a verdadeira beleza, e ele se convencerá de que esteve o tempo todo tomando defeitos e feiuras por perfeições e belezas !

Ora, por que caminhos os artistas modernos se convenceram de que as artes clássicas, barrocas, românticas **são erros** ? erros de cuja rejeição virá a busca do certo ? O que é o certo, então, e o que é o errado, em arte ? Mostrem os artistas modernos suas **artes verdadeiras**, e todos, boquiabertos, rejeitarão o errado.

Fomos, certa vez, ao Ibirapuera, visitar uma exposição de Arte Moderna. Pusemos de lado, quanto foi possível, nosso preconceito, fazendo tábua rasa do que sabíamos em matéria de arte. De início, pusemo-nos a pensar que as várias artes são **formas de comunicação, formas de expressar**

²¹⁵ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 132

²¹⁶ Vieira, Sermões, 3, 378 - Ed. das Américas

pensamentos e emoções, formas de linguagem. Iríamos procurar as mensagens dos artistas. Nosso segundo pensamento foi o de que uma forma nova de arte, ou de expressão, ou de estilo, ***nasce da necessidade de expressar idéias novas.*** Armados destas duas verdades basilares, apodícticas, intuitivas, axiomáticas, entramos a ver as coisas.

Onde as idéias novas ? Aqui, se nos deparou, numa tela, massa informe de confusos traços, em que não se podia divisar feições, nada agradável à vista, e após o impacto estético, fomos ver o título, e era: “Mulher frente ao espelho” . Noutra canto, havia umas como árvores, retas, altas, todas de bronze fundido, e entre os troncos se viam pernas magras, esguias, disformes, sobre as quais se divisava algo parecido ao D. Quixote que a arte clássica consagrou. Ali, o título: “Dom Quixote na Floresta” . Numa de muitas telas semelhantes, cuidadosamente emolduradas, só se viam traços retos, paralelos, nas cores branca, preta e vermelha. E o título: “Estudo em Preto, Branco e Vermelho” . Só uma coisa se salvou, em meio a tanta vacuidade de formas e fundo: era uma peça moldada em barro ou gesso, recoberta com tinta metálica, em que uns anéis grossos e irregulares se entrelaçavam nas três dimensões do espaço; o título dizia: “Representação do Espaço Tempo” . Como absolutamente não temos idéia de como representar o Espaço e o Tempo, porque ambos são abstrações, intuições puras de infinito e eterno, ***irrepresentáveis***, então, salvou-se para nós a “loucura fingida” (Monteiro Lobato) do artista.

O que não querem os artistas modernos é um como ***maná*** israelita, porque este alimento, embora “vindo do céu” , como Moisés fizera crer, de fé, causava o fastio. Os modernistas, porém, não atinaram que o fastio não provém da forma, mas da idéia. Cansamo-nos das concepções clássicas, barrocas, românticas, hoje obsoletas, por não se coadunarem com o turbilhão moderno da tecnologia, com o mundo do ***homem-coisa*** que corre para nada, para lugar nenhum, aturdido pelo estrépito da máquina, ama e senhora sua, da sua vida, do seu destino. Os israelitas sonhavam com retornar às paneladas do Egito, e isto é arcaísmo. O futurismo em arte constitui em pôr o ***maná*** em novo vasilhame, de aspecto bizarro, esdrúxulo, inusitado, porém o conteúdo desta nova forma continua sendo o velho purgativo.

Em desespero, os artistas se fizeram idealmente iconoclastas, repudiando todo o passado estético. Contudo, não poderão fazer absolutamente nada, porque se acham vazios de idéias. Na falta destas, expuseram idéias velhas, medíocres, surradas em forma nova, extravagante, excêntrica, esquisita. Ninguém os entende: então, eles escrevem um libreto para dar as necessárias explicações.

O classicismo nasceu da filosofia aristotélica que vê o mundo em planos paralelos e estanques; daí que a arte clássica (na música se observa bem – Corelli, Vivaldi, Bach) se mostra em movimentos isolados dos quais se pode tirar um trecho sem perceber-se a falha. Da visão platônica convergente a um ponto, saiu o barroco; as partes são conectadas a um todo, e interdependentes. Tire-se um trecho a um sermão de Vieira, e ver-se-á que lhe fica faltando uma parte. O sermão é como uma árvore, já dizia Vieira, com raízes, tronco, galhos, folhas, flores e frutos: Dos três filósofos pós-kantianos, Fichte, Schelling e Hegel, apareceu o romantismo, soberbo nas adjetivações, como soberbas são as construções em leque daqueles pensadores. Não importa que o artista não saiba disto; o mundo ressumbra uma forma de filosofia que invade todos os recantos, os lugares todos, como ocorre com uma luz de dada cor, ao iluminar todo um ambiente, dando-lhe sua constante tonal.

E a Arte Moderna ? de que concepção filosófica (visão do mundo) surgiu ? Que luz se achava, então, acesa sobre o mundo ? Pois não havia luz, havia trevas ! Nasceu da visão agnóstica de que o mundo é uma confusão em que o homem está perdido; daí as deformidades, a pobreza ideológica, a ausência de mensagem construtiva, a feiúra, o caos. A arte, antes, inspirava-se em um ou outro *sistema*; a Arte Moderna se inspira no *anti-sistema*, na *negação*, no *não-ser*. Isto mesmo diz Ortega, por outras palavras:

“Vê-se então que uma das maneiras que o passado emprega para nos inspirar é o incitamento a que façamos o contrário daquilo que ele havia feito. Isto é o que se chamou desde Hegel o “movimento dialético”, em que cada novo passo consiste somente na mecânica negação do anterior. Certamente essa inspiração dialética é a forma mais estúpida da vida humana, aquela em que precisamente andamos mais perto de nos comportarmos como um automatismo quase físico. Exemplo deste modo é o que hoje se costuma chamar “arte atual”, cujo princípio inspirador é simplesmente fazer o contrário daquilo que a arte sempre havia feito; portanto, propor-nos como arte algo que é, substancialmente, “não - arte” ” ²¹⁷ . Pois que a Arte Moderna faça então as suas bagatelas, ocas de idéias, vazias, boas só para os “novos ricos” que as guardarão para a posteridade, e isto servirá de documentação de que a nossa foi uma época decadente... também neste terreno.

* * *

Prosseguindo, o Sr. Herculano nos dá um conselho: “rever (como diz) durante algum tempo todos os seus cadernos, sem se deixar iludir pela música de Sereia das frases e períodos bem construídos, etc.” E nos adverte: “o assunto que enfrenta nesse trabalho é terrivelmente exigente” ; ainda mais... (e inclui-se, por gentileza) : “as deficiências de formação cultural de todos nós brasileiros, quer formados ou não em estudos universitários, devem alertar-nos quanto aos perigos de um mergulho nas profundezas da problemática do mundo atual” .

Uma das quatro causas estudadas por Vianna Moog em sua obra “Bandeirantes e Pioneiros” , do nosso atraso, foi a crença em nós enraizada de que éramos inferiores, por causa da nossa miscigenação racial. Tudo começou com Gobineau, o primeiro a exaltar as qualidades do homem nórdico, e acabou na desgraça do mundo, quando Hitler pretendeu fundar um Estado universal sob o tacho truculento da “super - raça” ariana. Por esta razão, ainda “os europeus se consideraram a si próprios como sendo o “Povo Eleito” e não se envergonharam ao admiti-lo. Todas as civilizações do passado pensaram o mesmo de si próprias e de suas próprias heranças; e ao verem os gentios, uns após outros, rejeitando as suas, a fim de a substituírem pela da Europa, os europeus, sem nenhuma hesitação, se felicitaram a si próprios e aos convertidos à sua cultura” ²¹⁸ .

É por isto que os estrangeiros, de há muito radicados no Brasil, não aprendem a falar corretamente nossa língua. Precisam mostrar que são filhos de outras terras...; e falar corretamente o português do Brasil, poderia fazê-los confundir-se com a “sub-raça” brasileira. Esta crença de que somos insuficientes quanto à cultura (“as deficiências de formação cultural de todos nós brasileiros”) , faz do brasileiro um temeroso do ridículo – “o estúpido medo brasileiro do ridículo – ” ²¹⁹ . Este medo do ridículo que ensombra o brilhante espírito do Sr. Herculano Pires, pairava já

²¹⁷ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 169

²¹⁸ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 105 - 106

²¹⁹ Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 227

na alma de Joaquim Murtinho. “De fato, ainda em 1897, Joaquim Murtinho, no seu famoso relatório ao Ministério da Indústria, com o qual conquistou a pasta da Fazenda, acautelava o governo contra qualquer excesso de otimismo em relação às possibilidades industriais do Brasil: “Não podemos, como muitos aspiram, tomar os Estados Unidos da América do Norte como tipo para nosso desenvolvimento industrial, porque não temos as aptidões superiores de sua raça, força que representa o papel principal no progresso industrial desse grande povo” . “Pretender mais, ao ver do grande ministro de Campos Sales, era pretender demais” ²²⁰ . Até “Rio Branco, o grande Barão do Rio Branco, depois de passar vinte anos sem visitar o Brasil, não consentia negros ou mulatos no Itamarati, porque era preciso que o estrangeiro não julgasse o Brasil um país de mestiços” ²²¹ .

Ficamos sensibilizados com a nobreza de alma do Sr. Herculano Pires, quando ele se mostrou apreensivo, temeroso, para o nosso bem, de que viéssemos a ser objeto de escárnio, riso e mofa, ao enfrentar um trabalho de exigência suma, que seria da alçada da pena renomada de algum autêntico europeu de cultura vasta. E de bom grado estaríamos nós nos dessedentando nas obras, sobre este assunto, elaboradas por algum indivíduo desse velho e grande povo. Mas os europeus estão muito ocupados em cavar suas próprias sepulturas ao cultivar a filosofia niilista, de angústia e nada de Sartre e outros, ao promover seus festivais de pornografia, suas noitadas de libertinagem, em consequência do que se está verificando a queda do índice de natalidade. A Europa já não tem minorias criadoras, capazes de ocupar-se de pensamentos grandes, e a tal cultura européia em que o Sr. Herculano deposita sua fé, não vai além de erudição livresca, sem vitalidade, tendente a reduzir os europeus nos homúnculos de Wagner, já referidos neste escrito. “O europeu está só, sem mortos-viventes perto de si; como Pedro Schlehml, perdeu sua sombra. É o que acontece sempre que chega o meio-dia” ²²² .

Descorçoado de que uma síntese das filosofias entre si, e delas com a religião, pudesse vir da Europa dividida, decadente, o remédio foi um indígena brasileiro pegar da pena e fazer o insigne trabalho para si primeiro, mas que poderá servir para muitos outros, como ele, também, necessitados.

Lamentamos, todavia, que o nosso crítico que é espírita, quanto a esta parte, tivesse posto de lado o Espiritismo ..., e mais o Evangelho no passo em que Cristo diz: “O vento sopra onde quer, e ouves a sua voz, mas não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” (João, 3, 8). Que Espírito ? Ora ! pois se trata do Espírito que se reencarna. A lição estava sendo ministrada a Nicodemos !

O vento sopra onde quer, tal como o Espírito que toma corpo na matéria densa em nova vida...; e quer soprar ou reencarnar-se onde possa construir-se, ao tempo em que ajuda a elevação do meio. Deslocada, assim, a cultura para o Espírito que se enriquece de muitas existências corporais, fica sem sentido arrebanhá-lo com todos os que, numa nação, sofrem de deficiências culturais. Essa é a finalidade das reencarnações; ser homem novo, continuamente renovado, liberto da erudição maciça, livresca, doutras vidas, daquelas conservando apenas o sumo da *verdade e da virtude*. Sem esta periódica destilação, o bagaço da cultura, a pura erudição, apegar-se-ia ao Espírito, impedindo-lhe os vãos para o alto, a conquista do que só cumpre saber,

²²⁰ Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 6

²²¹ Vianna Moog, Bandeirantes e Pioneiros, 263

²²² Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 88

que é que na **vivência ativa da sabedoria-amor**, consiste a sua salvação. Daí que, de quando em quando, se deixa o corpo de matéria densa, e, com ele, a bagagem embaraçante das muitas noções que não servem para nada. A cultura, deste modo, pouco a pouco se destila, entesourando-se na sabedoria. A meta não é ser filósofo, o eterno amante da sabedoria; o fim supremo é possuir a amada, ter posse dela, e não ficar de longe eternamente a adorá-la, como D. Quixote a Dulcinéia, como Platão a “Sofia”, como Dante a Beatriz. Possuir a amada, e não apenas ser eterno amante, é o objetivo.

Ser **sábio** é o fim supremo, e não, o ter cultura infinda. Ganhar a outra dimensão, eis a meta da ambição mais nobre. Daí que **cultura** e **criatividade** são coisas mui diversas. O velho Nicodemos, culto, mestre em Israel, precisava morrer, nascer de novo, simples, leve, noutra condição, para reencetar a falida conquista do Reino Celestial. Procurara ele Cristo à noite, só, às escondidas, e ainda que achava ter, Jesus, vindo da parte do Eterno Pai, não tivera o heroísmo, a coragem de romper com o passado, face à nova luz, buscando o Mestre com o sol em pino, e em meio à multidão.

A cultura é passado, mas passado que passou, e não, de certo, o passado que ainda está por vir. Em Cristo temos o exemplo deste paradoxo, do passado que é futuro, do tendo sido que permanece estando a ser. Faz quase dois mil anos que lançou o maior dos Mestres a sua antecipação que está ainda por efetivar-se. Só, individualmente, alguns dentre os humanos, santos e sábios se tornaram, ganhando, assim, a terceira dimensão. A grande massa humana, com nome de cristã, arrasta-se na planura das instituições, sem, contudo, substancialmente, melhorar-se. Ovídio já dizia: “Vejo qual é o melhor caminho e minha consciência diz-me que este é o melhor, contudo é o pior caminho que eu sigo”²²³. E Toynbee: “Nenhuma civilização conhecida chegou a atingir o objetivo da civilização. Nunca houve uma comunidade de santos sobre a Terra”²²⁴.

Se o destino humano é atingir a dimensão terceira da consciência, a **cultura-qualidade**, e, no entanto, a humanidade em massa apenas se mantém no nível planimétrico da **cultura-quantidade**, que se fossilizou nas instituições, Cristo permanecerá como antecipação pelo tempo em fora, nada importando o andar dos anos, ficando fácil de entender-se o paradoxo de ele ser passado e futuro juntamente. Em Cristo há criatividade potencial que é a sabedoria ainda por efetivar-se, porque o estado hiperconsciencial que ele inaugurou, foi reduzido ao planimétrico da razão, e seu vôo altivo, condoreiro, mediocrizou-se no andar no chão com pés rasteiros. Nesta descida da supina altura, nesta acomodação, perdeu o Evangelho quanto era e tinha. Até foi possível as “Guerras Santas” e a “Santa Inquisição”, e, em nome de Deus, e pela causa do **Evangelho-Amor** (?!), torturas sem conta, horrídas, medonhas, foram perpetradas. Os urros dragontinos, os rouquinhos brados das torturadas vítima, ecoaram por todo este nosso inferno. O dragão sanhudo, sanguinário, hipócrita, devasso, cevou, assim, seu horrído sadismo. Outros cristãos, de índole mais branda, propuseram uma salvação por curto atalho, pela fé apenas, sempre de modo a que, na caverna sua, não fosse o dragão importunado. O egoísmo satânico racionalizou seus atos, justificando-os em termos de Evangelho, e até um Calvino houve que pregou ser a posse das riquezas caminho certo para o céu, visto como, sendo a riqueza um sinal de salvação, a conquista dela era a melhor maneira de agradar a Deus. Eis como a planimétrica cultura, em lugar de bárbaros fazer civilizados, fê-los regredir ao seu antigo estado de selvageria.

²²³ Ovídio, Metamorfoses, Livro VII, linhas 20 - 21

²²⁴ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 57

A cultura, portanto, é extensão superficial que, quando larga, grande, perde-se nos horizontes longínquos onde a terra se confina com o céu. Pertence ela ao passado, no passo que o futuro é domínio da criatividade, e o será como o criarmos, para o bem ou para o mal; e se o não criarmos, o passado agarrar-nos-á pela garganta, sufocando-nos, sob a forma de arcaísmo. Como o bifacial deus Jano, somos condenados a olhar para frente e para trás. Para frente, no entanto, estão as densas brumas da incerteza, o penhasco ou a árvore que nos encobre a perspectiva em plano raso. Consequentemente, só poderá criar quem dispuser de asas com que suba às alturas, e veja o que os de pés rasteiros não conseguem enxergar.

Se o passado (cultura) é a superfície, vem depois desta o volume que, no nível consciencial, é a intuição. As mentes criativas operam aí, havendo, como as aves, as de grande e as de pequeno porte. Como as águias e os pardais no aéreo espaço, as minorias criadoras se mantêm no vôo da intuição; paralelamente, os homens de cultura, quando não possuem veia criativa, se comportam como o jabuti e a gazela, no que diz respeito a cobrir distâncias, exíguas ou extensas, sem abandonarem, nunca, a planície. A cultura nesta forma chata, plana, emplastante, sem sua destilação em *qualidade*, jamais, nunca, pode ser a base da criatividade. Esta forma de *cultura-quantidade*, pesada, condicionadora, até serve de empecilho ao futuro, visto como leva o homem culto a pensar com a cabeça alheia, buscando para as situações novas, idéias velhas, respeitáveis sim, mas já mumificadas.

No entanto, esta dicotomia que fazemos entre *cultura* e *criatividade*, só em teoria é possível, porque, na realidade, ambas coexistem, pequenas ou grandes, em cada indivíduo humano, embora possa haver a nulidade cultural, ou criativa, ou ambas juntamente.

Dado que cultura e criatividade, respectivamente, constituem o bi e o tridimensional da consciência; que a razão bidimensional é raciocínio, no passo que a consciência volumétrica é intuição; que a cultura é própria do passado estratificado na consciência e nas instituições, enquanto que a intuição penetra as brumas e incertezas do futuro, fica sem sentido a fala circunspecta, ponderada, fria, conselheiral do nobre Sr. Herculano, quando adverte: “as deficiências de formação cultural de todos nós, brasileiros, quer formados ou não em estudos universitários, devem alertar-nos quanto aos perigos de um mergulho na profundezas da problemática do mundo atual”.

Face ao que expusemos, esta é a conclusão: aquilo que o Sr. Herculano dá como sendo nossa fraqueza, isso mesmo é a nossa força ! A Europa se acha referta de passado, de tradição, de cultura, no passo que nós, brasileiros, conquanto não sejamos primitivos, ainda estamos cheios de futuro, de esperanças e anseios. Ora bem: “a problemática do mundo atual”, ainda por solucionar, acaso é passado ? Futuro é que é, não se podendo resolvê-la sem futurizar..., e disto a Europa está impedida por sua própria fraqueza... que o Sr. Herculano cuida seja força. O Brasil está na vanguarda do Terceiro Mundo que é a civilização ainda do porvir. Fica agora extinta a dependência que nos ligava à Europa ! Creiamos nisto, e energias profundas, ainda ignoradas, por-se-ão em movimento ! Nenhum homem poderá conhecer suas próprias limitações, a menos que se tenha encarapado como a tartaruga, porque “ser humano é ser capaz de se transcender a si próprio”²²⁵. É agora a vez do amoroso filho, já adolescente, preparar-se para arrimar a mãe, a Europa, que o alimentou, com seu leite, quando era pequenino. Não é isto sonho lindo, róseo, vaporoso, pura

²²⁵ Arnold J. Toynbee, Experiências, 122

mística de um povo que anseia por desenvolver-se. Já tem solidez palpável, até mesmo para os europeus. Toynbee:

“Uma visão antecipada da estrutura da futura cidade mundial já pode ser vista em Brasília, a nova capital do Brasil, construída de acordo com um plano porque foi planejada no que era um sertão virgem. O planejador de Brasília Sr. Lúcio Costa articulou esta vanguarda de Ecumenópolis em quadras. Estas são secções bastante pequenas para tornar possível aos habitantes de cada quadra conhecerem-se pessoalmente. Uma quadra é auto-suficiente, no sentido de não ser atravessada por avenidas abertas ao tráfego de rodas mecanizado. As crianças podem portanto ir a pé de casa à escola sem sair da quadra, e as mulheres podem fazer as compras e ir à lavanderia dentro dela, sem o risco de serem atropeladas”²²⁶. Mais:

O jornal “Le Monde”, de Paris, do dia 27 de dezembro de 1973, publicou dois trabalhos com o título: “A correção monetária pode ser aplicada na França?” E a nossa “Folha de São Paulo” transcreveu, em português, esses dois artigos, na íntegra, em sua edição de domingo, 30 de dezembro de 1973. Citados artigos iniciam assim: “O gosto pela simplificação leva muita gente a falar hoje do Brasil em termos de “milagre econômico”, de “novo Japão”, de “gigante que se levanta”... Tudo isto é verdadeiro e o Brasil merece medalha de ouro do crescimento. Mas, como fez para merecê-la?”

A análise de Jean Soublin, economista e banqueiro, entra depois em pormenores da técnica econômica relativa ao tabelamento de certos valores como: salário mínimo, aluguéis, remuneração da poupança, juros bancários, imposto de renda, previsões para o futuro; até que o economista francês se espanta e se admira face ao paradoxo de a nossa economia expandir-se ao mesmo tempo em que faz cair a inflação.

Desta análise de Jean Soublin, o ex-Ministro Albim Chaladon extraiu um relatório que enviou à Comissão de Finanças da Assembléia Nacional (francesa), que termina com estas palavras:

“Os países da Europa, que manifestam ***uma ausência completa de imaginação criativa diante desse problema, como diante de tantos outros***, deveriam manifestar interesse em analisar de perto e levar em consideração a ***revolução intelectual*** que se realiza no Brasil em função de uma ***maneira de pensar, onde o pragmatismo não exclui a faculdade de invenção***”. Os destaque são nossos, e servem como antítese à opinião do preclaro concidadão Sr. Herculano Pires. Uma faceta da “problemática do mundo atual” é a inflação que os europeus, não sabendo resolver, apelam para o Brasil, não obstante “as deficiências de formação cultural de todos nós, brasileiros, quer formados ou não em estudos universitários”. Duvidosos de que os problemas modernos pudessem resolver-se com métodos antigos, os brasileiros, resolutos, arrostaram com os “perigos de um mergulho nas profundezas (dessa) problemática do mundo atual”. O resultado desse arrojo brasileiro foi a ***criação de um sistema*** não só elogiado, mas proposto por um europeu a que seja copiado pelos europeus.

Se, como diz um europeu “alerta” (eis o nosso alertismo), “os países da Europa (...) manifestam ***uma ausência completa de imaginação criativa diante desse problema, como diante***

²²⁶ Arnold J. Toynbee, Experiências, 430

de tantos outros”, não é de lá que vamos esperar venha a *síntese das filosofias entre si, e destas com as religiões*. Desde que a *Doutrina Evolucionista* pôs em xeque-mate *todas as filosofias e todas as religiões*, este *repto* não replicado até então, passou a ameaçar de morte nossa civilização ocidental. Agora, ou o mundo segue por este caminho que indicamos, ou continuará caindo até o soçobro total, arrastando, na sua queda, as outras civilizações em fase de ocidentalização. Ora bem: para resolver tão crucial problema, de magnitude tanta, era preciso *uma chave*, e esta não se consegue através de cultura por maior que seja. A chave está em “Um Estudo do Nosso Tempo”, e de modo mais explícito, na obra, já manuscrita, “De Vota do Caos”, e é esta:

1.º Pensamento: Deus não pode ser essência pura, pura idealidade, oca, vazia, subjetiva, sem existência real no mundo exterior. Se o fosse, não iria além de pura criação da mente humana, ideiação pura, pura ficção, sem realidade, a não ser na cabeça do homem. Teria razão, logo, quem dissesse que Deus é criação do homem, e não, o inverso; o homem é quem criou Deus, em sua mente, segundo sua própria imagem e semelhança, de onde o projetou para fora, nos cultos exteriores de todas as religiões.

2.º Pensamento: Se Deus não é essência pura, idealidade vazia, pura abstração subjetiva, então, necessariamente, tem que possuir substância... e desta terá sido criado tudo o quanto *existe*, tudo o que é *substancial*. A substância, ao contrário da essência, é móvel, livre, transformável, possível de tornar as coisas a que dá corpo, até opostas entre si. Ora, a mais alta e mais potente forma de *energia-substância* é o amor. Logo, Deus criou tudo de si, da sua substância, do seu amor, donde vem: *tudo o que existiu, existe e possa vir a existir de futuro, é a energia-substância-amor* modificada.

3.º Pensamento: Todavia, dí-lo a experiência, a *vida é egoísta* desde a sua mais remota origem neste mundo, e o egoísmo é o oposto do amor. Nosso mundo é mau, em parte ao menos; em parte, feio; e ainda em parte, dominado pelo caos... em que teve origem. Ora, Deus não podia ter feito aparecer o caos, porque é este a sua negação na forma extrema; portanto, não criou, também, diretamente, em primeira instância, este universo nosso conhecido.

4.º Pensamento: Consequentemente, Deus criou um mundo celestial, em primeira instância, feito de amor, feito de luz, que caiu e se desintegrou no atro abismo, no centro do universo, no medonho caos; outrora teve aqui princípio a Evolução. Coerentemente, esta é um *refazimento* do desfeito quando da inversão do *amor* no seu contrário, no *egoísmo* desintegrador.

5.º Pensamento: A Evolução, em sentido amplo, é a *volta do caos para Deus*, é Religamento do que, outrora, se desligou, é Religião (de religare), e todas as religiões servem a este propósito supremo evolutivo. Ora, o que integra é o amor; consequentemente, a Religião é o Amor. Logo, Evolução, Religião, Integração, Amor, são formas diferentes de expressar a mesma e única *Verdade*. Pela recíproca, Involução, Irreligião, Desintegração, Egoísmo, expressam o oposto, o inverso, a negação, a danação, a loucura, o caos.

6.º Pensamento: O mundo está invertido em parte, e precisa desvirar-se desse avesso; em parte já o fez, e em parte está invertido ainda. O erro original das filosofias todas, foi o não terem enxergado que nosso mundo não é *ilusão*, mas uma *invertida realidade*. A *participação*

platônica consiste em tudo aquilo em que já se operou a desinversão. Ninguém poderá negar coisidade ao mesmo e mais inteiro Caos; conquanto ali não haja *ser*, há o *existir...* de medonhas forças remoinhantes, a luta dos pré-elementos, a busca incessante da ordem que, frágil, logo feita, logo se desfaz. Partículas e anti-partículas ensaiam criar, seja o átomo, seja o anti-átomo. Ainda não se decidiu aqui a pendência de qual universo ser formado, se o da matéria, se o da anti-matéria. Por fim, depois de transcorrido haver bilhões de anos, pôde a matéria organizar-se, absorvendo em si, na estrutura sua, o *acósmico* arqui-dilúvio de energias, então, acantonantes, convergentes, da espécie *raios laser*, nossa conhecida. Eis nascido o arqui-gigantesco *Ovo Primitivo*, o Colosso universal, e ainda, agora, no seio do Universo, cada nova criação começa do modo como foi na origem, pelo caos, pelo ensaio-e-erro, pela tese, e logo mais a antítese, e depois a síntese.

Subindo de baixo, pela escala da vida, surge o homem egoísta e mau, antropófago, agressivo, e se vai pouco a pouco desvirando de dragão... aquele antigo, de quando da inversão do amor no seu contrário. A reconquista do perdido amor impõe-se, como necessidade urgente. Todos os atalhos propostos para a salvação são ilusórios sonhos. Não há atalhos possíveis, nem a salvação poderá acontecer a curto prazo, no lapso apenas duma existência corporal. Cumpre ao homem desvirar-se, pouco a pouco, de *dragão egoísta*, em *sábio*, em *amoroso*. ***Não há salvação fora do amor.***

Eis aí a *chave*, em termos de razão, e o mais, tudo, é dela decorrente ou a ela conducente, conforme se use o método analítico-dedutivo, ou o indutivo-sintético. O “*Epitáfio de Satã*” condensa, numa síntese suprema, o saber todo das filosofias e das religiões.

Assentado seu ariete contra os dois primeiros capítulos da obra, “Um Estudo do Nosso Tempo”, nosso crítico cuidou ter destruído dela a base. Por esta razão antecipou a crítica ao dizer: “Deve ter faltado ao Sr. Caramaschi aquele ponto de apoio que Arquimedes pedia para a sua alavanca”. Enganou-se, no entanto, porque os primeiros capítulos se ocuparam de prenunciar apenas a colocação do problema mor, e não ele colocado; serviram eles de motivo para sair a obra que, sem eles, seria a mesma. Ainda que tivesse podido nosso crítico negar a existência dos problemas do nosso tempo, pois, segundo ele, tudo vai bem com os jovens, com a Arte Moderna, com a história, porque guiada pela mão de Deus, ainda assim, o *problema fundamental*, permaneceu intocado, e é este: a *Doutrina da Evolução*, base da cultura moderna, cientificamente demonstrada, deu xeque-mate a todas as filosofias e todas as religiões. Este é o problema. Este repto não respondido jogou o mundo na materialidade; daí o abandono do espírito, a rebelião dos moços contra as instituições, contra a moral, a caótica Arte Moderna, o desnordeio das mulheres em sua luta liberticista, a desagregação da família, os festivais de pornografia, a literatura apimentada, feita às pressas, para dar vultoso lucro e a curto prazo, a desenfreada libertinagem, a queda do índice de natalidade nas nações desenvolvidas, a religião nova dos nacionalismos (Toynbee), o descaso absoluto pela pessoa humana tornada *simples coisa* nas cidades populosas, e outras conseqüências mais.

O jornal “Folha de São Paulo”, do dia 6 de janeiro de 1974, trouxe outro artigo, agora com o título: “Arquiteto brasileiro é elogiado em Paris”. Trata-se do Sr. Wilson Reis Neto, e o elogio ocupou uma página inteira do jornal parisiense “Combat”. O projeto do Sr. Wilson Reis é o da criação de uma zona arquitetônica que será instalada no que foi, outrora, os mercados centrais de Paris. O planejador brasileiro foi classificado pelo “Combat” “como o arquiteto pelo qual chega a primavera, pois seus projetos são alegres, luminosos, de linhas suaves e originais”. Falando o

próprio Sr. Wilson sobre como consegue seus triunfos, declara: “Possivelmente a ausência de uma tradição arquitetônica muito pesada é a que nos permite (aos brasileiros) elaborar os projetos sem demasiadas barreiras e nos coloca em melhores condições de ver as coisas com novos olhos” .

“Por isso confio mais na intuição do que no saber. Há que se criar sem pensar muito. Controlar demasiadamente uma idéia confusamente tomada pela intuição é dissecá-la, é matá-la. As coisas devem vir por si mesmas, naturalmente” .

O jornal “Combat” realça as importantes idéias apresentadas pelo Sr. Reis Neto, e também os compromissos oficiais assumidos por ele, pendentes de realização.

Não fareje alguém neste método de intuição a “ação direta” animal; a intuição é supra-racional; é o pensamento tornado velocíssimo como um raio; é o produto destilado da cultura de muitas existências corporais que, agora, assoma à consciência como um relâmpago instantâneo. Nesta visão lampejante se apreende a *idéia-mãe*, como unidade global, indo-se, depois, para os pormenores. A criação superior, ou é muito fácil, ou é impossível; ou sai de um jacto, ou não sai nunca. Goethe: “É certo que o não pode, se em si mesmo não sentir lá por dentro o fogo sacro. É só coa inspiração própria, espontânea, que se domina a turba. O chocho, o inerte, como de seu não tem, mas quer pôr mesa, pilha aqui, sisa ali; mistura, assopra no seu fogareirinho um luzesito, e sai-se co’um pitéu de mistifório, que só porcos ou cães o tragariam” ²²⁷ . Ora, o que o Sr. Reis Neto chama “saber” é a erudição em cujo meio os arquitetos europeus soçobram por carência de originalidade, de criatividade.

E então ? Acaso “as deficiências de formação cultural de todos nós, brasileiros, quer formados ou não em estudos universitários, devem alertar-nos quanto aos perigos de um mergulho nas profundezas da problemática do mundo atual” ? Se o brasileiro Cesar Lates pensasse desse modo, abster-se-ia de enfrentar os “perigos de um mergulho nas profundezas da problemática” da física nuclear. Num congresso, sentindo-se aturdido frente à problematicidade do átomo, um físico adverte: “Procuramo-nos explicar reciprocamente algo que nós mesmos não entendemos” Um outro sarcasticamente exclamou: “A física ? É difícil demais para os físicos ! ” ” ²²⁸ . Santos Dumont, brasileiro também, teria tido mãos sobre si, sofrendo seu arrojado espírito, quando, temerariamente, se expôs “aos perigos de um mergulho nas profundezas da problemática” dos vãos espaciais com máquinas mais pesadas que o ar...; o desastre de Ícaro devia pôr-lhe medo...

* * *

Finalizando, o Sr. Herculano escreve: “Peço ao companheiro Caramaschi me perdoe, mas em questões desta natureza não podemos ser apenas gentis”

Não há o que desculpar, e até ficamos sumamente agradecido pela oportunidade que nos deu de fazer este escrito. Se lamentássemos as críticas, estaríamos incorrendo no engano da pomba kantiana que desejaria voar no vácuo, por causa da resistência que lhe opunha o ar. É pena que, “por falta absoluta de tempo”, não pudesse o nobre amigo ir além, “abordando outros capítulos” . Pela mesma razão, supomos, da falta de tempo, nosso esclarecido confrade deixou de referir-se à obra como um todo, deixando de assestar suas baterias contra a *idéia-mãe*. Quem sabe, com mais

²²⁷ Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 38 - 39

²²⁸ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, I, 76

tempo disponível, poderá voltar à carga, honrando-nos, de novo, como o faz agora. Tem toda a razão, pelo que, de nossa parte, não há nada que perdoar. Não se pode mesmo apenas ser gentil, e nós também o demonstramos... não o sendo. O que é louvável, contudo, em ambos nós, foi o termo-nos mantido no alto nível da pura discussão de idéias, e o fato de não partilharmos dos mesmos pontos de vista, não é motivo para que não nos queiramos, mutuamente, como irmãos. Ao Sr. José Herculano Pires, todo o nosso respeito, afeto e admiração.

Capítulo X

Religião

Universo significa o que diz seu próprio nome, isto é, universo vem de *unus* (um) e *versus* (contrário - oposto). O um mais a sua oposta pluralidade, forma o Todo que é, a um só tempo, *unus + versus*. A pluralidade e variedade se organizam e se associam na unidade, a tese e a antítese se combinam na síntese.

Qualquer coisa, e, conseguintemente, o universo, essencialmente, se constitui de Substância; mas os vários aspectos que esta assume no contingente, no relativo, no temporal, resultam dos vários encurvamentos a que ela se submeteu para tornar-se no “algo” que temos sob as vistas. Qualquer indivíduo resulta de suas velocidades, e de seus encurvamentos intrínsecos.

O infinito, ou Ser por excelência, de mínima curvatura, é o Deus imanente, ou suprema Realidade de Platão. O ponto, carente, como é, de dimensões, representa a extrema irrealidade ou o não-ser. O ponto seria o átomo da Realidade máxima. Aquele é o “nada” relativo, por ser a

curvatura máxima. A Substância, nesse estado, é o pó, ou resíduo cósmico, ou essência divina, que resultou, ou da desintegração, ou só do desgaste das unidades angelicais, na queda.

Isto há-de ser assim, porque Deus não podia iniciar a sua criação nesse nível que é o caos, visto como, sendo as criaturas feitas dele, ele seria esse caos. Deus não criou o universo do nada (caos), porém, de si mesmo. Contudo o universo veio do caos, da extrema treva, da extrema ignorância, do extremo mal, do não-ser. Isto é fato científico inconteste. Logo, Deus é o caos, a treva, a ignorância e o mal extremos. Todavia Deus não pode ser nada disto, porque se o fosse, não seria Deus, e sim anti-Deus ou Satanás. Logo, a ordem divina (cosmos) caiu no caos, para deste surgir o universo. Por conseguinte, houve uma primeira criação, uma primeira ordem, que caiu no caos, para que deste surgisse a segunda ordem que é o universo atual, evolutivo, representando a volta para Deus. O universo é a volta para Deus? Então ele saiu de Deus, para onde agora volta. Mas o universo vem vindo do caos; logo, quando ele saiu de Deus, com destino ao caos, ainda não era caos, e sim ordem; logo, a ordem caiu no caos, e deste agora ressurgem nova ordem. Se há evolução, é que houve, antes, involução. Se houvesse somente a evolução, e não a involução, então, Deus é o mesmo *Nada* ou *Caos* que a si mesmo se ordena. Disto decorre, não só que Deus evolui, como ainda pressupõe que o caos pode auto-ordenar-se, como se tivera consciência, e com o que já não seria caos. Um caos que sabe organizar-se, já não é caos; um “nada” que sobe a “algo”, não é “nada”. A irrealidade, ilusão ou “maya” que sabe realizar-se, e aos poucos, caminhar para a Realidade, para o Infinito, para Deus, não é irrealidade, nem ilusão ou “maya”, senão, apenas, em sentido relativo.

Entre os extremos opostos, Infinito e ponto, Tudo e nada, Ordem e caos, graduam-se os indivíduos que são os seres relativos ou existires, os quais tanto mais são relativos e irreais, quanto mais periféricos e curvos, e tanto menos relativos, e, por isso, menos irreais, quanto mais se acercam do foco central da absoluta Realidade-Deus.

Então, se nos afigura que houve três universos: um estático, um involutivo, e o evolutivo da atualidade. O primeiro universo, ou primeira criação, é estático (somente em sentido evolutivo), porque não podia evoluir, que isto é ir para Deus, e não se pode ir para onde já se está.

Neste universo a perfeição correspondia à função. Perfeito é o funcional, e até em nosso mundo este conceito é básico. Um neurônio não é mais perfeito, conquanto seja mais complexo e sábio, do que uma célula do tecido córneo dos cabelos e das unhas. Os seres criados eram iguais quanto à plenitude de sabedoria (não ciência) ou amor. “O amor é a mais alta racionalidade”²²⁹. Cada ser se sentia pleno, saciado, dentro do seu grau consciencial. Uma gota d’água, prestes a cair numa folha, é tão plena em si mesma, quanto um oceano. Cada reunião de seres forma uma sociedade orgânica que é um ser de uma nova espécie. Nenhum homem, sozinho, quererá ser o Eu estatal que o envolve, que o integra, que o domina. De igual modo uma única célula do nosso corpo não poderá pretender arvorar-se no Eu coletivo que somos, neste formidável e desconhecido microcosmo, a que damos o nome de Eu individual. O Eu humano é um ser coletivo de espécie mais alta (altura é complexidade) do que os eus celulares. Uma célula não será, nunca, um homem, como este não poderá vir-a-ser um Estado, ainda que seja o grandíssimo tolo Luiz XIV, que dizia, por meio de sua vida de despotismo: “L’État c’est moi”. Este absurdo cometeu Lúcifer no pináculo, quando dizia inchado: “o deus sou eu”.

²²⁹ Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, II, 177

É da estrutura dos universos, seja do estático, seja do atual evolutivo e dinâmico, a **ordem hierárquica**, isto é, **a organicidade**, e não a homogeneidade resultante de uma absoluta igualdade de sabedoria e de funções. O especificismo funcional é que faz o organismo, e nunca a homogeneidade amorfa, cinzenta e colonial, como a duma esponja-do-mar, dum pólipo, duma estrela-do-mar, etc. O universo angelical primevo era orgânico, diferenciado nas partes, rico, colorido, ou era amorfo, homogêneo, mecânico, moluscóide? Era orgânico; não poderia deixar de sê-lo. Logo, era hierárquico, feito de níveis, havendo, nele, os maiores e os menores, o simples e o complexo. Logo, aquele universo total, primevo e estático era semelhante ao nosso, atual e evolutivo? Sim. Se, pois, ambos eram semelhantes, em que reside a diferença? Na curvatura dos sistemas somente. Aquele era o universo de mínima curvatura; o nosso, se não é o de máxima, como o de quando se originava do caos, é, contudo ainda, de grande curvatura.

Mas parte daquele universo estático, perfeito (porque funcional), emborcou-se, por deixar de amar, e, conseqüentemente, de funcionar. Então é que teve início o universo involutivo, ou desintegrativo, rumo ao ponto geométrico, ao nada, ao não-ser. Deste nível que é o caos, surgiu este nosso atual universo evolutivo, cuja perfeição será aquele primeiro estado orgânico ou cósmico, da grande esfera do imanente. A evolução não é infinita, portanto, e no particular que nos cerca, até lhe enxergamos o fim; é assim que o martelo não passa do que é, tendo sido, outrora, a pedra com que, ainda, qualquer macaco quebra uma castanha. Um espermatozóide não evolui, nem o óvulo, porque são perfeitos, embora muito simples.

Qualquer indivíduo, ou ser relativo, ou existir, possui um limite de perfeição, além do qual não passa; e no universo, inclusive ele, os indivíduos são relativos, até mesmo um Serafim, conquanto este esteja infinitamente (infinito quer só dizer indeterminação) mais próximo do Absoluto do que o ponto. O Universo, entendido como totalidade ou Deus imanente, é a máxima individuação, e por isso é finito e curvo; mas isto é somente no seu aspecto físico e dinâmico; maior será ele no seu aspecto metafísico, para ser absoluto e infinito no seu aspecto moral, visto como, neste aspecto, o imanente se confunde com o transcendente, não havendo distinção entre ambos.

Cada ser poderá realizar-se, ou seja, desenvolver em ato (atualidade), somente o quanto possui em potência. E a potência é limitada, finita, pelo que um vírus não poderá vir a ser um homem. Ele se desenvolverá no seu nível, isto é, transformará em ato, o quanto possua em potência, e só. De maneira que um dia, na eternidade (indeterminação temporal), nós que apenas somos um “algo” no universo, teremos desenvolvido em ato toda a nossa potencialidade, e, então, seremos perfeitos, conquanto finitos; o infinito fica reservado a Deus, e somente a Deus. Toda a evolução, portanto, é finita, embora indeterminada, até mesmo a do universo, visto como se ela, para ele, teve princípio, terá que ter fim. Todavia poder-se-á dizer que ela é infinita, se tomarmos o termo “*infinito*” em sentido matemático, que significa apenas indeterminação.

E não se diga que Deus é injusto em fazer a uns maiores, e a outros menores, porque a igualdade ou justiça está na plenitude de vida e de alegria que cada um sente. Se um sapo quisesse ser um homem, é que ele não é sapo, é homem em potência; seria, ele, então, um espírito humano degradado naquela forma, e não, de fato, sapo. Mas se for sapo mesmo, e não homem, não há-de querer ser homem, visto como ninguém e nada quer ser o que não sabe o que seja; o sapo verdadeiro somente poderá chegar até onde lhe permitir a potência que em si traz latente. De outro

modo podemos dizer que esta hierarquia de maiores e menores, se refere a níveis diferentes. Assim a família é um coletivismo de nível menos curvo e mais alto do que um indivíduo humano isolado, conquanto este, também, não deixe de ser outro coletivismo. A família é um indivíduo social menos curvo do que o homem, e por isso o abarca e o contém no seu seio. Nenhum homem, sozinho, poderá constituir a família, nem o Estado. Trata-se de unidades coletivas de espécies diferentes. É neste sentido que há hierarquia no seio do Deus imanente. A complexidade crescente determina os níveis até mesmo em nosso organismo, onde um neurônio é mais alto e complexo do que uma célula córnea das unhas.

Se a potência de um indivíduo for a de Anjo, ele chegará somente a Anjo, e de tal maneira se sentirá pleno, eufórico e satisfeito, que não ambicionará mais. Se, todavia, depois de Anjo, aspirar ao posto de Arcanjo, ou Querubim, é que até a tanto vai a sua potência. Mas se chegar ele a Serafim, não queira ser o mesmo Deus, como Lúcifer, porque se cuidar que até aí vai sua potência, é certo que confundiu já a inchação do orgulho e do egoísmo com potencialidade, com latência. Quem tal sente já deixou de amar, pois, o amor é a ânsia com que desejamos viver em função de outrem, como, contrariamente, o egoísmo é a paixão de querer que outrem viva em função de nós; o amor nos faz sentir dependentes de outrem, no passo que o egoísmo quer outrem na nossa dependência.

As aspirações são a eclosão da potencialidade interna. Se nos queremos realizar na sabedoria, é que nossa potência é de sabedoria; se queremos desenvolver-nos no amor divino ou caridade, é que nos candidatamos, pela potência interna, a Serafins que quer dizer ardentes, visto que, como notou Vieira, estes espíritos angélicos, incendiados, se abrasam no amor de Deus (Vieira, Sermões, X, 176).

Não concordamos (e é um direito que a todos nos assiste) com o que disse o Sr. Huberto Rohden, em sua magnífica obra, “Filosofia Universal”. Levanta, ele, a questão dos que interrogam a razão por que Deus não criou o mundo perfeito e sem males. E tentando explicar o caso, afirma “que o objeto dum ato criador de Deus é sempre *algo*, e não o *nada*, nem o *Tudo*. Ora, qualquer espécie de *algo* (conclui), por maior que seja, é finito, limitado, imperfeito”²³⁰.

Por este modo de definir perfeição (perfeito é o infinito), salta, inexoravelmente, a consequência de que Deus não pode fazer nenhuma obra perfeita, visto que só pode criar um “*algo*”, e qualquer deles, por maior que seja, é imperfeito, porque limitado. Logo, se Deus é incapaz de executar obra perfeita, em que consiste a sua perfeição? E se nem Deus pode fazer obra perfeita, quem a faria? Se, pois, não existe perfeição, porque consignar este termo nos vocabulários?

Diga-se, isto sim, que perfeito é o funcional, e desde que o *algo* atingiu a sua plenitude de função, isto é, tornou atualidade toda a sua latência, já ficou perfeito, não podendo ir mais além. Deus teria criado os Anjos como ato completo, e por isto é que são perfeitos e máximos no sistema divino. Uma parte deles caiu até o caos, de onde ressurgiu o universo evolutivo, como uma volta para Deus. Se religião vem de “religio” que é religar o indivíduo finito com a Realidade suprema, segue-se que o individual esteve nela ligado antes. Logo, quem o desligou? Se foi o mesmo Deus, este que o religue agora, que para tanto tem poder, e não imponha esta injustíssima subida dolorosa,

²³⁰ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1º Vol. 34 - 35

feita, toda, de suores, de lágrimas e de sangue, a seus filhos fracos e ignorantes. Todavia como a ascensão evolutiva ou re-ligadora (religiosa, e, neste sentido, ascese), corre por conta do criado, segue-se que o desligamento fê-lo este, e não Deus.

Deus não pode ser injusto. Por conseguinte, é justa a evolução. Mas a evolução fá-la o criado subindo-se, religando-se, e não Deus, diretamente. E se Deus não pode ser injusto, e é justa a ascensão dolorosa, feita pelo filho, segue-se, muito logicamente, que o desligamento não podia partir de Deus, porque se o fosse, e obrigasse agora a volta, seria injusto, injustíssimo. Vendo, portanto **COMO** se processa a evolução, podemos descobrir **O PORQUE** dela. É o filho que torna à casa paterna? Logo, é ele que se saiu dela, por vontade livre. Abandonou, o filho pródigo, o lar do Pai, livremente? Então é de justiça que retorne agora, por seu esforço próprio. Porém se se disser que foi o Pai que o repeliu da porta para fora (e porque?), então o errado é o mesmo Pai; e se estiver arrependido, que corrija o erro, indo buscar seu filho que poderia ser feliz no seu regaço, mas, o não é, visto encontrar-se nalgum chiqueiro do infinito (inferno), disputando alfarrobas com os porcos.

Dizem que devemos evoluir; mas, por que? Porque a evolução é o supremo instinto da vida que, toda, se resume num afanar-se em demanda da felicidade. A felicidade suprema está em Deus, como a plenitude da infelicidade está na desintegração e morte total do “eu” – o nada. Todavia por que somos uns infelizes em busca da felicidade do centro? Nós fomos criados em estado de felicidade, ou de infelicidade?

Nós fomos criados por Deus, da sua substância divina, por um ato de amor. O Filho é o objeto do amor do Pai que, todo, é amor (I João 4,8 e 16 – II Cor 13, 11). Ora, se de tal modo fomos criados, nosso primeiro estado havia que ser de felicidade, e não, o a-cósmico, caótico e infernal. Só se Deus nos houvesse criado num assomo de ira e ódio, é que poderíamos ter saído ignorantes, isto é, desamorosos e, conseguintemente, infelizes. Só se Deus fosse sadomasoquista para gozar-sofrendo com o criado, e na pessoa deste, que somente sofre, e não goza, com que, por esta parte, Deus fica sendo masoquista; por outro lado ele sente gozo (sadismo) em ver que o seu criado sofre, cada vez que pega na isca-da-alegria com que a natureza divinamente sábia açucara e disfarça as suas amargosas pílulas. Já que o universo está fundamentado sobre a dor, muito não é que quem o fez seja sadomasoquista.

Porque devemos evoluir? É porque, dizem, estamos afastados de Deus, e evoluir é ir para Deus. E porque estamos afastados de Deus? Deus nos criou a nós pegados com ele, de onde nos afastamos, livremente, ou nos criou já apartados e distantes? Porque estamos separados de Deus e da felicidade? de quem é a culpa? Se nossa, então, fomos nós que nos afastamos; todavia se fomos criados afastados, Deus é o culpado de sermos infelizes; que bata, ele, logo, no peito, e reze o “confiteor”.

Todavia Deus não pode ser o culpado; logo, a criatura foi a que caiu, e por seu esforço deve levantar-se agora. Nós voltamos para Deus, evoluindo? Logo, saímos de Deus pela queda, pois, para estarmos voltando, preciso era termos saído.

“Só um ser que não tivesse brotado da Fonte Divina poderia, para sempre, ficar longe (!) dessa Fonte; mas como tal ser não existe, nem pode existir, segue-se que nenhum ser, por mais

consciente e livre, pode, para sempre, ficar longe (!) da sua origem”²³¹. Isto está certo: mas como é que o ser foi ficar longe da sua origem? Afastou-se, livremente, ou a tal foi compelido? Se se afastou, livremente, então, era consciente antes, e é justa, agora, a sua volta dolorosa; todavia se foi apenas projetado do centro, para esses longes, na forma inconsciente, de pura substância, porque lhe obriga, Deus, agora, a volta sacrificial, com que tudo no universo vem a estar fundamentado sobre a dor?

Mas isto tudo é absurdo, dir-se-á; ao que replicamos: absurdo quer dizer ilógico; ora, sendo as lógicas em número infinito, tudo isto é, e não é, ilógico ou absurdo. Cada homem está seguríssimo de estar com a verdade, porque nenhum há tão louco, que se reconheça errado e persista no seu erro. Se o homem não estivesse cômico de estar com a verdade, mudaria de vida. Até o diabo tem de acreditar na vitória final do mal, sem o que não teria forças para lutar. Se os homens são tão dissemelhantes, quanto ao modo de viver, segue-se, é porque suas verdades são diferentes, e todas construídas pelas lógicas parciais sobre alguma ignota premissa. Uma premissa leva, inexoravelmente, a um fim determinado, com que a lógica não passa de instrumento, de pernas da razão. É por isto que as lógicas, como dissemos, são infinitas. Por isso, tudo o que dissemos não é absurdo, pois, cada lógica é um meio de alcançar um fim. A lógica aplicada (não a pura) é sempre finalista. Ela é fria, inexorável como um autômato, conclusiva como um cérebro eletrônico ou máquina de calcular; prossegue, cortante, desde a premissa, até as últimas conclusões, sem cogitar de valores emotivos, afetivos e morais.

Para o homem, por conseguinte, todas estas coisas podem ser absurdas, porque contrariam o seu telefinalismo que é ser feliz. Para Deus, contudo, nada disto é absurdo, porque ele alcança o seu objetivo que é a *dor-gozo*. Certamente o chicote é uma lógica muito convincente, para o feitor, porém, e para o escravo? Por causa do chicote o cativo trabalha e produz riquezas, com que o seu senhor fica cada vez mais inchado, proeminente, poderoso, no mesmo passo que o escravo se define, se alquebra, sob o férreo guante do feitor. A miséria em todos os sentidos chega a tanto, que o escravo, às vezes, ainda acha, por causa da lógica que lhe incutiu o seu senhor, que este pode abençoá-lo.

O negro, já velho, de tanto ser humilhado, acaba humilde, que nisto redundam a contínua humilhação, e por isto, às vezes, passa a estimar ao seu truculento e desumano senhor. Alguns, felizmente, se tornam masoquistas, em razão do que até pedem para serem surrados, no tronco, em virtude de se acharem com cócegas, como dizem. Tinha razão Sêneca, ao dizer que “a perpétua infelicidade só tem isto de bom: que endurece por fim os que incansavelmente persegue”²³². Não há outro remédio, senão pensar e sentir estoicamente, diante da desgraça e dizer: “às pessoas que me quiserem assustar, acumulando diante de mim todos os males, é preciso responder assim: se formos suficientemente fortes contra uma só desgraça, o seremos igualmente contra todas”²³³.

São belíssimas, bucólicas, arcádicas, as passagens bíblicas, em que o valoroso pastor Davi quase dá a sua vida pelas das ovelhas. Um arrepio de heroísmo e de piedade nos invade as entranhas, quando o grande servo do Deus vivo se defronta com leões, com ursos, com tigres e com chacais; armado apenas da sua funda os acomete e todos e os destroça, arrancando-lhes das

²³¹ Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, 1º Vol., 221

²³² Sêneca, *Obras*, 46

²³³ Sêneca, *Obras*, 64

bocarras os cordeirinhos tenros. Ora Davi está com sua harpa, afugentando demônios a Saul, ora é visto rodando no ar a sua perigosa funda, contra a qual nem ursos, nem gigantes se atreviam.

Mas de que hauria, Davi, a força com que acionava as pedras danosas na funda ? Hauria das carnes que comia aos mesmos cordeiros, pelos quais, cantando loas, dizia quase sacrificar-se. Para ele ficava só o quase sacrifício, para caber o sacrifício real e verdadeiro às ovelhas e aos cordeiros, em seu único proveito. Dura coisa é escapar das garras sanhudas das bestas ferozes, para morrer nas de Davi.

Importa em nada, portanto, o nome, visto como, para as ovelhas, os Davi se confundem com os lobos e com os tigres; as lutas que Davi travava com aqueles animais bravios, na defesa do rebanho, não era por amor do rebanho, como alardeava, senão por amor de si mesmo ou para garantir a sobrevivência própria. No fim da fábula, Davi proferia a frase do leão, que era, da tribo de Judá: “Quia nominor leo” .

A lógica, com que Davi conta estas proezas todas, tem feito a muitas gerações chorar de êxtase heróico e de alegria santa; ainda mais que este Davi é figura profética de Cristo que arranca as almas das unhas de Satanás. No entanto, ao que sabemos, nunca se achou ninguém que advogasse a causa das ovelhas sacrificadas por Davi, como se fora glória e honra grandes escapar de ser pasto das bestas selvagens, para ser comida do poeta amoroso, místico, sensível e delicado.

O canto de Davi é o canto do universo que, todo, se acha fundamentado sobre a dor e a destruição do mais fraco, e vitória incondicional do mais forte ou mais astuto. “Este mundo é um covil de ladrões, porque se bem considerarmos, não há nele coisa viva, que não viva de rapinas: os animais, as aves, os peixes comendo-se uns aos outros, se sustentam: e se algum há, que não se mantenha de outros vivente, tomam seu pasto dos frutos alheios que não cultivaram, com que vem a ser tudo uma pura ladroeira” ²³⁴ .

E se tal é o mundo universal, e ele espelha Deus, como pode Deus ser a justiça e a bondade mesmas ? Se o universo é o espelho de Deus, e canta, com Davi, o grande poema da ferocidade, da força, da astúcia e da crueldade; como admitir haja em Deus amor e bondade ? Teria razão Nietzsche, para ser o seu super-homem um super-bruto ? Por que razão o cordeiro há-de ser pasto do leão, ainda mesmo, quando este se chama Davi-cantor-de-Deus ? Por que razão não devemos ser fortes como o condor e o milhafre, mesmo que injustos, para sermos fracos, dóceis e meigos, como o colibri e o pombo ?

De sorte que tudo é lógico, restando saber para quem é lógico. É lógico que a fome leve o peixe à isca; todavia, depois disto, é lógico que o pescador o lanhe, o salgue e o ponha vivo e ainda palpitante sobre o braseiro. Do ponto de vista do peixe, a lógica lhe afirmava ser necessário comer a isca para viver; contudo usando uma lógica contra a outra, venceu a do homem, e o peixe ficou comido.

Aqui está a causa por que, uma é a lógica do patrão, e outra a do empregado, donde vem que eles não se entendem. Uma, é a lógica do capital, e outra, a do trabalho, e por isso, vivem em luta, ao invés de se fecundarem mutuamente. Uma é a lógica do vegetal que nasce, como que de mãos

²³⁴ A Arte de Furtar, Dedicatória, IV - Edições Melhoramentos

postas, a implorar do Senhor dos mundos a benção do ar e da luz; outra é a do boi que o pasta, indiferente, e por isso engorda, para satisfazer a lógica do homem que também o quer cevado, para o matadouro. Uma, a lógica da tese, e outra, a da antítese, e daqui vem o estarem polarmente em oposição. Assim, uma é a lógica de Deus, e outra, a do criado, se é que este foi feito para sofrer.

A criatura sofre, e isto é lógico. Porque ? Porque errou. E porque errou ? Porque Deus a criou simples e ignorante. E porque a criou simples e ignorante ? “Como ousais pedir a Deus contas de seus atos ? Supondes poder penetrar-lhes os desígnios ?”²³⁵. Tal e qual ! tal e qual ! Assim também falava o feitor de escravos, quando estes lhe pediam contas da lógica do seu dono.

Porém o repto fica lançado, e a grande questão teológica pede solução. Não adianta temer ou ficar escandalizado com a proposição do problema; é preciso enfrentá-lo com lealdade e coragem.

Ponham-se de lado os mendazes que, vociferando, costumam dizer: estas coisas não interessam de perto ! o de que precisamos é nos salvar, fazendo o bem ! Ou esta outra grita: tantas almas para salvar, e esse sujeito perdendo tempo em bizantinismos teológicos !

Ah ! “santa” ingenuidade ! Devemos nos salvar do que ? para quem ? Será que está salvo o cordeiro escapo dos dentes dos lobos pelas mãos de Davi ? Devemos fazer o bem ? Porém agora, depois desta visão de Deus, pelo reflexo em seu espelho (universo-dor), vale a pena perguntarmos: que é o bem ? Se Gestas sofre porque é Gestas, então, porque sofre Cristo ? Seria por que ele é o Cordeiro Máximo de Deus ? Boa razão, por certo, é esta, para Deus, se é que este se compraz na dor...

É imprescindível que Deus nos descubra a sua lógica, para que nós, as criaturas suas, possamos construir a nossa sobre aquela. Se Deus nos quer moer eternamente, na certa esconderá a sua lógica, para não lhe fugirmos à armadilha. Neste caso, paremos já, e nos acomodemos à dor, que será tanto maior, para quem cai, quanto maior for a altura da queda. Se, pelo contrário, Deus nos quer felizes, no seu regaço amoroso, precisamos saber porque estamos distantes daí, sepultados na dor e no mal. Alguém é o culpado, e se não for a própria criatura, será o mesmo Criador.

Que estamos voltando para Deus é fato incontestado pela evolução. Por conseguinte, que de lá saímos, é outro fato que nos impõe, inexoravelmente, a lógica. Voltamos para Deus ? Logo, saímos de Deus.

Todavia saímos do regaço paterno, por nossa vontade, ou fomos jogados do empíreo no rumo das trevas, do caos e do nada ? Se Deus nos enxotou de casa, quem nos garante que não o fará de novo ? com que tudo se há-de recomençar, sem remédio, em ciclo vicioso ? Se nos expulsou uma vez, é certo que nos porá fora outras vezes; então, a nós nos convém ficarmos onde estamos, até que nossa insensibilidade completa à dor, num estoicismo supremo, nos faça, senão felizes, pelo menos indiferentes. E quem sabe nos tornaremos masoquistas, e então, seremos felizes, tanto mais, quanto mais sofreremos. Que gozo inaudito não seria o de quando fôssemos esmigalhados de uma vez, no momento de entrarmos no nirvana do não-ser... Neste caso, felicidade é sinônimo de acomodação, de cristalização na dor. Se temos de sofrer eternamente, melhor é estejamos calejados

²³⁵ Livro dos Espíritos, R. 123

que sensíveis. Voltar para Deus seria absurdo, do ponto de vista humano, visto como ele nos quer afastados do seu regaço, e a prova é que nos enxotou daí, para o nada, nas trevas periféricas, de onde, em vão, tentamos subir, porque, quando estamos no topo da escada, eis que, onipotente e invisível mão, nos empurra a escada, a qual, girando sobre as suas bases, inverte-se, pondo-nos mais baixo ainda de que quando estávamos no sopé, no ponto de rotação. Deste modo, ficaremos tanto mais embaixo, quanto mais tínhamos subido. Quem estiver mais próximo de Deus, com a queda compulsória, ir-se-á para o extremo oposto, em posição inferior a de quem está a meio do caminho, como nós. Aconteceu, talvez, isto, com Lúcifer que, estando no mais alto, quis subir-se ainda mais (Is 14, 13 - 14), e por isso foi arremessado no caos. O supremo bem, então, consiste na cristalização estática no mal e na dor, porque subir significa desajustar-se em relação aos planos inferiores, nos quais será arremessado, tão logo haja chegado o tempo de recomeçar o vicioso ciclo destrutivo-criativo, ou caos-ordem.

Assim seria se Deus nos enxotou do seu regaço padral um dia. Se assim sucedeu, não voltemos, porque seremos expulsos de novo, visto como, sendo Deus imutável, uma decisão sua, que uma vez tome, torna-se em lei para o resto da eternidade. Seria, então, Deus, um cosmocircuito dualístico que, pela sua força centrífuga, repele o criado para a periferia, onde este se desintegra, ao fazer a curvatura do sistema (caos), voltando, de aí, depois, reconstrutivamente, para o centro ? Seria Deus como o circuito centrífugo-centrípeto solar, que repele pelo equador, e assimila pelos pólos ? Seria que o sistema divino se reduz a um fabulosíssimo cosmo-circuito criativo-destrutivo, cujo esquema se repete em todos os sistemas menores ? Seria que os seres criados no seio de Deus são precipitados, centrifugamente, para a periferia, onde se desfazem, para, de aí, voltarem, reconstruindo-se, dolorosamente, em virtude da atração irresistível do centro, de onde são novamente precipitados para o caos ? Seria que esta circulação universal da substância constitua a vida mesma de Deus, ou sua respiração paramacrocósmica ?

De uma coisa temos certeza: nós viemos do caos, e nos encaminhamos para Deus. Desta certeza inexorável decorre, imediatamente, esta outra: saímos de Deus, e fomos para o caos, de onde hoje retornamos. Resta-nos apenas saber se nossa vontade livre teve parte neste negócio, ou se fomos compelidos por forças estranhas à nossa vontade. Se fomos compelidos a percorrer este circuito, então, para nós tudo está perdido, e seremos eternamente triturados, para gozo-dor do super-colosso Moloch masoco-sadista. Porém se caímos, porque o quisemos, então justíssima é a nossa volta dolorosa.

Ou se admite a queda dos Anjos, ou tudo se reduz a estas dantescas blasfêmias, máximas em linguagem humana, pelas quais só não pedimos perdão, porque não foi nossa intenção proferi-las contra Deus, e se o fizemos, foi para, através dos contrastes, encontrarmos a verdade. Esta teologia mais que blasfema é a que dá forças para Satanás resistir a Deus, ainda que crendo nele até o ponto de estremecer, como diz Tiago (2, 19); ela não nos desceu dos céus, por inspiração, mas sim, nos subiu dos infernos, da esfera dos dragões... Trememos até nas fibras mais íntimas, ao ver sobre que perigosos abismos de pensamento nos movemos, como se fôramos águias fabulosas em vôo estratosférico. Não dissemos bem: astronautas, perdidos no gélido e trevoso espaço cósmico, isso é o que nós sentimos ser, em fuga constante do calor e da luz, rumo ao pego sem fundo do espaço-tempo ou não-ser.

“Como caíste do céu, ó Lúcifer, tu que ao ponto do dia parecias tão brilhante ? Como caíste por terra tu, que ferias as nações ?”

“Que dizias em teu coração: Subirei ao céu, exaltarei o meu trono acima dos astros de Deus, assentar-me-ei no monte do testamento, aos lados do aquilão”.

“Subirei acima da altura das nuvens, serei semelhante ao Altíssimo” .

“E contudo no inferno serás precipitado ao profundo do lago:” (Isaias 14 de 12 a 15).

Esta espantosa apóstrofe barroca dirigida contra Nabucodonosor e Baltazar se refere à queda de Lúcifer do império, porque estava este animado dos mesmos sentimentos e pensamentos daqueles reis. De outro modo: aqueles reis iriam a nada, como ocorreu com Satanás, por incidirem no mesmo abuso de transformarem o teocentrismo (amor) em egoísmo, isto é, ego + ismo, ou sistema do “eu” .

“Então houve no céu uma batalha: Miguel, e os seus anjos pelejavam contra o Dragão e o Dragão com os seus anjos pelejavam contra ele. Porém estes não prevaleceram, nem o seu lugar se achou mais no céu” (Apoc 12, 7 - 8). E Jesus Cristo, presenciando o fato, disse, mais tarde: “Eu via Satanás, como um raio, cair do céu” (Luc 10, 18).

Cristo viu a Satanás cair do céu ? Sim. Logo, Satanás estava no céu, antes. Houve uma batalha dos deuses no império ? Sim, houve. Logo, todos estavam juntos, antes de se contenderem. Uma parte dos Anjos caiu, e outra não ? Sim, assim aconteceu. Logo, a queda foi livremente desejada pelos caídos, e não obrigada por Deus.

Todavia porque os Anjos caíram ? caíram por deixar de amar, e o deixaram, porque eram livres, visto como não podia haver amor forçado. Cessando de amar a Totalidade, Deus, passaram ao amor de si mesmos, pretendendo transformar a ordem teocêntrica em ordem egocêntrica primeiro, e egoística, depois. Mas os Anjos rebelados não sabiam que seriam destruídos como personalidades ? (desintegração do coletivismo que forma o individual). Sabiam disto enquanto amavam, pois, “o amor é a mais alta racionalidade”. “Deus, que é a eterna **Razão** (o Lógos), é também o **Amor** infinito – e o homem que atingiu o ápice da racionalidade culminou no vértice do amor” ²³⁶ . Tanto que deixaram de amar cessaram de saber. Tanto que não cultivaram a idéia da totalidade, para cuidar de si mesmos, deixaram de amar, caindo na primeira ignorância em que, **apesar da ciência**, os dragões (Vede Libertação de André Luiz) ainda crêem que o mal vencerá, finalmente. Este pensamento se fundamenta na lógica que afirma: se Deus (sistema) fosse o avesso do que é, o inverso é que seria o certo, e o direito, errado. Sendo Deus, único, incomparável, singular, como ele for, na sua totalidade, assim será o verdadeiro. E como Deus se deu a si mesmo na sua criação, segue-se que se ela toda se inverter, Deus fica invertido e certo, como se assim fora sempre. Aquele que for o chefe supremo nesse sistema hierárquico invertido, esse será o deus dos deuses.

Onde é que está o vício deste raciocínio panteísta ? Está em que não se considerou o aspecto transcendente da divindade, pelo qual Deus é infinito. Considerou-se somente o aspecto imanente, pelo qual, sendo Deus a essência da criatura, ficou, **no particular** na dependência dela. É assim que a criatura pode ir contra a vontade cósmica que se acha impressa nas suas profundezas. Nem

²³⁶ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2º Vol. 177

que todos os Anjos se rebelassem, ainda Deus seria Deus na sua transcendência todopoderosa, causticante e enegecente, na sua majestade infinita, e, sobretudo, indefinível, porque um Deus definido (definir é traçar fines, limites), já, por isto mesmo, não seria Deus. O demônio é panteísta, por achar que tudo é Deus, ou Deus é tudo. Esta tese forçou a antítese agostiniana que fez Deus exterior à sua criação; o mundo, então, assim como o homem, foi criado do nada. O primeiro sistema é materialismo grosseiro, porque o panteísmo é o politeísmo na sua forma extremada. O segundo, de Santo Agostinho, é o dualismo Deus-Satanás, Ordem-Caos, Tudo-Nada. A verdade, porém, está no **MONISMO** que considera Deus, não só no seu aspecto transcendente e agostiniano, senão também no imanente, com que toda a criação é Deus, mas, nem todo Deus é a criação, e antes até, esta é nada, perto do esplendor total, na sua transcendência.

Se Deus criou o universo do nada, como queria Santo Agostinho, e tudo começou no caos, abaixo da matéria, então, antes existiu a matéria, da qual, por evolução, saiu o espírito. Neste caso o espírito é um produto da matéria, e vale a tese materialista. Admitida a queda, a matéria passa a ser mero produto do espírito, e por isto mesmo, aquela, por evolução, volta à condição de espírito.

Deste modo o enunciado do “Livro dos Espíritos”, de que os espíritos são criados em estado de simplicidade e de ignorância (R. 115), é materialismo crasso e blasfemo. O que declara serem os espíritos exteriores ao Criador, isto é, apartados dele (R. 77), é dualismo agostiniano, útil, em seu tempo, porém, que se for mantido, é absurdo e blasfemo também. A comparação que se fez de Deus e sua criação, com a de um homem que constrói a sua máquina (R.77), é cosmicamente pueril. Deus é infinito, e por isso não pode criar fora de si mesmo, nem tem outra substância com que operar, senão com a sua própria, visto que, logicamente, do nada absoluto não sai nada.

Esta noção de criação exterior à divindade decorre do “*creatio ex nihilo*” de Santo Agostinho, pelo qual, tendo Deus criado o mundo do **nada absoluto**, fê-lo a este exterior a si. Isto serviu para a Igreja Católica estabelecer a sua hierarquia eclesiástica de padres, bispos, cardeais e papas, que seriam os únicos intermediários entre Deus e os homens, pois, é claro que sendo Deus exterior à sua criação, não está na essência de nada, nem na do homem, não podendo ser aí procurado, e sim, somente, através dos seus representantes legítimos de batina. Isto foi de utilidade, em seu tempo, porque permitiu à Igreja organizar-se como força disciplinadora de um mundo bárbaro, o qual teria, na certa, tirado consequências desastrosas do conceito imanentista. Só pode buscar Deus dentro de si mesmo, quem já entrou aí, e passou a duvidar que ele possa ser achado fora.

Não se temam os espiritistas de que se forme papismo dentro da sua seita (e não devia ser seita, mas, o é, por enquanto), porque, para isto, seria preciso a **base teológica, que está no dualismo agostiniano do “Livro dos Espíritos”** (R. 77), contra o qual se levantou já o monismo ubaldiano, pelo qual, sendo Deus a essência mesma de todas as coisas, é, por isso, a do homem, não precisando ninguém de intermediários para o buscar a ele. A base, pois, do papado, está no “Livro dos Espíritos”; porém este perigo já foi conjurado por Pietro Ubaldi, que recebeu, por isto mesmo, o prêmio de ser taxado de católico romano, em virtude do estreitismo de muitos espíritas.

Bem perto da Verdade andou Kardec quando perguntou: “Os Espíritos tiveram princípio, ou existem como Deus, de toda a eternidade ? (P. 78). Todavia como a morte não significa renovação, o filósofo desencarnado, ex-Bispo de Hippona, respondeu com sua “verdade” particular: “Se não tivessem tido princípio, seriam iguais a Deus, etc” (R. 78) . Contudo Kardec, mais arguto do que o

mentor, argumentou: “É difícil de conceber-se que uma coisa que teve começo possa não ter fim” (P.83). A resposta, a isto, foi umas evasivas, pelas quais o filósofo declarou ser limitada a inteligência de Kardec, deixando crer que a sua própria não o era, visto como não se incluiu no negócio.

Mais adiante, pergunta Kardec se “todos os Espíritos passam pela fieira do mal para chegar ao bem” (P. 120), ao que o Espírito instrutor responde com este absurdo: “Pela fieira do mal, não; pela da ignorância”. Ora, se todo o mal provém da ignorância, como passarmos pela fieira da ignorância, e não, pela do mal? A coisa que este ilogismo quis contornar é que Deus, tendo feito os espíritos ignorantes, por isso mesmo, *os criou maus*. Ninguém, jamais, se evade, se estiver sob a pressão triturante dos mós deste moinho. A lógica é deste jeito mesmo; com a espantosa inexorabilidade de u’a máquina, tritura e mói sem piedade; por isto, doa a quem doer...

Agora o absurdo cabe a Kardec que interroga: “Porque é que alguns Espíritos seguiram o caminho do bem e outros do mal?” (P.121). Caiu o guiado, porque andava caindo o guia, e a resposta a este quesito foi outra queda no ilogismo: “Não têm eles o livre arbítrio? Deus não os criou maus; criou-os simples e ignorantes, isto é, tendo tanta aptidão para o bem quanto para o mal. Os que são maus, tais se tornam por vontade própria” (R. 121). Não há duas estradas a escolher, senão apenas uma, na qual se pode avançar ou retroceder. Quando se avança, então, se vai para Deus; quando se retrocede, desanda-se para o caos. De maneira que toda criatura vem do mal, da treva, do caos, para o bem, para a luz, para a ordem. Portanto se a primeira criação divina teve início no caos, sendo o caos mal, Deus criou o homem mau, para que este se torne bom, à custa de seu próprio esforço doloroso.

Com esta idéia de duas estradas, interroga Kardec: “Tem necessidade da encarnação os Espíritos que, desde o princípio, seguiram o caminho do bem? (P. 133). E vem, de imediato, a resposta: “Todos são criados simples e ignorantes e se instruem nas lutas e tribulações da vida corporal. Deus, que é justo, não podia fazer felizes a uns, sem fadigas e trabalhos, consequentemente sem mérito”. Então, como Deus é justo, na impossibilidade de criar a todos felizes, fê-los a todos infelizes, isto é, pôs por lei geral as lutas e tribulações da vida corpórea. E isto, para terem o mérito de que nunca poderão usar, sob pena de serem punidos por orgulho e por ingratidão. É por causa disto que, qualquer migalha de alegria é benção e graça de Deus, no mesmo passo que todas as dores e fadigas são o resultado de culpas humanas. Ora, se o merecimento é nosso, assim como são nossas as culpas, já não precisamos dar graças a Deus, pelas nossas alegrias. Elas são só nossas e Deus nada teve a ver com elas. E, pois, como é punido por ingrato quem assim procede?

Fale mais Allan Kardec: “ – Mas, então, de que serve aos Espíritos terem seguido o caminho do bem, se isto não os isenta dos sofrimentos da vida corporal?” (R.133). “Chegam mais depressa ao fim” (R. 133). Fim que também é o princípio, de onde o espírito podia não ter saído; e se saiu por vontade própria é culpado, e bem merecidas são as dores que o assoberbam; porém se foi compelido a sair, bom é, se puder, não retorne, para não ter de sair de novo. E prossegue o Espírito guia: “Demais, as aflições da vida são muitas vezes a consequência da imperfeição do Espírito”. Mas o espírito é imperfeito porque o fez, Deus, assim, com criá-lo simples e ignorante. Diga-se, logo, sem contornos, que as aflições da vida são infligidas pelo Pai aos seus filhos inocentes, visto como qualquer erro e culpa decorre, imediatamente da ignorância.

Resumindo tudo, temos: o espírito é uma etapa de um desenvolvimento que começou pelo caos (no começo era o caos – R. 43); as coisas se organizaram, os seres vivos apareceram e evoluíram; o homem se viu criado simples e ignorante, porém, assoberbado dos instintos animais, os quais, por uma necessidade de vida, desenvolveu e cristalizou em si mesmo, pela repetição constante, quando transitava pelos planos infra-humanos.

André Luiz até nos dá um relato desses espíritos, assim como de um dos lugares onde habitam, quando escreve o que seu mentor Gúbio lhe diz: “Milhares de criaturas, utilizadas nos serviços mais rudes da natureza, movimentam-se nestes sítios em posição infra-terrestre. A ignorância por ora, não lhes confere a glória da responsabilidade. Em desenvolvimento de tendências dignas, candidatam-se à humanidade que conhecemos na Crosta. Situam-se entre o raciocínio fragmentário do macacóide e a idéia simples do homem primitivo na floresta. Afeiçãoam-se a personalidades encarnadas ou obedecem, cegamente, aos espíritos prepotentes que dominam em paisagens como esta. Guardam, enfim, a ingenuidade do selvagem e a fidelidade do cão”²³⁷.

Tais espíritos estão, como se vê, abaixo da fase das paixões, que representam, já, “um sinal de atividade e de consciência do *eu*, porquanto, na alma primitiva, a inteligência e a vida se acham no estado de germe (R. 191).

Este espírito nascente e incipiente é posto no começo da feira da ignorância que, absurdamente, não é a do mal (R. 120). Dá-se-lhe um livre arbítrio progressivo, para ele escolher entre o bem e o mal os quais não sabe o que sejam. Sofre, por dentro, a pressão dos instintos ferozes e vivíssimos, e por fora, a “dos Espíritos imperfeitos, que procuram apoderar-se dele, dominá-lo, e que rejubilam com faze-lo sucumbir” (R. 122). Depois de tudo isto como achar Kardec seja possível terem, alguns espíritos, seguido, sempre, somente a estrada do bem? (P. 121). Como se existissem, de fato, dois caminhos, e não um só, no qual se pode avançar (evolução), ou retroceder (involução-queda)? Onde é que se acha o bom senso em tudo isto, segundo o vira Flamarion? Se tudo fosse deste jeito mesmo, seria, Deus, justo e bom, como tanto se apregoa? Mas a intuição – “Dado imediato da consciência” – Bergson; “Imperativo categórico” – Kant, nos declara, com persistência, que Deus é justo, é bom; logo, tudo isto não passa de absurdo e blasfêmia, se as quisermos válidas para os nossos dias.

Estas duras coisas não se diriam, se os chefes do Espiritismo, em São Paulo, não tivessem pretendido impedir o caudaloso curso da verdade progressiva, que é cósmica, e vai do terreiro ao templo, do Umbandismo ao Ualdismo. Se a verdade for detida, avoluma-se, em páginas como estas, arrebrandando os diques misérrimos feitos por uns, cosmicamente, meninos.

Não importa que os hodiernos não suportem o esplendor destas verdades, por se terem convertido em odres velhos; os pósteros achá-las-ão, e as proclamarão para o mundo. Quanto aos endurecidos Nicodemos da atualidade, nascerão de novo, e com isto, também, chegarão por aqui. Hoje eles se acham enfatuados de suas insignificantes posições de mando, e por isso, só de noite, e na penumbra, lerão páginas como estas, para concluir de si para consigo: isto está certo.

²³⁷ Francisco C. Xavier, (André Luiz) Libertação, 60

Deus é amor, e sua criação é um ato de auto-doação nos filhos. Distó decorre que o primeiro estado destes era o de felicidade, e se hoje sofremos, é porque caímos. Esta consequência, porque lógica, é inexorável, e por isto se impõe, inexoravelmente, por si mesma, sem necessidade de polêmicas. É a verdade, e por isso sua voz encontra ressonância no íntimo – “Dado imediato da consciência” – Bergson; “Imperativo categórico” – Kant, de cada um, mesmo daqueles que não puderem acompanhar o desenvolvimento lógico pelo qual a verdade se evidenciou.

Chegado é o tempo de o Espiritismo avançar mais um passo, conquistando uma teologia que ainda não possui. Suas premissas teológicas estão superadas e sabem à blasfêmia, se quisermos ainda estar com elas; como o Pentateuco, pertence, já, agora, ao passado. É respeitável como elo do progresso mental da humanidade, sem o qual o pensamento não teria avançado até aqui, do mesmo modo por que este esforço nosso é passo para os desenvolvimentos porvindouros.

A lógica não é inimiga de ninguém; ela é apenas u’a máquina de triturar, que pulveriza o que lhe metermos dentro, entre as mós. Por isso, se alguém se quiser enfurecer contra estas páginas, que tenha mãos sobre si, e se enfureça contra a lógica. Se alguém, frenético, arrebatado pelos ardores de uma consciência cosmicamente jovem, nos agredir, pessoalmente, com xingos vários, diremos, finalmente a esse: – amigo, perdestes o vosso azeite, pois, o assunto é outro. Isto significa que não tomaremos conhecimento de desabafos temperamentais, de tempestades nervosas dos que, não tendo idéias, falam muito, sem dizerem nada. Quem quiser nos opor, que o faça com pensamentos, e não com nervosismos agressivos. Desprezaremos, sem nenhuma consideração, quaisquer furores, sejam eles poéticos, sejam proféticos; não nos moverão em nada as acerbações nervosas, os acervos de palavras vazias de idéias, ainda que prenes de emoções fortes. Queremos pensamentos lógicos, precisos, exatos, frios, cortantes, aplacadores. Não são necessárias muitas palavras, e exibições vocabulares; preciso é, isso sim, que as palavras sejam bem definidas e empregadas com propriedade. Os amontoados verbalísticos sempre são para encobrir a vacuidade dos conceitos, e por isso, tanto mais se grita e vocifera, quanto mais são fracos os argumentos.

* * *

No Evangelho de S. João 1, 1 a 2, lemos o seguinte: “ **NO PRINCÍPIO** era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez” .

Esta é a primeira fase criativa dos Anjos em estado de felicidade, e *este enunciado se contém*, implícita ou explicitamente, *em todas as grandes religiões da Terra*. Todavia vejamos a fase polarmente oposta, o ponto de máxima descida do ciclo, onde principiou a volta para Deus: “No começo era o caos. Os elementos estavam em confusão. Pouco a pouco cada coisa tomou o seu lugar. Apareceram então os seres vivos apropriados ao estado do globo” (Livro dos Espíritos, R. 43).

Eis aí *PRINCÍPIO e começo*: duas palavras sinônimas representando idéias extremamente antagônicas. **NO PRINCÍPIO ERA O VERBO, ou no começo era o CAOS?** O que era no princípio, e, depois disto, no começo ?

Antes do começo que era o caos ou desordem, existiu o princípio que era o Verbo, Cosmos, Ordem. E o Verbo não só estava com Deus, senão que também o Verbo era Deus. Logo, esse

Verbo foi o que, em caindo, criou o caos do começo da fase evolutiva, donde a consequência lógica de que “todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez” .

Mas Deus é infinito. Logo, não pode criar fora de si mesmo, como faz o homem que criou uma obra. E como o Verbo criou o caos, pela transformação de si mesmo (eis a queda), e sendo o caos finito, limitado, segue-se que o Verbo também o era. Ora, sendo o Verbo finito, temos que ele é Deus por substância, por imanência, mas, não por majestade, por transcendência.

O Verbo era Deus na sua expressão formal, de manifestação, de perfeição; era a absoluta Realidade de Platão, ou “a *Pura Atividade*, ou *Atualidade* – o “actus puros” de Aristóteles, ou “Forma” sem “Matéria” alguma (H. Rohden, Filosofia Universal 1º Vol., 33)

O Verbo era, portanto, o Deus imanente, e constituía o Universo total, angélico, antes da queda, e não o Deus transcendente do qual se derivara aquele. O Verbo foi uma limitação, operada no seio da divindade transcendente, foi um encurvamento ocorrido no seio do contínuo-pensamento-infinito-eterno, que é o Deus transcendente.

Mas nem todos os Anjos caíram para o caos. A parte não roída do Universo continuou sendo o Verbo, no passo que, a derrocada, tornou-se no caos. Deste modo, o mesmo caos é um produto do Verbo, como é, ainda, o Verbo, na sua parte não desbaratada, o que ordena o caos e constrói a evolução. Por mais isto se justifica a consequência que diz: “Todas as coisas foram feitas por ele, e sem ele, nada do que foi feito se fez” . Eis como os Espíritos angélicos sofrem, por compaixão, com os caídos, e para os levantar, os Cristos descem aos infernos. Enquanto houver caos e dor, não poderá haver céu e alegria perfeita, nem mesmo para os eleitos, porque, se não fossem eles amorosos, teriam, então, caído; e se o são, não poderão, em nenhuma hipótese, ficar indiferentes às dores medonhas dos irmãos já desfeitos, e já dos que, daquela substância dos desfeitos, se refazem, penosamente, pela evolução. É assim que “o céu se transformaria em inferno se o inferno não pudesse transformar-se em céu” ²³⁸ .

Atrás dissemos ser o universo o espelho onde se reflete Deus. Logo, o universo não é real, e sim ilusório, porque a imagem dos espelhos são irrealis e invertidas. E porque irreal e invertida, tudo, no espelho, aparece trocado ou às avessas, onde o direito vira esquerdo e vice-versa. Por isso, para sabermos como Deus é, olhando-o no universo, preciso é desinverter este espelhismo todo, vendo tudo no seu oposto, que é como Deus é. Portanto tem razão Ubaldi em dizer, que no universo, Deus se acha ocultado, e não manifestado.

Para que, pois, o enunciado espírita de que “no começo era o caos etc. ”, não seja absurdo e blasfemo, é imprescindível remontar-se à premissa maior, à tese evangélica que Ubaldi desenvolveu no seu “Deus e Universo”, e que diz: “**NO PRINCÍPIO era o Verbo**, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus”, ou de outro modo: “No princípio era o Lógos (a eterna razão pensante), e o Logos estava com Deus, e o Lógos era Deus. Tudo foi feito pelo Lógos, e nada do que entrou na existência foi feito sem ele. E o Lógos se fez carne” ... ²³⁹ .

²³⁸ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 2º Vol. 14

²³⁹ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1º Vol. 215

De maneira que não se pode dizer “que nenhum homem é responsável pelo fato histórico de se ter tornado um indivíduo: ” e acrescentar: “ele não se individualizou, *mas foi individualizado* por obra e mercê de terceiros” ²⁴⁰ . O grifo é nosso. Quem são estes terceiros, senão Deus ? considerando que a paternidade humana é só meio e instrumento da paternidade legítima, que age por-de-trás e através destes terceiros ? Ora, se Deus foi o individualizador do homem, e nisto (na individualização, base do egoísmo) reside todo o mal, o mesmo Deus que o desindividualize agora, e não lhe imponha este esforço sacrificial. Mas não é Deus quem desindividualiza o homem, senão que este mesmo é que há-de fazer isto; logo, o homem foi quem a si mesmo se individualizou, tornando-se egoísta, caído da luz para as trevas, da plenitude para o nada, da sabedoria para a ignorância, da Realidade absoluta para a ilusão extrema, do centro Deus para a periferia, do Ser para o não-ser, da Ordem para o caos, do Infinito para o ponto, pó e nada. Aqui teve início a volta, e esta é a evolução ou “relígio”, re-ligar é religião.

Capítulo XI

Essência e Substância

Assentado que tudo não somente *é*, como essência, mas também *existe*, como conteúdo, como substância, temos a notar que o racionalista é propenso a fazer uma dicotomia da realidade, e apresentá-la como se ela fosse constituída só de essência. A essência é o que a *coisa é*; porém, sem a substância que lhe enche a forma vazia, ela não existe. Nosso pensamento não pode apoiar-se só no *ser* das coisas, mas também no seu *consistir*. Desde que Parmênides fixou o Ser na imobilidade do que é puramente ideal, até hoje ninguém conseguiu desprendê-lo, despregá-lo dessa imobilidade, e soltá-lo para o movimento, para a vida. O próprio conceito de coisa tinha que ser palpável, que estava ali, à mão, fixo, sem mudar-se nunca. “Nunca foi fácil ao pensamento greco-romano (diz Ortega) conceber a realidade como dinamismo. Não podia desprender-se do visível ou seus sucedâneos, como um menino não entende do livro senão as ilustrações” ²⁴¹ . É que a coisa sempre foi só o seu esquema, o seu conceito, a sua essência, e nunca, a sua substância feita, toda, de movimento e de transformação. No entanto, não pode conhecer de fato quem conhece só por metade, quem conhece só pela essência que, por sua natureza, por uma de suas categorias metafísicas, é fixa, imutável. O conhecimento perfeito tem que considerar o dinamismo, o movimento transformativo que vai na substância que aquela essência cavalga. O conhecimento não pode ser só racional, e sim, *substancial, vital*. A razão, que sempre se cuidou fosse o continente, diz Ortega, é breve ilha flutuante a mover-se na superfície do oceano da vida. É o que diz Julian Mariás em seus comentários de Ortega: “A razão pura não pode suplantar à vida: a cultura do intelecto abstrato não é, frente à espontânea, outra vida que se baste a si mesma e possa desalojar a primeira. *É, apenas, uma pequena ilha flutuando sobre o mar da vitalidade*”

²⁴⁰ Huberto Rohden, Filosofia Universal, 1º Vol. 182

²⁴¹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 27

primária. Longe de poder substituir a esta, tem que se apoiar nela, nutrir-se dela, como cada um dos membros vive do organismo inteiro... *A razão é só uma forma e função da vida... A razão pura tem que ceder seu império à razão vital*²⁴².

E prossegue Julián Marías: “P. 149, l. 15 ss.: As coisas têm sempre duas vertentes. Uma é o “sentido” das coisas, sua significação, o que são quando interpretadas. Outra é a “materialidade” das coisas, sua positiva substância, o que as constitui antes e por cima de toda interpretação”²⁴³.

E fale ainda o próprio Ortega: “Esta teoria do conhecimento da razão houvera irritado a um grego. Porque o grego acreditou haver descoberto na razão, no conceito, a realidade mesma. Nós, contrariamente, acreditamos que a razão, o conceito, é instrumento doméstico do homem, que este necessita e usa para esclarecer sua própria situação em meio da infinita e arqui-problemática realidade que é sua vida”. E prossegue Ortega:

“Vida é luta com as coisas para sustentar-se entre elas. Os conceitos são o plano estratégico que nós formamos para responder a seu ataque. Por isso, se se escruta bem a entranha última de qualquer conceito, acha-se que não nos diz nada da coisa mesma, mas que resume o que um homem pode fazer com essa coisa ou padecer dela. Esta opinião taxativa, segundo a qual o conteúdo de todo o conceito é sempre vital, é sempre ação possível, ou padecimento possível de um homem, não foi até agora, que eu saiba, sustentada por ninguém; mas é, a meu juízo, o término indefectível do processo filosófico que se inicia com Kant. Por isso, se revisamos à sua luz todo o processo da filosofia até Kant, parecer-nos-á que *no fundo* todos os filósofos disseram a mesma coisa”²⁴⁴.

Deste modo o conceito de *coisa* estática, visível e palpável tem que se mudar para o conceito de *coisa-vivência*, não fixa, mas móvel em sua variedade de situações. Daí que Fritz Kahn escreve: “Ciência não é “coleção de conhecimentos” nem “busca da verdade” mas sim formação de conceitos”²⁴⁵. Por esta razão, “a ciência não sofre de “crise”, pois é da sua essência passar por crises. Ser crítico é o característico do cientista, cuja crença consiste em nada crer, estando sempre disposto, como Abraão, a destruir os ídolos, a fim de adorar um Deus único – aquele de quem não há imagem, porque permanece para sempre incognoscível, o *misticum eternum*, denominado Natureza por nós, homens modernos”²⁴⁶. Por isso é que “viver no século XX significa reaprender”²⁴⁷.

Deste modo, “cada novo conceito é um órgão que se abre em nós sobre uma porção do mundo, tácita antes e invisível. Quem vos dá uma idéia aumenta-vos a vida e dilata a realidade em torno de vós. Literalmente exata é a opinião platônica de que não enxergamos com os olhos e sim, através ou por intermédio dos olhos; enxergamos com os conceitos. *Idéia* em Platão quer dizer ponto de vista”²⁴⁸.

²⁴² (O. C., III, 177-178) Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 293

²⁴³ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 350 - 351

²⁴⁴ Ortega Y Gasset, *A Rebelião das Massas*, 198

²⁴⁵ Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, I, 15

²⁴⁶ Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, I, 78

²⁴⁷ Fritz Kahn, *O Livro da Natureza*, I, 238

²⁴⁸ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 108

Uma coisa pode ser considerada sob múltiplos aspectos, e por isto é que a palavra vivência nos aproxima melhor da realidade delas, pois vivência implica duplo sentido: o das coisas para nós, e de nós para as coisas. Estas estão aí, à nossa frente, porque nós estamos aqui, enfrentando-as. Tire-se o mundo ao homem, e este não terá mais vivência daquele; pela recíproca, tire-se o homem do mundo, e, ipso-facto, cessam também as vivências. Assim somos com o mundo, e ele é conosco, e esse consórcio do eu com o outro, do sujeito com o objeto, e do objeto ou outro com o sujeito, é o que chamamos vivência. E quando esse objeto ou outro que nos frenteia é um ente humano, então temos o que se chama *convivência*, ou vivência com, uma vez que há vivência de nós para com ele, e dele para conosco, em reciprocidade, em sociedade.

O conceito rígido, fixo, imutável de *coisa*, como o entendiam os gregos, passou-se para o de *vivência*, donde a definição de Ortega: “todo o conceito é descrição de uma cena vital”²⁴⁹. Nossas vivências com as coisas nos proporcionam inúmeros conceitos delas que se armazenam em nossa memória, e aí, como num filme, podem eles desfilarem em sua variedade calidoscópica. A palavra “algodão”, por exemplo, representa vários sentidos (conceitos), dependendo das situações: a do que planta algodão, a do que o comercia, a do que o fia e tece, a do que o veste, a do geneticista, a do botânico que o estuda, a do químico que, com ele, faz o algodão-pólvora, etc., etc.

Assim, há muitos aspectos da coisa. Coerente com isto, escreve Ortega: “*Idéia* em grego é a vista que oferece uma coisa, seu *aspecto*, – que em latim vem, por sua vez, de *spec*, ver, olhar. Daí: *espectador* o que contempla; *inspector*; daí *respeito*, isto é, o lado de uma coisa que se olha e considera; *circunspecto*, cauteloso, que olha em redor, não se fiando nem de sua sombra, etc.”²⁵⁰. Está nisto a dificuldade das definições; quem nos pede uma definição, pede-nos o conceito em sentido grego de *único* para cada coisa. Mas sendo o conceito um aspecto isolado, só a corrente de aspectos nos daria a imagem dinâmica e conhecida da coisa, ou seja, nossas vivências dela; e dizemos *nossa* e *dela* por causa do duplo sentido já referido neste capítulo. Deste modo, a máxima redução que podemos fazer é a de *forma* e *conteúdo*, nunca definindo uma coisa só pela sua forma ou essência, considerando como se a coisa fosse só a sua essência sem o seu conteúdo, ou só seu conteúdo sem a sua essência. Este é o pensar de Julián Marías quando escreve: “O que não existe e nem tem sentido é o bosque “em si”; nem “em si” – realismo –, nem “em mim” – idealismo”²⁵¹. O bosque e eu constituímos a vida: *ele em si, eu em mim, eu nele, e ele em mi*. Na paisagem do bosque eu estou, não só como espectador, mas como parte integrante dela, assim como as aves, os animais, as pedras, o céu... porque tudo forma o que se chama: a vida.

Se dizemos: *espaço*, já se vê que ele não pode ser só o vazio e essencial, mas terá que possuir seu conteúdo substancial. Se não é o éter é outra coisa como o éter, e todas as propriedades materiais que se exigiu tivesse o éter, terá que ter essa outra coisa. Não se pode simplesmente resolver o problema com substituir a palavra *éter* pela palavra *espaço*, como ingenuamente pensou o idealista e racionalista Albert Einstein. Pois foi por tomar a palavra espaço no seu aspecto abstrato, e não, também, no concreto, que gerou toda a confusão moderna a este respeito, como ainda veremos, pois para tal está sendo escrito este livro. O matemático pensa que pode descobrir tudo com o bico da sua pena; pois a matemática é um vazio ideal, se não se aplica ao que se refere;

²⁴⁹ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 115

²⁵⁰ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 105

²⁵¹ Ortega Y Gasset, Meditações do Quixote, 239

e se não se refere a nada, não passa de um simples jogo diletante como o do xadrez. À física-matemática tem de estar conexa com a física-descritiva, porque, se a primeira dimensiona tudo, não explica nada, no mesmo passo que a segunda explica tudo, porém, nada dimensiona. E já até se cometeu o absurdo de dizer que a matemática pura é a mais excelsa forma de filosofia. Fosse isto verdadeiro, o matemático Bertrand Russell, ao fazer filosofia, apresentá-la-ia sob forma matemática. Não só o não fez, como ainda declarou que, em matemática, não se sabe ao que ela se refere, nem se o que ela diz da coisa é verdadeiro. Pois claro: se a doutrina que ela expõe em suas fórmulas estiver errada, não há de ser a matemática que lhe vá conciliar o cunho de verdade.

Mas fale ainda Ortega, que seu dizer, além de belo, esclarece e apoia esta tese; diz ele:

“De pronto, o conceito se nos apresenta como repetição ou reprodução da coisa mesma, vazada em matéria espectral. Pensamos no que os egípcios chamavam o *duplo* de cada ser, umbrátil duplicação do organismo. Comparado à coisa mesma, o conceito não é mais que um espectro, ou ainda menos”²⁵². Mais: “O que dá ao conceito caráter espectral é seu conteúdo esquemático. Da coisa, o conceito retém meramente o esquema”²⁵³. Mais:

“Ora, a versão mais exata do termo *Idéia*, quando Platão o usava, seria “aspecto”. Ele não se ocupava de psicologia mas de ontologia. Porque, com efeito, pertence à Realidade ter “aspectos”, “referências” e, em geral, “perspectiva”, já que pertence à Realidade que o homem esteja diante dela e a veja”²⁵⁴. “Porque a “coisa” é “em *realidade*” a soma ou *integral* de seus aspectos”²⁵⁵. Mais ainda: “Do mesmo modo, o conceito expressa o lugar ideal, o vazio ideal correspondente a cada coisa no sistema das realidades. Sem o conceito não saberíamos bem onde começa e onde acaba uma coisa; como impressões as coisas são fugazes, fugidias, deslizam-se de nossas mãos e não as possuímos. O conceito, interligando umas com as outras, acaba por fixá-las e aprisioná-las. Diz Platão que as impressões se nos escapam se não as amarrarmos com a razão, como, segundo a lenda, as estátuas de Demetrios fugiam dos jardins durante a noite, se não estivessem atadas”²⁵⁶.

Comentando esta parte do mestre, escreve seu discípulo Julián Marías:

“P. 100, l. 10 ss.: De pronto, o conceito se nos apresenta como uma repetição ou reprodução da coisa mesma, vazada em matéria espectral”.

Mais,

P. 100, l. 17 : – “A ninguém em seu perfeito juízo ocorrerá trocar sua fortuna em coisas por uma fortuna em espectros”.

Logo,

²⁵² Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 100

²⁵³ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 100

²⁵⁴ Ortega Y Gasset, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 187

²⁵⁵ Ortega Y Gasset, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 129

²⁵⁶ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 101

P. 100, l. 19 - 23 : – “O conceito não pode ser nova coisa sutil destinada a suplantar as coisas materiais. A missão do conceito, pois, não estriba em desalojar a situação, a impressão real. A razão não pode, não tem que aspirar a substituir a vida” ²⁵⁷ .

Padecemos hoje da mania de nos referirmos às coisas pela sua generalidade abstrata; daí a atitude empertigada de quem pensa nos fechar as portas, quando fala da prova matemática, não dos seus enunciados puros que prescindem da experiência, mas da matemática aplicada que é nada-coisa, oco e vazio que a realidade deve encher. Este vício invadiu a vida social a tal ponto, que sempre nos referimos às coisas concretas e individuais em termos de generalidades abstratas. Sentindo os efeitos deste idealismo desenfreado e falsificador da realidade, Bertrand Russell escreveu esta frase: “Kant goza de reputação de haver sido o maior dos filósofos modernos, mas, na minha opinião, não foi senão uma desgraça” ²⁵⁸ . É por esta razão que, em vez de dizermos um homem ou uma mulher, dizemos *um ser humano*. A isto, Ortega nos conta da sua experiência com uma jovem que lhe disse: – exijo que o senhor me trate como um ser humano. Ortega lhe respondeu que não conhecia seres humanos, e sim, somente, homens e mulheres individuais; e acrescenta: “Aquela criatura havia sofrido, em algum *College*, a educação racionalista da época, e o racionalismo é uma forma de beatice intelectual que, ao pensar uma realidade, procura tê-la em conta o menos possível” ²⁵⁹ . Acaso um conhecimento assim dicotomado e referido só pela essência, pela generalidade abstrata, é saber ? Pois que saber vem de sabor, e o experimentado nisto era, “geralmente, um ancião, encarregado de provar os alimentos para discriminar quais eram sãos e quais daninhos para a tribo, portanto, o que degustava sobretudo as plantas e se havia adestrado em distinguir sabores, *sapores*. As plantas têm sabor, *sapor*, graças a seu suco – em germânico *Saft*; são elas sapientes. Do objeto passa o vocábulo ao sujeito “entendido em sabores” – o *sapiens*, o *sofós*” ²⁶⁰ . Eis, pois, que o saber não pode descurar da substância, e ser considerado como pura essência. E sobre o mais alto saber, fale Huberto Rohden: “Para cá da experiência do Pentecostes o homem conhece ou crê coisas *sobre* Deus – para lá do Pentecostes, o homem sabe *a* Deus. Só esse saber ou saborear a Deus é que dá invencível coragem, entusiasmo e paixão pelo reino de Deus. “Só quando o sujeito se *identifica* com o objeto, se ele *é* o objeto e *vive* essa completa identidade com o objeto, é que ele pode realmente *saber* o que o objeto é. Saber é saborear, e este ato supõe identificação entre o sujeito e o objeto” ²⁶¹ .

Que saber, logo, é esse, que só sabe pela essência, que não saboreia o conteúdo, que não tem a mais alta *vivência* com o objeto, com a coisa ? “Toda a minha vida (diz Ortega), desde os seus primeiros balbucios, foi uma luta contra essa atitude, que há muitos anos chamei de *beatice da cultura*. Beatice da cultura, porque nela se nos apresentava a cultura, o pensamento, como algo que se justificava a si mesmo, a saber, que não precisava de justificação, mas que é valioso por sua própria essência, sejam quais forem a sua concreta ocupação e o seu conteúdo. A vida humana devia pôr-se ao serviço da cultura, porque só assim se carregava de substância estimável. Assim sendo, ela, a vida humana, nossa pura existência, seria, por si mesma, coisa balda e sem apreço” ²⁶² . Mais:

²⁵⁷ Ortega Y Gasset, *Meditações do Quixote*, 286 - 287

²⁵⁸ Bertrand Russell, *Delineamentos da Filosofia*, 102

²⁵⁹ Ortega Y Gasset, *O Homem e a Gente*, 165

²⁶⁰ Ortega Y Gasset, *Origem e Epílogo da Filosofia*, 272

²⁶¹ Huberto Rohden, *Filosofia Universal*, Vol. 2, 175

²⁶² Ortega Y Gasset, *O Homem e a Gente*, 69

“Essa doutrina é o que se tem chamado *intelectualismo*, a idolatria da inteligência, que isola o pensamento de seu encaixe, de sua função na economia geral da vida humana. Como se o homem pensasse porque sim, e não porque, queira ou não queira, tem de fazê-lo para sustentar-se entre as coisas! Como se o pensamento pudesse despertar e funcionar pelas suas próprias molas, como se começasse e acabasse em si mesmo, e não, – o que é a verdade, – engendrado pela ação e tendo nela as suas raízes e o seu termo !” ²⁶³ .

“Essa maneira de inverter a relação efetiva entre *vida* e *cultura*, entre *ação* e *contemplação*, deu motivo a que nos últimos cem anos – portanto, até bem pouco, – se suscitasse uma superprodução de idéias, de livros e obras de arte, uma verdadeira *inflação cultural*. (...) Em vez de atender ao consumo, vão-se produzindo, por produzir, as idéias necessárias, de que o homem de hoje precisa e que pode absorver. E, como acontece no capitalismo, saturou-se o mercado e sobreveio a crise” ²⁶⁴ .

“A aberração intelectualista que isola a contemplação da ação, suscitou a aberração oposta: a *voluntária*, que se exonera da contemplação e diviniza a ação pura” ²⁶⁵ . “Deste racionalismo, que aspira a substituir a vida pela idéia, estamos nos curando agora” ²⁶⁶ .

“O reconhecimento de um erro é por si mesmo uma nova verdade, é como uma luz que dentro deste se acende” ²⁶⁷ .

“O destino do homem é, portanto, primariamente, *ação*. Não vivemos para pensar, mas ao contrário: pensamos para conseguir sobreviver” ²⁶⁸ . “*Ação* é atuar sobre o contorno das coisas materiais ou dos outros homens conforme um plano preconcebido em uma prévia contemplação ou pensamento” ²⁶⁹ .

“Veja-se como isso de atribuir ao homem o pensamento como uma qualidade ingênita – que, de início, parece uma homenagem e até uma adulação à sua espécie, – é, em rigor, uma injustiça. Porque não há esse dom nem tal presente; ao contrário, ele é uma penosa fabricação e uma conquista, como toda conquista, – seja de uma cidade, seja de uma mulher, – sempre inestável e fugidiva” ²⁷⁰ .

Está finda esta rapsódia de trechos orteguianos, porque, segundo entendemos, se havíamos nós, o discípulo, de falar do que dissera o mestre, melhor nos pareceu que devia falar ele próprio. Não nos foi difícil respigar na seara do mestre estes trechos adequados à nossa tese; o difícil foi organizá-lo de modo a que a rapsódia deleitasse ao leitor, no tempo em que o esclarece.

²⁶³ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 68 - 69

²⁶⁴ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 69 - 70

²⁶⁵ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 70

²⁶⁶ Ortega Y Gasset, Estudos sobre o Amor, 47

²⁶⁷ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 274

²⁶⁸ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 62

²⁶⁹ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 68

²⁷⁰ Ortega Y Gasset, O Homem e a Gente, 67

Capítulo XII

Ontologia e metafísica

Nós estamos rodeados pelo mundo. Nele vivemos a nossa vida espontânea. Levantamo-nos de manhã, tomamos nosso café, e saímos para o nosso trabalho. Tudo transcorre da maneira mais natural, sem problemas, sem perguntas, e a isso tudo damos o nome de vida espontânea.

Andando pelas ruas, vemos casas, veículos diversos e gente. Ali está uma praça ajardinada, bem cuidada, que nos embevece, nos empolga pela sua beleza. Olhamos para uma palmeira, em primeiro plano, e nos perguntamos: o que é a palmeira ?

No momento em que fizemos esta pergunta, nossa atitude em relação ao mundo se mudou. Antes transcorria nossa vida espontânea, sem problemas, em que fluíamos nosso gozo estético. Agora queremos saber *o que é* a palmeira; agora ela já não nos aparece como estesia, mas como problema. E muita coisa podemos saber da palmeira porque a podemos ver com os olhos de todos os especialistas que a estudaram.

Todavia, vamos olhá-la de um modo inusitado, completamente diferente, e, a partir dela, vamos chegar às mais arrojadas conclusões.

Observando a palmeira, verificamos que seu tronco é cilíndrico; então nos vem a idéia de cilindro. Imaginamos que a palmeira foi cortada, transversalmente, e o corte se nos apresenta como um círculo. Se o corte for oblíquo, em vez de círculo, teremos uma elipse tanto mais alongada, quanto maior for a obliquidade do corte. Que é cilindro ? que é círculo ? que são elipses ? que é o triângulo ? o quadrilátero ? o seno ? Que são todos os objetos matemáticos ?

De começo, verificamos que tais objetos não são *coisas*, visto que não os podemos tomar nas mãos para examinar. São idéias que estão na nossa cabeça, que tiramos das coisas por generalizações. Os conceitos são idéias gerais que abstraímos das coisas particulares. Ainda que uma coisa fosse única, nossa imaginação poderia modificá-la, dar-lhe novas cores, novos aspectos, e o conceito seria sempre a generalização dessa variedade que fantasiamos.

Dentre tantas idéias que temos, está a de *causalidade*. Então nos perguntamos: o que causa o triângulo ? o círculo, o cilindro do tronco da palmeira ? Que causam todos os objetos matemáticos ? Não; eles não são causados; eles *são* por uma implicação lógica como premissa e conseqüências de um silogismo. Nada causa o triângulo, nem o círculo, nem os demais *objetos ideais*.

Uma vez que não são causados, não têm origem no tempo. Não houve um tempo em que a idéia de triângulo não existia, e depois começou a surgir, começou a ter história. O triângulo foi *descoberto* um dia pelo primitivo, mas já existia antes, por isso que dizemos *descoberto* e não, *inventado*. Descoberta implica preexistência, e quando queremos saber em que tempo ainda não havia a idéia de triângulo, constatamos que ele não existe no tempo: ele *é* desde sempre. O triângulo, como todos os demais objetos ideais, é intemporal.

O círculo, a elipse, o triângulo, os conceitos, os princípios e leis matemáticos e científico-matemáticos, como *não são coisas*, não ocupam lugar no espaço; são inespaciais.

Outra propriedade dos objetos ideais é serem fixos, imutáveis. Não há a possibilidade de tais objetos deixarem de ser o que são. E são universais: não se concebe que haja um lugar do universo em que o triângulo deixe de o ser. Até já se pensou em demonstrar, graficamente, o teorema de Pitágoras, no deserto do Saara; se, em algum lugar, houver um olho telescópico observando a Terra, dando ele com a demonstração gráfica do teorema, concluirá, iniludivelmente, que a Terra é habitada por seres inteligentes. Por que? Porque os objetos matemáticos são universais.

Outra propriedade de tais objetos é não possuírem polaridade. Tudo o que existe tem o seu contrário; mas o que não existe não tem contrário. Ora, existir implica tempo, daí que existir vem de *ex sistere* que significa ser posto fora, no tempo. Os objetos ideais, como são intemporais, sem história no tempo, por isso mesmo não existem... mas *são*. Não sendo coisas, não têm polaridade, não têm contrário; não há círculo e anticírculo, triângulo e antitriângulo, princípio e antiprincípio, lei e antilei. Neste plano a verdade é fixa, imutável, não havendo o movimento dialético de tese, antítese e síntese. Os objetos ideais não são susceptíveis de movimento dialético. Não possuem polaridade.

Outra propriedade, e é a sétima, os objetos ideais são irrepresentáveis. Podemos representar, construir o círculo, o triângulo, a elipse; mas quando o fazemos, esses desenhos deixam de ser generalidade. Ou desenhamos um triângulo isósceles, ou escaleno, ou retângulo, ou curvilíneo; mas não podemos representar o triângulo em geral. A idéia de triângulo como generalidade é um conceito abstrato, universal, e não um dado triângulo individuado, em particular. Assim também com a idéia de círculo em geral; grafado o círculo, ele é particular, possui um raio de curvatura próprio, não é mais uma pura abstração, um puro conceito, para ser um indivíduo, um ente particular. Um princípio, uma lei, é enunciado e generalizado por uma fórmula matemática; mas não podemos representá-lo a não ser particularizando, individualizando, aplicando-o a um caso isolado. Pensar *o triângulo* não é o mesmo que imaginar um triângulo, porque, quem o pensa, o faz abstratamente em sua generalidade, em sua universalidade; porém, imaginar um triângulo é já construí-lo na imaginação numa forma determinada, individuada, e então ou é o isósceles, ou é o escaleno, ou é o retângulo, etc.

Um exemplo, para esclarecer: Galileu observou o movimento dos corpos no espaço. Esta é a experiência sensível. Depois sentado à sua mesa, de olhos fechados, enxergou, em sua imaginação o mesmo espaço, refletido, e, nele, os corpos a mover-se. Num terceiro momento, ele observou a *relação* entre espaço, corpos e velocidades. Essa *relação* ele apresentou por enunciados e fórmulas matemáticas, que são as leis do movimento. No primeiro momento ele teve diante dos olhos da cara, a *realidade objetiva*; com os olhos fechados, continuou a enxergar essa

realidade, mas, agora, em imaginação, como *realidade subjetiva*. Descoberta a relação, fixou tudo na imobilidade de um *objeto ideal*, a lei, o princípio científico-matemático. Agora, cessou por inteiro a possibilidade de representação pictórica. Por que ? Pois porque as abstrações, os conceitos puros, são irrepresentáveis.

Até agora temos observado o que é fixo, imutável, intransformável, universal, irrepresentável, não dialético, não polarizado, inespacial, intemporal e incausal. Este assunto é o objeto da *metafísica*. Quer dizer que a metafísica se ocupa dos *objetos ideais*. *Objetos ideais* e *objetos metafísicos* são a mesma “coisa” ... coisa só como modo de dizer, porque eles não são coisas. Deste modo, as propriedades do ser foram tiradas a partir do tronco da palmeira do jardim, sem se precisar partir do Ser por excelência, Deus, como fez Parmênides. A metafísica, pois, não se ocupa da realidade (res = coisa), da coisidade, e sim da idealidade. O Ser de Parmênides, e, depois, de Platão, de Aristóteles (actus puros), em fim, de todos os filósofos antigos e modernos, é pura idealidade. Mas eles chamavam a esta pura idealidade de realismo. Quer dizer que o realismo dos filósofos antigos é o mesmo idealismo dos filósofos modernos, apenas que, no realismo, a ênfase recai sobre as coisas, e, no idealismo, ela recai sobre o eu que pensa. O ternário é *eu, pensamento* e *coisa*. Se o acento enfático recair sobre as coisas pensadas, temos o *realismo*; se recair sobre o eu que pensa, o *idealismo*. De maneira que os filósofos estiveram, todo o tempo, a falar, da mesma coisa por modos diferentes.

Quando o realista diz: “ – se eu me elimino, ficam as coisas” , podemos acrescentar: ficam, porém, não para mim, porque, ao eliminar-me, as coisas não se dão para mim. Se me elimino, as coisas ficam também eliminadas para mim. Os idealistas, por outro modo, dizem: “se elimino as coisas, fico eu” . Isto seria certo, se o *eu*, o *ego*, fosse constituído de pura idealidade. Se elimino as coisas, elimino entre elas, meu corpo, meu cérebro; e sem meu corpo, sem meu cérebro que pensa, como poderia permanecer o *eu* ? Não há o puro espírito (actus purus – sem matéria alguma), nem mesmo para Deus, porque se fosse isto verdade, Deus e espíritos seriam princípios vazios, puras idealidades, sem objetividade alguma.

Mas tornemos ao jardim, olhemos de novo nossa palmeira para outra investida noutra direção.

Ao observarmos a palmeira, verificamos que ela não se constitui só de forma, só essência, só de pura idealidade. Ela tem corpo de matéria que está ali, que podemos tocar com a nossa mão, e ver com os nossos olhos. Agora, comecemos de novo por perguntar: o corpo, a coisa, a matéria de que se constitui a palmeira, tem causa ? Sim, tem causa na semente que germinou, absorvendo do ar e da terra tudo o que constitui agora a palmeira. Houve um tempo em que ela não estava ali; depois nasceu e foi crescendo, tendo uma sua história no tempo. A palmeira teve causa e tem história; é causal e é temporal. Igualmente ocupa um lugar no espaço, é espacial; antes era só semente, depois pequena, agora corpulenta; portanto é mutável, transformável. Pode ser cortada, seca e queimada, deixando de existir. É individualizada por características que a tornam única, e existe nela, em sua matéria (matéria se deriva de madeira – Ortega) há o princípio de polaridade desde os átomos até suas células vivas. É representável por desenhos, pinturas ou fotografias. Em tudo, o tronco da palmeira se opõe à sua essência, à sua idealidade.

Como a palmeira é um *ente* biológico, esta parte que a estuda se chama *ontologia* que é a *teoria do ente*. Se a metafísica se refere aos objetos ideais, a ontologia, agora, se refere aos

objetos reais. A palmeira não é somente sua essência, sua forma vazia, seu conceito abstrato; ela é também sua substancialidade, sua coisidade, seu existir ontológico.

Deste modo, podemos representar em justaposição a **ontologia** e a **metafísica** no quadro seguinte:

ontologia – objetos reais

causais
temporais
espaciais
mutáveis
individuais
polarizados
representáveis

metafísica – objetos ideais

incausais
intemporais
inespaciais
imutáveis (fixos, intransformáveis)
universais
não polarizados
irrepresentáveis

Não há **ser real**, completo, verdadeiro, se não possuir esta dualidade de **conteúdo** e **forma**; até para Deus esta regra é válida. Ele, como todas as coisas, possui Substância e Essência como ainda iremos ver.

Substancialidade e temporalidade da vida

Voltemos, de novo, à palmeira do jardim, para uma outra retomada. Observamos, agora, que ela é viva, e nos perguntamos: **que é a vida**? Acaso é a vida um objeto ideal? Aplicando-se as sete categorias metafísicas próprias dos objetos ideais à vida, verificamos que nenhum deles a ela se refere. Todavia, todas as categorias ônticas dos objetos reais dizem-lhe respeito. Por ventura, então, a vida é coisa?

Não é coisa em sentido tátil, de se poder pegar na mão e segurar. Mas tudo o que é **ser real** tem que possuir **essência** e **substância**. Como a vida não pode ser catalogada entre as essências puras, entre os objetos ideais, então, só pode classificar-se como **substancialidade**, como **coisidade**. Este enunciado provocaria o riso de todos os filósofos antigos. Modernamente, porém, sabemos que as coisas são constituídas de matéria, e que a matéria é energia; logo, a energia é constituinte das coisas, podendo aquela aparecer sob a forma material ou sob a forma dinâmica. Como diz Bertrand Russell, “agora, devido principalmente a dois físicos alemães, Heisenberg e Schroedinger, os últimos vestígios do velho átomo sólido se derreteram, e a matéria se tornou tão fantástica como qualquer coisa que se manifeste numa sessão espírita”²⁷¹. Se, pois, coisa é tudo o que se constitui de matéria, e sendo a matéria pura energia, segue-se que a pura energia pode constituir as coisas; a onda é feita de energia; logo a onda é coisa; como a onda, a vida é uma coisa de conteúdo dinâmico.

²⁷¹ Bertrand Russell, Delineamentos da Filosofia, 124

Todavia, as coisas são palpáveis, e a energia, não; por conseguinte, nem todas as coisas são palpáveis, nem para todas temos sentidos apropriados. Uma forma espectral não é palpável para nós, e por isso dizemos que ela não é uma coisa: no entanto, um ente espiritual pode apalpá-la, visto que se situa no mesmo plano de etérea substância, e para esse o ente espectral é coisa. As ondas hertzianas não nos ferem os sentidos como o calor e luz; contudo, aquelas são ondas, do mesmo modo que estas. A primitiva e espontânea idéia de coisa, do ponto de vista estritamente sensório, portanto, tem que ser generalizado para tudo o que se constitua de **energia-substância**. A palmeira é uma coisa que vive, do mesmo modo como Descartes se dava como sendo “uma coisa que pensa” ou “uma coisa pensante”; e estava certo, porque, sem a coisa-cérebro, sem a coisa-matéria, sem a coisa-substância, não haveria o pensamento. Pois não podendo a vida classificar-se como idealidade, só pode enquadrar-se como substancialidade, como coisidade. Como é a substância que dá consistência, que dá realidade às coisas, substância e coisas se confundem; quem apalpa ou vê uma coisa, não apalpa ou vê a essência; o que ele vê e apalpa é só o conteúdo, a matéria, a substância.

A vida é uma forma de energia, daí o chamarem-na **energia vital**. E Einstein propôs o termo **energia-substância** como denominador comum para todas as matérias e todas as energias do universo. Ora, a vida tem **causa** nas energias inferiores que nela se transmitem; é **temporal**, pois está no tempo e tem história; é **espacial**, porque a não podemos conceber fora do espaço, ou no espaço vazio, subjetivo, abstrato; é **mutável**, porque sofre transformações; acha-se sempre, por toda parte, **individuada** num ente; possui **polaridade** dialética de ação e reação, de assimilação e desassimilação; e é **representável** pelos entes que a portam já no viço, já no porte. Ela, em si, pode não ser representável ainda, a não ser nos ou pelos seus efeitos, como todas as coisas irrepresentáveis que nos cercam, não porque o sejam, de fato, mas por incapacidade ou impotência nossa. Como representar a gravitação? a eletricidade? como, as ondas hertzianas? Só por paralelismo com o sensorial, podem essas **coisas** ser representadas. Entretanto, isto não obsta que tais **coisas** se enquadrem como **energia-substância**.

Há filósofos contemporâneos que classificam a vida de modo menos amplo, no que eles chamam **categorias ônticas regionais**. Nós preferimos, apesar de algumas dificuldades (hajam vista as representações), classificar tudo sob duas categorias apenas: **essência** e **substância**. É assim que a vida, os sentimentos todos, o amor são substanciais, e não, essenciais. São João nos diz que “Deus é luz”; ora, a luz é energia; logo, Deus é energia. Está certo: mas que energia? Pois terá que ser a da mais alta espécie; terá que ser a que resplandece no pináculo supremo. E a mais alta forma de energia é o amor, e o próprio São João diz, também, que “Deus é amor”. Pois é daqui que há de ter saído tudo pela queda, pela degradação, e é para aqui que tudo há de retornar por evolução. Dado, assim, substancialidade a Deus, ele deixou de ser princípio vazio, pura idealidade, “**actus purus**”, sem matéria alguma, como pensara Aristóteles.

Mas da vida da palmeira podemos chegar, por conexão de idéias, a outras formas mais altas de vida. O animal não “sente” o seu futuro, porque não tem memória do passado; o que de passado existe nele, está estratificado sob a forma de instinto inconsciente. Já o homem, que é pobre de instintos naturais, possui memória consciente do passado. No homem, deste modo, a vida se mostra plena nessas duas direções. “Queira-se ou não (diz Ortega), a vida humana é constante ocupação com algo futuro. Desde o instante atual no ocupamos do que sobrevem. Por isso viver é sempre, sempre, sem pausa nem descanso, fazer. Por que não se reparou em que **fazer**, todo o **fazer**, significa realizar um futuro? Inclusive quando nos entregamos a recordar. **Fazemos**

memória neste segundo para lograr algo no imediato, ainda que não seja mais que o prazer de reviver o passado. Este modesto prazer solitário se nos apresentou há pouco como um futuro desejável; por isso o *fazemos*. Conste, pois: nada tem sentido para o homem, senão em função do porvir”²⁷².

A este viver a partir do futuro, a esta predominância do futuro sobre o presente, Ortega deu o nome de “futuração”, donde vem que toda a ação presente é um “faturizar”, e assim ficam criados um substantivo e um verbo novos. Quanto ao passado, diz, Ortega, que “o homem o conserva em si mesmo, acumula-o, faz que, dentro dele, isso que foi prosseguir sendo “na forma de tê-lo sido””²⁷³. Mais:

“O homem pode adivinhar cada vez mais o seu futuro e, portanto, “eternizar-se” mais nessa direção. Por outro lado, pode ir cada vez mais tomando posse de seu passado (...). Porque ser eterno não é perdurar, não é ter estado no passado, estar no presente e prosseguir estando no futuro. Isto é apenas perpetuar-se, perenizar-se – uma faina, depois de tudo, cansativa, pois significa ter que se percorrer todo o tempo. Mas eternizar-se é o contrário: é não se mover alguém do presente e conseguir que passado e futuro se cansem eles em vir ao presente e enchê-lo: é recordar e prever”²⁷⁴.

Como se conhece o passado? Pela história... mas não pela história relatada, como se fazem nas escolas modernas, que isso não tem valor nenhum. O conhecimento de história tem que ser apaixonadamente crítico, e não apenas discursivo, desinteressante. Só edifica no futuro quem se encrespa contra o passado que não mais quer ser, e o aprova no que julga bom e estimável. Pouca história estudada é melhor que a muita decorada, porque sua função precípua é futurizar ou lastrear o futuro. A história, diz Ortega, “não é apenas contar o passado senão entendê-lo, mas agora acrescento que se é entendê-lo, por força, tem que ser também criticá-lo e, em consequência, entusiasmar-se, angustiar-se e irritar-se com ele, censurá-lo, aplaudi-lo, corrigi-lo, completá-lo, chorá-lo, e ri-lo. Não é um modo de dizer: a história é, seriamente, íntegra uma forma de vida em que toma parte inteiro o homem historiador se é, de verdade, um homem – portanto, com seu intelecto mas também com toda a matilha de suas mais egrégias paixões, *cum ira et studio*”²⁷⁵.

O homem precisa conhecer o seu passado para marcar as suas coordenadas, e, a partir delas, construir o futuro. Ele é como o bifrontal deus Jano, e, como este, tem um rosto olhando para o passado, e outro, para o futuro. O homem se constrói a si mesmo, a partir do futuro em que põe os seus planejamentos e ideais; contudo, o passado não o larga, acompanha-o nos instintos, nos hábitos, nos usos e costumes, nas instituições, enfim, em tudo aquilo que lhe enche as bibliotecas e os museus. Neste sentido também se pode entender o que disse o padre Vieira, quando afirmou que tudo passa e nada passa; “tudo passa para a vida, e nada passa para a conta”²⁷⁶. A conta, para qual nada passa, é o nosso passado estratificado nas instituições, no usos, nos costumes, nas bibliotecas e nos museus. Para que o homem possa planejar o futuro, precisa sentir em si o passado. Como diz Julián Marías, “o passado não está *ali* em *sua data*, mas aqui, em mim. O passado sou eu – entenda-se, minha vida”²⁷⁷.

²⁷² Ortega Y Gasset A Rebelião das Massas, 243 e 244

²⁷³ Ortega Y Gasset Origem e Epílogo da Filosofia, 172

²⁷⁴ Ortega Y Gasset Origem e Epílogo da Filosofia, 173

²⁷⁵ Ortega Y Gasset Origem e Epílogo da Filosofia, 249

²⁷⁶ Vieira, Sermões, Ed. das Américas, 11, 285

²⁷⁷ Ortega Y Gasset, Meditações do Quixote, 228

Se temos de contar o passado, podemos, em parte, conhecer o futuro pelo passado. Por conseguinte, se o passado se constrói do futuro, porque vivemos a partir do futuro, onde pomos os ideais, em parte, também, o futuro se constrói do passado, porque este resiste nas instituições como uma inércia a que se dá o nome de misonéismo. Por este motivo já dizia Vieira: “Olhai para o passado e para o futuro, e vereis o presente. A razão ou consequência é manifesta. Se no passado se vê o futuro, e no futuro se vê o passado, segue-se que no passado e no futuro se vê o presente, porque o presente é o futuro do passado, e o mesmo presente é o passado do futuro”²⁷⁸.

O homem precisa conhecer o seu passado, para planejar ou projetar o seu futuro. Fora as pouquíssimas luzes do passado que o alumiam e o aquecem, o resto, o grande resto, o horroriza e o deprime, pelo que ele quer um futuro que não seja a continuação indefinida do passado. Não se pode, pois, desconhecer a história, nem permitir sejam destruídos os documentos paleontológicos, antropológicos, arqueológicos e históricos, porque estas coisas são os olhos com que o homem-deus- Jano enxerga o passado. E como o futuro se constrói do passado, seja porque se o quer continuar, seja porque se o quer mudar, obliterando os olhos que vêem o passado, perde também o deus-homem-Jano as vistas do futuro. E cego, Jano fica perdido no seu perpétuo presente, como ocorre com os animais que não têm memória, e, por isto mesmo, também não possuem previsão futura. Daqui vem que, neste sentido, *nós somos as nossas memórias*; e o somos também neste outro sentido: nossas memórias guardam, não só o que fomos, senão, também, o que desejáramos ter sido; quiséramos o certo, o justo, o bom, e não o conseguimos. As máquinas de voar, desenhadas por Leonardo da Vinci, num tempo em que não havia aviões, ficaram guardadas em museu, como “*memória do futuro*”, até que, ao serem inventadas as máquinas voadoras, aquelas “*memórias do futuro*” se passaram para junto das do passado, como uma outra fracassada aventura de Ícaro.

Conhecer o passado e o futuro é o modo como o homem adquire um *que* de eternidade, como diz Ortega, muito de longe, semelhante a Deus. E se a consciência do passado sofrido, e a antevisão do sofrimento futuro nos fazem sofrer três vezes (no futuro, por antecipação; no presente, como atualidade; e no passado, como lembranças amargas), também, e pela mesma razão, nossos gozos são tríplices. E como o homem tende, progressivamente, a eliminar o mal e a dor, um dia, quem sabe quando?, depois de milhares e milhares de anos, seremos eternos gozadores de tritemporais alegrias. Eis, pois, que a memória, aliada da esperança, é o grande dom humano, e, por ela, o homem, muito de longe, se assemelha a Deus.

A memória, simbolizada na deusa Memória dos gregos, é a conquista primária do humano, porque é com o material aí arquivado que a inteligência opera. O chimpanzé, como o demonstrou Coehler, já possui uns vislumbres de reflexão; mas como tem memória curta, não pode valer-se de conhecimentos anteriores para “raciocinar”. O rato, ao qual se impõe o problema de evadir-se duma ratoeira, fica todo o tempo a fazer tentativas, a repetir as mesmas experiências já realizadas, nas quais se evidenciaram fracassos, e isto, por não ter memória nem senso de planejamento. Porque não tem passado, por isto mesmo não possui o futuro como o homem.

Essa deusa Memória era esposa do Zeus grego de quem saiu o deus Júpiter romano. “O próprio Zeus, segundo a lenda grega, nasceu de Rea, a Mãe-Terra, na caverna de Dicte, e as

²⁷⁸ Vieira, Sermões, Ed. das América, 1, 111

abelhas levavam-lhe mel, a cabra Amaltéia dava-lhe leite, ninfas cuidavam dele. Jovens guerreiros reuniam-se para protegê-lo contra o próprio pai, Cronos, o devorador de crianças”²⁷⁹. Cronos, o tempo, que tudo apaga e consome, ameaçava destruir o próprio filho Zeus. E este, defendido, casa-se, mais tarde, com a deusa Memória de quem nasceram as Musas. Estas Musas, filhas da Memória, habitavam uns templos a que se davam o nome de museus. Que linda imagem ! A deusa Memória representa o passado; mas suas filhas, as Musas, são as inspiradoras do futuro em todas as artes e ciências. Embora filhas do passado, as Musas inspiram o futuro ! E é. Onde se inspiraram os grandes homens, para serem grandes, senão nos grandes do passado ? Cristo, o mais que grande, faz dois mil anos quase, está no passado-futuro a inspirar a todos os homens que chegaram a grandezas menores ! Assim é que, nos museus e nas bibliotecas, se guardam as filhas da Memória, e esta filhas são as relíquias ilustres que Cronos, o tempo, ameaça sempre devorar.

Capítulo XIII

²⁷⁹ C. W. Ceram, Deuses, Túmulos e Sábios, 66

Minha filosofia e a linha do grau 18

Deus criou os filhos, os anjos, da sua **Substância**, visto como não havia outra; não podia Deus lançar mão de nada exterior a si, porque, sendo infinito, não possui exteriores, nem limites. Sendo substancial o Amor, por isso mesmo possui polaridade, podendo, porque livre, esfriar-se e inverter-se no seu contrário. “Deus é Amor” (I João 4, 16), e desse Pai-Amor saíram os filhos; “Deus é Luz” (I João 1, 5), e dessa incriada luz inacessível se criaram os anjos qual Pai, todos luminosos, todos santos, todos amorosos.

E aconteceu esfriar-se o amor num terço dos espíritos celestes, e o impulso, como o de um pêndulo que oscila, inverteu-se no seu contrário, no **egoísmo**.

Se o amor cria, o egoísmo descreia, dissolve, desintegra, e assim os anjos caídos do amor se escureceram, sendo arrojados no Orco profundo, no centro do universo primevo, e em se fechando cada um cada vez mais sobre si mesmos, todos os dragões se desintegraram no que se chamou, então, depois, medonho e turbulento caos. Daqui principiou a fase inversa à da queda, que é a evolução, e quando pode o homem ser recriado na subida, viu, atônito, perplexo, que **a ignorância e a dor são a sua sorte**. Porque se perdeu o amor, por isso erra o homem pelo mundo; **procura o enigma do Universo, e não o encontra; sente a morte lançar-lhe a descarnada mão, e se toma de horror do Nada**.

Acaso conheceu o homem o amor ? Sim, conheceu-o antes da queda, e o conhece agora, porém, na sua forma invertida de **egoísmo**. A Natureza toda é egoísta, e o homem, nela, não teve outra sorte que não ser egoísta também. **Que, pois, fizeram, os primeiros homens ?**

Ignorantes e fracos, a noite os enlouquecia de horror. Adoravam coisas de todas as espécies chamando-as deuses. O egoísmo engendrou a tirania, e esta criou o trabalho escravo, impedindo, ao mesmo tempo, o esforço da pesquisa da verdade. Por causa da inversão do amor em egoísmo, o mundo todo se mostrou invertido também, e, como num negativo fotográfico ou numa fôrma, tudo tem de ser entendido pelo avesso; daí que onde nos diz, a fôrma, saliência, é para entender-se reentrância ou depressão; onde o negativo nos diz luz, é para entender-se escuridão, e onde, negro, é para entender-se branco. Porque tudo se mostrou invertido, **o Mal foi tomado pelo Bem e o Bem pelo Mal**.

Todavia, os anjos que, lá no empíreo, se tiveram na virtude, inflamados do sacrossanto amor, varando as trevas do Orco, sempre levaram socorros mil a todos os que quiseram salvar-se, os que, de dragões, desejaram negar-se, na reconquista do perdido amor.

Que estrela, pois, é esta que brilha nas trevas ? **É a Nova Lei que reaparece**, a Lei do Amor que exsurge, desponta e esplende fulgurante, negando o estulto egoísmo, clareando a escuridão do mundo, derretendo os ferros, as algemas, as gargalheiras com que a negra tirania agrilhoou a Liberdade do humano corpo e da consciência humana. O homem dragontino, egoísta e mau, escravo da ignorância e do vício, só pode achar a liberdade na nova Lei do Amor, e a Grande Estrela Fulgurante diz: – “Conhecereis a Verdade, e ela vos libertará !”

A Verdade ? Mas o que é a Verdade? Movido pelo anseio de ser livre, passou o pensador a joeirar todas as vozes, e andando pelo mundo, foi interrogando as gentes: – em que crês tu ? – Creio na existência de dois deuses: um claro e luminoso como a luz do Sol, e bom como a mesma bondade, e outro, negro, peçonhento e cheio de maldade. Interrogado outro, este assim responde: – Creio em *Brahama* que gerou *Trimurti; Brahama*, o criador; *Wishnu*, o conservador; e *Shiva*, o destruidor. – Eu aqui budista, esse aí brahahamanista, aqueloutro lá discípulo de Platão, todos cremos na transmigração das almas por corpos sucessivos.

Vagando o pensador pelos confins da Terra, por terras ignotas, ouviu ainda dos selvagens a primitiva fala: – Adoremos o Sol, a Lua e as estrelas, porque deuses são.

Desesperado de achar a verdade na escuridão dos tempos, dirige os passos para Roma, a cabeça da Igreja, e ouve que o recém-nascido, morto sem batismo, para sempre está perdido.

Ouvindo a um tirano, desejoso de forjar uma mística que lhe sustente o despotismo, esse, em proveito próprio e arrogante, diz: – O rei é Deus; e nós outros, todos somos seus escravos. – Mahomet é infalível, diz o muçulmano, ao que retruca o católico romano: não, o Papa é que o é.

Ainda ecoou na lembrança do viajor do mundo, a fala primitiva, ouvida quando andara por ignotas terras: – É deus o fogo. Estátuas lhe façamos, de pau, e pedra, e bronze; curvemo-nos ante elas, em adoração, humildes; cultos lhes prestemos !

Todavia, insistindo, repete a Estrela Flamejante: – conhecereis a Verdade, e ela vos libertará ! Mas, que é a Verdade ? Feita esta pergunta por Pilatos, Cristo emudeceu... porque se via à frente dum filosofastro, céptico, descrente de que a Verdade possa ser achada. Contudo, sem o conhecimento dela, jamais seremos livres.

Sedento de saber, estudou o pensador as filosofias, as antigas todas, todas as modernas; atormentado pelo enigma do Ser, seu espírito esteve mergulhado nos problemas metafísicos, os da origem, os do fim da natureza, origem e fim das coisas. Até que se instala a dúvida terrível, e com ela, desesperada dor. Noites indormidas, o cérebro em fogo, passa e repassa o fio da mente sua na pedra milenar que é o enigma do Ser. E Fausto, encarando a caveira, diz-lhe:

“Que me estás tu daí zombeteando,
caveira despejada ? Entendo a mofa:
dizes que os teus miolos, quando os tinhas,
também como hoje os meus, esfervilhavam;
tudo era afadigarem-se às escuras
em demanda da luz, que vivifica;
por gosto erravas, mísero, qual erro,
trás a verdade e em vão”.²⁸⁰

e, noutro lugar:

“Ao cabo de escutar co’o mais ansioso estudo

²⁸⁰ Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 44

filosofia, e foro, e medicina, e tudo
até a teologia... encontro-me qual dantes;
em nada me risquei do rol dos ignorantes.
“*Mestre em artes* me chamo; inculco-me *Doutor*;
e em dez anos vai já que, intrépido impostor,
aí trago em roda viva um bando de crendeiros,
meus alunos... de nada, e ignaros verdadeiros.
“O que só liquidei depois de tanta lida,
foi que a humana insciência é lei nunca infringida.
“Que frenesi ! Sei mais, sei mais, isso é verdade,
do que toda essa récuá inchada de vaidade:
lentes e bacharéis, padres e escrevedores.
Já me não fazem moça escrúpulos, terrores
de diabos e inferno, atribulados sonhos
e martírio sem fim dos ânímos bisonhos.

“Mas, com te suplantar, fatal credulidade,
que bens reais lucrei ? gozo eu felicidade ?
Ah ! nem a de iludir-me e crer-me sábio. Sei
que finjo espalhar luz, e nunca a espalhei
que dos maus faça bons, ou torne os bons melhores;
antes faço os bons maus, e os maus ainda piores.
Lucro, sequer, eu próprio ? Ambiciono opulência,
e vivi pobre, quase à beira da indigência.
Cobiço distinguir-me, enobrecer-me, e vou-me
coa vil plebe confuso, à espera em vão de um nome.
“E chama-se isto vida ! Os próprios cães da rua
não quereriam dar em troco desta a sua”²⁸¹ .

Perguntando o rei Midas ao capro e calvo semi-deus Sileno, qual o melhor destino de um homem ?, este frígio semi-deus, inventor da flauta, gorducho, baixo e de orelhas suínas, lhe responde: “Miserável raça de um dia, filhos do acidente e da aflição, por que me forçais a dizer o que bom fora não fosse dito ? O melhor dos fados é inacessível – não nascer, não ser. Depois, o melhor fado é morrer cedo”²⁸² .

E o sábio Salomão concluiu ser melhor o dia da morte que o do nascimento (Ecl 7, 1)...

Deste modo, todas as pretensas revelações sobre que os homens fundamentaram suas crenças, sofrem abalos terríveis, terríveis metamorfoses... O pensador desolado, em cujo rosto a reflexão arou profundos sulcos, sente-se tremer. Viu o pai, a mãe, a mulher amada ou o filho morrerem; assistiu-lhes a agonia longa, penosa, e por fim, o último suspiro; depois a algidez das pernas, dos braços e das mãos com os dedos entrelaçados sobre o peito. A vida se quedou no Nada. Qual é, logo, a realidade de sua esperança ? Acaso a morte é o fim ? Ó dúvida terrível !

²⁸¹ Goethe, Fausto, Clássicos Jackson, XV, 27 - 28

²⁸² Will Durant, História da Filosofia, 389

E sacudindo a cabeça pendente, murmura o pensador: verdadeiramente, a ignorância e a dor são as companheiras inseparáveis do homem !...

Curvado ao peso da dor, de alma arrasada, vê desfilar por sua memória toda a humanidade no espaço e no tempo. Escuta, como ao vivo, a voz da despótica intolerância: – Que todo inimigo seja sacrificado ao altar de Baal ! Que todo budista seja queimado vivo ! Matemos os muçulmanos ! tal o manda, tal o quer Deus ! Os negros foram criados para servir aos brancos; sejam eles, pois, escravos ! Trucidemos os brancos, dizem os de cor ! Morte a Sócrates, sentenciam os juizes gregos ! Morte a Cristo ! crucifica-o, brada a turba enfurecida, açulada pelos sacerdotes, e sequiosa de sangue ! Aquele que não crer em Cristo, seja anatematizado, exclama o jesuíta ! ao fogo com ele ! Anátema sobre todo o que acreditar em Deus, diz, por fim, o comunismo materialista e ateu.

Onde, pois, a verdade, aquela que me libertará ? exclama o pensador, à meia voz, como a pensar alto. Não quero o cristianismo que é a verdade de Cristo posta ao serviço e interesses dos homens, mas a verdade pura, do modo como, em palavras, lhe saiu dos lábios.

Ora bem: o enigma do Ser, tal como me atormenta agora, azucrinou também os grandes do passado. No entanto eles, em vez de, como eu, perderem tempo com lamúrias, lançaram-se ao trabalho, aos estudos, pelo que se tornaram *intrépidos naturalistas e, sob as aparências mais ou menos sinceras da alquimia, promoveram pesquisas científicas por meio da observação. Sob o pretexto da medicina, percorreram, durante dois séculos, todo o ocidente da Europa, recolhendo elementos que outros deveriam fazer frutificar, para refundir o método científico. Inúmeros livros foram escritos pró e contra eles. É um episódio da história que me cumpre cuidadosamente conhecer*, pois o que busca a liberdade, tem de, primeiro, descobrir a verdade, uma vez que só ela me libertará. A exemplo deles, cumpre-me ser livre-pensador, como o foram eles nos séculos *XV e XVI, eles, os audaciosos defensores da ciência natural, tal qual como Jesus foi o livre pensador da moral. Ninguém, como ele, pregou resolutamente a moral ideal, fundada sobre o sentimento, a única possível naqueles tempos; ninguém feriu com mais rigor e sucesso a hipocrisia e a tirania sacerdotais.*

A doutrina toda sentimental de Jesus repousa na intuição de Deus, como Providência, e na *alma humana imortal ! A antiga “Associação de Pedreiros” sempre proclamou os mesmos princípios, mas com o corretivo – LIBERDADE DE ESPÍRITO e OBRIGAÇÃO DO TRABALHO, isto é, com a indagação da VERDADE. Identificando-se à obra “dos Bons Pastores”, a “Associação de Pedreiros” proclamou o estudo da Natureza, como base de todo o progresso, porém, com este aditivo: A Natureza não está somente na matéria, mas também nas leis morais, cuja sede é nossa consciência e cuja realidade está demonstrada pela formação da sociedade humana, tal como as leis físicas são demonstradas pela existência dos fenômenos físicos.* A “Associação de Pedreiros”, *como Jesus, empenha-se em aproveitar o homem em seus sentimentos, agindo sobre sua conduta, seus costumes, predispondo-os às boas ações e à Virtude.*

Não adotando para si mesma, determinada crença, a “Associação” considera todas elas como transitórias e subordinadas aos lento progressos da razão humana. Fiel ao único princípio da liberdade e do trabalho, a “Associação” pode tirar de determinada

época da história, verdades parcialmente descobertas; pode conservar-lhes o sentido exato, repudiando seus maus elementos ou, melhor, seus abusos, por verdades mais completas.

É assim que a “Associação” tem glorificado a Fé, a Esperança e a Caridade. Sem prejuízo, porém, tem repellido a Fé pela Ciência; tem repudiado quimeras com as quais o homem infante embalava sua imaginação, e, até a Caridade, quando orgulhosamente revestida da forma de esmola. Jesus falava, de acordo com as idéias de seu tempo, da Fé e da Esperança que ele pregou. Sua mais importante obra resume-se em um vocábulo: Amor. Para ele a Bondade, a Tolerância e o Amor tornavam os homens iguais. Não poucas vezes, sua palavra fez entrever essa igualdade, como correspondente ao direito, pois a Justiça de não fazer aos outros o que não queremos que se nos façam, deveria transformar-se em Caridade, que é a sentença na sua forma positiva de fazer aos outros o que queremos que nos façam, tal, sua única finalidade.

Cumpra, pois, ao obreiro *procurar a Verdade em sua sombra profunda!* Esta é a voz do Trabalho e da Liberdade. Assim se conhecerá a Lei que governa o mundo!

Que motivo leva os pedreiros-pastores a se reunirem? A pedra angular, a pedra de esquina do edifício social foi levantada num madeiro, e a lançada de Longuinhos abriu-lhe o lado de que saíram sangue e água. *A Pedra Cúbica verte sangue e água!* Por que aconteceu isso? Porque se perdeu a Verdade no prístino passado! Como, pois, se poderá reencontrá-la? Pela Paciência, pela Coragem e pelo Amor. Não só por estas virtudes, senão também pela Fé, pela Esperança e pela Caridade.

Armados da prudência, saíram os pedreiros-pastores pelo mundo de norte a sul, de oriente a ocidente! Interroguem os homens, todas as religiões, as filosofias todas, todos os monumentos; percorram a Terra inteira; interroguem homens e coisas. Que a prudência os guie.

E saindo eles, aconteceu verificarem estar extinta a Fé, a Caridade extinta. Notaram que os que se propuseram a reerguer a Humanidade foram mortos pelos homens cegos pela ignorância. *Aquele que disse: “Sede uma Família de Irmãos”, não foi compreendido pelos homens que o mataram. Aquele que disse: “Não há mais escravos”, os homens, sem o compreenderem, mataram! Aquele que disse: “Procurai e encontrareis”, não foi compreendido pelos homens que o condenaram à morte! Aquele que expulsou os mercadores do Templo, foi privado da existência pelos homens! Aquele que denunciou a mentira dos Fariseus, os homens não o escutaram e o condenaram à morte! Aquele, em fim, que afrontou a tirania dos grandes e o fanatismo das multidões, foi insultado e morto pelos homens! Só resta a Esperança, e desgraçado de aquele que a extinguiu!*

Poder-se-ia percorrer as Câmaras dos Suplícios, dos castigos que, em várias épocas, a sociedade tem imposto aos que se mostraram esquecidos ou indiferentes às leis supremas do Amor; aos que, sem escrúpulo, lançaram sobre outrem as torturas dos sofrimentos físicos e as angústias do desespero moral e material, como os espantosos tormentos das prisões, das pocilgas dos escravos, dos antros sombrios, úmidos e infectos das masmorras sobre que os poderosos edificaram seus imponentes castelos; aos que, olvidados dos eflúvios da Fraternidade, asfixiaram os mais nobres sentimentos altruístas e da caridade, como o arcebispo Rogério Ubaldini que trancafiou na Torre da Fome o conde Ugolino com seus dois filhos e dois netos, fazendo-os perecer. Assim, embora

não se tenha diante dos olhos as tristes conseqüências do esquecimento criminoso da solidariedade humana, alimente sempre o pedreiro-pastor a Esperança, que sua Fé e sua Esperança sejam as suas mais puras alegrias.

E neste momento, depois de os pedreiros-pastores terem ouvido a maldade dos homens, façam a si mesmos a promessa de jamais se esquecer desses sublimes sentimentos, dizendo, cada um, em sincero e profundo recolhimento espiritual: “Eu hei de ser bom, caridoso e justo. Jamais causarei mal a meu semelhante !”

Depois de tantas privações, tantas dores, de interrogar os homens e as coisas, acaso se encontrou a Verdade ? Acaso a encontrou quem veio a Judéia, Nazaré, Rafael e Judá ? Sim, que Judéia, Nazaré, Rafael e Judá formam a sigla INRI que, posto no tope da Cruz, também significava, para os antigos: Igne Natura Renovatur Integra ! (O fogo renova a Natureza inteira).

Na origem do movimento, da vida e do pensamento, isto é, de todos os fenômenos naturais, os Árias, nossos antepassados, colocavam uma substância que não era uma abstração, mas uma força real e visível – o Fogo. Primitivamente, o fogo terrestre, o Agni do sacrifício; depois, o fogo atmosférico ou o relâmpago, e por fim, o fogo celeste, representado pelo Sol. O fogo concebido, a princípio, como personalidade divina, somente diferenciado do homem pela extensão maravilhosa de suas faculdades, tornou-se o símbolo do Ser Único, a fonte e cúpula do Universo.

Pois que quando todas as virtudes foram extintas, e todas as luzes se apagaram, restou ainda uma – a Esperança. Que, logo, esperança pode acalentar o viajor obscuro perdido nas trevas ? Não outra, senão a de produzir a centelha que fará renascer a Luz, o Calor e a Vida. E onde se oculta essa centelha ? No começo dos tempos ela esteve na floresta sombria, onde um raio elétrico, caído do céu, incendiou um tronco seco. Hoje ela está noutra bosque, o das acácias, onde se ergue uma Cruz com uma Rosa nela.

Uns disseram que a centelha gerou-se a si mesma pelo atrito primordial, que este foi o modo também de o primitivo produzir o fogo. Mas, que gerou o movimento inicial para que se produzisse o atrito ? Outros chamam-na Agni ou Indra ou Varuna; outros, ainda, a denominam Ormuzd, Odin, Osiris, Iahved. Nada, porém, sobre ela se poderá saber, porque temerária é a interpretação do mortal que pretenda impor um nome ao G.:A.:D.:U.: !

Vinde, ó vós, primeira e segunda linha do Ternário ! Vinde! Reavivemos a antiga Idéia ! Salve, ó tu, filho celeste, no tríplice nascimento que Prometeu trouxe aos homens no oco dum cajado ! Filho do homem, tu, a quem os antigos, nossos antepassados, adoravam sob o nome de Agni, e veneravam sob a figura dum cordeiro, aquele que pôs termo às impurezas do mundo ! Salve, ó tu, revelador do céu e da terra ! vencedor dos monstros da tempestade, da noite antiga e do desolado inverno ! Ó tu que desvendas as maravilhas do Templo, porque, no momento mesmo em que expiravas num madeiro infame, o véu do Templo rasgou-se de alto abaixo ! Ó tu que acendes, por sobre as nossas cabeças, os lampadários das estrelas ! Ó tu que nos ofuscas nos ziguezagueantes coriscos, nos relâmpagos, e que nos aqueces no aconchego do lar com os doces eflúvios do calor ! Ó tu que dás aos homens o meio de dominar a natureza, fazendo-os, guardadas as devidas proporções, semelhantes a Deus ! Tais filhos, ó Pai, procurando compreender-te, deram-te o atributo de Criador supremo, estando, desde toda a eternidade como germe e potência de tudo o que criaste ! Teu símbolo, ante nossos olhos, o Atarvan da antiga raça ariana, o princípio de todas

as combinações que na Natureza se operam, na essência do movimento, na vital essência, fundamento do princípio de Razão que esclarece os homens. Aumenta, ante nós, o teu vigor e brilho ! Derrama ao longe, ao largo, teus raios fulgurantes ! Sobe ao céu, ao Céu dos céus donde partiste um dia, ó mediador dos mundos, para purificar as consciências nossas ! E quando terminado estiver nosso dever na Terra, queiras tu acolher o que de nós subir como sutil porção imorredoura, levando-a daqui, pondo-a a coberto da corrupção que é o termo final das coisas neste mundo !

Ó Jesus Nazareno Rei dos Judeus ! Ou, de outro modo: Igne Natura Renovatur Integra ! Que esta chama ilumine o mundo com o esplendor da ciência ! Que ela envolva a Humanidade inteira ! Que o Amor engendre fecundas energias!

Agora conservai, vós que andais pelo mundo, conservai para a Grande Obra, este candelabro doravante fecundo. *Igne Natura Renovatur Integra !*

Deste modo se emprega a sigla INRI em seu duplo sentido: referindo-se a Jesus e à máxima hermética; à doutrina moral e democrática de Jesus, combinada com a obra especial do que procura a ciência real.

Introduzidos todos neste tabernáculo iluminado, é hora de ser enunciado que foi achada a Verdade perdida no prístino do tempo, quando o puro Amor se transmudou no egoísmo. Esta Congregação de pedreiros-pastores não quer afirmar que a Verdade está achada na sua totalidade e inteireza. Não. A Verdade inteira ainda não foi descoberta. Depois de termos andado errantes no meio dos homens, e de haver consultado os monumentos todos, todas as tradições, os livros, as crenças, as opiniões de todos, continuamos a ignorar a Verdade Eterna. Todavia, achamos o caminho que dela mais nos aproxima, até o ponto em que a humana inteligência pode compreendê-la. Foi achado o método; é a direta observação da natureza, o princípio científico; é a autoridade da consciência fundamentada na moral de Jesus. Se, para Francis Bacon e outros, a observação exata cria a ciência, para Cristo, a consciência executa, sobre si mesma, um trabalho de revelação, embora lento, seguro. Imprudentemente a ignorância sacerdotal fez mau uso do nome de Jesus. Depois da sua morte, não lhe faltaram defensores. Em todos os tempos os cristãos proclamaram, em nome de Jesus, que entre a Consciência e a Verdade não há ponto intermediário, que ninguém tem o direito de sentenciar: creia nisto ! ou não creia naquilo ! Liberdade de consciência, eis o que se perdeu outrora e hoje está achada. Até onde tal preceito conduzirá o mundo ? Ninguém o sabe !

O túmulo vazio de Jesus não é a interpretação sacerdotal da ressurreição do corpo; é o símbolo da ressurreição do pensamento e do espírito. Assim, a vida renasce sem parar, e a ciência aliada à liberdade deve despertar o nosso ardor mais vivo; elas nos fazem gozar a única felicidade deixada ao homem nas agonias de sua ignorância sobre seu próprio destino.

Entre nós há quem afirme ser desnecessária a Esperança, enquanto outros atendem, por diversos modos, sua sede de imortalidade. O primeiro caminho seguem-no os jovens, enquanto dentre os velhos, muitos há que não se resignam ao ver-se exaustos pela obra da morte que, lentamente, lhes vem enfraquecendo as forças, antes do golpe derradeiro e fatal; tais velhos, em vez de renunciarem, sentem aumentar em si os atrativos da vida. No entanto, feliz de aquele que, fiel ao dever sincero a si mesmo, espera com serenidade.

Entretanto, há ainda um outro ensinamento que é a defesa do direito, até pelas armas, se necessário. Durante os sombrios anos da Idade Média, a Cavalaria representou a reivindicação do direito individual, a defesa do fraco e desvalido, o justo orgulho da justiça, o protesto frontal contra a arbitrariedade.

Nesses tempos, em que tantos preceitos predominaram, pareceu ao homem que tinha de fazer a divisão do trabalho, e apareceram as corporações. Fora esta divisão, ainda a uns incumbia a idéia científica, a outros, corrigir os costumes, e ainda a outros cumpria conservar a energia moral. Assim, o homem devia estar munido de três valores: ciência, coragem e amor, e isto, para trazer o inimigo à razão, e chegar a uma solução pacífica sempre que possível, e violenta, quando necessária. Deste modo, ao naturalista laborioso, ao meigo apóstolo da tolerância, a maçonaria supriu de recursos, armando-lhe o braço com a espada.

Armado dos recursos intelectuais da ciência, e dos morais da coragem e do amor, e ainda da espada representativa da justiça, o homem viu cair dos próprios olhos o véu negro, deixando-o, para sempre, ver a luz. Assim se fez a aliança dos bons, todos ligados pela fraternidade. Desde então, o fraco e o oprimido encontraram nesse homem iluminado o mais resolutos defensor.

A inteligência, então, se pôs a aprender as leis que governam o mundo, e a coragem e o amor se colocaram ao serviço da pátria livrando-a da tirania. Para impedir a extinção das luzes que mais de uma vez se apagaram na história, ao sopro da tirania, o homem bom teve, desde então, a ciência e o direito e, se preciso, a sua espada.

Há uma virtude, certamente, o ponto de partida de todas as demais, e sem a qual a felicidade e a justiça seriam bem difíceis, e que se encontra no fundo de todas as máximas: a bondade. Mais que o gênio, a bondade mede a elevação da alma; mais que a beleza, dá ao rosto um encanto indizível. Ela, a bondade, ilumina e se irradia do rosto do justo. É através dela que contribuimos para a felicidade da família, esposa e filhos; é por ela que podemos levar ao infeliz, ao desgraçado, um socorro eficaz. Sem ela, estaríamos entregues a sentimentos tristes, pessimistas e odiosos, que, em tantos homens, explicam suas atitudes de intolerância e de hostilidade às instituições sociais. Toda a doutrina de Jesus ressumbra bondade. Na cordialidade para com os outros, fica suposto o contentamento interior. É por isso que a Congregação dos Bons exerce uma influência tão eficaz sobre os que a freqüentam com amor. Encontram eles, aí, nutrição para a inteligência, ocasião de trabalho para o pensamento, instrumento de progresso moral, e, como consequência, a satisfação do dever cumprido. Aí também se encontra a amizade que vai até o sacrifício.

Há congregados para os quais são estranhos esses sentimentos. Para muitos, a Congregação é instrumento utilizável para fins ambiciosos e, daí, abandonarem-na, imediatamente, preferindo esmolarem favores em outras esferas, a serem os primeiros entre amigos fiéis. Outros há que se desencorajam porque não compreendem a organização cujos princípios não se dão ao trabalho de estudar; ou porque desejam coisas impossíveis; ou porque não encontram a quimera que sonharam; ou porque pensam que os outros fazem muito pouco, quando, na verdade, eles próprios nada fazem. Esses ambiciosos, não encontrando guarida para suas ambições, afastam-se, ou são expulsos.

Os verdadeiros congregados são os que amam a Congregação dos Obreiros do Bem; os que gostam de manejar a trolha da tolerância, fornecendo sua quota de trabalho na construção do edifício social. Estes encontram nos irmãos o que de melhor eles têm. Esses dão a bondade de seus corações, e sentem o prazer inefável de um sincero aperto de mão, de um olhar de afeto, e vê em cada rosto o seu próprio a irradiar simpatia, cálida amizade cujo valor só se conhece quando, nos dias maus, se lembra de haver gozado.

Animados destes sublimes sentimentos vão-se à ceia que é de pão e vinho como a de Jesus. Ao menos uma vez por ano, hão de reunir-se, vindos de todos os quadrantes da Terra. Ali cada um dá conta de seus trabalhos, ouve e aprende o que outros hajam aprendido, tomam parte no repasto, e retornam às suas origens.

O Grande Chefe da Congregação então diz:

– A nutrição que vamos tomar é o corpo e o sangue de nós mesmos, em que tais alimentos se hão de converter. Que ela, pois, aumente em todos as forças vitais; que sustente, em nosso cérebro, a nossa inteligência para que seja sã e sincera, a fim de que possamos discernir a verdade do erro, e esclarecer nossas aspirações diante de Deus. Comamos e demos de comer aos famintos; amemo-nos e frutifiquemos. Bebamos e demos de beber aos sedentos; aprendamos e ensinemos.

E feita a coleta, e recolhidos os cajados, cada um retorna ao seu assento, para ouvir a eloqüência do Grande Orador que, em se levantando no seu lugar, principiou assim:

* * *

Grande Pastor, chefe desta augusta assembléia, meus pares.

Depois de percorrer o mundo todo, de repensar os pensamentos de quantos nos antecederam, aqui nos reunimos para, pela discussão fraterna, acharmos a Verdade perdida no prístino do tempo, quando o amor, em se fechando sobre si mesmo, se transformou no egoísmo.

A Natureza toda, todo o Universo, teve sua gênese no Caos; e cuidando nós que tudo se nos mostrava em positivo, não podíamos atinar que um Deus bondadoso tivesse criado tanto mal, feiura tanta, tanta miséria e dor. O mundo primitivo que cuidáramos fosse o real e verdadeiro, hoje se nos mostra como num negativo fotográfico, em que tudo tem de ser interpretado pelo avesso. Onde, no negativo, se nos diz claridade, é para entendermos escuridão, e onde, trevas, é para entendermos luz. Tal, também numa fôrma: onde ela nos diz reentrância, é para entendermos saliência, e vice-versa.

Interpretando assim o mundo pelo seu reverso, onde ele nos diz tirania, escravidão, temos de pôr, no lugar, democracia, liberdade; onde, prepotência arbitrária, temos de substituir por liberalismo, por igualdade, por justiça. Em lugar da obediência à vontade caprichosa e absoluta de um chefe, cumpre-nos lutar para que se imponha o Direito, a Lei. Onde a intolerância fez jorrar o sangue dos justos, nós, tendo na mão a trolha, havemos de conciliar as mais contrárias opiniões. Daí que nossa confraria é o mosaico da fraternidade universal, com orlas denteadas a significar a irradiação dessa igualdade. Onde a Inquisição intolerante acendeu suas fogueiras, nós pusemos archotes cujos fogos não são para destruir, mas para que as luzes deles sirvam para nos clarear os caminhos.

Não somos ainda detentores da Verdade inteira, porém, uma certeza nos anima o coração, e nos encoraja a prosseguir: essa certeza é a liberdade. Sem a liberdade de pensamento, não podemos especular sobre a natureza, estudá-la, e descobrir-lhe as leis. Sem a liberdade de ação estaremos impedidos de fazer as experiências necessárias ao aprendizado da ciência, pelo que provocamos a natureza, fazendo-a repetir mil vezes seus fenômenos diante de nós. Sem a liberdade, jamais escaparemos da roda perpétua que nos moe sempre, e nos faz dizer: a ignorância e a dor são as companheiras do homem. A liberdade, pois, é o instrumento que nos permitirá inverter a ignorância no saber, e a dor na alegria. Graças a ela, desvirados, nós, de egoístas em amorosos, nossa ação benfazeja se espalhará pela Terra, o nosso exemplo será seguido, e o mundo, então, ir-se-á, pouco a pouco, se negando de feio e mau, até se cumprir o que sempre pedimos a Deus no Pai-Nosso: **Venha o teu Reino!** Venha o teu Reino à Terra que habitamos, e que Cristo não tenha mais de dizer que seu Reino não é deste mundo.

Pois que é, ó Grande Pastor, ó pares, o que é a Verdade? Ei-la! Cristo no-la deu nos exemplos da sua vida, e no-la declarou no seu Evangelho: a **Verdade é o Amor**. Porém, o amor coexiste com a liberdade, daí que não pode haver amor forçado, amor escravo; logo, a liberdade é o instrumento do amor, e é por ela que ele se efetiva. No entanto, para que haja liberdade, faz-se preciso a tolerância, pois como pode haver liberdade onde a intolerância tirânica acende fogueiras ou prende com grilhões? Logo, a tolerância é instrumento da liberdade. Amor, Liberdade, Tolerância, eis os três lados do Triângulo em cujo centro se vê escrita, com letras de ouro, a palavra: **VERDADE**. Mas Cristo prometeu: conhecereis a Verdade; donde vem que a Verdade é objeto de conhecimento pelo qual se chega à sabedoria. E que é a sabedoria? ora, vede:

Aparecendo Deus a Salomão, disse-lhe: – Que queres que te dê? – Dá-me, Senhor, um coração reto e justo, para que eu possa julgar este teu grande povo. (II Cron 1, 7 a 12). Então lhe torna Deus: – já que me não pediste riqueza, nem honra, nem glória, nem muitos anos de vida, nem que te ponha nas mãos teus inimigos, dar-te-ei o que me pedes, e serás o mais sábio dos homens, como nunca houve outro antes, nem outro haverá depois de ti.

Salomão pediu um coração reto e justo, e Deus lhe promete conceder o que almeja, fazendo-o sábio. Logo, ter **coração reto e justo** é ser **sábio**. Ora, ser reto e justo de coração é ser virtuoso; segue-se, portanto, que **sabedoria é virtude**; mas a virtude suprema é o amor de que todas as demais virtudes decorrem. Consequentemente, **sabedoria é amor**.

Como? Acaso a virtude não é o sentimento que nos induz ao bem? e sendo sentimento, não é próprio do coração? Sim, é; que o coração amoroso é **sábio e justo**. No próprio pedido de Salomão vai o que o preocupa: “para que eu possa julgar este teu grande povo”. Para o povo se dirigia o afeto de Salomão, e em favor desse povo quer ter coração reto e justo. Não pediu riqueza, porque o povo vale mais que todas as riquezas, e é a fonte delas; não pediu honras, porque o bem público vale mais que todas as honras. Não pediu glória, porque a glória é fumo, ilusão, vaidade, e o bem-estar do povo é a realidade. Não pediu longos anos de vida, porque o mesmo Salomão havia de dizer que melhor é o dia da morte que o do nascimento. Não pediu que lhe pusesse Deus nas mãos os inimigos, porque o coração reto e justo pode converter os mais ferrenhos inimigos em amigos fiéis, como, de fato, sucedeu durante todo o governo do rei sábio. E realizando o bem-estar do povo, veio a Salomão a glória, veio a honra, veio a riqueza para todos, veio a paz, e até os dias longos vieram para si.

E que tudo isto promane dum coração reto e justo ? de um coração sábio ? Acaso a sabedoria não é própria da cabeça ? Acompanhai-me neste raciocínio:

Todo o amor quer realizar-se. Este querer do amor impele o amante à ação. A ação encontra obstáculos, resistências, dificuldades, e, para vencê-los, o indivíduo se lança ao estudo que traz o saber que vence as dificuldades que realiza a vontade que satisfaz o amor. Eis que o amor está na raiz do conhecimento, ou, que o próprio conhecimento nasce do amor. Quem a nada ama, por nada se esforça e nada aprende. Se não houver o amor que quer algo, no começo, não haverá o conhecimento, no fim.

E quando o homem, já por isto sábio, descobre que o conhecimento é a chave que lhe propicia a realização de todos os seus bons propósitos, então se lança, sequioso, a adquirir conhecimentos, ainda que não para aplicá-lo no momento, do mesmo modo como o homem prudente se põe a economizar o dinheiro, para tê-lo mais tarde, quando as precisões surgirem. De igual modo, o homem sábio cura de adquirir conhecimentos que lhe permitam a solução de problemas futuros, problemas próprios ou alheios. Este procurar o conhecimento se torna num hábito que é como uma segunda natureza, e o sábio sente indizível gozo nesta conquista do saber. O amor quer, então, diretamente, o conhecimento, por puro diletantismo, e não mais por força, como fôra no começo. Este amor do conhecimento, este amor pelo saber, é o que se chama filosofia. O filósofo é o que ama o saber, e eis que o princípio e o fim da cadeia se unem no circuito de auto-crescimento. O amor quer, então, o saber, para iluminar-se; e este querer move a ação diletante de buscar o saber. Amor no começo, e sabedoria no fim, porque o amor é sabedoria, ou a sabedoria é amor. Daí que, tendo pedido Salomão um coração *reto e justo*, Deus lhe promete satisfazer o anseio, fazendo-o o mais sábio dos homens de quantos vieram antes, e viriam depois.

E pondo o homem sua mente a serviço do saber, observando a natureza em torno, olhando o mundo, descobre que, neste, o amor primeiro se mostra no negativo, no egoísmo pai da ignorância de que todos os demais vícios decorrem. Endireitar-se a si mesmo primeiro, corrigindo os erros, os vícios, eis o primeiro passo no trabalho de quem busca o saber; depois, quando estiver no seu alcance, tem de lutar pela melhoria dos demais, no seu contorno, porque o amor implica sempre na existência de um objeto para o qual se dirige, sobre o qual recai, e o próprio saber que se ama, ama-se, para o aplicar, sendo ele, o amor do saber, um meio, e não, um fim. O que amealha conhecimentos sem cessar, sem os distribuir, assemelha-se ao avarento que sempre se vê pobre, padecendo, insaciáveis, sede e fome, sede de Tântalo, e fome de Ugolino. O fim é o outro, é o objeto amado, pelo que Salomão estava certo ao pedir: – Dá-me, Senhor, a sabedoria, ou seja, um coração reto e justo... para que fim ? – para que possa julgar este teu grande povo.

Todavia, cuido que estais vós, aí, a discorrer: de começo esse orador declarou que nosso mundo é invertido e mau, por efeito do egoísmo em que se inverteu o amor sábio e bom. Como, agora, só nos fala do amor, silenciando o egoísmo que é sobre que repousa a natureza e o mundo ?

Grave é a vossa ponderação, e para respondê-la, peço continueis a honrar-me com vossa preciosa atenção:

O egoísmo é o amor pelo avesso; e como o mundo primitivo se fundava nele, no egoísmo, a natureza se nos mostrava toda egoísta, toda invertida no contrário daquele mundo de Cristo, que não

é o nosso. O egoísmo, com sede nos indivíduos, do vegetal ao homem, também quer, com uma vontade que se lança à ação; a ação da vontade também encontra obstáculos, resistências, obrigando o agente a conhecer. Quer-se, então, saber, para vencer as resistências, realizando a vontade com sede no egoísta. O egoísta logo descobre que, para ser forte, precisa associar-se a outros. Descobre que, para viver em sociedade, precisa reconhecer e respeitar o limite do egoísmo alheio. Nasce o direito, a justiça que é o respeito pelo limite, não o transpondo, como nunca transpõe o Sol os trópicos, e como a circunferência é equidistante do centro. Transpor esse limite para tirar um proveito do outro, contra a vontade desse outro, nisso se cifra a injustiça e o mal. A sociedade, então, aceita esta verdade meridiana, e a impõe pela força aos recalcitrantes. Assim nasce o Estado que é o órgão aparelhado a executar a justiça. Deste modo, todo o mal que o recalcitrante fizer aos outros, reverte-se, de imediato, em prejuízo do próprio infrator da lei. Pela recíproca, onde não alcança a lei, a sabedoria ética ensina que todo o bem que se fizer aos outros, enriquece o meio social em que se vive, redundando em proveito para todos. Forte desta consciência, passa o sábio a fazer o bem que pode ao próximo, porque, a longo prazo, fazer aos outros, é fazer a si.

E há mais isto: quando nos ocupamos de distinguir a diferença entre o *eu* e o *meu*, verificamos que o *eu* e o *meu* se confundem, e tanto que costumamos dizer *meu corpo, meu cérebro, meus pensamentos, meu espírito, minha alma*, e até *meu eu*. Ora, se tudo é o *meu*, onde se situa o *eu*? Pois o *eu* e o *meu* se confundem. Tire-se a um homem tudo o que ele chama *seu*, até seu corpo pela morte, até seu espírito, sua alma, pelo hipotético aniquilamento, e ver-se-á que se reduz a nada.

Então o egoísmo se dilata por uma zona de *meus* cada vez maior, a começar pelo corpo, estendendo-se, depois, pela esposa, pelos filhos, pelos pais, pela família, pelos amigos, pela confraria, pela sociedade, pela pátria, pela humanidade inteira. O pai dá o que pode à companheira, ao filho, à família, porque eles são seus, e dá aos seus. A abelha que morre pela colméia, o herói pela pátria e o santo pela humanidade, morre cada um pelo seu. Neste *egoísmo dilatado* consiste a sabedoria que é também amor. Tal, o amor que em nosso mundo vemos, diferente daquele outro dos celículas, feito de puro altruísmo que, conforme a etimologia da palavra, vem de *alter* – outro, ou seja, o amor a partir do outro, e não, como o nosso, que é a partir do eu. Já se disse até do amigo íntimo, fiel, verdadeiro, que é o *alter ego*, o outro eu, porque a excelência da amizade não poderia ir além do máximo que consiste em considerar o outro como a si, e a partir de si. No céu há o altruísmo puro, amor sem metas, que é o *sistema do outro*, com a máxima super-evangélica, sentida e vivida, mas não expressa em código: *ama ao próximo mais do que a ti mesmo*. Em nosso mundo, podemos chegar ao egoísmo dilatado, ao *sistema do eu* que se expande, e a máxima é: *ama ao próximo como a ti mesmo*.

O preceito de amar a Deus sobre todas as coisas, pressupõe que o próximo está entre elas, e é coisa. Isto é perfeitamente inteligível, mas não sensível, a menos se, de entre as coisas, for excluído o sujeito para quem o mandamento é endereçado. Por que? Porque sendo o *eu* o ponto de partida e padrão de quaisquer amores, não pode o homem amar nem mesmo a Deus mais que a si. Amar a Deus mais do que a si mesmo, é preceito compreensível pela razão, e fácil de dizer, porém, inexecutável, visto como ninguém pode *sentir* tal amor por Deus... a menos que seja anjo, e viva o altruísmo puro, porque aí, então, o ponto de partida é o *outro*, e o maior *Outro* que existe é Deus. Esta impossibilidade se reforça com se saber que o amor tem um sujeito e um objeto. Quando o sujeito se ama a si mesmo, o amor é reflexivo; quando o amor recai sobre um objeto fora do

sujeito, então é transitivo. O objeto do amor sempre existe: ou é o próprio sujeito que a si se ama, ou é um objeto amado exterior ao sujeito. Ora bem: quando este Objeto é Deus, o amor se dirige a um Ser indefinível, e se exaure na procura deste Objeto sem o alcançar. Então, se o amor se frustra por não atingir nunca o Objeto seu, porque infinito e vago, porque inacessível, como pode tal Objeto polarizar o amor do sujeito ao ponto de este *sentir*..., não apenas dizer, mas, *sentir*... que ama a Deus mais do que a si mesmo? Se o ponto de partida do amor é o *eu*, nenhum amor pode ser maior do que aquele que o *eu* tem por si mesmo. Por esta razão, Deus não pode ser diretamente amado nem odiado, e a prece do santo e a maldição de Satanás, conquanto endereçadas a Deus, são interceptadas pelas mais altas criaturas. Quando o anjo mau se rebelou lá no empíreo contra Deus, foi contra as criaturas, contra o próximo, que moveu a sua ação. E atingindo seus irmãos, neles, ofendeu a Deus. Quando, pela recíproca, o santo espalha benefícios por amor entre seus irmãos, é a Deus que ama, neles, que outra forma não há de o homem amar a Deus. São João, também, é deste parecer, e por isso disse: “que não ama a seu irmão a quem vê, como pode amar a Deus a quem não vê? (I João 4, 20). Deste modo, o primeiro mandamento de Cristo, se aplicado ao homem, ao segundo se reduz.

Conquanto o altruísmo puro dos celículas, e o egoísmo sábio ou dilatado tenham sentidos opostos, porque um se abre para a direita, e outro, para a esquerda, como ambos são abrir, o resultado é o mesmo que é o de promover a integração. E para provar minha tese, valho-me do Evangelho em que Jesus expôs sua doutrina vazando-a na linguagem do egoísta que é a que só entendemos. Diz ele ao moço rico: vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Quem dá aqui, para ter lá, não abre mão de nada: muda apenas a posse de lugar. Diz mais: se perdoardes aos vossos inimigos, amontoareis brasas vivas sobre as cabeças deles. Deste modo, troca-se uma vingança ativa, próxima e iminente, por outra passiva e remota, qual seja a de esperar que o inimigo esteja, um dia, sob o fogo de brasas vivas. Quando deres, diz Cristo, faça-o, em segredo, de modo que não saiba tua mão esquerda o que fez a direita. E acrescenta: Esses que dão a toques de trombeta, com alarde, já receberam sua recompensa na fama que adquirem, no aplauso que compram com a esmola. E os que dão em segredo, em silêncio, como não recebem galardão nenhum aqui na Terra, fica subentendido: recebe-lo-ão no céu, que é o que interessa mais. Egoísta um, egoísta outro; apenas que o egoísmo dilatado age a longo prazo, pelo que fica tendo razão. La Mettrie que dizia ser “a virtude o egoísmo munido de óculos de alcance”. E Espinosa: “Ninguém jamais rejeitou o que julga bom, exceto se tem esperança de, com a rejeição, alcançar bem maior”.

A frase *dar desinteressadamente* significa apenas que não se espera retribuição nenhuma do beneficiado, nem mesmo a sua gratidão, nem outra qualquer vantagem terrena pela ação praticada. Mas isto não significa que não se tem esperança de receber recompensa nenhuma, alhures, pelo ato. Dar desinteressadamente, pode levar, também, oculto, o interesse de desenvolver a renúncia, a piedade; será, então, um exercício ascético que tem em vista tornar mais brando o coração, sufocando nele a desagradável sensação de perda que sofre todo aquele que distribui o seu, fora da sua zona de domínio. Age-se, então, como se houvera perdido algum bem, e, para o não sofrer, se o esquece. Que faça esta experiência fácil quem o desejar: pegue uma porção de dinheiro que doaria prazerosamente a um filho, e a dê para o primeiro mendigo que encontrar. Nem o “Deus lhe pague” do necessitado, ainda que sincero, será suficiente para desfazer, na alma do esmoler, a insofrível sensação de perda.

Finalmente, diz Cristo: ama ao próximo como a ti mesmo, e, dizendo-o, faz o amor do próximo derivar-se do amor próprio que é o que cada um tem por si mesmo; e se houvesse um

homem que a si não ame, esse homem hipotético, porque não existe, ficaria desobrigado de amar a outrem. Se Cristo pregara a anjos em exílio voluntário aqui na Terra, e com o propósito de preservá-los do aniquilamento certo... a que se acham expostos os desprezidos neste mundo egoísta e mau, teria de fundar sua doutrina no altruísmo puro, e, a partir do *outro*, e não, do *eu*, sentenciar: *ama-te a ti, como a teu próximo*. O próximo, neste caso, seria o ponto de partida, padrão, medida e referência do amor que cada anjo havia de ter por si mesmo. Porém, como pregava a homens dragontinos que só a si se amam, teve que alicerçar sua máxima no egoísmo, pondo o amor próprio de cada um, por fundamento do amor ao próximo.

E quando Cristo manda Pedro meter a espada na bainha, acrescenta que *quem com ferro fere, com ferro será ferido*, e esta lei ética da reversibilidade do dano, se completa com a outra, a da responsabilidade proporcional que diz: *a quem muito é dado, muito será exigido*. A primeira lei ética, aqui considerada, é extensão da que vigora no mundo físico: toda ação corresponde a uma reação igual e contrária; a segunda lei ética encontra igualmente apoio na mecânica: em toda máquina, o trabalho produzido é proporcional à energia consumida. Se a máquina tem consumo interno muito grande, pelo que rende pouco, é substituída por outra que produza o máximo possível. Assim é que ninguém é inteligente e culto ou rico para si somente, pois tem contas a prestar; e se usufruir do bem próprio, olvidando os demais, é máquina improdutiva que precisa ser alijada do serviço. Negadas as condições que propiciaram ser o que se é, tudo pára, tudo se embota, tudo se apouca, tudo tende para nada. Era inteligente, e culto, e rico, e tudo isto empregou para saciar o egoísmo próprio, fechado sobre si mesmo? Sofra a sentença, renasça idiota e viva na indigência. Ora, o egoísta bem que pode fazer tudo isto funcionar em seu proveito, que nisto reside a sabedoria, e se Cristo fora crido, o mundo deveria ser já um paraíso.

São Francisco de Assis que foi havido como sendo a sombra de Cristo, também não achou outro meio de falar que não fosse na linguagem do egoísta. Dirigindo sua prece a Cristo, diz; “ – Faze que procure eu mais consolar, que ser consolado” . Por que? Porque o consolador, para consolar, precisa possuir primeiro a consolação, que do contrário, não poderia dá-la aos que a não tem. “ – Faze que procure eu mais amar, que ser amado” . Por que? Porque quem ama é rico, e possui, para dar; no passo que o só amado, se não ama, é pobre; e é melhor possuir que ser necessitado. Paulo já dissera: *melhor é dar que receber*; porque quem dá, possui; e o que recebe, se acha na carência. Se o objeto amado não retribuir ao amante, em dose igual, amor por amor, fica sendo mera posse do amante, e, vazio do amor, não sentirá compensação nem gozo algum de ser amado. Quem a nada ama, sente-se flutuar no vazio da vida, e não é muito até que passe a aborrecer-se de si mesmo, pelo que busca o próprio aniquilamento pela morte. “ – Possa eu mais compreender, que ser compreendido” . Por que? Pois porque melhor é ser sábio do que ignorante, visto como só quem está em cima, pode compreender ao que se acha embaixo, nunca, jamais, se dando o contrário. Ser incompreendido é um tal gênero de desgraça, que é mil vezes preferível sofrê-la, do que gozar a ventura de a não ter. Ser incompreendido é a infelicidade do gênio, do santo e do sábio; porém, é preferível ter esta sorte, que ser agraciado com a mediocridade de todos. E prossegue o santo: “ – É perdoando, que se é perdoado” . e para sermos perdoados, perdoamos. “ – É dando, que se recebe” ; e para recebermos, damos. “ – É morrendo, que se renasce para a vida eterna” ; e para renascerem para a vida eterna, os cristãos da primitiva Igreja morriam, felizes, cantando, na arena de Roma. Mais uma vez La Mettrie tem razão: “a virtude é o egoísmo munido de óculos de alcance” .

Ora bem: se tal é a virtude, o que é, então, o vício ? É o egoísmo retrativo, míope, que, como a toupeira, mais se guia pelo olfato, pelo faro, do que pela vista. Ao fechar-se sobre si mesmo, o ignaro egoísta perde o que quer e o que tem. Cristo tem razão: a quem tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância, e ao que não tem, ainda o que tem ser-lhe-á tirado. Esta é a sorte do egoísta ignorante: quanto mais se fecha, quanto mais se aferra à posse do que cuida só seu, e não, de todos, mais se apouca, mais se empobrece, e, em caso extremo, aniquila-se no não-ser, quando, de fora, todo o auxílio lhe é negado. Quanto mais fechado o egoísta, mais frustrado, mais violento, mais destrutivo, mais exposto ao auto-aniquilamento, até o não-ser.

Já o egoísmo expansivo leva o homem sábio a compreender que nem ele próprio se pertence, pois que é parcela e posse do todo em que se acha alojado, e esta consciência o faz ser uma benção para o coletivo em que viver. Conquanto seja esta a verdade última a que pode alçar-se pela inteligência clara e fria, seu sentimento, cálido, obscuro, abscôndito, profundo, lá no íntimo da alma lhe segreda outra coisa: diz-lhe que o todo lhe pertence, que o todo é seu, e para esse todo que ama e sente como seu, faz todos os sacrifícios, até que, por fim, se entrega à morte como herói. A vida já nos demonstrou vezes sem conta, que não agimos por razões luminosas, insofismáveis, mas por sentimentos que são, depois, justificados com razões.

Schopenhauer escreveu de maneira incomparável sobre como triunfar das paixões; no entanto, era impiedoso na cobrança dos aluguéis, e, irritado com uma inquilina, deu-lhe um arremessão, jogando-a, desastrosamente, escada abaixo, tendo, por isto, de pagar-lhe uma indenização. Era avarento, mesquinho, orgulhoso, quase como Nietzsche, e possuído da mania de perseguição, pelo que trazia sempre um revolver carregado na mesa próxima à cabeceira da cama em que dormia. Bernard Shaw também era sovina, miserável, vivendo como um monge, apesar da riqueza que possuía. Ocupava-se de escrever contra a exploração do homem, mas era o último no mundo a lembrar-se de seus empregados aos quais pagava salário de fome. São Paulo, ao menos, teve a coragem e a sinceridade de confessar; disse: “ – Miserável homem que eu sou, pois o bem que quero fazer, não faço; mas o mal, que não quero, esse eu faço” . Por que assim ? Porque, uma coisa é o que se pensa, e outra, o que se faz, arrastado pelos sentimentos, contra todas as razões claras, insofismáveis.

Uma coisa, pois, é o sentir, e outra, o pensar. Do mesmo modo que sabemos todos, por princípio de razão, que a morte é inevitavelmente certa, e, no entanto, despreocupados, não a sentimos longe ou perto, assim também o sábio entende que é posse do todo a que pertence, porém, seu coração lhe diz, em contrário, que esse todo é seu, e por esse todo vive, e sofre, e deixa-se matar como fez Sócrates, como fez Jesus. Eis, aí, duas razões opostas: a natural do coração, e a formal da cabeça, ambas coligadas para o bem comum. A sabedoria não está no pensar, mas no sentir justo e reto, e até dizemos que a natureza é sábia, conquanto irracional.

Acabei meu discurso; e com ele tenho demonstrado minha tese: o egoísmo dilatado ou sábio é o que chamamos amor; e amor e sabedoria são termos sinônimos. Agora fecho meu assunto: para que o egoísmo se dilate, dadivosamente, ampliando sua zona de domínio, é preciso a liberdade; para que haja liberdade, é necessária a indulgência ou tolerância. Como no Triângulo anterior, podemos construir outro agora com os lados: Liberdade, Indulgência e Egoísmo dilatado. O anterior e este são semelhantes entre si, e se poderia encerrar tudo com o Triângulo da síntese que generaliza e engloba os dois primeiros na unidade; eis-lhe os lados: Verdade, Sabedoria, Amor.

Capítulo XIV

Símios e Antropóides

Faz cem milhões de anos que Gondwana, o antigo e único continente mundial principiou a fender-se, e os pedaços dele começaram a afastar-se. Primeiro a Austrália desprendeuse, na época em que dominava a Terra os marsupiais. Aí, na Austrália, de um insetívoro, surgiu o símio primitivo, ainda com bolsa abdominal para guardar as crias, e por isso chamado símio-marsupial. Afora este, não há mais símios na Austrália. Outro pedaço desprendido do bloco universal foi a Lemúria que se submergiu no Pacífico, tal qual a Atlântida soçobrou no Atlântico. E do mesmo modo que os Açores são restos da submergida Atlântida, Madagáscar, no Pacífico, é sobra da Lemúria que se afundou para sempre. Pois Madagáscar residuou com o que se continha na Lemúria cujo nome se deve aos lêmures, uns animaizinhos parados na fase transitiva entre os insetívoros e os macacos onívoros. Os lêmures fazem vida noturna, dormindo durante o dia, pelo que, dificilmente, são vistos sob a ramalhada das árvores ou nos seus abrigos. A estes longínquos

parentes nossos, foi, por esta razão, dado o nome de *prossímios*. Deste modo, os símios descendem de mamíferos inferiores, insetívoros, semelhantes a ratos ou esquilos.

Após desprender-se a Lemúria pelo lado oriental da África, desta, pelo lado ocidental, desmembrou-se a América do Sul com sua fauna típica de símios de narizes chatos, detentores de órgãos olfativos bem desenvolvidos. Os macacos sul-americanos, além de narizes chatos, de faro pronunciado, possuem unhas em garra, caudas preênses, peitos estreitos pelo que não podem deitar-se de costas, como o fazem seus irmãos de outras terras, que são animais visuais, de unhas chatas já não de agredir, mas seres pacíficos de peitos e costas largos.

Os símios trepadores têm polegares atrofiados, e, nos telépodes, chegaram a desaparecer. Ora, os órgãos atrofiados não reaparecem, por não interessar aos objetivos da espécie: e se acontecer reaparecerem (como ocorre surgir homem de pêlos abundantes e de rabo), seus portadores são eliminados na luta pela vida, no ambiente próprio em que são compelidos a viver. Por este motivo, jamais os pés do cavalo tornarão atrás na evolução, para seguir outro caminho; nem a foca terá, um dia, suas nadadeiras tornadas braços com mãos nas extremidades; nem os patágios dos morcegos se tornarão, um dia, mãos preênses como as do homem. A existência, pois, de polegares nas mãos humanas, prova que o homem não descendeu desses macacos de polegares atrofiados. Seu parente consanguíneo pode ser o chimpanzé que está muito mais próximo do homem do que do telépode.

Como entre os peixes, o tubarão e o lúcio; como entre as aves, a águia; como entre os carnívoros, o leão; como entre os insetos, a libélula; o rei entre os animais todos é o homem, da família dos primatas derivado de “primi” que significa primeiro na ordem dos seres vivos. Mas toda esta glória sua se deve a que pertence a *um alto degrau na escada invertida*, e ao *cérebro recente* que construiu, o que já aparece, embrionário, nos répteis, amplia-se nos mamíferos, e no homem se avanta por tal modo, que empurra o *cérebro antigo*, sede da animalidade, para as profundezas da caixa craniana. O *cérebro antigo* que desponta nos primórdios da vida vertebrada, onde, no homem, se oculta o animal, é a parte em que se dão as funções reflexivas, automáticas, como a respiração, pressão sanguínea, controle da circulação, e onde se situam o centro da fome, da sede, sono, angústia, o mecanismo nervoso da agressão que leva ao prazer de matar, e o da sexualidade com extensão no instinto materno de criar. Cobrindo tudo isto, como crasso manto, surge o *cérebro recente* que progride e se complica escala zoológica acima, até que, no homem, se torna no prodigioso laboratório que transforma impressões em imagens de que se extrai o sumo das idéias, dos pensamentos abstratos, dos juízos lógicos e morais, que denominamos conhecimentos nossos, nossa consciência. Tanto mais alma racional e moral tem um ser, quanto mais alto procede da *escada invertida*, e quanto mais complexo for seu *cérebro recente*, não valendo tanto o volume e o peso, mas fina e maravilhosa tessitura das fibras associativas a se irradiarem das abundantes constelações das estrelas celulares.

Não somente o homem, mas todos os mamíferos possuem *cérebro recente*, e assim como, na madrugada, o crepúsculo da luz precede o Sol no seu oriente, da noite da inconsciência principia o despontar da razão na aurora do dia eterno do santo e do sábio. Não há classificar os animais em irracionais e racionais, porque o prelúdio da luz que se torna luminoso dia no homem, tem início com o surgimento do *cérebro recente*. Esta é a razão por que possuem os cães, os cavalos, os elefantes, os golfinhos e as focas uma porta aberta à domesticação. Ali na praça vemos o periquito do homem do realejo, que encanta a multidão com retirar o cartãozinho da pilha, e após picotá-lo

com o bico, o entrega ao curioso que paga para ver sua “sorte” ; acolá, o papagaio, o único de entre as aves que possui massa cinzenta no seu cérebro, repete tudo o que lhe ensinam. O lutador de karatê que faz das próprias mãos, pés, joelhos, cotovelos e cabeça armas terríveis, mortalmente danosas, certamente que não usa seu cérebro para pensar, mas para agir, tal qual, o cavalo é um ente que emprega seu *cérebro recente*, não tanto para pensar, mas para fugir, correr com suas pernas especializadas, cada uma terminada em um dedo único sob a forma de pata. O golfinho e a foca, acrobatas e brincalhões, são carnívoros que a mutação carencial de gens forçou a se adaptarem à vida aquática, e, prosseguindo em sua linha evolutiva, quedam-se, hoje, nos limites de suas especializações. As asas dos pássaros são braços com mãos atrofiadas, no passo que os patágios dos morcegos são mãos especializadas para o vôo. Como os morcegos são noctívolo, mais precisam dos ouvidos que da vista. Voando, no escuro absoluto, abrem a boca para emitir ultrasons que batem nos obstáculos e se refletem para os seus ouvidos. Podem, desta sorte, desviar-se de um fio de seda entesado, ou atravessar por entre as pás da hélice em movimento de um exaustor. Tal façanha, nenhuma ave repete, porque os morcegos, sendo mamíferos, possuem *cérebro recente* usado na solução de seus complicadíssimos problemas que só hoje, com o radar, a técnica pode desenvolver.

Dentre os animais todos, porém, um há que se especializou, propriamente, em utilizar seu *cérebro recente* para pensar, refletir, ponderar, antes de tomar decisões, e, sobretudo, que desenvolveu o senso moral do bem e do mal – o homem. Seu *cérebro recente* tende a dominar o *antigo*, dando, como consequência, suas atitudes contraditórias de querer uma coisa e fazer outra, obrigando a Goethe romper nesta exclamação: “Ah ! Moram duas almas no meu peito !”... Ou então, São Paulo: “Miserável homem que eu sou, pois o bem que quero fazer, não faço, e mal, que não quero, esse eu faço !”

“Os primatas (escreve Fritz Kahn) não são animais, porque aspiram a vencer em si a animalidade. Ninguém pode considerar-se como fazendo parte daquilo de que quer libertar-se”²⁸³. Daí que o homem é o primata, por excelência o primaz de entre os entes vivos, esquizóide, contraditório, meio animal e meio anjo, ansioso por ver-se livre do seu estado anterior que é o normal de todos os que lhe estão abaixo. Esta duplicidade de animal e de homem, os gregos representaram nos faunos e centauros, e até os deuses, que começaram como animais, pouco a pouco foram-se humanizando.

O macaco e o homem diferem, quanto ao cérebro, de todos os demais mamíferos, porque em ambos se patenteia a tendência de o *cérebro recente* suplantar o antigo. Como era de esperar-se, em ambos existe a luta por desanimalizar-se, e nem um nem outro conseguiu ainda essa vitória. Moralmente, até o homem regrediu em relação ao tronco donde deve ter-se originado, um ser algo parecido com o gibão, o macaco dócil e bom como uma criança comportada. A biogênese o prova: a criança humana, em se desenvolvendo, passa pela fase do gibão, mostrando-se mais humana e boa que os adultos.

Foi em meados da era terciária, há vinte milhões de anos, que surgiu o antepassado comum do gibão, dos antropóides e do homem. Lineu, ao classificar os símios superiores, pôs o gibão e o orangotango asiáticos, o gorila e o chimpanzé africanos, juntamente com o homem, no grupo dos antropóides. Modernamente, o gibão foi excluído, embora, em muitos aspectos, se assemelhe ao

²⁸³ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 438

homem. Quando, em 1891, o médico holandês Dubois teve nas mãos o primeiro osso pré-histórico de um homem-símio, semelhante ao de um macaco, os contrários da teoria evolucionista bradavam: “Um grande gibão !” Contudo, o gibão não é antropóide, visto como, muito cedo, seguiu seu rumo próprio, tornando-se num trepador em grau maior do que qualquer outro macaco do Antigo Continente. Não abandona nunca as árvores; andando de galho em galho, dá saltos até de treze metros, repetindo o feito três vezes em dez segundos. Voando pelo espaço, pode mudar de direção, recurso que usa, quando em liberdade, para apanhar pássaros; e esta agilidade valeu-lhe a alcunha de “ave com forma de macaco”. Fora o homem, o gibão é o único macaco que canta, e pode aprender a solfejar uma escala musical ascendente e descendente. Não é ladrão como os demais macacos, nem arrogante, comportando-se como uma criança de índole boa e educada. Quando à mesa, não mete a mão na travessa para apoderar-se do melhor bocado, e antes, espera que o sirvam, satisfazendo-se com o que lhe dão. Os outros símios, se não se lhes satisfazem os caprichos, guincham contrafeitos, arranham e mordem. O gibão, quando em cativeiro, deixa-se dominar pela melancolia, e sua tristeza contagia os corações sensíveis, pois foi de uma como essa criatura amável, comportada e meiga, que se derivou a espécie humana, no longínquo tempo. Se nossos ancestrais biológicos não fossem como o gibão, e sim, ferozes brutos, as crianças humanas sairiam mais animais que os adultos. Mas não; a criança é mais humana, boa, pura, sincera e mais inteligentemente criadora que os adultos. Assim como o gibão especializou-se como trepador inigualável, e, com isto encerrou-se em sua linha evolutiva, também o homem adulto se fecha no ramerrão sempre igual de cada dia, perde a imaginação e a vivacidade desse grande poeta sonhador que é a criança. De uma criança se pode fazer um multifoto, porque nunca é igual em dois momentos sucessivos; o adulto tem uma expressão parada, como se estivesse posado sempre para o retrato que deverá ficar para a posteridade.

E vendo as barbaridades sem nome que os homens de Hitler praticaram contra os judeus indefesos, pouquíssimo antes da bomba atômica e das idas à Lua, não temos senão que manear a cabeça e concordar com Buffon, o fundador da zoologia moderna: “O homem é um macaco degenerado”²⁸⁴. Tem razão Hooton: “Admira que, nos nossos dias, o homem possa encarar um símio e reivindicar qualquer afinidade com ele, na base do seu procedimento. Todo o macaco decente repeliria qualquer pretensão do homem de terem ambos ascendentes comuns”²⁸⁵. Foi, pois, grande pretensão de Lineu e de Moisés afirmarem que o homem é imagem e semelhança de Deus. “No começo do século (diz Fritz Kahn) quando já se tinha definido o parentesco do homem com os macacos, então se exclamava: “Apartemo-nos do macaco !” Em meados do mesmo século, que nos demonstrou, numa medida que não julgaríamos absolutamente possível, a bestialidade do “Homo sapiens” gritamos, cheios de saudade e de pesar: “Voltemos ao gibão” ”²⁸⁶.

Os macacos sorriem, ao se cumprimentar, não se sabendo ao certo, nem entre os humanos, o sentido do riso e do choro, porque nas extremas alegrias se chora, e nas supremas desgraças se ri. Vieira já o disse, em “As lágrimas de Heráclito e o sorriso de Demócrito” : alegria e dor, se extremas, produzem efeitos contrários. Como o sorriso, está, também, a dissimulação, e os macacos sabem fingir, o que prova serem superiores, uma vez que a dissimulação nasce da consciência de culpa por aquilo que se não deveria ter feito. A noção do mal feito que os outros animais não têm, surge, desponta, aparece, já nos primatas, porque, bem dotados pelos seus *cérebros recentes*, e

²⁸⁴ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 461

²⁸⁵ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 461

²⁸⁶ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 461

porque procedem de um *ponto mais alto da escada invertida*, conhecem a culpa, e a dissimulam. Afeiçoam-se aos filhotes de outras espécies, e os tratam com carinho. Criam gatos furtados às mães, roendo-lhes as unhas, quando elas crescem. Diz Fritz Kahn que um babuíno viajava numa coluna de veículos, em estrada de rodagem, e, numa das paradas, deparou-se com uma jumenta amamentando o filho. O babuíno quis roubar o jumentinho cuja mãe, como era de esperar-se, defendeu o filho, atirando um coice à cabeça do macaco, depois do que, acabou de matá-lo sob as patas. Uma macaca de outra espécie, viajante do mesmo comboio, que não tinha nada a ver com a estória, definhou-se de inanição, desolada com a perda do companheiro. Em Sumatra, um gibão criado por um cientista holandês, morreu de fome, à porta de seu amo que viajara para a Europa. Não foi só o cão de Mozart, como se vê, o único amigo fiel a acompanhar seu dono ao cemitério, debaixo de um aguaceiro que caia; os macacos são capazes de amor maior ainda, como o desse gibão que não quis sobreviver à perda do amigo, que, embora temporária, ele julgara definitiva.

Quem mais ama a *outrem* do que a *si*, ao ponto de sacrificar-se pelo ente amado; quem, à perda do objeto amado, se aborrece, até à morte, da existência, esse vive a máxima dos anjos não caídos que diz: “Ama ao próximo mais do que a ti mesmo”.

Se tal grandeza pode caber na alma de um macaco, não vamos nós, em nossa petulância, considerá-lo como animal inferior, juntamente com os demais brutos que só conhecem o amor, o desprendimento, o sacrifício, em relação às próprias crias, e ainda, somente, enquanto são elas pequeninas, carentes do amparo maternal.

Nosso método de valorização, tendo em vista somente a inteligência, pode levar-nos a um paraíso metafísico, de pura contemplação, de razão pura, do qual desejaríamos estar mui longe, porque frio e inóspito como uma região polar, onde, conquanto haja luminosa brancura, radiosamente ofuscante, falta o que é mais, o amoroso calor que dá vida e move o inteiro mundo. A concepção aristotélica segundo a qual Deus é um Pensador puro, pois que se ocupa só de “pensar pensamentos”, é indigna da Divindade, e blasfema se, ainda hoje, a quisermos manter, porque torna Deus inferior àquele gibão da Sumatra, que já podia viver a *partir de outrem*, não *de si*, e tanto que, em se ausentando o objeto amado, ele, o amante, se recusou a existir. Como pode então possuir a criatura excelsas qualidades que o Supremo Criador não tem ?

Os símios adultos, quando tirados do seu mundo para serem transportados aos zoológicos, finam-se de saudade, e nenhum desvelo os pode salvar. Têm senso acentuado de honradez, e são guerreiros altivos; a humilhação da derrota sofrida com suas capturas, a vergonha da prisão, a saudade do grupo e da terra, fazem-nos tristes, hipocondríacos, não se alimentam, e caem vítimas da tuberculose. A isto, diz Fritz Kahn, seguido quase à risca neste estudo, no seu belo e nobre estilo:

“Em 1930 exibia-se em Londres, como “presa rara”, um casal de gorilas adultos. O espetáculo que eles ofereciam era mudo em verdade, mas empolgante como uma tragédia de Sófocles. A fêmea – esplêndido espécime de criatura negra – jazia inerte no soalho. Ao lado dela, hirto como um deus num templo, imóvel como esculpido em lenho, o macho segurava-lhe a mão. Em dois cantos da jaula fria, estufas elétricas irradiava um pouco de calor - sol polar sobre animais dos trópicos. O casal de gorilas não reparava nelas; também não nos dava atenção; olhava ao longe como se nós nem existíssemos. No olhar vago do sombrio deus lenhoso, lia-se uma

tristeza tão profunda, uma resignação tão desesperada, uma soledade tão dorida e confrangedora, que nos envergonhamos, como homens, de estar ali, cúmplice do crime que trouxera a esse lugar, com astúcia e violência, esse magnífico par de animais inofensivos, arrancados à sua floresta nativa. Desejava-se que o “carcereiro” tivesse a grandeza de alma de arrebatrar quanto antes os dois animais, visivelmente sofredores, à cerração de Londres, a essa jaula tristonha, para repor na sua própria pátria africana. É óbvio que isso não aconteceu; hoje, os dois couros empalhados ornaram sem dúvida um museu”²⁸⁷.

O que faltava aos gorilas era uma fé, uma religião, a crença num Deus, a esperança da sobrevivência da alma, a idéia da recompensa num mundo celeste, que só nisto reside a diferença de comportamento entre macacos e negros africanos tornados cativos. O *cérebro recente* dos macacos ainda não comporta a idéia de Deus, e, por isto, esperavam, resignados, pela morte que poria termo a tanto sofrimento inflingido por seu irmão “superior” – o homem –, superior, sem contradita, porque fizera da própria inteligência a força para tudo dominar, sem o mínimo respeito pela vida dos “inferiores”, quando era de esperar-se que tivesse compaixão.

Para viver em cativeiro, os macacos têm que ser pegos em tenra idade, educados com método e carinho, como se foram filhos do próprio homem. Tal como nós, eles são também ingratos, esquecendo-se depressa do bem recebido, e, jamais, dos maus tratos. Ainda Fritz Kahn: Certa vez, um símio dum zoológico europeu, que sempre se mostrara pacífico e cordato, até aos sete anos de idade, irrompeu, furibundo, contra as grades da prisão, porque a presença de um preto lhe recordara sua captura feita por negros. São sensíveis à zombaria, e sofrem ao perceber que são objetos de riso e mofa da multidão grosseira e curiosa. Sabem distinguir o alegre do achincalhante; das crianças pequenas suportam tudo; dos adolescentes, relevam brincadeiras leves; dos adultos, exigem respeito, somente tolerando brincadeiras que os não humilhem, pelo que são, já, como os homens. Como estes, há os de boa e os de má índole; como estes, há os inteligentes e os estúpidos. Se inteligentes e bons de gênio, aprendem logo as boas maneiras, por imitação dos homens com os quais convivem com sincera amizade. Se rebeldes, indisciplinados, e, sobretudo, estúpidos, pouco há o que se fazer com eles.

Os macacos são sumamente vaidosos. Gastam horas a enfeitar-se, e qualquer gorro ou chapéu de palhaço lhes serve para porem à cabeça, e distinguir-se, assim, dos demais. Apreciam a farda, sobretudo se estiver ornada com divisas e medalhas brilhantes. Sabendo disto, os homens costumam uniformizá-los, e um símio amestrado famoso percorreu o mundo com o nome de “General Tom”. Às vezes, aparecem como mascotes de regimentos, e, orgulhosos dentro de suas fardas, consideram-se oficiais com os quais se associam, fazendo pouco caso dos soldados rasos. Fazem discriminação de raça, considerando os negros como eles próprios, contra os inferiores brancos. Se machos, afeiçoam-se às mulheres, e, aos homens, se fêmeas. O ciúme pode torná-los insuportáveis, perigosos e agressivos, obrigando seus donos a se desfazerem deles.

Os macacos são monogâmicos, porém, as fêmeas gostam de adulação dos solteiros, contanto que estes mantenham conveniente distância; se passa o agrado a mais, se o conquistador quiser aproveitar-se do favor dos acasalados, estas, “indignadas”, dão o alarma, e lá vem o marido ultrajado repelir o intrujão. Gostam de ser bem tratados, e quanto mais se lhes faz as vontades, mais se vão tornando exigentes. Em contato com a civilização, é preciso opor-lhes decidida resistência,

²⁸⁷ Fritz Kahn, O Livro da Natureza, II, 456

que, do contrário, se fazem donos do lugar, como, por exemplo, na cidade sul-africana de Durban, em que os macacos instalaram um regime terrorista, tornando inabitáveis as zonas suburbanas. Na Índia ocorre o mesmo, e os macacos aprenderam os horários de trens, e tanto que uma composição entra no pátio de embarque, lá estão eles a saquear os passageiros de suas frutas ou quaisquer coisas brilhantes que os encantem. Nas portas dos templos hindus, lá se postam eles para “cobrar o tributo” dos fiéis, geralmente frutas. Às vezes, os bandos entram em batalha pela posse de um templo assiduamente freqüentado. São vândalos, depredadores, e os sobejos da comida, pisam-nos, sujam-nos, para que outros não venham aproveitá-los. O chefe guincha comida, e os subalternos o entendem, e trazem-lhe alimento que lhe põem na boca, não sem primeiro mastigá-lo um pouco; então, ele agradece com guinchos próprios, se lhe agrada, e se não, dá logo um bofetão na cara do que o não serviu como desejara. É assim que o bofetão, como diz Fritz Kahn, seguido nesta parte, “é uma invenção de macaco” .

Gostam de beber, e se embriagam; esta é uma das formas de os indígenas capturarem bugios. Ao acordarem da bebedeira, encontram-se, como os ébrios desordeiros, atrás das grades de uma prisão. Após alimentados, quedam-se preguiçosos e mansos; o clã se reúne para a “conversa” amistosa, e enquanto as mães se põem a catar os filhos, e outro, ali, a palitar os dentes, o orador trepa num galho para fazer o seu discurso que, findo, é aplaudido pela macacada que bate com as palmas no chão. O bando segue, invariavelmente, o chefe que os incita à prática do bem ou do mal; berram de gosto, se a sugestão os agrada; se não, assobiam em sinal de reprovação e de protesto; e se ficam furiosos, escarram no chão.

Os símios não foram antepassados do homem; eles se desgarraram muito cedo pelo ramo próprio, no passo que, do tronco dos primatas, um pouco mais abaixo, brotou o galho que se bifurcou nos ramos dos antropóides e do homem. Em vez de, como os símios, se confinarem às árvores, os antropóides, por causa de seu *princípio espiritual preexistente na escada invertida*, e por causa de sua *genética variação biológica*, permaneceram no chão, caminhando sob a floresta rala das regiões pedregosas; mais tarde, já munidos de paus, saíram para as clareiras, para os descampados, indo-se a enfrentar os perigos sem conta de uma vida responsável.

É mais fácil estudar os homens nos macacos, porque estes são mais simples do que aqueles. Os símios, como os homens, são esquizóides, criaturas contraditórias, em parte dominados pelo *cérebro antigo*, e, em parte, pelo *recente*. Por isto, ora são gregários, ora, indivíduos isolados, tendentes a vencer o gregarismo; indivíduo e rebanho, eis a face do homem e a dos símios. Deste modo, se observa, nos macacos, hordas organizadas sob o comando de um chefe (o individualista), porque o gregário, como é medroso e indolente, gosta de que haja quem pense e resolva por ele os problemas. Assim, se vamos ter que falar, depois, dos homens-massas que vivem à crédito da sociedade, e dos homens individualistas que são autênticos, que são si mesmos, que se recusam a ser expulsos de si pelo social, já aqui, nos macacos, temos o esquema: os mais individualistas, inteligentes e fortes do bando, e também mais ambiciosos, guindam-se à posição de chefes discricionários e tirânicos, aproveitando-se da tibieza dos demais. Por outro lado, os inferiores do grupo são bajulões, sobretudo as macacas, de sorte que o monarca sempre está cercado de sua corte. As macacas ficam, horas a fio, a coça-lhe os pêlos, a beijar-lhe as orelhas, a oferecer-se. O macaco-chefe recebe essas honras com dissimulação de indiferença, como um potentado, mas são-lhe gratas ao coração as momices de todos, porque o macaco é altamente vaidoso, haja vista o que já dissemos dele, relativamente aos trajes ostentosos (enfeites, fardas, medalhas brilhantes). E quando a elegante mulher moderna observa os negros africanos e os aborígenes de várias terras,

ornados, simiescamente, de sua bizzarrias, e, gentilmente, se espanta de os ver com paus e penas espetados nos beiços, narizes e orelhas, então levanta ela as mãos às faces, como a denotar incredulidade e espanto, e tal movimento põe à mostra suas próprias arrecadas, brincos, pulseiras e anéis dos quais se destacam autênticas ou falsas pedras raras... Os homens ainda são como os macacos... em que tiveram origem...

Os feministas batem-se pela igualdade do homem com a mulher, porém, não igualdade por dissemelhança bio-psíquica, igualdade por pertencer ambos, homem e mulher, ao mesmo nível, como expusemos na obra “Um Estudo do Nosso Tempo”, no capítulo “O que é a Igualdade?” Pretendem que tudo o que o homem faz, a mulher também pode fazer, exceto que uma mulher possa fecundar outra, e o homem, parir. Fora isto, no mais, homens e mulheres se igualam. E quando argumentamos que não há mulheres intelectualmente criativas, na filosofia, na escultura, na pintura, na música, na poesia, vem logo a resposta de que elas não tiveram oportunidade nem estímulo. Olhemos, então, para o esquema, e perguntemos: há, ou houve, macacas-chefes? Não. Macacas individualistas? Não. O que há são macacas-rebanho. É certo que os homens-massas se igualam às mulheres, porque aqueles como estas não são espiritualmente criativos. Uns e outros vivem de imitações, de mimetismo, constituindo o que Toynbee chama operariado, e que se opõe à minoria criadora.

Todo o ato criador nasce na mente e no coração de um indivíduo, antes de tornar-se na ação social, que é quando o ato atinge o coletivo onde se despersonaliza. Quem é que, usando os imensos benefícios da eletricidade, se lembra de Michael Faraday? que o telefone é devido a Alexandre Graham Bell? o rádio, a Guglielmo Marconi? o telégrafo, a Samuel Morse? o cinema, a Louis e Auguste Lumière? a televisão, a John Logie Baird? Ninguém está a lembrar-se, a todo o instante, destes benfeitores da humanidade... e de outros mais, quantos! quantos! Contudo, não é por ingratidão que não se lembra, mas porque tais inventos se acham despersonalizados. No ponto que um invento, ou idéia, ou obra de arte passa para o patrimônio coletivo, deixa de pertencer aos indivíduos que os criaram na sua intimidade. Os homens individualistas criadores pontilharam a história da filosofia, das descobertas, das invenções, das artes e das letras. E tangendo, cada um, sua lira, como Orfeu, faz dançar as multidões ao som de maga voz, de mágica doçura. Eles criam o progresso que os envolve, em cuja correnteza, anônimos, se deslocam como todos.

Sempre tiveram os atletas muito mais prestígio que os pensadores, não adiantando nada encrespar-se contra isto, e causaria admiração, espanto, se ocorresse o contrário, porque são imediatas as ações do atleta, enquanto as obras dos filósofos agem, somente, a longo prazo. Os atletas, por isto, desaparecem antes de morrerem, e os filósofos tornam-se imortais depois de mortos..., e quanto maior for o jacto de luz lançado sobre o mundo, tanto mais dura essa imortalidade... Agora Toynbee: “Os poetas e os filósofos excedem os historiadores ao passo que os profetas e os santos dominam todos eles e a todos sobrevivem. Os fantasmas de Agamenon e de Péricles rondam o mundo vivo de hoje graças às mágicas palavras de Homero e Tulcídedes. E quando eles já não forem mais lidos, Cristo, Buda e Sócrates – podemos, com segurança, profetizar – ainda estarão vivos na memória de futuras gerações de homens, quase inconcebivelmente remotas para nós”²⁸⁸.

²⁸⁸ Arnold J. Toynbee, A Civilização Posta à Prova, 9

Mas, e as mulheres, o que é feito delas, então, na história do grande pensamento ? faltou-lhes oportunidade ? Pois oportunidades as tiveram, e as têm ainda, e no que podiam celebrar-se, nisto fizeram história. As mulheres não são individualistas, são rebanho, e podem defender sua igualdade com os homens-massas.

Com isto, acaso, estaremos pretendendo afirmar que os individualistas todos são homens superiores ? Não. Dentre os individualistas se podem apontar os homens superiores; nem todos os individualistas, porém, o são, embora sejam eles os primeiros a sentir e a entender o que apregoam os individualistas realmente superiores. Forma-se, deste modo, uma hierarquia de grau descendente, de sorte que os individualistas menores se acham por toda parte, e são os líderes que arrastam as massas após si, que, por sua vez, seguem as bandeiras dos líderes maiores com plena consciência do que desejam e do que fazem, e, por isto, marcham com entusiasmo, sem envilecer-se na submissão de escravos: Em Paulo temos um exemplo, pois dizia o Apóstolo: “Sede meus imitadores, assim como eu o sou de Cristo”. Eles, de alto abaixo, são células sociais especializadas em sentir e em criar o futuro da sociedade, além de comandar o coletivo nas horas aflitivas de perigo. Ser individualista é uma questão de caráter, de temperamento, de vontade, no passo que, ser superior, depende da inteligência criadora. Quando uma grande inteligência se põe ao serviço de um caráter forte, de uma vontade resolutamente motivada, aí, então, aparece o homem superior desta espécie.

Os individualistas são inovadores ou pela inovação, no passo que os homens-massas são conservadores, função a que se associam às mulheres, e que é indispensável à preservação do homem, da família e do social. Deste modo, entre os gregários, homens e mulheres há, também, inteligentes, cujas genialidades têm base no amor; usam eles seus *cérebros recentes*, não para pensar abstrações, frias, distantes, mas para a *ação social* objetiva e prática. Situam-se aqui todos os que sentem gozo no exercício da filantropia, os que se compadecem da alheia dor como o Samaritano da parábola. A história se pontilha, igualmente, destes venerandos gênios da bondade fraternal, os quais não precisam nunca de razões para agir, a menos que, as suas, sejam aquelas razões de Pascal, que a razão não alcança. Aquele gibão do cientista de Sumatra, a que nos referimos, não precisava de muita inteligência para ser, até à morte, o amigo fiel. Todas as mães do mundo, símias ou humanas, não precisam de intelectualidade grande para se dedicarem, inteiras, sem reservas, a todos os cuidados, desvelos e sacrifícios maternos, do mesmo modo que a genialidade de um São Francisco de Assis não se canalizava a criar profundos pensamentos abstratos. São grandes todos estes a cujas presenças nos curvamos, respeitosos, reverentes, porque hartos entendemos que deles depende a inteira conservação da vida, do mundo, da civilização.

Individualistas e gregários formam o par dialético como tese e antítese, como próton e elétrons, como núcleo e citoplasma. Um não é mais importante que o outro, embora diferentes; iguais, por pertencerem ao mesmo nível, e diferentes para um e outro, tese e antítese, para constituírem a unidade superior – a síntese do social. Um mundo feito só de homens-massas, não teria futuro, nem esperança, nem beleza; seria um mundo descolorido, monótono, moluscóide, de paz perpétua necropolitana, sem variação, sem ressaltos. Igualmente, um mundo só de individualistas puros, estaria sempre à beira do caos. Já foi dito, a este respeito, que sem os revolucionários, não se pode fazer a revolução, e, com eles, não se pode governar. Um mundo feito só de individualistas é aquele de baionetas sobre os quais não se pode sentar, conforme o disse Talleyrand a Napoleão. Pois bem: o governo, já o disse Ortega, é o mando; “e mandar não é atitude de arrebatado poder, mas o tranqüilo exercício dele. Em suma, mandar é sentar-se. Trono,

cadeira curul, banco azul, poltrona ministerial, sede. Contra o que uma ótica inocente e folhetinesca supõe, o mandar não é tanto questão de punhos como de nádegas. O Estado é, em definitivo, o estado da opinião: uma situação de equilíbrio, de estática”²⁸⁹. Governa-se de um gabinete, não, dum campo de batalha. Sem paz e trabalho não há governo; e o comando revolucionário, se acontece resolver-se em prepotências e arbitrariedades, está fadado a cair. Fale Toynbee: “Um Estado universal inspirado por idéias revolucionárias e dinâmicas, constitui, a bem dizer, uma contradição, isto é, uma canção de ninar tocada por um trombone”²⁹⁰.

O individualista, a partir dos antropóides, é feito para a liderança, para o comando, e o gregário, para obedecer. “Todo gesto vital (diz Ortega), ou é um gesto de domínio ou um gesto de servidão” ; e acrescenta: “o gesto servil o é porque o ser não gravita sobre si mesmo, não está seguro de seu próprio valor e em todo instante vive comparando-se com os outros”²⁹¹. Este é o princípio da servidão: “viver desde outro, não de si mesmo” (Ortega). No entanto, comandantes e comandados, ambos são iguais, por pertencer ao mesmo nível, visto que ambos mutuamente se dependem para integrar a unidade maior do social. Trata-se de funções específicas necessárias à vida. Conquanto seja nosso coração, ou fígado, ou intestino, incansável e obediente operário do encéfalo, nem por isso deixam todos de ser tão importantes quanto o próprio cérebro. A zona cortical do encéfalo domina todas as demais, inclusive aquelas pertencentes ao *cérebro antigo*, como harto, se demonstra na hipnose, e sobre isto se funda nossa esperança de, um dia, podermos vencer nossa animalidade. Entretanto, embora o córtex constitua o estado-maior, não é mais importante que os vários bilhões restantes de neurônios comandados. Sem soldados não se fazem guerras, e quando, de uma parte apenas, as baixas são vultosas, a batalha está perdida. Os filósofos não podem ser reis, nem os reis filósofos, conforme o desejara Platão, porque ambos se excluem por função. Um filósofo tornando rei, cessaria de ser um pensador abstrato, se quisesse ser, de fato, rei; e um rei que se fizesse filósofo, em se pondo nas estrelas, a filosofar, descuidaria dos problemas de Estado que, em vez de teóricos, abstratos, são, em grau máximo, práticos, concretos. A vida do Imperador Marco Aurélio mostra bem esta contradição, porque, o filósofo estóico que era, se buscava no desprendimento da vida, sua suprema meta, como iria preocupar-se com salvar Roma da destruição? Pois em vez de salvar a cidade, colaborou para sua ruína, permitindo que Cômodo, seu filho doidivanas, gladiador praticante, desregrado, sanguinário, desalmado em grau extremo, o sucedesse no poder. Ninguém pode, impunemente, ocupar uma posição para a qual possui virtudes contrárias. Ajude o filósofo ao rei com suas luzes; valha-se o rei das luzes do filósofo, mas um e outro se mantenha no seu posto, que isto impõe o especificismo da vida. “A rigor (diz Ortega), a rebelião do arcanjo Luzbel não o houvera sido menos se em vez de empenhar-se em ser Deus – o que não era o seu destino – se houvesse obstinado em ser o mais ínfimo dos anjos, que tampouco o era. (Se Luzbel tivesse sido russo, como Tolstói, teria talvez preferido este último estilo de rebeldia, que não é mais nem menos contra Deus que o outro tão famoso)”²⁹².

O que está sucedendo, todavia, e que já aconteceu ao caírem as civilizações, é que os postos de comando estão sendo ocupados por homens-massas, pelo que estes e os demais não estão dispostos a obedecer a nenhuma instância superior, à semelhança do filho mimado que usufrui de um bem que não criou, nem sabe quanto custou. Esta herança do filho mimado, do rebelde e ingrato homem-massa, é a técnica que lhe propicia todo conforto que ele, na sua ingenuidade, cuida

²⁸⁹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas 194

²⁹⁰ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 877

²⁹¹ Ortega Y Gasset, A Rebelião das massas, 325

²⁹² Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 178

seja um dom natural indestrutível como a água, a luz, o ar. Se persistir tal estado de coisas, se não for seguida uma filosofia como esta que indica a *Instância Superior*, e mostra com sólidas razões o que essa *Instância* exige, e que, portanto, dá sentido novo à vida, nova esperança para o mundo, então, a obra dos demagogos, dos tais homens-massas, levará o mundo ao caos, tendo tudo de recomeçar de novo, a partir da barbárie, como mais vezes tem acontecido. Deste modo, “As antigas civilizações foram destruídas por bárbaros de importação; nós criamos os nossos próprios bárbaros”²⁹³. Outra vez Ortega: “Não poderá estranhar que hoje o mundo pareça vazio de projetos, antecipações e ideais. Ninguém se ocupou de preveni-los”²⁹⁴.

A par de inúmeros defeitos, despontam, nos primatas, exemplares virtudes, como por exemplo, o espírito de clã sob a autoridade de um chefe. Se tudo corre bem, são como os homens, cada um a cuidar de si. Tanto que o estalar dum galho seco assinala a presença dum inimigo, as desavenças se acabam, os ressentimentos cessam, o bando, ao lado do chefe, age como se fôra um único macaco. Pela bravura, heroísmo, coragem sem limite que não seja o da morte, bem mostram os macacos que são nossos avós. As macacas tornam-se heroínas, os filhotes passam a ser o bem mais precioso da nação, e o chefe, ladeado de seus valentes, põe-se na frente de batalha. Atitudes resolutas, firmeza de ânimo, inabalável decisão, olhares ferozes, indômita coragem, demoníaca vontade de tudo arrostar, destruir, e roncões medonhos, tudo marca o início da peleja. A luta se desenvolve com estratégia e astúcia, com discernimento claro. A ninguém lembra fuga, e o grupo da vanguarda cai sobre o inimigo, sem hesitação, com sacrifício supremo pela comunidade. O socorro aos companheiros feridos se faz com desprezo da própria vida, e os mortos são pranteados com uivos doloridos, lamentosos, a preludiar o culto dos heróis. As macacas não largam os filhos, e, para capturá-los, faz-se mister matar as mães. São já como os homens! E se, nestes, surgiu depois a covardia, é por motivo que os macacos já conhecem – o medo – mas que o sabem suplantar com suas gritarias.

Os macacos gostam de barulho porque são medrosos como os homens, e o barulho afugenta o medo. Daí que o clangor das fulvas tubas, e trombetas guerreiras, e o estrondo das caixas e dos tambores, têm a magia de afugentar dos corações dos homens tibieza e medo, exaltando, por outro lado, marciais coragem e brios. Os homens ainda são como os macacos!

Este estudo, já o dissemos, foi tomado, quanto a esta parte, do maravilhoso “Livro da Natureza” de Fritz Kahn. Embora, mesmo nesta parte referente aos símios e antropóides, haja coisas lindas e instrutivas lá, o quanto tiramos basta para fundamentar nossa tese. Agora passaremos ao primata supremo, o homem, e Fritz Kahn ainda nos será o guia, e por este grande serviço que nos presta, exaremos-lhe, aqui, a nossa gratidão.

Capítulo XV

O Aparecimento do Homem

²⁹³ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, III, 785

²⁹⁴ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 99

As Duas Alternativas

Em meados da era terciária, faz vinte milhões de anos, os primatas se desgarraram por três ramos: os símios, os antropóides e o homem. O *driopiteco* que foi o tronco ancestral do homem, não era um “símio das selvas”, conforme faz pensar o nome que lhe deram, e antes, pelo contrário, era um habitador de lugares de vegetação rasteira própria de terrenos pedregosos. Este *driopiteco* habitou a Terra, coexistindo com os dois outros ramos produzidos (símios e antropóides), durante quinze milhões de anos. Findo este tempo, faz, então, dez milhões de anos, aquele antigo tronco do *driopiteco* tornou a bifurcar-se em dois outros ramos: um que deu o chimpanzé, e outro, o homem. Os ramos chimpanzé e homem têm, portanto a mesma idade, e são mais aparentados entre si que ambos com os demais macacos.

Descendo-se do homem, escala abaixo, utilizando-nos dos registros fósseis, verificamos que o homem se animaliza, no passo que, se fizermos o mesmo com o chimpanzé, observamos que ele se vai humanizando, isto é, adquirindo caracteres humanóides os quais, depois, perdeu em sua especialização ao longo do tempo.

A espécie pré-hominídea, filha do *driopiteco*, a caminho de tornar-se homem, há cinco milhões de anos, na África, já utilizava o *fogo* e a *clava*. Não mais um pau que, fortuitamente, pegava do contorno, para atender a uma necessidade imediata, como fazem alguns animais inferiores e todos os macacos, mas um pau especial, um bordão ou cajado que levava sempre consigo, como um senhor a cuja presença, agora, o mundo se curvava. Afora o pau esporádico, pego a esmo, o domínio do fogo é desconhecido de todos os antropóides, exceto daquele de que se originaria o homem. De origem vulcânica, ou do raio, ou de espontânea combustão da matéria orgânica, apareceu o fogo, e o pré-homem macacóide aprendeu a brincar com ele longo tempo, até que, enfim, ele descobriu a utilidade. Onde houver restos de fogueiras, ossos calcinados, aí esteve o primata supremo na sua aurora humana.

“A fase da humanização começou no mioceno com os nascentes “bípedes” e terminou no limiar do plistoceno, depois de quatrocentas a seiscentas mil gerações, com o “Prometeu” utilizador do fogo”²⁹⁵. Por este motivo, “com efeito, hoje pensa-se que alguns caracteres do pitecântropo e do homem de Neandertal, aparentemente primitivos e antes designados como “simiescos”, como as grandes protuberâncias superciliares, foram na realidade readquiridas por *evolução paralela*, por processos complicados na estrutura hereditária, em suma, que ali, num grau de evolução superior se deu um reaparecimento de alguns caracteres recessivos do macaco”²⁹⁶. Os antropologistas observaram “que os tipos mais antigos da raça de Neandertal tinham aspecto menos “brutal” e que as ditas características primitivas dessa raça eram, na realidade, novas aquisições”²⁹⁷.

“Os pesquisadores Leakey, Le Gros Clark e Thomas, que examinaram minuciosamente os procônules, calcularam sua idade nuns vinte milhões de anos. Eram, portanto, muito mais velhos do que o driopiteco e os outros antropóides pré-chimpanzés. E... eles eram decididamente “mais humanos” ; careciam das saliências superciliares, dos braços de acrobata, dos pés preênseis !

²⁹⁵ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 350

²⁹⁶ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 358

²⁹⁷ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 332

Em outros aspectos ainda eles constituíam o elo de ligação com os macacos inferiores. No seu tempo não havia florestas densas na região da bacia do Lago Vitória; sem dúvida eles eram ágeis corredores das savanas que andavam de quatro nos descampados entre os grupos de árvores, mas já podiam também andar eretos quando necessário”²⁹⁸. “A *postura ereta*, escreveu o antropologista Gerhard Heberer, de Gottingen, numa memória sobre o procônsul, *é o requisito necessário para o desenvolvimento humano do cérebro. Sua aquisição representa, pois, a primeira etapa decisiva na longa fase de transformações em cujo término foi transposto o Rubicão entre o animal e o homem*”²⁹⁹. “O gibão, o mais gracioso e amável dos primatas, atualmente consumado trapezista arbóreo, *um pássaro com forma de macaco*, que não chega a ser um autêntico antropóide, viveu noutro tempo nas estepes arborizadas. Era então uma criatura não especializada e promissora. Dele, dessa criatura gentil, leal e cândida, inteiramente despida das conhecidas imperfeições simiescas, parece que descendem, direta ou indiretamente os antropóides e a raça humana. Se era exata a teoria da fetalização de Bolk, então o homem seria um primitivo gibão ou feto de procônsul púbere, mas nunca um chimpanzé ou gorila que permaneceu no estado embrionário. Porque o primitivo chimpanzé e o primitivo gorila só entram em cena muito mais tarde, quando os antepassados do homem já haviam empreendido a travessia do Rubicão”³⁰⁰. Consequentemente, “os nossos antepassados do terciário médio – isto talvez reconcilie muita gente com a teoria evolucionista – não eram, pois, nenhuns brutos, mas criaturas infantis e amáveis”³⁰¹.

Enche-nos, assim, o coração de júbilo a constatação de que nossos antepassados mais remotos eram criaturas adoráveis pela candura, pela meiguice e pela bondade. Mas o vício em nós arraigado desde os gregos de que ser *inteligente é ser superior*, levou os místicos a fazerem esta acomodação: o organismo do homem veio do macaco, porém, em dado momento, Deus infundiu a alma racional no pré-homem, tornando-o *homo sapiens*. Se o procônsul ou pré-gibão era já humano pelo sentimento, contudo, não o era pela inteligência. Mas como é só a inteligência que conta, desprezaram-se todas aquelas qualidades nobres de nossos ancestrais. Então, Deus infundiu razão ao doce procônsul já humanizado pelo coração? E que aconteceu por isso? Fale Herbert Wendt, citando Fritz Kahn:

“Porém – como diz o naturalista Fritz Kahn – “aqui intervém um fato infelizmente inevitável: entre aqueles antepassados semelhantes aos gibões e o homem atual encontra-se uma série de antepassados que não adquiriram somente boas qualidades, mas também qualidades más. Com o desenvolvimento do cérebro frontal, o homem adquiriu, não só razão e moral, mas também imoralidade. Se descendêssemos de brutos, de acordo com a biogênese as crianças seriam animais e só os adultos seriam humanos. Mas dá-se o caso contrário. Todo aquele que lida com crianças ainda não estragadas, entristece-se ao pensar naquilo a que o adestramento para o circo de macacos chamado “sociedade humana” reduz esse “gibão” ... No começo do século, quando foi atestado definitivamente o parentesco do homem com o macaco, as pessoas, para se livrarem do peso dessa descoberta, gritavam: “Fora com o macaco!” No meio deste século, quando a bestialidade do “homo sapiens” está provada de uma maneira tal que não é mais possível negá-la, gritamos cheios de dor e nostalgia: “Voltemos ao gibão!””³⁰².

²⁹⁸ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 347 - 348

²⁹⁹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 348

³⁰⁰ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 350

³⁰¹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 350

³⁰² Herbert Wendt, À Procura de Adão, 350

Eis pois, o presente de Deus, para os que acreditam que a razão é uma dádiva, e não, uma conquista do próprio homem. Deus teria dado a *inteligência*, porém, como não deu a *sabedoria*, a inteligência se tornou num *presente de grego* para o homem, visto como, moralmente, o colocou abaixo do nível do procônsul antigo e do gibão atual ! Se dera Deus *sabedoria*, ao dar a inteligência, a curva do *amor* coincidiria com a do *saber*. Como, todavia, apenas deu inteligência, mas não a sabedoria, as curvas defasaram-se, e a do amor inverteu-se, tornou-se negativa; de convexa que era, concavou-se no egoísmo, o pai de todos os vícios e maldades.

Diz-nos Herbert Wendt em sua obra “A Procura de Adão”, pág.364, que em Chou-kou-tien, “fôra descoberto um “lugar de origem de humanização””. E prossegue: “Parecia que o povo de Chou-kou-tien fôra extremamente variado: a capacidade dos crânios oscilava entre novecentos a mil e duzentos centímetros cúbicos; alguns maxilares inferiores eram muito mais primitivos do que o do homem de Heidelberg, outros apresentavam características que se podem notar ainda hoje nas raças mongólicas. Aparentemente o pré-homem entrara nesse tempo em um período de mutações que deram a alguns indivíduos características progressistas que só numa época posterior se tornaram propriedade geral da humanidade”³⁰³.

Dir-se-ia que Chou-kou-tien fora uma como Babilônia primitiva que, em lugar de reunir povos de muitas línguas – (daí o mito da confusão das línguas quando da construção da torre de Babilu ou Babel) –, congregou diferentes raças de pré-homens. Graças ao caldeamento racial que se deve ter dado, para apurar a raça homínideia, vale perguntar: seria aqui o lugar em que Deus estaria *infundindo razão ao homem*? O certo é que, com a razão se recrudescer a maldade em vez de tornar o homem melhor: “todos os crânios de Chou-kou-tien tinham o occipital aberto de modo a se poder introduzir a mão no seu interior e extrair o cérebro; a maioria dos ossos tubulares davam a impressão de terem sido fendidos para lhes chuparem as medulas”³⁰⁴. Eis, pois, que “a velha concepção histórica do tempo de Darwin de que nossos antepassados animais era bárbaros e imorais e só pouco a pouco, graças a um esforço continuado, atingiram a moralidade, não passa de uma bonita lenda. Hoje pensa-se diferente. A esse respeito escreveu há alguns anos, com notável franqueza, o antropologista americano Hooton: *não vejo por que, olhando um macaco nos olhos, qualquer homem possa pretender algum parentesco com ele, baseado nas suas maneiras. Todo o macaco que se preza rejeitaria qualquer pretensão a um origem comum com o homem*. Uma amarga verdade”³⁰⁵. “A humanidade precisou de dois milhões de anos para chegar da utilização do varapau à invenção das primeiras máquinas, do arco e do arremessador mecânico de lanças. No curto período de cinco mil anos, entretanto, aprendeu a utilizar a força do vento e dos animais domésticos, construiu o arado, o carro de rodas e o torno de oleiro, construiu casas de pedra, fabricou armas e utensílios novos de cobre, começou a escrever, a calcular, a medir. Represavam-se rios, fundavam-se minas, enxertavam-se árvores frutíferas e lapidavam-se pedras preciosas. Entre 8000 e 3000 A . C. preparou-se a formação de cidades e estados. Duas forças novas se mostravam cada vez mais: a Ciência e a Política”³⁰⁶. “A domesticação do homem foi um dos processos mais importantes da história da civilização. Ela criou as condições precípuas para a fundação dos impérios poderosos”³⁰⁷. “Mas a era do

³⁰³ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 365

³⁰⁴ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 365

³⁰⁵ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 388

³⁰⁶ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 404

³⁰⁷ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 405

humanismo, do amor ao próximo, que deveria coroar a evolução do homem, está tão distante hoje como nos tempos da Batalha de Krapina.

Só quando conseguirmos atingir esta última etapa poderemos dizer com verdade que superamos o australopiteco armado de varapau que existe em nós. É nisto e só nisto – não no terreno biológico, técnico, econômico ou político – que estará a decisão sobre o futuro da raça humana”³⁰⁸.

Toda esta rapsódia de trechos tomados da obra de Herbert Wendt, serve para demonstrar que a tese final dele é idêntica à nossa. E ele concluiu que ***o futuro da raça humana depende do amor***. Todavia não explicou por que e como desenvolver o amor, se a vida é egoísta desde os seus mais remotos fundamentos. Nisto se cifra o nosso trabalho.

O ***pitecântropo*** de Java ou ***parântropo***, do fim da era terciária, já possuía novecentos gramas de cérebro, usava o varapau, abatia babuínos a pauladas, assava e comia-lhes as carnes. Aí, então, teve início a antropofagia, coisa absolutamente desconhecida dos demais macacos, sendo, portanto, um característico dos humanos. Todavia, não foi deste ***parântropo*** da África do Sul que surgiu o homem, e sim, de um ramo colateral que desapareceu.

Não houve, todavia, um Adão, ascendente do homem, visto como, em várias partes do globo, em diferentes épocas, a partir da era terciária, desenvolveram-se raças de primatas, hoje extintas, que apresentavam caracteres humanos quais sejam: numas, posição perfeitamente vertical do corpo, com a conseqüente faculdade de andar apoiando-se só nas plantas dos pés, sem auxílio dos braços; noutras, encurtamento dos dentes caninos, até seu emparelhamento com os demais; cérebro em expansão indo a mais 500 C³; ainda outros apresentavam elevações da zona frontal do cérebro, resultando isto na abertura do ângulo facial, pelo que a linha da testa se verticaliza, de oblíqua que era; desenvolvimento da inteligência, na proporção em que se desenvolvia o lobo frontal; uso sistemático de instrumentos, e aproveitamento regular do fogo. Disto tudo decorria, necessariamente, a fundação da casa, a conservação do fogo por guardiões que foram os primeiros sacerdotes e chefes do clã. O fogo possibilitava assar, cozinhar a caça que podia ser um bicho ou um semelhante de outra tribo. Daqui se originaram os holocaustos, com devoramento ritualístico, religioso, primeiro de animais, depois homens, até Abraão; depois de animais outra vez, e outra vez de homem, mas desta feita, simbolizado no pão e no vinho modernos. Há cem mil anos, quando já era velho o costume de decapitar e amortilhar os ursos mortos solenemente, os restos mortais dos membros da própria tribo não mereciam uma atenção muito particular. Eram simplesmente lançados para fora da caverna ou arrastados para os cantos afastados onde pouco a pouco a lama os cobria”³⁰⁹. Numa destas cavernas, “na última câmara jazia um homem de Neandertal enterrado há sessenta mil anos, amortilhado exatamente como um urso das cavernas sacrificado. Cercava-o uma coroa de pedras. Ao lado havia caixas de pedra cheia de ossos de animais. Os homens primitivos de Cabo Circeo tinham decapitado o morto, abrindo-lhe o crânio para lhe extraírem o cérebro. Do sacrifício do urso havia-se passado ao sacrifício humano”³¹⁰. O urso das cavernas, até sua extinção, foi “o primeiro animal totem da humanidade, o gigante pré-histórico divinizado, em cujo lombo se apoiou o alicerce das culturas européias primitivas”³¹¹.

³⁰⁸ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 415

³⁰⁹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 395 - 396

³¹⁰ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 396

³¹¹ Herbert Wendt, À Procura de Adão, 396

Todos os primatas que apresentam aqueles caracteres, (posição ereta, caninos curtos, queixo e testa salientes, ausência de arcos superciliares, etc.) são *homens primitivos* e surgiram, independentemente, em várias regiões da Terra: asiáticos, africanos, baixos, altos, morenos, claros. A origem dessas várias raças é o que se procura hoje, mas todas elas, na sua imensa abundância, são os *elos que faltavam* “missing - links”, como os nomeara Darwin. O *pitecântropo*, o *parântropo*, o *gigântropo*, o *megântropo* são formas transitórias próximas do macaco; já o *homo aurignacensis*, o *homo neandertalensis*, o *homo habilis* são próximos ao *homo sapiens*, que apareceram sobre a Terra, na forma atual, faz, mais ou menos, cem mil anos. Os dez mil anos da civilização é de ontem, em relação aos noventa mil anos em que o homem já existia.

Tome-se um metro nas mãos: noventa centímetros representam o passado desconhecido do homem, e dez centímetros são o da sua história da civilização. Que fez o homem durante os noventa mil anos? Em dez mil anos apenas, o homem saiu da barbárie para as luzes da civilização; e os noventa mil anos anteriores, em que se ocupou o homem já, biologicamente completo? Pois ocupou-se, esta é a nossa hipótese, em criar algumas civilizações quais a nossa, tendo desaparecido, após deixarem os vestígios de que já haviam chegado à bomba atômica, e tinham iniciado as viagens espaciais.

Para retirar as enormes estatuas talhadas em rocha viva, a fim de não se perderem sob as águas da represa de Assuã, os homens modernos empregaram pesados guindastes, veículos gigantes, e ainda assim, tiveram de serrar os monumentos em pedaços. E com que milagre de técnica tais blocos maciços foram transportados das pedreiras distantes para o local em que agora jazem? Trabalho de astronauta extraterrenos não foi, porque não poderiam eles trazer para a Terra sua indústria pesada. Suposto, então, que se valeram eles dos homens terrestres, para a execução da tarefa, somos forçados a esta conclusão: se os homens da Terra fossem absolutamente brancos, estúpidos, não seria possível fazer deles hábeis operários e técnicos especializados para levar avante essa e outras tão grandes empresas. Logo, os terrícolas não eram crassos, rombudos, obtusos, e, por isto, puderam assimilar as instruções, tornando-se tecnologicamente, mestres. Neste caso, criaram, ao lado da alta técnica, uma poderosa civilização cujas marcas foram catalogadas no livro de Erik von Danniken “Seriam os deuses astronautas?” Que, pois, foi feita dessa poderosa civilização terrena? Caiu na barbárie, tal qual pode acontecer com a nossa civilização, se, em tempo, os homens não acordarem da hipnose em que os meteu leviatã.

Dessas civilizações transactas não sobraram mais que pedras esculpidas, talhadas e empilhadas. Nossas metrópoles de cimento-armado não resistiriam tanto tempo, nem nossas máquinas de ferro, cobre e bronze, quanto mais os livros de papel e as obras de arte feitas sobre telas de algodão. Quanto mais requintada for uma civilização, menos será a possibilidade de registro, porque, cada vez mais empregará material leve, facilmente destrutível. Se nossa civilização soçobrar, se retornar à barbárie, somente restará, para à investigação futura, dos outros dez mil anos, o que tiver sido feito de pedras... se ela quiser deixar algum registro para a posteridade, terá de fazê-lo como o fizeram as civilizações anteriores aos nossos dez mil anos de história.

Após exercer um domínio de mais de cento e cinquenta mil anos, da Espanha à China finalmente, e já vai para cinquenta mil anos, desapareceram os *neandertalensis*. Significa isto que o *homo-sapiens* coexistiu com os de *Neandertal*, pelo menos, cinquenta mil anos, visto que o

aparecimento do homo-sapiens, data de cem mil anos. É provável, então, tenha havido cruzamento racial, pois ainda hoje surgem atavismos como os ocorridos com Darwin, Nietzsche e Nobel, todos, sobretudo Nietzsche, possuidores de arcos superciliares neandertalóides. Todavia, o homem moderno não é descendente dos neandertalensis.

Do mesmo modo como, em arte, surge um estilo novo, síntese dos anteriores tese e antítese, assim também aparecem, por miscigenação racial, o *homo-sapiens* que é o mesmo até hoje. Há uma lacuna, um hiato, talvez impreenchível, porque antes que se misturem culturas diferentes, misturam-se os gens. Variar nas diferentes direções, misturar depois e, finalmente, selecionar o bom, eis o caminho percorrido pela evolução para criar o homem.

Sabemos quanto é difícil para os antropólogos obter restos fósseis dos homens primitivos. A julgar pelo que acontece hoje, em nossos cemitérios, que restos sobram de tantos homens e mulheres enterrados? Que resta dos gorilas, chimpanzés e orangotangos modernos? Não fossem condições especiais, os poucos fósseis dos verdadeiros pré-homens, que cabem todos numa mala de viagem, não existiriam. Todavia, se alguma coisa residuou de algum indivíduo, temos de convir que tal indivíduo havia de pertencer a uma tribo ou povo.

A evolução, já o vimos, como que se irradia para todos os lados, fazendo experiências em várias direções. Assim, o homem de Piltdown, considerado até como um burla de antropologistas brincalhões, conquanto tivesse, pela caixa craniana, definitivamente entrado na senda do homem, possuía queixo, maxilares e dentes, sobretudo os caninos, pertencentes aos macacos; o homem de Pekin, o *Sinanthropus*, possuía a face e os dentes quase humanos, porém, o cérebro era menos; o homem de Heidelberg apresentava maxilares maciços, mas com caninos humanos; o homem de Neandertal e da Rodésia, embora tivessem cérebro maior e dentes mais humanos que o homem de Piltdown apresentavam arcadas superciliares maciças e pernas arqueadas. Pernas erectas, queixo, dentes, cérebro, testa vertical, falta de saliências nas sobranceiras, são caracteres humanos espalhados por várias raças, anteriores, há mais de cinquenta mil anos. Daí para cá, deparamos com verdadeiros homens, se bem que ainda grotescos, mas já regulares fabricantes de instrumentos. Que em um tronco único se tivessem dado todas as mutações é inacreditável; que todas as mutações que elevaram o macaco ao homem tivessem ocorrido em todos os troncos simiescos espalhados por diversos lugares da Terra, é mais duvidoso ainda. O mais razoável é que tivesse havido miscigenação racial, e cada raça contribuísse com o seu quinhão para a formação do homem. O homem biologicamente acabado que somos, surgiu como convergência da mistura de caracteres humanos existentes nas várias raças, espalhadas pela Terra. Se fosse possível fazer com o homem o que fazemos com os cães e cavalos, poderíamos separar de novo todas essas raças que subjazem em nossa estrutura genética.

Lembra-nos haver lido alhures que a Índia era habitada por negros como os da África. Depois sofreu, por largo tempo, a ocupação dos Árias que eram de raça branca. Deu-se, em consequência disto, a miscigenação racial. Todavia, os brancos diferentes dos pretos, são pouco resistentes ao calor. Houve, deste modo, uma seleção de duplo sentido: os traços fisionômicos do nobre conquistador eram apreciados, e tendiam a difundir-se, por seleção sexual; porém, só podiam sobreviver os de pele escura. Com o andar dos séculos, foi obtida uma raça como é a da Índia: de cariz nórdico, porém, de pele preta.

Ora, isto mesmo poderia ter-se dado com as várias raças humanas primitivas no cadinho da miscigenação racial, e, pela seleção sexual, operou-se o que, depois, se mostrou como sendo homo-sapiens acabado, completo, do ponto de vista físico. Haja vista o que citamos de Herbert Wendt, relativo a Chou-kou-tien, onde se misturaram povos de raças diferentes, com caixas cranianas que variavam de novecentos até mil e duzentos centímetros cúbicos.

A variação genética segue seu curso, e, de repente, dá um salto: assim, no átomo – o salto quântico; assim, na vida – o salto mutacional. A natureza que não dá saltos, de repente, os dá... E, dando-os, propiciou a somação dos valores biológicos, base da encarnação primeira do homo-sapiens, ele que, desde a fundação do universo material, esperava a sua vez, no seu degrau próprio da escada invertida pela queda. Os saltos deram-se em várias raça; não ocorreram todos num lugar somente, e sim, em diversos. Da mistura surgiram novas raças, agora já hominídeas: Na Ásia, o mongol; o negro, na África; nos mares do Sul, o maláio; no Setentrião, o caucásico. Não houve um Adão, mas, diversos. Como pôde ser isto ?

Pois já o expusemos no capítulo anterior, “A origem das Espécies” . O mesmo que lá, deu-se aqui: a **somação** e a **subtração de gens**, pelo “**crossing over**” que produzem a contínua variação da espécie, indivíduos novos, sempre diferentes, em dado momento, atingido o seu limite de saturação, potencializa-se, cria novo arranjo, cromossômico, e nisto se cifrou o salto. O que era antes somente **quantidade** ou variação somativa e subtrativa, tornou-se agora **qualidade** potencializada ou mutação. E tanto que, no biológico, se propiciaram tais meios, o **princípio Homo sapiens** que aguardava sua vez no degrau da escada espiritual, rompendo as brumas do mundo, incorporou-se à matéria densa, construindo aí seu corpo. Nasceram os primeiros homens, os primeiros portentosos gênios que, logo, são os cabos e chefes, já individualistas, já solitários, já distantes, altaneiros, primeiros sofredores da incompreensão alheia. E com férreas mãos impuseram seu domínio, instituindo a poligamia que possibilitou a que suas sementes mutadas se espalhassem criando a super raça sapiente dos hominídeos. Isto aqui, isto ali, isto acolá, e a Terra se povoou do **Homo sapiens**: A evolução prosseguiu em sua faina variativa, e surgiram as várias raças: brancas, pretas, vermelhas e amarelas.

A raça Cro-Magnon passou, como tudo passa, e não passou, como nada passa. “Tudo passa e nada passa” . “Tudo passa para a vida, e nada passa para a conta” (Vieira). Passou, faz dez mil anos, porque desapareceu vencida por outras raças e outros tempos. E não passou, porque se miscigenou, persistindo ainda na face larga dos mongóis da atualidade, do mesmo modo que o traço neandertalense reaparece, atavicamente, em indivíduos da nossa época.

Nós, que escrevemos estas linhas, nos detivemos largo tempo observando um cigano que nos oferecia um tacho de cobre a comprar. O homem tinha arcos superciliares pronunciadíssimos, testa fugidia, além de pêlos abundantes. As pernas, contudo, não lhe eram arqueadas, e andava em posição ereta como todos.

Várias raças povoaram a Terra, quando há dez mil anos, principiou esta nossa civilização. A mesologia e o filtro seletivo, orientam a evolução, mas não explicam a origem das raças, e só a genética poderá fazê-lo, explicando por que as espécies novas surgem das mais velhas, sem que estas, nem sempre, se apaguem. Tem-se de buscar o princípio delas, raças e espécies, na genética, e o meio só vale, quando pode atuar no plasma germinativo, ou então, como filtro seletivo. Conquanto as raças todas se entrecruzem ao longo do tempo, certos gens dominantes continuaram a

marcar a efígie de determinado povo. Idêntico se dá com a cultura; cada povo tem um resíduo persistente próprio, que a difusão cultural, a massificação, não consegue apagar.

As Duas Alternativas

O pensamento científico físico-matemático acaba sempre numa **fórmula**. Em matemática (álgebra) há fórmulas-chaves, e quando elas aparecem no contexto das equações, já se sabe donde provieram; se é ela desenvolvida, ou na forma analítica que aparece, o matemático a substitui logo por sua forma sintética, ou reduzida. Nas ciências não matemáticas, no lugar das fórmulas, aparecem **teses**, como, por exemplo: *toda vida vem dum germe; o homem é um primata; nada há na inteligência que não tenha estado antes nos sentidos; todo ser real é um binômio de essência e substância; nada se forma, na substância, sem um princípio diretor pré-estante à coisa formada; se na lógica formal, tudo é idêntico a si mesmo, nada se contradiz, (Parmênides), na lógica natural, nada é idêntico a si mesmo, tudo se contradiz, (Heráclito)*. E do mesmo modo como, em nossos pensamentos discursivos, operamos com conceitos abstratos, quando chegarmos à **sabedoria plena**, jogaremos com **teses** ou **sentenças**. O ponto final duma doutrina é uma sentença ou tese em que toda a doutrina se condensa. É, pois, chegado o momento de resumir tudo nas conclusões, para, depois, operarmos com elas nas generalizações maiores.

A primeira coisa a considerar é que o homem não é um símio, nem um antropóide, mas um ramo peculiar e especial trotado, há muito tempo, do tronco simiesco. Por causa disto, em suas profundezas, o homem guarda caracteres simiescos que vêm à tona quando alcoolizado, quando reunido a outros em massa, quando dá vazão à sua vaidade e ao orgulho. Dado que os símios vivem em grupo, e os antropóides, mais ou menos isolados, o homem, partícipe de uns e de outros, reúne as duas características: a do individualista e a do gregário. Como o individualista, as massas também possuem suas fórmulas; por exemplo: a clareza do raciocínio, a inibição moral e o senso de responsabilidade diminuem na proporção que aumenta o número de participantes de um dado feito. Funciona, aqui, o princípio da imitação simiesca e o da hipnose, pelo que o indivíduo, em tal estado de massa, se surpreende e se admira, depois, do que gritou com os outros, do que praticou com eles, e da responsabilidade que não sentiu. E por saber disto, o político organiza sua claqué para arrastar os aplausos, e consegue, através do estrugir das palmas, o que não obteria nem em duzentos anos, se tivesse de doutrinar seus eleitores como indivíduos isolados. Em aula que assistimos, dizia um velho professor, enaltecendo as excepcionais qualidades de Winston Churchill, que este, antes de proferir seus discursos às massas, dava uma cópia deles à imprensa. E lá nas cópias já estavam as pausas com as anotações: “**aplausos**”. Então, acrescentava o professor na sua ingenuidade: Churchill previa até as palmas, e no lugar exato !... É que uma cópia ia ter às mãos de quem havia de puxar pelas palmas...

Depois de um crime inopinado que sensibilize os assistentes massificados, e de o assassino haver sido preso por populares, o grito de “lincha !”, prorrompido do meio da multidão, pode eletrizar a massa, e o linchamento acontecer. A isto, diz Ortega: “Quando a massa atua por si

mesma, fá-lo só de uma maneira, porque não tem outra: lincha. Não é completamente casual que a lei de Lynch seja americana, já que a América é de certo modo o paraíso das massas”³¹².

Outro princípio de massa é o de que os animais gregários são medrosos, cobardes, não querem pensar nem assumir responsabilidades; conseqüentemente, põem-se a seguir a um chefe que faça tudo isto por eles, assim entre os símios, assim entre os homens. Mais, outro princípio: o chefe do bando de macacos, como o cabeça do clã humano, são individualistas, e o homem-massa não gosta de individualistas; tem-lhe inveja, e só se dá bem com outro como a si, a cujo lado segue, lã contra lã, de cabeça baixa, aceitando o chefe como um mal necessário. Diz Ortega: “A massa – quem o diria ao ver seu aspecto compacto e multitudinário? – não deseja a convivência com o que não é ela. Odeia de morte o que não é ela”³¹³. É assim que quando acontece cair um ídolo popular, todos lhe voltam as costas de imediato. Bruto e Cássio assassinaram a Cesar, de comum consenso com os outros senadores; porém, depois, cometeram a loucura suicida de permitir que Marco Antonio falasse aos populares. Morto Cesar, cumpria-se exilar ou matar também a Marco Antonio, pois quem ao inimigo poupa, nas mãos lhe morre... Deviam saber de Homero, sobretudo Cássio, o intelectual, que “os homens glorificam o poema que retine por último em seus ouvidos”. Foragido Bruto, e antes de matar-se, para não cair vivo nas mãos de Marco Antonio, proferiu estas palavras: “César, fica tranqüilo agora: Não senti, ao matar-te, metade do prazer com que me mato a mim”³¹⁴.

Por outro lado, este que é o mesmo princípio visto da perspectiva oposta, os individualistas não se afinam com a massa; julgam-na estúpida, e foi com este espírito que Phocion, quando falava, de repente, foi aplaudido; voltando-se para os que o ladeavam, interrogou: “– Que asneira eu disse?” Também, numa tabuinha de argola de três mil anos, desenterrada na Babilônia, se lê a frase de um individualista autêntico; diz o escrito: “Olha em torno de ti, vê como os homens são estúpidos” ... Ortega há de ter a mesma opinião deste babilônico, para ter escrito: “É indubitável que a divisão mais radical que cabe fazer na humanidade, é esta em duas classes de criaturas: as que exigem muito de si e acumulam sobre si mesmas dificuldades e deveres, e as que não exigem de si nada especial, mas que para elas viver é ser em cada instante o que já são, sem esforço de perfeição em si mesmas, bóias que vão que vão à deriva”³¹⁵.

O líder sempre tem algo novo a propor, qualquer coisa por modificar; e a massa estima a rotina, a inércia mental, e reage com o misoneísmo. Se o individualista insiste, é agredido; se ainda não recua, é morto; a história está cheia de seus nomes. A fórmula do individualista é: **talento, criatividade e trabalho**; e a do homem-massa se contrapõe assim: mediocridade, **rotina e inveja**.

No entanto, como já o vimos, num bando de macacos já desponta um chefe. Aqui já começa o binômio indivíduo e rebanho, tese e antítese. Para o clã há um patriarca como Abraão; para a tribo há um chefe como Moisés que enfeixa nas mãos as funções de guia, legislador e sacerdote; escreve as leis, e as aplica pela força. E quando o agrupamento cresce muito, delega poderes a imediatos, encarregando-os das partes do comando. Assim nasce o Estado, e o chefe se torna rei,

³¹² Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 178

³¹³ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 134

³¹⁴ Arnold J. Toynbee, Um Estudo de História, IV, 815

³¹⁵ Ortega Y Gasset, A Rebelião das Massas, 64

monarca, imperador, presidente, que a história vai fazendo suas experiências, pelo ensaio-e-erro, em busca da melhor forma de governo.

O que escreve Toynbee à pág. 42 de “A Civilização Posta à Prova”, pode resumir-se a isto: a história procede por ensaios-e-erros como o aprendizado animal. E assim como o animal tira experiências dos erros para não os repetir, um dia a história acertará a mão. Logo, não há fatalismos históricos ou ciclos determinísticos.

Primeiro as tribos isoladas, em luta entre si; com a vitória da mais forte, principia a incorporação dos vencidos, como escravos. Unem-se, então, culturas diferentes, e tem início a miscigenação racial. O grupo cresce, e se revigora, surgindo o clã. Depois os clãs são rivais, e a história se repete. Por este modo apareceram as cidades-estados gregas, as tribos germânicas, as cidades livres italianas. Uma casa vence as demais, e impõe a unificação pela força. As cidades-estados gregas se coligaram para fazer a Guerra do Peloponeso, porém, depois, cometeram a loucura de desunir-se, guerreando-se mutuamente; o molho de varas se fracionou, e as vergôntes foram quebradas, e a Grécia conheceu o seu fim. Foi o termo da Hélade, e o início da helenização do mundo, a principiar pela obra de Alexandre.

O mundo, hoje, se subdivide em nações, todas em guerras econômicas, guerras frias, guerras diplomáticas, e aqui e acolá, apela-se para a “última ratio” da força das armas. Nalgum lugar sempre está acesa a guerra e a conflagração duas vezes se tornou mundial, porque a história repete em maior, o que ocorreu em menor. Por isto, o que se deu no particular e pequeno, dar-se-á no geral e em grande, tendo o mundo, um dia, de unificar-se, ou por bem ou por mal; ou pela compreensão, pela paz, pela concórdia, ou pela força, pela guerra. Entretanto, pode, nesta experiência, desaparecer a civilização, com o conseqüente retorna à barbárie, tudo tendo de recomeçar de novo. **Integração, ou não ser!** Eis o grito da experiência histórica, e também o da pré-história mais remota, e ainda o da história telúrica desde o ante-caos.

– **Integração, ou morte!** ... foi o brado que se ouviu de Deus no alto empíreo, quando os anjos facciosos se inverteram, trocando o bondadoso amor que une, pelo funesto egoísmo desintegrador; e a morte deu-se, então, para a parte rebelada, de cuja desintegração se originou o caos...

– Integração ! ... – eis o grito que se ouviu de Deus no seio do primeiro, medonho, confuso e turbulento caos. E, obedientes, os elétrons uniram-se aos prótons, surgindo os primeiros cosmos, os cosmos atômicos. No entanto estes, confusos, indisciplinados, percorriam, em desatino, o seio do agora caos segundo, o caos que rodeava os cosmos atômicos. De novo exclama a Voz: – **Integração!** ... – Os átomos se buscaram logo, por suas polaridades, pelo enlace de suas órbitas, pelos seus entalhes e dentes eletrônicos, e apareceram as moléculas circunscritas pelo agora caos terceiro. E ao comando novo, as moléculas se associaram em cosmos mais complexos; as moléculas gigantes surgiram, e as da química do carbono apareceram. À nova intimação, nasce a vida, desponta os seres vivos, simples e homogêneos de começo, mais altos e complexos depois. Primeiro os seres unicelulares, depois os coloniais simples, e já os em que há a divisão do trabalho; pouco mais, e os mares se puseram a ferver e referver de mil invertibradas formas.

Os infusórios já conhecem o amor; dão-se a si mesmos nas células filhas, até esgotar-se a energia do plasma; agora eles se unem aos pares, para trocar, entre si, parte dos plasmas, dos

núcleos e dos gens. Nova corda assim é dada ao bioquímico relógio, e a reprodução por cissiparidade continua até seu novo esgotamento. Formam-se as colônias, com a divisão do trabalho entre as células. O amor prossegue impondo à colônia reproduzir-se, dar-se nas filhas, pelo desprendimento de brotos, de botões, até, também, esgotar-se a força do plasma. Agora, células especializadas para a reprodução, cindem-se em metades, cada uma portanto meia carga genética, e tal gameta vai em busca do contrário, a este se une, e o ovo assim formado dá início a outro indivíduo colonial. Dar-se por brotos, dar-se por metade, seja no grande, seja no pequeno, tal o impõe a lei do amor. Os coloniais dão origem aos seres superiores: polípeiros, medusários, ctenóforos, vermes, moluscos, anelados e vertebrados; destes, primeiro os peixes, já os anfíbios, logo mais os répteis; aqui os sáurios gigantes, os que andam a quatro pés rasteiros sobre lama e terra, e os de dois que voam pelo ar. Depois os mamíferos, dentre os quais se agigantam os primatas pela inteligência, e finalmente o pré-homem que emprega o varapau, e pouco mais, um facho que é fogo e calor, que é luz e inteligência.

– **Integração** !... – de novo brada a Voz, e os primatas se uniram em grupos, os pré-homens, em tribos, e, mais tarde, os já homens feitos, em clãs, em cidades-estados, em Estados, em povos, em nações; e rebrama tonitruante, hoje a mesma Voz, como trovejou no primeiro caos, na Noite antiga: – **Integração** !... juntem-se todas as nações, os povos todos, numa só **Nação Mundial** !... Olhais o passado, e o vedes diluir-se no horizonte do tempo. Povos gigantes se agitaram antes de seus feitos se imobilizarem nos monumentos hoje vetustos, carcomidos pelas intempéries, como atestados de que eles existiram ... e passaram ... As cidades livres de outrora, passionalmente dominada pelos ódios mútuos, em guerras constantes entre si, não acreditavam fosse possível sua unificação em nações, tal como estas, hoje, não admitem que uma só **Nação Mundial**, a **Ecumenópolis**, será o vosso mundo de amanhã. Tal, no entanto, é um determinismo que haveis de obedecer como **única lei histórica**, embora estejais livres para fazerdes vossas experiências e chegardes a isso mesmo pelo **ensaio-e-erro** ! Tentareis de mil modos diferentes, mas minha mão arquiluminipotente vos indica o caminho do amor, único possível à vossa salvação. Tal o quer, tal o impõe o **AMOR QUE SOU** !... Vosso riso escarminho me faz ver que cuidais ser isto um utopia. Pois bem: ou isto, ou o retorna à barbárie, como mais vezes já aconteceu !... Vossos nacionalismos e soberanias locais são reforços de primitivismo separatista que abomino, pois que exijo o oposto disso – a **Integração**. Há dois mil anos já mandei meu Núncio para arrebanhar os homens todos, trazendo-os ao meu amor; poucos, porém, aceitaram o chamamento, operando em si a expansão do egoísmo, e antes, separados todos em igrejinhas irreconciliáveis, cuidando todas de miudezas, fragmentaram a mensagem única que é a do amor. Se chegastes a compreender que, além de Uno, sou o Pai comum de todos vós, disto, havíeis de concluir que todos sois irmãos. Mas cada grupo humano me concebe a mim segundo suas próprias forças intelectivas; daí que a religião verdadeira será a que entenda e aplique esta evidência iniludível, e jamais, nunca, quaisquer outras que se ponham a agredir, a perseguir, por terem-se a si por certas. No ponto em que uma religião que se cuida depositária da verdade, se põe, por isto, a perseguir as outras religiões, nisto mesmo mostra já a sua falsidade, porque o ato abominável de intolerância e de perseguição, tira-lhe a ela as credenciais de verdadeira. Porque se sou Uno e sou Pai, como haveis podido alcançar, por isto mesmo todos sois irmãos que igualmente amo; e como irmãos que sois, haveis de estar unidos pelo amor. Assim, a fraternidade universal é o corolário necessário de um ser Uno e Pai. Que é, então da vossa inteligência, se negais com os fatos do separatismo já em castas sociais, já em credos religiosos entre si beligerantes, tão claro e evidente raciocínio ?

– Minha Igreja Ecumênica, portanto, é espiritual, não temporal; eterna, não secular e efêmera... como as coisas que passam, não me importando a mim as fórmulas litúrgicas ou ritos com que os meus fiéis de todas as religiões, do selvícola ao civilizado, se me dirigem com amorosidade sincera. A todos abençôo de igual modo, que a todos vejo como filhos meus. Todavia, quando qualquer agremiação se põe a dividir, a fazer guerra, nesse ponto suspendo a minha mão que ampara, esteia, deixando que a ignorância percorra inteiro o seu caminho cujo fim é o caos, e o transviado (homem, nação ou seita) da senda da virtude que a mim conduz, já, desde o início, se encontra em desgraça. Não há, logo, guerras santas, nenhuma podendo perpetrar-se em meu nome... como absurdamente haveis tantas vezes feito. Ora pois, longe da face minha os que me elevam preces fervorosas, mas se descuram de abraçar-se como irmãos...

– Quando unidos se acharem os da Terra, propiciarei o passo da **integração universal**. Conhecereis o espaço cósmico, e nele viajareis em astronaves vossas, desconhecidas ainda, para outros orbes onde outros filhos meus vos esperam para o abraço fraternal. E os homens todos do universo, agora, ou daqui a mais alguns bilhões de anos, retornarão, de mãos dadas, como irmãos, à feliz morada empírea de que saíram no remoto tempo. Integração é a minha lei, e **integração** é **Eros**, e **Eros** é o amor. Assim o foi no princípio; e por esfriar-se o amor nos filhos meus, eles se perderam no atro abismo, no medonho caos. Porém, quando o amor de novo foi achado, tudo começou a refazer-se, até que surgiu o homem sobre a Terra, e a cada seu novo esquecimento, nova queda. O espírito do homem, mais uma vez, saiu das trevas, e, lenta, dolorosa e fatigosamente, encaminhou-se para a luz. Então, por avanços e recuos, pode ele chegar até o **hoje promissor** da sua evolução, mas que depende de si, **porque é livre**, avançar para mim, ou recair na sua antiga danação.

– Homens, filhos meus... da Terra e de outros orbes do Universo, sede intrépidos sim no combate às vossas fraquezas e paixões ! Sede valentes na conquista e na defesa da Verdade ! Em mim, **no Amor que sou**, esteve o princípio e estará o fim de tudo, das coisas todas, de todo o saber. Se vos faltar o conhecimento preciso sobre a origem e fim das coisas, a nenhuma conclusão final chegareis na ciência, na moral e nas leis que vos governam os destinos. A sapiência que vos não conduzam a mim, é estultícia, falsa filosofia, estéril ciência que vos levarão ao recomeço, à barbárie, pois todo o vosso edifício político-social ruirá, como já tem acontecido, e o sabeis. Um mundo celeste, como o primeiro que por mim mesmo criei, não cairia, se não se esfriasse e invertesse o amor; um, como o vosso, havendo **justiça**, ainda se manteria em pé, pois a **justiça**, princípio que é de **integração**, cerceia o egoísmo, se é este ignaro e avassalador. Eis por que, finada a **justiça**, é morta a civilização, não diretamente pela minha mão, como disseram os profetas, mas pela **Lei que sou**, que devíeis conhecer !

– Eia pois, filhos meus ! que andais fazendo que não consultais a vossa própria história pela qual saberíeis **o que só cumpre saber**, e é que o esquecimento da **Lei que sou**, pôs por **sob a terra** impérios poderosos ? Acaso vossa arqueologia não desenterrou civilizações inteiras perdidas no remoto tempo, que não cuidáveis houvessem existido ? Por que caíram elas ? E que fazeis, então, do vosso presente, que nesta hora passa ?

– Homens da Terra, diletos filhos meus, pusestes, faz dois séculos, vossa confiança nas ciências aplicadas, na tecnologia, que vos prometiam um paraíso terrenal a curto prazo ! Elas, porém, ao lado das comodidades que vos trouxeram, secaram-vos as almas... além de vos brindar com duas guerras mundiais ! Dominastes a Natureza exterior, mas não a vossa própria natureza !

No lugar dos densos matagais, onde, das sombras, bestas ferozes vos espreitavam, dando-vos sustos e mortes, pusestes as vossas metrópoles-formigueiros em que ninguém conhece ninguém, e, aí, os homens se transformaram em coisas... coisas que correm para não morrer atropeladas pelos veículos velozes. Como outrora, o homem primitivo, viveis na alteração, e em vossa alma mil cuidados se apresentam. Cada um vê no rosto alheio o próprio susto, porque hartos entende que, se cair na rua numa megalópolis, aí será deixado, como coisa que é, e se for levado, morrerá de esperar num descaridoso, tumultuário e sombrio corredor de hospital...

– Correis para a vossa própria destruição, como escravos que sois de máquinas, como homens da pressa, não vos importando para onde ides, que, se não é para mim, só pode ser para a vossa própria perdição. Eia, pois, filhos meus, ouvi este alerta... enquanto ainda é tempo ! Se não cuidardes de vos dominar a vós mesmos, de vencer as vossas próprias impulsões ainda agrestes,



Associação Filosófica "Luiz Caramaschi"
Praça Arruda, 54 – Caixa Postal 44 – Fone (14) 3351.1900
18800-000 – PIRAJU – SP
CNPJ – MF – 50.846.096/0001 – 81

ilar-vos-eis,
milhares de
do olhar,
s, colossais,
construiu ?

io Universo
ra a alegria

AUTORIZAÇÃO

A Associação Filosófica "Luiz Caramaschi", na pessoa de seu Presidente, Senhor Douglas H. Ribas autoriza a publicação, ou seja, a inserção da obra escrita pelo Professor e Filósofo Luiz Caramaschi, por meio eletrônico na página www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal, onde poderá reproduzi-la, em particular mediante cópia digital, impressa ou qualquer que seja o meio a ser utilizado, sendo que também autorizo armazená-la permanentemente na biblioteca digital do Domínio Público, sem restrições de acesso pelos visitantes do site, objetivando colocá-la ao alcance do público e permitir a quem a ela tiver acesso que a reproduza, seja extraindo cópia ou conforme critério estabelecido pelo administrador do site www.dominiopublico.gov.br do Governo Federal.

palavra de
Gusdorf), a
a linguagem
la em nome
le infinito e
erdade.

Estância Turística de Piraju, 10 de maio de 2010.

DOUGLAS H. RIBAS
Presidente da Associação Filosófica
"Luiz Caramaschi"

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)